

MIRTA VENTO AMARELO

A LINHAGEM DO DRAGÃO



ANDRÉ REGAL



CHIADO
EDITORA



COLEÇÃO

VIAGENS NA FICÇÃO



CHIADO

EDITORIA

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

Um livro vai para além de um objecto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana "põe quanto és no mínimo que fazes". Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadoeditora.com

CHIADO
EDITORIA

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde
Avenida da Liberdade, N.º 166, 1.º Andar
1250-166 Lisboa, Portugal
Conjunto Nacional, cj. 205 e 206,
Avenida Paulista 2073, Edifício Horsa 1,
CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

CHIADO
EDITORIAL

Espanha | América Latina
Paseo de la Castellana, 95, planta 15º
28046 Madrid
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta
08007 Barcelona

CHIADO
PUBLISHING

U.K | U.S.A | Irlanda
180 Piccadilly, London
W1J 9HF

CHIADO
EDITEUR

França | Bélgica | Luxemburgo
34 Avenue des Champs Elysées
75008 Paris

CHIADO
VERLAG

Alemanha
Kurfürstendamm 21
10719 Berlin

CHIADO
EDITORE

Itália
Via Sistina 121
00187 Roma

© 2017, André Regal e Chiado Editora
E-mail: geral@chiadoeditora.com

Título: Mirta Vento Amarelo
Editor: Mayara Facchini
Composição gráfica: Vera Sousa
Capa: Francisco Soares
Artes finais: Prasad Siva
Revisão: Camila Morais

1.ª edição: Julho, 2017
ISBN: 978-989-52-0354-3

ANDRÉ REGAL

MIRTA VENTO AMARELO

A LINHAGEM DO DRAGÃO



CHIADO
E D I T O R A

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

NOTA DO AUTOR

Quando comecei a desenvolver as primeiras ideias para *Mirta Vento Amarelo*, pensei em fazer uma história curta, mais voltada ao público infantil. Enquanto os esboços eram lançados no caderno, logo me dei conta de que Mirta era muito maior do que eu imaginava e que uma estrutura de texto mais simples não satisfaria todo seu potencial. Foi então que resolvi ampliar o universo da personagem e dar um pouco mais de profundidade a cada um dos membros dessa história.

Isso se deu, em parte, pelo meu amor ao exercício da narrativa. Eu, como autor, acredito piamente que as histórias mudam a vida das pessoas. Não no sentido de que elas inserem, a torto e a direito, epifanias nos corações dos outros. Nada disso. Mas creio que exista algo em nosso peito, algo como um poço, sempre vazio, desejoso de uma substância que encontramos somente nelas. Não é por acaso que a arte de contar histórias é tão velha quanto os mais velhos de nossos ancestrais.

É com imenso orgulho que ofereço meu primeiro trabalho em formato impresso.

No entanto, é impossível que eu comece sem antes prestar certos agradecimentos:

A **Camila Moraes**, minha amada, que dedicou tanto de seu tempo e conhecimentos em prol desse livro. *Mirta Vento Amarelo* não estaria em suas mãos se não fosse por ela e sua família.

A **André Fampa**, um irmão que a vida me trouxe por acidente, que sempre me apoiou e é minha segunda família. Alguém que me disse literalmente: *Senta e vai escrever seu livro! Eu só paro de te ajudar quando você ficar rico!*

A **Tirza Setta e Fernanda Castro** duas das pessoas mais preciosas com quem já convivi, das quais tenho a honra de me considerar amigo. Além de serem fiéis leitoras, divulgadoras e incentivadoras, ajudaram no processo de negociação com o editorial.

Também dona **Maria Helena** (ou Tia Helena), essa doce senhora, companheira há anos nas rodas de seresta. Não houve uma só ocasião em que ela não tenha me estendido a mão sem reservas. Ela é para mim uma lanterna

quando não sei o que fazer.

A **Carlos Alberto Ferreira**, meu tio Carlinhos, a primeira pessoa a me entregar um livro, quando eu ainda era criança, e dizer: Tome. *Você precisa de um pouco de literatura em sua vida!* Se ele soubesse a diferença que isso fez em minha trajetória...

E **minha mãe**. Não há muito o que dizer, pois sei que ela venderia a própria casa se isso me ajudasse a realizar um sonho.

Por fim, te desejo, leitor(a), momentos inesquecíveis. Esse livro é, acima de tudo, um presente meu a você.

PRÓLOGO

Em algumas épocas de minha vida, senti vontade de contar tudo o que sei. Cada palavra, cada história. Por vezes desejei surgir abruptamente em meio a uma roda de pescadores ou mulheres lavando roupas à beira do rio. Quem sabe até abordar uma dupla de bardos viajantes, dos que só se calam quando você lhes atira uma moeda. Mas nunca o fiz, de fato. Às vezes me pergunto se as grandes jornadas de uma pessoa não passam de viagens estritamente individuais. Algo a se guardar para sempre em si próprio, onde cumpriram seu real papel. Porém, não posso negar minha inquietação ao pensar que certos relatos *devem* ser conhecidos. Trazidos ao conhecimento de todos, de alguma forma. Mesmo não passando de vaga inspiração a uma criança, ou servindo somente para abrandar uma tediosa mesa sem assunto em uma taberna. Assim sendo, decidi escrever tudo.

Sob pesado esforço, mexi as juntas velhas e apanhei todo papel que consegui juntar em meio às minhas antiguidades. A graciosa pena de fleomba-azul, nunca antes manejada, beijou pela primeira vez o frasco de tinta e deu vida a essa narrativa. Minhas mãos antigas e enrugadas nunca foram muito habili-dosas na arte da caligrafia. Por isso, considero essa a minha última aventura. Se as palavras parecerem torpes ou disformes em algum momento, peço desculpas com antecedência.

Alguns apontam o princípio dessa história para a própria criação do mundo, nas origens da humanidade. Em uma época em que os grandes monstros marinhos e celestes ainda dominavam o globo. Outros preferem começar pelo rancho dos Joarques, quando pegou fogo na Vila dos Porcos. Há ainda os que tentam desenterrar o passado obscuro da própria *Vento Amarelo*, por ocasião de seu nascimento. Eu digo que não. Certas coisas eu tive oportunidade de presenciar, mas de todos os relatos que ouvi, compilei e registrei, vejo tudo começando em uma certa madrugada. Para ser mais preciso, ao norte, às margens do sempre pacato Bosque Verde. A partir de agora, lanço mão de absolutamente tudo o que sei sobre o assunto. Não é necessário acrescentar que, para uma boa história ganhar vida, é preciso florear alguns trechos e assim o fiz. Acrescentei minha própria imaginação e

dedução, tomando o cuidado de ser leal em cada trecho. Em suma, relatei tudo da forma como ocorreu.

Era noite e, no horizonte, as Ilhas Verdes despontavam disformes, saudando as terras de Virídea, ao sul. Como um tapete escuro escorregando por entre as duas porções de terra, o Mar Superior sacudia sob a incidência do vento. Esse era um tempo onde ele surgia sem aviso, soprando, como se trouxesse uma mensagem de grande importância, e depois sumia por dias. As águas do mar se agitavam sob sua força. Subiam em ondas e se chocavam com violência nas rochas. Naqueles dias também o céu, moribundo, apresentava sinais de cansaço e quase já não chovia. Logo acima da encosta, em um planalto, surgiam as primeiras árvores do Bosque Cinzento, a extremidade norte do continente. Mas eu não o escolheria sem motivo como nosso ponto de partida. O local pareceria deserto, como sempre, servindo apenas de lar para as criaturas selvagens. Mas esta era uma noite onde os humanos o cruzavam. Onze soldados, para ser mais fiel, fazendo barulho com suas armaduras.

O Comandante Hillel deu um pontapé no tronco de um ipê, fazendo chover orvalho em cima dos soldados. Eles pensaram em protestar, mas não o fizeram. Não se atreveriam. Hillel estava muito mais sério que o normal e isso não era bom. Suas sobranceiras grossas quase se encontravam e seus lábios apontavam para baixo. Ele tinha uma fama espalhada por toda Tulma de não ser o mais sereno dos homens quando se aborrecia.

A luz da lua surgiu em migalhas por entre as fendas das folhas, iluminando sua armadura branca. Por um momento, pareceu ter dobrado de tamanho e nobreza, se é que era possível. Ele parou de se mover, estático, e todos o copiaram, por medo de chateá-lo ainda mais. O comandante não gostava de se frustrar quando caçava e, nessa ocasião, ainda não haviam tido qualquer sorte.

Olhando para o norte, em direção à borda do continente, farejou. Duas, três vezes. Fez um sinal negativo com a cabeça e virou-se para a direção oposta, continuando a caminhada.

– Vamos descer mais – ordenou. – Ele se escondeu longe das águas.

Ninguém protestou; o comandante Hillel nunca deixava escapar uma presa, afinal, e nunca perdia um rastro. Não pretendia começar essa noite. Ele tomou a frente, enfiando-se em meio aos arbustos, e seus homens logo o seguiram, tentando alcançá-lo. Apesar de ter o dobro da idade de seus

soldados, cortava caminho de forma ágil e habilidosa, como se a noite o fizesse ainda mais eficiente.

A procura não foi melhor no coração do bosque. Encontraram ninhos de corujas, tocas de tatus-vermelhos e até uma serpente-ouriça, enroscada em um galho de ameixeira. Um de seus homens perdeu a faca curta pelo caminho e tratou de enfiar-se atrás da fileira, esperançoso de que o comandante não notasse. Não viram, porém, qualquer sinal da criatura que procuravam.

Os dez soldados, já com os elmos frouxos e desengonçados nas cabeças, estavam exaustos. Bufavam e andavam com o corpo curvado para frente, engolindo um pedido de desistência, torcendo em vão para que Hillel declarasse a noite e a caçada por terminadas. Já o haviam seguido em muitas missões, mas essa, em especial, parecia total perda de tempo. Ele, no entanto, parecia tranquilo e mal apresentava suor pela testa. Os cabelos grisalhos ainda estavam secos, balançando sobre os olhos.

– Comandante... – bufou um dos homens, quase implorando. Os cabelos negros e lisos grudavam-se na testa e na nuca, empapados de suor. – Ele não está mais aqui, senhor. Só nesse emaranhado de árvores estamos procurando desde a manhã! Passamos outro dia inteiro nas encostas... A essa altura já o teríamos visto, com toda certeza! Ouvido, talvez.

– Cale-se, por Okkon! – Hillel não toleraria qualquer ameaça ao moral de seu grupo. – Ele está por perto. Se não consegue prosseguir, junte suas armas, seus trapos, e dê o fora daqui! – Virou-se para o grupo: – Isso vale para todos! A *Ordem* não precisa de homens fracos. Quem pensa não estar apto à tarefa, está dispensado, sem cerimônias. Pensei tê-los treinado como homens, não crianças! Não atravessei meio distrito para voltar de mãos vazias a Tulma!

O soldado se recolheu, intimidado, aparentemente dige-rindo as palavras do líder: *está dispensado, sem cerimônias*. Certamente nenhum dos colegas acreditou. Nem por um momento. Ajeitaram suas armaduras, conferiram mais uma vez os equipamentos e continuaram caminhando, em silêncio sepulcral. Essa missão estava muito errada.

A noite mostrou-se mais clara quando a mata se abriu, desembocando em um riacho. Suas águas correntes faziam curvas e cantavam uma melodia suave, espumando nas rochas. Lembrava os cenários descritos nas velhas canções dos vendedores ambulantes, quando cortavam as ruas em sua carroça, atraindo para si uma multidão de crianças curiosas.

Os homens pararam na margem, aliviados, para encher seus cantis. Não teriam pressa, de forma alguma. Alguns deles tiraram os elmos e molharam as cabeças nas águas frias, refrescando-se – e estava longe de ser essa uma noite quente. Outros afastaram-se, perscrutando e segurando o perímetro, certificando-se de que não pisavam em território perigoso. Enquanto isso, o comandante, sem parar para descansar, examinava cuidadosamente as pedras redondas do chão, estudando a idade das marcas, conferindo se alguém ou algo as havia movido do lugar, quando uma sensação chamou sua atenção. Pediu, com um gesto, para que os soldados fizessem menos barulho e olhou mais de perto, no chão. Ficou de joelhos e encostou o ouvido no solo, as palmas das mãos viradas para baixo, os olhos fechados. O chão parecia vibrar de forma quase imperceptível.

– Comandante, está tudo bem com o senhor? – perguntou Valdor, um dos soldados mais sérios do grupo, vendo que o líder demorava-se muito naquela posição.

Hillel levantou-se, limpou as mãos nas calças e colocou-as na cintura, pensativo.

– Há um movimento constante, próximo daqui – sua voz estava quase inaudível. – Eu apostaria meu dinheiro que ele provavelmente está dormindo, em algum canto.

Alguns soldados repetiram sua técnica, ansiosos para notarem também. Todos tentavam o tempo todo arrancar algum elogio de Hillel.

– Não sinto nada – declarou o mais alto e corpulento do grupo, depois de um tempo.

– Claro que não... – retrucou o comandante, com desprezo. – Você não seria capaz de notar um cavalo atro-pelando-o. Levante-se, Mulle, isso não é trabalho para você.

Dois deles começaram a rir baixinho e levantaram-se, apertando mais firme suas armas, aguardando novas instruções. O comandante saltou o riacho e subiu em uma pedra redonda, a fim de checar a área pelo alto. Farejou mais uma vez e sentiu finalmente o odor que desejava. Farejou novamente, para confirmar, e acenou com a cabeça, satisfeito.

– Fiquem em completo silêncio a partir desse ponto – sussurrou, descendo da pedra da forma mais suave possível. Hillel movia-se de armadura como um garoto move-se usando roupas de baixo. – Iva, prepare a sacola.

O soldado assentiu e desamarrou uma bolsa de couro das costas.

Deslizou-a pelo ombro e deixou-a aberta, pronta para o uso.

O comandante olhou para o chão, no capim aos pés do rochedo, e viu respingos de sangue espalhados. Todos no grupo eram muito bem treinados, mas ainda assim gesticulavam o tempo todo entre si, perguntando como Hillel enxergava tão bem, distinguindo formas na relva ainda escura.

Seguindo o rastro, ele os conduziu lentamente, passando em meio a moitas densas e árvores traiçoeiramente amontoadas. Hillel fazia tudo sem qualquer sinal de pressa. Se a criatura estava dormindo, permaneceria assim por um bom tempo. Era muito mais importante evitar ruídos de qualquer espécie, desde imperceptíveis choques de metal contra metal até respiração pesada. Demoraram quase uma hora para cruzar algumas dezenas de metros.

Como se recebesse uma recompensa, os espaços entre uma árvore e outra foram abrindo-se, os arbustos ficando mais baixos, até que chegaram em uma clareira. Nada muito amplo, mas com espaço suficiente para que a lua despejasse ali sua mais limpa claridade. E ali estava ele, dormindo, como previsto.

Hillel respirou fundo diversas vezes antes de tomar qualquer ação. Ele parecia não acreditar na sua sorte.

É realmente um deles! Um mensageiro, a poucos metros de distância...

A criatura dormia profunda e sonoramente. Na noite enluarada, seu couro ficava ainda mais escuro e, encolhido em meio à relva, nem parecia ser tão grande quanto pensavam. Os soldados trocaram olhares decepcionados, pois esperavam um dragão de proporções colossais. Esse parecia um filhote, um animal quase inofensivo. Mas não para Hillel. Ele sabia o que tinha à sua frente.

Sempre em silêncio, fez um sinal para que três homens tirassem a rede da sacola e a abrissem. Haviam trazido uma muito maior que o necessário; tinha o diâmetro capaz de envolver uma casa inteira. Hillel aprovou, em absoluto. Não correria qualquer risco desnecessário.

O dragão, encolhido, roncava baixo, com timbre grave, e não dava qualquer indício de perceber as presenças dos homens. As asas estavam bem encolhidas, deixando-o ainda menos intimidador, mas Hillel podia distinguir, nas articulações, protuberâncias afiadas. Talvez fossem capazes de rasgar o metal como a faca quente na manteiga, mas ele não pretendia descobrir essa noite. Essa era sua noite, e quando o comandante sai à caça, somente a presa se machuca. Havia perto do dragão alguns pedaços de carne espalhados,

pelos e ossos. Restos de algum animal esfaляado.

Hillel cuspiu no chão e pensou, sombriamente: *Foi sua última refeição, monstro maldito.*

A seu comando, os três lançaram a rede por cima do dragão, que despertou e passou a se debater, enroscando as garras e dobras da asa na tela. Seus guinchos, capazes de fazer gelar a espinha, acordaram os pássaros, fazendo-os fugir em debandada de suas árvores. Ele era extremamente rápido e forte, conseguiu até mesmo derrubar alguns soldados quando deu um puxão firme nas cordas. Antes que o animal conseguisse cortar a rede, Hillel enfiou a mão na bolsa e retirou um frasco de cor âmbar, tapado por uma rolha. Olhou para seus homens e pareceu, por um segundo, que sorria com o olhar.

– Ninguém gosta de acordar cedo, amigo – disse ao dragão, que tentava de forma desesperada se soltar. – Mas não fique triste, você é um animal de sorte, pois vai voltar a dormir em instantes!

Os olhos da criatura começaram a adotar um tom furioso e sombrio, mudando discretamente de cor. Em instantes, já começavam a sair filetes de fumaça por suas narinas. Fumaça escura, densa, de formas arredondadas. Os soldados se apavoraram e soltaram a rede, procurando algum lugar que oferecesse abrigo. Outros deitaram-se no chão e cobriram as cabeças, na esperança vã de que isso os salvaria a vida. Hillel, com o frasco na mão, não se moveu um só centímetro. Esperou o momento certo.

Quando o dragão abriu a boca, acumulando uma esfera de fumaça sólida, ele atirou o frasco.

Hoje não, mensageiro...

O vidro atingiu-o no rosto, estilhaçando-se em vários pedaços. Imediatamente subiu no ar uma coluna de vapor branco. O dragão engoliu a própria fumaça e tentou não respirar, mas não conseguiu por muito tempo. Começou a espirrar e tossir cada vez mais forte, até que seus olhos voltassem à cor normal. Ele contorcia-se debilmente, já nem lutava mais contra a rede. Hillel viu seus músculos perderem a força, amolecendo, até ele desabar no chão, inconsciente. O comandante esperou mais alguns instantes. Viu que a criatura não se moveria novamente e tirou a espada da bainha.

– O que estão esperando, idiotas? – grunhiu aos soldados. – Levantem-se e preparem as lâminas de remoção!

1 - VILA DOS PORCOS

Fazia frio naquela manhã, meus amigos. E falo sério. Passava das seis e o sol, ainda tímido, escondia-se atrás das colinas, deixando ansiosas as fileiras do cafezal. Milhares de pés, plantados em paralelo, aguardando a chegada do calor. As folhas verdes estavam cinzentas, observando a névoa sólida que cobria o solo até a barra das plantas. Os galhos, antes repletos de grãos vermelhos e amarelos, pareciam cobertos de flocos de neve. Até mesmo os pássaros se espreguiçavam, encolhidos em seus ninhos. Abriam um olho, para conferir a claridade do dia, e depois voltavam a cochilar, desanimados. Não os culpo. Eu não faria diferente.

Logo abaixo, no terreiro, alguns insetos corajosos se arriscavam. Pequenos besouros apressados, pontinhos negros na grama, tentando chegar a algum lugar. Estavam com sorte, as galinhas não saíam em seu encalço. Se percebiam suas presenças, não deixavam transparecer e voltavam a se aninhar umas com as outras. Fome nenhuma valia esticar os ossos nesse tempo.

Quando os primeiros raios de sol surgiram, colo-rindo de dourado os topos dos cafezais, a névoa traiçoeira e gelada começou a ser varrida do chão. Ela se dissipava lentamente, quase reclamando, como se sentisse prazer em resfriar troncos de árvores e capim. Se deixasse por sua própria vontade, ela certamente se deitaria ali para sempre, como se não tivéssemos coisas a fazer.

Claro, no conforto de sua cama, Cal Wiston não viu nada disso. Próximo ao terreiro de cimento, havia uma casinha modesta, construída em madeira, com telhado de barro, onde ele morava com a esposa. No quatinho escuro, enrolado em não-sei-quantos cobertores, só foi despertar quando o bode berrou de fome. Ele descobriu a cabeça vagarosamente, enquanto porções de ar frio entravam pela gola, deslizando até seus joelhos. Estremecendo, ele voltou a se encolher e apertou os olhos, remelentos. Bocejou sem fazer barulho, para não acordar a esposa, e resolveu tirar o pé das cobertas. Quando seu dedão tocou o chão, trincou os dentes, de tão gelado. Com a mente repleta de reclamações que preferiu não dizer em voz alta, pisou também com o outro pé.

É o movimento que aquece. É só não ficar parado, gostava de pensar. Mas

certamente, nesse dia, não acreditava nisso. Nem o sol do meio-dia parecia ser capaz de convencê-lo do contrário.

Ainda embrulhado em uma manta, Cal saiu do quarto para a cozinha. Pé ante pé. Pobre Illyna; esse era seu dia de alimentar a criação, mas a deixaria dormir um pouco mais. Ele se arrastou até a sala, os joelhos pareciam colados nas canelas, de tão duros. Quando levou os dedos até a maçaneta da porta, já via alguma claridade entrando pela soleira. Fechou a mão em volta do metal congelado, respirou fundo e a abriu.

– Por mil maldições! – Gemeu de frio. Seu maxilar estava tão apertado que teve medo de quebrar os dentes. Olhou para trás, conferindo se não acordara a esposa, e saiu para a varanda.

Era outro lugar, outro sítio, não havia dúvidas. Olhou para as colinas à esquerda, onde devia estar a lavoura, de um verde vivo, majestoso. Agora era apenas uma espécie de plantação pálida, torturada pela geada. O chão também não exibia qualquer cor, exceto a fumaça esbranquiçada que ainda teimava em forrar a relva, na altura de seus pés. Conferiu à direita e se acalmou um pouco. O curral estava no lugar, onde devia estar. O cercado de madeira e bambus tinha se molhado por completo no orvalho, as varas pingando água fria, mas sua criação estava no mesmo lugar de sempre. O único porco dormia, como se não tomasse conhecimento do frio, e as galinhas estavam encolhidas e emboladas entre as próprias penas. Os rostos assustados, implorando algum calor. O bode berrou mais uma vez, impaciente.

– Calma, *Adiante* – respondeu Cal. – Já vou! Cuidar de mim ninguém quer, não é? Espere um pouco, vou colocar as botas.

Olhou para a mureta e viu o par de botas encardidas. Estavam com o solado cheio de lama do dia anterior e pesavam o dobro. Sentou-se em um tamborete, virou o cano do calçado para baixo e viu escorrer um filete de água fria. Remexeu os dedos brancos dos pés, criando coragem, e disse baixinho:

– Vamos acabar logo com isso.

Sentiu uma fisgada nos tendões da perna quando seu pé entrou no calçado gelido. Calçou o outro e juntou as mãos na frente da boca, soprando para aquecê-las. Levantou-se do banquinho e começou a dar alguns pulinhos, balançando os braços. Por fim, esfregou as mãos e olhou para o Bode:

– Está na hora de soltá-los, não é? – Olhou para a cabra, amarrada ao lado. – Tenho certeza que *Sequencina* também está ansiosa para esticar as patas, correto? Adiante, já o ensinei várias vezes, não devemos aborrecer as esposas. – Abaixou a cabeça, como se sussurrasse com o animal: – Não há frio que as impeça de atirar algo em nossas cabeças.

Atolando as botas na lama, ele caminhou até a beira do curral e olhou por sobre o cercado. O porco roncava, esparramado na sujeira.

– Honn, eu não sei qual o seu problema... Deve haver algo nesse mundo que o emocione.

O suíno abriu um dos olhos, roncou novamente e voltou a dormir.

– Se não fosse o coração mole de Illyna – resmungou Cal –, veria como eu faria sua vida interessante. Principalmente com ovos, no café da manhã. Muito bem, minhas belezas – virou-se para o bode e a cabra –, vamos ver o que consegue comer nesse tempo, Adiante. Se gostar de Capim congelado, pode se servir à vontade. Temos também ração de gelo, flocos de geada e adivinhe: mais capim gelado!

Ele desatou o nó que prendia os animais ao cercado. Adiante deu um passo relutante, farejou o chão e em seguida se afastou, procurando algo decente para comer. A cabra permaneceu no lugar. Era hora da ordenha e ela já estava acostumada. Cal se ajoelhou, conferiu o volume em sua barriga e sorriu, olhando de volta para ela.

– Parabéns, Sequencina. Hoje deve dar um belo litro. Mas não se preocupe. – Levantou-se e deu dois tapinhas em seu dorso. – Illyna ainda não acordou, então vá brincar por aí, ou, se tiver paciência, fazer companhia ao resmungão do seu marido.

Cal não conversou com as galinhas. Achava que eram animais muito estúpidos. Galinhas eram capazes de serem perseguidas em linha reta por cinco quilômetros sem sair da frente da carroça. Qualquer animal daria um passo para o lado, para não ser atropelado. As galinhas não. Elas seguiam em linha reta. Inacreditável. Cal estalou os lábios, balançou a cabeça em negativa e lançou um olhar em direção ao grupo que dormia. Esfregou novamente as mãos e desejou um café bem quente, daqueles que só Illyna saberia fazer. Mas não a acordaria. Exceto pelo patrão, o Sr. Melfes Joarque, e seu fiel genro, Teoro A’brim, não imaginava mais ninguém merecedor de tamanha tortura.

Voltando para a varanda, Cal limpou as botas no solado de madeira e

abriu a porta da sala. Ouviu o som de louças e panelas vindos da cozinha e torceu a boca, numa careta. Sua conversa com os animais devia ter acordado a esposa. Pobre Illyna.

Entrou na cozinha e a encontrou bem desperta, manuseando os utensílios de forma animada. O fogão a lenha já fumegava, os gravetos estalavam dentro da abertura. Um som muito bem-vindo aos ouvidos gelados de Cal. Ajeitando os cabelos, ele se aproximou de Illyna. Ela usava um avental branco por cima de um vestido azul-claro e sorriu de volta ao marido.

– Minha pombinha, eu a acordei?

– De forma alguma, querido. A cama ficou fria depois que levantou. Além do mais, hoje é meu dia de alimentar Adiante e Sequencina, não se preocupe.

– Mas, querida, você podia ter ficado na cama, está um frio de assustar sentinela do lado de fora.

– Deixe de bobagens. Tenho certeza que um café vai deixá-lo muito melhor. Poderia me passar o coador, por favor?

Cal deu um beijo na esposa e esticou o braço até a prateleira, para pegar o objeto.

– Como Honn reagiu a essa geada, o pobrezinho? – perguntou ela.

– *Geada*? Ele vai lhe perguntar. E voltar a dormir, quase certamente.

Illyna riu.

– Não seria ele, se não o fizesse. Veja – ela retirou do bolso do avental um saco fechado. Havia um lacre de papel, com algo escrito –, eu trouxe ontem da quitanda, o Sr. Bof disse se tratar de um açúcar escurecido, menos refinado, melhor para fazer doces. Pode me dizer o que está escrito?

Ele apanhou o saco nas mãos da esposa.

– Claro, minha vida. Aqui diz: *Açúcar Escuro Tulumense. O açúcar magro da capital.*

Ela apanhou de volta o pacote e apertou os olhos, tentando ler:

– Ah... – sua voz baixou. – Acho que a frase era muito grande. Quase tive certeza de começar com a palavra *açúcar*.

Cal colocou a mão sobre seu ombro.

– Você está indo muito bem, minha flor. Continue as aulas com Lalan, por favor. Ela me disse ter te visto muito desanimada no último encontro.

– Bem, eu...

– É verdade que falou em sair? Por favor, pode me contar.

A esposa virou-se de costas, envergonhada, e sussurrou:

– As pessoas ficam falando, Cal. Chegaram a dizer que Zilda, a mais tapada dos moradores, é ao menos capaz de ler um bilhete. Eu tenho medo, a Sra. Fufu tem me olhado de forma estranha, como se quisessem contratar outro casal para tomar conta do sítio. – Ela virou-se para o marido, os olhos avermelhados. – Não temos para onde ir, Cal.

– Ei, ei... – disse ele, se aproximando com as mãos abertas. – Ninguém está sendo despedido. De onde tirou essas ideias, meu amor? Zilda não seria capaz de encontrar o caminho até a lavoura, de tão estúpida. Além do mais, não é ela quem manda. Nem o marido, aquele esnobe A’brim. Tenho boa relação com o Sr. Joarque e te asseguro que nada vai acontecer conosco.

Cal sabia que não era verdade. Melfes Joarque, o dono das terras, estava há tempos se enfurecendo com os resultados da colheita. Cal sabia que o velho gordo só esperava uma oportunidade para enxotá-los da vila.

– Tem certeza? – perguntou Illyna, enxugando os olhos.

– Absoluta. Continue as aulas, eu lhe imploro. Agora, esqueça tudo por enquanto e vamos experimentar esse açúcar estranho. Espero que não tenha gosto de barro. Quase tudo que o Sr. Bof vende, tem.

Ela riu e abriu o pacote. Cal sentou-se, esticou as pernas e observou o ritual preciso da esposa no preparo do café. Esperou ansioso, enquanto via as linhas de fumaça cheirosa saindo do bule. Grãos que a própria esposa colhia na lavoura e ele mesmo preparava, secava e torrava. Parte do mísero pagamento do Sr. Joarque. Mas nesse momento preferia não pensar nisso. O sol já iluminava a cozinha, com raios brilhantes entrando pela janela. Enquanto Illyna despejava o pó dentro do coador, ele se lembrou de algo e ficou de pé.

– Querida, o tempo está esquentando e vou esperar um pouco mais antes de abrir o monte no terreiro. Enquanto isso, eu queria raspar os rodos de madeira, estão encharcados de casca e folhas. Sabe onde está a espátula do Sr. Joarque?

– Claro – respondeu ela, sem olhar para trás. – Eu a lavei anteontem e deixei por cima do tanque, do lado de fora.

– Ainda bem. Eu não fazia ideia e hoje tenho de devolver. O velho avarento ficaria uma fera se eu o perdesse.

Ele caminhou até a porta e jogou um beijo para a esposa.

– Estarei aqui fora. Me avisa quando servir a mesa?

Ela devolveu um olhar triste.

– Só temos café essa manhã. Acabou a farinha para os biscoitos, desculpe...

Ele fingiu não ouvir e ergueu os lábios, num sorriso, olhando firme para Illyna:

– Não temos café. Temos o *melhor* café de toda Virídea.

Cal foi até o tanque de pedra, que ficava ao lado da varanda. Uma calha de bambu trazia água da bica e ele estendeu as mãos em concha, para apanhar um pouco. Estava muito gelada. Resolveu que só ia molhar as pontas dos dedos e limpar os olhos. Melhor deixar para lavar o rosto em uma outra hora. Quando terminou, esfregou as mãos, ansioso, e procurou pela espátula prateada do patrão. Olhou por cima dos beirais do tanque, em baixo, onde ficavam botas encardidas, e na prateleira velha da parede. Procurou na mureta de madeira da varanda, por toda parte.

– Estranho... – murmurou, coçando a cabeça.

Chegou até a porta de entrada da casa e gritou:

– Querida, tem certeza que a espátula está aqui?

– Certeza absoluta, Cal! – respondeu ela, da cozinha. – Eu mesma a vi ontem, antes de me deitar!

– Com mil maldições... – grunhiu Cal. – Onde foi parar a maldita espátula?

Ele deu de ombros e voltou para a cozinha, certamente com a pulga atrás da orelha. Illyna já servia o café e o estendeu uma xícara fumegante. Ele desabou na cadeira, olhando para o nada, o indicador pousado sobre os lábios.

– Procurou direito? – perguntou ela.

– Em todo lugar possível. – Ele pensou por um instante e arregalou os olhos. – Será que temos ladrões nos visitando? O povo do sul é bem estranho, se me perguntar. De vez em quando aparecem por aqui, de *passagem*, e sabe-se lá o que tramam.

– Está imaginando coisas, querido – observou ela, sorvendo um gole de café quente. – Já tentou ver com Teoro?

– Ah, aquele infame! – levantou-se, com o dedo em riste. – Certamente a apanhou sem me avisar. Vou para lá imediatamente ter uma conversinha com ele. O esnobe, sempre tentando me passar para trás.

Cal tentou tomar o café todo de uma vez, mas queimou a língua. Resolveu sentar-se novamente e tomá-lo com mais calma.

Cal se embrulhou em uma jaqueta surrada de lã e de braços cruzados saiu pelo quintal, passando pela bica, o galinheiro de choca, e subindo uma elevação até o piso de cimento. Era um retângulo totalmente plano, com área para comportar três casas como a sua. O café estava amontoadado em uma única fileira de meio metro de altura e coberto por uma lona, molhada pelo orvalho. Resolveu que o deixaria esquentando sob o sol, caso esse resolvesse vencer a friagem, antes de descobri-lo e espalhá-lo pelo terreiro.

Pouco à frente, via o celeiro, onde armazenava os grãos já prontos e, ao lado, uma construção de tábuas e latão, o galpão de ferramentas. Ambos ainda meio embaçados pela neblina. Atravessando o terreiro, virou-se à direita, já mais animado. Na trilha por onde se alcançava a casa de Teoro A'brim, já batia alguma luz do sol.

– Não está saindo fumaça pela chaminé – resmungou ele, olhando para a casa colorida de A'brim. – Vai ser um prazer acordar o maldito.

O terreno de Teoro A'brim parecia não pertencer à zona rural. Antes de chegar à casa, seus pés encontrariam um piso ladrilhado de pedras, cercado por canteiros de flores. A casinha do cachorro, Blobo, parecia maior que a de Cal, com telhado vermelho de coloniais. Ele olhou para o enorme animal, que dormia tão tranquilamente como se não notasse sua presença. Ele próprio parecia maior que Cal. Se não fosse tão estúpido, talvez fosse encarregado de tomar conta do sítio em seu lugar. Ele fez uma careta emburrada e se aproximou da porta de entrada, socando-a com força três vezes. Alguns minutos depois, foi aberta por uma figura vestindo pijamas e com um tapa-olho preso à testa.

– Wiston! – grunhiu Teoro, sonolento. – O que faz aqui? Tem ideia da hora que parei de trabalhar ontem à noite?

Cal sabia que ele não fazia nada. Ser genro do patrão tinha suas vantagens, mas preferiu não comentar.

– Eu preciso da espátula, A'brim – retrucou Cal, cruzando os braços. – Tenho toda aquela fileira para abrir no terreiro, uma centena de galinhas para alimentar e uma dúzia de ferramentas para limpar. Não tem graça.

Teoro esfregou os olhos e ajeitou os bigodes tortos.

– Do que está falando, Wiston? Não sei de espátula alguma. Agora dê o fora daqui, antes que Zilda se irrite.

– Estou falando da espátula de alumínio do Sr. Joarque. As ferramentas

estão encrustadas de papa de café e preciso dela. – Cal apertou os olhos. – Levei quase toda uma tarde para criar coragem de pedi-la. Sabe o que ele faria se eu a perdesse?

– Pois agora você me fez olhar fundo em meu coração, Wiston. E sabe o que eu encontrei lá? Nada. Agora dê o fora.

Cal trincava os dentes e fumegava pelo nariz, sem ter o que dizer. E a conversa teria acabado ali, caso Zilda não surgisse também junto à porta, com rosto ainda mais preguiçoso que o do marido. Nada que fosse aumentar muito as esperanças de Cal.

– O que houve, benzinho? – começou ela, com uma lamúria, olhando enojada para as roupas sujas de Cal.

– Nada, minha especialíssima. O... – Teoro torceu os lábios – *caseiro* aparentemente está em apuros com seu pai, mas nada que nos diga respeito. Volte a se deitar, está muito frio.

– Zilda! Digo... Sra. A’brim, por acaso não viu a espátula de alumínio de seu pai?

– Wiston, eu disse para dar o fora.

– Espere aí... – Os olhos de Zilda se iluminaram por um instante. – Está falando daquela brilhante, com cabo de chifre? Vi sim!

Cal sentiu vontade de empurrar Teoro para o lado e dar um abraço na mulher.

– Exatamente, Sra. A’brim! Pode me dizer onde ela está?

Ela olhou para cima, pensando durante vários momentos.

– Eu não sei. Mas eu já a vi, com toda certeza. É muito bonita...

Por que fui dar ouvidos? Ela é mais demente que uma porta, suspirou Cal.

– Como tudo o que seu pai compra. – Teoro a envolveu pelos ombros e começou a fechar a porta. – Agora, Wiston, se nos der licença...

Foi quando começou. Antes que Teoro pudesse bater a porta na cara de Cal, algo que faria com muito prazer, uma verdadeira confusão entre os animais tomou lugar no terreiro, lá em cima. As galinhas começaram a cacarejar, assustadas, os vira-latas seguiam, enchendo o ar com seus latidos esganiçados. Também ouviram ferramentas metálicas caindo ao chão, junto aos balidos de Diante e Sequencina. Até mesmo o cão, Blobo, ergueu as orelhas e olhou para os lados, confuso.

– Mas o que... – Cal olhou para Teoro, sem reação. Em todos os anos

passados ali, os animais nunca haviam ficado em tal estado.

– O que está acontecendo lá em cima, Wiston? – rosnou Teoro, saindo de vez da casa. – O que aprontou dessa vez?

– Eu sabia, eu disse a ela! Estamos sendo invadidos!

Teoro olhou para ele, sem entender. Cal continuou:

– Estou suspeitando de ladrões, seu estúpido! Vamos, tem alguma arma em casa, ou só conjuntos de mesa banhados em ouro?

– Eu, eu... – Teoro tentava pensar. – Ladrões? Tem certeza?

– Tem ou não tem uma arma em casa? Precisamos correr para lá, antes que fujam!

– Meu avô tinha uma besta, usada na *Guerra dos Sem-Caminho*, nem sei se aquela geringonça ainda funciona. E certamente não deixarei que você a toque, Wiston.

Cal cuspiu no chão e lançou um olhar furioso.

– Pois deixe que levem até sua esposa, seu inútil. Eu vou lá em cima ver o que está acontecendo.

– Es... Espere, Wiston. Eu vou apanhar a droga da besta. Se você morrer, não quero ter de revirar todo aquele café do terreiro.

Cal esperou até que Teoro entrasse na casa e voltasse carregando uma besta velha de madeira e algumas setas. Não parecia funcionar melhor que Honn, ou Blobo. Cal apanhou um pedaço de madeira por precaução e subiu a trilha na frente, com cautela, até poderem avistar o que se passava no terreiro. Não havia estranhos, pelo que via, mas os animais ainda corriam para todos os lados. O galpão de ferramentas estava com a porta aberta e um bando de galinhas havia entrado, derrubando algumas prateleiras no chão. Isso explicava os sons metálicos. Outras estavam empoleiradas por cima da fileira de café, balançando as cabeças, nervosas. Sequencina berrava, andando de um lado para o outro, mas não viu Adiante.

– Vê alguma coisa, Wiston? – perguntou Teoro, com a voz trêmula, escondido atrás do caseiro.

– Aqui não. Mas as galinhas parecem estar fugindo do...

Cal não completou a frase. Um filete de fumaça parecia subir do telhado do celeiro. Um telhado de palha. Isso não era bom. Isso não era nada bom, se querem saber.

– Oh, não. – Cal apertou o pedaço de madeira e pisou no terreiro, em direção à fumaça. – Por favor, digam que não é verdade.

– Isso não vai terminar bem para você, Wiston. – Teoro parecia se divertir.

Quando Cal alcançou o celeiro, as labaredas já lam-biam metade da cobertura. O interior do galpão estava envolto em fumaça preta. O cheiro de café torrado imediatamente preencheu seus pulmões. Isso era ainda pior. Seria aceitável se o próprio Cal estivesse embrulhado pelas chamas, sendo torrado vivo, ou sua esposa, ou Honn, que daria um bom churrasco. Mas não a produção do Sr. Joarque. Ninguém tocava na propriedade do patrão, mas o fogo parecia não se importar.

Cal engoliu em seco e olhou para trás, balbuciando alguma coisa. Teoro não estava mais ali. Sem muito tempo para pensar em algum nome para xingá-lo, ele se apertou contra a blusa de lã e entrou no celeiro ardente, a fim de salvar algumas sacas.

Illyna apareceu um tempo depois, correndo. Olhava horrorizada para o incêndio e mais ainda por ver o marido sair do meio das chamas. Ele tinha as roupas pretas de fuligem e arrastava uma saca para fora. Estava parcialmente rasgada e derramava grãos pelo caminho. Cal as empilhava ao lado de uma árvore e parecia já ter salvo cerca de uma dúzia.

– Cal, pelas terras verdes, o que aconteceu?

Ele olhou para ela com os olhos vermelhos e o rosto escurecido de fumaça.

– Illyna, eu... – Ele apontou para os volumes que sal-vara, a expressão devastada de agonia. – Havia mais de cinquenta. Perdemos todo o resto. Estamos... O Sr. Joarque vai me matar.

Ela puxou o marido pelo braço, enquanto observavam o resto do celeiro se transformar em cinzas. As chamas dançavam com estalos furiosos.

– Não foi culpa sua – disse ela. – Iremos descobrir quem fez isso.

Cal olhou para a estrada da lavoura e suspirou. A esposa acompanhou seu olhar. O Sr. Joarque e seus capatazes já estavam a caminho.

2 – SOBRE GRANDEZA E SORTE

Eu pude viver por muitos anos, essa é a verdade. Apreendi o que pude e escolhi um lugar especial em meu coração para as coisas ainda não compreendidas – até algum tempo atrás, eu não sabia o valor de se acender uma lamparina para ir à latrina à noite; topar com o tornozelo na quina da mesa em pleno inverno certamente me ensinou muito. Entendi tudo possível sobre os ciclos solares, as estações boas para plantio e colheita e também o tipo de comida ideal para cada animal de criação. Hoje sei um pouco sobre aragem de terra e tipos de minérios, sei construir abrigos e também umas poucas amizades aqui e ali. Com sentimentos igualmente variados, conheci as inúmeras formas por meio das quais a bondade e a maldade florescem no coração dos homens.

Com plena convicção posso afirmar o seguinte: *ninguém nasce grande*. Viemos ao mundo pequenos em corpo e essência e há quem permaneça dessa forma até o fim de seus dias. Não há novidade alguma nessa afirmativa. Todos temos um vizinho, padrinho ou parente cuja trajetória não desejaríamos imitar. E digo mais uma vez: ninguém jamais nasceu grande.

Se alguém me dissesse que os grandes são corajosos, íntegros e altruístas, eu concordaria. São sim, de fato, e têm mesmo de sê-lo. Mas, para mim, esses atributos de nada valeriam sem uma boa pitada de *sorte*. Sim, sorte. E essa, meus amigos, não se aprende nas bibliotecas, nos balcões de taberna ou da boca dos mais velhos. Sorte é um luxo de quem arrisca. De quem frequenta o lugar certo quando precisa. De quem está disponível quando a hora certa se aproxima.

Sem sombra de dúvidas, esse seria um excelente dia para usá-la.

Mas Mirta Vento Amarelo nada sabia a respeito de um certo Cal Wiston e suas complicações na fazenda. Numa estradinha não muito longe dali, sentada em sua poltrona estofada revestida de couro, tinha os pensamentos em outro lugar. Mais precisamente, no motor engasgado da carroça metálica. Tudo parecia em ordem. As quatro rodas pareciam girar com suavidade, as juntas estavam lubrificadas, os amortecedores engraxados e macios. Ela aprumou o corpo, inclinando-se para frente, e conferiu as rodas dianteiras.

Perfeitas. Por que, então, saía fumaça preta do escapamento?

Manuseou o manche e encostou o veículo na beira da estrada, sem desligar o motor. Exato. Não havia cavalos puxando a carroça. Nada de animais para conduzir Mirta Vento Amarelo. São trabalhosos demais. Precisam comer, dormir e descansar. Máquinas são mais confiáveis. Elas não acordam de mau-humor, não ficam desanimadas e não se ofendem quando alguém levanta a voz.

Máquinas são dádivas do intelecto humano e da ciência.

Mordendo uma mecha dos cabelos loiros, ela levantou-se do assento e colocou as palmas das mãos no piso. Estava vibrando de forma diferente.

– Cró! – grasnou o pássaro em seu ombro. Ele te lembraria um canário, só que maior e com penugem totalmente azulada. Tinha o bico mais fino e comprido e seus olhos eram grandes e atentos. Na verdade, ele não se parecia em nada com um canário, ou qualquer outro pássaro.

– Sim. – Ela estalou os lábios em desaprovação. – Era o que eu temia. Entrou poeira demais no motor.

– Cró! – fez mais uma vez a ave, batendo as asas.

– Como *por quê*, Cerúleo? Porque não chove há quase um ano nessa terra abandonada! O pó está cada dia mais fino e traiçoeiro.

– Cró! Cró!

– Está delirando. – Ela empertigou-se, bateu as palmas das mãos, ajeitou os óculos e desligou o motor. – Não posso arriscar a carruagem. Vamos, deixe de ser preguiçoso e levante voo. Descubra alguma casa onde possamos pedir um pouco de óleo de colêmia.

– Cró!

– Claro que têm. Passamos por três colemeiras há um quilômetro e duzentos metros. Duas delas com a copa arredondada. Não viu os riscos nos caules? Além do mais, essa é uma região cafeeira. Precisam de óleo nos moedores e não existem por aqui feiras para compra de alimento a livre gosto. Produzem o que comem. Portanto... – Ela fez um gesto esperando pela compreensão do pássaro, que não veio – fritam com óleo caseiro. Agora sem discussão, Cerúleo, vá.

O pássaro saltou do ombro de Mirta e pousou em cima de um volumoso caderno no banco traseiro. Bateu com o bico três vezes sobre a capa dura.

– Cró!

– Com quem pensa que está falando, seu frango azulado? Está no lugar de sempre! Agora faça o que mandei, antes que eu resolva te vender para um colecionador.

Ela cruzou os braços e observou, enquanto mordida outra mecha de cabelo, o pássaro voar em linha reta para o alto. Ele ficou no ar por um tempo, desenhando pequenos círculos quando crocitou novamente:

– Cró!

– Por que a surpresa? Toda fazenda tem fumaça! Não está falando de uma chaminé?

– Cró! Cró!

Então os olhos dela brilharam. Era uma excelente sugestão.

– Não me interessa o que está pegando fogo, mas vamos para lá. Onde há incêndio, há gente amontoada e uma roda de mulheres que falam demais. Certamente uma delas cozinha com óleo. Desça, eu vou ligar os motores.

O celeiro era uma enorme fogueira ardente quando Melfes Joarque chegou no terreiro de cimento. Ele vestia uma capa de peles grande o suficiente para cobrir todo o corpo rechonchudo. Trazia no rosto uma expressão séria, os olhos afiados como navalhas. Suas botas batiam firmes no chão, um som desagradável aos ouvidos de Cal. A seu lado, seguiam três capatazes com o dobro de seu tamanho, as barbas batendo na altura do peito e os braços cruzados. Cal se levantou, torcendo para que o patrão não o tivesse visto sentado. O Sr. Joarque passou por ele e a mulher, sem sequer olhar para eles enquanto seguia até o local incendiado.

Ele parou em frente ao celeiro – ou o que restava dele –, observando em silêncio as chamas destruírem seu dinheiro. O velho andou até a pilha de sacas ainda intactas e as contou mentalmente. Fungou e voltou a encarar o fogo, quase como se não se importasse. Mas Cal sabia que quando seus bigodes tremiam daquela maneira era sinal de problemas. Um dos capatazes estalou os dedos das mãos, outro estalou o pescoço. Todos lançando olhares frios e ameaçadores para o casal de empregados. Cal engoliu em seco e se aproximou.

– Sr. Joarque, eu posso lhe assegurar que sinto muitíssimo...

Em um segundo, veio um estalo e um clarão tomou as vistas de Cal, fazendo seus joelhos falharem, derrubando-o no chão. Um dos capangas dera-lhe um tapa poderoso. Cal levou a mão até a orelha quente, tentando

espantar a tontura. Illyna tinha os olhos arregalados e a boca entreaberta.

– Eu quero explicações – falou o patrão, sem desviar os olhos do celeiro.

Cal e Illyna se entreolharam e ela se preparou para responder.

– Nem pensem em abrir a boca – a voz fria do Sr. Joarque a interrompeu.
– Teoro?

Então surgiu a figura de Teoro vinda de trás de uma moita. Ele tinha um meio-sorriso nos lábios, quase ansioso demais para falar. Cal apertou o maxilar, furioso.

– Te desejo um bom dia, Sr. Joarque, meu caro sogro. Se é que isso é possível em face de tal calamidade. Aparentemente, o destino nos prega hoje mais uma de suas indecifráveis peças. Olhe para isso. Quase consigo sentir em meu próprio peito a dor de ver todo seu trabalho árduo, de um ano inteiro, se transformando em cinzas.

O velho sogro balançou a cabeça em afirmação, emo-cionado.

– Infelizmente o mundo tem uma estranha maneira de punir as pessoas de bom coração. O seu, hoje, sofre um duro golpe, Sr. Joarque. Sua bondade infinita deu a esse pobre casal a oportunidade de trabalho digno e bem remunerado, além de um teto para se abrigar. Como eles agradecem? – Teoro olhou para o casal.

– Hã... Como? – perguntou finalmente um dos capatazes, interessado.

– Com displicência, senhores. A produção de Melfes Joarque, um dos maiores distribuidores do Norte, foi deixada nas mãos de um homem de pouca instrução e ainda menos ambição. Isso sem mencionar o apoio igualmente incompetente de sua... – Teoro torceu os lábios com repulsa – esposa analfabeta.

– Teoro, seu verme, eu vou estrangulá-lo! – Cal tentou se levantar, mas levou outra bofetada ainda mais forte e caiu quase desacordado. Illyna cobriu a boca para conter um grito.

– Há muitos dias – continuou Teoro – Wiston vem se queixando de certos barulhos de madrugada, bem como o sumiço inexplicável de ferramentas e objetos pessoais.

– Como assim? – rosnou o Sr. Joarque.

– É a verdade, Sr. Joarque. Wiston vinha alimentando suspeitas de que a fazenda era alvo de... saqueadores. – Teoro fez uma pausa, observando a expressão do sogro passar de espanto para indignação. Em seguida, lançou seu melhor sorriso. – Estou dizendo por dizer, Sr. Joarque. Não tenho a

menor dúvida de que ele tenha relatado tudo ao senhor, em detalhes.

O rosto do velho ficou imediatamente vermelho, como se fosse explodir a qualquer instante. Um dos capangas ergueu Cal no ar.

– Isso é verdade? – ganiu o velho, com o indicador no nariz de Cal.

– Não... Não é bem assim que ocorreu, Sr. Joarque, eu...

– É verdade, papai – Dessa vez foi Zilda quem apareceu, tentando segurar nas mãos a besta de Teoro. – Wiston nos acordou essa manhã e chamou meu marido para que lhe ajudasse a espantar ladrões. Até mandou trazer essa geringonça velha.

– Sua... – Cal engoliu as palavras, antes de ser esga-nado.

O silêncio em seguida veio de forma quase palpável. O velho fechou os olhos e cerrou os punhos, apertando-os até perderem a cor.

– Como pôde, Wiston? – quase havia mágoa em sua voz. – Depois de tudo que lhe dei. Depois de eu tê-lo tratado como a um filho... – Ele acenou para o capanga e Cal foi solto, caindo novamente ao chão.

– Por favor, Sr. Joarque, Cal não... – Um dos capangas agarrou Illyna por trás, tapando sua boca.

– Eu deveria enforcá-lo, seu animal – Continuou o velho –, mas acredito que seria uma punição pequena demais. Quero vê-lo humilhado e faminto, Wiston. Você me tirou meus bens e vai sentir na pele o que é isso. Tem uma hora para desaparecer de minhas terras. Leve o que puder carregar, junto de sua esposa inválida, e nunca mais ponha os pés aqui novamente!

– Sr Joar... – Illyna tentava se desvencilhar do aperto forte.

– Levem algum agasalho – grunhiu o velho com satisfação –, parece que o inverno veio impiedoso esse ano.

A carroça metálica balançava discretamente enquanto fazia uma curva na estrada. Da lateral do veículo subiam alguns braços de ferro polido, parafusados num ângulo reto. Entre uma vara e outra estendia-se um toldo de lona e couro, que servia para proteger os tripulantes da chuva. As rodas eram cromadas, com detalhes entalhados nos aros, e as traseiras tinham quase o dobro do tamanho das dianteiras. Por cima de cada uma delas, uma chapa retorcida de alumínio evitava que a lama – quando havia – e poeira fossem lançadas no interior ou, o que seria pior, na própria Mirta.

Inclinando o manche para a esquerda, ela conferiu o terreno a seu redor. De um lado da via a paisagem apresentava porções de terreno plano, um

pasto malcuidado, alguns brotos de matagal e troncos serrados ao meio. Do outro, à sua esquerda, uma bonita cerca de madeira ladeava uma casinha branca. À sua frente, na linha do horizonte, ela já podia ver o filete de fumaça grossa e preta sobre a qual Cerúleo havia comentado. A essa hora o sol já começava a tomar lugar no céu e Mirta tirou o casaco mais pesado.

Quando o motor da carroça engasgou, deu um sola-vanco e parou de funcionar, uma das janelinhas de madeira da casa se abriu. Surgiu o rosto de uma mulher idosa, que arregalou os olhos ao ver aquele estranho e impressionante veículo de metal. Vento ajeitou os óculos e lançou um olhar sério para a mulher.

– Algum problema? – perguntou, enquanto girava a manivela de arranque.

– Minha filha – disse a mulher, espantada. – Como é que sua carroça anda sem um cavalo ou um boi?

– Olha, minha senhora – Começou Mirta, com um olhar que Cerúleo já conhecia.

– Cró!

– Está bem, está bem, seu pássaro irritante! Vou responder com polidez. – Virou-se novamente para a mulher. – Esta carroça é um experimento meu, senhora. É movida a carvão mineral ou vegetal, e a poeira da estrada entupiu os filtros. Seria pedir muito que me cedesse, por gentileza, um pouco de óleo de colêmia para lubrificar as juntas?

A mulher olhou desconfiada e torceu os lábios.

– Isso está me parecendo magia negra, isso sim. Aqui não temos óleo de colêmia, usamos somente azeite e girassol. Serve?

– Cró!

– Cale-se, Cerúleo. É um motor, não um petisco.

– Você conversa com esse passarinho? – A mulher arregalou ainda mais os olhos.

– O óleo não serve, senhora. Passar bem. – E voltou a se concentrar em dar partida.

– Eu não posso acreditar! – uma voz de garoto veio de dentro da casa. – Você é quem estou pensando?

Devia ter uns dez anos de idade e tinha o cabelo castanho emaranhado, com sardas espalhadas pelas maçãs do rosto. Ele olhava pela janela com um sorriso largo, faltando um dos dentes. Os olhos abertos até o máximo, como quem vê uma entidade divina.

– Arto! – A mulher deu um peteleco em sua nuca. – Volte para dentro. É apenas uma estranha.

O garoto ignorou a avó e escalou a janela, saltando para o quintal.

– *Mirta Vento Amarelo e a carruagem reluzente!* – continuou ele. – Diga-me que estou sonhando!

Mirta ajeitou os óculos e lançou um sorrisinho rápido para o pássaro.

– Em carne, osso e óculos. Este aqui é Cerúleo.

– Cró!

– Mas eu não posso acreditar! A mesma Vento Amarelo das histórias? Os óculos, o cabelo... pelo rei! Como resolveu o *Mistério das Três Luas*? Meu irmão, Artem, diz que você foi salva de três cobras gigantes e um morcego devorador de mentes, e que ainda por cima humilhou os soldados da Ordem com seu discurso! Que expulsou os mercenários do bairro das docas e usa folha de espinhenta como travesseiro! É tudo verdade? – Ele não esperou a resposta. – O que fazem aqui, tão distantes da capital?

– Respire, rapaz. As pessoas tendem a exagerar os meus feitos. Sou uma pessoa normal, como qualquer outra. – Cerúleo a olhou de esguelha e fingiu não ouvir. – Estamos justamente a caminho de Tulma. Preciso de algumas peças e ferramentas para o aperfeiçoamento da carruagem.

O garoto deixou a boca aberta no ar e começou a circular o veículo, tocando com a ponta dos dedos o metal polido.

– Aperfeiçoamento? É o veículo mais incrível que já vi! E olha que conheço as carruagens dos duques, os navios do baronato e também gravuras do carro real do Rei Silkai. Estou muito impressionado!

– Impressionada estou eu, Arto. – Ela fez uma pausa, até o garoto notar que ela já aprendera seu nome. – Como um rapaz do ermo sabe tanta coisa?

– Bem, eu...

– ...Costuma roubar os jornais e periódicos quando vai à feira. – Ela baixou a voz: – Fique tranquilo, será um segredo só nosso.

– Arto! – grasnou a avó. – Venha para dentro e deixe ela ligar sua... coisa... máquina.

– Agora não, vovó! – ofegou ele, pulando o cercado e saindo pelos fundos, em disparada. – Preciso avisar a todos que a maior detetive do mundo está na Vila dos Porcos!

– Volte aqui, o motor já ligou! – gritou Mirta, mas o garoto já estava longe.

– O que está fazendo? – perguntou Cal à esposa.
– Colocando a chaleira de volta na prateleira, oras.
– Mas essa não é a chaleira que ganhou de sua mãe?
– Sim... – Illyna baixou os olhos. – Mas não é essencial. Podemos levar uma mais leve, de latão.

O saco de viagem já estava quase no máximo. Ao mesmo tempo, parecia, pelo volume das prateleiras, que não estavam levando quase nada.

– Illyna, me escute; coloque-a de volta no saco. Eu carrego todo o peso, não me importo.

Illyna obedeceu, relutante. Em seguida, abriu a portinhola da despensa.

– E quanto à comida?

– Deixe que eu me preocupe com isso. Vá até seu quarto e apanhe todo agasalho que puder.

Ela assentiu com a cabeça, deu as costas e começou a sair da cozinha.

– Illyna...

Ela olhou de volta e ele continuou:

– Ficaremos bem.

Foi então que Cal pensou ter ouvido vozes estranhas vindas do lado de fora. Ele deixou o saco de viagem no chão e abriu a porta, saindo para a varanda. Viu alguns homens e mulheres subindo a estrada, em direção ao terreno. Eram cerca de meia dúzia e pareciam estar curiosos e excitados. Dois homens vinham à frente carregando enxadas nos ombros. Cal esperou até que chegassem perto e os reconheceu. Um deles era caseiro do sítio vizinho e o outro um empreiteiro, prestador de serviço aos donos de terra locais. Ambos enrolados em blusões de lã, com os ombros encolhidos. Ao longe, no início da curva da estrada, vinham mais dois ou três. Pelo que Cal conhecia da vizinhança, viriam todos, eventualmente, ver o celeiro queimado. Ou rir de sua cara.

– Wiston... – perguntou um deles –, é verdade o que estão comentando?

– Vá ver com seus próprios olhos – retrucou Cal. – Agora, se me dão licença, tenho muito o que fazer.

Os homens começaram a rir.

– Olha toda aquela fumaça. Você conseguiu botar fogo na produção do Sr. Melfes Joarque! Wiston, tenho de confessar que admiro sua coragem.

Dois garotos e uma garota vieram correndo de encontro aos homens e puxaram as barras de suas calças.

– Papai, papai! – berrou a garotinha.

– O que é? Estamos ocupados, seja uma boa menina e volte para sua mãe, sim?

– Mas papai, estão dizendo que uma mulher muito famosa está na vila! E também que ela anda numa carroça mágica, puxada por dois cavalos invisíveis! E que também é a maior inventora de toda Virídea!

O homem deu uma bofetada no irmão maior.

– Já disse para não encher sua irmã com essas histórias!

– Ei, mas não fui eu quem falou! Foi Arto quem nos contou!

– E eu já disse que esse Arto é um garoto problemático. Não bate bem da cabeça. Voltem para a mãe de vocês e nos deixem trabalhar, vão.

– Mas é verdade, ele viu... – choramingou um dos meninos.

– Se Arto vir uma brasa acesa dentro d'água vocês acreditam. Não aprenderam essas bobagens comigo, isso eu garanto. Onde está a mãe de vocês?

– Foi na casa dos Fulle – respondeu o filho maior. – Disse que traria uns biscoitos para nós.

– Biscoitos? – grasnou Cal. – Estão num circo, é isso? Por que não dão o fora e me deixam trabalhar?

– Olhe lá, olhe lá! – A menina começou a dar pulos, empolgada, apontando o dedo para a curva na estrada, lá embaixo.

Cal, curioso, saiu da varanda para conferir e viu a carruagem metálica brilhando sob o sol pálido. Estava longe, mas realmente não havia cavalos puxando-a. Especulou se o rei mandara um de seus feiticeiros para o transformar em lagarto. Engoliu em seco e murmurou:

– Notícia ruim voa rápido... Pelo menos irei para a forca numa carruagem real.

– Não diga bobagens, Wiston – observou um dos homens. – Ninguém viajaria tão rápido.

Cal virou-se para ele.

– Eu sei, foi uma piada. Mas não me diga que acredita nessa história da tal mulher famosa?

– Aqui? – o homem riu e cuspiu no chão. – Provavelmente é algum condutor real que se perdeu da unidade. Bem, vou subir com os meninos e ver sua obra de arte no celeiro.

O amigo assentiu, tirando do bolso um pedaço de fumo e jogando na

boca.

– É a Vento Amarelo! – Dessa vez foi um dos filhos que falou, com um sorriso largo.

Cal já havia ouvido esse nome. Tocou nos ombros do menino.

– Vento Amarelo, você disse?

– Sim, é disso que estamos tentando falar! A própria Mirta Vento Amarelo está na Vila dos Porcos!

O pai das crianças soltou uma gargalhada e o amigo completou:

– Parece que hoje é seu dia de sorte, hein, Wiston? Se os boatos são reais, ela é capaz de te tirar dessa enrascada.

A porta da cozinha se abriu e Cal virou-se para trás. Illyna também vinha, atraída pela conversa.

– Do que estão falando? – perguntou ela. – De onde está vindo tanta gente?

– Bem... – Cal olhou mais uma vez para a carruagem se aproximando estrada acima. – Se os boatos estão corretos, parece que a tal Vento Amarelo está chegando. Mas claro, deve ser um engano, o povo daqui é muito fácil de se impressionar. Mas seria estranho, não? Afinal, o que ela faria aqui?

– Cal, querido... – Os olhos da esposa se iluminaram. – Conte tudo a ela! Não foi você quem botou fogo no celeiro, talvez ela possa descobrir o culpado!

Cal torceu os lábios e começou a limpar as unhas, sem nunca tirar os olhos da carruagem que subia.

– Illyna, não me diga que também acredita.

– Se for ela a tal Mirta – completou o empreiteiro –, esse é realmente seu grande dia, Wiston.

– É... – murmurou Cal, com um sorriso sem-graça. – Sorte...

A carruagem brilhante entrou na propriedade e as pessoas, maravilhadas, deram passagem. Agora não havia qualquer dúvida, *tinha* de ser a própria Mirta Vento Amarelo. Algumas esticavam os braços para tocar o metal, outras pediam para ser beliscadas, pois pensavam estar em um sonho. E não era para menos. Uma visita de Mirta Vento Amarelo nas terras ermas.

Ela encostou o veículo, desligou o motor e o escape-parou de soltar fumaça. Todos ficaram em silêncio. Ela ajeitou os óculos e olhou ao redor, e em seguida para cada uma das pessoas. Sempre mordendo uma mecha dos cabelos e com um sorriso no canto da boca. Cerúleo estava em seu ombro,

arredio e meio curioso. Ela saiu do assento e saltou para fora. Lançou um olhar para o casal mais próximo da varanda.

– Vocês são os donos? – Perguntou ela.

Cal piscava sem parar, limpava os olhos, como se estivesse vendo uma miragem. Illyna estava sem expressão.

– Então essa é a Vento Amarelo... – sussurrou alguém.

– Será mesmo? – resmungou outro. – Não me parece grande coisa.

Ela bateu as botas no chão, para sacudir um pouco a poeira e cruzou os braços. Ficou a um metro de Cal e Illyna.

– Desculpem-me, vocês falam minha língua?

– Ah, sim – engasgou-se Cal, limpando as mãos nas calças e voltando a cruzar os braços. – Perdão, o que era mesmo?

– Vocês são os donos do terreno? O que está pegando fogo?

Cal não respondeu. Não conseguia se concentrar. A carroça sem cavalos já era uma ideia assustadora o suficiente. Mas a famosa Mirta Vento Amarelo não era uma mulher. Era uma criança. Não devia ter mais do que onze ou doze anos.

3 – MIRTA VENTO AMARELO

Eu não pude presenciar essa cena, mas me contaram em detalhes. Dizem que o queixo de Cal estava quase no chão enquanto Mirta aguardava sua resposta, com os bracinhos cruzados. Ela batia os pés no solo e ele notou os sapatos de salto reforçado. Ela nunca saía de casa sem eles. Os longos cabelos loiros balançavam com a brisa, enroscando-se nos aros grossos de seus óculos. Formavam uma bonita mescla de cores, somados ao verde real de seu vestido com bordado cor de ouro. Algumas vozes flutuavam no ar numa mistura de fascinação e estranhamento:

– Mas é uma criança! – murmurou alguém.

– Não pode ser a verdadeira. Certamente não passa de uma admiradora infantil, imitando-a – rosnou uma mulher gorda.

– Todos sabem que ela é criança! – veio uma menina, em defesa.

Illyna, vendo o marido gaguejar, tomou sua frente e se prontificou a responder às perguntas de Mirta.

– Desculpe. Não somos os donos, e sim os caseiros.

– Muito bem – resmungou Mirta. – A comunicação foi iniciada com sucesso.

Illyna mordeu os lábios, sem graça.

– Bem, estamos muito assustados com o ocorrido, de modo que...

– Por que *assustados*? É somente um incêndio, não?

– O celeiro, ele... A produção do Sr. Joarque... – Illyna esfregava os dedos, procurando as palavras.

– Ela está tentando conversar com a mulher que não sabe ler – sussurrou um homem logo atrás da carruagem, mas Mirta fingiu não prestar atenção.

– Boa sorte para ela – respondeu outra mulher, rindo em seguida.

Mirta descruzou os braços, ajeitou os cabelos atrás da orelha e estendeu a mão para Illyna:

– Acalme-se. O celeiro, então, continha a produção de seu patrão, estou correta?

Um homem esquelético bradou, com as mãos em concha sobre a boca:

– Wiston colocou fogo na colheita anual! Está sendo expulso da fazenda!

Illyna fitou o rosto de Mirta, esperando ver algum sinal de comoção. Não veio nenhum. Ela apenas abriu a boca e continuou:

– Qual o seu nome, esposa do caseiro?

– Illyna, Srta. Vento. Meu marido é Cal Wiston. É verdade que pode nos ajudar?

– Illyna! – Cal a interrompeu. – Deixe a moça em paz, ela certamente não veio até aqui preocupada com nossos problemas.

– Está correto, Wiston. – encerrou Mirta, simplesmente.

– Cró!

– Cale-se, Cerúleo. – Ela virou-se para o casal. – Tenho pouco interesse em suas rugas com o patrão. Se decidiu ou não botar fogo, não é problema nosso.

– Mas Cal jamais faria isso! – Interveio Illyna. – Foi outra pessoa, para nos incriminar.

– Cró! Cró!

– Cerúleo, já disse que eu estou conversando, que coisa!

Cal abriu ainda mais a boca.

– Você está conversando com esse pássaro?

Mirta revirou os olhos.

– Por acaso essa pergunta é algum tipo de refrão por aqui? – Aprumou-se por sobre os sapatos de salto. – Viemos a esse abismo do mundo graças a um incidente. Entrou muito pó no motor da carruagem e precisamos de algum óleo de colênia. Alguém teria, por acaso? Eu posso pagar.

As pessoas começaram a cochichar e não poderia ter sido diferente. Ninguém ali jamais havia ouvido falar em um motor. Illyna novamente foi a primeira a responder:

– Temos um pouco, sim. Não podemos carregar o fogão, então não terá muita utilidade na estrada. Vou até a cozinha apanhá-lo para você. Não precisa pagar. – Mirta não notou autopiedade em sua voz. Ela estava oferecendo sinceramente.

– Espere – pediu Mirta, ensaiando o máximo de indiferença possível. – Se seu marido não ateou fogo no celeiro, quem o fez?

Cal chutou a viga de madeira que sustentava o telhado e grasnou em seguida:

– A’brim, o maldito, quem mais? O genro do Sr. Joarque, sempre criando intrigas para que eu me dê mal. Mas dessa vez ele foi longe demais!

Algumas mulheres pareceram espantadas com a revelação. Outras concordaram. Afinal de contas, Teoro era mesmo um bastardo perfeitamente capaz de tal feito. Mirta continuou:

– E você o viu fazer isso? Teria algo que pudesse incriminá-lo?

Cal enterrou as mãos no rosto e sentou-se de cócoras.

– Infelizmente não. Fui até sua casa essa manhã, para acordá-lo, pois havia dado falta de uma das ferramentas. Ele disfarçou bem, fingiu estar surpreso ao me ver, mas acho que foi só um disfarce bem elaborado.

Mirta ouviu atentamente as palavras e deixou os olhos baixarem até os pés de Illyna. Eram delicados e perfeitamente limpos, ao contrário dos de Cal. Ela pousou o indicador por sobre os lábios e o tamborilou por uns momentos, enquanto pensava. Em seguida, retomou a conversa:

– Como estavam os pés de A’brim quando o encontrou?

Cal pensou não ter entendido a pergunta.

– Como? Os pés dele?

– Wiston, não é uma pergunta difícil. Olhe para seus pés. – Cal obedeceu.

– Agora veja os de sua esposa. Seria fácil julgar que ela não deixou a casa essa manhã. Vou perguntar novamente: como estavam os pés de A’brim quando o encontrou?

Os olhos de Illyna se iluminaram. Vento Amarelo estava ajudando.

– Eu não sei, droga! – Cal esfregava os cabelos. – Nunca saberemos! Ele pode ter saído, voltado e lavado os pés.

Mirta riu.

– Você lavaria?

Cal pensou na temperatura da água aquela manhã.

– Não...

– Claro que não. Onde ele está agora?

Cal parecia um pouco mais desolado. Agora seria tarde para verificar os pés do maldito. Já deviam estar pretos de poeira. Devia ter pensado nisso antes.

– No terreiro de cimento, logo ali, na subida – mur-murou.

– Perdemos a prova dos pés então. Que sirva de lição para uma próxima vez, Wiston. Quando entrar em um ambiente, lembre-se de que todo ele se comunica com você, de alguma forma. Cerúleo, o que acha de darmos uma olhada no local?

– Cró!

Mirta se virou para subir a trilha. As pessoas abriram passagem, como se não fossem dignos de receber um esbarrão da famosa Vento Amarelo. Illyna encostou-se na mureta a tempo de perguntar:

– Por que está fazendo isso?

Mirta parou, mas não olhou para trás.

– Para agradecer pelo óleo.

– Cró! Cró!

– Bico calado, Cerúleo – grunhiu ela. – Está pedindo para ser depenado.

Chegando ao terreiro – seguida por todos os curiosos –, Mirta correu os olhos pelo local. Identificou três grandalhões espalhados, que julgou serem capatazes. Não pareciam saber fazer qualquer coisa a não ser resmungar e bater em gente mais fraca. Um homem magro, de meia-idade, com um bigode fino e irritante brotando debaixo do nariz, usava um pijama de tecidos finos. Estava acompanhado de uma mulher de beleza fascinante e olhar caído. A’brim e sua esposa, certamente. Um homem muito gordo, de bochechas avermelhadas, secava a testa oleosa com um lenço. Estava mais próximo de onde vinha a fumaça. Tinha também vastos bigodes e todo o topo da cabeça liso como casca de ovo. Uma solitária tira de cabelos corria ao redor das orelhas e sua expressão era de total desespero. Uma mulher duas vezes maior estava a seu lado, sentada em uma cadeira de madeira escura. Ela apontava o dedo para ele e reclamava o tempo todo, enquanto duas empregadas limpavam seus pés com lenços e uma bacia de água. Era dito na região que a esposa do Sr. Melfes Joarque adorava exibir seus luxos, mesmo nos lugares onde não eram necessários. Mirta entendeu imediatamente que havia alguém de ainda mais autoridade que o patrão naquelas terras.

Ela caminhou pelo cimento, em direção ao celeiro em ruínas. O piso, a essa altura, já estava bem seco, e o sol mais alto no horizonte. O velho Joarque empertigou-se ao ver sua figura e a esposa espantou as empregadas.

– Quem é você? – Perguntou um dos capatazes.

Os curiosos surgiram logo em seguida.

– Ei! – berrou Teoro. – O quem fazem aqui? Saiam já da propriedade, seus abutres! Não há nada para ver!

Uma criança saltitou na frente de todos, agitando as mãos, empolgada:

– Essa é a Vento Amarelo, ela veio solucionar o caso!

O Sr. Joarque abriu os braços no ar.

– Não me interessa quem é essa criança! Saiam já daqui, não há o que solucionar, seus lunáticos!

A esposa deu-lhe um tapa na mão e levantou-se.

– Cale-se, Melfes. Essa menina é muito famosa.

– Mas Fufu...

– Não me faça repetir.

Os olhos do Sr. Joarque se depararam com os da esposa. Estavam levemente semicerrados. Era o sinal de que falava sério. Ele deu de ombros e se afastou.

– Não posso acreditar no que vejo – disse a Sra. Fufu Joarque, levantando-se e ajeitando as dobras das roupas. – *Mirta Vento Amarelo* em pessoa?

Mirta jogou os cabelos para trás. Os óculos brilha-ram por um instante sob o sol.

– A senhora deve ser a proprietária. – Mirta sabia muito bem como funcionavam os vaidosos. – É uma propriedade adorável. Fiquei curiosa e de coração partido ao ouvir sobre o ocorrido dessa manhã.

A sra. Joarque enrubesceu levemente.

– Imagine só... É apenas um pedaço de terra. Salva-mos uma parte da colheita, afinal de contas. Mas não se preocupe, minha cara. O caso já foi resolvido e o culpado está sendo punido.

Mirta olhou à esquerda, onde havia muita fumaça. O celeiro já devia ter desabado por completo.

– Não tenho dúvidas, senhora. Se importaria se eu pudesse ver com meus próprios olhos a lástima causada pelo incêndio?

Teoro, ouvindo a conversa, passou a desvencilhar-se da esposa, para interferir.

– Quem é essa garotinha? – perguntou Zilda, enrolando o dedo pelos cabelos negros enquanto o marido se soltava de seu abraço.

– Uma intrometida chamada Vento Amarelo. – Ganiu Teoro. – Não vou deixar que meta o nariz onde não é chamada.

– Vento Amarelo? – refletiu Zilda. – Que nome estranho. Vento não tem cor.

– Querida... – Teoro respirou fundo. – Tente ficar quieta, sim? Por que não vai tomar um café? Ainda está meio frio.

Enquanto Teoro se aproximava, Mirta deu uma boa olhada em seus pés.

Os tornozelos estavam pretos de fuligem, assim como as sandálias. Mas ela não estava mais interessada nisso. Agora ela conferia o tamanho. A voz da Sra. Joarque a desconcentrou:

– Mas que belo par de óculos você usa. Comprou na capital?

Mirta segurou o aro num gesto instintivo. Esperava que a mulher pedisse para experimentá-lo, mas não pediu.

– Foi feito sob medida – respondeu ela, mais aliviada. – Preciso ler muito, a senhora sabe.

Foi quando Teoro chegou, quase se jogando em meio às duas:

– É uma absoluta honra tê-la aqui, Mirta Vento Amarelo. Infelizmente, não há mais nada de interessante para se ver. Como pode notar, o celeiro à sua esquerda é agora apenas mais um monte de cinzas.

Mirta o encarou por uns instantes. Seus olhos se divertiam enquanto encarava a mistura de expressões no rosto de Teoro. Ele certamente não queria que o caso se estendesse mais, mas não parecia ser um homem versado na arte de mentir, assim como Wiston. Ela resolveu fazer uma pergunta capaz de tirar o fôlego de todos os presentes:

– Sr. A’brim, por acaso colocou fogo no celeiro para incriminar o caseiro?

O local foi tomado por uma série de murmúrios indignados. Teoro quase caiu ao chão, o rosto era uma máscara de perplexidade.

– Do... Do que está falando? – guinchou ele.

A Sra. Joarque ficou mais ereta e prendeu a respiração, com interesse. O marido inflou as bochechas, irritado:

– Como ousa, sua pirralha? – bufou, com o dedo em riste.

– Cale-se, Melfes!

O velho deu um passo atrás, o rosto vermelho feito pimentão maduro. Mirta deixou escapar um leve sorriso e voltou a encarar Teoro.

– E então?

A boca de Teoro se mexia, sem emitir som, até que ele finalmente respirou fundo e respondeu:

– É claro que não! Foi culpa do imbecil do Wiston! Ele deixou que invasores nos atacassem quando deveria tomar conta do terreno!

Mirta o encarava. Ele não mentia. E isso deixava as coisas muito mais interessantes. Ela então colocou as mãos na cintura e se eriçou sobre as botas, fazendo uma pausa dramática. Todos se preparam para ouvi-la.

– Sr. e Sra. Joarque... Pode ser que tenham sido invadidos por um, dois,

ou um bando de ladrões. Devo dizer, porém, que acho qualquer dessas opções muito pouco provável. – Todos ficaram em choque. Teoro quase grasnou alguma coisa, mas se conteve, pois estava meio atordoado. – Uma dupla de ladrões levaria no máximo duas sacas, caso estivessem a pé. Nesse caso, não faria o menor sentido atear fogo em sua mina de ouro, não concordam? Se tiveram uma noite de sucesso, sem que fossem notados, seria de se supor que planejavam retornar.

Mirta conferiu se todos estavam prestando atenção e continuou:

– Antes que me interrompam, podem sim ter vindo com uma pequena carroça e um burro, mas o barulho seria consideravelmente maior. Nesse caso, não só Wiston poderia ter ouvido, como também seu próprio genro, o Sr. A’brim aqui. Isso, claro, sem mencionar os cachorros. Pelo tamanho do excremento ali no canto – ela apontou o dedo e todos acompanharam com o olhar –, há pelo menos um deles, bem grande, por sinal, vivendo aqui. Então, deixemos de lado a opção da carroça com um burro e falemos de pessoas a pé. Quando o senhor veio ao celeiro em chamas, sentiu falta de um volume considerável de sacas?

– Veja bem, eu... – O sr. Joarque olhava para a esposa e para Teoro, procurando auxílio.

– Responda, Melfes! – Ordenou a esposa, ameaçando dar-lhe uma bofetada.

O velho olhou para Teoro, que dava de ombros.

– Não sei dizer se faltava algum – respondeu, por fim.

Mirta ajeitou os óculos.

– Entendo perfeitamente. Num celeiro como aquele, onde deve caber entre sessenta e oitenta volumes, seria impossível não notar a falta de dez ou quinze deles, não concordam?

Eles balançaram as cabeças, concordando com relutância.

– Por isso eu descarto a possibilidade de um grupo grande. Por outro lado, três ou quatro volumes roubados poderiam passar despercebidos. Nesse caso, voltamos à estaca inicial. Não há motivos para se queimar a mina de ouro. – Ela passou as mãos para trás e começou a caminhar de um lado para o outro. O Sr. Joarque não se conteve:

– Mas pelas maldições, o que pode ter acontecido então?

Mirta sorriu.

– Estou muito interessada em descobrir, Sr. Joarque. Me permitiria dar

uma olhada de perto no celeiro?

– Claro que sim! – O velho pensou por um instante. – Hã... Nesse caso, está pedindo algum tipo de pagamento em troca?

– Me satisfaço com o desafio, Sr. Joarque. Mas vejo que o senhor fica numa situação desconfortável, afinal de contas. Caso o culpado não seja Wiston, seja por negligência ou má intenção, não há por que manter a punição, estou certa?

Fez-se um silêncio constrangedor.

– Wiston está acabado! – Berrou Teoro. – Como pode sugerir algo assim?

Mirta o ignorou e voltou a perguntar ao velho:

– Estaria interessado em revogar de sua decisão em troca da verdade?

Os curiosos estavam enfileirados lado-a-lado na beira do terreno, observando o trabalho de Vento Amarelo. Illyna, ansiosa, roía as unhas, à frente de todos, e Cal estava sentado. Queria saber como se desenrolaria a história, mas não podia-se dizer que estava otimista. O Sr. Joarque, por outro lado, estava louco para cruzar o limite e ver de perto, mas Mirta dera ordens específicas para que ninguém se aproximasse. Ela preferia trabalhar sozinha e em silêncio.

O celeiro tinha agora um metro de altura. Um amontoado de cinzas, café torrado e madeira. Ela se abaixou na grama e passou a conferir as pegadas. Havia duas marcas grandes e profundas e outra com as mesmas características, um pouco afastada.

Os três capatazes. Como eu pensei, ficaram a maior parte do tempo parados.

Uma série de pegadas menores, feitas pela mesma pessoa mostrava várias vezes o mesmo percurso da árvore até o celeiro.

Wiston resgatando as sacas.

Algumas marcas leves e menores se mantinham perto da árvore e da pilha de sacas resgatadas.

Illyna.

E as mais profundas, feitas por pés menores, sempre próximas às dos capatazes, compunham as do patrão. Viu também marcas dos pés compridos de Teoro. Em outro ponto, ela viu o local onde um dos capatazes levantara Cal no ar, como contaram. Ela contornou o celeiro procurando mais pegadas, mas não esperava encontrar nenhuma. E não encontrou. Suspirando, ela

olhou para o pássaro.

– Como eu suspeitava, não houve invasão, Cerúleo.

– Cró!

Ela olhou para Cal. Ele estava mastigando um broto de capim.

– Wiston! – Gritou ela. – Venha até aqui.

Cal se levantou para encontrá-la e o Sr. Joarque parecia se remoer por dentro. Devia estar se perguntando quais motivos Mirta teria para chamar um mero empregado, que certamente diria alguma bobagem e não daria as informações corretas.

– Pois não? – Perguntou Cal, se aproximando.

– Não houve invasão.

Cal deu um soco na palma da mão.

– Eu sabia! Claro que foi Teoro, o maldito!

– Também não. Teoro foi o que mais se manteve afastado do celeiro. Suas pegadas mostram que ele ficou o tempo todo ao redor do patrão.

Cal demorou um tempo para digerir a informação.

– Está sugerindo que pode ser algum dos capatazes?

– Não lembro de ter sugerido coisa alguma. Diga-me, onde começou o fogo?

– Onde... – Cal olhou para cima, tentando se lembrar. Pelo modo como seu rosto fechou-se em uma carranca, Mirta concluiu que talvez lhe desagradasse essas perguntas vindas sem aviso. – Pelo que me recordo, no telhado.

Mirta mordeu o lábio inferior e bateu os pés.

– Isso está de acordo com a quantidade de café perdido. Se o fogo começasse por baixo, teriam perdido toda a safra. Eu dei uma boa olhada na porta também. – Ela o chamou para mostrar. – Foi você quem a derrubou, não? Tomei a liberdade de arrastá-la das cinzas e examinar a tranca. Não há marcas de ferramentas de precisão. Ninguém tentou um arrombamento antes de você e isso nos sugere que não houve roubo, afinal. Havia algum buraco no teto de palhas?

– Pelo que me lembro, só a parte queimada.

– Como imaginei. Algo mais que valha a pena me contar?

Cal pensou por um instante e balançou a cabeça, negativamente.

– Então está dispensado.

– Cró!

– Certo! – Ele começou a caminhar, mas deu meia-volta e falou: – Não acho que tenha alguma relevância com o caso, mas... uma ferramenta de alumínio desapareceu essa noite. Uma espátula.

– Não vejo como pode ter relação com o fogo. Não foi Teoro quem pegou?

– Já pensei nisso. Terei uma boa conversa com ele mais tarde.

Ela o observou voltar cabisbaixo para o assento. Viu Illyna se aproximar, curiosa, mas ele não falou muito. Provavelmente não tinha qualquer esperança de ser readmi-tido no cargo de caseiro.

Mirta andou então até a árvore onde estavam as sacas e olhou para cima.

– Está ficando difícil, Cerúleo. Segundo Wiston e o patrão, o celeiro não era aberto há uma semana e isso faz sentido. Só armazenam café pronto para venda, um processo que demora algumas semanas. Todas as pegadas são dessa manhã, não há erro. Mas alguém ateou fogo no telhado, por uma razão que nos desafia.

– Cró!

– Se alguém subiu na árvore, deveria ter deixado marcas, mas não há nenhuma. Ainda que houvesse, a história careceria de qualquer sentido. O que pode ter sido, meu amigo emplumado?

Eles permaneceram em silêncio por um tempo, até que o pássaro agitou as asas.

– Cró!

– Não diga bobagens... Está falando sério? O vôo de um dragão pode ser ouvido a centenas de metros. Numa noite silenciosa, certamente teria deixado os animais em desespero.

– Cró!

– Mas já era dia. Os dois homens o teriam ouvido. Além do mais, e espero encerrar essa hipótese, uma baforada não teria chamuscado o teto do celeiro. O teria transformado em pó em poucos minutos, sem dúvida alguma. Olhe ao redor! Não há nada mais que tenha pegado fogo, certo? Precisamos aumentar o perímetro e procurar mais. Isso tem de ter uma explicação.

Cerúleo bateu as asas e deixou o ombro de Mirta, subindo para o céu. Ele deu algumas voltas e planou alguns metros na direção norte, quando começou a grasnar.

– Cró! Cró!

Mirta arregalou os olhos.

– Está falando sério? Estou indo em sua direção.

Ela atravessou alguns arbustos e uma faixa de capim quase da sua altura. Tudo verde, intocado pelo fogo. Franziu o cenho, irritada por ter ganhado alguns arranhões leves no rosto. Quando a relva ficou mais baixa, ela viu que estava em um pasto abandonado, a dez ou quinze metros do celeiro. O chão ao redor estava chamuscado em algumas áreas e havia um leve cheiro de fumaça vindo de algum lugar.

– Essa área pegou fogo... – Balbuciou ela, espantada. – Mas como ele chegou até o celeiro sem se alastrar? Melhor: como ele começou aqui?

Ela olhou para o chão e notou alguns filetes quase indetectáveis de fumaça.

– Cró!

– Estou vendo, estúpido.

Ela retirou os sapatos e tocou o solo com os pés descalços. A terra estava morna. Deu alguns passos aleatórios até que sentiu um aumento considerável na temperatura.

– Incrível. O chão está quente... Queimando por baixo!

Havia alguns buracos pequenos no chão, de um palmo de diâmetro, concentrados numa única área. Ela limpou os pés, calçou novamente os sapatos e foi até um deles. Sempre com passos lentos, testando a firmeza do solo. Viu no chão um graveto comprido e ressecado e o apanhou.

– Vamos medir a profundidade desses buracos.

Nesse momento, uma voz rasgou o ar, fazendo os cabelos de Mirta se arrepiarem na nuca.

– Pelas penas do faisão albino! – Era a voz do Sr. Joarque. – O que houve aqui?

Mirta o encarou, irritada:

– Sr. Joarque, eu disse para ficarem lá atrás!

Ele andava de um lado para o outro, tentando entender como aquela área separada havia pegado fogo.

– Eu não entendo... Nós não vimos nenhuma fogueira vinda daqui.

Mirta preparou o graveto.

– É porque não houve fogueira, Sr. Joarque. Não pise aí. O capim queimou de baixo para cima.

– De baixo...

– É como se o chão tivesse assado a vegetação. – Ela ajeitou os óculos e apontou o graveto para o solo. – Sim, é muito estranho.

O velho se afastou até pisar em grama verde nova-mente. Teoro surgiu atrás dele e, em seguida, Illyna e Cal. Mirta ergueu os braços, olhando para o alto.

– O que há com vocês?

– Cró!

Quando ela se preparava para cravar o graveto no buraco, Mirta pensou ter sentido um leve tremor no solo. Ela soltou a vara e se afastou, fazendo sinal com as mãos para que todos a imitassem. Foi então que o tremor se intensificou um pouco e um tufo de fumaça quente se ergueu no céu, levantando porções de capim em brasa. Todos olharam boquiabertos enquanto as fagulhas dançavam no ar e caíam novamente no chão. Mirta abriu um sorriso e olhou para os presentes.

– Já descobrimos como o fogo começou. Voaram faíscas até o celeiro depois de uma lufada como essa. – Ela olhou para todos, aumentando a expectativa. – A má notícia é que temos algo muito, muito estranho vivendo debaixo dos nossos pés.

4 – SILKAI E A PRINCESA LEONA

Ainda há muito a ser dito sobre o caso de Vento Amarelo na Vila dos Porcos, mas, por ora, desviemos um pouco do assunto. Preciso, antes disso, preparar as bases do relato falando um pouco sobre Tulma. Essa mesma, a capital que todos conhecem. Para os estrangeiros – ou quem sabe os que hibernaram até a idade atual – trata-se da capital dos Reinos do Norte. Uma cidade elevada das bases de um monte até seu cume, subindo em espiral numa saia de prédios e ruas de pedra, até se deparar com o castelo do rei, a imponente Fortaleza Pálida. Por toda a margem leste da cidade, precipícios de pedra lisa mergulham sem aviso nas águas do Mar Superior. Só existem duas formas de se adentrar nos domínios tulmenses: pela estrada principal ou pelo único porto, na saída nordeste. Ambas guardadas pela intransponível guarda, as tropas de rua e a Ordem Branca.

Tendo como pano de fundo esse cenário estonteante, inserimos na história a figura do próprio rei, ainda chamado na época de Silkai Crina-da-Alvorada – foi ele mesmo quem inventou de mudar o próprio nome, mas isso não durou muito tempo. Falaremos a respeito posteriormente.

Esse foi, talvez, o trecho – dentre todos do relato – mais difícil de ser compilado, pois as opiniões a respeito do regente real eram muito diversas. Havia em Tulma uma verdadeira divisão de opiniões, onde um lado o apontava como salvador máximo, líder supremo e inovador, visionário, dentre outras coisas. Outros preferiam vê-lo como um homem fraco, covarde, de ambição apagada. Eu mesmo tive pouco – ou nenhum – contato com Silkai, mas creio ter sido suficiente para formar minha própria opinião.

Era quase meio-dia e toda a cidade estava em polvorosa. As ruas apinhadas de papel picado, grãos de arroz e milho, fitas coloridas e músicos cantando rimas na praça. Os estábulos haviam sido limpos, todos deixados sem o menor sinal de esterco. Os cavalos de pelo lavado e escovado transportavam soldados em ronda, marchando pomposamente. Barracas de iguarias fumegantes eram postas lado-a-lado, cercando vias inteiras. Moradores humildes e pobres usavam suas melhores roupas por cima da pele suja e pegajosa. No anel inferior de ruas, próximo ao nível do mar, uma

chuva de pétalas cobria os ladrilhos de pedra por toda sua extensão.

Lá no alto da colina, onde assentava-se a região civil da capital, o *Salão de Interesses*, um prédio quase suplementar ao palácio branco, estava apinhado. Os três camarotes elevados quase vomitavam as pessoas que se acotovelavam e empurravam, lutando para ter uma chance de ver o acontecimento da década. Era o dia do noivado de Silkai. Tulma ganharia uma rainha, depois de anos de tentativas.

O próprio rei não andava bem e isso era nítido. Havia recebido, não fazia muitas horas, a notícia dos primeiros batedores, avisando que o navio da princesa já cruzara os domínios da capital. Seria a fusão dos reinos de Tulma e Pava, o país das Pontes Baixas, ao sul. Nesse momento, Silkai estava perdido em devaneios em seus aposentos reais. Conferia o estado das unhas das mãos, enquanto suas duas amas-de-crina seguravam as pontas de seus longos cabelos, de quase dois metros de comprimento. Uma vastidão de fios delgados, brancos e brilhantes. Uma terceira ama tratava de escovar cada mecha com uma escova de lã retangular.

Num descuido, uma das amas deixou que uma porção ínfima de cabelos caísse de suas mãos e tocasse o chão. As duas colegas levaram as mãos à boca, em espanto, mas Silkai não percebeu, parecia mais preocupado agora com os pelos dos nós dos dedos, que já começavam a nascer de novo. Se ele tivesse notado o desleixo da moça, seriam necessárias mais três ou quatro horas para refazer a lavagem.

– Acabaram? – perguntou ele, distraído, ajeitando a fina tiara de diamantes na testa.

– Os cabelos, sim, Majestade – respondeu a que segu-rava a escova, olhando de soslaio para as outras, que já haviam recolhido a mecha no chão.
– Ainda tenho de polir a túnica, se me permitir.

Ele abriu os braços e tombou a cabeça para trás.

– Andem depressa, por favor. Ainda tenho muito o que fazer, e os homens de Pava não são conhecidos por sua paciência.

– Majestade Silkai? – sondou a voz abafada do guarda, vinda do corredor.
– O novo mestre gostaria de esclarecer algumas dúvidas. Posso deixar que entre?

– Alguém me afogue em azeite quente – gemeu o rei, baixinho. – Esse homem é insuportável.

As amas tentaram disfarçar as risadas.

– Abra e deixe que ele entre! – ordenou Silkai.

O mestre de cerimônias entrou então no quarto. Era um homem magro, de meia-idade, com cabelos falhados e alaranjados, e também barbicha e bigodes pontiagudos. Usava um manto marrom com calças verdes e exibia um constante sorriso no rosto, como se suas bochechas houvessem sido esculpidas em pedra-sabão.

– Majestade Silkai Crina-da-Alvorada! – começou ele, com a impostação de voz irritante que o rei já conhecia. – Permita que eu me apresente formalmente, se é que isso é possível. Imagine, algo tomar forma em face do próprio rei branco. – Ele se virou para as amas, com uma piscadela. – A palavra *formal* implica *forma*, senhoritas, se permitem a piada.

– Não é necessário. – respondeu Silkai, sem abrir os olhos ou mover a cabeça. – Nos falamos ontem e, apesar de não parecer, ainda tenho a memória intacta. Podemos ir direto ao assunto?

– Pois não poderia ter dado ideia melhor, Vossa Majes-tade Lúrida. Venho no ápice de minha humildade dar meu parecer sobre os arranjos do banquete. Pelo que ouvi dizer nos corredores, o senhor optou por servir galletos na maçã e frutos do mar com alcaparras e azeite. Seria impossível protestar contra sua decisão, uma vez que ela só pode ser a voz dos deuses manifestada em seu glorioso corpo humano. Mas é de meu ofício e profissão ter a perspicácia para observar que essa pode não ser a melhor combinação para um evento de tamanha magnitude. Veja bem, senhor; já que os mariscos são leves o suficiente para uma digestão mais rápida...

– Qual é mesmo seu nome? – interrompeu-o Silkai. A voz seca como as areias do deserto.

O homem sorriu e fez uma vênica teatral. Se ficou incomodado com a interrupção, não demonstrou.

– É normal que tenha se esquecido, uma vez que tal mente brilhante certamente está ocupada o tempo todo com os mistérios indecifráveis do universo. Sou o mestre Fleros, Majestade. Graduado e instruído pelas mãos diretas de...

– Mestre Fleros, terá alguma dificuldade em conseguir os pratos que escolhi?

– Absolutamente não, Majestade. Não posso imaginar qualquer empecilho na aquisição de algumas centenas de galletos. Devo acrescentar, inclusive, que os frutos do mar foram pescados nessa mesma...

– Então o que estamos discutindo? – Silkai abriu os olhos e o fitou, sem expressão.

Fleros engoliu a seco e pigarreou.

– Absolutamente nada, Majestade Lúrida. Peço... permissão para continuar meu trabalho.

Quando Fleros saiu, Silkai aguardou um tempo até que ele se afastasse o suficiente. A última coisa que desejaria nesse dia era ouvir novamente a voz esganiçada do homem. O rei virou o pescoço para trás, conferindo se as amas seguravam firme seu cabelo no ar e sinalizou para que mandassem abrir a porta. Ele já passava pelos guardas e virava o corredor quando elas saíram do quarto, suspendendo seus cabelos.

No salão de refeições não foi muito melhor. Era um aposento largo e espaçoso, e a mesa enorme fora montada em forma de meia-lua, coberta de ponta a ponta com uma toalha branca de bordados azuis. Parecia ser capaz de acomodar duzentas ou trezentas pessoas. Todo o corpo de funcionários estava em pé, com as mãos postas atrás das costas, prendendo nervosamente a respiração enquanto o rei passava, acompanhado de suas amas. Ele olhava cada jogo de prataria e talher arranjado sobre a mesa. A cada passo, sua careta ficava pior.

– Não, não, não – resmungava ele, balançando a cabeça. – Não foi isso que pedi.

Um dos empregados arriscou:

– Mas, Majestade, os conjuntos com rubi são para trinta pessoas. Como poderíamos...

– Não me conteste, Stenn!

O homem baixou a cabeça enquanto o rei se aproximava dele, ainda falando:

– Planejamos o evento há mais de um mês e nenhum problema me foi apresentado. Eu listei desde o início os itens adequados para a chegada da princesa e só agora me dizem que não havia o suficiente?

– Eu sinto muito, Majestade. Deveríamos ter enco-mendado outras remessas. Sabemos da importância do evento.

Silkai agitou os braços e uma das amas quase tropeçou tentando evitar que seus cabelos caíssem ao chão.

– Não, não sabem! Essa será a coroação da primeira rainha-em-união nos

últimos três séculos. Será a primeira mulher no trono desde que minha mãe morreu!

Os empregados, em sincronia, levaram as mãos direitas na testa e inclinaram os joelhos, em memória da antiga rainha.

– Stenn – continuou o rei –, não deixe que estraguem tudo, é só o que eu te peço.

Quando o rei saiu com suas amas, os cozinheiros começaram a cochichar:

– Acha que ele se dará bem com essa? – perguntou um gordo. – Dizem que a última não aceitou os termos do casamento e foi mandada embora às escondidas no meio da noite.

– Eu pensei que ela havia adoecido – observou outro.

– Não, isso é o que querem te fazer acreditar. Se querem saber minha opinião, acho que o rei nunca se entenderá com alguém. Podem mandar vinte pretendentes e todas vão encontrar um motivo para nunca mais voltar.

– Não sei... – grunhiu uma colega desdentada. – Mas, de fato, ele anda com um humor muito tempestuoso nos últimos tempos. Uma rainha o fará bem, no fim das contas.

– Se tivermos sorte...

No momento em que o povo nas ruas começou a correr para as docas, sabia-se que era chegada a hora. Quando o sol começava a tomar para as montanhas, o navio avermelhado despontou no horizonte e a comoção foi absoluta. Curiosamente, quanto mais perto a embarcação chegava, mais a multidão se emudecia, como se tentasse ouvir as conversas vindas do convés. Como se já especulassem qual seria o tom de voz da nova rainha. Falava ela de forma aveludada, mesclando-se ao ritmo cadenciado de Silkai, ou seria uma matrona de timbre áspero e pragmático, formando com o rei um tempero agri-doce? Seria bela e imponente como as altas amazonas do sul, ou, quem sabe, teria a pele leitosa e aveludada de uma princesa das regiões geladas? Preferiria um povo obediente e adestrado ou se interessaria ela por cidadãos de pensamento livre e criatividade aflorada?

Quando já era possível ver o brasão de Pava nas velas do navio – um círculo vermelho envolvendo um círculo negro menor –, a multidão já lutava para não fazer barulho com suas respirações e farfalhar de roupas.

A princesa surgiu na balaustrada e olhou tímida para a população. Mesmo à distância, era possível distinguir nela alguns detalhes. Ela tinha os cabelos

vermelhos como fogo presos numa pesada trança. Era magra e esguia, exibindo sobre os ombros a elegância das grandes mulheres de comando. A túnica prateada, discreta, balançava ao sabor do vento, revelando uma silhueta firme e austera. A população geral julgou-a perfeita, mas tenho a impressão de que o fariam de qualquer forma.

Surpresa pela recepção, a princesa abriu um sorriso de dentes imaculados e acenou. Alguns murmúrios satisfeitos brotaram aqui e ali e, em poucos segundos, tornaram-se um coro animado de boas-vindas, com vozes retumbando dos quatro cantos do cais. Leona era seu nome. Filha do Rei Felix II, regente real de Pava.

Pouco depois, ela descia, apoiada pela tripulação, e era colocada em uma carroça real. Não teve muito tempo de conversar com a infinidade de pessoas, e limitou-se a lançar gestos e sorrisos, fazendo seu melhor para retribuir a simpatia que a ofereciam. Pouco depois, a carruagem começava a subir as ruas, puxada por dois cavalos brancos, e levada até a fortaleza de Silkai. A multidão seguiu, excitada, recebendo mais sorrisos e acenos da nova rainha. A escolta da princesa, composta por uma meia dúzia de soldados, todos vestindo armaduras de cor magenta, seguiu logo atrás.

A primeira formalidade seria o jantar em companhia do rei e sua cúpula política e mercantil. Silkai providenciou para que Leona e seus seis soldados recebessem os melhores lugares a seu lado quando chegassem. Infelizmente, ele não teria a chance de mostrar sua hospitalidade ao rei Felix, pois este estava em campanha militar nas terras secas do sudoeste e não pôde comparecer. Após o banquete de coroação formal, a princesa seria encaminhada para o Salão de Interesses, onde realizaria, junto do rei, a proclamação pública de sua união.

Silkai estava sentado no centro da mesa principal, com as mãos repousadas sobre ela. Suas duas amas seguravam seus cabelos logo atrás, sentadas em cadeiras de espaldar alto, com estofados revestidos em camurça. Dezenas de candelabros dourados ornavam toda a extensão da toalha bordada e, acima de suas cabeças, havia um lustre com quase o diâmetro de uma roda de moinho. Os bardos e atores, espalhados pelo salão, afinavam seus instrumentos. Os empregados do castelo, e também as copeiras, ajeitavam os uniformes novos com grande expectativa. Já era hora e o rei olhava para a porta sem piscar, esperando o momento em que Leona entraria. Já chegara a

seus ouvidos que ela era dona de beleza impecável e carisma contagiante, algo que ele só acreditaria vendo.

Ele quase teve um sobressalto quando bateram na porta do salão. Com um gesto da impecável mão, ele mandou que abrissem as folhas de pinho maciço, e foi então que ele a viu pela primeira vez.

Com uma mistura indecifrável de sentimentos, ele concluiu que não havia, de fato, exagero algum nos boatos. Leona era a definição da mais sublime perfeição. Os cabelos brilhantes, agora presos em um coque e com mechas soltas de forma atrevida sobre as orelhas, eram labaredas vivas. As sobrancelhas contornavam com delicadeza e personalidade os olhos grandes e inteligentes, de cor âmbar. O nariz, discretamente apontado para cima, e os lábios cheios num sorriso, seriam capazes de desconcertar qualquer mestre da oratória em uma tribuna. Preenchendo o salão com um bonito compasso, o corpo magro caminhou pelo salão com passos firmes e determinados, sem nunca perder o toque de quem respeita terras estrangeiras. Quando ela se aproximou do rei e fez uma reverência, entrelaçando os dedos, Silkai prestou atenção em suas unhas. Tinham um comprimento ousado, com as pontas arredondadas, e eram pintadas de dourado com riscos verdes.

– Majestade – disse ela, numa voz firme de contralto.

Silkai se lembrou de piscar e fechar a boca.

– Princesa Leona. – Ele se levantou abruptamente, mas as amas eram bem treinadas e não deixaram os cabelos escaparem das mãos. – Peço que perdoe a humildade com que a recebemos. Antes de mais nada, gostaria de dizer que é um imenso privilégio tê-la em nossas terras pela primeira vez.

Ela não podia ser real.

A princesa abriu então seu mais largo sorriso e estendeu a mão de unhas perfeitas para que o rei beijasse:

– A humildade mais estonteante que já me recebeu. Eu não me lembro de ter visitado um lugar mais bonito e alegre, Majestade.

O rei deu um beijo curto em sua mão e foi como se um bando de aranhas de patas compridas comesse a passear pelas paredes de seu estômago. Ele rapidamente acenou para seus empregados:

– Rápido, providenciem para que a princesa e sua escolta sintam-se em casa. – Lançou um olhar firme, mas não grosseiro para as copeiras: – E comecem a servir!

O mestre Fleros bateu duas palmas animadas e os bardos tocaram as

primeiras notas de abertura em suas rabecas e alaúdes. O banquete da nova rainha começava.

Silkai mostrou-se – para a surpresa dos que o conhe-ciam há anos – muito prestativo, durante toda a cerimônia. Servia a princesa com as próprias mãos e ela dava sinais de que se divertia com sinceridade. Quando a mesa acumulava sobras, ele ordenava para que rapidamente a limpassem e trouxessem mais comida. O vinho parecia nunca ter fim e não preciso dizer que, a certa altura, o rei começou a ficar com os reflexos um pouco alterados.

Em determinado momento, ele se levantou da mesa, nauseado e cambaleante. Quando tropeçou numa das cadeiras, metade de seus cabelos roçaram numa travessa gordurosa de galeto assado. Sem se importar, e já com o rosto tomando uma coloração amarelada, ele correu na direção da latrina, sem dar tempo para que suas amas a o acompanhem. No caminho, num dos corredores atapetados, ele esbarrou sem querer em um soldado alto e por pouco não foi derrubado no chão.

– Majestade, perdoe-me – disse o homem de voz familiar, acudindo-o com as mãos fortes. – Eu devia ter prestado mais atenção.

O rei, com um joelho encostado no solo, olhou para cima e deu um sorriso, recompondo-se. Os cabelos, espalhados de qualquer maneira, formavam um tapete branco no piso do corredor.

– Comandante Hillel! – Era um dos homens de maior confiança no reino, e que em breve sairia com um batalhão em uma importante missão. – Acho que bebi um pouco além da conta. Está gostando da festa?

– Acredito que essa é uma pergunta a ser feita a si próprio, Majestade. – Disse Hillel, com suavidade. Os braços dele não moviam-se um só centímetro, amparando o rei, que espalmava as mãos. – O *senhor* está apreciando tudo até agora?

Silkai apoiou-se nos ombros do comandante, e com lentidão, chegou bem perto do ouvido dele.

– Ela... é... linda – sussurrou ele, com um tom indecifrável.

Hillel o encarou de volta, com a expressão séria de quem já ouvira aquilo dezenas de outras vezes.

– Está certo disso, Vossa Majestade? – perguntou o comandante, quase implorando com a voz, mas sem perder a compostura.

Silkai girou sobre os calcanhares, fazendo menção de continuar andando, e o encarou, disparando na direção dele com o olhar. Por um momento, a cor

voltara a seu rosto.

– Extremamente linda, Hillel. – ele respirou fundo, mas sem parecer padecer-se muito. – Sabe o que fazer. Essa festa, infelizmente, terminará agora. Falarei com meus homens para que providenciem a viagem de volta.

O comandante fez relutantemente um gesto afirmativo com a cabeça.

– Entendido, Majestade... cuidarei para que a população seja informada sem quaisquer contratempos.

Sem dizer qualquer outra palavra, os dois se afastaram. As amas chegaram apressadas e levaram o rei até a latrina, para que vomitasse.

Já era quase noite quando o rei entrou no Salão de interesses, pelo anexo do castelo, onde seria feita a procla-mação para o público. As primeiras tochas e candelabros já eram acesos, lançando faixas de luz tremeluzente por sobre o piso banhado em cobre. A multidão havia sido mantida entretida com toda sorte de espetáculo circense e teatral, mas já não via a hora de receber o anúncio do noivado em pessoa. De um canto escuro, ele deu uma boa olhada no local. As arquibancadas centrais estavam absolutamente lotadas e os três camarotes superiores pareciam querer desabar a qualquer momento. Não seria possível inserir um bebê de colo na plateia, de tão acumulada.

– Queremos a rainha! – gritava alguém.

– Leona terá o reinado mais próspero de toda Virídea! – berrou uma mulher, já bêbada.

– O rei e a rainha! Que vivam eternamente!

Na tribuna central, uma passarela de velas foi acesa, anunciando a chegada do mestre-de-cerimônias. O juiz supremo, um homem de cabelos brancos cortados curtos, caminhou até o púlpito e o povo começou a aplaudir, excitado. O juiz ergueu as mãos, pedindo silêncio, até que finalmente começou o pronunciamento:

– População de Tulma e regiões periféricas – sua voz não exibia alegria, o que chamou a atenção dos ouvintes mais experimentados –, hoje é um dia de muito júbilo, pois recebemos para o banquete de noivado a princesa Leona, futura rainha da capital!

A multidão vibrou, tremendo as estruturas de madeira das arquibancadas. O homem continuou:

– Temos a promessa de uma união duradoura e feliz, como poderão ouvir do próprio rei. – Ele sinalizou com a mão e o rei foi escoltado pelas amas até

a tribuna, sob aplausos ensurdecadores. – Silêncio, por favor... silêncio. Devo dizer, porém, que as coisas não ocorreram essa noite como era esperado...

– De novo? – gemeu alguém, na plateia.

– Silêncio! – rosnou outro, na mesma fileira.

– ...O próprio rei Silkai tem algumas palavras que gostaria de compartilhar. Atenção, povo de Tulma! – O juiz ergueu a mão. – Todos em pé para o pronunciamento real de Sua Majestade, o Rei Silkai Crina-da-Alvorada!

O local foi tomado de completo silêncio enquanto o rei se encaminhava para tomar a palavra. As duas amas se posicionaram logo atrás, formando uma curva de aspecto dramático com os longos cabelos.

– Podem se sentar – comandou o rei a todos. – Antes de mais nada, quero agradecer a presença do sempre fiel povo da capital por ter dedicado as horas de seu dia em prol dessa celebração. O banquete de noivado foi um absoluto sucesso!

As arquibancadas tremeram em aplausos. O rei esperou até que terminassem, antes de continuar:

– Contudo, parece-me que os costumes da princesa, que vem de terras muito diferentes, não se alegraram com nossos modos no comer e beber. Aparentemente, ela se sentiu mal e está em repouso, sob cuidados médicos na própria câmara real.

– Oh, não – choramingou uma criança na plateia, levando, em seguida, um tapa de sua mãe.

– Quero reforçar a todo vocês – seguiu o rei –, que um incidente tão pífio não tirará o brilho dessa ocasião. Leona *será* a nova rainha, ajudando-nos a manter a sagrada linhagem que há tantas décadas protege e trabalha pelo povo da capital!

O local explodiu novamente em ovação. Vinham assobios de aprovação de um lado da câmara, palmas ensurdecadoras e um bater de pés ritmado em outro.

– Leona será encaminhada para suas terras essa madrugada, em total discrição, onde se recuperará sob a tutela de seu pai. Mas não deixem que seus espíritos se desanimem! Em trinta dias teremos a celebração do casamento. Tulma tem uma nova rainha!

A orquestra voltou a tocar.

Três dias após o pronunciamento real, numa madru-gada, Silkai descia, sem suas amas, e andava pelos corredores do castelo. Seus cabelos estavam presos com fitas de couro, de modo que não arrastassem pelo chão. Ele desceu uma escada em espiral, num corredor escuro e mal iluminado, contornou o quintal escuro, onde se deparou com uma porta com grades de metal, guardada por dois soldados. Sem dizer uma palavra, eles abriram a porta e se afastaram, dando passagem ao rei. Àquela hora, só se ouvia o cricrilar dos grilos e demais insetos noturnos. Um ocasional latido abafado vindo das partes mais baixas da cidade, mas nada mais. Ouvindo a própria respiração, ele deu em outro corredor, muito mais frio e escuro, onde as paredes eram repletas de tochas apagadas. Ele apanhou uma delas com as mãos, acendeu-a no caldeirão e enxergou o corredor da prisão. O túnel fazia uma curva à direita e era para lá que seguiria.

Passou por uma parede repleta de celas, a maioria vazia, e deparou-se com uma porta de madeira, do lado oposto do último cárcere. Desceu um lance de escadas até o subsolo, onde havia mais um guarda vigiando uma porta. O soldado fez uma reverência e também deu passagem ao rei, abrindo a porta para a saleta.

Quase que instantaneamente, veio um cheiro podre de sangue, urina e dejetos humanos, invadindo as narinas de Silkai. Ele fez uma careta e caminhou pelo aposento. Era uma sala pequena e sombria, as paredes frias e cheias de mofo, com duas celas de metal enferrujado num dos cantos. Ele caminhou até a mesa de madeira no centro e apanhou um candelabro com uma única vela acesa. Um vulto careca e magro se retorcia em uma das celas.

– Por favor... – choramingou a figura sofrida, com voz fraca.

Silkai ergueu a vela e caminhou até a grade, vendo de forma mais nítida o que restou da princesa Leona. Ela tinha a cabeça raspada, cheia de hematomas; o nariz quebrado e sangue seco colado sobre os lábios. Estava nua e parecia muito mais magra que o normal, era possível contar o número de suas costelas. Ao ver o rei, ela começou a chorar e agarrou as barras de metal.

– Tire-me daqui, por favor! Por que está fazendo isso?...

Silkai, que parecia não ouvir os lamentos, tombou a cabeça e olhou por um longo momento para as unhas dela. Estavam trincadas, as pontas dos dedos raladas, mas ainda exibiam um bonito brilho dourado. Ele sorriu e apanhou uma minúscula faca em sua cintura. A outra mão entrou no bolso e

retirou um molho de chaves.

– Achei suas unhas muito bonitas...

– Não! Não! Não! – Ela começou a se debater, sem forças.

– Muito, muito bonitas.

5 – RONCO, TREMOR E TERRA

– **D**o que está falando? – voltamos à voz do Sr. Joarque, que mesclava estupefação e pavor. – Existe uma criatura vivendo debaixo do solo e, ainda por cima, soprando fumaça quente?

– Bem – Mirta ajeitou os óculos com o indicador, impelindo-os pela ponte do nariz –, eu não disse exatamente com essas palavras, mas se essa é uma hora para especulações, o senhor começou bem.

– Comecei bem?! – berrou o velho. – Então está dizendo que é verdade? Você teria discordado caso eu dissesse alguma bobagem! Agora vejam só, não me faltava absolutamente nada! Um monstro no meu quintal! Como se meus problemas não fossem suficientes. Como hei de defender minhas terras? Eu preferia quando o único ser desastroso a me quebrar tudo era o patife do Wiston!

Cal bufou e projetou-se para frente, ainda que não fosse capaz de fazer nada, mas Illyna o segurou.

– Cal, não – sussurrou ela.

– Está se sentindo bem, Wiston? – provocou Teoro, exibindo um risinho jocoso.

– Ei, ei, ei... – Mirta tentava abrandar os ânimos. – Vamos com calma, todos vocês! Sr. Joarque, não fale assim, com um tom tão alterado. Dê-me ao menos um instante para pôr os pensamentos em ordem e...

Uma voz esganada veio de trás do Sr. Joarque, misturada aos estalos de capim alto se partindo.

– Melfes, do que estão falando? – a Sra. Fufu Joarque já suava com o esforço da caminhada. – *Monstro*, você disse?

Mirta começou a gesticular para que ela falasse mais baixo:

– Ninguém disse isso, Sra. Joarque. Por favor, volte para o terreiro, ainda há muito o que examinar.

– Cró!

– Cerúleo, tenha modos! – pediu Mirta, olhando cons-trangida para o pássaro.

O Sr. Joarque se posicionou triunfantemente ao lado da esposa.

– Fufu tem todo o direito de saber com o que estamos lidando aqui. Ela é tão proprietária quanto eu.

A Sra. Joarque fez menção de responder alguma coisa, mas apenas concordou, esperando que Mirta explicasse o caso. A detetive respirou fundo, aguardou um tempo, certificando-se de que não chegava mais ninguém, e começou a falar:

– O que houve aqui, é, de certa forma, simples e com-plexo, Sra. Joarque. Simples, pois foram necessários apenas alguns minutos para descobrirmos como começou o fogo no celeiro. – Ela apontava para as pequenas aberturas no solo. – Complexa por não entendermos bem a causa real. Eu suspeito veementemente que...

– Espere um pouco – cortou-a Fufu Joarque. – O que tem a ver esses buracos com o celeiro?

A última coisa que Vento Amarelo desejaria era ter de explicar novamente. Os arranhões em seu rosto começaram a arder de forma irritante. Ela mordeu um pouco dos cabelos e respirou fundo, contando até dez. Não havia chegado a sete quando ouviu passos pesados se aproximando, esmagando o capim.

– Está tudo bem aí, patrão? – Era um dos capatazes, preocupado com a demora. Mirta trincou os dentes:

– Desculpem-me, eu falei até agora em alguma língua morta? Se o fiz, me perdoem, por favor. Pensei ter sido clara quando pedi privacidade para trabalhar!

– Cró! Cró!

Todos se entreolharam, embaraçados, mas nenhum deles sugeriu que voltassem para o terreiro. Ainda mais depois de apenas alguns segundos, quando o chão começou a tremer violentamente sob seus pés.

– Pelas fases da lua! – a Sra. Joarque abafou um grito de espanto, sentindo as sobras de gordura do corpo sacudindo.

Em seguida, uma voz grave e monstruosa cortou o ar por uns instantes, gelando as espinhas de todos os presentes.

– Vento Amarelo, o que está acontecendo? – perguntou Illyna, com os olhos abertos ao máximo.

– Procurem ficar calmos – pediu Mirta. – Esse ruído é um ronco, posso afirmar com quase certeza plena. O tremor foi só um susto e era de se esperar, uma vez que a criatura parece ser grande. Mas não há motivos para

preocupação, pelo menos por ora. O que quer que seja, está dormindo profundamente.

– Como não poderíamos nos preocupar, sua charlatã? – rosnou Teoro, encolhido atrás do capataz. – Estamos falando de um monstro em nossa casa! Bem abaixo de nossos pés!

Eles tentaram ficar imóveis enquanto o ronco terminava. Um tufo de fumaça negra subiu novamente ao céu, soltando fagulhas flutuantes. Era ainda maior que o anterior.

– É um dragão! – berrou o capanga, fazendo menção de se retirar, mas ainda curioso para ouvir a explicação.

– Acredita em mim agora, Sr. Joarque? – provocou Cal, sendo censurado em seguida por Illyna.

– Cró!

– Não tão cedo, Wiston. Dragões não cavam buracos. Pelo menos nunca li sobre algum nos tomos da Biblioteca Branca. E garanto que não li poucos.

– Que outra explicação haveria? – provocou Cal. – Tudo leva a crer que seja um. Os ruídos, a fumaça, o tremor no chão. Não é verdade que, quando dormem, podemos senti-lo sob nossos pés a uma distância considerável?

Mirta cruzou os bracinhos brancos. Era muito dissonante sua diferença de tamanho para com o resto do pessoal.

– Já viu um dragão de perto, Wiston? Algum de vocês já viu?

– Um dragão... Em nossa propriedade – gemeu o Sr. Joarque. – Estamos perdidos.

– Cale-se, Melfes! – corrigiu-lhe a esposa. – Deixe a menina falar.

Mirta continuou:

– Um dragão não entraria num buraco tão improvi-sado. Vejam essas aberturas aqui – apontou – e aqui! Isso pode muito bem ser um túnel feito por um mamífero escavador e depois coberto por terra fofa. Ainda teríamos problemas para explicar os tremores e ruídos tão característicos dos monstros voadores. Se realmente se trata de um animal terrestre, eu também não saberia dizer qual deles.

– Cró!

– Sim, Cerúleo tem razão. Estamos mais próximos da primeira opção, mas eu falo sério quando digo que dragões não gostam de terra. Tais criaturas jamais se enterrariam no solo de livre e espontânea vontade. E não é possível que alguém mais o tenha colocado ali. A criatura não está presa, nem

sofrendo, pelo contrário! Está descansando.

Os homens e mulheres se encolheram, tentando formar qualquer raciocínio que fosse; afinal, a menina falava bem e era difícil contestá-la. Mas Mirta não estava satisfeita com a própria explicação. Ela colocou as mãos para trás e começou a fazer cálculos mentais, andando de um lado para o outro, enquanto os presentes aguardavam. Finalmente, após alguns minutos, ela virou-se para todos, dando de ombros:

– Preciso confessar que não posso ver de outra forma. Se isso for um dragão, é algo totalmente novo para mim, mas nem mesmo eu li tudo a respeito deles em enciclopédias. Passemos a tratar o indivíduo, então – ela bateu com o pé duas vezes no chão, como quem aponta para baixo –, como sendo um tipo novo, que vive na terra, ainda que isso não faça sentido em minha cabeça. Nesse caso, ele ainda seria um dragão, com características pertinentes à sua espécie.

– Para mim, faz sentido – observou Cal.

– Então é mesmo um dragão? – perguntou Teoro. – Por que não admitiu logo?

– Eu ainda não afirmei isso, A’brim. Mas se quiser trocar de lugar comigo, fique à vontade.

– Não seria impossível, Mirta – retrucou a Sra. Joarque. – E você, Teoro, fique calado se não quiser ajudar.

Mirta parou e deu uma boa olhada em cada um:

– Estariam dispostos a montar um plano de ataque enquanto ainda temos o elemento surpresa?

O Sr. Joarque engasgou com a própria saliva:

– O quê? Atacar um dragão? Está louca, garota?

Mirta inclinou-se para frente, provocando-o:

– O quê? Ficar para virar jantar de dragão? Está louco, Sr. Joarque?

Ninguém falou mais nada. Para um trabalhador rural, não havia diferença entre morrer e abandonar suas terras para serem destruídas. Fugir não era uma opção e Mirta sabia.

– Cerúleo, vá chamar o restante. Vamos precisar de toda ajuda possível. Esses seres são muito imprevisíveis.

– Cró!

Mirta estava no centro do círculo, bem próxima à região quente do solo,

mordendo os cabelos. Cerúleo, em seu ombro, olhava de tempos em tempos para o chão, com medo de levar uma lufada de ar quente nas penas. A seu redor estavam todos os homens capazes de segurar uma arma. Os outros dois capangas também chegaram e agora tinham nas mãos uma foice cada um, além de facões nas cinturas. Cal resolveu pegar uma enxada, pois para alguém que nunca estivera em combate antes, seria melhor ter em mãos uma ferramenta com a qual estava familiarizado, mesmo que no fim das contas não valesse de muita coisa. Teoro lamentava a falta de sua besta, que agora estava no chão, aos pés de Mirta, aguardando um novo dono. Os vizinhos curiosos fizeram questão de ajudar, claro – mais para ter uma história interessante para contar aos filhos que por altruísmo – e passaram as mãos em alguns porretes e enxadões. O outro capataz apertava firme o cabo de uma forquilha, com os nós dos dedos brancos de tensão. Todas as esposas e crianças foram mantidas no terreiro.

– Muito bem – começou Mirta. – Alguém aqui sabe atirar?

Um dos que vieram ao terreno por curiosidade, um homem baixo e magro, levantou a mão raquítica. Sua pele era morena e enrugada, como couro curtido, bem queimada pelo sol. Mirta o olhou de cima a baixo. Tinham quase o mesmo tamanho.

– Senhor, isso não é brincadeira. Por favor, não me diga que era o melhor atirador de estilingue numa área de vinte hectares. A partir de agora corremos risco de vida.

– Garota – resmungou o homem, com uma voz profunda como uma cisterna – fui comandante em primeira instância do quarto regimento na Guerra dos Sem-Caminho. Eu era o mais jovem do batalhão e treinei quatro unidades de artilharia. – O homem deu dois socos na perna esquerda. – Fui retirado depois de perdê-la em combate e sumariamente aposentado.

Mirta não viu mentira alguma em suas palavras e abriu um sorriso. O homem retomou, empolgado:

– Ainda sirvo para chutar traseiros com a perna postiça, mas os braços, minha jovem... esses jamais perderam seu valor.

O amigo do homem o olhava com espanto. Nunca soubera dessa história.

– Tirésio, pensei que fosse um maldito ordenhador de vacas!

O pequeno homem deu de ombros, com um sorriso tímido.

– Pois agora é hora de voltar ao combate, Comandante Tirésio – disse Mirta, apontando para a besta. – Terá a chance de se juntar ao seleto grupo de

homens capazes de ferir um dragão.

– Botarei o maldito para dormir com prazer – encerrou ele, mancando até a arma.

Mirta já ia dando continuidade quando ajeitou os óculos e viu uma porção de cabelos desgrenhados se movendo por trás de uma moita. Ela respirou fundo:

– Quem é o pai daquela criança? – perguntou ela, apontando com um graveto.

Todos os rostos se viraram para a moita. Um dos garotos estava bem escondido, tentando assistir sem ser percebido.

– Flus! – censurou o pai do menino. – O que pensa que está fazendo? Não mandei que ficasse com sua mãe e seus irmãos?

– Mas papai – choramingou ele, cabisbaixo, enquanto se revelava e esfregava o nariz –, mamãe disse que vocês vão caçar um dragão. Eu nunca vi um de perto!

– Ora – o homem cuspiu no chão –, não viu porque não quis. Quantas vezes o convidei para me acompanhar até as Montanhas de Trapos? Na próxima caçada eu o levo. Os malditos vivem sobrevoando aquela área.

Flus cruzou os braços atrás das costas e chutou uma pedrinha enquanto murmurava:

– E se não houver uma próxima vez?

– O garoto tem razão – falou rapidamente o capataz que segurava a forquilha, amedrontado. – Essa história está ficando perigosa demais. Essas terras não são minhas, por que tenho de defendê-las?

– Ei, seu grandalhão! – ganiu o pai da criança. – Não assuste meu filho! Se quer ir embora, vá logo e nos deixe trabalhar! Flus, meu rapaz, vá até sua mãe, como mandei, e fique lá tomando conta de seus irmãos. Vai ficar tudo bem.

O garoto assentiu com a cabeça, sem acreditar muito, e se afastou. Mirta o observou até que estivesse longe e em seguida virou-se bruscamente para o capataz:

– Pegue sua arma e dê o fora daqui.

– Mas por quê?

– Você não está em condições de ajudar, então volte para o terreiro, ou para sua casa. Como preferir.

O capataz gaguejou por um tempo, tamborilando os dedos pelo cabo da

forquilha, e conseguiu dizer:

– Eu não quero sair, só estou assustado. Meu irmão foi queimado num ataque de dragão quando eu era pequeno. Mas eu... vou ficar.

Mirta ponderou por um instante, enquanto o avaliava.

– Faça como quiser então, desde que se comprometa ao máximo. Não vou colocar ninguém em risco desnecessário. – Ela esticou as pernas para parecer mais alta e elevou a voz, de modo a deixar bem claras as próximas palavras: – Se alguém aqui acha a emboscada perigosa demais, pode deixar as armas e sair. Ninguém vai julgá-los. A partir de agora, lidaremos com uma criatura desconhecida, de certa forma. Ela pode ou não ser perigosa como imaginamos. Não vou mentir, estou fazendo isso por interesses científicos. Os donos aprovaram por razões óbvias e acho que qualquer um aqui faria o mesmo em suas terras. Sendo assim, aqueles que nada têm a ver ficam por livre e espontânea vontade, seja ela curiosidade ou empatia. Vou perguntar mais uma vez: alguém deseja desistir antes que eu monte um plano?

O capanga parecia sentir a mão coçar com vontade de levantá-la, mas manteve-se firme. Os outros se entreolharam, querendo saber primeiro o que cada colega decidiria, mas, no fim, ninguém se manifestou. Mirta assentiu com a cabeça e prosseguiu:

– Ótimo. Preciso que o ajudem a subir nessa árvore – Mirta apontou para um ipê ressecado, logo atrás. – Tirésio, sua tarefa será exatamente o que parece: atirar na criatura, enquanto houver necessidade. Os três capatazes são os maiores, então formarão um triângulo aqui, ali e ali. As foices são excelentes para se atacar as pernas. Apesar de os dragões serem desajeitados para correr, não queremos que ele atropele ou abocanhe alguém quando sair assustado. Você, da ponta, prepare a forquilha para o peito do animal. Não espere perfurá-lo, são duros feito pedra. Na melhor das hipóteses, você não sai ferido. – O capataz engoliu a seco e ela continuou, olhando em direção a Cal. – Wiston, você fica do lado oposto ao buraco por onde saiu a fumaça. Exatamente. É mais ou menos onde estará a cauda do animal, já que optou por uma enxada. Sinto que isso é o melhor que pode nos oferecer.

Cal resmungou algo como “Ótimo. Postas de rabo de dragão para o almoço”. Ou coisa parecida.

– E quanto a mim? – perguntou Teoro, desejando não participar.

Mirta nem se deu o trabalho de olhá-lo de volta:

– Você volta para o terreiro e cuide para que ninguém mais se aproxime,

principalmente Sr. e Sra. Joarque, que dariam um belo prato principal. Espere, mande Illyna vir até aqui, pois preciso de um último favor.

– Illyna? – Cal se alarmou. – Por que precisaria dela?

– Relaxe, Wiston. Não a colocarei em perigo. – Mirta observou Teoro se afastar e continuou o posicionamento. – Vocês quatro! Um porrete aqui do meu lado e outro ali, em cima da pedra. Um enxadão nessa seção do capim e também lá, onde há cinzas no chão. Entendido?

Os homens se movimentaram, procurando suas posições. Mirta os observou, ligeiramente – não completa-mente – satisfeita.

– Eu acho que não podemos fazer melhor, nas atuais circunstâncias. Concorda, Cerúleo? – O pássaro não respondeu, estava com muito medo para conseguir emitir qualquer som. – Lembrem-se todos: qualquer erro pode nos custar um braço, perna ou a vida. Quando eu colocar fogo no óleo, vocês terão poucos segundos para agir. Eu detesto isso, mas tenho de pedir que acertem o animal com intenção de abatê-lo, ou viraremos carne assada! Entendido?

– Óleo? – perguntou Cal.

– Sim. – Os óculos de Mirta brilharam em cima de seu sorriso. – Óleo de motor.

Quando Illyna colocou o balde de óleo nas mãos de Mirta, ela fez menção de ficar para assistir, mas não foi autorizada.

– Sinto muito, Illyna, é perigoso demais – disse Mirta, pegando a alça com as duas mãos e conferindo o conteúdo. Puro óleo combustível, altamente inflamável. – Espero que entenda. Wiston! Despeje isso naquele buraco, por favor.

Illyna passou pelo marido, deu-lhe um beijo no rosto e se afastou. Cal andou até a detetive, apanhou o balde com uma das mãos e coçou a orelha:

– Eu não entendo... você pretende colocar fogo em um dragão? Não pensei que isso fosse capaz de feri-los.

– E não é – respondeu ela, prontamente, apontando ansiosa para o buraco.

– Dragões têm o olfato muito sensível. O cheiro de óleo queimado envolvendo-o será capaz de desorientá-lo por completo. Por isso ele vai sair.

– Como pode estar sorrindo? – grasnou Cal. – Podemos morrer!

– Cró!

– Vê-los morrer queimados? Eu não teria tanta sorte – finalizou ela. –

Despeje aqui, por favor.

Enquanto Cal derramava óleo na abertura do solo, Mirta pediu que um dos homens acendesse um pedaço de palha seca e a trouxesse até ela. O homem obedeceu, deixou o fogo nas mãos da detetive e voltou para seu lugar. Mirta abriu os braços, como se gostasse de os deixar em suspense sufocante.

– Prontos?

Todos apertaram suas armas.

– Você não vai para o terreiro? – perguntou um dos capangas, preocupado.

– Eu não perderia isso por nada – disse ela, sorrindo, sem tirar os olhos do buraco. – Prontos?

– Prontos!

Mirta soltou a palha em chamas no buraco. Uma labareda se acendeu rapidamente, alastrando-se para o fundo. Em instantes, uma fumaça preta, de cheiro desagradável, começou a escapar pelas aberturas do solo. A criatura lá embaixo começou a grunhir, deixando todos apreensivos na superfície. Primeiro ele deu um gemido grave e abafado, depois rosnou alto e fez o chão tremer levemente. Blocos de terra começaram a se soltar e se partir, abrindo espaço cada vez maior. A criatura estava se engasgando, tentava sair.

– Preparem-se! – gritou Mirta, dando alguns passos para trás.

De repente saltou para fora uma espécie de animal de quatro patas. O dorso estava coberto por terra, de modo que à primeira vista era difícil distinguir detalhes. Mas uma coisa era certa: não havia ali um par de asas. A criatura lembrava um pouco um tatu sem o casco, porém, do tamanho de um bezerro e com as patas curtas. Na verdade, se parecia com qualquer coisa, menos um dragão, de fato. A cada instante, enquanto ela lutava pela liberdade na superfície, os queixos dos homens desciam mais e mais ao chão. E o sorriso de Mirta se abria até o limite.

– Desses eu nunca vi! – gritou Tirésio do alto de um galho, mirando com a besta.

– Não importa, ataque mesmo assim! – Cal deu três passos para frente, com a enxada erguida por cima da cabeça, e desferiu um violento golpe em direção à cauda do animal. Errou por pouco.

Mirta não prestava atenção ao combate que se iniciava e eu também não o faria, em seu lugar. O que ela poderia fazer, afinal? Estava muito mais

interessada em entender o que atacavam. A criatura era definitivamente um réptil; as escamas em suas patas dianteiras não deixavam dúvidas. O resto do corpo, porém, era algo inédito. Tinha o focinho comprido e dentes afiados brotando em uma boca nada modesta. À medida que a terra ia se sacudindo do corpo, Mirta viu que a criatura estava muito ferida. Tinha a pele cinzenta, mas toda ela parecia estar ensanguentada; o topo da cabeça, nuca – se é que podemos chamar assim –, dorso e cauda, como se tivesse sido esfolada em várias partes. Da cabeça pareciam subir dois chifres pequenos, serrados na base. Assim como nos ombros, logo acima das patas, havia dois chifres maiores, também cortados e ensanguentados. Parecia faltar um pedaço da ponta do rabo: ele terminava abruptamente, antes de se afilar.

Era definitivamente um lagarto gigante, mas não estava inteiro, isso era claro feito o dia. E também não parecia nada feliz com a recepção surpresa.

– Droga! – berrou Tirésio, preparando outro tiro, furioso. – Ele é rápido demais! Está indo na sua direção, grandão!

Mirta viu o capataz à sua esquerda erguer a foice enquanto a criatura investia em sua direção. Ele mal teve tempo de desenhar um arco com a arma e já era atingido no joelho com uma cabeçada violenta. Em um segundo, o capanga se retorcia no chão, acudindo o osso trincado. O lagarto emitiu um rosnado grave e se preparou para atacar o homem mais próximo, um dos que portavam enxadões.

– Que espécie de monstro é esse, Vento Amarelo? – bradou o capataz da direita.

– Estou trabalhando nisso – respondeu ela, simples-mente, enquanto se afastava com passos para trás. Cerúleo já não era mais visto, estava enroscado na cascata de cabelos loiros da detetive.

– Então trabalhe com mais afinco – resmungou Cal, tentando cuidadosamente seguir a criatura. – Ele derrubou o maior de nós com uma cabeçada! Imagine se resolver nos morder!

– Tirésio, atire! – pediu o próximo alvo, apertando o enxadão contra o peito.

Tirésio posicionou o joelho da perna boa de modo a ficar mais alto e apoiou nele seu cotovelo. Com a besta mais estável, disparou outra vez, antes que o monstro encostasse no colega. O tiro acertou de raspão no dorso machucado e o lagarto berrou de dor, rolando na terra.

Mirta deu uma boa olhada na barriga do animal caído. Tinha as escamas

douradas e espessas.

– Você o pegou, pernetá, seu maldito! – comemorou o capataz da ponta, sacudindo sua forquilha.

O lagarto urrou, com voz furiosa, ainda caído ao chão. Abriu a boca ligeiramente e um fio de fumaça começou a escapar, ficando cada vez mais espesso.

– Tirésio – pela primeira vez, a voz de Mirta parecia preocupada de verdade –, desça da árvore, agora!

O velho pernetá olhou para a boca do animal e entendeu. Mas não tinha tempo de descer galho por galho, então saltou direto no chão, estatelando-se. Um instante depois, uma bola de fogo atingiu em cheio a árvore, espalhando pelo capim uma constelação de fagulhas.

O homem que segurava o enxadão aproveitou para mirar um golpe definitivo na cabeça do lagarto, mas não foi rápido o suficiente. Quando percebeu, já sentia a cauda batendo em sua canela e trincando seus ossos. Caiu sentado no chão, gritando de dor.

– Eu vou dar o fora daqui! – declarou um dos homens, largando o porrete e correndo para longe.

Nesse momento o fogo já começava a se alastrar pelo capim seco. Cal não viu o homem fugir. Conseguiu apenas dar um passo para trás quando percebeu que era o próximo. E a criatura o encarava, furiosa, rastejando como um predador.

– Agora, grandalhão! – bradou Mirta para o capataz da forquilha. – Ele está de costas para você, acerte-o antes que percamos mais um!

O capataz não movia as pernas. Olhava para Cal, prestes a ser atacado, e também para o homem que corria da luta. Parecia tentado a fugir também.

– Depressa, seu inútil! – insistiu ela. – Enfie esse maldito garfo na cauda do animal!

Cal tentava se afastar do modo mais cauteloso possível, quando seu calcanhar encontrou uma pedra redonda, fazendo-o tombar de costas no chão. O lagarto passou a língua comprida pelo focinho e roncou de forma ameaçadora. Armou os membros traseiros e já ia saltar no peito do caseiro, quando se retorceu e urrou, rolando no chão. Uma das setas de Tirésio cravara-se fundo em sua pata.

– Mais um na minha conta – disse o velho, apoiado sobre os cotovelos, preparando outra seta.

– Acabe logo com o desgraçado! – grunhiu Cal, caído.

Tirésio disparou mais duas vezes. O primeiro tiro atingiu a criatura na barriga e a flecha se partiu em duas. O segundo perfurou uma das patas dianteiras. Ela começou a berrar alto, sacudindo o pescoço e tentando se levantar. Mirta observou atentamente. Entendeu que o monstro precisava de um tempo até ser capaz de atirar fogo outra vez. Estava acabado.

Mas a vida é como água, meus amigos. Não existe espaço que ela não tente, com todas as forças, preencher. Num dia de estranheza ímpar, onde as coisas não poderiam ficar mais inexplicáveis, ela encontrou uma greta bem no fundo de nossa ignorância. Onde nos sentamos em uma banquetta de inocência, achando que sabemos algo. Mirta viu a roda de homens se fechando em volta do lagarto. Estavam prontos para abatê-la a sangue frio e terminar de uma vez com aquele fatídico evento.

Então ele começou a falar.

– Por favor, não me matem! – Sua voz era limpa e grave, como a de um barítono.

Os homens pararam de se aproximar, estavam novamente de queixo caído. Cal se levantou e apanhou sua arma, sem tirar os olhos do animal. Mirta piscou várias vezes, pensando se não estava vendo coisas. O lagarto abriu a boca e falou novamente:

– Eu não vim aqui fazer mal a ninguém. Só tentava me recuperar dos ferimentos.

– Um lagarto falante... – gemeu um dos capatazes, deixando sua arma cair no chão.

– Como isso é possível? – perguntou o amigo de Tirésio, esfregando os olhos.

O velho, porém, não dava indícios de que caía na conversa da criatura e deixou a besta apontada bem em direção à sua cabeça.

Mirta se aproximou, sem medo. Cerúleo já parecia também mais tranquilizado.

– Como pode existir um animal falante? – perguntou ela, com legítimo interesse.

– Cró!

O lagarto fez uma careta de dor ao tentar se ajeitar numa posição melhor:

– Nossa espécie sempre falou. Dominamos nosso idioma, assim como o popular, usado por vocês, dentre outros. Dominamos muitas outras coisas, de

fato, mas nossa relação com os humanos nunca foi amistosa. Poucos foram os que tiveram o privilégio de ouvir nossa voz. – Suas palavras saíram magoadas: – Sinto-me pesadamente humilhado em face de tal necessidade. Qualquer outro em meu lugar teria preferido morrer.

– Sua espécie, você disse... – prosseguiu Mirta – que espécie seria essa? Nunca vi nada parecido. Imagino que tinha, antes dos ferimentos, alguns pares de chifres, um revestimento dorsal mais espesso, pois você foi claramente esfolado vivo!

O lagarto grunhiu, com amargura:

– Não sou sequer uma sombra do que fui. Uma criança como você seria um verdadeiro gênio se pudesse me identificar em meu estado atual.

Mirta sentiu a veia em sua testa saltar discretamente. Mas foi interrompida antes de retrucar:

– O fogo! – gritou Cal. – O fogo está alcançando a lavoura!

– Era só o que nos faltava... – choramingou um capataz, colocando as mãos na cabeça. – Amarrem o lagarto com uma corda e depois decidimos o que fazer com ele! Precisamos apagar o incêndio, antes que o Sr. Joarque veja!

Mirta olhou para a plantação. O fogo atingia em cheio as primeiras fileiras, que ficavam por sobre um barranco baixo.

– Rápido! – orientou ela. – Apanhem as foices e qualquer objeto afiado. Cortem a segunda fileira e atirem os pés para longe, antes que o fogo a alcance. Isso vai impedir que se alastre. Depressa, andem!

– E o lagarto? – perguntou Cal.

– Não sou um lagarto e meu nome é Brinaff. Gostaria de ser chamado assim, por gentileza.

– Ele não vai a lugar algum – ameaçou o velho, apontando a besta em seu rosto. – Se tentar qualquer movimento, o deixarei parecido com uma peneira.

– Cró!

– Parece tentador – Brinaff se deitou, apoiando o queixo no solo –, mas, de qualquer forma, mover-me não está nos meus planos por enquanto.

6 – O DESTINO DE BRINAFF

Cerca de meia hora mais tarde, chegava o Sr. Joarque ao local. Na verdade, chegava todo mundo, pois é impossível conter um grupo de mulheres e crianças curiosas. Boa parte da pastagem que ligava a baixada com a lavoura havia se transformado em uma estrada de cinza fumegante. Quase toda a primeira fileira de pés de café fora perdida no incêndio. A segunda fileira também foi abaixo, na tentativa – e sucesso – de se salvar o restante da quadra. O velho andava de um lado para o outro, agarrando o restante do cabelo branco:

– Pelas quatrocentas misericórdias! Eu me ausento por alguns minutos e destroem toda minha fazenda! – virou-se para os capatazes, o rosto explodindo: – Vocês três, seus imbecis! Eu devia mandá-los como escravos para as Ilhas Carcereiras. Por que ainda não cortaram a cabeça desse monstro fedorento?

Brinaff, ainda com o rosto encostado no chão, abriu um dos olhos, fungou e continuou cochilando. Teria dito que eles eram todos mais fedorentos que ele, mas estava cansado demais para isso.

– Concordo que são imbecis, Sr. Joarque, mas a culpa não é deles – falou Mirta, erguendo a voz ao máximo. – Fui eu quem provocou a saída do lagarto.

– Eu já disse que não sou um lagarto.

O Sr. Joarque teve um sobressalto. Ainda não havia ouvido a voz de Brinaff.

– Ele fala! Esse monstro demoníaco fala!

Brinaff lançou-lhe uma piscadela:

– Também canto *O Poema das Rainhas Vermelhas*, mas não o farei para você, claro.

– Melfes – gritou a Sra. Fufu Joarque, fingindo não estar espantada com toda a situação –, deixe a moça explicar!

– Não há o que explicar, Fufu – retrucou o velho. – Vamos abater logo esse infeliz e seguir com a vida. Há muito o que se consertar nessa fazenda, graças a essa corja de incompetentes. Andem, tragam um facão e cortem logo

seu pescoço, antes que continue falando.

– Cró!

Mirta deu um salto à frente:

– Espere um momento aí, ninguém irá abater nin-guém!

– Deixem que me matem, criança – respondeu Brinaff, com legítima indiferença. – Contanto que não me encostem essas mãos imundas. Eu deveria ter morrido há algumas noites, quando me pegaram.

– Fique calado, Brinaff – Mirta apontou o indicador em seu focinho –, estou tentando te ajudar.

Tirésio grunhiu algo ininteligível e apertou a besta contra o ombro:

– Eu não confio nesse animal. Melhor sair daí, mocinha. Sinto que a qualquer momento vou precisar apertar o gatilho.

– Então encha-o logo de furos! – berrou o Sr. Joarque.

– Cró!

Cal ameaçou dizer qualquer coisa, mas um dos capatazes o empurrou para o lado, segurando uma generosa viga de madeira:

– Deixe que eu esmago a cabeça desse dentuço com uma paulada.

Brinaff fez uma careta e encostou novamente o queixo no chão, desolado:

– Paulada não... Elas nos deixam zonzos e nunca matam.

– Acabe com ele de uma vez! – ordenou o velho Joarque, sacudindo os braços.

– Cró! Cró!

Em questão de segundos, o local se transformou em uma verdadeira turba. As mulheres pedindo para que acabassem logo com a vida de Brinaff, pois assim voltariam para as suas, e as crianças torcendo pelo animal, em apoio a Vento Amarelo. Mirta saltava de um lado para outro, interpondo-se na frente de quem o ameaçasse, tentando argumentar, mas a verdade é que ninguém estava ouvindo ninguém. Em determinado momento, até o veterano Tirésio largou a besta no chão e sentou-se para preparar um chumaço de fumo em seu cachimbo. Depois de quase ficar rouca, Mirta conseguiu ser ouvida:

– Eu pagarei pelos prejuízos! Estão me escutando?

O sr. Joarque se tornou todo ouvidos. Fez sinal para que os outros se calassem e foi obedecido.

– Não entendi direito o que disse, poderia repetir?

– Eu levo Brinaff comigo – continuou ela – para estudos acadêmicos. Se necessário, o apresentarei ao próprio rei Silkai, para que financie alguns

experimentos. Na minha expedição de volta, eu poderia passar novamente pela Vila dos Porcos e deixar parte do dinheiro para contenção de danos. Mas não posso deixar que abatam um espécime que sequer conhecemos!... Como cientista, isso seria inadmissível! Se tem qualquer consideração pelo meu trabalho, Sr. Joarque, peço que aceite a proposta.

– Cró!

O velho estava exausto. Sua roupa, empapada de suor. Mas, por mais que desejasse acabar com a vida de Brinaff, Mirta o atingia no ponto fraco.

– Aceite logo, Melfes – ordenou a esposa.

– Bem, srta. Vento Amarelo... – ele procurava com dificuldade as palavras – claro, tenho imensa consideração e admiração pelo que faz. – Certamente ele não tinha nenhuma. – Aceitarei sua proposta, mas não o farei pelo dinheiro, e sim por tentar entender a importância que dá para o assunto.

As crianças pularam e gritaram em comemoração. Não tenham dúvidas de que depois disso a história se espalhou rapidamente por todo o distrito, deixando o nome de Vento Amarelo ainda mais brilhante. Benditas crianças... As mães, por outro lado, resmungaram, torcendo os rostos, e prepararam-se para ir embora, dando ordens aos maridos. Foram deixando a fazenda aos poucos, casal por casal, até que sobrassem somente os donos, os capatazes, Cal, Illyna e Mirta. Teoro já devia estar em casa, contando à esposa sobre como ele enfrentara uma criatura falante que cospe fogo.

Brinaff não viu nada disso. Apenas dormia.

Mirta despejou até a última gota de óleo de colêmia na abertura do motor. Devolveu o pote para Illyna, que sorria sem parar.

– Obrigada, sra. Wiston. Se não fosse pela senhora, estaríamos presos na poeira e andando a pé.

– Cró!

– Tem razão, Cerúleo. Melhor não comemorar antes da hora.

Ela fechou a tampa metálica e caminhou até o assento do motorista. Sentou-se no banco de couro, levantando uma fina nuvem de poeira, e puxou a alavanca de ignição. O escapamento soltou um pouco de fumaça preta, engasgou duas ou três vezes e, enfim, funcionou com perfeição. Ainda com o motor ligado, Mirta desceu novamente do veículo.

– Vamos deixá-lo esquentando um pouco – explicou ela, apontando para trás com o polegar.

Cal estava sentado na mureta com um sorriso tímido no rosto. Tinha um chapéu de palha fazendo sombra em seus olhos, mas Mirta sabia o que estavam escondendo. Adiante e Sequencina estavam deitados a seus pés, final-mente mais calmos. Illyna, sempre exibindo os dentes perfeitos, limpava os olhos marejados a cada cinco segundos.

– Tem certeza que não quer comer um bolo ou tomar um café, Mirta?

Ela estava faminta, mas sabia que Cal e Illyna tinham muito pouco.

– Te agradecemos muito, sra. Wiston. A verdade é que Cerúleo e eu comemos não faz muito tempo.

– Cró! Cró!

– Cerúleo... – sussurrou ela.

– Não precisam falar mais nada – Cal saiu da mureta e se dirigiu à entrada da cozinha. – Esperem aqui os dois. Não você, Adiante, a garota!

– O que ele vai fazer? – Perguntou Mirta.

– Provavelmente embrulhar algo para que levem na viagem – disse Illyna.

– Uma broa quente de milho faz maravilhas nesse clima fresco.

Mirta abriu um largo sorriso. Deu um peteleco em Cerúleo e falou:

– Vá buscar o volume de capa flexível. Aquele preso com as tiras.

– Cró!

Cerúleo voou até a carruagem metálica, abriu uma valise e retirou um livro pequeno, trazendo-o até as mãos de Illyna. Ela apanhou o volume e folheou, sem entender o que estava escrito.

– O que é isso?

– É para você – respondeu Mirta, mordendo os cabelos. – É uma cartilha, vinda da biblioteca branca. Tem o melhor método de aprendizado acadêmico de Virídea. Foi por meio dela que aprendi a ler.

Illyna corou. Segurava o livro como se fosse um objeto importante demais para ficar em suas mãos.

– Mas... Não posso aceitar, é...

– Estou com ela há anos e nunca devolvi – interrompeu-a Mirta. – Eu ia fazê-lo agora, mas acho mais proveitoso dizer que o perdi. Terá mais utilidade em suas mãos do que abandonada numa prateleira poeirenta. Mas não tente usá-la sozinha! Peça a Cal para que a ajude. Assim, nunca desanimará.

– Eu... eu não sei o que dizer!

– Não diga nada.

De repente a conversa foi interrompida pela voz grave de Brinaff, vinda da traseira da carruagem:

– Oh, não! Onde está?

Mirta torceu os lábios. Não esperava vê-lo acordado tão cedo.

– O que foi, Brinaff? Volte a dormir, temos muita viagem pela frente.

– Você não entende, criança. Não posso ir a lugar algum sem minha bolsa. Não a viu, por acaso? Provavelmente ficou enterrada no local onde me encontraram.

Minutos depois, Cerúleo voltava com uma bolsa de veludo escuro. Era pequena, como um punho fechado, e parecia vazia. Mirta fez um sinal negativo com a cabeça enquanto recebia de Cal os pedaços de broa embrulhados em papel.

– Todo esse alvoroço por uma bolsinha vazia – res-mungou ela.

– Deve ser coisa de lagartos falantes – riu Cal. – Mirta... Quer dizer, srta. Vento Amarelo, eu gostaria de... quer dizer, Illyna e eu gostaríamos de agradecer por tudo que...

– Ei, deixem disso – Mirta também não gostava de despedidas. – Não se esqueçam que eu voltarei um dia para acertar as contas com o sr. Joarque. Até lá, Cal, comporte-se!

– Cró!

Brinaff botou um olho para fora da traseira:

– Desculpem-me por... enfim, vocês sabem.

Sem mais cerimônias, Mirta subiu na carruagem e dirigiu estrada abaixo. Cal e Illyna permaneceram abraçados, olhando o carro metálico se afastar, enquanto filetes de fumaça voavam do escapamento. Illyna imaginava que letras estariam formando no ar, todas aquelas linhas de fumaça, e esperava ansiosa pelo dia em que saberia identificar uma por uma.

Quando a carruagem não era mais vista, o casal se recolheu para dentro de casa, pois ainda tinham de recolocar suas coisas no lugar e preparar o almoço atrasado. Fora uma longa manhã.

Não muito longe dali, a carruagem era estacionada ao lado de um renque de árvores:

– Cró!

– Cerúleo, não roube do meu! – grasnou Mirta. – Você recebeu um igual!

Veja o que fez, seu papagaio azul! Espalhou migalhas por todo o banco!

Ela se apoiou no manche e virou-se para trás, olhando por cima do assento:

– Brinaff, tem certeza que não quer ao menos provar?

Ele fungou, sentindo o cheiro de milho cozido, e torceu os lábios.

– Eu não suporto o cheiro, se quer saber. Nós não comemos vegetais, lembra-se?

Mirta já suspeitava. Começou a desconfiar há um tempo atrás, na luta, quando ela deu uma boa olhada nas escamas da barriga dele. Agora só precisava de um blefe para confirmar:

– Sim, sabia, estava apenas provocando – falou ela com firmeza na voz e um sorriso na boca cheia de farelo. – Dragões comem carne.

Cerúleo arregalou os olhos e arrepiou os pelos. Brinaff ficou absolutamente estupefato. Certamente daria, agora, atenção ao que dizia aquela garota.

– Como sabe? – Ele meneou a cabeça, olhando para os machucados do próprio corpo. – Estou irreconhecível!

Mirta limpou a boca e ajeitou os óculos, preparando, como de costume, algum tom de voz pomposo:

– Bem, por ora só posso dizer que estou interessada em saber como funcionam as asas de um dragão e como você perdeu as suas. Elas obviamente não estavam coladas ao seu esqueleto, ou você estaria morto. Pode me contar a história quando se recuperar dos ferimentos.

Brinaff piscou algumas vezes, em sequência.

– Eu... eu... estou impressionado. Como pode uma criança ser tão esperta?

Os óculos de Mirta reluziram quando ela jogou os cabelos para trás:

– Não sou qualquer criança. Sou Mirta Vento Amarelo.

7 – SOBRE YANENNA E AS GELEIRAS

Vou compartilhar um breve resumo do relato do mundo. Aspectos ímpares da história, conhecidos apenas por seres de importância indescritível e uma meia-dúzia de humanos. Que os céus me permitam fazer bom uso de toda palavra sagrada que aprendi.

Ora, quando o mundo era apenas uma esfera disforme e sem cor, o Arquiteto Divino, Olun-Ilyr, resolveu chamar seus quatro filhos: Shanda, Okkon, Bumara e Yanenna, criaturas muito poderosas à sua maneira, e de personalidades aguçadas.

Os eruditos descreviam Olun-Ilyr como sendo um ser de aparência excepcional. Não se parecia com qualquer animal que conhecemos. Seu corpo era pequeno, muito menor que o dos filhos, e sua cabeça tinha o mesmo tamanho do resto do corpo, com dois grandes olhos negros e opacos ocupando quase metade do rosto. Sua boca era um corte reto e estreito, sem muita expressão. A pele parecia enrugada, tinha uma leve cor azul-cinza e lembrava a couraça de um rinoceronte, com aquelas pequenas protuberâncias saltando na testa e no cocuruto liso. Ainda assim, sua aura emitia calor e paz – dizem as lendas antigas que se o Arquiteto o encarasse, o tempo literalmente pararia, e com ele toda dor e mazela que talvez trouxesse consigo. Em volta de seu corpo saltavam todas as cores imagináveis, numa variedade dezenas de vezes maior que a do arco-íris. Seus braços, sempre cruzados, assim como o resto do corpo, eram cobertos por uma grossa manta dourada, delicada como o cetim e pesada feito chumbo.

Ao ver os filhos reunidos diante de seu pilar de meditação, ele ergueu satisfeito uma das poderosas mãos e declarou:

– Tenho-os por filhos há incontáveis eras, desde que o Universo não passava de um manto escuro, frio e solitário. Olhem a seu redor! Podem, por acaso, ser capazes de refrear a emoção em seus corações ao contemplar tal magnitude?

Os quatro admiraram os céus por longos momentos, emocionando-se com a vastidão luminosa composta pelos planetas, estrelas, nuvens de poeira e galáxias. Okkon, o de forma física avantajada, era o exato espelho de seu

irmão, Bumara. Ambos, boquiabertos, concordaram:

– Ó, glorioso arquiteto de tudo, não poderia ser diferente. Toda a tua criação canta em vozes brilhantes diante de nossos olhos.

– Diga-nos como poderemos dar nossa ajuda, ainda que não entendamos como é possível que dela necessites – prontificou-se Bumara.

As duas irmãs, Yanenna e Shanda, se ajoelharam, colocando-se a postos. Todos desejavam ter alguma participação na joia da criação. O Arquiteto então diria, a seguir, as palavras mais importantes já ouvidas:

– Esse será o mundo escolhido para o florescer dos viventes. Estão com razão, meus filhos, quando pensam que não necessito da ajuda de vocês, uma vez que sou de poder e capacidade ilimitados. Mas se enganam ao pensar que me privo de desejar. E meu coração deseja sua ajuda. É preciso, antes de mais nada, que saibam da tradição que adotei desde a contagem do primeiro segundo: vocês quatro terão o privilégio de moldar a vida e desenvolvê-la como bem entenderem, sim. Entretanto, quando isso ocorrer, não estarei mais aqui. Partirei para outro vazio, onde um novo tempo e espaço tomarão lugar. Outros filhos sairão de minhas mãos e esses também se encarregarão de cuidar da pérola viva do Cosmos.

Yanenna sentiu um aperto no íntimo e olhou dire-tamente na face pálida do Criador. Ela sentiu imediatamente o calor de sua luz e gemeu no íntimo. O Arquiteto se comoveu e tocou seus cabelos, dizendo com brandura:

– Não há aflição nesse momento. Tudo o que existe é meu e para mim e, assim sendo, não há distância separando-

-me de qualquer coisa. Estaremos sempre em conexão, essa é minha promessa a vocês quatro. Escutem bem, cada um de vocês: onde quer que pisem, o que quer que ouçam, lá estará meu calor e presença, trazidos do infinito. – Ele apontou para o apagado planeta: – Agora é hora de pensar na vida e criação. Esse será seu mundo. Não ouse escolher sequer o nome.

E assim, despedindo-se de sua gloriosa criação, Olun-Ilyr deixou para sempre a vastidão do espaço, entregando nosso frágil planeta nas mãos dos quatro irmãos-deuses.

Bem, Shanda era a mais impetuosa e logo lançou mão de seus talentos. Criou o solo, as rochas e o magma, tornando-se a regente da terra. Ela foi a responsável pelo posicionamento perfeito do eixo da terra no espaço. Criadora da Lua e suas fases, bem como monitora das quatro estações. É chamada e reverenciada pelos homens como Shanda, Deusa da Terra, ou

Shanda, Deusa da Colheita.

Okkon e Bumara eram perfeitos em suas formas de pensar. Eram estrategistas e nem mesmo uma só gota d'água a mais foi colocada nos oceanos sem passar por sua inspeção. Quando os homens foram criados, não demorou para que estes reconhecessem os dois como os deuses do combate e arte da guerra.

Os dois irmãos, porém, discordavam em muitas coisas e por vezes entraram em conflito. Segundo os tomos sagrados, foi para evitar uma pugna sangrenta que os dois se separaram. Okkon é o deus dos guerreiros de Virídea, no Norte, ao passo que Bumara favorece os homens do Sul, em Sablona. Eu desejaria muitíssimo que os habitantes de cada um dos reinos compreendessem isso e não usassem a separação dos dois deuses como desculpa para matarem-se mutuamente.

Claro, Yanenna não ficou ociosa, pelo contrário. A ela pertence a mente mais criativa entre os deuses. Olhe a seu redor. Existe algo belo e colorido, delicado e ao mesmo tempo complexo, como uma flor ou semente? Algum animal de pelo vistoso ou par de asas graciosas? São todas criações de suas mãos. Yanenna é a mãe e rainha da vida na terra, tudo o que vive reflete seu encanto, beleza e mistério.

Não existiu período de maior harmonia e contentamento na história da criação. A pérola viva do Cosmos estava pulsante, como era de se esperar. Foram muitas as vezes que os quatro olharam para o céu em busca da aprovação de seu pai, o Arquiteto Olun-Ilyr, e a sentiram nos corações. Mas não havia fim para o desejo artístico de Yanenna. Ela logo notou como o planeta era quente, em comparação com os céus. Viajava até as Terras Distantes, onde a neve caía sem parar, mas tudo na terra é efêmero. O inverno dura pouco e só vem uma vez ao ano.

Yanenna sabia, contudo, que os seres vivos nada tinham a reivindicar e os criava perfeitamente adaptados para qualquer ambiente. Mas seu coração era uma chama ardente quando desejava. O calor estava deixando-a amargurada e definhada. Resolveu então propor algo a seus irmãos: ao Leste, muito além dos Lagos Espelhados, havia um amplo espaço plano, de pastagens verdes, onde havia pouca variedade de fauna e flora. Ela pediu para erguer ali uma cadeia de montanhas geladas. Montanhas que se manteriam resfriadas para sempre.

Shanda não gostou da ideia, obviamente. Achou que era injusto criar algo

que desobedecesse à orientação do clima na Terra. Os irmãos Okkon e Bumara tampouco ficaram satisfeitos e não ofereceram seu apoio, pois eram organizados demais para permitir um empreendimento tão trabalhoso e confuso. Imagine, uma cadeia de montanhas geladas no meio do verde! Além do mais, nenhum dos três tinha qualquer problema com o clima do planeta. Essa era uma questão de sensibilidade excessiva de Yanenna e era ela própria quem deveria resolvê-lo.

Acontece que, com o passar das eras, o espírito e coração de Yanenna definharam muito, inundando-se num lago de tristeza. A deusa já não sorria ou criava coisas belas e misteriosas como nos tempos antigos. Foi a própria irmã, Shanda, quem um dia a chamou e fez uma nova proposta:

– Yanenna, a terra chora com você. Não posso mais assistir à queda da poderosa deusa criadora de toda a vida. Meu peito também sofre, saudoso de sua antiga imagem, bela e brilhante. Por favor, construa suas montanhas e estabeleça lá seu lar. Essa é minha vontade. Contudo, não podemos passar por cima de Okkon e Bumara, são tão senhores de tudo quanto nós duas. Faremos da seguinte maneira...

Shanda retirou das vestes uma pedra lisa e opaca, pouco menor que seu punho, e a entregou nas mãos da irmã.

– Essa é a Semente de Shanda – prosseguiu a deusa. – Por ora ela dorme, mas quando despertar anulará o encanto de suas montanhas e elas voltarão ao normal, incapazes de se resfriar novamente. Eis o meu trato a você: crie um ser capaz de mantê-la fria durante seu tempo de vida. Quando a criatura escolhida morrer, será o tempo em que a semente despertará. Acredito ser essa uma forma justa de se recuperar de seus flagelos, irmã. Todos se satisfazem e a nossa balança permanece justa entre os quatro irmãos.

Yanenna apertou a pedra contra o peito, satisfeita:

– Não sou capaz de agradecê-la, irmã. Criarei o ser mais magnífico que já pisou sobre a terra. Ele fará seu leito no topo da montanha mais alta e, abaixo dele, protegida, jazerá a semente, enquanto ele viver. Será uma criatura divina e seus súditos o alimentarão e servirão, pois graças a ele os seres gelados terão paz. Corff será seu nome e esse nome se tornará lenda por eras sem fim!

E assim ela o fez. Nascia, meus amigos, o primeiro dos dragões.

A obra de Yanenna era como uma pérola derrubada em um imenso tapete

verde. Uma cordilheira composta por seis montanhas brancas e geladas conhecidas como Geleiras. A mais alta delas tinha uma abertura no topo, como um vulcão, mas não havia possibilidade de erupção. As Geleiras mostraram-se extremamente frias, chegando a temperaturas tão baixas que seriam capazes de congelar a água que sai do seu cantil antes mesmo que atingisse o solo. Isso, claro, em determinadas regiões. Os três outros deuses as consideravam um lugar ultrajante. Principalmente Shanda, que, com tanto esmero, cuida do clima do planeta. Existem, sim, lugares de temperatura mais baixa, tanto em Virídea quanto Sablona, mas nada como essas montanhas. Okkon insistiu para que a irmã procurasse se resfriar em lugares mais afastados, mas ela recusou prontamente. Os pontos menos quentes do continente, apesar de receber neve durante grande parte do ano, tomam sol direto por seis meses, derretendo o gelo. Para Yanenna, esses locais não eram o suficiente e ela precisava restaurar-se. Tamanha foi sua satisfação com sua nova e gloriosa construção, que ela voltou a criar.

De sua mente criativa brotaram diversos novos tipos de criaturas, aptas a viver somente nas Geleiras. E, mesmo nelas, a biodiversidade variava muito conforme ia-se subindo montanha acima.

Nas regiões mais planas, aos pés da cordilheira, surgiram animais como os musaranhos-claros, por exemplo. Esses, ao contrário dos seus primos do clima quente, alimentavam-se de vegetais. Não poderiam viver mais acima, pois a flora era escassa à medida que se ganhava altitude. Além deles, havia as raposas-brancas, lebres capazes de saltar distâncias incríveis e também lobos-do-gelo, que caçavam qualquer outro pobre animal que se aventurasse sozinho.

Mais acima, onde as tempestades de neve se mos-travam mais frequentes, quase não havia árvores. Algumas se sustentavam contra o frio, elevando seu caule resistente a alguns metros acima do solo. Nessas, as corujas-frias, aninhadas em seus ninhos, espreitariam cada movimento nos arredores com os grandes olhos azuis. Abaixo das grossas camadas de gelo é onde encontraríamos os carcajus-albinos. Predadores implacáveis capazes de subir e descer por qualquer parte das Geleiras sem o menor aborrecimento. Era realmente muito difícil distingui-los de um rochedo congelado quando resolviam camuflar-se. Eram animais grandes, como filhotes de ursos, e não costumavam andar sozinhos. Algumas vezes ao mês, subiam em bando até o cume do monte Yanen, o mais alto. Esse seria o ritual mais importante de

todo o ciclo ecológico das Geleiras; levar alimento e presentes ao rei gelado: Corff, o primeiro dos dragões.

Seu covil encontrava-se muito bem escondido, num lugar de difícil acesso. Na boca do monte Yanen, existia uma abertura larga, onde, dezenas de metros abaixo, ele repousava. De tamanho colossal, era a maior das criaturas de Yanenna e, certamente para ela, a mais importante. O monstruoso animal dormia durante quase todo o ano, despertando somente para se alimentar. Mas ele nunca caçava. Seu alimento era trazido pelo trabalho colaborativo e ordenado dos outros animais, seus súditos.

Quando os carcajus se reuniam, saíam para caçar em favor do rei. A presa favorita era justamente o animal com mais destreza dentre todos da região, os cervos-das-geleiras. Especialistas em saltar em lugares íngremes e velocistas natos, eles fugiam em debandada ao menor sinal de perigo, mas os carcajus eram traiçoeiros quando queriam. Perseguiam-nos montanha acima até que eles estivessem encurralados em algum paredão de pedra. Quando não os capturavam com suas violentas patadas ou mordidas nas patas, aguardavam até que os cervos escorregassem das pedras, desmaiassem de fome ou definhassem pelo cansaço.

Mas os carcajus nunca voltavam sem a carne do rei.

Uma vez que capturassem a presa, o bando subia uma trilha estreita até onde fosse possível ir a pé. Os últimos cinquenta ou cem metros do monte Yanen eram intransponíveis para animais terrestres. Um enorme anel de gelo, com centenas de metros de diâmetro, fechava todo o acesso aos leais predadores. A carne do rei era então depositada pelos carcajus em um monte de pedras, onde viriam os próximos carregadores, os abutres-da-neve. Aves de rapina com três ou quatro metros de envergadura. Com a permissão de Corff, eles retiravam para si parte da oferta e sobrevoavam o anel de gelo, despejando o restante bem no meio da abertura, de modo que caísse por cima de seu tesouro.

Sim, como os outros dragões – e, acima de todos, ele –, Corff era um admirador de objetos brilhantes. Quaisquer que fossem. Pedras preciosas, ouro, prata, bronze ou latão. Ele os desejava e os tinha; e dormia abraçado a eles. Graças à estupidez humana, o monte de ouro por onde ele dormia ficava cada vez maior. Acontece que sempre tivemos uma ou outra expedição humana invadindo as Geleiras. Seja por curiosidade, amor à caça ou qualquer outro motivo. Mas nunca houve relatos de alguma que tivesse chegado

próximo do topo; pelo contrário.

Logo nas partes baixas das montanhas, era justamente onde existia a maior concentração de serpenplantas. Já ouviram falar de alguma? Poucos ouviram. Acreditem ou não, eram criaturas compridas e lisas, muito parecidas com cobras, e suas raízes eram coladas ao chão. Sim, como pequenas árvores. Elas entortavam e endureciam seus corpos durante horas, até que uma pequena ave pousasse distraída e fosse devorada. Se, por acaso, tratava-se de algum tipo de piada de mau gosto da deusa Yanenna, eu não acho nada engraçado.

De qualquer forma, é graças a elas que o desejo de Corff por dinheiro foi saciado, pois a cada dez visitantes que entravam por acidente num bosque de serpenplantas, nove deixavam tudo para o rei.

Em resumo, muitos outros dragões foram criados e espalhados pela Terra posteriormente. Reza a lenda que, depois de tudo pronto, muito tempo atrás, Yanenna, na beira do anel do monte, deu uma última olhada para o rei. Ele parecia em paz, deitando no solo, na escuridão lá embaixo. A seu lado já estavam reunidas suas primeiras pedras preciosas, algumas delas cavadas e presenteadas pelas espertas lebres. Seu couro era branco e espesso, e suas asas, quando abertas, seriam mais largas que trinta passos de homens. Em volta de seu corpo poderoso havia uma aura azulada emanando constantemente. Era o resfriamento que ela necessitava, pois a Semente de Shanda jazia enterrada dois metros abaixo de sua barriga e permaneceria ali até o último dia de vida do rei.

Por fim, a deusa fechou os olhos e sorriu. Saltou do monte e partiu para algum lugar, em segredo. Isso é tudo o que sabemos sobre a deusa, infelizmente. Dizem que, apesar de sentir-se realizada com últimos feitos, já não tinha mais forças. Escondida em algum canto das Geleiras, ela construiu seu leito e hibernou, colocando o corpo divino em repouso. Yanenna nunca mais foi avistada.

Era uma manhã como qualquer outra nas Geleiras. O sol batia a pino no céu, mas sua luz chegava pálida até os curiosos musaranhos-claros. Eles atravessavam a grama coberta de neve com velocidade nas pequenas patas, procurando alguma frutinha boa para o consumo. Pouco abaixo, onde a trilha fazia uma curva e descia, havia um pequeno grupo de serpenplantas aguardando o pouso de alguma refeição. O capim fez barulho,

desconcentrando-as, quando um pé pesado atolou na neve. Ao ver o invasor, elas se agitaram, retorcendo o corpo e fazendo sons ameaçadores e sibilantes com a boca. Ouviu-se o ruído de espada sendo desembainhada e, um segundo depois, a serpenplanta caía no chão, cortada ao meio. Logo depois, suas companheiras também foram decepadas. A espada foi novamente guardada na bainha e a voz do homem cortou forte o ar:

– Muito cuidado aqui – apontou enojado para as estra-nhas criaturas no chão –, essas são muito perigosas.

Uma dúzia de cabeças surgia de baixo da colina, olhando para os seres retorcidos no chão. Suas vozes respon-deram com sincronia:

– Sim, comandante!

O homem fez um gesto com a mão a um dos batedores. Por cima dos agasalhos grossos e pesados, a armadura branca brilhava ainda mais quando misturada à neve. Por outro lado, seu grupo de busca, composto por seis homens, usava, por baixo dos cobertores de pele, roupas mais leves. O comandante teve de se esforçar para manter os olhos abertos:

– Mande chamar o restante. Iremos devagar e sem cometer erros. Eu sigo na frente e não aceitarei indisciplinas de qualquer espécie. Estamos entendidos?

– Sim, comandante Hillel! – respondeu o soldado, com uma reverência.

Hillel subiu numa pedra alta e olhou para o restante do batalhão que aguardava ordens, no patamar de baixo. Cerca de cento e vinte armaduras brancas que misturariam-se à neve, pedras e carcajus. Seis animais de carga, duas carroças e uma mesa dobrável. Sua boca abriu-se num sorriso.

– Bem-vindos às Geleiras.

8 – OS QUATRO E AS PERGUNTAS

Cal sentiu os ouvidos zumbindo e tentou abrir um pouco os olhos, que estavam pesados. A dor na cabeça era aguda e insuportável, ele parecia ter sido atropelado por uma pá de moinho. Sentiu os joelhos ralados no cimento e viu as mãos apoiadas no chão. Alguma coisa escura estava pingando e ele não sabia o que era. Seria sangue? Isso explicaria a dor na cabeça. Devia tê-la batido em algum lugar e perdera os sentidos.

Ele tentou se sentar, mas sentiu um chute forte no ombro empurrando-o de costas no chão.

– Fique quietinho aí, seu magricela! – veio uma voz áspera.

Cal bufou e tentou entender o que estava acontecendo. As coisas ainda estavam muito embaralhadas em sua mente.

– Vê se pega mais leve, Polos – comentou outro homem. – Talvez ele não saiba de nada. Não tem cara de ser muito esperto, mesmo.

Não saber de nada? Cal sentiu um frio no estômago e lembrou-se vagamente de homens fazendo perguntas. Mas quem seriam mesmo? Ele ouviu o homem que o chutou tirando uma faca da bainha.

– Todo mundo sabe de alguma coisa quando é a minha esposa aqui quem pergunta.

– Guarde essa faca, Polos – interveio o colega, com firmeza. – Vamos fazer as coisas à moda antiga, está bem?

O primeiro homem rosnou e obedeceu, guardando a faca:

– O’Kris, essa sua política vai acabar te matando um dia. O comandante não está aqui, não temos por que seguir o protocolo!

Cal ouviu mais vozes espalhadas a seu redor. Apertou as vistas e viu dois borrões; dois homens vestindo cotas de malha, com espadas na cintura e porretes nas mãos. Pareciam agachados, conferindo o pulso de alguém caído. Seriam guardas? Mas de onde, e o que faziam ali?

– O’Kris, Polos... esse aqui está acordando.

– Arraste-o para cá – pediu Polos. Vamos ver o que esses bigodes tortos têm a nos dizer.

Bigodes tortos? Cal viu os guardas levantando e arrastando um corpo

familiar. Usava roupas rosadas, de luxo. Oh, não!... era Teoro!

Agora Cal começava a se recordar. Quatro homens apareceram mais cedo, quando ele estava revirando o café no terreiro. Desceram dos cavalos e caminharam em sua direção. Suas vestes chamaram atenção; afinal, a Vila nunca era visitada por militares. Lembrou-se de ter visto dois deles aproximando-se de onde estavam Teoro e dois dos capatazes. Pareciam querer perguntar alguma coisa, pedir informações. Quando um dos capatazes colocou a mão no peito do visitante, para impeli-lo para trás, o homem sacou uma espada e a enfiou em sua barriga. Teoro tentou fugir, horrorizado, mas foi agarrado e estrangulado até cair desmaiado. Cal ainda tentou olhar para os lados, procurando pelos outros dois homens. Viu que o outro capataz também já estava no chão e, por fim, sentiu uma pancada forte na própria cabeça. As vistas ficaram escuras e, depois, não vira mais nada.

Enquanto se recobrava, Cal viu-os carregando Teoro semiconsciente até um deles. O que queriam? Teriam vindo matá-los? Seriam cobradores do Sr. Joarque...?

O homem jogou Teoro de joelhos na frente do homem chamado Polos. Ele parecia ser o mais cruel dos quatro. Braços e mãos fortes, apesar de não ser o mais alto do grupo. Os cabelos eram ralos, cor de areia. Um dos olhos parecia meio esbranquiçado, cego. Cal sentiu um arrepio. Polos estalou os nós dos dedos e deu uma forte bofetada no rosto de Teoro, fazendo a própria cota de malha tilintar.

– Acorde, miserável!

– Nhm... – gemeu Teoro, ainda grogue.

– Onde está o dragão? – indagou Polos, ameaçando dar outra bofetada. Teoro mal abria os olhos.

O mais alto dos quatro aproximou-se e colocou a mão no ombro de Polos:

– Ei, espere o homem acordar – sua voz era grave e fria. – Talvez não façam ideia do que estamos falando.

– Tire as mãos de mim, Mulle! – grasnou Polos. – Você acredita mesmo que seja uma coincidência? Olhe a seu redor! Veja o estado daquele celeiro, ou o que restou dele! A lavoura, o buraco no chão! Sangue para todo lado! Foram vocês mesmos que inspecionaram, agora não me venha com essa!

– Calma, Polos – ameaçou Mulle, com toda calma do mundo. – Muito cuidado com seu tom de voz. Todos sabemos que o dragão esteve aqui. Provavelmente machucou alguém e fugiu de novo. O que estou dizendo é que

existe uma chance, note bem, de que esses infelizes não tenham nada a ver com isso.

Polos escarrou e cuspiu no chão. Em seguida, apontou o dedo no rosto de Cal:

– Olhe bem para esse morto-de-fome! Está implorando com os olhos para que o libertemos. Ele não quer ser obrigado a falar, pois, se for, cantará feito um canário!

Cal engoliu a seco.

– Eu acho que Polos tem razão – observou, com voz cansada, o mais atarracado do grupo. Um homem de pele morena de sol, com o queixo largo feito um caixote de madeira. Roía as unhas enquanto falava. – Corte um ou dois dedos desse aí. Ele fala e vamos embora. Simples.

– Falou e disse, Queixada! – riu Polos, esticando o braço e apontando para os dois capatazes caídos. – E os dois brutamontes aí? Já estão prontos para conversar com o quarteto divino?

Queixada abaixou-se e conferiu o estado dos dois. Tocou seus pescoços, tomou o pulso, depois enfiou os dedos nos cortes de espada. Sacudindo a cabeça negativamente, voltou a olhar para seu grupo:

– Esses não falam mais.

– Eu avisei desde o começo para não usar de força desnecessária – rosnou O’Kris, claramente irritado. Ele parecia ser o mais sensato, tinha boa aparência. Cal preferiria responder as suas perguntas, ao invés das de Polos. – Os dois eram bastante fortes, como capangas. Podiam muito bem ter as respostas que precisamos!

Polos deu outro golpe no rosto de Teoro, fazendo-o tombar para trás. Em seguida, fez uma careta decepcionada:

– Traste inútil, esse do bigode, isso sim. Vamos tentar falar com o outro, mesmo – apontou para Cal.

Veio a passos largos até ele e o agarrou pela gola. Cal ainda estava meio zozzo e sentiu uma vontade forte de vomitar. Pensou que seria melhor segurar a ânsia, se não quisesse apanhar mais.

– Muito bem, jovem – grunhiu Polos, sacando nova-mente a faca. – Dessa vez ela não voltará seca para a bainha. A não ser que colabore. Vou perguntar uma única vez, então preste bastante atenção, certo? Onde... Está... O dragão?

Cal não poderia se importar menos com aquele animal asqueroso, mas a pequena Vento estava com o desgraçado. Sentindo a bile subindo-lhe pela

garganta, tentou não pensar no que fariam com ela, caso a pegassem.

– Não... eu não sei, juro – gemeu ele, baixando a cabeça e apertando os olhos.

Em menos de um segundo, um clarão tomou suas vistas e Cal imediatamente sentiu sangue escorrendo por entre seus lábios. Dando um urro de dor, ele caiu com o ombro no chão, acudindo a boca. Passou a língua pelos dentes da frente e sentiu que faltava um. A boca agora tinha um talho aberto. Pensou em balbuciar alguma coisa, pedir para que parassem, mas a mão forte de Polos o agarrou pelos cabelos e o colocou de volta em posição.

– Estenda seus dedos, garoto – ordenou Polos. – Ande, ou será um dos olhos. Me dê os dedos, agora!

Cal tirou a mão esquerda do chão e começou a esticar o braço. Ele tremia feito uma moita de bambus ao vento. Mulle, com a mão gigante, apertou forte seu pulso, para que ele não a puxasse de volta. Cal viu a lâmina de Polos brilhar, antes de apertar os olhos.

Seu grito de dor foi o suficiente para despertar Teoro de uma vez.

Cal foi largado no chão, apertando a mão que sangrava muito. Escorriam lágrimas pelo rosto, descendo pelas bochechas e misturando-se ao sangue da boca. Polos atirou no chão a ponta de seu dedo.

– Fraco! – zombou ele, sorridente. – Vamos tentar de novo?

– Acho necessário – observou Queixada. – Ele sabe, sim.

– Ele não sabe de nada, Polos – interveio O’Kris –, ou teria falado. É melhor perguntar ao outro.

Eles apontavam para Teoro. Mulle estalava o pescoço enquanto caminhava entediado até ele. Agarrou-o pela cintura e o colocou de joelhos, de frente para o grupo. Teoro tinha os olhos abertos até o limite. Sua mão sacudia de pavor e seus lábios não conseguiam ficar parados.

– Boa tarde, amigo – falou Polos, sorrindo. – Estamos buscando uma informação, lembra-se? Espero que dessa vez não desmaie, ou serei obrigado a colocar fogo em sua roupa com você dentro.

As vistas de Cal estavam embaçados, ardiam com as lágrimas e suor. A única coisa que desejava nesse momento era que Illyna não aparecesse no terreiro. Ela estava em casa, folheando o livro que ganhara de Mirta.

– Po... pois não? – gaguejou Teoro, que também começa-va a chorar. – O que p... posso fazer por vocês?

– Estamos procurando o dragão, amigo – respondeu Polos. – E já te

adianto uma coisa: se me disser que não sabe de nada, terá o mesmo destino de seu companheiro ali. Apenas para começar.

Teoro olhou para Cal e seu rosto foi perdendo gradativamente a cor. Polos limpava a lâmina da faca nas calças.

– E então?

Teoro engoliu a seco e disse, finalmente:

– Ele foi para o Oeste, em direção a Tulma. Sigam pela estrada principal, poderão ver os rastros da carruagem com muita nitidez!

– Carruagem? – perguntou O’Kris, olhando para os outros. – Do que está falando, homem? Está bêbado?

– A’Brim, seu traidor! – berrou Cal. – Mau-caráter, desgraçado!

– A carruagem da tal Vento Amarelo, senhor – continuou Teoro. – Ela está levando-o para a capital para ser estudado.

Os quatro homens ficaram brancos como cera ao ouvir essa frase. Passaram um momento trocando olhares entre si, os rostos completamente alarmados. Concordando em silêncio, largaram no chão os porretes e nem olharam de volta para Cal e Teoro. Saíram apressados do terreiro, escorregando nos grãos espalhados pelo chão. Montaram seus cavalos e saíram em disparada.

9 – CARAPAÇAS E CACHOEIRAS

Era o final da tarde. O Sol saltava de uma nuvem a outra, aproximando-se cada vez mais do horizonte. Do céu já começavam a surgir as primeiras pinceladas cor de abóbora e, junto delas, mais uma corrente de ar fresco. Mirta passava com a carruagem por uma estrada estreita e cheia de curvas quando Brinaff soltou uma série de espirros. Cerca de dez ou doze, para ser mais exato. Um mais estrondoso e assustador que o outro, fazendo o veículo chacoalhar. Ela pisou nos freios cautelosamente, desligou o motor e o encarou.

– Vou esperar até que termine! – reclamou.

– Cró!

– Já terminei, minha cara – respondeu o dragão, fun-gando. – Perdão, sempre acordo espirrando. A propósito, por que paramos?

Mirta apontou para fora da janela. Cerúleo, em seu ombro, parecia tremer, com os olhos esbugalhados.

– Veja você mesmo.

Brinaff se contorceu na parte traseira, esticou o pescoço e botou o focinho para fora da carruagem.

– Desse lado não – rosnou Mirta. – Olhe o lado direito!

Brinaff virou-se para o lado certo e repetiu o movimento com a cabeça. Procurou estrada, mas não viu. Era como se o veículo estivesse flutuando no ar. Piscando os olhos pesados, ele olhou para baixo, em direção às rodas traseiras, e viu que sobravam somente dois dedos de estrada onde a carroça passava. O resto era um precipício sem fundo.

– Eu não sei voar e você está com o equipamento danificado – zombou Mirta. – Avise-nos quando sentir vontade de espirrar novamente.

Brinaff fungou, para limpar as vias nasais, e olhou mais uma vez para fora. Estavam na beira de um extenso e sinuoso precipício. Alguns metros abaixo da estrada, podia-se ver aberturas largas na parede de pedra, uma série de cavernas belíssimas. Algumas vomitavam água cristalina, uma dezena de cachoeiras que se misturava à névoa e caía em algum lugar lá embaixo. Seguindo a trilha estreita com os olhos, via-se que havia muito caminho pela

frente, antes de se voltar às estradas comuns.

– Seu amigo emplumado não deveria ter medo – observou Brinaff. – Já vi como ele voa bem.

– Cró! Cró!

– Obrigada, Cerúleo.

Brinaff olhou para o pássaro azul e fez uma careta incrédula.

– Ele está falando sério?

– Claro – falou Mirta, antes que o dragão fechasse a boca. – Você não torceria pela integridade de seus amigos?

Brinaff explodiu em gargalhadas.

– Ei, pare de nos sacudir! – gritou ela.

– Desculpem-me – Brinaff esfregou a pata nos olhos, para enxugar as lágrimas –, isso é verdade, amiguinho? Digo... Cerúleo. Tem medo de que ela morra e o deixe? Mas ela é uma humana!

– Cró!

O dragão balançou a cabeça, como se quisesse espan-tar um sonho ruim.

– Por Yanenna – gemeu ele –, morri e estou em outro mundo.

Mirta religou os motores:

– Bem, se o espetáculo já terminou, sugiro que sigamos em frente. Tulma não é tão longe, mas temos um bom chão a percorrer.

– Pois que não seja eu a obstrução em seu caminho. Sigamos em frente.

– Para quem não falava com humanos – Mirta estalou os lábios, mal-humorada –, você está me saindo um belo de um papagaio.

Brinaff esticou o pescoço, como se fosse proferir uma sentença nobre, mas o trepidar da carruagem o fazia parecer mais engraçado que sério.

– Que escolha tenho eu? Estou cativo, o mínimo que podem me oferecer é algum entretenimento.

– Cró!

– Ele está brincando, Cerúleo, acalme-se. Está com vergonha de admitir que nos aceitou pela carona grátis. Sinto o cheiro de preguiçosos a quilômetros de distância.

A carruagem recomeçou a viagem, lentamente. Brinaff jogou o corpo para o lado esquerdo do assento e começou a respirar com mais suavidade. Afinal de contas, não havia necessidade de correr riscos desnecessários, não é mesmo?

Seguiram assim por algumas dezenas de minutos. De vez em quando

Mirta olhava-o de soslaio, virando a cabeça para trás, e em seguida voltava a olhar para frente. Brinaff devia estar pensando que ela tinha medo de outro ataque de espirros, mas ela, na verdade, conferia outra coisa:

– Como estão os ferimentos? – perguntou, finalmente.

Ele grunhiu, dando de ombros, e deu uma olhada para o próprio dorso ferido:

– Já estive melhor. Preferiria que não ficasse me olhando assim, se não fosse pedir demais. Estou em estado hediondo.

– Perdão, não quis constrangê-lo. Sei o quanto importa a aparência dos dragões, são os seres mais magníficos do planeta.

– Cró!

– Depois de você, Cerúleo, claro. – Ela virou-se para Brinaff – Gostaria de me contar o que houve com você? Claro, apenas se quiser.

Brinaff ponderou por um instante, antes de responder:

– Eu contaria com prazer, mas diga-me; o que faremos na capital?

– Bem, na verdade, era meu destino inicial antes de o motor pifar. Eu pretendia comprar alguns materiais de pesquisa e depois voltaria para casa. Penso em te deixar no centro médico para cuidar dos ferimentos por uns dias. A partir daí não sei o que pode acontecer. Nunca faço planos a longo prazo, o mundo é contingente demais.

– Você tem razão – ele riu. – É realmente uma garota especial.

Mirta ajustou os óculos enquanto jogava os cabelos para o lado. Brinaff apertou as vistas, como se tentasse lembrar-se de algo:

– Onde comprou esses óculos?

Ela ficou séria de repente. Sempre perguntavam sobre seus óculos. Sempre queriam colocar a mão e deixar marcas de dedos. Isso quando não perguntavam sobre o material de que eram feitas as armações. Uma garota não podia usar óculos, por acaso?

– Por que quer saber? – resmungou. – Cerúleo, pegue meu casaco, por favor.

– Cró!

Cerúleo voou para o banco traseiro e agarrou com as patas um pesado volume de lã. Brinaff, com os olhos distantes no abismo sem fundo, ignorou o pássaro e suspirou:

– Nenhuma razão em especial. Talvez tenham me lembrado épocas que eu deveria esquecer.

– Desculpe por isso, então. Eu acho...

– Não seja boba – ele se empertigou, dando a si próprio um ar misterioso.

– Pois bem, Mirta Vento Amarelo. Prometi contar minha história quando me sentisse à vontade. Essa hora chegou. Pergunte o que desejar.

– Eu não sei o que tem de relaxante nesse abismo... Mas vamos lá. O que houve com suas asas?

– Cró!

– Eu também estou, Cerúleo. Vamos parar para comer em breve, está bem?

– Bem – Brinaff respirou bem fundo antes de prosseguir –, vamos começar do início. Há algumas noites, eu voltava de uma missão nas Geleiras. Suponho que deva saber, pelas minhas escamas douradas, que sou um mensageiro, estou certo?

– Sim – falou Mirta, sem parar de olhar a estrada. – Desconfiei quando bati os olhos nelas pela primeira vez. Pelo que li, existem três categorias, ou classes, onde os dragões são separados: Os familiares, os caçadores e os mensageiros. Sendo que esses últimos têm escamas de cores metálicas. São os menores da espécie e também os mais rápidos, estou correta?

A boca de Brinaff abriu-se em um sorriso:

– Corretíssima. Vejo que os compêndios que anda lendo são de qualidade exemplar.

– Cró!

– Eu só pesquiso em fontes onde não há possibilidade de questionamento. Continue, por favor, estou prestando atenção, só não posso nos dar o luxo de despencar montanha abaixo.

– Espero com todas as minhas forças que nos poupe de tal incidente. Continuando, então. Depois de ouvir as observações de nosso líder, voei de volta para casa. Passei pelos Lagos Espelhados e estava a meio caminho das Ilhas Verdes, onde moro, quando me senti absoluta e impreterivelmente exausto. Eu falo sério, pequena. Não havia a mais remota possibilidade de voar por mais algumas horas até minha caverna. Pelos quatro... Como eu gostaria de voltar e poder fazer diferente, testar minha resiliência!... – ele suspirou. – Eu daria metade de meus bens, mas creio ser um pouco tarde para lamentações. Pousei no Bosque Cinzento, onde encontrei uma clareira bastante silenciosa e descansei. Veja, jovem Mirta, nós, dragões, dormimos por semanas quando estamos cansados. Eu não havia me deitado há sequer

dois dias quando fui abordado por um coletivo de soldados. Certamente não se tratava de um grupo ordinário, pois me rastream com maestria. Como se viessem fazendo isso desde que me desloquei das Geleiras, veja você!

– Estavam a cavalo? – ponderou ela.

– Cró!

– Você não estava lá, Cerúleo!

– Cró! Cró!

– Não importa se é plausível! Se não sabemos, não sabemos. Essa mania de querer passar do ponto de ignorância é o que compõe uma das maiores mazelas do planeta!

– Cró!

– Eu faço suposições, como se desenhasse uma estrada por onde pisar. Uma vez que encontro a verdade, não tenho problema algum em jogar tudo o que eu acreditava para o espaço. Olhe, vá dormir, antes que eu o depene! – Ela virou-

-se para Brinaff. – Perdão, continue, por favor.

– Se me permitem... – grunhiu. – Bem, pelo que me consta, não havia montarias. Mas isso não quer dizer nada. Podem tê-las deixado na entrada do bosque. O fato é que me despertaram e me enrolaram com uma rede, onde me enrosquei e me debati inutilmente. Tentei acertá-los com fogo, mas o homem que parecia o líder deles sacou uma espécie de frasco e o atirou em mim. Uma nuvem de fumaça fedorenta me deixou completamente entorpecido e então acabei por desmaiar.

– Estranho... – raciocinou ela. – Não soam como meros caçadores de dragões, parecem ter sido muito organizados, como se antecipassem seus movimentos. Não entraram no bosque com outro intuito, a não ser o de capturá-lo.

– Não resta dúvidas, pequena. Os caçadores comuns procuram os dentes, garras ou escamas para usar na forja de equipamentos de batalha. Esses não. – Brinaff olhou para o nada. Seu olhar pareceu se perder em devaneios. – Esses sabiam da nossa carapaça.

Mirta sentiu a coluna ficando ereta. Deu uma rápida olhada para trás:

– Carapaça?

– Sinto que terá de procurar por compêndios acadêmicos melhores, pequena – riu Brinaff. – Mas não os culpo. Pouquíssimos homens tiveram acesso a essas informações, uma vez que é quase impossível nos capturar.

– Do que está falando? Que carapaça?

– Os dragões Mensageiros não são como qualquer outro dragão. Nossas asas não são parte integrante, inteiriça de nossos corpos. Assim como as tartarugas, tatus, temos uma carapaça removível. Os machucados que vê em mim são o resultado da remoção da minha própria. Pareço estar bem, mas por dentro estou liquefeito, criança. Uma lástima, uma desgraça!

Mirta estava boquiaberta.

– Eu sempre pensei tratar-se de uma couraça simples, apenas revestindo a pele. – Ela virou-se novamente para trás. – Está me dizendo que esses homens o caçaram pela carapaça?... Isso é extraordinário... Digo, essa descoberta!

– Infelizmente, sua alegria é meu flagelo. Mas eu a compreendo. E respondendo à sua pergunta, sim! Sabiam exatamente o que buscavam. No momento em que cortavam meu tendão de ligação – apontou para um dos chifres em suas costas –, eu acordei. A dor foi mais forte que o encantamento, minha cara. Anote para colocar nos seus diários, se um dia precisar de tal informação. Eu ainda estava muito atordoado, e minhas vistas completamente embaçadas. Tudo o que eu via era vermelho e distorcido, mas lá estavam eles... Nove ou dez homens cortando-me com suas espadas, violando meu corpo sagrado. Quase toda minha carapaça havia sido removida, ela se sustentava pelo último tendão e eu tentei me debater, me livrar dos agressores, sem muito sucesso. Lembro-me de rugir palavras de maldição em todos os idiomas conhecidos, mas nenhuma delas me libertou.

– Cró!

– Obrigado, amigo emplumado... mas isso não é o suficiente. Acertaram-me com algo pesado na cabeça e eu caí de patas dobradas. – Brinaff deslizou a língua azedamente pela boca. – Quando passaram a lâmina afiada no último tendão, eu descobri que dói ainda mais quando se está acordado – riu, sem graça. – Nunca pensei ser capaz de proferir um berro tão estridente.

– Brinaff, isso foi horrível... eu sinto muito!

– Agradeço, minha pequena. Mas eu sinto ainda mais.

Mirta não olhou para trás novamente. Geralmente esses eram os momentos que se escolhia para chorar e Brinaff provavelmente gostaria de fazê-lo em privacidade. Ela freou o veículo, vestiu o casaco de lã e acariciou Cerúleo por um tempo, antes de prosseguir com a viagem e a conversa:

– E como conseguiu escapar?

– Eu não saberia dizer. A luta prosseguiu floresta adentro, com o grupo sempre me cercando no sentido Norte. A última coisa que me lembro é de ter saltado em um deles, tentado mastigar seu rosto e arrancar um de seus braços, sem sucesso. Depois disso, acredito que tenha mergulhado no mar e seguido em velocidade para qualquer lugar onde eles não estivessem. Não tenho essas imagens nítidas em minha mente.

Mirta ficou em silêncio, preferindo absorver as palavras do dragão. Foi ele próprio quem continuou:

– Consegui arrancar isso de uma das armaduras: – Ele esticou a pata, apanhou sua bolsa de veludo e enfiou a mão, retirando um brasão metálico. Era um pequeno escudo pintado de branco com as bordas prateadas. – Veja! Conhece algo parecido?

Mirta apanhou o objeto e o examinou cuidadosamente, girando-o entre os dedos. A outra mão segurava firme a direção.

– Não sei do que se trata – ela passou o polegar pelos entalhes prateados –, mas não é um objeto feito em qualquer ferraria. Você disse que eram cerca de oito ou nove, não é isso? Consegue se lembrar exatamente se o objeto foi arrancado da armadura do líder?

– Estou quase certo que não.

– Bom, “quase certo” não é o suficiente. Mas, caso tenha razão, estamos falando de um grupo muito especial. – Ela pensou por um instante. – Já sei o que vamos fazer.

Devolvendo o brasão para Brinaff, acelerou a carruagem. Alguns metros à frente, a trilha do precipício fazia uma curva sinuosa, perdendo-se de vista. Antes disso, uma concavidade na parede de pedra da montanha abria uma estrada mais larga em um determinado trecho. Ela jogou o veículo para a esquerda, encostando o máximo possível, e parou. Girou o manche na direção contrária, virando a frente da carruagem para o precipício.

– Está tentando nos matar? – ofegou Brinaff.

A roda da frente passou metade para fora do abismo. Pedrinhas começaram a rolar para baixo.

– Estou dando meia-volta, acalmem-se. Vamos para minha casa.

– Cró!

– Sim, Cerúleo, ela também sente sua falta, tenho certeza.

– Mas não íamos para a capital? – perguntou o dragão, amargurado. – Estamos com fome.

– Iremos em breve, eu prometo. A viagem para minha casa é muito mais curta do que para a capital. No momento, estou profundamente perturbada pelo objeto que me mostrou. Não sei nada a respeito e é vergonha demais para um dia só. Pretendo fazer uma breve pesquisa sobre o assunto em meus tomos particulares e voltar com alguma informação, caso encontremos por lá algo parecido.

– Encontrar por lá? Acha que podem ter saído de Tulma?

Mirta suspirou, aborrecida. Não gostava de dar explicações quando a mente estava em pleno funcionamento:

– Quem fez isso tem muito dinheiro, Brinaff. Não se desperdiça prata em enfeites, a não ser em famílias abastadas. Mas não estamos falando de um jogo de chá, o brasão foi encontrado em uma armadura, e note: como enfeite, não arma. Alguém está formando uma perigosa milícia em Tulma. Alguém certamente poderoso, que não quer ser revelado.

– Cró!

– Sim, Cerúleo – ela sorriu. – É o que espero.

Brinaff se encolheu no canto traseiro:

– Eu daria outro par de asas por um succulento lombo-de-cervo...

– Está anoitecendo, mas devemos chegar ao sopé do monte antes disso. Eu pediria que nos caçasse algo nas planícies, enquanto Cerúleo e eu montamos acampamento. Mas não farei isso, você se feriu muito na Vila dos Porcos, provavelmente suas patas ainda não estão boas.

– Com quem pensa que está falando, mocinha? – Brinaff estava indignado. – Não passaram de arranhões! Espero que tenha trazido panelas, comerá o melhor ensopado da sua vida!

Mirta piscou discretamente um olho para Cerúleo e arrematou:

– Estou pagando para ver.

A noite já havia derrubado seu manto escuro sobre o céu e, dessa vez, não trazia a lua. Apenas uma coroa pálida de estrelas iluminava os arbustos, que esfregavam uma folha na outra de forma tímida e canhestra. Em meio a dois rochedos passava uma estrada estreita, que se enfiava nas montanhas e afunilava-se, até tornar-se uma trilha perigosa. À direita, um paredão de pedra, e à esquerda, caindo da estrada, um abismo muito profundo. As colunas de névoa ficavam muito abaixo, era impossível ver até onde

despencava. Era fácil, porém, ouvir o barulho das cachoeiras subterrâneas; as cavernas faziam-nas jorrar com vigor e elas desciam com violência, cortando a neblina. Mas o som de água se derramando ia ficando cada vez mais distante, até se tornar uma brisa serena e inaudível, lá no fundo.

Divididos em dois grupos, os quatro homens aguardavam pacientemente, escondidos atrás das pedras. De vez em quando um deles raspava as botas no mato, ou dava em si próprio um tapa, para espantar os mosquitos. Queixada foi o primeiro a perguntar:

– Tem certeza que não há outro caminho?

Polos coçou a cabeça, impaciente. O’Kris respondeu, do outro lado:

– Certeza absoluta. Se subiram pelas montanhas, eles têm de chegar ao outro lado. Talvez a tal carruagem tenha quebrado no meio do caminho.

– Não gosto desse lugar – grunhiu Mulle, dando outro tapa. – Muito mosquito.

Polos levantou-se bruscamente e sacou sua faca. Ris-cou-a com força na pedra, desenhando uma linha de fagulhas no ar:

– Preciso matar alguém, não posso esperar mais.

– Fique quieto aí, seu testa-oleosa – replicou Queixada. – Se está precisando de emoção, posso te jogar com prazer numa dessas cachoeiras aí embaixo.

– Parem com isso! – bufou O’Kris, entredentes. – Vamos fazer o seguinte: vinte minutos. Se não aparecerem, descemos a trilha a pé e vemos o que aconteceu, está bem?

Polos sentou-se novamente e guardou a faca, carrancudo:

– Vinte minutos. Nem um segundo a mais.

10 – CASCALHA

O dia seguinte foi especial de muitas maneiras. Um episódio que gosto de chamar de *passagem por Cascalha*. Mas não vamos avançar direto a esse ponto, pois assim perderíamos certas amarras na narrativa. Afinal, que interesse poderiam ter Mirta e Brinaff em um vilarejo qualquer, uma vez que tinham agora um novo destino; a saber, a casa da detetive?

Bem... aconteceu de as coisas não saírem exatamente como planejadas pelo grupo. A começar pelo acampamento, naquela mesma noite...

A carruagem estava encostada à beira de uma árvore vigorosa e só era possível vê-la graças ao balanço suave das chamas da fogueira. Escolheram, sob orientação de Mirta, acampar bem afastados da estrada principal. Ela se enrolava no blusão de lã, sentada, de joelhos colados ao peito. Sentia um desconforto ao esfregar uma canela na outra, decorrência de algum tempo sem tomar banho. A mistura de suor e poeira, grudadas teimosamente na pele, aborreciam-na. Suas botas estavam cobertas de poeira e havia sujeira escura por baixo das unhas das mãos. Ela decidiu não farejar as próprias axilas, para não se sentir ainda pior. Cerúleo, por outro lado, só queria se aquecer. Enfiado dentro do blusão, botava, vez ou outra, a cabeça para fora da gola, quando pensava ter ouvido alguma coisa.

– Não é ele, Cerúleo, volte a dormir – a voz dela também vinha um tom abaixo, preocupada.

Havia um aparato montado por cima da fogueira, destinado a assar carne. Um espeto metálico que terminava em uma manivela, apoiado sobre dois tripés, um de cada lado. Mirta girou distraída o dispositivo, e o espeto rangeu, vazio. O fogo estalava na madeira seca, o melhor som do mundo quando se está com frio. Se querem saber, era o único som ouvido nessa noite. Até mesmo os insetos pareciam ter saído de cena. Ela apertou os olhos entre os dedos e depois olhou para os lados, mas apenas por olhar. A noite era tão escura quanto as águas de um açude profundo. Penso que se a fogueira se apagasse por acidente, não conseguiriam encontrar o caminho de volta à carruagem. Mirta acariciou o pássaro e falou:

– Não se preocupe, não estou com tanta fome assim. Mas ele realmente

está demorando muito... E você quase não comeu!

– Cró!

– Não diga tolices. Esse lugar não é perigoso e Brinaff sabe se defender. Certamente ele está enfrentando dificuldades na caça devido aos machucados, você viu bem como estavam. – Ela olhou para a barraca de lona, erguida a poucos metros do fogo. – Eu poderia me deitar agora e dormir profundamente, estou acostumada a fazê-lo em jejum. Só estou curiosa em ouvir do próprio trapalhão o que houve. Sim, exatamente isso, meu companheiro azul. Agora volte a dormir. Está esfriando e a fogueira não durará a noite toda.

Mantinhm-se em silêncio há alguns minutos quando Mirta pensou ter ouvido um gemido baixinho, como um choramingo. Cerúleo ficou atento e inquieto dentro do blusão.

– Não faça barulho, eu também ouvi.

Novamente veio o gemido, trazido pelo ar. Não parecia distante. Quando a fogueira baixou a frequência dos estalos, Mirta ouviu também alguns passos trôpegos.

– Por Yanenna... – A voz de Brinaff veio de forma irrefutável. Ele falava entredentes.

A luz das chamas o revelaram pouco a pouco, à medida que ele saía das sombras. Parecia abatido, quase se arrastando. Trazia preso entre os dentes um pequeno animal morto. Brinaff deu mais dois ou três passos dolorosos, atirou o animal perto do fogo e desabou no chão.

– Brinaff! – exclamou Mirta, preocupada. – O que houve, por que demorou tanto?

– Yosa, tais animais não existem, pare de acreditar em tudo que ouve. Uma espécie só se reproduz com membros de sua própria espécie, isso é naturalismo básico... Sim, mas os filhotes serão estéreis! Jogue fora todos as enciclopédias de nomenclatura binominal se eu estiver errado. Pelos deuses, garota!

– Brinaff, o que está dizendo? – Mirta se abaixou, para olhá-lo nos olhos. – Está me ouvindo?

– Cró!

– Ele parece estar delirando, Cerúleo. – Mirta deu alguns tapas no rosto do dragão e fitou o pássaro. – Está ardendo em febre.

– Taxionomia – bufou Brinaff. – A palavra é taxio-nomia. Escreva certo,

ao menos!

Mirta checou os ferimentos nas costas do dragão. Estavam muito inflamados.

– Brinaff, tente dar mais alguns passos, deite-se mais perto do fogo.

– Estou bem, pequena – sussurrou, com voz sonolenta. Parecia estar novamente consciente – Desculpe pela comida, foi o melhor que pude fazer. Espero que goste de gatos selvagens, não consegui nada maior.

– Tente não falar, a comida é suficiente. Cerúleo come farinha e frutas secas, tenho um pote repleto disso. Escute-me, vou até a carruagem apanhar uma manta para cobri-lo. Quando eu preparar o ensopado, te acordarei, pois você precisa se alimentar.

– Não será necessário, Yosa. – Brinaff falava pausa-damente, como se dormisse. – Apanhei dois e comi um deles. Só preciso... está doendo muito... descansar um pouco.

Mirta se levantou, foi até a carruagem e apanhou uma manta dobrada debaixo do assento dianteiro. Abriu-a, lançando-a por cima do corpo do dragão. Certificara-se de pousá-la com suavidade por cima dos ferimentos inflamados. Ela mordeu os cabelos, pensativa, enquanto apontava o queixo para baixo e murmurava:

– Cerúleo, houve uma pequena mudança nos planos. Estamos próximos ao Córrego dos Gatos, aquele fio mise-rável de água que banha o vilarejo de Cascalha. Lá mora um fabricante de pomadas, um velho sacoleiro, cujo nome não me recordo, cliente antigo do mercado de Tulma. Passaremos pelo local amanhã a fim de conseguirmos tratar, por ora, dos ferimentos de Brinaff.

– Cró!

– Não, meu amigo... – ela olhou com pesar para o dragão, que dormia profundamente. – Ele não parece muito bem.

O dia seguinte foi especial de muitas maneiras, meus amigos... eu sei. Eu estava lá.

O céu era uma tela pintada a óleo pouco antes de amanhecer. Saltando do horizonte, uma mancha amarelo-

-alaranjada ia se fechando, passando por tons de violeta, roxo, até se espalhar pelo restante do céu azul-escuro. Dentro de pouco tempo o sol saltaria do beiral da terra, iluminando e aquecendo as folhagens molhadas daquela

madrugada. Os canários da região eram irreverentes; já assobiavam de forma estridente, sem se preocupar com quem ainda dormia aninhado nos galhos.

O som de botas lamacentas começou a poluir o local. Botas metálicas, tendo seu tilintar abafado pela própria sujeira e o terreno macio, gramado. De repente, um tapa estalou no ar:

– Peguei um – falou Queixada, rabugento, esmagando um mosquito entre os dedos. – Aqui também está cheio deles.

– Sabe o que é isso? – De manhã, A voz de Mulle parecia ainda mais morta que o de costume. – Falta de banho. Não me deixaram em paz também.

O’Kris cortava um arbusto com a espada e olhou para trás, irritado. Seus cabelos loiros estavam oleosos e bagunçados.

– Se não estiverem muito ocupados, poderiam ajudar a rastrear.

Mulle se abaixou e apanhou um galho da espessura de seu braço. Estava leve, coberto de lodo na superfície, começando a apodrecer. Ele levantou o joelho e pressionou o galho até se partir, fazendo um estalo abafado.

– Não grite comigo, bonitão – pediu ele. – Assim que eu terminar a tocha, te ajudo a encontrar o rastro.

– Tocha? Mas está amanhecendo!

Mulle ignorou o rapaz e estendeu o braço para Queixada:

– Me dá uma tira da sua camisa – ele olhou chateado para a própria mão direita, forrada por uma luva grossa e cinzenta. – Olha o que eu fiz, sujei toda a porcaria de lodo!

Queixada olhou para a luva e fez um sinal negativo com a cabeça enquanto rasgava uma tira da própria camisa, na altura do umbigo.

– Deixa assim! Nem pense em tirar essa peça de museu na minha frente, seu maníaco!... Tome aqui o tecido, cabeça-

-oca. – Entregou na mão de Mulle e deu dois passos para trás. – Se a cota de malha esfriar demais a minha barriga, você vai ver só. E deixe essa luva quietinha aí!

Polos estava agachado, farejando algo no chão, com as mãos atoladas na lama. Nem se deu o trabalho de olhar para cima, quando falou:

– O que esses animais estão fazendo, O’Kris?

– Polos – ameaçou Mulle –, eu quebro isso na sua cabeça sem pensar duas vezes. Estou acendendo uma tocha para espantar os mosquitos. Eles não gostam de fumaça.

O’Kris foi até o grandalhão, pedindo o pedaço de madeira:

– Nem pense nisso, Mulle, está maluco? Levantar fumaça para que nos vejam? Não pode estar falando sério!

– Não? – Ele não podia se importar menos. Sacou da bolsa duas pedras de pederneira e agachou-se, de cócoras. – Então observe!

– Espere! – rosnou Polos, intrometendo-se. – Não acenda! Estão sentindo esse cheiro?

Todos pararam e começaram a farejar. Havia realmente um cheiro diferente chegando com o vento. Um odor conhecido, como o de cinzas molhadas.

– Está vindo de lá – O’Kris apontou com dedo para o meio do mato.

Queixada passou por Mulle e deu dois tapas em seu ombro:

– Depois você acende isso, imbecil. Tente fazer silêncio daqui para frente, podemos estar perto. Pegamos o dragão, matamos a garota e vamos para casa. Simples.

Mulle levantou-se resmungando, mas não abandonou o pedaço de pau. Polos passou por ele e lançou-lhe um olhar indignado:

– Eu disse que haviam acendido uma fogueira! Dava para ver, lá de cima!

– Mas eu pensei que fosse um vaga-lume! – defendeu-se Mulle, dando de ombros e coçando a sobancelha com a luva grossa. – Como eu ia saber?

– Vaga-lume... era só o que me faltava. Venha!

A carruagem subiu um discreto aclive e virou à direita. As rodas saltavam quando passavam em cima do cascalho farelento da estrada. De vez em quando Cerúleo saltava até o banco traseiro e conferia o estado de Brinaff. Parecia melhor, mas não muito. Havia gemido durante parte da viagem e reclamava inconscientemente cada vez que as rodas passavam em um buraco. Pelo menos os delírios haviam cessado e ele não mais chamou Mirta de Yosa.

Ela pretendia descobrir em breve de quem se tratava.

Ao virar a última curva, depararam-se com um terreno plano, claramente tratado por humanos. Estavam a uma centena de metros da entrada de Cascalha. Um campo aberto e largo, onde algumas árvores faziam sombra na fachada. Uma cerca extensa cortava toda a face frontal, e uma porteira de duas folhas, construída com ripas de madeira, os convidava a entrar. De longe já era possível ouvir o barulho de centenas de galinhas amontoadas, excitadas pela chegada da manhã, e algumas linhas de fumaça já saíam das chaminés.

– Eles acordam cedo, realmente – resmungou ela. – Que espécie de vida infeliz essas pessoas pretendem levar?

Ela virou a carruagem para a esquerda, saindo da estrada, e começou a descer numa pequena inclinação do terreno.

– Cró!

– Estou escondendo a carruagem, oras. Não quero ser importunada novamente, nem afogada por uma enxurrada de perguntas sobre quem eu sou, de onde eu vim e que espécie de bruxaria é essa. Temos coisas a fazer e seremos breves!

Ela deixou o veículo entrar em uma moita de trepa-deiras e então desligou os motores. Ajeitou os óculos, jogou os cabelos para o lado e saltou, colocando as mãos na cintura.

– A lataria está muito evidente – observou ela, abrindo a tampa traseira. – Cerúleo, desperte o dorminhoco aqui, enquanto recolho alguns galhos para camuflagem.

O pássaro obedeceu e pousou na cabeça do dragão, dando algumas bicadas em seu focinho até acordá-lo.

– O que foi? – balbuciou Brinaff, com a voz ainda mais grave e engrolada que o de costume. – Onde estamos?

– Cró!

– Já vou, acalme-se. – Ele se apoiou nas quatro patas, gemendo. – Companheiro emplumado, você é capaz de me fazer sentir falta dos humanos, que mau-humor! Onde está sua dona, a propósito?

Cerúleo bateu as asas e eriçou as penas.

– Estou aqui! – Mirta arrancava com dificuldade um ramo de trepadeiras. – E se quer dormir livre de ameaças à noite, não chame Cerúleo de animal de estimação, ele fica uma fera.

– Cró!

Brinaff desceu da carruagem com dificuldade e olhou divertido para o pássaro.

– Eu estava brincando, Cerúleo. Relaxe, sim?

Mirta aninhou o emaranhado de plantas nos braços e veio até a carruagem.

– A propósito, o que estamos fazendo mesmo? – indagou o dragão.

Ela pensou em responder algo, mas, ao invés disso, apenas respirou fundo. Vocês sabem como ela se irrita ao ter de repetir explicações. Deixou

no chão o ramo de trepadeiras e disse:

– Camuflando a carruagem – ela nem olhou para o dragão. – Eu entro como uma visitante qualquer, vocês me esperam aqui, eu compro o remédio do homem e seguimos para casa. Soa como um bom plano? Obrigada.

– Camuflando a carruagem? – Brinaff olhou para os lados, procurando respostas. Não era possível ver dali a porteira de entrada do vilarejo. Era como um quintal rural qualquer. – Mas por quê? E de onde está vindo esse barulho de galinhas?

Mirta apontou o dedo em riste para seu focinho:

– Nem pense nisso, ouviu bem? Depois podemos parar em algum canto e comer direito, mas você fica quietinho aqui.

– Aqui? Mas onde é *aqui* e por que viemos?

– Cró! Cró!

Brinaff ouviu e balançou a cabeça, positivamente.

– Então é isso... compreendo, amiguinho. – Virou-se para Mirta. – Mas não quero, de forma alguma, que tenham trabalho por minha causa. Vejam, já me sinto melhor!

Ele mal havia fechado a boca quando suas pernas falharam, deixando-o de rosto no chão. Ele se aprumou rapidamente, com um grunhido, e tentou lançar para ela seu olhar mais austero e confiante. Sem sucesso, claro.

– Não, você não está nada bem! Se começar a delirar em voz alta novamente, estamos perdidos. – Ela levou o indicador à boca enquanto olhava ao redor, decidindo o que fazer. – Enfim, se é para você estragar tudo, que seja comigo por perto, ao menos. Está decidido, você vem junto.

Brinaff não contestou. Parecia curioso em conhecer o vilarejo, afinal de contas. Nem precisou mencionar o fato de que detestava esperar pelos outros. Era um mensageiro, e esses não esperam. São esperados. E muito pouco.

– Se é sua decisão – disse ele, tentando esconder o contentamento –, não posso protestar, uma vez que é nossa guia.

– Boa tentativa, Brinaff. Vamos, mexa-se, pois temos pouco tempo.

– Devo ajudá-la a camuflar o veículo, então?

– Não é necessário – ela já se afastava para buscar mais um pouco de trepadeiras –, tive uma ideia melhor para você. Está vendo aquela poça de lama ali? Preciso que se chafurde nela, por favor.

– Está sofrendo de demência? Estou todo machucado!

– Faça o que digo, Brinaff, que coisa! Prefere que todo mundo veja um

dragão andando tranquilamente por aí? Você vai entrar em Cascalha, sim, mas como meu porco de estimação.

– Cró!

Polos andava de um lado para o outro, irritado. A mão deslizava por cima da cabeça oleosa e o tilintar de sua armadura quase fazia música, como se fosse um chocalho.

– De novo! – Ele chutou os restos da fogueira. – Atrasados de novo!

– Eu não entendo... – começou Mulle, tamborilando os dedos pelo queixo.

– Mulle, não diga nada, por favor.

– Deixe-o relinchar, O’Kris – Polos quase espumava pela boca. – A verdade é que também não entendo. Estamos sendo feitos de bobos por essa garota! A desgraçada não ia para a capital? Por que, pelas maldições, ela fica dando voltas?

Queixada ouvia a tudo sentado em um tronco. Com o corpo curvado para baixo, procurava por algo que Mirta pudesse ter esquecido, ou, quem sabe, com sorte, qualquer comida.

– Podemos ficar aqui nos lamentando, tentando entender a cabeça dela – murmurou ele, sombriamente –, ou podemos apanhá-la logo e arrancá-la fora, de uma vez.

Mulle riu, balançando os ombros. Ele sempre fazia isso e era algo que irritava profundamente os companheiros.

– Esse é um plano que eu entendo.

O’Kris levantou-se do chão e limpou as mãos nas próprias calças:

– Aqui está a trilha. Me parece que montaram acampa-mento e passaram a noite, a julgar pelos furos no chão, e depois seguiram viagem. Devem ter reencontrado a estrada principal logo à frente.

– Somos realmente um bando de idiotas – concluiu Queixada. – Se tivéssemos seguido adiante, sem fazer esse desvio para o meio do mato, teríamos encontrado.

Polos também se sentiu um idiota. Essa era a única coisa que o deixava ainda mais furioso que o normal. Passou pelo grupo a passos largos, rosnando:

– Então chega de conversa fiada, seus molóides! Vamos voltar e apanhar os cavalos. Ela tem apenas uma ou duas horas de vantagem sobre nós.

– Está demorando demais para responder – Brinaff estava desconfiado. Tentava ver a própria imagem no reflexo dos óculos de Mirta. – Eu pareço um tolo, não é?

– Não me desconcentre, você está ótimo – mentiu ela, retocando a camada de lama sobre a cabeça.

– Cró!

A lama fazia seus machucados arderem nas costas, mas era menos pior do que o imaginado. No fim das contas, estava fresca e até ajudava a aliviar a dor em determinadas áreas.

– Vocês são péssimos mentirosos. E estou congelando, se é que se preocupam, o que eu não acredito. Mas se tem de ser feito, que assim seja!

Mirta esticou as pernas, ficando de pé e deu alguns passos para trás, analisando o próprio trabalho. Tentou não levar as mãos sujas na cintura, para não estragar o casaco de lã. Ela balançou a cabeça algumas vezes e virou-se para Cerúleo:

– Excelente, não é? – Não esperou que o pássaro respondesse e fez um sinal teatral com a mão. – A entrada de Cascalha é por aqui, senhores. Podemos?

Subiram de volta até a estrada que dava na porteira. Brinaff achou o lugar agradável, apesar de plano. Sua geografia preferida sempre fora a montanhosa, mas em dadas circunstâncias, qualquer lugar que não cansasse suas pernas era bem-vindo. Ainda longe da porteira, ele teve de se conter para não pensar nas galinhas, cujas vozes entravam como uma agradável orquestra em seus ouvidos.

– Não se preocupe, Brinaff – a voz de Mirta veio sus-surrada a seu lado –, ninguém o notará.

– Eu queria acreditar nisso... – ele tentava conduzir o caminhar nas áreas onde já batia algum sol.

Segundos depois, dois garotos saíam do vilarejo, pulando a cerca. Um perseguia o outro correndo, pulando obstáculos, subindo em árvores. Quase como se quisessem se matar mutuamente, mas era estranho. Sorriam e cantavam.

– Criaturas medonhas – balbuciou o dragão, com um calafrio.

Seguiram em silêncio, caminhando a passos cautelosos, até a porteira, que tinha uma das folhas abertas. Quando passaram pelos garotos, eles pareceram não notar nada de anormal e continuaram correndo e gargalhando. Brinaff

deixava escapar a respiração quando ouviu a voz aguda de um deles:

– O que é aquilo?

Brinaff torceu para não estarem apontando para ele.

– Continue andando, como se não fosse com a gente – sussurrou Mirta, ereta e concentrada.

Um dos garotos desceu do galho da árvore onde estava e correu até eles:

– Moça, moça, o que é isso?

– Estava demorando... – murmurou o dragão, tentando esconder o rosto.

Mirta virou-se bruscamente, encarando o menino:

– Estou com pressa, garoto, desculpe-me.

Brinaff levantou os olhos e deu uma boa checada no menino. Achou-o mais feio que o normal, mas isso não queria dizer muita coisa. Tirando ele próprio, e com muita sorte o Rei Corff, todos eram hediondos. O garoto tinha os cabelos claros, quase brancos, cortados de forma que a franja ficasse muito curta e o restante espichado. A própria Mirta não parecia gostar do que via.

– Eu só queria saber que animal é esse – ele esfregou o nariz com a manga da camisa, estampando nela uma tira de gosma.

– Como assim “que animal é esse”? – questionou ela, indignada.

Disfarce perfeito, srta. Vento Amarelo. Muito obrigado, pensou Brinaff.

– Esse é o meu porco, ele só precisa de um banho. Agora volte a brincar, pois temos hora marcada. Passar bem, garoto.

O menino abriu um sorriso. Pela cor dos dentes, Brinaff concluiu que o nariz não era a parte do seu corpo mais imunda e revoltante.

– Porco? Conta outra! – Ele se abaixou, tentando conferir o dragão mais de perto. – Parece um sapo... com casca! Ei, Toto, venha ver que bicho estranho!

– Acredite se quiser... – era evidente que Mirta tentava disfarçar sua irritação. – Esse é da raça dos honn, que só comem carne. Estou visitando o vilarejo à procura de algumas galinhas, ou algo que o interesse para o jantar. Quando selvagens, os Honn comem crianças desatentas, dessas que saem para brincar no meio do mato, longe da vista dos mais velhos. Como não tenho paciência para procurá-las, vou direto aos pais e ofereço algum dinheiro em troca de um filho mal-educado. – Ela apertou os olhos. – Ou muito sujo... como um porco.

O garoto deu um passo para trás, sem perceber. Brinaff tentou não rir e o esforço fez a dor ficar ainda mais aguda.

– Cró!

– Bem lembrado, Cerúleo – falou ela, com um sorriso. – Rapaz, sabe me dizer onde mora o vendedor de pomadas?

Pela expressão do garoto, pareceu que Mirta havia falado com o pássaro, mas ele preferiu não perguntar mais nada. Devia estar pensando no quão estranha essa moça parecia.

– Está... falando do velho Ien'Burr?

– Depende. Se for um vendedor de pomadas, sim. Se não, não.

– Eu acho que ele vende uns remédios... mora no final da via principal, à direita. Você passa pela granja e segue em frente. É uma casa mais antiga, o telhado tem umas manchas esquisitas, de lodo.

– Obrigada – interrompeu ela –, isso é tudo.

– Tudo bem, senhorita... se me dá licença, agora vou voltar a... Toto, pode deixar, era só um porco!

Toto ainda tentou chegar perto, curioso, mas o menino o empurrou de volta, fazendo sinal para que esquecesse. Quando estavam novamente longe, Brinaff olhou para Mirta e ela piscou de volta:

– Até agora, tudo de acordo com o plano.

Cascalha era um lugar agradável, apesar da simpli-cidade. Sempre descreverei com carinho o vilarejo. Quando a porteira se abria, o visitante se encontrava em uma via única, em linha reta; a principal. Do lado esquerdo havia três quadras bem divididas, com suas próprias construções e ruas perpendiculares. Do lado direito, a mesma coisa.

Quando entraram, o sol já começava a esquentar os telhados. De quase todas as chaminés saía fumaça. Brinaff olhou para sua esquerda e deu uma boa olhada na primeira quadra. Um terreno composto por uma casinha de pedra e telhas de madeira. Ao lado dela, por dentro do cercado, um retângulo de terra elevada formava uma horta verde e viçosa. Seu olhar travou em hipnose quando viu, saindo do cercado, duas galinhas e um pato, ciscando o chão tranquilamente.

– Brinaff... – alertou Mirta.

– Só estou olhando – sussurrou, sem conseguir desviar as vistas das aves gordas e suculentas. – Meu espírito é inquebrável, posso lhe assegurar.

Ao lado direito, na quadra oposta, ele viu duas construções: uma casa com uma porta e duas janelas de madeira, e outra ao lado, quase do mesmo

tamanho, com uma placa pendurada, onde havia as palavras Leite, Pão e Ovos.

Algumas pessoas andavam pela rua, sem exibir qualquer sinal de sonolência no rosto. Uns carregavam ferramentas nas mãos, outros transportavam cestos cheios de frutas ou legumes. Logo à frente, na via principal, Brinaff viu um homem conduzir uma vaca até um cercado de madeira escura, à esquerda. O homem parou, abriu com uma das mãos uma porteira e tocou o animal para dentro, fechando-a em seguida. Foi quando o dragão sentiu um aroma familiar e muito agradável. Estavam perto de um curral.

Quando Mirta notou que só ela continuava andando, olhou para trás e viu que Brinaff parecia estar sob efeito de algum encantamento. Para chamar sua atenção, ela vociferou:

– Está decidido, Brinaff. Você não pode cruzar por ali. Não confio que vá conseguir se controlar, e se atacar alguma daquelas vacas, meu plano vai por água abaixo. Denunciará nossa presença à vila inteira, daremos outro espetáculo e ainda terei de dar explicações impossíveis. Venha por aqui.

– Eu estou bem – defendeu-se ele, sem conseguir disfarçar um ronco reverberante na barriga.

Mirta, decidida, levou-o até a esquina da primeira rua à direita, depois do comércio de leite e ovos. Entrou na viela e andou por alguns metros, parando à esquerda, ao lado de um prédio grande de madeira. Tinha o aspecto de um galpão de armazenamento, como um paiol. O telhado era característico, forrado de palha entrelaçada, e as paredes de tábuas cinzentas. Havia, encostada na beira da rua, uma carroça abandonada, lançando no chão uma sombra fria. Mirta, com um semblante satisfeito, sugeriu:

– Aqui é um bom lugar para me esperar. Esconda-se debaixo dela – apontando para a carroça – para não distrair mais nenhuma criança. Ainda temo que vá fazer alguma bobagem, então pedirei a Cerúleo que o vigie, está certo?

– Cró! – concordou o pássaro, saltando do ombro de Mirta para a carroça.

– Não vejo a menor necessidade disso – resmungou Brinaff, aborrecido.

– Não reclame, eu não vou demorar. Procurarei o tal velho Ien'Burr, comprarei algum medicamento para seus ferimentos e em poucos minutos estarei de volta. Se prometer que irá se comportar, posso conseguir uma ou duas galinhas para seu café-da-manhã.

Brinaff bufou, soltando fumaça pelas aberturas do nariz:

– Gordas, por favor.

Ele observou amargurado enquanto Mirta se afastava para a rua principal. Cerúleo, empoleirado na lateral da carroça, parecia encará-lo com uma expressão de quem diz: “agora somos só nós dois. Estou de olho em você garotão”.

Mas Brinaff não aguardaria deitado até que a garota retornasse. Resolveu se levantar e circular os arredores do paiol. A carroça carecia de uma das rodas, de modo que ficava inclinada, com uma parte da carroceria encostada no chão. Ele foi até a parte traseira, curioso, e viu algo brilhante, que chamou sua atenção. Tentando uma atuação improvisada, começou a gemer, apenas alto o suficiente para que Cerúleo o ouvisse.

– Cró!

– Não se preocupe, amiguinho, é apenas a febre retor-nando...

– Cró!

– Eu não gostaria de tirá-lo de seu sossego, mas, se insiste, existe algo que talvez possa me fazer. Lembra-se de quando passamos pela entrada do vilarejo, onde havia três árvores lado a lado? Uma delas tinha o tronco esbranquiçado, não tinha? Se não estou enganado, era da família das cacao. Suas folhas agem no combate à inflamação e têm uma leve ação refrescante – mentiu. – Enquanto não aplicamos um remédio apropriado, seria maravilhoso se pudesse me apanhar algumas... faria isso por mim?

– Cró!

– Agradeço solenemente, de todo coração.

Cerúleo levantou voo e afastou-se em direção à fachada do vilarejo. Brinaff esperou até que ele sumisse de vista e subiu na carroceria de madeira. Num dos cantos, removeu alguns entulhos e porcarias, revelando um par de botas velhas, sujas de barro seco. Pregadas perto dos calcanhares havia um par de esporas de prata. Com dois puxões firmes, arrancou-as dos calçados e deixou-as no piso.

Sua bolsinha de veludo estava pendurada no pescoço; ele enfiou uma das mãos na abertura e ela se abriu até atingir o dobro do diâmetro. Discretamente, apanhou os objetos prateados e guardou-os com delicadeza, vendo a bolsa fechar-se e voltar ao tamanho original. Quando olhou para trás, a fim de certificar-se de que ninguém o havia visto, notou um garoto na janela dos fundos da mercearia. O menino encarava-o com os olhos

arregalados e a boca aberta.

Mirta tinha pressa, mas também estava esgotada fisicamente. Nesse momento, já se sentia arrependida por estar envolvida pelo blusão de lã. O clima em Virídea é meio parecido com o temperamento humano – talvez seja essa nossa maior herança por parte de Yanenna –; impulsivo e imprevisível.

Ela cruzou toda a via central, passando pelo curral de criação de gado, um galpão semiaberto, com telhas de barro, cercado por tábuas grossas de madeira escura. Duas mulheres, carregando trouxas de roupas, passaram por ela, encarando-a com desconfiança. Mirta especulou se o povo dali não gostava de visitantes. Do lado oposto, ela viu um prédio quase do mesmo tamanho, porém fechado, feito de tijolos e argila. Era a granja de onde saía todo o barulho fenomenal que só um bando numeroso de galinhas conseguia produzir. As paredes tinham aberturas de fora a fora, por toda sua extensão, na parte superior. Assim, entrava menos ar frio e também impossibilitava a fuga das aves.

Mirta, no meio da rua, entre as duas construções, agradeceu a si própria por não ter trazido consigo um dragão faminto e delirante.

Na última quadra, antes de o vilarejo terminar brusca-mente numa cerca que dava para um campo de pastagem, viu à sua direita uma das últimas casas. Lembrando-se da descrição dada pelo garoto, conferiu se estava no lugar certo. A casa mais antiga, erguida em tábuas bolorentas e telhado de barro. Havia moitas de plantas nascendo entre as telhas. Mirta abriu com cuidado um pequeno portão, frouxo e bambo, temendo que ele desabasse a qualquer momento. Passou por uma roseira seca e abandonada e aproximou-se da porta. Levou a mão para bater, mas ficou retesada, feito estátua.

Na madeira da porta estavam pintados à mão os seguintes dizeres: *Temos remédeos e pomadas.*

Eram poucas as coisas no mundo capazes de tirá-la do sério. Crianças mal-educadas, estupidez, desatenção e erros de ortografia.

– Eu já ficaria surpresa se esse homem for capaz de fazer uma polenta sem queimá-la – murmurou, rabugenta.

Bateu na porta três vezes e aguardou. Em poucos instantes foi recebida por um velho que tinha metade de seu tamanho. O nariz era comprido e afilado, as bochechas vermelhas, e a boca, sorridente, não apresentava qualquer sinal de haver dentes.

– O senhor é o velho Ien’Burr? – sua voz mostrava total desânimo.

– Remédios, medicinais, pomadas, ungentos, xaropes, antioxidantes, óleos para polimento, bálsamos, estimulantes, analgésicos e calmantes. Sou eu mesmo. O que deseja?

Mirta não ficou impressionada. Qualquer charlatão com um texto decorado falaria assim.

– Tenho um amigo sofrendo de febre alta. Ele foi vítima de alguma violência e seus machucados estão muito inflamados.

O velho puxou os pêlos da barbicha, pensativo:

– Entendo... Nesse caso, procura algo que aja contra a inflamação e alteração térmica. Tem preferência por via oral ou aplicação localizada?

– O que o senhor recomendaria?

– Localizada. Unguento ou pomada seria o ideal. São mais baratos, e seus efeitos colaterais muito mais reduzidos. Venha até o laboratório, posso ajudá-la a escolher, com prazer.

Mirta ergueu uma das sobrancelhas.

– Eu adoraria.

Quando os quatro cavalos pararam, Polos já saltava no chão, atolando as botas na lama. Seguiu o rastro até a moita de trepadeiras e começou a desfazer a camuflagem, revelando o veículo metálico.

– Encontramos a desgraçada! – ele quase babava, acariciando o cabo da faca na bainha.

Os três companheiros permaneceram montados, atentos aos arredores. O’Kris, com o cenho franzido, perguntou a si próprio, em voz alta:

– O que poderiam querer aqui? Estão na direção oposta a Tulma!

– Isso não interessa! – rosnou Polos. – Desçam, depressa, ela está encurralada!

Enquanto desciam e atrelavam as montarias, Mulle começou com sua risada incômoda.

– O que foi, estúpido? – perguntou Queixada.

O grandalhão ergueu o punho e ajeitou a luva grossa, puxando-a para baixo. Em seguida, apontou para algo amarrado na cela:

– Eu trouxe o pedaço de pau – falou em tom confidencial. – Hoje teremos crânio amarelo ao molho de dragão.

Queixada balançou a cabeça, satisfeito:

– Bom...

– Obrigada, Sr. Ien'Burr – ela sorria de canto a canto, enquanto saía pela porta da frente. – Estou muito satisfeita. Seu trabalho é digno de ambições maiores, como já disse. Por favor, não deixe procurar o professor Quani quando for a Tulma. Ele certamente precisaria de alguém como o senhor.

O velho riu, exibindo as gengivas vazias:

– Agradeço solenemente. Se eu soubesse que seria visitado por ninguém menos que Mirta Vento Amarelo, teria ao menos providenciado uma pintura nessa cerca velha.

– Imagine – ela tentou simular modéstia –, sou apenas uma entusiasta e suas pesquisas me inspiraram muito. É uma tragédia que não tenha tempo para falarmos um pouco mais.

– Haverá outras oportunidades, espero. E fique sossegada, quando passar pela capital, procurarei o professor e espero vê-la por lá também. – Ele apontou para o saco nas mãos de Mirta. – Não se esqueça...

– No máximo duas aplicações ao dia! Pode deixar que...

Ela permaneceu de boca aberta quando olhou em direção às primeiras quadras do vilarejo. O paiol onde havia deixado Brinaff estava soltando fumaça. Muita fumaça. Era possível ver algumas labaredas lambendo o telhado.

– Oh, não... por favor, de novo não.

Tudo começou quando Brinaff notou que o garoto o encarava. O dragão ainda tentou disfarçar, deitando-se sobre as tábuas da carroceria e roncando feito um porco, mas já era tarde demais.

– Papai! Venha ver isso, um bicho estranho está roubando as coisas do Sr. Maufrade!

Em questão de segundos, aparecia na janela a cabeça do pai, procurando, curioso:

– Onde? Que animal?

– Aquele porco enorme, com cara de lagarto! – O garoto apontou o dedo para Brinaff.

– Fique dentro de casa – ordenou o pai. – Vou chamar seu tio para ver de perto. O machado está no prendedor da despensa?

– O que está acontecendo aí em cima? – O dono da mercearia havia saído

do estabelecimento e dobrado a esquina.

– Saia daí, Sr. Maufrade! – berrou o menino. – Tem uma criatura, um lagarto gigante na sua carroça. Volte para dentro e apanhe alguma arma, ele pode ser perigoso!

– Pelos bigodes de Okkon – murmurou Brinaff, desesperado, enquanto tentava pensar em algo.

O velho Maufrade assentiu, balançando a cabeça e correu de volta para a mercearia. O pai do garoto gritou alguma coisa de dentro da casa e ele deixou a janela, a fim de atendê-lo. Por alguns segundos, Brinaff estava fora das vistas. Precisava fugir, mas o seguiriam e, com os ferimentos, não conseguiria se deslocar tão rápido... tinha de pensar em uma distração e tinha de ser já.

Saltando da carroça, inflou as bochechas e disparou uma lufada de fogo em direção ao telhado de palhas do galpão. As chamas se espalharam em instantes e ele aproveitou para escapar. Desceu sorrateiramente até o fim da viela, passando ao lado de todas as casas e implorando aos deuses para não ser visto. Após passar pela última construção, o vilarejo terminava abruptamente, fazendo divisa com um brejo de taboas. Brinaff pensou em pular na água, pois seria um bom esconderijo, mas Mirta desaprovava. Quando ele voltasse para a terra firme, estaria totalmente lavado, e o disfarce, arruinado. Decidiu então esconder-se atrás de um barril de aguardente e observar.

O velho Maufrade foi o primeiro a chegar no galpão. Pulava de um lado para o outro, desesperado, arrancando os cabelos. Sua esposa, atrapalhada, trazia baldes cheios d'água, na esperança de acalmar a violência do incêndio. Não conseguiu acalmar sequer o próprio marido. Desnecessário dizer que em menos de dois minutos formava-se um verdadeiro tumulto nas ruas. Todos os amigos e vizinhos tentando, à sua maneira, ajudar. Alguns tiravam as coisas de dentro do paiol, como sacos de farinha, serragem e caixas de ovos. Outros observavam resolutos, de braços cruzados. Uma verdadeira desgraça. Pobre Sr. Maufrade...

Brinaff aproveitou a distração para se deslocar para longe dali. Jamais voltaria à via principal, pois o garoto e seu pai o reconheceriam. Resolveu que contornaria pelos fundos, em direção à casa do vendedor de pomadas, onde Mirta deveria estar.

Ela, por sua vez, vendo ao longe o que estava acontecendo, não teve

trabalho em deduzir a explicação. Em circunstâncias diferentes, colocaria a culpa em alguma criança, pois, segundo ela, onde havia um problema, havia uma criança. Onde havia uma criança, jazia um culpado. Dessa vez não. Seria coincidência demais. Se Brinaff fora descoberto, fez a coisa certa ao lançar uma distração. Mas onde estaria ele agora?

Ela mordeu os cabelos, olhando para a esquerda. Ele teria de estar nos fundos, no mesmo lado da casa do velho Ien'Burr. Dificilmente cruzaria a rua principal se estivesse fugindo dos olhos alheios.

– Mas que lástima... – gemeu o velho vendedor de pomadas. – Queimaram o paiol do Sr. Maufrade. Quem faria uma coisa dessas?

O velho piscou e limpou as vistas cansadas. Mirta já havia desaparecido.

Ela passou por trás da enorme granja e o barulho das galinhas ali era insuportável. Praguejou quando atolou o pé até a canela, arruinando uma de suas botas.

– Brinaff, quando eu o encontrar, vou matá-lo lenta-mente – uivou. – Eu saio por cinco minutos e veja só o que apronta!

Passou pela granja, procurando dentro do brejo, por trás dos caixotes e até por baixo do piso elevado de algumas casas. Ela teve de saltar uma canaleta de irrigação, mas nem o fez com muito cuidado. Que mal havia, a essa altura, perder a outra bota?

– Mirta! – sussurrou ele, enfiado numa plantação de batatas. – Aqui!

Ela o olhou com irritação no rosto e alívio no peito.

– O que você fez, Brinaff?

– Me encontraram. Precisamos sair daqui.

– Certo, vamos atravessar até o outro lado do vilarejo. De lá, contornaremos, como fizemos aqui, em direção à cerca da fachada. Já consegui seu remédio.

– Mas para fazer isso precisamos passar pela rua principal, a não ser que voltemos pelo pasto, depois da última casa.

– Não será necessário – disse ela. – Se formos rápidos, não prestarão atenção em nós. Já ouviu dizer que o último lugar onde procuraríamos é no mais improvável? Tome meu blusão, vai ajudar a cobrir essa sua cara de lagarto. Pronto?... Espere... Onde está Cerúleo?

– Eu explico depois, mas ele está bem, eu prometo.

– Explica depois do quê? Não podemos deixar a cidade sem ele!

– Eu não sei onde ele se encontra! Pedi que me apanhasse umas folhas de

cocoa, para dor, e não o vi novamente! Perdoe-me...

– Cocoa? Escute bem, Brinaff... quando eu me sentar no banco daquela carruagem, quero meu amigo pousado em meu ombro e crocitando feito um corvo. Se está de acordo, não precisa pedir perdão. Pronto?

Ele assentiu, pesaroso.

– Vamos!

Eles baixaram as cabeças e começaram a cruzar a rua central. Mirta recebeu trombadas de pessoas esbaforidas e curiosas. Alguns patos, soltos nas ruas, grasnavam, irritadiços.

Quando ela quase chegava ao outro lado, sentiu um par de mãos fortes agarrando-a pela cintura.

– Eu disse que a pegaria, mocinha – rugiu uma voz masculina. – Veremos se consegue escapar outra vez.

Mirta se debateu enquanto era jogada nas costas do homem.

– Me solte! Quem você pensa que é?

O homem deu uma boa conferida em seu rosto e deixou-a no chão, profundamente envergonhado.

– Peço mil perdões, minha filha fugiu de casa, insistindo que iria para perto do incêndio. Vocês são muito parecidas, peço mil perdões.

– Não há problemas – grunhiu ela, irritada, espalmando o vestido. – Sua filha deve ser uma garota muito bonita, espero que a capture logo. Com licença.

– Cró!

– Cerúleo?

Ela se desvencilhou dos curiosos, procurando pelo pássaro. Brinaff tentava observar, sem revelar muito do próprio rosto.

– Cerúleo, onde está você?

– Cró!

Então ela o viu preso em uma gaiola, nas mãos de um homem sorridente. Ele o mostrava para os vizinhos, batendo no peito, com ar orgulhoso. Mirta começou a correr em sua direção, e Brinaff foi atrás, tentando imitar a forma desengonçada como os porcos correm. O homem estava se despedindo dos amigos e virava uma esquina, cantarolando. Cerúleo se debatia dentro das grades.

Polos, na via principal, berrava a seus companheiros. Estavam no centro

do tumulto, bem próximos ao prédio em chamas:

– Esqueçam esse fogo, encontrem a garota! Maldição!

Queixada agarrou um homem pela gola e ergueu-o no ar:

– Quem pôs fogo no galpão?

– E... eu não sei, senhor. Não vieram ajudar?

Queixada jogou-o no chão e gargalhou, observando como o homem estatelava-se.

– Inútil.

– Pare de brincar, Queixada, maldito! Precisamos encontrá-la antes que fuja novamente!

– Certo, chefe... deixa com a gente.

O’Kris bateu nos ombros de Polos:

– Exatamente... ela pode fugir de novo! Alguém tem de vigiar a carruagem!

Polos coçou o queixo por alguns segundos e decidiu:

– Mulle! Você e Queixada, voltem para o veículo, imediatamente! O’Kris e eu ficamos aqui, vamos dar um jeito de cercá-la!

Mulle acariciou o porrete e sorriu. Passou por Queixada, puxando-o pela ombreira da armadura:

– Vamos ver quem consegue pegá-la primeiro.

Mirta tinha a respiração ofegante quando alcançou o homem da gaiola. Ela o puxou pela camisa, para que ele parasse de andar. Ele virou-se para ela e examinou-a, curioso:

– Pois não?

– Cró!

Ela dobrou o corpo e apoiou as mãos nos joelhos:

– Senhor... Esse pássaro... Não é seu.

Ele começou a rir e trouxe a gaiola até perto de si.

– Conta outra, garotinha. Veio a mando de seu pai, não é? Pois diga àquele canastrão que dessa vez não serei passado para trás novamente. Eu apanhei esse aqui por conta própria. – Ele levantou a gaiola, para admirar as penas de Cerúleo. – Pela cor, deve valer uma nota.

– Cró!

Mirta já apontava o dedo para argumentar, quando de repente o homem soltou um urro de dor. Ele largou a gaiola e caiu no chão, segurando a perna,

que sangrava. Brinaff lhe dera uma mordida.

– O que foi isso? – Gritou o homem, ainda em choque.

– Meu porco é adestrado – ela apanhou a gaiola no chão. – Vamos, garotos.

Saíram pelos fundos de uma horta e desceram correndo, quebrando pés de alface e tropeçando em melancias. Mirta avistou a cerca da fachada e apontou o dedo para o ponto mais distante da porteira:

– Por ali é mais rápido, depressa!

– Cró!

– Já vou soltá-lo, Cerúleo. Deixe-me ao menos entrar na carruagem. Brinaff, ao chegar lá, salte direto para a parte traseira, enquanto ligo os motores. Pelos deuses, minha reputação vai acabar muito em breve por sua causa, seu lagarto desastrado! Se eu soubesse que transportaria um piromaníaco, não o teria trazido!

– Desculpe... – foi tudo o que o dragão conseguiu formular.

Mulle e Queixada desciam tranquilamente a via principal. O grandalhão trazia o porrete apoiado no ombro largo e seus dedos coçavam com a possibilidade de usá-lo. Cruzaram a porteira e continuaram, passando pelas árvores e virando à direita, onde logo abaixo estava estacionado o veículo.

– Acha que ela será pega aqui ou lá, Queixada?

O amigo parecia desanimado.

– Tanto faz, só quero acabar logo com isso.

Mulle olhou para trás, em direção ao vilarejo. Sondou por alguns instantes, coçou a cabeça e virou-se novamente para trás.

– Nem sinal dela, infelizmente. Vamos nos esconder em algumas dessas moitas e... ei! Cadê o veículo?

Queixada ergueu as sobancelhas, pouco entusiasmado. Mexeu na moita de trepadeiras e não encontrou nada. Ao longe, na estrada, ele pensou ter visto um ponto prateado em movimento. Coçou os cabelos sujos e olhou para Mulle:

– O chefe não vai gostar nada disso.

11 – A FORTALEZA PÁLIDA

O rei Silkai parecia ligeiramente aborrecido, enquanto conferia a nova pintura nas unhas. Por baixo das sobrancelhas delicadas, os olhos apertavam-se, conferindo cada detalhe da mão imaculada. Com certa satisfação, jogou a cabeça para trás, de forma delicada, e recostou-se no trono. Os cabelos, limpos como o céu da primavera, estavam erguidos no ar, suspensos por três parábolas de fios transparentes. Era possível ouvir o chiado suave da própria respiração no cômodo vazio. Dessa vez, Silkai optou por não contar com a companhia das amas. Ele desejava ficar só no salão.

O trono era uma peça de beleza inigualável. Construído com acabamento de marfim e pérolas, tinha um estofado violeta e inscrições prateadas, possivelmente uma dedicatória do artesão. Nas laterais, um detalhe chamava atenção por sua cor e beleza: uma série de chifres vermelhos, ornando as extremidades do assento real.

Silkai olhava para as figuras pintadas nos vitrais, imaginando como seriam se estivessem em outra posição. Em uma das sequências de ilustrações, havia a imagem do rei, vestido de branco, com o dedo apontado em riste para frente. Dois plebeus estavam ajoelhados a seus pés, possivelmente pedindo perdão por algum delito. Os cabelos voavam ao vento, como uma língua de labareda pálida. Essa não era a mensagem que ele gostaria de passar a seu povo. Como governante benevolente, preferiria que a imagem representasse as amas lavando suas madeixas, enquanto ele atirava moedas de ouro pelo balcão do castelo.

Torcendo os lábios, ele olhou para outra figura, pintada somente em tons de azul e branco. Nesta, ele era ainda um bebê no colo de sua mãe. Ela caminhava descalça pelos ladrilhos do átrio do castelo, enquanto o pai lavava os cabelos na fonte de prata. A pintura não era completamente realista, as feições nos rostos eram enrijecidas, como o próprio vidro. Ainda que a mãe parecesse uma flor de silhueta perfeita, nem de longe fazia jus a sua beleza real. Em qualquer balcão de taberna sabe-se que nunca houve ou haverá no mundo uma mulher com encanto que se compare à da falecida rainha Silve, Manto da Lua.

Perdido em devaneios, o rei Silkai demorou um tempo até perceber que batiam na porta. Pelo ritmo incômodo das pancadas, ele já sabia de quem se tratava e seu rosto se desfez em aborrecimento.

Fleros... ainda vou descobrir o infeliz que o designou para essas tarefas.

Segundos depois, veio, do outro lado da porta, a voz melodiosa e abafada:

– Majestade Lúrida, peço perdão pelo incômodo. Se existe um motivo para se deitar a cabeça de forma pesada no travesseiro à noite, é esse: incomodar a meditação do sagrado regente da capital. Mas, como homem falho, sim, o assumo, escolhi viver uma vida onde servirei mais do que serei servido. Assim sendo, já tendo causado dano suficiente, peço, com humildade, autorização para que eu entre e o comunique das notícias.

Silkai estava tão apático, que mal teve forças para respirar fundo. Porém, antes de autorizar, Fleros já abria a porta e entrava. Seus cabelos enferrujados estavam meio bagunçados, e o rei, ao notar, especulou se ficaram assim devido a muito trabalho ou excesso de descanso.

– Diga logo o que quer, Fleros. Hoje não estou num dia bom.

– Imediatamente, majestade. – Era evidente sua vontade em continuar falando, mas, com esforço, conteve-se. – Vim anunciar o retorno do conselheiro real, o indelével Sr. Gherda!

Silkai aprumou-se no trono ao ouvir o nome.

– Gherda está de volta? Quando isso aconteceu?

– Retornou essa manhã, majestade. Cuidamos para que ele fosse banhado e alimentado adequadamente antes de reunir-se com o senhor. Penso que foram muitas as aventuras pelas quais passou. Por vezes tentei interpelá-lo entre um pão de centeio e outro, para que me contasse dos seus admiráveis feitos, mas acredito que esse seja um privilégio exclusivo de vossa majestade. Pelos quatro, ele está com uma aparência magnífica! Imagino que as moças de Tulma fiquem alvoroçadas quando...

– Fleros... mande-o entrar logo.

– Seu desejo é uma ordem, sua magnificência. – Fleros entrelaçou os dedos, desconcertado. – Temo que ele não tenha subido comigo, mas mandarei buscá-lo nesse mesmo instante.

– Alguém me enterre... – resmungou, baixinho. – Pois vá logo, incompetente! Se eu soubesse que viria papear, não teria autorizado sua entrada!

Fleros recuou, saindo pela porta:

– Pois não, majestade. Ele estará aqui em questão de minutos.

Quando o empregado saiu, Silkai já não estava prestando atenção. Pensava em Gherda. Fazia tempo que não recebia notícias suas. Era difícil tomar as decisões atuais sem antes consultá-lo. Ele certamente teria escolhido outra filha do rei Felix, uma não tão bonita, poupando-o do trabalho e aborrecimentos desnecessários que Leona trouxera.

Lembrou-se de quando era apenas um garoto e exercitava seu primeiro ano de reinado. Estava perdido como um cachorro largado em uma balsa, recebendo pilhas e pilhas de papéis para assinar, decretos sem sentido a serem feitos e uma profusão de homens e mulheres importantes tentando marcar reuniões e conferências. Em um dia muito atarefado, onde Silkai já quase se arrependia de ter assumido o trono, o juiz Silla entrou em seus aposentos reais com uma notícia animadora: trazia alguém para ser treinado como conselheiro real. Alguém que havia trabalhado como copista e orador em uma das milícias rebeldes de Virídea, derrotada recentemente.

Quando Silkai bateu os olhos no rapaz pela primeira vez, não se empolgou muito. Podia ter alguma beleza e olhos inteligentes, mas parecia muito reservado, quase como se nunca tivesse proferido mais de três frases em uma conversa. Com o tempo, porém, Gherda mostrou-se ser alguém de mente dinâmica e precisa. Poderia se tornar alguém tão sagaz quanto o comandante Hillel, se bem treinado.

Em apenas duas semanas, Gherda havia solucionado tantos problemas, que Silkai já se entediava pela falta do que fazer. Tornou-se, então, indispensável, o que trouxe aos últimos meses uma carga quase insuportável. Havia tarefas que só podiam ser confiadas a Gherda, e agora ele retornava de uma delas. O rei estava ansioso para ouvir os resultados.

Silkai ouviu uma batida tímida na porta. Era ele.

– Entre, Gherda! – sua voz tentou ser o mais casual possível, mas era difícil esconder a excitação.

A porta se abriu e Fleros entrou novamente.

– Desculpe a petulância, sua majestade. Pedi ao mestre Gherda que me ensinasse a forma como ele bate à porta. Eu sabia que podia tentar imitá-lo, senhor, e veja só! Funcionou! Devo confessar que me surpreendo toda vez que descubro um talento oculto. É sabido que todos nós temos inúmeras qualidades adormecidas, que...

– Fleros, desapareça da minha frente se não quiser ser enforcado. Se tiver

subido sozinho de novo, essa será sua última tarde!

Fleros engoliu em seco e terminou de abrir a porta, dando passagem. Gherda deu dois passos à frente, bateu duas vezes nas costas de Fleros, com um sorriso no rosto, e entrou na sala do trono. Ele não havia mudado muito. E por que deveria? Foram só alguns meses. A cabeça estava impecavelmente raspada, lisa como uma bola de cristal. Ele usava uma túnica marrom, grossa, amarrada por dois cordões de couro. Como de costume, caminhava com as mãos cruzadas nas costas e o olhar calmo de quem vê um bosque florido. A única diferença estava na orelha direita, que agora não tinha mais três argolas, e sim quatro.

Como sempre, Gherda pareceu, à primeira vista, mais bonito do que realmente era. Quase um espécime perfeito, em envergadura e postura. De peito largo e braços torneados, possuía também um certo encanto natural. Era difícil não ter a atenção desviada quando ele entrava em um aposento. Mas os olhos de Silkai eram implacáveis. Pousavam no nariz do rapaz e detectavam falhas, como de quem já sofreu pancadas em brigas de punhos. O queixo era levemente inclinado para um dos lados, de forma quase imperceptível, e os caninos, ao sorrir, mostravam-se um pouco projetados para frente. Talvez fosse bem-aparentado para o restante da população, mas isso não importava.

– Majestade... – Gherda dobrou-se sobre um dos joelhos e inclinou a cabeça.

Silkai aguardou até que Fleros saísse e fechasse a porta. Depois, não conseguiu esconder o sorriso de satisfação:

– Seis meses é um longo tempo, Gherda. Fez muita falta, acredito que já saiba disso.

– Não creio que isso seja possível, Rei Silkai, mas estou aqui para ajudar no que for necessário, mais uma vez.

– Levante-se, rapaz. Conte-me tudo sobre a viagem.

Gherda ficou de pé, ergueu o queixo e colocou as mãos para trás:

– Sablona é, como eu esperava, um lugar quente e inóspito, majestade. Não sei como aqueles bárbaros conseguem viver lá. A capital, porém, me surpreendeu. Nunca vi tantos jardins bem cuidados e floridos. Erosa é, como cantam os bardos, um bom lugar para os perdidos se encontrarem.

– Eu não pensava diferente. Estou orgulhoso e feliz que tenha realizado o sonho de conhecer as terras do sul. – Silkai respirou fundo e perguntou, sem mais delongas: – E quanto aos Tomos Escuros?

Gherda deu um sorriso debochado, olhando para cima, como quem relembra um episódio:

– Não houve também qualquer surpresa com respeito a esse assunto. Ninguém sabe o que são, quem os escreveu e muito menos onde encontrá-los.

– Então toda a viagem foi um fracasso?

– De forma alguma. Com um pouco de sorte e um bom sorriso, consegue-se tudo na vida. Depois de quatro dias circulando por todos os cantos da cidade, conheci um amável senhor que me vendeu informações valiosíssimas.

– Pois mande o valor ao tesoureiro para que possa pagá-lo de volta. Faço questão.

– Não será necessário. O deus do homem era a bebida... por duas garrafas de aguardente ele ficou prestes a me contar até os segredos sórdidos de seu último enlace amoroso. A partir daí, entre uma pista e outra, conseguimos entrar em contato com algumas pessoas que possivelmente saberiam do assunto. A escolta que me mandou foi providencial, majestade. É incrível o que podemos conseguir depois de uma boa conversa amigável.

O rei arregalou os olhos.

– Vocês torturaram pessoas em Erosa? Não deixaram qualquer pista, acredito eu.

– Deixamos algumas, mas muito espalhadas. Teriam bastante trabalho em juntar todas elas. – Gherda riu. – Mas não acho que fossem pessoas de quem sentiriam falta tão cedo. O importante, majestade, é que conseguimos o que queríamos. Os tomos não estavam na capital, mas em uma velha cabana abandonada. O último copista já havia morrido há muito tempo e parece que ninguém mais se interessou pelo assunto.

– Excelente, Gherda, como sempre – a fala de Silkai veio embargada de emoção. – Eles estão com você?

– Nos meus aposentos. Devo trazê-los aqui?

– Sim, mas faça-o em sigilo, por favor.

– Absolutamente. Alguma notícia que eu deva estar a par?

– Como eu disse, fez muita falta, Gherda. O rei Felix mandou uma de suas filhas, a princesa Leona. Tive... alguns problemas com ela.

– Deixe-me adivinhar... era bela?

– Com requintes de exagero. Ela está no porão, numa das salas de perguntas.

– Devo cuidar dela, então?

– Ainda não. O rei certamente dará falta de notícias suas. Esperarei pelo próximo contato e então decidirei o que fazer.

– Não podemos simplesmente devolvê-la? Se ela não foi maltratada, perderemos a aliança, claro, mas sem maiores prejuízos. Posso pensar em uma boa desculpa para que tenha sido encarcerada.

Silkai respirou fundo e tamborilou os dedos sobre os joelhos. Contou, distraído, os chifres na lateral do trono, antes de prosseguir:

– Acho melhor você dar uma olhada e depois me dizer qual a melhor solução. Você concordará comigo, porém, que devolvê-la está fora de questão.

– Compreendo – assentiu, sombriamente. – Se precisar, sabe que pode contar comigo para forjar cartas. O rei Felix receberia notícias da filha e não teremos com o que nos preocupar por um tempo. Algo mais, Majestade?

Gherda era realmente muito eficiente. Como Silkai havia sobrevivido ao turbilhão de problemas sem ele?

– Hillel ficaria feliz em saber de seu retorno – prosseguiu o rei – e gostaria que o visse, mas ele está em uma expedição nas Geleiras. Vamos tratar dos tomos nesse meio tempo.

– Nas Geleiras, o senhor disse?

– Sim, foi preciso. Deixaram escapar o dragão. Você sabe, o mensageiro. Então Hillel mandou quatro de seus melhores homens em seu encalço. Já fazem alguns dias que não recebo qualquer notícia, de modo que resolvemos nos precaver. Gherda, existe um perigo real de que o dragão consiga se comunicar com outros de sua espécie e isso seria desastroso! Ao mesmo tempo, preciso de mais carapaças de mensageiros, então a missão nas montanhas acabará por se mostrar muito produtiva.

Gherda deixou escapar o ar. Coçou a cabeça e acres-centou, sorridente:

– De fato, majestade, foram seis meses movimentados. Fico feliz por estar de volta. Agora, se me der licença, vou até meus aposentos buscar os volumes.

– Sim, vá logo. – O rei apertou as próprias têmporas. – Precisamos acabar logo com isso, Gherda. Já não suporto mais essa forma.

Havia uma prateleira antiga e espaçosa em uma das paredes da sala do trono. Silkai estava em pé diante dela, avaliando sua própria coleção. Uma seleção de livros empoeirados que, por si só, comprariam uma capital inteira. Vendo as capas empoeiradas, Silkai pensou que não passavam de palavras

vazias, não melhores que poemas recitados sob improviso nas ruas. A única escrita que o interessava era a contida nos Tomos Escuros e em instantes eles estariam em suas mãos. Ele balançou levemente a cabeça, conferindo se os cabelos estavam bem presos e, em seguida, cruzou os braços, aguardando.

Gherda entrou sem bater, como já fizera em outras ocasiões. Sabia que estava autorizado. Ele trazia nas mãos os livros, como se carregasse uma bandeja. Estavam envolvidos por um cobertor fino, usado para evitar qualquer tipo de pergunta no caminho.

– Estão os dois aí?

– Precisamente. E em excelente estado.

Silkai puxou o cobertor, revelando dois grandes volumes de capa rígida, revestida de couro escuro. Esperava ver entalhes prateados, pedras incrustadas e banho de ouro nas folhas, mas se decepcionou. Parecia-se somente com um livro antigo e desinteressante.

– É impossível não se frustrar com a aparência, majestade – observou Gherda. – Lembre-se, porém, que trata-se de uma mera cópia. Vale acrescentar que os copistas mantinham rígida fidelidade ao texto original. Temos muita sorte em tê-los em nossas mãos hoje, acredite.

– Tem razão, Gherda. Fui tolo em esperar o contrário. Segure-os por um instante, enquanto abro as portas para a Fortaleza.

– Vai entregá-los a Salamandra?

– Sim, há tempos ela aguarda por novos trabalhos. Me acompanhará dessa vez?

Gherda prendeu a respiração.

– Acho que ainda tenho muito receio, majestade. Se importaria se eu o aguardasse aqui?

– Nada lhe fará mal lá dentro, Gherda – riu o rei. – Está comigo.

– Sou um homem supersticioso, rei Silkai. Peço que tenha paciência comigo. Por favor, deixe-me esperando.

– Um dia terá de perder o medo, Gherda. Posso precisar que visite o local. Vamos, afaste-se um pouco.

Silkai removeu cuidadosamente um dos livros da prateleira e o depositou na bancada. Soprou a poeira das mãos, fechou o punho e o enfiou na abertura, até que seu anel encostasse em um dispositivo metálico. Um segundo depois, ouviram um estalar, e toda a prateleira, como uma porta, se descolou da

parede. Gherda entregou os livros ao rei e a abriu, revelando um passadiço estreito e escuro.

- Pode fechá-la, eu abro pelo lado de dentro, quando voltar.
- Tenha um bom trabalho, majestade.

Silkai atravessou todo o corredor e chegou até um salão bonito e bem iluminado. Uma cópia exata da sala dos tronos, porém vazia. Ouvindo o eco de seus próprios passos, ele passou de cômodo em cômodo, atravessou corredores, um átrio exatamente igual ao do castelo, e parou de frente a uma porta, em um corredor perpendicular. Dois soldados com armadura faziam vigília.

– Majestade – falou um deles, lentamente, como se sonhasse. Seus cabelos escapavam do elmo e eram brancos como leite. O olhar não parecia exhibir qualquer tipo de emoção.

- Vou até a biblioteca. Abram a porta.

– Salve o rei Silkai – o outro soldado abriu espaço e puxou a maçaneta, com movimentos tão lentos quanto os de seu colega.

O rei passou por eles, ouvindo a porta fechar-se atrás de si com um estalo agudo. Subiu cinco lances de escada e deu, por fim, em uma saleta desconfortável, iluminada a meia-luz. Idêntica à sala de espera da biblioteca branca. Havia uma mesa poeirenta e duas cadeiras, esperando que alguém as usasse, e parecia fazer um bom tempo que isso não acontecia. Um estreito lance de escadas levava até o andar inferior, onde ele se encontraria com a escritã.

Ele não precisava chegar sorrateiramente, sabia que ninguém se incomodaria com sua presença. Sopesando os livros nos braços, enquanto seus passos reverberavam, correu os olhos pelo vasto cômodo. Quase todas as prateleiras estavam vazias, em comparação com sua irmã gêmea, a biblioteca branca, do outro lado do prédio. Mas os volumes, rolos e tomos contidos ali eram de preciosidade imensurável. Havia alguns escribas espalhados pelas mesas, concentrados em suas tarefas; lendo, traduzindo, checando e copiando. Nenhum deles levantou os olhos para o rei, pois sabiam que ele não vinha vê-los. Todos eles tinham cabelos esbranquiçados.

Silkai ouviu passos no corredor superior. Passos leves e compassados. Ele ergueu um pouco a cabeça e a viu, de pé, encostada no corrimão, como uma estátua.

– Precisa de mim, majestade? – a voz de Salamandra causava arrepios toda vez que ele a ouvia. Como quando se risca o metal sobre um piso de mármore.

– Fique perto de sua mesa, eu levo até você.

Salamandra estava debaixo de um candelabro e, sob a luz tremeluzente das velas, sua imagem ficava ainda mais aterradora. Era uma mulher magra a ponto de ser possível distinguir cada osso de seu corpo. Ela usava vestes finas e sujas. Os cabelos, cortados curtos como os de homens, estavam ralos e oleosos, mas ainda mostravam os sinais antigos de palidez, quase brancos. Era impossível apontar qualquer traço de beleza ou simpatia em seu rosto. A pele era enrugada e endurecida, os lábios finos, em linha reta, e o olho direito escuro como a noite sem lua. Morto como uma rocha. Onde deveria estar o olho esquerdo havia somente uma cicatriz, cobrindo quase metade do rosto.

– Trouxe uma pequena surpresa para você. – Silkai não conseguia disfarçar uma certa repulsa ao se aproximar dela. – Contemple os famosos Tomos Escuros!

Se ela sentiu qualquer emoção ou contentamento, ele não foi capaz de perceber.

– O que o senhor deseja de mim quanto a eles?

Silkai depositou os livros em sua mesa e espalmou as mãos, para limpá-las.

– Você é a nossa única conhecedora do idioma. Preciso de uma tradução fidedigna e uma cópia em nossa língua. A ser iniciada imediatamente.

Ela olhou para os livros em sua mesa, depois olhou de volta para o rei. Sempre com os braços colados ao corpo:

– Considere feito, majestade. Algo mais?

– Virei de tempos em tempos conferir o progresso do trabalho. Por enquanto, é só.

O rei saiu rapidamente e refez todo o trajeto, descendo até o átrio. Virou, dessa vez, à direita, entrando em um salão abobadado, onde havia, na parede oposta, três portas. Em uma delas, outros dois soldados montavam guarda, armados com lanças. Apertando o passo, sinalizou para que a abrissem.

– Deseja... – falou o soldado, com imensa lentidão – visitar a... Sala de Ornamentos, senhor?

– Evidentemente. Abra logo a porta.

– Majestade – obedeceu o soldado, dando passagem. Eles nunca olhavam nos olhos do rei.

A Sala de Ornamentos era o salão mais vivo de toda a Fortaleza Pálida. Nas paredes havia mostruários com bustos esculpidos em dolomita e granito, todos com coroas e tiaras repletas de pedras preciosas. Adagas brilhantes, elmos, braceletes, capas de linho bordadas em ouro puro, pingentes de diamantes, brincos de safira, esmeralda e mais uma série de tesouros estonteantes. Em um canto da sala, porém, havia somente um item, uma carapaça de dragão, escura como apatita, floreada por escamas douradas. Estava pendurada nos ganchos da parede, exibindo a envergadura das asas. Silkai respirou fundo ao contemplá-la e começou a caminhar em sua direção, quando uma voz o interrompeu:

– Não esperava vê-lo aqui, rei Silkai – a voz era profunda, como se viesse do cerne das trevas. – A que devo sua visita?

– Vim trazer livros importantes para tradução – ele respondeu, mas não havia mais ninguém na sala. – Precisei passar aqui e vê-la mais uma vez, a fim de aplacar minha angústia. Minha espera tem-se mostrado muito penosa.

– Vejo que realmente se afeiçoou a essa carapaça. Nem mesmo todo esse maravilhoso tesouro aqui havia sido capaz de lhe arrancar tantos suspiros. Acha que a hora se aproxima, Regente Branco?

– Tão rápido quanto o vento, espero eu – desafiou o rei. – Estamos trabalhando com afinco.

– Fico contente em ouvir isso, mas duvido que irá conseguir. Na verdade, torço para que não, apesar de me sentir tentado pela possibilidade de descanso. No fim, acho que também irá sucumbir, Majestade. – A voz assumiu um tom ainda mais sombrio. – Devo acrescentar, entretanto, que já não exibo a mesma satisfação há um tempo. Preciso que desvie os olhos de seu próprio ventre por um segundo e pense em mim, que já lhe dei tanto.

– Pois diga-me, por favor, de que mal está sofrendo.

– Tenho fome, Silkai. Já não há mais nada nesses soldados ou nos escribas. Salamandra está acabada. Preciso que me mande mais, se não quer acabar com o trato. Seria um prazer devorá-lo, Sua Alteza.

Silkai estremeceu. Quando ela ficava com fome, era impossível conter seu ímpeto.

– Está certo. Farei o possível.

– Eu agradeceria muitíssimo. Não queira me ver quando acabar minha

serenidade.

Quando Silkai voltou, Gherda estava sentado em uma cadeira e se assustou com o movimento da prateleira se abrindo. Ele olhou para o rei com espanto, pois ele parecia mais abatido, de rosto pálido, quase como se houvesse surgido um princípio de rugas.

– Gherda – falou ele, ríspidamente. – Preciso que me faça um favor.

– Está tudo bem, majestade? Parece acometido de doença!

– Estou ótimo, só um pouco cansado.

Gherda franziu o cenho; suas próximas palavras foram mais sérias que o habitual:

– Eu disse para não confiar demais, não deve entrar lá com tanta frequência. Entende agora meu receio?

– Ouça bem – interrompeu-o secamente –, quero que procure por Fleros e o traga até mim, pois preciso passar-lhe uma nova designação. Vamos abrir uma dúzia de vagas para se trabalhar com o rei.

12 - IMPÉRIO DO GUIADO

No reino do norte, Virídea, existe uma verdadeira cornucópia de paisagens inesquecíveis. Uma enorme porção de terra onde predominam o verde e as águas cristalinas. Sua capital, Tulma, encontra-se na extremidade noroeste, margeando o poderoso Mar Superior, onde o continente afila-se e beija as águas. Seguindo na direção oposta, passamos pelos Bosques Cinzentos e é possível ver uma nesga de suas folhagens frias, se apertarmos os olhos e, claro, virarmos um pouco o pescoço para a esquerda. A Vila dos Porcos é apenas um ponto indistinguível em meio aos charcos pantanosos. Se não fosse por Vento Amarelo, até hoje não teríamos tomado conhecimento de sua existência. Ao olharmos para o sul, entretanto, perdemos o fôlego com a imponência da Mata de Simbóbas. A copas de suas árvores altíssimas são capazes de desafiar a constituição até mesmo das mais poderosas aves, como os condores-ancestrais e as águias garra-de-bronze. De fato, um dos lugares mais aprazíveis que visitei.

Quando seguimos em frente, sempre para o leste, encontramos-nos em meio aos estonteantes Lagos Espelhados. A travessia é longa e as trilhas traiçoeiras e escorregadias. Ao fim da cadeia de lagos, vemos, a sudeste, bem ao longe, os montes brancos e brilhantes das Geleiras, quase na margem leste do continente. Ainda que o céu esteja do mais puro e maciço azul, as montanhas mantêm sua aura fria e nevoenta, como um véu que coroa a engenhosidade de Yanenna.

Ao norte das Geleiras descem estradas esburacadas, judiadas pela erosão, que nos levam por caminhos aparentemente inabitados pelos homens. Descemos ladeiras de pedra, solo forrado por terra ressecada, árvores de galhos tão pontudos quanto espinhos e um coro constante de corvos impacientes. Seria fácil julgar ali como um péssimo lugar para se acampar e restabelecer as forças. Mas os mais curiosos enfrentariam as intempéries e continuariam avançando. Apenas para, mais cedo ou mais tarde, depararem-se novamente com algum resquício de vegetação fresca. Dali sobem outras estradas, todas terminando abruptamente de frente para o mar, em um terreno irregular e exótico, repleto de elevações, depressões, açudes sem fundo e

matas virgens.

É justamente nos pés de uma dessas colinas que podemos encontrar o primeiro vestígio de que alguém passara por ali antes. Uma pequena placa de madeira, pregada no chão com uma viga, contendo as palavras:

Império do Guisado. Sopafarta e Família.

As letras eram tortas, como se tivessem sido escritas por um autor infantil, ou alguém em processo de instrução no alfabetismo. Cheia de musgo por todo seu entorno, era, sem dúvidas, uma placa antiga, talvez com décadas de idade.

Uma trilha bem usada e polida levava, em aclave, até um planalto limpo e bem cuidado. Havia ali uma casa de pedra, feita em tijolos cortados cuidadosamente, simetricamente alinhados. As duas janelas frontais eram de vidro, com grades de proteção metálica, e a porta era pintada de verde. Ao lado do prédio podíamos ver uma construção particularmente estranha. Algo grande, quase tão grande quanto a casa, e de topo arredondado, como um cogumelo. Um pouco mais adiante, quase na beira do planalto, cercado por um bosque de tangerinas, um galpão com telhas de barro. Sob a luz fraca do fim da tarde, era possível ver uma banca de ferramentas de ferreiro.

O local estava em completo silêncio naquele horário, não era possível ouvir qualquer animal, exceto os comuns na natureza, como os grilos e cigarras. A casa tinha, evidentemente, algum morador, ou não estaria com os lampiões acesos, nem teria fumaça saindo da chaminé. Desse modo, é apenas lógico imaginar que alguma criação fornecesse leite ou ovos para os consumos diários, mas não parecia ser o caso.

Do lado de dentro, ainda no primeiro andar, a casa abria-se em um cômodo espaçoso e aconchegante. Um tapete colorido forrava o chão, sob algumas poltronas macias, cobertas de lã de carneiro. Tinha diversas pinturas espalhadas pela parede e uma lareira em um dos cantos, apagada. Perto dela, um lance de escadas levava até o porão. Na parede oposta à de entrada, fora erguido um fogão em argila maciça e o fogo estava aceso, estalando e fervendo líquido em uma panela. Ao lado dele, um pequeno lavabo de pedra e, em sequência, algumas prateleiras com açúcar, farinha, feijão e arroz. Havia também, na parede, uma tábua na horizontal, repleta de pregos enfileirados, onde eram penduradas colheres, espumadeiras e frigideiras.

Na lateral da cozinha, à esquerda, uma porta aberta revelava um quarto arrumado e asseado, mas não havia ninguém. Uma escada de madeira

conduzia até o segundo andar, deixando os pés dos visitantes sobre o piso quente e acarpetado do corredor. Pequenos candelabros e lamparinas lançavam no ambiente uma agradável iluminação, mostrando as portas de dois dormitórios. Ainda na extremidade do vão, uma estante estreita continha diversos livros, sendo a maioria deles sobre o preparo de guloseimas.

Um dos quartos tinha a porta aberta e lá estava a dona, a Sra. Lorna Sopafarta. Era uma mulher na casa dos sessenta anos, com os braços roliços e bochechas rosadas. Tinha os cabelos perolados presos em um coque e estava sentada na cama, segurando um pedaço de papel envelhecido.

O dormitório parecia pertencer a uma criança. A cama era menor, coberta de tecido fino, como seda, e havia uma série de animais bordados em estampa, coloridos e saltitantes. Perto do travesseiro, uma escultura de porcelana retratava um polvo, com os tentáculos abertos. A Sra. Sopafarta deu uma última olhada no papel que tinha em mãos: o retrato de uma família, representando duas garotinhas; uma mulher adulta e outra mulher mais velha, desenhadas no traço grosseiro e cheio de significado dos pequenos. Ela deu um beijo na folha, dobrou-a e voltou a depositá-la na gaveta do pequeno móvel, ao lado da cama. Em seguida, esticou o braço e apanhou a escultura, olhando de perto, minuciosamente, procurando por resquícios de sujeira. Esfregou-a no avental até ficar completamente polida, fitou-a por um longo momento e recolocou-a no lugar.

Como se o corpo protestasse, demorou-se para levantar. Circulou pelo quarto ajeitando um ou outro objeto, deixando-os perfeitamente posicionados, espalmou a poeira do cabideiro e deixou o cômodo, fechando a porta com delicadeza atrás de si.

Quando se aproximou do quarto vizinho, parou na porta, antes de abri-la. Procurou no bolso do avental por seu lenço e esfregou-o na testa, secando o suor novo que brotava. Precisou primeiro respirar fundo algumas vezes, para depois levar a mão na maçaneta. Antes de a porta se abrir, seus olhos já começavam a marejar e, antes de dar o primeiro passo para dentro, uma lágrima já descia por sua bochecha rosada.

Lorna Sopafarta riu de si própria; afinal, haviam se passado anos, não era verdade? Desde que a casa ainda era uma choupana bolorenta, levantada em madeira, e antes mesmo que descobrisse seu gosto por cozinhar os mais variados ensopados por encomenda. Ainda assim, toda vez era a mesma coisa. O coração batia acelerado naquele lugar específico da casa. Algo doía

no peito, na garganta, e algumas vezes sentia doer até partes do corpo que sequer eram suas.

O cheiro adocicado de mofo veio quase de imediato, invadindo seus pulmões. Não quis ficar por muito tempo, nem se deu o trabalho de acender uma lamparina. Sabia que os móveis estariam no lugar: a cadeirinha, a mesinha com folhas para desenho e escrita, as bonecas de pano. Nunca mais foram manuseadas e nem seriam novamente.

Deu dois passos para a frente, parando bem rente à cama, e olhou para o vestido, esticado sobre o lençol. Tão pequeno e delicado, seria capaz de vestir uma boneca. Os sapatinhos, no chão, ainda tinham a mesma cor, apesar da fina camada de pó. Ela estendeu a mão, roçou os dedos sobre o vestido e saiu do quarto, fechando a porta.

Quando descia as escadas, deixando escapar o ar, já se sentia um pouco melhor. O cheiro do ensopado espalhava-se pelo primeiro andar e a panela borbulhava sobre a lenha do fogão. Era melhor ocupar a mente com os afazeres de agora, costumava pensar. Lá embaixo, a Sra. Sopafarta apanhou um tecido no armário e forrou a mesa da cozinha. Apanhou dois pratos fundos, foi até o suporte na parede e pegou colheres e uma concha, e as depositou sobre o tampo de madeira. Com muito cuidado, voltando até o fogão, enrolou as mãos com panos e agarrou a panela pelas alças, colocando-a rapidamente no lugar. Ajeitou duas cadeiras, olhou e decidiu que estava tudo em ordem. Nunca podia adivinhar se comeria sozinha ou acompanhada, mas jamais postava o jantar apenas para si mesma.

Sempre esperava alguns minutos antes de servir a comida, pois não suportava queimar a boca. Quando estava com fome, queria comer em paz e não se aborrecer, preocupando-se em esfriar a sopa entre uma colherada e outra. Por isso, enquanto aguardava, foi até a janela. O céu começava a ficar arroxado, convidando a noite, mas ainda era possível ver o brilho dos Lagos Espelhados. Deveria ir até lá um dia – diziam que os peixes eram exóticos e produziam pratos suculentos. Certamente seriam também sucesso na capital.

Não muito resoluta, fechou lentamente uma das folhas da janela, para abrandar a brisa fria, e arrastou-se até uma das cadeiras, deixando o corpo desabar. Posicionou o prato, mergulhou a concha na panela e a trouxe cheia de sopa. Essa noite ela parecia especialmente cremosa, os cubos de carne quase dissolvidos, como manteiga.

Quando ia levando a colher até a boca, ouviu um barulho familiar e os

pêlos de sua nuca arrepiaram-se. Empurrou a cadeira para trás, abandonando o prato, e ouviu antes de dirigir-se à sala:

– Cró!

A Sra. Sopafarta levou as mãos à boca, emocionada, vendo o pássaro azul voar até seu ombro. Ela o agarrou, como quem aperta um filhote de cachorro:

– Onde você se meteu, rapaz? Eu já não podia mais esperar! Estou muito velha para isso!

– Cró!

– O que é? Está com fome? Sede, talvez? Foi um bom menino, não foi, seu atrevido? Não conseguiu esperar que chegassem na porta, não é? A vovó também estava morrendo de saudades. Vamos abrir a porta da frente, venha.

Ela correu até a sala, passou pela porta e aguardou no degrau de entrada. O barulho inconfundível do motor da carruagem preenchia a estradinha de terra. Quando o veículo surgiu no planalto, Mirta já tinha a cabeça para fora e acenava, com um sorriso largo no rosto. Estava em casa.

13 – SOBRE OS RATOS NO QUINTAL

A cozinha estava bastante barulhenta para um ambiente com duas pessoas e um pássaro. Mirta já havia tomado dois pratos de sopa e preparava o terceiro. Cerúleo, pousado em seu ombro, provava o caldo com bicadelas discretas, desconfiadas. A Sra. Sopafarta, depois de comer, contentou-se em apoiar o rosto rechonchudo em uma das mãos, ouvindo da neta os detalhes dos últimos dias. Sua expressão variava entre o espanto, repreensão e divertimento, mas no fim a simpática senhora encontrava-se sempre com um sorriso na boca. Claro, ela ofereceu certa resistência quando se deparou com o dragão em sua sala, mas Mirta, como sempre, soube usar as palavras corretas para acalmá-la.

A cabeça de Brinaff surgia de vez em quando na janela, segurando entre os dentes uma tigela vazia. Mirta esticava o braço para apanhá-la, despejava mais duas ou três conchas de ensopado e ele voltava a desaparecer, contente. Reclamou, claro, que a carne estava muito passada, o caldo tinha gosto de ervilhas – e ervilhas, segundo ele, são sementes do mal – e sobrava sal. Ainda assim, comeu mais que todos juntos. Isso era o melhor elogio que podia oferecer à comida humana, e a da avó era a melhor que se tinha notícia.

Em determinado momento, quando os movimentos de todos já começavam a ficar mais lerdos, Mirta captou algo nos olhos da avó e perguntou, afastando o prato:

– A senhora já foi lá hoje?

– Sim – falou ela, com peso na voz, depois de respirar fundo. – Não me demorei muito. É engraçado como a vida nos prega peças. Todos sabem que, com o tempo, os sentimentos suavizam-se, evaporando como água largada em uma bacia. Não parece ser o caso aqui. A cada ano, tem se tornado mais difícil entrar no quarto nessa data. Como se o tempo estivesse rodando ao contrário, me fazendo ganhar cada vez mais dor quando penso no assunto.

Mirta tocou a mão da avó com a sua.

– Vovó, isso não pode ser verdade. Tenho certeza que estava mais sensibilizada pelos dias que passei fora. Raramente saio nessa época do ano,

então minha ausência teve carga extra nessa tarefa. Não se preocupe.

– Perdão, eu não queria ter ouvido – interrompeu Brinaff, da janela.

– Está tudo bem, Brinaff, é apenas um assunto de família. Sei que de estômago cheio você não é bisbilhoteiro.

A avó aproveitou a conversa dos dois para enxugar discretamente um dos olhos. Brinaff retrucou, eriçado:

– Nem com ele vazio, querida. Está falando com um ser da mais alta envergadura moral e ética.

– Sei... Quer mais comida? Aproveite, antes que esfrie.

– Bem, eu não poderia – gaguejou o dragão, sem soltar a tigela em momento algum –, já me deram o suficiente para um dia inteiro. A não ser, claro, que a comida corra o risco de ser desperdiçada. Nesse caso, eu teria obrigação, como cavalheiro...

– Tome de uma vez – Mirta levantou a panela pelas alças e a entregou a Brinaff. Estava leve, com pouco menos da metade da sopa original. – Coma o resto, por favor, sim?

– Não decepcionarei, jovem Mirta. – Ele agarrou uma das alças com a pata, deixando a boca livre. – Continuem falando do... da... do assunto em questão. Não quero ouvir, muito menos interromper. Se me dão licença...

Em um segundo, ele já não estava mais lá. Mirta cruzou os braços e continuou:

– Esse ano ela faria quantos anos? Catorze?

– Quinze – respondeu a avó, com um sorriso orgulhoso e triste. – Seria mais alta que você, provavelmente. Mas sabe o que é curioso? Acredito que, apesar de mais velha, seria *você* quem a ensinaria as coisas.

– Não diga bobagens, vovó. Claro que eu a escutaria.

– Eu duvido muito, mocinha. Mas Mila tinha o coração de mel, sabe? Podia ser tão esperta quanto você na época, mas já dava sinais de que os estudos não eram seu caminho. Você acabou superando minhas expectativas, Mirta. Seu caso foi absolutamente...

– Eu sei vovó – riu Mirta. – A senhora diz isso todos os anos.

– Cró!

– Ela está sensível, Cerúleo – sussurrou Mirta –, fique quieto.

A avó bateu duas palmas:

– Está vendo? É disso que estou falando! Em apenas alguns anos, veja o que se tornou! Sabe mais que seu falecido avô, um acadêmico

respeitadíssimo. Estou dizendo: há algo de especial em você, Mirta! E não me venha com a desculpa que é coisa de avó, pois não é. Não me convenceu até hoje que conversa de *mentirinha* com Cerúleo.

– Ah, não me diga que acredita nesse teatro, vovó! Cerúleo é um pássaro! Está comigo desde criança. Só não perdi o hábito de falar com ele...

– Não precisa se explicar. Sei que é modesta demais para admitir que é precoce. Talvez até com alguma descendência mística, eu diria, mas vou acreditar que todos aqueles experimentos na oficina são suas meras distrações. *Coisas de jovens*, como dizem por aí.

– Vovó, faça-me o favor... Eu tenho de explicar toda vez?

A avó levantou os braços no ar:

– Já não está mais aqui quem falou. Como você própria *disse* – ela colocou nessa palavra alguma malícia – a Cerúleo, estou sensível demais. Desculpe, deve ser mesmo a época do ano. Talvez eu tenha medo de perder você também. Vou subir para ajudá-la a preparar o quarto. Preciso passar a descansar mais cedo, pois planejo ainda essa semana fazer uma visita aos Lagos Espelhados.

– Aos Lagos? Mas o que possivelmente procuraria lá?

– Bem, tenho de pensar em novas receitas. Em breve, você estará voltando a Tulma e não quero que o faça de mãos vazias. Quer dizer... exceto pelos pratos que já leva.

– Aos Lagos Espelhados? – perguntou Brinaff, da janela. – Essa é uma viagem que eu recomendaria muitíssimo, pois tenho também assuntos pessoais a tratar por lá. Perdão... acabei ouvindo de novo.

Mirta tirou-lhe a panela vazia da boca e colocou-a de volta na mesa. Em seguida, virou-se para a avó:

– Vovó, amanhã falamos sobre isso. Tente dormir um pouco, sim? Deixe que lavo tudo.

– Fora de questão. Não toque em um só prato sujo. Vou fazer sua cama e já volto.

– Deixe o quarto comigo, então, e fique aqui para não precisar subir escadas. Está bem assim?

– Rondemirta! Que coisa! Já disse para parar de me tratar como uma idosa inativa.

Os olhos de Mirta se arregalaram. Ela não deveria ter dito seu nome. Não na frente do dragão. Isso não seria bom.

– *Rondemirta*? – perguntou Brinaff, lenta e cautelo-samente.

– Brinaff – Mirta tentou desviar o assunto –, você vai dormir na garagem da carruagem, está bem? É um pequeno galpão, largo o suficiente apenas para comportá-la, mas tem um teto, então deve ficar bem. Pela manhã pensamos em acomodações melhores.

– Espere um momento... *Rondemirta*, é isso mesmo?

– Perdão, Brinaff – falou a avó. – Ela provavelmente se apresentou somente como Mirta. Seu nome completo é Rondemirta Sopafarta.

– Vovó!

Mas já era tarde demais. Brinaff gargalhava, chacoalhando as folhas da janela. Quase caiu no gramado, lá embaixo, e ainda engasgou algumas vezes no processo. Quando recobrou o fôlego, falou, tentando parecer o mais sério possível:

– Não estou surpreso. Com todo o respeito, Sra. Sopafarta, apesar do belo nome, ela não faria muito sucesso como estudiosa da capital. Compreendo os porquês de ela não o usar. Suponho que *Vento Amarelo* remeta a seus cabelos loiros, estou certo? – Mirta não respondeu. Seus olhos quase pegavam fogo. – Deixemos assim então. Vá para o seu quarto, Rondemirta, e descanse sem se preocupar comigo. Oferecerei um pouco de conversa à sua avó enquanto ela lava a louça.

Mirta gemeu, contrafeita, alguma frase que ninguém entendeu e subiu as escadas. Quando estava no segundo andar, ainda pôde ouvir Brinaff repetindo seu nome e rindo em seguida.

Quando Brinaff já quase pegava no sono, ouviu passos leves aproximando-se. A garagem da carruagem era erguida por quatro vigas de madeira sustentando um telhado e um muro de tijolos ao redor. Ele viu a ponta da cabeça loira de Mirta circulando a seu lado e, um segundo depois, ela estava de frente para ele.

– Perdoe-me – disse ela, vendo que Brinaff levantara a cabeça. – Pensei que estivesse dormindo. Como estão os fermentos?

Brinaff voltou a aninhar a cabeça no chão:

– Latejam menos, por ora. Obrigado pelo cuidado. Não digo que é um serviço perfeito, pois essa geleia que espalhou em mim faz com que eu tenha pesadelos. Cochilei há alguns minutos e sonhei que me atolava em um poço de areia movediça. Foi horrível, mocinha. Não desejo isso a meu pior

inimigo.

– Deixe de ser reclamão – riu Mirta. – Bem, volte a dormir, tenho coisas a fazer.

– Espere aí, não acha que já fez muito por um dia? O que há para se fazer a essa hora?

– Perdi o sono. Vou até minha biblioteca consultar alguns escritos. Talvez ver o que posso descobrir sobre aquele brasão.

– Então planejava me acordar esse tempo todo, não é? Que sorte a minha...

– Você me pegou – admitiu ela. – Poderia me emprestar o objeto?

Brinaff grunhiu e levantou-se preguiçosamente.

– Meu sono também foi arruinado. Permita-me acompanhá-la nessa empreitada, cara Mirta. Gosto de visitar novos aposentos e estou curioso em conhecer como mantém suas instalações.

– Não verá nada de espantoso. Siga-me, a entrada é pela sala.

Entraram em silêncio na casa, pois a avó estava no quarto, preparando-se para pegar no sono. Brinaff, como de costume, lamentou cada passo dado. Desceram as escadas pé ante pé, dando de cara com uma porta trancada. Mirta bateu a parede até encontrar um tijolo solto, removeu-o do lugar e tirou de lá uma chave.

O cômodo seguinte era um porão como qualquer outro. Uma série de entulhos, caixas velhas, brinquedos antigos e roupas que ninguém mais queria. Todos cobertos de poeira. Brinaff fez uma careta ao se embolar em uma teia de aranha:

– Será muito custoso planejar uma faxina de vez em quando? Isso aqui está absolutamente revoltante!

– Não reclame, é melhor assim. Prefiro que o ambiente não seja convidativo de forma alguma. Não quero nenhum curioso descobrindo minhas passagens escondidas.

Mirta levantou poeira ao mover uma caixa de trapos velhos. Brinaff contou cinco ou seis mariposas saindo de dentro, contrariadas. Depois disso, ela ciscou com o pé até encontrar uma tampa de alçapão, com uma discreta alça metálica. Puxou-a para cima, revelando um túnel na vertical, como um poço. Uma escadinha de ferro levava até a base, onde estava escuro como breu.

– Está procurando chegar ao centro do planeta? – provocou o dragão.

– Boa ideia. – Ela já descia, de costas, agarrando-se nas barras dos degraus. – Quem sabe não apresento um projeto ao rei Silkai? Ficaria muito rica.

Brinaff caminhou desconfiado até a abertura, tentando medir com antecedência se caberia ali com folga.

– Rica? Pelo aspecto moderno de sua casa, eu diria que está indo muito bem. Aquele galpão, perto do pomar, é sua oficina, não é? Também não pode ter sido barato.

– Não é nada de mais – sua voz já começava a ecoar, à medida que ganhava profundidade. – Construí tudo aqui com a ajuda de alguns empreiteiros de Tulma. Mas não posso negar: ser uma das melhores inventoras do distrito tem me deixado viver com conforto. Como eu gosto de dizer, *descubra um trabalho que interessa a todos e seja o melhor do mundo nele*. Não há possibilidade de ganhar pouco dinheiro. Ademais, resolvo alguns mistérios e questões aqui e acolá e sou uma boa pesquisadora na área química.

– Estou impressionado – Brinaff já enganchava as garras na escada, ainda com medo de descer depressa demais. – A Sra. Sopafarta deve estar orgulhosa.

– Ela não sabe o que faço – declarou Mirta, como quem repassa uma informação sem valor. – Pensa que tenho alguns passatempos, que ganho umas moedas e nada mais. Pobrezinha, trabalha feito louca preparando toda aquela comida para entrega e imagina conseguir com isso o suficiente para sustentar a casa. Ela sequer sabe que um dos condimentos usados nos seus pratos foi invenção minha. Fiz para ajudá-la a conservar o frescor de sua comida na viagem. Então, quando viajo, trago os pedidos das cidades vizinhas e também da capital. Ela os prepara e eu levo. Simples, exatamente assim. Sempre acabo trazendo muito mais dinheiro do que valia a encomenda, realmente. Soa um pouco cruel, é verdade, mas antes isso do que vê-la sentindo-se uma inválida. Ela é tudo que tenho, Brinaff... minha única família.

O dragão já atingia metade do trajeto. Malditas escadas para humanos! Não havia meio mais difícil de se chegar onde queria?

– Bem, caríssima... não posso dizer que faz errado. Decidiu que precisava cuidar de sua avó e encontrou sua maneira de fazer isso. Tem meu respeito e meus parabéns por conseguir tanto.

Quando ele encostou os pés no chão, não conseguia distinguir um palmo à frente do nariz. Sabia onde estava Mirta, mas era graças a seu olfato aguçado. O resto do local emitia o cheiro acre de tinta envelhecida e mofo.

– Onde você nos meteu? Não consigo ver nada!

– Vamos resolver isso num instante.

Brinaff ouviu a garota caminhar até uma parede e mexer em alguma coisa. Em seguida veio o barulho de pedras raspando uma na outra, e fagulhas alegres começaram a dançar no ar, dando um pequeno vislumbre do que ela fazia. Estava abaixada, tentando acender uma tocha.

– Problema resolvido – falou ela, orgulhosa, erguendo na mão a tocha acesa.

– Por que não me pediu para fazer isso? Ainda posso ajudar, como bem sabe.

– Claro que pode. Mas eu não costumo contar com terceiros, você já devia imaginar. Sempre deixo as coisas à mão por aqui. Podemos?

Ela o conduziu por um longo e estreito corredor, escuro e aparentemente sem fundo. Tentando suavizar a experiência de sentir aquele cheiro forte, Brinaff passou a procurar assunto:

– Estamos nos dirigindo àquela construção arredondada?

– Sim, por que a pergunta?

– Raro ver um laboratório de astronomia fora dos portões da capital. Não posso dizer que esteja surpreso, porém. Afinal, você é Mirta Vento Amarelo.

– Como sabe do que se trata? Já visitou algum?

Brinaff respirou fundo.

– Digamos que já tive... certo contato com alguém que se interessava. O que faremos lá?

– Nada em específico. Ele só está no caminho para a biblioteca.

– Compreendo. Também usa a astronomia em alguns de seus trabalhos? – Brinaff perguntou como se já soubesse a resposta.

– Digamos que eu seja uma entusiasta e nada mais. Contudo, não deixa de ser uma boa ideia.

O corredor se inclinou discretamente em uma subida. Primeiro Brinaff lamentou, depois imaginou que deveriam estar chegando.

– Uma última pergunta e não a perturbarei mais. E quanto a sua oficina? É um galpão e tanto. O que costuma fazer lá?

– Não passa de um teto sobre uns trabalhos, cercado de tangerinas... Mas

não posso viver sem ela. É onde minhas ideias ganham vida, como a carruagem, por exemplo. Tenho uma forja modesta, grande apenas o suficiente para o que consigo produzir. Mas, claro, não faço coisas somente para meu uso pessoal. Como disse, sou inventora e há sempre uma caixa cheia de sugestões e pedidos nas tabernas da capital. Faço qualquer coisa que me pedirem. Desde armas estranhas, utensílios domésticos, itens para caça, como armadilhas automáticas e ferramentas diversas. No momento, como não estou em crise monetária, venho pensando em melhorias para a carruagem. O clima estranho que se abateu sobre Virídea nos últimos anos tem me dado uma certa dor de cabeça. Não estava em meus planos.

– Ah, sim. Foi a poeira fina que a levou até a Vila dos Porcos, não é? Não posso dizer que lamento.

– De certa forma, nem eu, amigo. Até agora, você só me trouxe boas emoções. Veja! Chegamos. Agora só mais uma subida leve como salada de espinafre e estaremos lá.

Brinaff olhou para a parede à sua frente. Uma escada idêntica à primeira levava para a superfície.

– Por Yanenna...

Existe uma velha parábola da qual gosto muito e que acredito aplicar-se aqui. Nela, lemos a história de dois irmãos, deixados órfãos quando ainda eram crianças pequenas. O pai, viúvo, em seus últimos dias de vida, passara a sofrer de uma doença gravíssima, impossibilitando-o de trabalhar. Então, como último esforço para que os filhos vivessem por conta própria, ele os ensinou tudo o que sabia sobre a arte de pescar. O irmão mais novo aprendeu com afinco, devorando cada palavra. Em poucos dias sabia tudo a respeito do manuseio de canoas, utilização da rede de pesca, caniços, anzóis e iscas. O mais velho, por outro lado, demonstrou pouco interesse e gastou seus dias cuidando dos próprios assuntos.

Quando o pai morreu, havia ainda muito a ser ensinado, mas, por sorte, deixou a eles todo seu velho equipamento. Depois do luto, o irmão mais novo passou a trabalhar vorazmente, tentando alcançar a produção diária do pai, ao passo que o mais velho juntou suas coisas e mudou-se para alguma cidade maior.

Passaram-se anos até que os dois voltassem a se encontrar. O irmão mais novo estava bem, havia conseguido manter tudo da forma como aprendera.

Exatamente igual, sem dever nada ao progenitor em matéria de habilidade. Casou-se, construiu sua própria família e, com o ofício de pescador, colocou comida em sua mesa. O irmão mais velho, por outro lado, voltou riquíssimo. Veio acompanhado de uma comitiva de cavalos, negociantes usando roupas caras e carroças envernizadas. Perguntou ao mais jovem o porquê de ele ainda ser pobre, mas este, em defesa própria, afirmou sentir muito orgulho por ter estado à altura do pai.

O mais velho não se contentou com a resposta. Hospedou-se com o irmão por uns dias e, na véspera de sua partida, conseguiu separar-se dele, indo furtivamente até a beira do rio, onde estavam os equipamentos. Sem peso na consciência, ele quebrou a canoa, afundou-a na água e fez o mesmo com as varas de pescar. Rasgou cada uma das redes e deu cabo de tudo. Quando foi embora, deixou o irmão sem nada.

Nunca mais trocaram notícia e mais alguns anos se passaram até o novo reencontro. Dessa vez, o mais novo vinha até a capital visitar o mais velho, surpreso e satisfeito por vê-lo ainda vivo. Assim como o irmão, ele também ficara rico.

Quando Brinaff e Mirta escalaram até o topo, encontraram-se em uma espécie de sala arredondada coberta por um domo metálico. Algumas aberturas nas paredes serviam como janelas de vidro, trazendo alguma claridade noturna, lançando facho fracamente iluminados no chão. Havia no centro do salão, apontado para cima, um cilindro com um palmo de largura e cerca de três metros de comprimento. Sua ponta mais larga passava por um buraco na parede, deixando uma sobra do lado de fora. A mais estreita ficava bem embaixo, na altura de uma cadeira estofada. Os passos de Mirta reverberavam no ambiente enquanto ela o atravessava, de braços abertos.

– O que achou? – sua voz não conseguia disfarçar o orgulho.

– Estou legitimamente impressionado. Prevejo descobertas muito interessantes daqui para frente. Não se sustentará somente como entusiasta, disso tenho certeza.

– Pode ser que tenha razão. Sempre entro de cabeça nos assuntos e, quando dou por mim, estou usando-os para ganhar a vida.

– É muito antigo? – apontou para o telescópio. – Digo, antigo o suficiente para que sua irmã o tenha conhecido?

Mirta lançou-lhe um olhar de quem diz “eu sabia que tinha ouvido demais.”

– O que minha avó te contou?

– Não muito – esquivou-se ele. – O bastante para que eu lamente também a falta de Mila, ainda sem tê-la conhecido. O mundo ganharia em pesquisas e conhecimento, não há dúvidas quanto a isso. Mas não seria fácil ter de lidar com duas *Vento amarelo*, isso posso afirmar com categoria.

Mirta deixou escapar um sorriso tímido e olhou para cima, talvez curiosa com alguma coisa, talvez escondendo o rosto. Ela sentou-se na cadeira, distraída, mas não tocou no telescópio. Depois de suspirar baixinho, abriu a boca e falou:

– Mila seria *Vento Castanho*, ou algo que o valha... Já me conhece o suficiente para saber que eu não aceitaria concorrência, velho Brinaff.

– De fato, Mirta... – concordou, tentando ocultar a dor latejante que sentia nos machucados. – De fato. Bem, mais alguma escada na vertical? Estou ansioso para voltar a aquecer os músculos.

– Para sua tristeza, não – ela levantou-se, deixando na cadeira todas as últimas palavras e emoções. – Apenas aquela ali, em espiral. Não é tão empolgante quanto as outras, mas ainda assim, melhor que nada.

Quem conheceu Mirta Vento Amarelo sabe que eram raros tais momentos. Essa foi uma noite em que ela sorriu, divertiu-se e descansou a mente. Celebrou o passado, em respeito à única utilidade que tem esse, e fez planos para o futuro. Para os íntimos, essa noite coroou um dos mais leves estados de espírito da detetive, em toda sua trajetória. Meio sem motivo, todos reconhecemos; afinal, o que havia de especial em um dia onde, até então, nada de novo realmente acontecera?

Eu espero de todo coração que ela tenha rido o máximo possível. Que naquela noite tenha se deitado na cama com a cabeça leve de quem fez tudo o que pôde. Espero sinceramente, pois, quando o dia nascesse, sua canoa não estaria mais lá, obrigando-a a fazer sempre as mesmas coisas. Quando o sol iluminasse seu rosto mais uma vez, não seria mais o rosto de uma criança.

Brinaff desceu as escadas sem reclamar, era um lance curto e muito mais fácil que as duas anteriores. Ficou encantando quando entraram na biblioteca, um cômodo subterrâneo, retangular e de teto baixo. Mirta acendera dois lampiões e a luz foi o suficiente para que ele divisasse todo o ambiente. Em uma das extremidades ficava uma mesinha redonda, com uma cadeira ao lado. Estava apinhada de papéis, compassos e régua. Uma grande prateleira,

repleta de livros exóticos, tomava quase toda a parede. Tudo parecia muito limpo e polido, como era de se imaginar. Afinal, era talvez o local mais frequentado por Mirta Vento Amarelo. Na outra ponta da sala, ela havia montado duas bancadas de experimentos químicos, salpicada de frascos, tubos de ensaio e pipetas. Uma abertura na parede parecia levar um cano metálico para fora; provavelmente um recurso de ventilação.

Mirta caminhou até uma das seções da prateleira, subiu em uma escadinha pequena e começou a procurar, passando o indicador pelos livros. Brinaff caminhou cuidadosamente até a mesa, aproveitando a distração da garota, e olhou os objetos de perto. Viu uma pena branca caída sobre uma folha de papel. A tinta da ponta estava seca há algum tempo. Com rapidez nas mãos, apanhou o objeto e colocou-o dentro de sua bolsa, sem ser visto.

Mirta soltou uma breve interjeição quando encontrou o que procurava. Apanhou um volumoso e pesado livro nas mãos. Era um dos maiores da coleção, com capa de couro ressecado e detalhes dourados. O título ainda brilhava, com as palavras *Léxicon Bélico*. As folhas exibiam um marrom quase tão denso quanto a própria capa, devia ser um dos mais antigos da prateleira. Pousando o livro cuidadosamente por sobre a mesa, ela começou a folheá-lo e estendeu a mão para o dragão:

– Me empreste o brasão, por favor.

– Bonito volume...

– Não toque com essas patas cheias de terra! Isso é mais antigo que algumas cidades!

– Acalme-se, garota, eu não ia tocar – mentiu Brinaff, recolhendo a mão.

Ele abriu a bolsa e apanhou o brasão, oferecendo-o em seguida. Ela fechou-o entre os dedos, sem tirar os olhos do livro.

– Eu uso o *Léxicon* toda vez que preciso pesquisar sobre as antigas forças militares. Talvez não encontre uma resposta específica sobre esse objeto em questão, ou o grupo que o atacou, mas espero poder conseguir alguma pista, ou pelo menos um norte. Um ponto de partida qualquer, pois estamos no escuro.

Mirta fazia tanto silêncio enquanto pesquisava, que era possível ouvir seus dedos roçando sobre as folhas de papel. A respiração estava suave e compassada, e provavelmente ela encontraria rápido o que procurava. Estivera na mesma posição centenas de outras vezes.

Quando Brinaff fez menção de formular uma pergunta, pensou ter ouvido

alguma coisa vinda do tubo de ventilação. Um ruído de pancada surda ou algo assim. Mirta percebera instantaneamente, abandonando a postura vergada e ficando ereta. Ela ajeitou os óculos e olhou para os lados.

– O que foi isso? – indagou o dragão.

– Parece que veio de fora. Estranho... Vovó não é de fazer barulho e Cerúleo dorme feito uma pedra.

E então veio um grito curto e abafado. Tão límpido como se tivesse sido proferido na própria sala onde estavam. Era a voz da Sra. Lorna Sopafarta e ela parecia tomada de pavor.

Em um segundo, Mirta já abandonava o livro e disparava para as escadas, deixando Brinaff para trás.

– Vovó!...

Chegando na cozinha, ofegante e atrasado, Brinaff constatou, com alívio, que tanto a avó quanto Mirta estavam bem. A Sra. Sopafarta tinha uma vassoura comprimida contra o peito, e ambas estavam de frente para a porta da despensa, aberta. A garota tinha o rosto vermelho de raiva e rosnava, com as mãos na cintura:

– Eu sei que devia ter embalado melhor, mas isso é hora de procurar?

– Mas eu não estava procurando nada! – defendeu-se a avó. – Terminei de limpar a cozinha e fui guardar alguns mantimentos. Quando dei por mim, já subiam pela barra do meu avental!

– O que houve aqui? – interveio Brinaff, falando entre uma respiração e outra. – Garotas, acalmem-se!

– Que susto, Brinaff! – Exclamou a avó. – Quase me mata do coração! Oh, deuses... preciso me acostumar com um lagarto gigante andando pela casa. Desculpe, não é culpa sua. Podem ir dormir, não foi nada. Apenas um bando de ratos que resolveu fazer moradia dentro de minha despensa.

– E havia necessidade para todo esse escândalo? – espetou Mirta.

– Já pedi desculpas, Rondemirta. Não grite comigo, pois sou sua avó! Veja se encontra um tempo para melhorar a embalagem dos cereais, pois agora estão todas roídas.

– Está bem, está bem – deu de ombros. – Mas prometa abandonar um pouco essa mania de limpeza, ao menos. Os ratos vêm do quintal e também pudera... o pomar está lotado e a senhora não colhe as frutas!

– Pois fique sabendo que eu já planejava fazer um suco para o almoço de

amanhã. Talvez até utilize as cascas para preparar um doce cristalizado, como sei que gosta. Agora, chega de fazerem de mim o espetáculo da noite e vamos todos dormir!

– É uma excelente ideia – observou Brinaff, torcendo para que Mirta concordasse.

– Vá na frente, vovó. Tenho ainda algumas coisas a fazer, eu...

– Mirta – falou Brinaff –, você está obviamente exausta. Deixe que amanhã, logo cedo, ajudo com o que puder. Não vou mentir também... meus ferimentos estão me matando.

Mirta olhou para as costas do dragão. Algumas áreas estavam voltando a ficar inflamadas. Ela puxou uma mecha de cabelos para morder e pensou por um instante.

– Está certo então. Vamos fazer mais uma aplicação de pomada e dar hoje por encerrado.

Já caía a noite como um cobertor de negrume no céu. Algumas corujas piavam, assombrando o silêncio, quando começou a ventar. Fazia tempo que Brinaff não o sentia no rosto. Primeiro as folhas pequenas dos arbustos começaram uma discreta dança, tremendo nos caules delicados, e depois a plantação de tangerinas fez barulho, sacudindo com mais força. Quando bateu uma lufada forte, levantando poeira e palha do chão, o dragão abriu os olhos. Quantos anos fazia desde o último? Oito? Dez? Não soube dizer e também não gostou muito. Nas últimas décadas, a ventania havia se tornado um sinal de mau-agouro.

Ele arrastou-se para fora da garagem e olhou para o céu. Pela posição das estrelas, já era alta madrugada e Mirta devia estar dormindo profundamente. Não demoraria muito a amanhecer e ele só torcia para que o vento não arrancasse os telhados e a acordasse, enquanto fazia o que tinha de fazer.

Retorceu o corpo, averiguando o estado de cicatrização dos machucados. Pouca coisa doía; a pomada do velho Ien'Burr era realmente fabulosa. Mais do que nunca suas asas faziam falta, mas, ainda assim, queria poder ter a oportunidade de conhecer outros de seus produtos, se um dia regressasse a Cascalha.

Aproximou-se da parede e olhou para cima, procurando a janela de Mirta. Quando a identificou, cravou as garras nos tijolos e começou a escalar.

O quarto de Mirta estava em silêncio, exceto pelos gorgolejos estranhos

que fazia Cerúleo em seu poleiro. Brinaff demorou um tempo até entender que o pássaro estava sonhando. Ele ainda ficou surpreso ao constatar que Mirta não dormia em posição de alerta, como ele imaginava, mas aninhada feito uma criança pequena. Ela tinha nos braços um polvo de porcelana e sua respiração estava pesada. *Por que um polvo?* Pensou, inconformado.

Os óculos ficavam bem onde ele suspeitava, em cima do pequeno móvel, ao lado da cama. Brinaff então, com toda a cautela que conseguiu reunir, desceu da janela, atravessou o piso do quarto, cuidando para que suas garras não fizessem barulho. No caminho, já preparava a bolsa, esticando a abertura até o tamanho necessário.

Ele apanhou os óculos, segurou-o entre os dedos, calculando seu peso. Franziu o cenho. Havia neles algo estranhamente familiar. Não soube ao certo se tratava-se do material ou das lentes, mas verificaria durante o dia. A penumbra do quarto não permitiria fazer uma melhor análise e ele não ficaria ali um só minuto além do necessário. Colocou-os na bolsa, sentiu em seu pescoço quando ela se fechou e voltou para a janela.

Então ele ouviu passos no corredor do segundo andar. Ficou retesado, pensando no que fazer e torcendo para que Mirta não despertasse. Quando captou uma canção murmurada, bem baixinho, soube que era a voz da Sra. Sopafarta.

Isso são horas de acordar? O que há com essas pessoas?

Brinaff não estava acostumado com a rotina dos mais velhos. Com o tempo aprenderia que, para um idoso, a cama não passa de um dispositivo para descansar as vistas por um breve período de tempo. Depois de quatro ou cinco horas, acredita-se que ela começa a espetar as ancas do usuário, obrigando-o a ficar novamente de pé.

Os passos ficaram mais audíveis e Brinaff teve de tomar uma decisão rápida. Se a avó vinha dar um beijo na neta, também ia querer conferir a temperatura do quarto, posição dos lençóis e travesseiros. Não havia chance de não ser visto descendo pela parede e, se dois ou três ratos deixaram-na em estado quase catatônico, um dragão sem asas e esfolado a faria ter um ataque. Então ele atravessou o quarto e saltou pela janela.

A Sra. Sopafarta tinha uma expressão de completa satisfação quando saiu do quarto de Mirta. Desceu as escadas ainda de meias e esfregava os olhos, espantando o último e teimoso vestígio de sono. Contornou as espirais e

dirigiu-se até o armário de utensílios, calculando mentalmente quanto pó seria necessário para o café. Não sabia se Brinaff tomaria, mas resolveu que faria sua parte mesmo assim.

De repente, ouviu um farfalhar de roupas bem próximo às suas costas. Virou-se para olhar, mas captou de relance somente uma silhueta de homem se aproximando. Antes que pudesse gritar, sentiu um par de mãos duras e ásperas comprimindo sua boca. Ela começou a se debater, tentando respirar, mas a mão era muito forte; o peito já começava a doer, sufocado. Chutou o armário, derrubando algumas panelas, mas algo pesado como ferro acertou sua têmpora e tudo ficou escuro.

Mirta ergueu o corpo, alarmada. Ouvira alguma coisa se quebrando lá embaixo. Podia ter sido um sonho, a casa estava em completo silêncio. Passou a mão pelos cabelos e apertou os olhos, tentando colocar os pensamentos em ordem, e ouviu Cerúleo debatendo-se no chão, desorientado, em um canto da parede. Caíra do poleiro enquanto sonhava, então o barulho devia ter sido real.

Tentando espantar o sono, abriu os olhos ao máximo, piscando diversas vezes, enquanto já removia as cobertas e colocava as pernas para fora.

– Cró!

– O que foi, Cerúleo? Que barulho estranho foi esse?

– Cró!

– Pobrezinho... deve estar morrendo de medo. Acalme-se... Mirta vai até lá ver o que aconteceu. Venha, volte para o poleiro e tente dormir novamente. Isso... Bom garoto.

Ao esfregar novamente o rosto, sentiu falta dos óculos. Precisava deles. Esticou o braço e procurou-os, no lugar de sempre. Nada. Ela tateou por toda a superfície do móvel e até no chão, mas não os encontrou em parte alguma. Decidiu procurar melhor depois. Ia descer para ver se estava tudo bem com sua avó.

Saindo do quarto, ela chegou na beira da escada e olhou para baixo. Não viu qualquer atividade. Será que a avó ainda dormia?

– Vovó!... – sondou.

Sem qualquer constrangimento por estar de pijamas, desceu até a cozinha, esperando ver algum animal roubando restos de comida. Certa vez a avó esquecera de jogar fora alguns pedaços de carne, e uma coruja entrara pela janela da cozinha.

– Vovó... – procurou com voz mais baixa, pois ela podia estar dormindo.

Antes que se virasse para a cozinha, sentiu alguém levantando-a pela cintura. Deu um grito abafado e logo teve a boca coberta por uma mão suja e ensebada. Era grande o suficiente para cobrir toda sua cabeça. Como se fosse um pedaço de papel, ela foi transportada até a cozinha. Viu a avó sentada ao lado do armário, com expressão de sofrimento no rosto. Um fio de sangue descia por suas têmporas e escorria pela bochecha. Ela gemia baixinho, como se estivesse em um sonho perturbador. Um homem de aspecto horripilante estava em pé, ao seu lado, com um sorriso no rosto. Seu queixo era largo e cinzento, com a barba por fazer. Usava roupas metálicas, como a dos militares, o que deixou Mirta ainda mais confusa. O que faziam militares em sua casa? O que queriam e por que machucariam sua avó?

Ela tentou gritar, desesperada, e não conseguiu. O par de braços gigantes envolvia suas pernas e tapava com força sua boca. Mal conseguia se mexer. Mas a quem pediria ajuda? Moravam longe de tudo e de todos.

Com a mente ainda em turbilhão, ela ouviu a porta da sala abrir-se com uma pancada forte. O gigante que a segurava virou-se na direção do som, então ela pôde ver mais dois homens entrando. Um deles era tão feio quanto o de queixo largo. Tinha os cabelos finos e claros, ralos como se tivesse alguma doença. Um de seus olhos era branco, com aspecto morto. O outro homem parecia bem-apegoado, com cabelos loiros e expressão calma. Ambos usavam também uniformes metálicos dos guardas.

– Ora, ora... – cantarolou o de olho branco. – O que temos aqui? Bom trabalho, Mulle, seu imprestável. Conseguiu botar as mãos na maldita Vento Amarelo!

O que significava tudo aquilo? O cérebro de Mirta quase entrava em ebulição, tentando encontrar alguma explicação, qualquer que fosse. Certamente tratava-se de algum engano, pois ela não fazia ideia do que o outro estava falando. Se ela ao menos pudesse se explicar, mas o grandão que a segurava não parecia ter intenção de soltá-la.

– Obrigado, chefe – Mulle tinha a voz orgulhosa. – Foi mais fácil do que eu imaginava.

Polos aproximou-se de Mirta e tocou seus cabelos. Ela sentiu o cheiro desagradável de sua mão e sentiu vontade de vomitar. Cheirava a fígado cru, quando o sangue fica envelhecido.

– Ora, se não é mesmo a pirralha escorregadia que tem nos ludibriado há

dias... – As palavras do homem de olho branco pareciam navalhas enferrujadas, cortando a pele.

O homem bonito aproximou-se do colega:

– Polos, não há necessidade de machucá-la. É só uma garota.

Machucar? Mas por que fariam isso? O que eu fiz?

– Fique tranquilo, O’Kris – o homem exibiu um sorriso amarelado, perturbador –, não farei nada com a pequena... até colocarmos as mãos no dragão.

Dragão? Eu ouvi bem?

– Exatamente – o loiro parecia ter pressa, como se tivesse algum outro compromisso. Ou talvez só não quisesse que o homem de olho branco continuasse falando. – Ouça bem, Mirta, não tenho intenção de te fazer qualquer mal. Contudo, preciso que me diga onde escondeu o dragão, e que me diga já.

Ela grunhiu algo, com os olhos arregalados, e O’Kris fez um gesto para que Mulle tirasse a mão de sua boca.

– Que dragão? Não sei de dragão nenhum! Por favor, me soltem, deixem minha avó em paz...

– Escute aqui, fedelha... – Polos sacou sua faca e agarrou Mirta pelos cabelos, puxando com força. – Não estou com paciência para mais um jogo de gato e rato! Ou me fala onde está o dragão agora, ou vou degolá-la!

Ela começou a lacrimejar. O homem falava sério, mas ela não podia fazer nada para ajudá-los. Com os lábios trêmulos, ela conseguiu balbuciar:

– Senhor, aqui só moramos vovó e eu... não sei do que está falando. Por favor...

Os olhos de Polos se estreitaram e suas sobrancelhas encostaram uma na outra. Mirta pôde ver uma veia brotando em sua testa, enquanto ele bufava. Apertou o cabo da faca e a encostou no pescoço de Mirta, até começar a furar a pele.

– Pela última vez... – declarou ele, lentamente, como quem tenta ensinar uma lição a uma criança levada – onde está o dragão? Diga-nos e poderá viver.

Ela começou a soluçar e chorar. Queria usar as mãos para limpar o rosto, mas o aperto de Mulle não permitia. Com o rosto contorcido de medo, tudo que fez foi gemer frases ininteligíveis e lamuriasas. Polos baixou a faca, acariciou o rosto molhado da garota e, como que sob efeito de mágica, sua

expressão de fúria tornou-se uma máscara branda e sorridente.

– Calma. Está tudo bem... Não vou lhe fazer mal. – Levantou-se e bateu nos ombros do grandalhão. Um tapa seco e rápido. – Mulle, faça com que ela veja.

Mulle, ainda segurando firme, virou-a de frente para a cozinha, na direção da avó, enquanto Polos acenava para Queixada. Foi um sinal positivo, com a cabeça. De sua boca não saiu qualquer som, mas os lábios moveram-se, dizendo: *pode fazer*.

Mirta não teve tempo de esboçar qualquer reação, ou sequer entender em tempo real o que acontecia. Em um segundo, ela perguntou-se o que pretendiam e olhou para a figura da avó, sentada no chão, acudindo um machucado na cabeça. Olhou para Queixada, que desembainhou a espada, com a expressão entediada de quem se prepara para cortar um feixe de canas, ou abre uma picada na mata fechada. Arregalar os olhos não ajudou. Torcer para que tudo ficasse bem, tampouco.

Quando Queixada cravou a lâmina no ombro da avó, empurrando-a até o cabo, ela sentiu seu rosto se contorcer em um fantasma de pavor, pálido e sem vida. Mulle poderia tê-la deixado solta no chão e ainda assim ela não teria conseguido dizer nada. Foi difícil distinguir, nesse momento, qual das duas sentiu mais dor.

Tudo tornou-se um grande borrão à sua frente. Viu a silhueta sorridente de Polos, com os dentes amarelos à mostra, cuspiendo no chão da cozinha. O homem loiro e o gigante que a segurava pareciam mais espantados do que deveriam, ou pelo menos mais sérios. Mirta já sentia-se uma boneca flácida nas mãos dele e foi deixada no chão, encostada na parede, onde permaneceu, imóvel.

– Agora, Queixada, saia por essa porta – era a voz de um deles, que tinha o dedo apontado para a saída da cozinha – e dê uma busca pelo lado direito. Encontre o desgraçado!

O homem loiro, que na verdade, nunca pareceu muito ameaçador, observava a poça de sangue escuro que se formava por baixo do corpo caído da avó. Ele parecia tão atônito, que precisou ouvir seu nome três vezes antes de perceber que o chefe também o chamava:

– Diga, Polos – respondeu, com a voz falhada.

– Preciso que volte pela entrada da frente e cerque o outro lado. Estamos em um planalto e o dragão não pode voar. Vamos cercá-lo, pois ele estará

bem na altura de nossos pés. O miserável está em algum lugar da propriedade!

– Está certo. Farei isso.

Antes de sair, ele ainda olhou para Mirta, encostada na parede, com as pernas jogadas para frente. Os braços pendiam ao lado do corpo e a cabeça estava tombada para o lado. Algo nos olhos dele mostrava uma nesga de compaixão, vendo o peito fraco da garota mover-se para frente e para trás, numa respiração débil. Fitava os olhos de Mirta, procurando por algum sinal de lucidez, mas ela já não estava mais lá.

Queixada saiu pelos fundos da cozinha e seu semblante imediatamente se transformou. Agora ele caçava novamente. Sacou a espada e apertou firme seu cabo, enquanto circulava a casa. Os passos eram cautelosos, e os ouvidos atentos a qualquer ruído. Ainda estava muito escuro e o silvo das corujas ajudava a camuflar o som de suas botas esmagando a grama.

Pelo lado direito, ele viu um pequeno telhado embaçado na penumbra e resolveu chegar mais perto. Devia ser a garagem para o veículo estranho da garota, mas não custaria checar. Era um bom lugar para se abrigar um mensageiro ferido.

Antes de entrar na pequena varanda, ele parou e ouviu. Tentou identificar qualquer barulho fora do comum. Se o dragão estivesse dormindo, não seria difícil localizá-

-lo naquela noite calma. Mas não ouviu nada. O dragão não estava lá. Talvez O’Kris tivesse sorte do outro lado da casa. Mas ainda havia lugares para procurar. Tinha o galpão grande, que parecia uma oficina de ferreiro, e o estranho prédio arredondado, logo ao lado. Olharia também em meios aos pés de tangerina no pomar, mas achava pouco provável. Um dragão sem asas certamente teria medo de despencar da ribanceira íngreme de um planalto.

Com a bota, Queixada empurrou para o lado algumas latas de óleo, uma ferramenta velha, mas nada além disso compunha o cenário. Exceto pela terra revolvida, que achou interessante. Ele abaixou-se, olhando de perto, e viu algumas marcas que não poderiam ter sido feitas por pés humanos, ou pelas rodas do veículo. O animal estivera ali.

Confirmando suas suspeitas, ele tirou do chão um pedaço de couro e revelou uma pequena poça de sangue seco.

Então lambeu mesmo suas feridas por aqui, monstro nojento.

Viu que os respingos continuavam, em linha reta, em direção ao galpão de forja. Seria, afinal, mais fácil do que imaginara.

Ele seguiu a trilha de sangue, curvado para baixo, com olhos atentos, atravessando todo o espaço entre a casa e a oficina. Ao chegar na porta do galpão, observou os rastros se perderem do lado de dentro. Então ele estava escondido ali.

A oficina era um prédio amplo, com vigas de ferro sustentando um telhado de telhas largas. No interior, apesar de estar escuro, Queixada pôde divisar algumas mesas metálicas, repletas de ferramentas, estandes e mostruários, com engenhocas que não pôde identificar, e uma fornalha para derretimento e manuseio de metais.

Enquanto Queixada inspecionava os arredores do galpão, procurando por qualquer traço da criatura, ouviu um barulho de algo caindo no chão. Olhou para o teto, amparado por treliças de metal, mas não viu nada de mais. O pomar também parecia quieto. Segurou firme o cabo da espada e já ia contornar o prédio quando divisou dois olhos brilhando na escuridão. O dragão recuou ao ser notado. Ele estava ferido e com medo, estava na hora de acabar logo com aquilo.

Queixada então subiu um ressalto e caminhou para dentro do local, mas não deu mais que três passos. Ouvia um estalo alto e em menos de um segundo uma onda de dor excruciante subiu por sua perna direita. Quando olhou para baixo, viu os ossos da canela esmagados por uma armadilha de capturar ursos. Berrando xingamentos de agonia a plenos pulmões, a última coisa que viu foi o dragão saltando sobre seu peito.

– O’kris! – berrou Polos, da cozinha. – Vá ver o que aconteceu!

– Está bem – respondeu com voz distante, correndo pelo quintal. Era possível ouvir suas botas batendo com força no chão e afastando-se.

Polos virou-se em seguida para Mulle:

– Vá você também. Parece que, mesmo sem asas, o infeliz continua dando trabalho. Aproveite a oportunidade para fazer algo que preste! Eu vou dar a volta por baixo, pela sala.

Mulle assentiu, ressabiado, olhando para a figura imóvel de Mirta, no chão.

– Mas... e ela?

– O que tem?

– Não podemos deixá-la aqui, sozinha. Essa é Mirta Vento Amarelo,

ouvimos coisas a seu respeito.

Polos olhou com desprezo para a garota, seus lábios se contorceram:

– Já foi. Agora não passa de um vegetal catatônico. Ande, faça o que mandei!

Mulle obedeceu, não muito resignado, e saiu pela co-zinha. Seguiu os passos de O’Kris até o galpão e sabia que havia algo muito estranho. Queixada não gritava mais. Conhecia o companheiro o suficiente para saber que ele não gritaria sem um motivo muito forte. Para começar, o homem quase não falava. Para calá-lo de vez, coisa boa não poderia ter sido. Respirando fundo e dando passos apressados, o grandalhão ajeitou a luva na mão direita e sacou sua espada com a esquerda.

Ao circular a casa, viu O’Kris aproximando-se do galpão, algumas dezenas de metros à frente. Viu que ele diminuiu o passo quando olhou algo caído no chão, parecido com um corpo.

– Oh, não... – falou O’Kris, olhando para trás. – Quei-xada está morto. Foi esstraçalhado!

Mulle sentiu os braços pendendo para baixo, pesados. Não o considerava um amigo, mas achou brutal a notícia. O’Kris estava ajoelhado, checando os ferimentos do colega caído, quando Mulle viu algo brilhar atrás dele, vindo de dentro da oficina. Começou como uma luz de vela e foi tomando uma forma arredondada, como uma esfera de chamas. Mulle não teve tempo de alertá-lo para que corresse:

– O’Kris...

A rajada de fogo o atingiu do lado do corpo, chamuscando seus cabelos loiros e também suas roupas. O’Kris berrou, desesperado, quando as chamas começaram a queimá-lo. Tentou rolar no chão e enfiar-se no meio do pomar, mas tombou, desacordado, antes disso. Mulle olhou para o corpo fumegante no chão, sentiu cheiro de pele e cabelos queimados e seu estômago se contorceu na barriga. Ele era um bom rapaz, não merecia tal destino.

Resolveu que precisava fazer algo para estancar a matança, ou todos os quatro acabariam mortos. Conhecia pouco sobre os dragões, mas o suficiente para saber que demoraria um tempo até que o maldito disparasse fogo novamente. Apertando o passo, Mulle retirou a luva grossa e atirou-a para o lado, revelando sua mão direita. Escura como ferrugem.

Ele não era bom para bolar planos, mas, pelo que vira em poucos minutos,

o galpão oferecia certa vantagem à criatura. O melhor a fazer era tirá-lo de lá o quanto antes e enfrentá-lo a céu aberto. Na pior das hipóteses, sofreria algumas pancadas e arranhões, até que conseguisse colocar a mão no desgraçado. E aí o jogo terminaria.

Passou pelos cadáveres caídos e tentou não olhar. O cheiro já era insuportável por si só. Pensou ter ouvido O’Kris gemer alguma coisa, mas devia ter sido sua imaginação. Caminhou em paralelo ao muro frontal e encontrou uma das vigas de sustentação.

– Saia e me enfrente como um homem, patife – rosnou Mulle, segurando a viga com a mão direita.

Em questão de segundos, o metal começou a se corroer e apodrecer, derrubando parte do telhado. Ouviu o dragão saltando do lado de dentro, derrubando caixas, tentando se abrigar dos escombros que caíam. Mulle foi até o outro lado, no muro oposto, e fez o mesmo com outra viga. A partir de então, a estrutura não conseguiu mais se sustentar e desabou de uma vez, com o estrondo de metal retorcido e telhas estilhaçando-se.

Polos saía da casa pela frente quando ouviu os destroços da oficina. Ele correu pela lateral direita, passou pela garagem do veículo e observou a cena. Mulle estava de pé, ao lado dos escombros, respirando com dificuldade. Parecia bem, exceto pelo fato de que pressionava o punho da mão escura, como se sentisse muita dor.

– O que você fez, gigante estúpido? – indagou o líder, procurando qualquer sinal do dragão. – Que bagunça é essa?

– Desculpe, chefe – gemeu Mulle, com a voz engrolada. – Acho que usei demais. Só preciso descansar um pouco e...

E desabou no chão como um boneco flácido, estatelando o rosto no gramado. Polos praguejou, mas não foi acudi-lo, pois ouviu passos acelerados vindos de dentro da casa. A garota estava fugindo!

Mirta já não podia formar qualquer raciocínio. Tudo que suas pernas pediam era para que ela corresse. Disparou pela sala, passando pelas escadas, e não viu Cerúleo, encolhido em um dos degraus, trêmulo e em choque. Ela alcançou a maçaneta, sem saber o que fazer ou para onde ir, mas algo instintivo guiava seus pés.

Pisou no gramado de entrada e desceu a trilha até uma ameixeira, onde

estava estacionado um veículo metálico. Olhou para trás, temendo que viessem em seu encalço. Seus pulmões começavam a arder, seu coração martelava nos ouvidos, atrapalhando o raciocínio.

Entrou no veículo e sentou-se no banco da frente. A partir daí, foi tomada por um completo desespero. Aquilo deveria ser uma carroça, mas como ela sairia do lugar sem cavalos? Começou a mexer no painel, procurando algum botão para apertar, mas isso não fazia qualquer sentido. Deveria saltar dali e começar a correr para longe, o mais longe que pudesse, onde não a encontrariam. Onde não a matariam, como fizeram com sua avó.

Suas mãos começaram a tremer compulsivamente, descontroladas demais, e ela começou a chorar. Numa ocasião onde nada parecia ter qualquer explicação, onde ela movia-se, sem saber o que estava fazendo, ou sequer o que estava acontecendo, agarrou os próprios cabelos e entregou-se às lágrimas. E isso fez bem, meus amigos. Esse é o poder do choro: quando os homens choram, são capazes de esquecer, por um instante, de que são animais.

Com a respiração mais calma, tentou entender o que se passava. Foi visitada por uma vaga lembrança, ainda que não a considerasse sua, de haver feito desenhos em uma folha de papel. Rabiscos ilustrando um veículo que se movesse sozinho. Mas era uma lembrança muito distante, como se contada a ela por uma pessoa que morreu há centenas de anos, e as palavras se enfraqueceram com o tempo.

– Aí está você – era a voz do homem de olho branco. Ele vinha rápido, segurando uma faca afiada nas mãos. – Dessa vez vou fazê-la ficar quieta de uma vez por todas. Suas fugas já estão me dando nos nervos!

Abafando um grito, Mirta começou a mexer nas alavancas e sacudir o manche. Não adiantava! Nada fazia o veículo começar a andar e ela percebeu que não podia ficar ali sentada, esperando para ser degolada.

Quando abriu a porta com a mão esquerda, era tarde demais. O homem já havia saltado para o outro lado do veículo; agarrou-a com força pelos cabelos. Mirta tentou arranhar o braço forte do homem, sem sucesso. Ele a arrastava para fora da janela. Chutou e se debateu, mas era impossível. Quase desmaiou ao imaginar a faca fria do homem entrando em seu pescoço.

– Vou sangrá-la até a morte, Mirta Vento Amarelo...

Ela tinha tanto medo, que nem se deu conta de que sabiam seu nome. Quase não percebeu quando ele soltara seus cabelos, sem mais nem menos.

Ela abriu os olhos, pendurada para fora da janela do veículo, quando o viu olhando para o telhado. Ele recuava, amedrontado, como se visse algum tipo de aberração. Antes que ela olhasse para cima, viu uma criatura horrenda saltando do telhado, direto em seu pescoço. Um lagarto gigante, que mordeu sua garganta, rasgando-a, e deixou o homem agonizar até a morte.

Ela sentiu a espinha gelar quando o monstro a encarou, e seus olhos abriram-se ao máximo quando ele começou a falar:

– Mirta, pode sair... Já cuidamos de todos eles.

A única reação de Mirta foi gritar, em desespero.

14 – UM DIA DE CADA VEZ

Nil já não podia sentir as pontas dos dedos, de tão frias. Nem mesmo a manta de peles que jogara por cima da armadura ajudava contra o frio impiedoso das Geleiras. Se soubesse que seria tão desgastante fisicamente, não teria aceitado se alistar para a *Ordem*, em primeiro lugar.

O céu era branco e maciço, como uma espessa nuvem de verão, e, mesmo três ou quatro horas depois do nascer do sol, o ambiente era sombrio, envolto em penumbra. Os flocos de neve eram trazidos no ar com violência, arranhando as bochechas rosadas do soldado. Fazendo-o lamentar, a cada segundo, ter sido o primeiro a se levantar quando Forg tocou a corneta. Agora tinha uma tarefa. Como se tentar manter-se vivo não fosse trabalhoso o suficiente.

Com um magro feixe de gravetos apertado contra o peito, ele procurou, em meio à neve fofa, um lugar mais firme para pisar e deu uma boa olhada no acampamento. Os soldados pareciam estar bem assentados, como se estivessem fazendo das regiões baixas da montanha sua nova casa. Quase como se não pensassem em levantar as barracas e seguir com a expedição, quando a nevasca se abrandasse um pouco. Pelos quatro, ainda estavam nas bases das montanhas!

Reparou nos rostos dos soldados, que apesar do vento frio afiado como navalha, tinham expressões quentes, animadas. Se houvesse mensagens escritas em suas testas, leria que mal podiam esperar para colocar logo as mãos no rei dos dragões. Nil, obviamente, não gostava nem um pouco da ideia. Não só pelos perigos evidentes em se engalfinhar com uma criatura monstruosa, mas em como isso não soava certo em seus ouvidos. Pelo que sabia, Corff era uma balança na ordem natural das coisas; mais que um simples dragão. Era uma espécie de deidade no reino das criaturas. Nil podia não ser o mais esperto do grupo, e era, de longe, o mais despreparado, mas disso podia ter certeza: não havia possibilidade de sair algo de bom dessa missão.

Seus pés encontraram um pouco de cascalho quando pisou na clareira do acampamento. Com o rosto abaixado, quase como se quisesse sempre passar

despercebido pelo grupo, ele atravessou as discretas trilhas de grama gelada e procurou se afastar, aos poucos. Enquanto caminhava, passando pelas rodas de soldados, podia ouvir todo tipo de conversa. Sussurros confidentes de um homem a outro, que gostaria de matar não-sei-quem, ou alguma proeza impossível com mulheres dos bordéis ou com a esposa de alguém. Saía vapor de suas bocas quando gargalhavam e suas barbas eram cobertas de neve limpa, que ia se misturando à poeira e oleosidade da pele, formando uma camada de lama sobre as bochechas. Como podiam se divertir em situação tão desconfortável?

O acampamento cheirava como uma feira ao final do dia: cerveja envelhecida, peixe azedo, urina e suor. De vez em quando subia no ar um aroma adocicado do tabaco de cachimbo queimado e isso, pelo menos, era agradável. Uma das poucas atividades masculinas que não lhe pareciam completamente desagradáveis.

Apesar de parecerem estar em completa desordem, os soldados mantinham algum resquício de disciplina ordeira. Quando mais ao longe, Nil podia notar que os três grupos estavam bem separados e dispostos, mantendo atividade e interação entre si: trinta e sete homens sob o comando de Habass, trinta e sete sob as ordens do veterano Forg e outros trinta e sete à disposição de Zano, grupo do qual ele mesmo fazia parte. Ainda não havia visto o comandante Hillel, mas isso não era incomum. Ele sempre desaparecia com seus seis homens de confiança para traçar a rota dos dias seguintes. Às vezes saíam antes de o sol nascer e só voltavam quando escurecia. Isso era bom, pois assim o comandante não o via com frequência.

Em um lugar mais silencioso, Nil parou de caminhar. Era um terreno plano, na beira de um agrupamento de pinheiros, e parecia ter menos incidência da brisa gelada. Seria um bom lugar para fazer a fogueira do almoço. Infelizmente, não podia cuidar da comida, pois essa era uma tarefa dos homens de Habass. E mesmo estando ainda no início da campanha, ele já não podia mais suportar as sopas repulsivas dos cozinheiros. À distância em que se encontrava, as conversas dos homens já ficavam um pouco mais distantes; não podia identificar a enxurrada de palavrões que saía de suas bocas e achou bom.

Ele deixou o feixe de lenha desabar no chão e espal-mou as mãos. Queria poder coçar a nuca, mas as farpas na luva iam piorar a coceira. Não devia ter cortado os cabelos assim, tão curtos. Demoraria meses até se acostumar com

o estilo militar.

Enquanto se abaixava, procurando uma superfície mais lisa onde poderia iniciar a fogueira, ouviu o barulho das mulas. Elas estavam amarradas não muito longe dali, as seis. Não pôde deixar de pensar em como seria bom montar em uma delas e desaparecer, mas não teria coragem. Mulas não eram rápidas e ele não era lá muito corajoso. Achou melhor começar a ajeitar logo os gravetos no chão, pois o colega Labal chegaria logo para aporrinhá-lo. Escolheu um pedaço de madeira bem curto para trabalhar mais tarde com a faca e guardou-o no mesmo saquinho onde ficavam as pedras de pederneira. Pensou no que esculpiria em seguida, enquanto ele não aparecia.

Um dia de cada vez, Nil... Um dia de cada vez.

– Vejo que hoje está menos lerdo que o de costume, Joelho! – a voz engrolada e inconfundível de Labal violentou seus ouvidos, fazendo Nil quase cair da pedra onde estava sentado.

– Você demorou, velhote – respondeu Nil, sem tirar os olhos do pedaço de madeira nas mãos. – E não gosto desse apelido, já disse antes.

Labal se aproximou carregando um fardo enorme de madeira e, antes dele, veio seu cheiro. Repulsivo. Era um homem alto, com um volume considerável na região abdominal, e mãos grandes e ásperas. Da cabeça brotavam moitas de cabelo encaracolado que quase se encontravam, pois o topo era liso feito pedra polida. Uma barba espessa, que devia estar com o triplo do peso devido às camadas extras de gordura e lama, e alguns dentes faltando na boca. Nil diria que era um dos homens mais feios do mundo, se pudesse apostar. Mas, por alguma razão, gostava dele. O exato oposto de si próprio, que era magro, de feições suaves e rosto sem barba, como se estivesse destinado a viver a vida toda com o aspecto de um adolescente.

O homem deixou sua braçada de lenha desabar no chão e os pedaços rolaram para os lados, desmanchando todo a estrutura que Nil trabalhara com os gravetos.

– Ei! – protestou Nil, largando no chão o que esculpia. – Seu saco de banha, veja o que fez!

Labal abriu um sorriso falhado, deu dois tapas na própria barriga e começou a recolocar a lenha no lugar. Catava algumas e deixava cair outras, piorando a bagunça.

– Contra a morte... não há forte – declamou ele, insis-tindo jovialmente

com a lenha espalhada. – Para o resto, sopa e sono!

– Deixe que eu ajeito isso, seu atrapalhado – inter-rompeu Nil, com vontade de rir. – Pode voltar para o grupo e eu cuido do resto aqui. Eu gostaria que ficasse para me divertir com suas fofocas, mas tenho medo que me derrube no chão também.

– Não vai se livrar de mim tão facilmente, aprendiz – falou ele, abaixando-se e apanhando o pedaço de madeira em que Nil esculpia. – Vejam só... o que é, dessa vez? Um cabo de espada?

– Deixe isso aí, Labal! Que coisa!

Labal ergueu o objeto no ar para que Nil não o alcançasse e ficou observando os detalhes do trabalho do rapaz na madeira.

– Ah, agora vejo. É um cetro real. Olhe, meu rapaz, sou obrigado a dizer que está muito bem feito. Muito bom, realmente. Para quem trabalha com um canivete seco, incapaz de castrar um gato, você tem feito um excelente trabalho. Na minha terra diriam que você tira “sumo da pedra”.

– Obrigado... acho. Agora pode me devolver? Ainda não acabei.

Labal atirou-lhe o pedaço de pau e virou a cabeça em direção ao acampamento:

– Onde se meteram os cozinheiros? Já passou da hora da primeira leva de sopa.

– Como pode ansiar por aquele grude malcheiroso? Meu estômago começa a dar voltas só de pensar.

– É excelente para engomar a barba! – Labal gargalhou. – Você não aprecia porque ainda não tem idade para isso, Joelho.

– Pois saiba que sou mais velho do que parece – Nil empertigou-se. – Acontece que a natureza resolveu distribuir meus atributos sendo mais generosa no emprego da inteligência.

Labal esgarrou e cuspiu no chão. Abriu um sorriso largo e abaixou-se novamente, voltando a recolher a lenha:

– Você não é burro, Joelho. Mas ninguém é mais esperto que o velho Labal aqui.

Nil já começava a rir quando ouviu barulho de panelas batendo. Eram os cozinheiros de Habass. Vinham quatro deles. Dois carregando enormes caldeirões e os outros dois trazendo sacos cheios de banha de porco picada, toucinho, linguiças e batatas. Com dor no coração, Nil pensou em como todas aquelas delícias seriam desperdiçadas na próxima hora, pelas mãos dos

gordos incompetentes.

Quando estavam próximos o suficiente para serem ouvidos, um deles berrou:

– Labal, o que anda fazendo, que até agora não acen-deu a fogueira?

Labal levantou-se com humildade na postura e descul-pou-se:

– Foi tudo minha culpa, peço perdão pelo atraso. Vim ajudar o jovem Joelho aqui, que derrubou e espalhou toda a lenha. Em dois minutos vocês terão uma fogueira tão vigorosa quanto a de centro de roda, no solstício.

– Ei, seu... – começou Nil, mas desistiu antes de continuar. Seriam melhor que pensassem nele como um imprestável, e assim ninguém o chamaria para mais nada nos próximos dias.

Depois de se alimentar todo um batalhão de uma centena de homens, qualquer cenário se transforma drasticamente. Todo o local parecia um antigo campo de guerra, tirando o fato de que, dessa vez, não havia sangue ou corpos espalhados pelo chão. Bem, muitos soldados já dormiam, roncando alto, mas não contam necessariamente como cadáveres. Havia tigelas vazias e colheres distribuídas por toda a área, e a camada de neve, antes branca e imaculada, agora era uma mistura de grama revolvida e lama escura.

Alguns soldados aproveitaram a nevasca para se embebedarem, e sacavam alaúdes, saltérios e cornetos sabe-se lá de onde, para tocarem suas músicas desafinadas. Outros, mais envolvidos com a missão em si, agrupavam-se para discutir sobre as dificuldades dos dias que viriam. Nil, ajudando a recolher os objetos da algazarra, não precisou ouvir muito, visto que era evidente a discordância entre os grupos dos três capitães.

– Não me venha com essa, Marfel! – grasnou um homem mais velho, de barba grisalha. – Eu nunca disse que não faria o que foi combinado. Apenas defendi minha posição, pois fui treinado nessa área. Conheço os riscos envolvidos em se cortar mato por lá. É mais rápido? Sim, mas a vida dos homens vem em primeiro lugar.

– Estão vendo? – Marfel levantou-se, indignado. – Belus sempre vem com essa conversa mansa, dissimulada, plantando nessas cabecinhas inocentes... isso mesmo, a de vocês! Plantando a semente da discórdia! Eu *nunca* coloquei a segurança do batalhão em segundo plano, isso é um ultraje! Tenho toda uma história pendurada em meu traseiro, como a rabiola de uma pipa!

– Todos nós ouvimos, Marfel... foram suas palavras.

– Ah, cale-se, Belus! – berrou um dos soldados. – Eu sigo o Tenente Marfel desde que éramos da vanguarda da capital. Ele nunca diria uma coisa dessas. Você, por outro lado, nunca teve um grupo leal a seu comando. Te presto as devidas reverências, mas não ofenda nossa inteligência, por favor. A última coisa que precisamos é de alguém que nos parta o moral antes mesmo de subirmos as encostas!

– Isso é outro erro! – dessa vez falou um dos soldados de Habass. – As encostas são muito perigosas, devíamos procurar subir pelas colinas, onde não há os carneiros brancos, que esqueci o nome.

– Carcajus-albinos! – respondeu alguém.

– Não seja idiota, rapaz! Subir pelas colinas é suicídio! As Geleiras são vigiadas por condores gigantes! E eles não contam só com os olhos aguçados para nos avistar... acredito que até mesmo esses malditos ratos descorados da baixada dão um jeito de nos delatar a eles.

– Que nos detectem! – berrou Belus. – Temos cento e vinte homens! Contra o quê? Cinco ou seis pássaros comedores de carniça? Ah, não me envergonhem, por favor! Somos a elite da capital, isso deve servir de algo, não?

A corneta de Forg tocou uma nota estridente, incômoda, fazendo até os músicos bêbados pararem suas atividades. Todos os olhos se viraram para ver os três capitães, lado a lado, assistindo a toda a discussão.

– Já bateram boca o suficiente, seus inúteis? – sua voz era uma trovoadas escura, num ambiente que já não estava muito alegre. – Não tem sequer o mínimo de respeito enquanto os capitães estão em conferência? Crianças me dão nojo, sabiam disso? Por isso usam babadores e precisam o tempo todo de amas. – Ele virou-se para o homem a seu lado. – Capitão Zano, gostaria de tomar a palavra?

Zano encarou o batalhão com uma expressão de desgosto no rosto. Levantou discretamente a mão direita e sua unidade se levantou, afastando-se das outras duas. Nil largou as tigelas no chão e juntou-se a eles, apressadamente. Labal, subordinado a Forg, permaneceu no lugar. Ao ver seu grupo alinhado, em posição de sentido, o capitão ergueu um pouco o queixo e soltou a voz, fria como uma vara de ferro:

– Homens de Zano! – Esperou que todos prestassem reverência. – Amanhã, conforme o tempo permitir, tratarão de abrir caminho pelos pinheiros. Quero a infantaria abrindo uma picada enquanto os arqueiros se

encarregarão do estoque de comida. Caçarão tudo o que se mover diante de seus olhos. Se uma fruta balançar, ameaçando cair do pé, levará uma flechada. À medida que subimos as geleiras, o terreno ajudará, visto que não teremos tantas partes acidentadas. Chegará um momento da expedição em que só teremos de atravessar dunas de neve e, nessas horas, homens, contarão com o que têm em suas mochilas para sobreviver. Alguma pergunta?

Nenhuma. Nil, claro, tinha muitas, mas nenhuma delas deixaria o capitão feliz. Ele continuou:

– O comandante Hillel e seus seis batedores trarão, em breve, as próximas coordenadas. Ele as repassará a todo o batalhão e quero meus homens prontos para levantar acampamento tão cedo ele fechar a boca. Estamos entendidos?

– Sim, senhor, Capitão Zano! – responderam em coro.

– Estão dispensados. Recreiem até a volta do comandante.

Nil esperou seu grupo afastar-se aos poucos e ficou parado, onde estava. Escolheu uma pedra onde pudesse se sentar e procurou na bolsa pelo pedaço de madeira, para continuar esculpindo. Olhou a tempo para o grupo de Forg, que também recebia instruções duras, e Labal, no meio dos soldados, olhou-o de volta, com seu sorriso irritante. Ele parecia ficar mais feliz quando havia iminência de ação. Nil ficava triste. Pouca gente morria quando não havia ação alguma. Pelo menos um dos dois estava contente.

Enquanto revirava a bolsa à procura do graveto, teve o olhar atraído até a mesa dobrável, num dos cantos do acampamento. Lá, uma porção dos homens de Habass marte-lava pedaços de ferro, pequenos triângulos afiados. Enquanto isso, outro grupo trabalhava sentado no chão, preparando varetas compridas e finas de madeira. Montes delas.

Flechas... Ainda bem que me deram uma espada. Odeio flechas. Uma espada você vê chegando até seu peito, pelo menos.

Era quase noite e já caía uma cortina de escuridão sobre o céu das Geleiras. Havia agora uma série de fogueiras vigorosas espalhadas pelo acampamento, estalando a lenha verde e deixando no ar uma fumaça de perfume agridoce. O lugar estava finalmente em silêncio.

Às vezes eu gostaria que houvesse mosquitos nas Geleiras, só para vê-los incomodados pela fumaça. Criaturas abissais... pensou Nil, enrolado em um cobertor, a poucos metros do fogo.

A princípio, ele pensou ter ouvido um grito distante, mas voltou a se

aninhar no cobertor, pois devia ser um engano. Poucos minutos depois, ouviu novamente, dessa vez mais perto. Então ele levantou-se, praguejando baixinho, tanto pelo frio de trincar os ossos, quanto pelo fato de sempre ser o primeiro a se levantar. Se algum capitão o visse, provavelmente mandaria que fosse até a mata averiguar. Antes que pudesse mudar de ideia e deitar-se novamente, viu outros homens também se levantando ao redor da fogueira. Todos curiosos com a gritaria e murmurando coisas que ele não pôde compreender.

Enquanto decidiam quem iria e quem não iria averiguar, surgiu, na borda do acampamento, a figura do comandante Hillel. Mesmo no escuro da noite era possível ver as veias saltando de seu pescoço e testa. Isso não era bom. Ele acenava para seus homens, que ficaram para trás:

– Andem, suas tartarugas! Ele vai morrer!

Logo em seguida apareceram cinco soldados, carregando um deles pelos braços e pernas. O capitão os trouxe até perto do fogo e, antes que todo o batalhão viesse como um enxame de abelhas, Nil pôde ver o estado em que se encontrava o soldado desacordado quando a luz da fogueira bateu em seu corpo. Precisou levar a mão até a boca, para não vomitar. O homem tinha a pele inchada e aparentemente azulada. O rosto ficara redondo, assim como os lábios, as pálpebras e as pontas dos dedos. A pele dos braços estava esticada, formando uma enorme bolha, e começava a sair pelas frestas da armadura. O elmo ficara enterrado no crânio, não sairia de sua cabeça sem uma cirurgia delicada. Parecia um cadáver afogado, encontrado na água depois de uns quatro ou cinco dias.

– O que aconteceu, comandante? – era a voz do Capitão Forg, que abria caminho através da multidão de soldados.

– O imbecil foi picado por uma serpenplanta! – rosnou Hillel. – Eu disse para tomarmos cuidado com essas aberrações! Eu sei o que elas fazem, eu já vi! Agora o estúpido vai morrer sob meu comando!

Forg parecia mais calmo que o restante do batalhão. Ele aproximou-se do comandante e permitiu-se colocar a mão no braço dele.

– Sim, eu sei, comandante. Conheço a história do seu tio. Não se preocupe, mande seus homens o encaminharem para a unidade de Habass. Eles têm um enfermeiro, se não me falha a memória.

Hillel apertava os olhos. Sua testa pingava suor, uma visão inédita para os soldados. Quando falou, sua voz veio quase como um sussurro:

– Nunca me aconteceu, capitão. Ninguém se ma-chuca... ninguém pode se machucar.

– Fique calmo, comandante. Todos sabemos de sua reputação. É um líder maior que todos juntos e não pode se cobrar dessa forma. Não podemos atender a cada uma das burrices que os homens podem cometer. Não foi culpa sua. – Virou-se para os homens de Hillel – Ainda estão aqui? O que vem primeiro? Seu colega ou a ordem do comandante? Andem, seus trastes!

Os cinco soldados enfiaram-se no meio do batalhão, procurando pela unidade de Habass. Nil ainda tinha o estômago revirado muito tempo depois que se afastaram.

– Agora descanse, comandante – continuou Forg. – Tenho certeza que amanhã nos trará suas excelentes instruções.

– Não posso, Forg – desvencilhou-se Hillel. – Preciso de seis comigo.

Forg baixou o tom de voz a uma altura que só os mais próximos puderam ouvir:

– Eu não continuaria contando com o soldado ferido, comandante, me perdoe a sinceridade. Descanse, e amanhã designaremos alguém mais para acompanhá-lo. Está bem assim?

Hillel enterrou as duas mãos no rosto e ficou nessa posição por um momento. Depois de respirar fundo, voltou à sua postura ereta, habitual. Seu rosto ainda estava vermelho, mas os ânimos pareciam mais controlados. Falou com a voz mais limpa:

– Ajude-me com isso, Forg. Eu quero um homem com algum espaço para aprender, na cabeça dura. Não posso mais lidar com animais.

– Alguém mais jovem, talvez?... – Forg correu os olhos pelo batalhão. Pelo menos nos rostos que podia enxergar bem, com a luz. – Acho que posso sugerir um novato. Tem sido excelente em cumprir ordens.

– É um dos seus? – perguntou o comandante.

– Sabe que sou uma velha raposa, não é, comandante? Não presto atenção no meu trabalho, apenas. É um dos homens de Zano.

Nil torceu para que não estivessem falando dele, mas, quando olhou para Forg, este já apontava o dedo em sua direção.

15 – RECÔNDITOS

– Não me machuque! – era tudo o que Mirta, em verdadeiro estado de pânico, conseguia repetir, com as mãos lançadas para frente.

– Mirta, sou eu, Brinaff...

Mas ela não prestava atenção. Tocando em todas as alavancas e botões da máquina, tentava abrir a porta do veículo e fugir, mas, no estado em que se encontrava, não conseguia mais achar a maçaneta. Ela teve de começar a perder as forças antes de Brinaff poder fazer-se ouvir novamente.

– Eu não estou aqui para machucá-la! – repetia o dragão, apoiando-se na janela e, nesse momento, tão confuso quanto a garota. Por que ela estava em um estado tão absolutamente catatônico de choque? Já ouvira falar em pessoas que perdem um pouco da sanidade quando presenciam a morte de um ente querido, mas esse caso era sem precedentes. Mirta era outra pessoa e ele nunca havia presenciado nada parecido. Exceto por uma vez, quando...

Foi então que Brinaff teve a ideia de abrir sua bolsa mágica. Mirta não reparou quando o objeto se dilatou, ficando com o diâmetro três ou quatro vezes maior que o original; ela apenas se encolhia no banco, enxugando os olhos manchados de lágrimas. Ele enfiou a pata na bolsa, remexeu até retirar o par de óculos e os atirou no assento do condutor, logo em seguida. Depois disso, recolheu-se no beiral da janela e observou.

Mirta os apanhou com avidez e colocou sobre os olhos. Como um mendigo, faminto, quando lhe atiram um pedaço de pão. Como Yosa fazia. E desde então ele entendeu... Se estivesse correto, em questão de segundos Mirta voltaria ao normal. Ou pelo menos ao que ele conhecia como normal. E foi exatamente o que aconteceu.

O rosto de Mirta passou a se endurecer. As sobrance-lhas trêmulas ficaram firmes sobre os olhos. Os olhos caídos o encararam com seriedade e, em seguida, também com certa surpresa. As mãos pararam de tremer e ela se aprumou no assento, olhando para toda parte, tentando entender o que fazia no veículo.

– Brinaff... – murmurou ela. Mesmo com o tom de voz muito mais baixo que o de costume, mas pela firmeza com que pronunciava cada sílaba, não

restavam dúvidas. Mirta Vento Amarelo só existia quando punha os óculos. – O que houve? O que faço aqui a essa hora?

O dragão estava de certa forma aliviado, mas sentiu os músculos do rosto ficando mais pesados devido à pergunta. Explicar o que acontecera seria uma tarefa tão difícil quanto a que tivera com os quatro invasores.

– Preciso que fique calma – começou ele, procurando as palavras corretas. – Bem, nós... a casa... – Respirou fundo: – Fomos atacados essa noite. Quatro homens desconhecidos invadiram sua casa no meio da madrugada. Homens usando armaduras metálicas. Eu consegui... detê-los.

– Armaduras, você diz? – ela tentava acompanhar o raciocínio, mas ainda estava confusa, isso era evidente. – Brancas, como as dos soldados que o pegaram?

– Não. Dessa vez usavam vestimentas mais leves. Cotas, para ser exato. Eu diria que eram usadas para melhor mobilidade, como rastreadores. E isso faria sentido, pois sabiam o que estavam procurando. Não vieram até aqui por acidente.

Mirta abriu a porta do acompanhante, fazendo menção de sair, mas Brinaff bloqueou a saída.

– Há ainda um deles caído aqui, não gostaria que o visse. Pode deixá-la impressionada.

Mirta forçou a porta e resmungou:

– Já vi pessoas mortas mais de uma vez, com quem pensa que está falando? Quero ver com meus próprios olhos.

Pela careta que ela fez quando bateu os olhos no cadáver, ficou bem claro como se arrependera. E não era para menos. O corpo de Polos estava completamente dilacerado. Havia rasgos em toda extensão do peito, revelando parcialmente até mesmo alguns órgãos. Uma poça de sangue escuro formava-se debaixo dele. Brinaff olhou para as próprias mãos e as escondeu, envergonhado. Só agora via como estavam manchadas de sangue. Seu rosto não devia estar diferente.

– Você fez isso? – perguntou ela, lentamente.

– Eu sinto muito... foi necessário. Ele vinha atrás de você.

Mirta coçou os cabelos e esticou o pescoço, olhando ao redor da casa. Parecia tentar lembrar-se de algo e não conseguia.

– Eu não entendo... por que atrás de mim? O que eu fazia aqui fora?

– É uma longa história e confesso não me sentir totalmente apto para

relatá-la. O que posso dizer é que eles mencionaram seu nome e...

De repente, Brinaff ouviu um gemido vindo da área da oficina. Ele levantou a cabeça e olhou para trás, mas não viu movimento algum. Como podia haver algum deles ainda vivo?

– O que foi isso? – perguntou ela.

– Não há nada com que se preocupar. Fique aqui me esperando, por favor. Mas ela foi atrás, obviamente.

Com cautela, o dragão caminhou na frente, apertando os olhos. Enquanto cruzava o gramado até o galpão, procurava por qualquer movimento suspeito. Devia ser Mulle, o grandalhão. Brinaff o machucara ainda mais que os outros, mas ele era estranho, devia ter sobrevivido de alguma forma. Só não gostaria de terminar o serviço na frente da garota. Ela já vira violência demais para uma noite.

– Você vai me explicar – veio a voz de Mirta, fria como ferro batido, logo atrás, assustando-o – direitinho o que houve com minha oficina, não é mesmo?

– É... Claro, claro.

Mas os gemidos não vinham de Mulle. Brinaff pôde ver que, perto do monte de entulhos, o corpo de O’Kris ainda se movia.

– Mirta – alertou o dragão –, tape o nariz. Isso não será agradável de se ver.

O corpo do rapaz estava tão carbonizado quanto o gramado ao redor dele. As roupas haviam se tornado empapados derretidos, colados sobre a pele torrada e cheia de bolhas. Somente as partes metálicas da cota, e também as ombreiras, mantiveram-se intactas. Não era mais possível reconhecer o homem de boa aparência que fora um dia. Seus cabelos já não mais existiam, chamuscados até a raiz, e os olhos ainda estavam abertos, piscando, em meio ao rosto deformado e monstruoso.

– Á...gua – murmurou ele, com a voz chiada.

Mirta o olhou com a expressão severa. Mas era possível ver em seus olhos, bem no fundo, nos recônditos onde somente aqueles com o coração dos poetas podia vasculhar, que eles tremiam de dor, junto do rapaz. Ela fez menção de ir até a cozinha buscar água, mas Brinaff tentou dissuadi-la:

– Não – foi tudo o que pôde dizer, entrando na frente dela.

– Por que não? Ele precisa de água, está morrendo.

– Espere mais um pouco, por favor – Brinaff não admitiria, mas só queria

mantê-la afastada da avó. Pelo menos até que pudesse pensar em algo a dizer.
– Deixe-me ouvi-lo por um momento.

– O mensageiro... – gemeu O’Kris, agitando debilmente uma das mãos no ar, em direção a Brinaff.

– O que queriam aqui? – o dragão perguntou com voz dura. – Por que atacaram a casa de Mirta Vento Amarelo?

O’Kris começou a se contorcer de dor. Era possível ver o esforço que fazia ao tentar mexer os lábios para falar. Tinha os dentes trincados todo o tempo e sua boca espumava pelos cantos.

– Eu... – balbuciou, entre espasmos de agonia – nós... queríamos o mensageiro...

Brinaff não gostou de saber que era o alvo, todo esse tempo. Na verdade, não gostou nem um pouco.

– E como me encontraram aqui? Como rastrearam a casa de Mirta? Responda!

– A Vila dos Porcos... – pensou ela, em voz baixa.

– Machucaram alguém na Vila dos Porcos? – rosnou Brinaff.

– Desculpe... Mirta... – O’Kris teve um acesso de tosse, antes de continuar: – Sua avó... eu não concordei...

– Do que ele está falando, Brinaff? – havia um tom levemente alarmante na voz dela. – O que tem a minha avó?

Brinaff não conseguiu olhá-la nos olhos e baixou o rosto, vendo o rapaz ter outra sequência de engasgos. Foi o suficiente.

– Vovó! – gritou Mirta, correndo em direção à cozinha.

Ele a observou cruzar todo o terreno, chegar aos fundos da casa e chutar a porta dos fundos, entrando no local onde jazia o corpo ensanguentado da avó. Brinaff esperou por um grito, um soluço ou choro de criança, mas, mesmo após alguns minutos, não ouviu nada.

Passaria ainda algum tempo, até que o dragão aceitas-se e abraçasse como sua a culpa pelo ocorrido. Afinal, não foram realmente os quatro homens de Silkai os algozes responsáveis por acabar com o último elo de família que tinha a garota. Tampouco fora o terror da invasão na calada da noite, o culpado pela transformação drástica no coração de Mirta; pelo endurecimento do último vestígio de infância e alegria em uma pessoa que mal começava a vida. Naquela noite, quem matava era somente ele. Que, chafurdado em imprudência, ceifava seis vidas de uma só vez. Por que esperar que outra

pessoa chorasse seu lugar?

Cerca de quinze ou vinte minutos depois, Brinaff criava coragem e entrava na cozinha. Estava silencioso e ele não sabia o que esperar. Talvez Mirta estivesse desmaiada, ou tivesse fugido pela porta da frente, para nunca mais voltar. O que ele viu, porém, deixou-o ainda mais surpreso.

Mirta esticava os pés, de frente para o lavabo, torcendo um pano molhado. Ela parecia tão concentrada, que não viu quando Brinaff entrou. O corpo da Sra. Sopafarta estava deitado de costas no chão, perfeitamente limpo, com as mãos cruzadas sobre o peito. Brinaff reparou no cuidado que Mirta teve ao arrumar os cabelos da avó. Era quase como se ela dormisse em paz, em um sono cheio de sonhos.

– Mirta... – a voz do dragão falhou mais do que deveria – eu deveria ter contado tudo. Só não queria que a visse no estado que... perdoe-me. Não sei o que dizer.

Mirta terminou de torcer o pano, deixando-o o mais seco possível, e o dobrou cuidadosamente, deixando-o na beira do lavabo. Enxugou as mãos em uma toalha, passou por Brinaff e foi até o armário, procurando alguma coisa. Vasculhou com delicadeza uma das gavetas, quase como se não quisesse fazer barulho, e apanhou uma colher de pau com aspecto antigo. Com cuidado, ajoelhou-se ao lado da avó e deixou a colher presa entre as mãos dela. Baixou a própria cabeça e ficou em silêncio, suspirando profundamente diversas vezes. Ela levantou-se pouco depois e encostou no batente da janela. Quando falou, foi com a voz mais firme que pôde usar:

– O homem morreu?

– Sim, Mirta. Conversou comigo por algum tempo e contou-me tudo que conseguiu. Não recebi muita informação detalhada, mas confesso ter ficado aliviado com sua morte. Ele sofria muito.

Mirta fungou, ajeitou os cabelos e ergueu um pouco a mão direita:

– Jogue-o do penhasco.

– O que?

– Jogue todos eles pelo precipício. Não ficarão em minha propriedade.

– Mirta...

Ela olhou para o fogão a lenha e o dragão acompanhou seu olhar. Ele ainda não havia visto que ele estava aceso, estalando a madeira em chamas. Havia uma chaleira por cima da chapa, fervendo água e soltando um delicado

braço de vapor no ar.

– Não encontrei Cerúleo em parte alguma – disse ela –, sabia disso?

Pobre Cerúleo. Brinaff havia se esquecido dele. Devia ter fugido, assustado.

– Tenho certeza que ele voltará, minha pequena. Foi uma noite muito perturbadora, não posso culpá-lo.

– Espero que esteja certo – ela torceu os lábios discretamente, numa careta. – E ajude-me mais tarde, precisamos preparar um funeral para vovó e não será aqui.

Brinaff estava perplexo. Quando olhava para o rosto de Mirta, naquele momento, era impossível não pensar em Yosa. Eram realmente muito, muito parecidas. Não tiraria conclusões precipitadas, mas no fundo já sabia... não existiam no mundo dois pares de óculos como aqueles.

– O que tem em mente? – perguntou ele.

– Vamos levá-la aos Lagos – declarou, firme. – Ela queria visitá-los e não deixará esse mundo antes de fazê-lo.

Ele assentiu lentamente com a cabeça:

– É uma boa ideia, Mirta... de fato, uma boa ideia. Como lhe disse antes, já faz um tempo que desejo visitar a casa de Zaraff. – Brinaff ergueu os olhos para o teto, buscando na memória dias muito distantes, tão vivos quanto o próprio presente. Lembrou-se da ascensão e queda de seu amigo e do sorriso enfeitiçador e jovem de Yosa. Ficou surpreso pela forma como a possibilidade de revisitar os Lagos o deixara ansioso. Ele começou, inclusive, a desejar que fossem logo para lá. Exibia um sorriso triste quando continuou falando: – E quando chegarmos, precisaremos conversar, minha cara. Sobre muitas coisas.

16 – NOVO APRENDIZ

– Deve sempre baixar a cabeça antes de fazer qualquer pergunta – falou Labal, com o indicador sobre os lábios, enquanto examinava Nil. – Sabe disso, não sabe? Quer dizer... é o mínimo de etiqueta vindo de um novo aprendiz. Não deveria ser necessário que eu o explicasse isso, Joelho.

– E não é! – Nil já começava a perder a paciência, apertando o cinto com mais força do que deveria. Labal não havia fechado a boca desde que começara a se preparar para partir. – Você não tem tarefas a cumprir, ou qualquer coisa para ocupar o tempo? Não deveria estar se preparando, pelo menos?

Labal deu um passo para trás para que Nil tivesse um bom vislumbre de seu semblante rechonchudo. Deu um tapa na barriga e abriu seu melhor sorriso:

– O meu segredo é esse, Joelho: estou sempre pronto. Um dia, quando tiver minha idade, perceberá que, se dormir de armadura, ganhará um tempo valioso para não fazer nada durante a manhã.

Nil enfiou uma espada na bainha. Lançou um rápido olhar em direção a Labal e sacudiu a cabeça, em reprovação.

– E um dia entenderá, Labal, que viver, de fato, é mais apetitoso que sobreviver. – Abriu os braços magros. – Como estou?

Labal estudou-o por um momento e concluiu, apon-tando para os pés dele:

– As botas. Tente apertá-las um pouco mais, pois ao lado do comandante você se tornará um lagarto humano. Sabe disso, não é? O homem é capaz de caminhar, subir e escalar por lugares que você nunca pensou. Não quer que as botas saiam quando atolar os pés, ou enganchar as pernas em uma moita traiçoeira.

– Mas estão bem encaixadas – Nil pisou várias vezes no chão, socando os calcanhares, para mostrar como estavam bem firmes.

– Estão frouxas – encerrou Labal, com um gesto de mão. – Mas não é culpa sua não ter carne para preenchê-las. Meu pai diria que *o defunto era maior*.

– Pare de rir e me dê uma ideia, ao menos, seu monte de gordura! O comandante começará daqui a pouco!

Labal estalou os dedos.

– Sei exatamente o que fazer. Espere-me aqui, Joelho, como um bom rapaz, sim?

Nil não desejava ir a lugar algum, de fato. Com ou sem o comandante Hillel. Viu Labal se afastar e enfiar-se em uma das barracas. Enquanto isso, afastou-se do canto onde estava e correu os olhos pelo acampamento, torcendo para que outros também estivessem se preparando. Não seria nada agradável ter dezenas de pares de olhos encarando-o em reprovação, logo no primeiro dia. Se havia algo que detestava, era ficar por último.

Ao contrário do que esperava, viu uma grande movimentação entre os soldados. De um lado, onde haviam as barracas mais bem montadas do aquartelamento, os homens de Zano colocavam-se em formação. Como de costume, eram os primeiros a ficarem prontos. Em outra extremidade, porém, o grupo de Forg ainda se preparava, assim como Nil. Estavam todos encaixando peças de armadura, conferindo os equipamentos, polindo ombreiras, escudos e lâminas de espada. Outros, talvez soldados mais desastrados, pareciam reparar danos em suas próprias peças, martelando-as sobre pedras improvisadas. Não era uma manhã tão fria quanto as outras, mas aquilo devia ajudar também a aquecê-los, afinal de contas.

Nil viu também alguns soldados correrem de um lado a outro, segurando pequenos frascos de vidro nas mãos. Estavam distribuindo-os entre os arqueiros do batalhão. Os homens de Hillel haviam trazido muito veneno de serpenplanta na noite anterior, mas, aparentemente, não era suficiente para todos os cento e vinte soldados. Nil sempre achara a ideia de ser arqueiro mais interessante que a de ser tropa de infantaria. Até esse momento. Depois de ver com os próprios olhos os efeitos da toxina no corpo humano, agradeceu aos deuses por não ter de manusear um arco com flechas envenenadas.

No centro do descampado, Hillel e seus cinco homens prostravam-se em volta de uma enorme fogueira. O soldado Kormel havia sido declarado morto pouco antes de o sol nascer e então decidiram que cremar o corpo seria mais seguro que simplesmente enterrá-lo. Houve um momento em que todos no batalhão pararam para prestar suas homenagens e se despedir, mas o grupo do comandante permanecia.

– Alguém devia avisar ao comandante que o rapaz não vai voltar – a voz de Labal veio como uma agulhada, causando um sobressalto em Nil. – Só se morre uma vez na vida.

Nil tentou não deixar transparecer o susto e olhou para o companheiro. Ele tinha algumas tiras finas de couro nas mãos e sorria, sabe-se lá por quê. Ele estava sempre sorrindo.

– Essa era sua grande ideia? – perguntou Nil, apontando para as tiras com desdém.

– Sim, senhor... – Labal já se abaixava para amarrar as tiras no rapaz. – É o melhor que posso oferecer. Devia estar grato, pois a partir de agora suas botas não sairão mais. Nem mesmo se sofrer um ataque dos... qual era mesmo o nome? Carcajus albinos. Eles terão de arrancar fora sua perna se quiserem suas botas – Labal gargalhou. – Não é excelente?

– Sim... excelente. Ei! Mais devagar aí!

Labal terminou de apertar um nó e levantou-se, espalmando as mãos, com um ar orgulhoso no rosto.

– Serviço de primeira, Joelho. Não concorda? – Labal sorriu e deu alguns tapinhas no rosto de Nil. – Agora mostre ao comandante quem é você e... ei! O que é isso no seu rosto? Será que estou vendo coisas, ou detecto um princípio de bigode debaixo desse nariz?

Nil sentiu as bochechas queimarem de vergonha.

– Tire essa mão imunda do meu rosto, Labal!... Olhe, o comandante está se afastando da pira. É melhor nos posicionarmos para receber as instruções.

– O grupo de Zano virá por último, certificando-se de que não somos seguidos – Hillel parou de falar, esperando todos confirmarem que ouviram, e em seguida continuou: – Posso estar imaginando coisas, mas não quero correr nenhum risco desnecessário. Se há algum mensageiro nas Geleiras, ele é perfeitamente capaz de nos seguir de forma sorrateira. Por isso... – fez um sinal com a cabeça para o capitão Zano.

– Sim senhor, comandante – confirmou Zano.

Nil riu da ironia. Teria pego a parte mais fácil da expedição se não tivesse sido designado para o grupo de Hillel.

– É importante reforçar – continuava o comandante – que as marchas se darão três horas depois de cada deslocamento. Isso é uma regra imutável, não importa como esteja o tempo. Partiremos em dez minutos e, a partir de então,

poderão começar a contar.

O capitão Habass levantou a mão áspera, inter-rompendo o raciocínio de Hillel. Ele acenou com a cabeça, dando a palavra.

– Perdão, comandante – disse Habass, com um misto de curiosidade e apreensão na voz –, não sei bem como formular a pergunta, mas acho que não seria injusto perguntar se houve alguma razão concreta para que mencionasse a possibilidade de haver mensageiros espalhados pela região.

Hillel cruzou os braços e respirou fundo antes de responder:

– É uma excelente questão, capitão, mas na verdade não há razão para se preocuparem. Ontem cortamos toda a borda leste desse quadrante e nenhum dos meus homens encontrou qualquer vestígio de atividade. Quer dizer... pelo menos de algo que valesse a pena mencionar. A despeito das moitas de serpenplantas, tudo que vimos, principalmente onde os pinheiros ainda crescem em viço, foi vida animal de pequeno porte. Aliás, vale a pena relembrar que tanto os musaranhos quanto as corujas-frias são comestíveis. – Ele ergueu um pouco a voz. – Não se enganem, porém, com as lebres. São chamadas de lebres-de-sangue-branco e se parecem muito com as que temos no mundo exterior. Não cometam a estupidez de as capturar, pois seu sangue é tóxico. Não será surpresa se as virem em maior número que todas as outras criaturas, pois elas não servem como alimento.

– Nem mesmo os urubus conseguem comer as desgraçadas – grunhiu um homem de cabelos compridos, ao lado do comandante.

– Abutres-da-neve, Sóz – corrigiu o comandante, ligeiramente irritado por ter sido interrompido. Virou-se, novamente, em direção ao batalhão. – E ele tem razão. Repito a todos: evitem as lebres!

– Quem escolherá o próximo acampamento? – perguntou Zano, com sua voz limpa.

– Darei as instruções quando chegarmos lá, capitão. Teremos primeiro de atravessar o perímetro anterior e fazer uma nova varredura. De qualquer maneira, atenha-se às suas instruções, dadas ontem. A mata de pinheiros está limpa, e a maior preocupação do batalhão, pelo menos pelas próximas horas, será somente a coleta de provisões. – Ele esticou o pescoço. – Mais alguma pergunta?

Nil também olhou, torcendo para que ninguém mais perguntasse. Qualquer coisa seria melhor que ficar espremido no meio de quase quarenta homens de seu batalhão, levando ombradas e sentindo cheiro de suor

envelhecido. Labal, do, outro lado, junto ao grupo de Forg, parecia imune a qualquer tipo de aborrecimento. Ninguém mais levantou a mão e o comandante concluiu:

– Então é isso, companheiros. Estamos ainda no início da jornada e, se tudo permanecer de forma ordeira, teremos êxito e voltaremos para casa sem nenhum arranhão. Se porventura algum capitão tiver dúvidas a respeito dos primeiros movimentos, me encontrarão no meu terreno, onde terminamos de desmontar as barracas.

Os cinco homens que estavam ao lado do capitão trocaram acenos de cabeça e desceram da pedra. Hillel desceu por último, quando a formação do batalhão começou a se dispersar. Quando Nil se perguntava o que deveria fazer em seguida, sentiu a mão de Forg segurando-o pelo braço.

– Por aqui, soldado. Vamos apresentá-lo a seu novo líder.

Nil foi conduzido até uma região afastada do acampamento, onde as barracas do grupo de busca do comandante já terminavam de cair ao chão, desmontadas com habilidade. Os cinco homens pararam de trabalhar quando os viram e acenaram com as cabeças. O primeiro deles era um homem de estatura média, olhos inteligentes e cabelos cortados muito baixos. Era possível ver a cor de seu couro cabeludo através dos fios claros.

– Este aqui – falou Forg, passando por ele – é um dos homens de confiança do comandante. Chama-se Iva. Quando tiver qualquer problema, conte a ele antes de procurar mais alguém. Iva tem solução para quase tudo. E para as coisas que ele não tem...

– Deve-se procurar por Hillel – completou Iva, com um sorriso. – Seja bem-vindo, soldado Nil. Será um prazer treiná-lo no grupo de busca.

Nil não pôde deixar de sentir-se surpreso pelo fato de ele já saber seu nome. Do outro lado de uma das barracas, havia mais dois homens. Um deles era enorme, com uns dois metros de altura e um queixo protuberante com uma cova no meio, como um dos homens do sul. Os cabelos caídos até o meio da testa e raspados ao redor das orelhas e na nuca. Acima de seus olhos não havia qualquer traço de sobrancelha. Nil esperou algum sorriso para contrastar com a aparência medonha, mas não veio nenhum. Apenas um leve balançar de cabeça, antes que ele voltasse a se concentrar no trabalho.

– Esse é Lumuir – falou Forg, com um sorriso no rosto. – Não se assuste, ele é assim mesmo. No fim das contas, verá que ele é inofensivo. Ou pelo menos é o que todos esperam.

Ao lado do homenzarrão, estava o rapaz magro de cabelos compridos que mencionara os abutres poucos momentos antes, quando o comandante falava. Ele já aguardava Nil com um ar de esperteza estampado no rosto. Um ar de quem conversa com alguém enquanto pensa em inúmeras formas de tapeá-lo.

– Sóz, não é? – arriscou Nil, lembrando-se de como ele fora chamado por Hillel.

– Perfeitamente, rapaz – Sóz estendeu a mão para cumprimentá-lo. – Vejo que tem um bom par de ouvidos enfeitando a cabeça rosada. Tem certeza de que veio ao lugar certo? Você pode se machucar nessa brincadeira.

– Soldado Sóz, tenha... – Forg já se preparava para censurá-lo, quando a voz de Nil veio na frente.

– Engraçado ouvir isso de alguém que me parece mais interessado no brilho dos próprios cabelos do que com sua integridade física. Quem sabe se passar a caçar com mais afinco, poderá ultrapassar os cinquenta quilos.

Sóz riu e passou a mão pelos cabelos escuros, deixando-os balançar junto da neve.

– As mulheres gostam – disse ele. – Quando tiver idade para isso, poderei levá-lo um dia a um dos bordéis da capital. Descobrirá como o mundo pode ser interessante, jovem rapaz.

Nil sentiu o rosto ficando vermelho. O capitão Forg deu um tapinha em seu ombro e apontou o dedo no rosto do rapaz.

– Reportarei seu desrespeito, Sóz. Abra essa boca novamente em minha presença e verá como as Geleiras podem acabar com a estrutura emocional de um soldado. – Forg respirou fundo, ao ver que o rapaz se encolhia dentro dos ombros, com a boca retorcida. – Sei que perder Kormel para as serpenplantas foi um duro golpe. Ele era um bom soldado e um amigo leal, tenho certeza. Todos respeitamos o luto do grupo, Sóz. Peço apenas que não deixe as emoções afetarem seu julgamento. A missão mal começou e agora têm um novo recruta para treinar. Estamos entendidos?

Sóz trancou o rosto e voltou a empacotar a barraca. Forg fungou, limpou o nariz e continuou conduzindo Nil enquanto explicava:

– Perdoe-me, soldado, eu devia tê-lo alertado antes, mas não tive tempo. Ninguém tolera a petulância de Sóz e, com a morte do colega, isso só se agravou. Acredito que os outros estejam igualmente abalados, a diferença é que são mais cordiais e disfarçam bem. Ouça-me, soldado. Pode ser que encontre uma atmosfera mais pesada pelos próximos dias, mas isso de forma

alguma deve afetar o desempenho da missão. Se vir ou ouvir qualquer irregularidade, deve reportar ao comandante imediatamente, entendido?

– Perfeitamente, capitão Forg – disse Nil, com série-dade. – Levarei tudo isso em conta, e pode contar comigo.

Forg sorriu.

– Se Sóz não conhecesse tanto de botânica, o comandante já o teria dispensado do serviço militar.

– Não teremos qualquer problema, capitão. Estou me acostumando com a ambientação.

Quando se aproximavam da entrada da maior barraca, viram os dois últimos homens saírem de dentro, com varetas metálicas e cordas nas mãos.

– Ah, Dana – disse Forg a um deles, um homem grande e completamente calvo. Tinha o rosto rechonchudo e podia ser considerado gordo, não fossem os braços musculosos e peito estufado. – Permita-me apresentá-lo ao novo aprendiz, o soldado Nil.

Dana sorriu e, quando o fazia, seus olhos fechavam-se completamente. Um soldado que despertou a simpatia de Nil quase que imediatamente.

– Seja muito bem-vindo, Nil. Se precisar de qualquer coisa... – ele deu uma cotovelada no colega – pode pedir ao colega Valdor aqui. – E gargalhou em seguida.

– Até que não seria má ideia – disse Valdor, um mestiço de cabelos encaracolados, nariz achatado e olhar sério. – Fico imaginando o destino da pobre criatura que precisar de você um dia, bola de gordura.

Dana continuou rindo enquanto se afastava. Nil acenou para Valdor e riu também. Gostara deles.

– Bem, vamos entrar. Te apresentarei formalmente ao comandante e, a partir de agora, estará sob sua tutela e liderança.

Nil não gostava da ideia de entrar para um grupo reduzido. Não gostou desde o primeiro momento, quando Forg apontou o dedo em sua direção na noite anterior. Grupos pequenos significavam os mesmos rostos olhando-o constantemente e isso dificultaria seus planos de passar a missão despercebido. Mas, até então, estava tudo bem e parecia não ser uma ideia tão ruim, afinal.

Só espero que não desconfiem. Talvez eu deva manter meu rosto mais sujo, para que não fiquem comentando tanto a respeito.

17 – INDÍCIO DE ATIVIDADE ANIMAL

A brisa carregada de neve bateu forte no rosto de Nil, arranhando suas bochechas. Ele parou, fincando as botas no chão, e as esfregou com as costas da mão. O toque da luva áspera, porém, deixava uma sensação ainda mais incômoda.

– Está comigo? – perguntou Hillel, sem olhar para trás.

– Sim senhor, comandante – respondeu Nil, apertando o passo e tentando alcançá-lo. Era impressionante como os ouvidos de Hillel estavam sempre atentos.

Subiam uma encosta gelada e calva, onde não brotava do solo muito mais que alguns arbustos espinhentos. Nil tateava cautelosamente com os pés, cuidando para não pisar em alguma pedra solta e assim rolar morro abaixo. Tinha mais receio de receber um espetáculo de gozações do que da queda, propriamente.

O único a seguir à sua frente era o comandante. Os outros cinco subiam logo atrás, espalhados, de modo que cada um pegasse uma porção virgem de terra e ampliasse a área de busca. Assim, os três grupos de soldados teriam uma área mais ampla para viajar sem preocupações, quando passassem por ali.

À sua frente, Nil via algumas colinas menos íngremes, ladeadas de picos e paredões de gelo. No limite do horizonte, despontava o cume mais alto da cadeia montanhosa, o anel azulado onde alegadamente dormia o rei dos dragões. O destino final da expedição e um local onde ele não gostaria de botar os pés. A névoa deixava o topo do monte meio embaçado e distante, dando uma sensação agradável de que ainda faltava muito para chegarem. A má notícia era Hillel no comando. Ele sempre chegava onde queria, pelo que diziam.

Nil ouviu a voz de Dana, o careca grandalhão, praguejando ao longe, e olhou em sua direção. Ele abria caminho pelo oeste lá embaixo e se enroscava em uma moita de galhos secos. Do lado oposto, um nível acima, passava Sóz, subindo por uma pedra, seguido por Valdor, o mestiço. Iva e Lumuir já estavam distantes, alcançando o topo da colina, pelo leste. De vez

em quando passava correndo um bando assustado de musaranhos, procurando abrigo em outro lugar. A maioria seguia em direção à mata, que ficara para trás, e nenhum dos homens os perseguia. Não estavam preocupados com comida, pois as unidades se encarregariam de grande parte dessa tarefa. E também transportavam suas próprias reservas de alimento. Nil torceu para vê-los chegando na hora estipulada, já que seu estômago começava a roncar, reclamando da ausência de um bom desjejum.

Quando Hillel colocou os pés no topo da colina, caminhou um pouco e subiu em uma pedra, aguardando a chegada do restante do grupo. Estavam, nesse momento, em um planalto novo, um local amplo e pouco acidentado, como o acampamento anterior.

Tomara que o comandante decida ficar por aqui. Já não sinto minhas pernas. Só quero ouvi-lo dizer que por hoje é só.

Nil terminou de subir e sentou-se ao lado de Hillel. O comandante olhava para o horizonte, perdido em pensamentos, e ele achou melhor não falar nada, para não desconcentrá-lo. Minutos depois, Sóz e Valdor chegavam também, pelo outro lado do planalto. Nil reparou que deixaram desabar as mochilas e isso era bom. Como conheciam o comandante há muito tempo, provavelmente entendiam que passariam ali o resto da tarde. Ou, na pior das hipóteses, descansariam por um tempo e talvez até comeriam alguma coisa.

Iva e Lumuir chegaram pelo sul e também deixaram as coisas no chão, exceto pelos cantis, que começaram a encher com neve, coisa que Nil aprendera só de olhar. O segredo era transportar o cantil dentro do casaco, junto ao corpo, para que o gelo derretesse durante a viagem. Os dois se envolveram em alguma conversa animada e não disseram uma palavra ao comandante.

Dana foi o último a chegar, quase meia hora depois, e ele vinha com o peito arfante e uma expressão sorridente no rosto.

– Hoje foi sua melhor marca, gordinho! – gritou Iva, arrancando gargalhadas do restante do grupo. Até mesmo o comandante deu um pequeno sorriso.

– Eu teria chegado junto de vocês – falou Dana, mostrando os dentes e fechando os olhos entre uma respiração e outra –, mas acabei pegando...

– A pior parte do trajeto – completou Valdor, tomando um gole d'água. – Já sabemos de cor, Dana, e não cola mais. Da próxima vez, tente sair na frente do comandante e terá uma vantagem!

– Eu fiz isso uma vez e deu certo – defendeu-se Dana, enquanto desamarrava a mochila das costas.

– Deu certo, sim – ribombou Lumuir, com a voz grave e rosto inexpressivo, mastigando um pedaço de raiz. – Até o comandante encontrá-lo atolado na altura da cintura e precisar de todo o grupo para içá-lo da lama.

Todos riram, inclusive Nil, que começava a se divertir com as histórias do bando.

– Ainda bem que tínhamos trazido uma corrente fina na viagem – disse Valdor –, pois as cordas comuns teriam arreventado.

– Não teriam arreventado, mestiço – retrucou Dana. – Sabe que elas aguentam duas ou três vezes mais peso, já cansei de explicar isso.

– Bem lembrado, Valdor – falou Sóz, com o sorriso aberto de orelha a orelha. – A corrente foi um toque genial e lembro-me de ter sido contra, pois era um peso desnecessário. De quem foi a ideia, mesmo?

Hillel baixou a cabeça e depois olhou novamente para o horizonte. Houve uma pausa incômoda na conversa.

– Kormel – respondeu Iva, finalmente. A voz veio duas oitavas abaixo. – Ele era mesmo um teimoso...

– Sim... – grunhiu um deles, depois de outra pausa.

– Verdade.

Nil achou melhor perguntar alguma coisa, para desviar a conversa do rumo que ela levava. Não chegou a abrir a boca direito e o comandante já se levantava, batendo a neve das pernas e dirigindo-se ao grupo:

– Iva, Lumuir, comecem a levantar acampamento para a pernoite. Sóz, largue o que tiver na mão e comece a procurar combustível para a fogueira. Você chegou mais inteiro, pode carregar um pouco de peso extra. Dana circulará o perímetro comigo enquanto Valdor e o novato Nil cuidarão da comida. O restante do batalhão chegará em algumas horas e já quero tudo pronto até lá.

– Teremos de esperar a chegada das unidades para comer? – quando Nil percebeu, já perguntava. Não dava mais tempo de se arrepender.

Sóz, já se afastando, deu uma gargalhada sarcástica. Valdor, que estava próximo, tentou esconder o riso, olhando para Nil com expressão de quem ouve uma frase desconexa de uma criança. Ele bateu em seu ombro e disse, somente:

– Jovem Nil, seguir o grupo de Hillel é montar uma expedição à parte.

Nosso grupo de busca é independente. Acampa, caça e se alimenta por conta própria, que é, inclusive, o que faremos agora. Sei que não perguntou por mal, é o seu primeiro dia.

– Sim, senhor – disse Nil, arrependendo-se novamente, em seguida.

Dana gargalhou, olhando para Hillel.

– Não me chame de senhor – falou Valdor, com paciência. – Aliás, não se dirija a ninguém aqui dessa forma, exceto ao comandante. Todos temos a mesma patente, entendido?

Nil sabia que estava com o rosto vermelho.

– Sim... Valdor. Entendi.

– Valdor – chamou Hillel –, quando terminar com o rapaz, traga-o até mim. Vou aproveitar o intervalo para mostrá-lo uma ou duas coisas.

– Perfeitamente, comandante.

Nada mau para as primeiras horas, Nil, idiota. Da próxima vez, não diga nada. Bem, pelo menos comeremos em breve.

Nil apertou a gola do casaco de peles e olhou para o alto, tentando detectar a presença do sol. Parecia uma tarefa impossível, o céu era uma placa homogênea e prateada.

– Como sabe que é quase noite? – perguntou ele, finalmente.

O comandante riu. Devia estar se divertindo às suas custas e não era para menos. Deu graças aos deuses por estarem afastados do acampamento. As gozações seriam insuportáveis.

– Digamos, soldado Nil... que com o tempo nós passamos a saber. Isso não é algo que eu poderia ensiná-lo com exercícios e prática.

– Compreendo.

– Ah... – Hillel deu alguns passos até uma região mais gramada e abriu os braços, satisfeito. – Podemos começar por aqui. Soldado, diga-me o que vê.

Nil aproximou-se apertou os olhos. Tudo o que via era neve fofa, pedras espalhadas pelo chão e arbustos ressecados. Era muito evidente que aquele lugar nunca fora visitado por um ser vivo antes.

– Bem – ele tentou encontrar as palavras –, aqui nota-se claramente a incidência de... vegetação típica. – Ele olhou para o comandante esperando algum tipo de confirmação, mas o comandante não expressava absolutamente nada. – Eu afirmaria também que esse local, se compararmos com o planalto, não me parece adequado para...

Do que eu estou falando?

– Adequado para?... – perguntou o comandante, com interesse.

Nil respirou fundo e arriscou:

– Adequado para acampamento.

Hillel manteve-se inexpressivo.

– O que mais?

Ande, Nil, idiota. Diga logo que não vê qualquer indício de atividade animal. O que tem a perder? Se acertar, pode começar a ganhar certo respeito do comandante.

– Bem... É evidente também que o local não apresenta qualquer...

Hillel interrompeu, apontando com o dedo:

– Posso ver dezenas de rastros animais entre aquela região e a outra, ali. Quantas espécies diferentes você percebe?

Realmente, não tenho muito talento para estar aqui.

Nil deu de ombros, tentando formular alguma frase que soasse minimamente inteligente. O comandante riu e continuou:

– Soldado, quando falamos sobre rastreamento, e rastreamento pode ser, em algumas situações, o elo que separa a vida da morte, falamos basicamente sobre dois aspectos fundamentais. *Marcação e Deslocamento*. O que você entende sobre qualquer um desses conceitos?

Nil percebeu que seria inútil tentar disfarçar sua igno-rância.

– Nada, senhor – encolheu-se sob a manta de peles. – Desculpe-me.

– Não há com que se desculpar. Estou aqui para te ensinar e guiar, e é para isso que veio, não?

Nil sentiu uma brisa agradável bater em seu coração. O comandante, quando ensinava, fazia-o lembrar muito seu primo Gherda, o conselheiro do rei Silkai.

Gherda... Me sinto inútil aqui a maior parte do tempo, mas não fosse por você, eu talvez nem estivesse com vida, ou emocionalmente saudável. Agradeço por ter me colocado aqui. Espero que perdoe a resistência que lhe ofereci quando me alistou. A cada dia que passa, tenho mais certeza de estar em segurança ao lado do comandante. Salvou minha vida, Gherda, e espero agradecê-lo pessoalmente em breve.

– Soldado? – perguntou Hillel.

– Perdoe-me, senhor. Sim, senhor. É para isso que estou aqui.

– Pois bem – continuou ele. – *Marcações* são elementos que literalmente

deixam sua marca em algum lugar. Quando você observa um ambiente a ser rastreado, primeiro deve mapeá-lo em sua mente. Pergunte-se se tudo aqui está da exata forma que deveria estar, caso as coisas ocorressem naturalmente.

– Interessante – Nil começou a olhar o local com olhos mais atentos. Divisou cuidadosamente cada pedra, palmo de chão e galho seco de arbusto. De repente, apontou o dedo para um galho: – aquele graveto está quebrado. Não deveria estar, não é?

Hillel sorriu e Nil achou que ele ficava mais jovem quando o fazia.

– Muito bem, rapaz – parabenizou Hillel. – Note que o galho foi quebrado na altura de nossos joelhos. Um homem poderia, ao atravessar o local, quebrá-lo dessa forma. Mas se o galho estivesse na altura de nossa cintura, ou peito, não poderia ter sido feito por um animal pequeno.

Nil sentiu vontade de comemorar, satisfeito por ter acertado. Acabou contendo-se a tempo. O comandante continuou explicando:

– Quando há árvores ao redor, é mais fácil diferenciar as marcas feitas por humanos. Soldados portando armas, ou armaduras metálicas, não raro deixam cicatrizes nos troncos, abrindo pequenas lascas. Como estamos nas Geleiras, é de se supor que todas as marcações terão sido feitas por animais, a não ser que as evidências mostrem o contrário. Por sorte, não acho que veremos qualquer rastro humano por aqui.

– Sorte? – Nil preferia mil vezes se deparar com um humano do que com um animal, quando estivesse perdido.

– Sem sombra de dúvidas – disse o comandante, com firmeza. – Animais são fáceis de se estudar e prever. Os homens são cheios de surpresas e os rastreadores não gostam delas.

Nil começava a gostar da expedição. O comandante não parecia ser o carrasco sem intelecto ou emoções que tantos pregavam por aí.

– Consegue ver alguma pegada? – perguntou Hillel. Algo na pergunta mostrava que deviam haver inúmeras delas.

– Não... para mim parece tudo normal.

– Isso é porque o terreno o está enganando. A neve é fofa e é normal que esperemos ver pegadas nítidas. Veja ali, perto da pedra, como temos porções mais polidas no solo. – Hillel abaixou-se e começou a passar o dedo na neve, até que ela começasse a ficar lisa, como uma superfície endurecida e sólida. – É preciso ser realmente pequeno, ou muito ágil para deixar marcas tão

suaves. Eu diria que uma lebre passou por aqui nas últimas horas.

– Mas e o galho quebrado na altura de seu joelho?

– Excelente pergunta. Não foi feito por uma lebre, que só tem um palmo de altura, isso é certo. Teria sido feito por algo maior, como um lobo, ou carcaju. Mas essa é uma marca mais antiga, pois passou tempo suficiente para que a atividade do vento e da brisa fizessem a neve do solo voltar ao normal. Sorte a nossa, essas criaturas são muito perigosas e não queremos ser pegos de surpresa por qualquer uma delas.

Incrível. Como pode saber tanto só de olhar para um lugar?

– Pegadas contam não só histórias, Nil. Contam também a idade dessas histórias. Com o tempo, você aprenderá tudo isso. Inclusive a velocidade com que um animal se deslocou, a direção na qual ele o fez e até mesmo seu estado mental quando pisou no chão. Ficou bem claro? Do que irá se lembrar de agora em diante?

– Perguntar-me primeiramente se o ambiente está da exata forma que deveria estar, caso tudo ocorresse naturalmente.

Hillel acenou com a cabeça, orgulhoso.

– Precisamente. Sobre *deslocamento*, quero deixar algumas impressões também. – Ele esticou a perna e moveu uma pedra com o pé, deslocando-a totalmente do local de origem. No lugar da pedra, ficou uma pequena cratera lisa, com o fundo cor de terra. – Percebe o que acontece quando alguém tira algo do lugar? As cicatrizes ficam ainda mais evidentes. Olhe para a pedra que removi e verá marcas gêmeas, estampadas no fundo.

– Sim, senhor – Nil tentava anotar tudo mentalmente.

– Com o passar do tempo, essas bordas ficarão ainda mais trabalhadas, mesclando-se com a neve ao redor. Isso quer dizer que quanto mais nítida é a cratera, mais recente foi a atividade.

– Entendi, comandante. Estou ansioso para colocar tudo em prática.

– Muito bem, jovem Nil – Hillel deu alguns tapas em seu ombro e virou-se em direção ao acampamento. – Os rapazes sabem tanto quanto eu sobre esse assunto, e poderá fazer a eles qualquer tipo de pergunta, está certo? Nas Geleiras a luz do sol não ajuda muito, mas quando trabalhar fora daqui, preferirá rastrear no início da manhã ou no fim da tarde, onde o sol está mais baixo e lança sombras mais longas. Isso facilitará muito a leitura do solo.

Nil estava radiante. Teria coisas a treinar durante a expedição e a viagem já não seria mais tão tediosa.

– Muito obrigado, comandante.

– Não é nada. – Hillel olhou para o acampamento e Nil acompanhou com o olhar. A fogueira estava acesa e estalando, espantando a névoa, e dois dos soldados já carregavam pequenas panelas. Estava na hora de se juntar a Valdor e preparar o jantar. – Está com fome?

– Posso aguentar mais um bom tempo, senhor – mentiu Nil. Ele mal podia esperar para comer.

Caminharam de volta ao assentamento e Nil perdeu-se em pensamentos. Até o fim da expedição, estaria mais preparado para chegar à beira da montanha de Corff. Pelo que parecia, não havia qualquer tipo de perigo aguardando-os até que chegassem, e o comandante jamais o colocaria em situação de risco. A viagem começava a ficar interessante.

– Coma bem e descanse, soldado – falou Hillel. – Amanhã sairemos eu e você para procurar um bando de carcajus-albinos.

18 – PRECISAMOS FALAR SOBRE ZARAFF E YOSA

Somente aqueles que visitaram os Lagos Espe-lhados podem dar um testemunho acurado de seu esplendor. Localizado no meio do caminho entre Cascalha, que fica ao norte, e as Geleiras, a sudeste, o terreno estende-se por quase mil acres. Ao leste, quase na beira do continente, erguem-se os cumes afilados das Lacrimosas, montanhas ricas em minas de água cristalina, berço de alguns dos rios mais importantes do reino. Os lagos e pequenos corpos d'água são de aspecto prateado, refletindo o céu e as árvores de forma tênue e discreta. As cores, formas, vida vegetal e animal, estão entre as mais ricas e variadas de toda Virídea.

Não existem, entretanto, moradores na região dos Lagos. Desde os tempos primórdios, quando os humanos não passavam de um bando maltrapilho de nômades coletores, o lugar vem sendo tratado como uma reserva sagrada, divina, onde o homem pode, no máximo, fazer visitas. A norma nunca foi diferente para os dragões, seres igualmente sencientes. Nem mesmo reis, magos ou sacerdotes do mais alto escalão, as criaturas mais desejosas por dominação territorial, eram poupadas em caso de rebeldia. Inúmeras foram as tentativas de se erguerem fortes, barricadas, vilas, assentamentos e até mesmo castelos pelo território, mas todos os projetos acabavam indo abaixo. Fosse por doenças, maldições, ou mesmo ondas inexplicáveis de azar, as nações eram paulatinamente expulsas dos gloriosos Lagos Espelhados. Somente os animais com o instinto e destino determinados pelos próprios criadores tinham direito de lá se estabelecerem.

A fonte dos deuses era o nome pelo qual era conhecido o local.

Era uma bonita manhã de céu azulado quando a carruagem metálica de Mirta alcançou as trilhas dos lagos. Haviam descido as colinas perto de casa e cortado caminho em meio a árvores secas e terreno pedregoso, rumando para o sul. Entraram por uma fenda entre as montanhas e alcançaram um dos lagos, contornando-o e passando por outros de tamanhos e formas variadas.

Por fim, chegaram até a outra extremidade, mais próxima das Geleiras. Era pouco antes do meio-dia quando alcançaram o Lago da Lua, o menor

deles. Ele tinha esse nome devido a uma intercessão entre as rochas dos montes, que abria uma pequena canaleta de água. Todo ano, em uma noite específica, a lua, quando surgia, preenchia o espaço exato da abertura.

– Encoste aqui – orientou Brinaff, do banco traseiro, quando a trilha acabava em meio a um grupo de árvores de folhagem alaranjada.

Mirta obedeceu, guiando o veículo até a beira de um tronco, onde havia uma sombra abundante. Desligou os motores, ajeitou os óculos e abriu a porta, colocando os pés para fora. Uma brisa gelada subiu imediatamente por suas pernas e ela apertou forte o casaco, antes de descer.

Ela, apesar de não exibir qualquer traço de emoção no rosto – coisa que se repetiu durante todo o trajeto, desde a madrugada –, achou a vista estonteante. Era necessário tombar a cabeça para trás e olhar para cima, se quisesse ver os topos das Lacrimosas, as montanhas que compunham a pálida murada no leste. Olhando para a esquerda, ela via o Lago da Lua se alargar, desde a margem, tomando uma forma ovalada, para depois se afilar novamente e terminar na margem oposta, em uma trilha estreita, onde o lago unia-

-se ao outro.

O cenário era de absoluta paz. Aves pescadoras davam voos rasantes, procurando por algum peixe desatento. Dos planaltos rochosos que espreitavam o lago, caíam filetes finos de nascente, formando uma espuma delicada nas águas cristalinas. À sua direita, em terra firme, a trilha terminava abruptamente e o solo começava a inclinar-se para cima. A grama verde espalhava-se por entre os pés das árvores e pedregulhos, abrindo-se até uma mata de pinheiros, ipês e também faias; de onde o canto dos pássaros vinha sem ser interrompido.

Era, de fato, um bom lugar para o descanso da Sra. Sopafarta.

– Ela teria gostado daqui – falou Mirta, percebendo a aproximação cuidadosa de Brinaff.

– Tenho certeza disso, Mirta.

Ela esboçou a sombra de um sorriso, quando uma das aves mergulhou até o fundo da água e alçou voo com um peixe debatendo-se em seu bico.

– Certamente ela teria mais sorte na pescaria que nossos amigos alados – disse ela. – Não lembro de alguma vez tê-la visto pescar, mas, se havia algo em que vovó era boa, era em conseguir os ingredientes para seus pratos.

Brinaff assentiu com a cabeça, também olhando fixamente para as águas

prateadas do lago. Depois de uns momentos, ele suspirou e virou-se para Mirta:

– Ela está pronta?

– Sim – Mirta começou a caminhar em direção à porta traseira do veículo.

– Vovó não era vaidosa, acho que não teria aprovado que eu a enchesse de maquiagem ou colocasse seus vestidos formais. Ela veio como viria, se estivesse viva. A passeio.

Mirta puxou a maçaneta e abriu a porta, estacando em frente ao corpo da avó. Ela estava deitada de costas no compartimento de bagagens, na mesma posição que fora deixada na cozinha. Os cabelos presos em um coque firme e as mãos cruzadas por sobre o peito, segurando a velha colher de pau. Havia uma faixa grossa de pano envolvendo suas canelas. Era o local onde Brinaff mordida quando ajudava a transportá-la.

Mirta esticou o braço, apanhou uma pá que estava encostada ao lado do corpo e começou a se afastar da carruagem, escolhendo o melhor local.

– Mirta, deixe-me cuidar disso – propôs Brinaff, com peso na voz.

– Isso não é trabalho para você, Brinaff – ela subiu em uma elevação coberta de capim e musgo. – Eu sou da família, não posso deixar de fazê-lo. Além do mais, está ainda muito machucado, não quero que suas cicatrizes se abram.

– Já me sinto bem melhor e tenho braços mais fortes. Viu como cavei na Vila dos Porcos quando ainda estava debilitado! Por favor, deixe para mim essa tarefa, eu insisto.

Mirta enfiou a pá no chão, empurrando em seguida com o pé.

– Pode ajudar quando eu for trazê-la. Agora vá procurar algo para comer, Brinaff. Esse assunto não tem nada a ver com você.

Ele ficou parado por um instante, pensando no que dizer em seguida, mas permaneceu assim. Virou as costas e se afastou, enquanto o barulho da pá entrando e saindo da terra misturava-se aos sons naturais do local.

Uma hora depois, Brinaff voltava. Mirta estava coberta de terra até os cabelos e sentava-se na beira da cova, apoiando as mãos no cabo da pá. Ele subiu a elevação e deu uma boa olhada no trabalho. Levando-se em conta as mãos delicadas da garota, ela havia feito muita coisa. O buraco era profundo o suficiente para servir como sepultura.

– E agora? – perguntou ele.

Ela tirou um lenço de pano do bolso e limpou a testa, que estava encharcada.

– Preciso descansar um pouco. Depois podemos enterrá-la e... – Ela parou de falar e olhou para cima. Parecia desconcentrada, sem rumo. Como alguém que não decidiu ainda o que fazer em seguida. – Bem, é preciso seguir a vida, não é?

– Certamente, Mirta... Mas faça tudo em seu tempo. Pretende voltar aos tomos?

– Foi para isso que eu os trouxe, não é? Não conseguirei dormir em paz enquanto não descobrir quem está por trás disso.

– Compreendo...

– E nem preciso dizer que não estaremos seguros até que consigamos saber tudo. Poderão mandar mais soldados atrás de mim.

– Mirta, como eu tentei dizer antes, é a *mim* que procuram. Não tome mais parte alguma nisso. Vá para casa e deixe-me tentar cuidar de minha própria segurança.

– Não diga bobagens, Brinaff. Quem o persegue acabou por me atingir diretamente. Você não teve culpa alguma.

Brinaff fez uma pausa, procurando as palavras, mas Mirta continuou falando:

– Você não tinha algo a me dizer quando chegássemos? Quem é o seu amigo Zaraff? Vou conhecê-lo?

– Claro que o conhecerá. De certa forma, pelo menos.

– Não sei se compreendi bem. De qualquer maneira, ele será capaz de nos ajudar?

– Por que não vem comigo e lhe conto no caminho? Prometo que não terá de andar muito. Há certas coisas que preciso que compreenda e é uma longa, longa história.

Mirta olhou para a carruagem, pensando na proposta. Ficou de pé e bateu a terra do vestido.

– Que tola eu sou – falou ela, com um sorriso não muito verdadeiro. – Estou com receio de deixá-la sozinha. Pobre vovó... agora ninguém a fará mal novamente. – Virou-

-se para o dragão: – Está certo. Vamos ver seu amigo. E fale-me tudo no caminho, Brinaff.

– Pois bem. Siga-me por aqui. Vê ali, próximo à árvore onde

estacionamos, um tronco caído, cheio de musgo? Se subirmos cerca de vinte ou trinta passos, encontraremos dois pinheiros gêmeos, destacando-se dos demais. É para lá que vamos.

Brinaff tomou a frente. Mirta deixou a pá no chão e seguiu atrás dele, disposta a ouvir atentamente cada palavra. O dragão começou a falar com saudosismo, como se tivesse palavras presas há muito na garganta, deixando-as agora em liberdade.

– Houve um tempo, minha cara, em que os dragões formavam uma sociedade austera e orgulhosa, de fato. Não como hoje, quando somos tidos como monstros malignos ou aberrações que devam ser caçadas e exterminadas. Foi uma época em que nos dividíamos em classes reais; tínhamos tarefas e deveres a cumprir para conosco e o mundo.

“Como bem sabe, os dragões conhecidos como *familiares* sempre foram os mais numerosos. Já deve ter tido a oportunidade de ver algum por aí. São de cores e dietas variadas e fazem de qualquer lugar seu lar. Vivem em montanhas, florestas, beiras de lagos e cavernas. Oferecem devida reverência ao rei Corff, mas não seus trabalhos. A única preocupação dos familiares é, em linguagem mais simples possível, comer, dormir e formar suas ninhadas.”

– Não tive oportunidade de vê-los de perto – disse Mirta –, mas creio que devam ser os mais caçados, visto que são numerosos. São agressivos?

– De forma alguma! Talvez até por isso se tornem presas tão comuns. De qualquer maneira, o cenário que te proponho no início da conversa é o de que tal classe de dragão é, por natureza, displicente e desinteressada. Tenha isso em mente quando pensar nos familiares. Certa vez, porém, nasceu um deles totalmente avesso às suas inclinações naturais. Um dragão de aparência belíssima, escamas brancas e couro vermelho, com chifres afiados feito navalhas e dentes brilhantes. Uma joia até mesmo entre os mais belos de nossa raça. Estou falando de meu amigo Zaráff.

“Em seus primeiros anos, Zaráff aprendeu tudo que pôde a respeito da floresta onde nasceu. Como veio de uma família de carnívoros, recebeu, em essência, instruções sobre caça, pesca e emboscadas. Entendeu qual a melhor época do ano para se procurar cada animal e, acima de tudo, aprendeu como fazer isso sem que fosse notado pela sua presa. Veja você, dragões são seres grandes e muitas vezes desajeitados, talvez como uma balança da natureza para compensar nossa grande força física. Quando aprendemos a burlar nossa condição natural e mesclar isso ao que já somos, tornamo-

-nos quase imbatíveis. E foi exatamente o que ocorreu.

“Quando ainda jovem, Zaraff tornou-se o senhor de sua região e todos aqueles com potencial para servirem como alimento passaram a respeitá-lo. Todavia, nem seus pais, ou o próprio Zaraff, perceberam que algo dentro dele mudava com o passar do tempo. Por alguma razão, ele sentia como se o mundo fosse um pouco mais do que caçar e descansar. Sentia vontades vindas do nada, curiosidades implacáveis, e formulava perguntas sem fim, que nunca tinham resposta.”

Alcançaram os pinheiros gêmeos e Brinaff continuou à frente, passando por entre os dois. Ele olhou para Mirta e deu um pequeno sorriso, antes de continuar:

– Zaraff era o que nós costumamos chamar de *Gurluff*. Seria algo como *desgarrado*, ou *estranho*, em seu idioma.

– Gurluff...

– Isso. Então ele passou a entender, à medida que os anos corriam, o próprio talento. De tanto gastar suas horas perambulando pela floresta, explorando sua rica flora e fauna, ele atentou também para as propriedades de cada vegetal nascido no local. Descobriu sozinho que, se você mistura folhas de alípia com casca de boião-real, faz um calmante poderoso, capaz de derrubar um javali. Descobriu que o espinho de unha-da-rainha contém uma propriedade que auxilia no estancamento da hemorragia e que também são excelentes agulhas para drenar furúnculos e bolhas, devido a seu antisséptico natural. Foi um momento incrível em sua vida, imagine só!

– Estou impressionada com seu amigo – falou Mirta, ajeitando os óculos com um leve traço de euforia nos dedos. – Esse tipo de arte medicinal encontra-se nos livros, mas não são todos os que conseguem entender sua linguagem. Gostaria muito de ouvir algumas das histórias e descobertas desse dragão.

– Ouvirá relatos muitos interessantes. Bem... Conti-nuemos...

– Mas sempre pensei que os Lagos fossem proibidos – ela interrompeu sem perceber e Brinaff não se importou. – Estou curiosa em saber como ele ludibriou a maldição e conseguiu se estabelecer aqui.

– Eu chegarei lá. Onde eu estava, mesmo? Ah, sim... em apenas algumas décadas, Zaraff já conhecia cada broto da floresta. Seria capaz de se lembrar onde vira uma rama de bainhas-verdes pela última vez, ou onde espalhara sementes de pé-de-corvo. Evidente que não demorou para ele se cansar do

marasmo dominante de sua vida e foi quando resolveu ir embora, para nunca mais voltar. Entendeu que aprenderia muito mais se pesquisasse cada canto de Virídea e encontraria um lugar onde pudesse viver seus dias em paz e silêncio.

– Os Lagos... perfeita escolha, já que quase nunca vem alguém aqui.

– No exato local onde estamos, eu concordo. Mas na extremidade oeste do território, as trilhas dão para três grandes estradas de comércio e a movimentação é constante.

“Zaraff sabia disso. Quando ele começou a entender a frequência com que os viajantes passavam, e também as origens e destinos das carroças, ele planejou sua primeira emboscada aos humanos, algo sem precedente na natureza dos familiares.

“Sempre existiu em Tulma, e sinto-me tolo em mencionar isso, já que você deve conhecer a capital melhor que eu, um conselho clerical a serviço do rei. Na época, quem regia era a mãe de Silkai, a Rainha Silve Manto-da-Lua. Zaraff os conheceu através de boatos trazidos por outros dragões e se interessou imediatamente pelos clérigos. Claro, são representantes místicos e dominam as artes da alquimia e magia. Pois bem. As caravanas, quando os transportavam, levavam-nos em expedições quase secretas, onde visitavam locais ermos à procura de componentes para seus estudos. Como era de se esperar, junto com os magos viajavam também alguns livros e tomos, e isso foi suficiente para aquelas rotas nunca mais fossem as mesmas.”

– Seu amigo atacou o conselho clerical? – Mirta tinha os olhos arregalados por trás das lentes.

– Fez mais que isso, minha pequena. Zaraff passou a saquear não só o conselho, como qualquer viajante suspeito. Nunca tomava os itens para subsistência, tinha interesse somente em artigos para seu enriquecimento intelectual. As caravanas passaram a não mais viajar desprotegidas, mas nem isso freou os ímpetos do talentoso dragão de chifres vermelhos. Foram poucas as ocasiões em que ele precisou, de fato, combater. Só o fazia quando se sentia ameaçado e, na maioria das vezes, voltava para casa sem ter machucado ninguém.

“Depois de alguns anos, já não era mais possível armazenar todo o estoque de livros, rolos, tratados e tomos nos interiores ocultos das árvores, como ele vinha fazendo. Alguns volumes já começavam, inclusive, a ficar danificados pela umidade do ar. Ele achou melhor, então, construir uma

morada mais resistente no meio desses exatos bosques onde pisamos.”

– Isso é inacreditável! Ele era também capaz de erguer edifícios?

– Na verdade, não – riu Brinaff. – Depois de dezenas de tentativas fúteis, onde tudo acabava desabando no chão, Zaraff viu que essa não era uma arte para a qual ele tinha talento, embora fosse habilidoso com os dedos. Não... no fim, ele tinha também sua modéstia. Encontrou, depois de muito vagar por entre as árvores, um antigo mausoléu abandonado, grande o suficiente para abrigá-lo e também às suas... digamos... aquisições. Era um prédio erguido na época das tentativas de conquista. Muito, muito antigos. Lá foi sua primeira e última casa, desde que saiu de sua terra natal. Um local que ele passou a usar também como laboratório de pesquisas.

– E onde você entra na história? Já o conhecia nessa época?

– Pelos deuses, não! Depois de tantas peripécias, Zaraff recebeu uma reputação nada favorável, inclusive entre nós, dragões! Eu evitava as estradas principais, por medo de acabar me tornando alvo também. Os boatos sobre Zaraff e sua mão violenta assombraram gerações por décadas!

– Não entendo... Pelo que me conta, ele não me parece nem um pouco sanguinário.

Brinaff abriu um sorriso.

– Ah, mas esse é o mecanismo do medo. – Ele pensou por um instante. – Diga-me, Mirta Vento Amarelo, que animal você teme?

– Quase nenhum. – Ela colocou o indicador por sobre os lábios, pensando melhor. – Tenho medo de cobras. Não chega a ser uma fobia, mas prefiro evitá-las.

– Evita a ponto de não ler muito sobre elas, correto?

Mirta mordeu uma mecha dos cabelos e apoiou-se em uma árvore de tronco liso, segurando-se para não tropeçar na raiz.

– Você me pegou. Não sei muito sobre cobras, tam-pouco tenho interesse.

– Por isso tem medo – Brinaff adotara o velho ar de professor que sempre carregava. – Os químicos da capital não têm medo de cobras, têm? Eles as capturam com as mãos, extraem seu veneno e depois as soltam. Alguns soldados de campanha também o fazem. Por que isso se dá?

– Bem... era de se esperar, não? Eles sabem tudo sobre serpentes e ofídicos. É natural que não tenham medo. – Assim que Mirta fechou a boca, estampou no rosto a expressão de quem finalmente entendera.

– Exatamente – concluiu ele, depois de uma pausa. Medo e ignorância são

a mesma coisa. Dois lados da mesma moeda. Eu só aceitei Zaraff depois de conhecê-lo de perto. E foi uma história deveras engraçada.

“Eu viajava das Geleiras até as ilhas verdes. Havia recebido uma incumbência do rei Corff e tinha ainda muitos dias à minha frente, até concluí-la. Quando sobrevoava os Lagos, vi um tufo de fumaça subindo em meio às árvores e, naturalmente, me preocupei. Ainda que eu não soubesse como conter um incêndio, desci até lá sem pensar duas vezes.

“Já pousado no chão, comecei a caminhar e vi no solo marcas de pegadas muito nítidas. Um grande dragão havia passado por ali duas, três, dez ou vinte vezes. Isso era inaceitável, pois tratava-se de um lugar sagrado, não um recanto de viajantes! Seguindo o rastro, encontrei a entrada do antigo mausoléu e você verá como ele é belo, quando chegarmos. Enquanto admirava a arquitetura de mármore, ouvi uma explosão vinda do lado de dentro. Foi então que eu o conheci. Ele havia misturado componentes errados no balcão e precisou de alguma ajuda para não tostar o próprio couro.”

A trilha do bosque começou a ficar mais larga. Era um sinal de que estavam chegando. Brinaff divagou durante um tempo em silêncio, pensando no quanto as coisas teriam sido diferentes se ele não houvesse visto a fumaça. Que destino teria tido ele se Zaraff não tivesse cometido um erro tolo em sua própria bancada?

– E então?... – perguntou ela, impaciente.

– Perdão... perdi-me em pensamentos. – Ele respirou fundo e retomou o raciocínio. – Resumindo, tornamo-nos bons amigos, no fim. Eu passava alguns dias em sua companhia, ouvindo suas histórias, vendo-o conduzir suas pesquisas e até mesmo consultando seus livros, hábito que guardo comigo até hoje.

“Quando era época, eu voltava às Geleiras e sumia por uns tempos, realizando alguma tarefa, mas eu sempre voltava aos Lagos Espelhados para rever meu amigo. Em cada viagem eu o trazia de presente raízes raras, pássaros exóticos ou pós mágicos vindos do Erosa e vendidos na capital. E para me alegrar e surpreender, ele sempre me providenciava novos materiais para leitura, ou me preparava remédios e vitaminas para as próximas viagens. Zaraff foi decerto um grande amigo... e um verdadeiro gênio entre os dragões.

Mirta acenou com a cabeça, orgulhosa.

– Esses livros saqueados ainda existem? Ele se importaria se eu pedisse

algum emprestado?

Brinaff riu, sem muita convicção.

– Zaráff não se incomodará se resolver levar alguns consigo. – Ele olhou para Mirta, ainda meio pálida e abatida. Era bom que ela ocupasse logo a mente com alguma coisa. – Eu faço, inclusive, questão que os pegue.

– Isso é excelente! – Olhou rapidamente para o próprio ombro e baixou os olhos, com tristeza. – Cerúleo teria gostado tanto de conhecer os Lagos...

E seguiu-se novamente uma longa pausa, até o bosque começar a se abrir ainda mais. Nesse trecho, o espaço entre as árvores era largo o suficiente para que passassem com a carruagem. Brinaff tossiu, limpando a garganta, e prosseguiu o relato:

– As coisas por aqui nem sempre foram como no início. Numa tarde, Zaráff saiu para uma emboscada e não retornou. Passei a noite em claro, atolado em agonia, pois o atraso não era um de seus atributos. Durante toda a madrugada pensei em sair para procurá-lo, mas sentia-me tolo, tive medo de que ele me repreendesse.

“Quando o sol raiou, resolvi que não esperaria mais. Voei pelos quatro cantos da região, vasculhando minuciosamente à procura de qualquer sinal seu, até chegar às estradas, a oeste. Para minha frustração, ele também não estava lá. Mas algo me chamou à atenção: um grande comboio vinha estrada abaixo, em direção ao sul, onde eu estava. Era duas vezes maior que as caravanas dos magos, ou qualquer charrete de vendedores e latoeiros, e vinha puxada por oito cavalos.”

– A guarda da capital! – sugeriu Mirta.

– Exatamente o que pensei na hora. Eles deviam ter capturado meu amigo e vinham acabar também comigo. Possivelmente me arrancariam o couro e a carapaça e depois saqueariam de volta a coleção de Zaráff. Era o nosso fim, eu não tive qualquer dúvida. A não ser que eu fugisse.

– Que tragédia! Então capturaram seu amigo... O que fez, Brinaff? Fugiu?

– Por incrível que pareça, não. Eu os teria despistado com facilidade, é verdade. Sabe bem como os mensageiros são velozes. Mas, por alguma razão, subiu em minhas veias o mais profundo ódio. Afinal, haviam pego meu amigo e talvez o tivessem machucado. Então decidi ficar. Mais do que isso, me lancei em direção a eles, com toda minha força.

“Quando perceberam minha presença, eu já passava rasante pelos cavalos, derrubando e cortando com minhas garras, os dois da frente. Assim, eles

demorariam a se recompor e teriam de me enfrentar. Sem demora, dois homens pularam do assento externo e sacaram lanças enormes, atirando-as em minha direção. Pela qualidade dos equipamentos e armaduras, eu tive mais certeza ainda de que se tratavam de guardas tulmenses.”

– Você, como dragão, deve evitar o encurtamento de distância, ainda mais se for atacado por infantaria! Não devia ter se engajado de perto... Você foi ferido?

– Não. Desviei-me a tempo de seus ataques lerdos e resolvi acabar com aquilo de uma vez. Disparei o fogo mais potente que podia produzir bem no centro da carroça. Ela se despedaçou na minha frente, lançando lascas chamuscadas para todos os lados, derrubando os cavalos e incendiando os soldados que estavam em cima. – A voz de Brinaff passou a vir mais embargada de emoção. – Foi então que ouvi mais vozes humanas vindas de dentro do vagão em chamas. Quando eu descobri que eram civis, já estavam quase todos mortos.

Mirta não disse uma palavra. Permaneceu de boca aberta, com um semblante de total perplexidade.

– Não eram guardas da capital e sim um comboio de mercenários de Erosa, que destruía e pilhava vilarejos, levando cativos para vender aos mercadores de seu país.

– Brinaff... isso é horrível...

– Não existe página mais negra em minha história, minha pequena...

– Mas foi um acidente! Sabe disso, não é?... – Brinaff não respondeu. – E quanto a seu amigo Zaraff?

– Chegarei lá em um instante. Depois de perceber o que fiz, me retraí e lamentei a morte dos inocentes. Agrupei o máximo que pude de minha dignidade e recolhi os corpos, empilhando-os em um canto da estrada. Eram quase vinte. – Ele engoliu em seco. – Separei mulheres, homens e crianças lado-a-lado.

– Crianças? – perguntou Mirta, com visível horror.

Brinaff a encarou, pensativo, num misto de emoções difícil de decifrar, e prosseguiu, voltando o olhar para frente:

– Uma pessoa sobreviveu. Uma moça de cabelos dourados esvoaçantes. Ela estava muito machucada e tive pressa em levá-la ao laboratório, para tentar tratar seus ferimentos. Acabei deixando os corpos na estrada, para enterrar depois.

“Quando cheguei lá, Zaraff já me esperava e ambos nos espantamos. Primeiro eu expliquei de forma breve o que havia acontecido e ele me esclareceu a razão de seu sumiço. Enquanto ele emboscava nas estradas, a caravana que ele espreitava nunca passou. O rei havia começado a tomar medidas de segurança e mudara as épocas de expedição. Ela havia atravessado as estradas um dia e meio antes, e Zaraff, irritado por ter sido enganado, fora em seu encalço até o norte. Por isso havia demorado tanto.

“A moça se recuperou bem com o tempo, apesar de ter ficado apavorada com a companhia de dois dragões. Acabou nos aceitando bem, no fim das contas. Passamos a chamá-la de *Yosa*, que significa *sobrevivente*.”

– Então essa era Yosa, de quem tanto fala...

– Sim. Por mais que Zaraff e eu tenhamos tentado extrair informações sobre sua vida, ela quase nunca deu qualquer pista. Pediu para ficar conosco e Zaraff não negou. Depois de uma semana, ele havia se afeiçoado da moça.

“Tempos antes, ele havia percebido que precisava de um ajudante de mãos pequenas, que manuseasse bem os instrumentos minúsculos de um laboratório. Mas Yosa era um desastre em química e botânica. Eu mesmo tentei ensiná-

-la algumas coisas, mas ela simplesmente não tinha talento.

“Yosa chegou um dia a pedir desculpas, com os olhos marejados de vergonha, e nós dizíamos que não havia problema. Ela disse, inclusive, que não queria ser um fardo e iria embora, pois estava fazendo com que perdêssemos nosso tempo. Não era verdade, adorávamos sua presença. E ela queria ficar, do fundo do coração. Zaraff e eu queríamos que ficasse, do fundo dos nossos. Então – Brinaff olhou para os óculos de Mirta. – Ele deu a ela sua maior criação.”

Mirta parou de caminhar e olhou para o dragão.

– Não sei se compreendo...

– As lentes de seus óculos são criação de Zaraff. Ele trabalhava com vidro há um tempo e, vendo a oportunidade em Yosa, moldou-as no que hoje você carrega no rosto. As armações, entretanto, são comuns, feitas de osso animal.

– Está me dizendo que esses óculos foram de Yosa? Mas... o que tem eles? Não são óculos comuns?

– Não... não são nada comuns. Quando Yosa os colocou pela primeira vez, Zaraff viu o quanto eram poderosos. A moça nunca mais foi a mesma. Passou a entender os assuntos com facilidade absurda, superando em muito

as expectativas de qualquer um de nós. Ela teria feito um reitor do colégio clerical sentir-se um aluno de alfabetização básica. Tornou-se a pessoa de intelecto mais afiado que já havia visto, muito mais, inclusive, que o próprio Zaraff.

– Mas... mas...

– E isso não foi tudo. Meu amigo ainda notou que, quando ela os removia, era como se voltasse ao que era antes. Ambos achamos melhor pensar algo que a ajudasse a reter informação e então ele criou também um anel com propriedades mágicas. Juntos, eles permitiam que Yosa não perdesse nada do que aprendeu, ainda que se afastasse dos óculos.

– Então... se eu os remover agora, esquecerei tudo?

– Por alguns minutos, não. Mas quando está dormindo, volta a ser uma criança de doze anos, como qualquer outra.

– Se eu acordo em estado normal, o que me faz colocar de volta os óculos todos os dias?

– Eles não são vivos, pequena, mas é quase como se fossem. Sem que pudesse perceber, seu cérebro desenvolveu uma espécie de dependência para com eles. Assim que desperta, toda manhã, eles a compelem a colocá-los e, uma vez que estejam de volta em seu rosto, você não se lembra de mais nada.

– Ele viu que Mirta começava a ficar muito perturbada com as informações. – Se não acredita, responda-

-me uma coisa. O que fez na última vez em que acordou? Do que se lembra? Que ideias vagaram por sua mente?

– O que eu... – ela cerrava os punhos. – Não me lembro de nada!

– Sinto que tenha de saber isso, Mirta. Mas todo seu conhecimento, sua inteligência sobre-humana e seus talentos vêm do trabalho de Zaraff.

Mirta parou de andar, procurando apoio para as mãos. Suas pernas tremiam.

– Mas isso não é possível, eu sempre fui assim! Minha avó dizia que eu era mais esperta que minha irmã, que havia algo de diferente em mim...

– Talvez fosse mesmo, oras. Existem pessoas real-mente inteligentes. Por que não? Mas você deve ter conseguido os óculos bem cedo, quando ainda era criança pequena, certo? Lembro de sua avó dizer que, a partir de certa idade, você se tornou um prodígio. Tente se lembrar e verá que tudo se encaixa.

Passaram pelas últimas árvores do bosque. Era uma região parecida com a

do outro lado, onde estava a carruagem. Colinas repletas de faias e eucaliptos, lançando um agradável perfume no ar. Um pequeno caminho de pedra conduzia até uma construção esbranquiçada, que estava enfiada em meio às árvores e trepadeiras. Mirta quase não percebeu a mudança de cenário, continuava olhando para o chão, mexendo as mãos sem parar.

– Eu...

– Ah, não pense nisso agora, pequena. Tente esvaziar a mente um pouco. Acabamos de chegar no laboratório e, antes de mais nada, quero que o conheça.

O laboratório de Zaraff era um prédio muito maior do que Mirta esperava ver. O mausoléu devia ter sido erguido em homenagem a algum antigo rei ou príncipe dos homens, nas poucas tentativas de se estabelecer civilização nos Lagos Espelhados.

Quase toda a fachada era coberta por trepadeiras. Linhas, folhas e cipós trançadas em uma infinita teia, que cobria grande parte da construção original. Era possível ver, no entanto, que na entrada havia um lance largo de escadas de pedra, onde passariam três cavalos lado a lado. Em cada um dos lados da escada pareciam erguer-se muros maciços, com seis grandes degraus cada um. Em cada degrau, um felino selvagem, talhado em bronze, repousava deitado sobre as patas.

Não havia mais a porta original, estreita e destinada a humanos. Zaraff a havia derrubado e lascado uma abertura redonda muito maior. Olhando para cima, Mirta viu que o segundo andar era um retângulo floreado por colunas de mármore e estátuas humanas, espreitando eternamente por detrás delas. Acima desse, um telhado triangular de pedra, algo que lembrava uma pirâmide, fechava-se, coroada no topo por uma escultura de cavalo.

– Impressionante – disse ela, ofegante, esquecendo-se por um momento do assunto que discutia com o dragão. – Nunca imaginei ver algo assim nessa região.

– Sim, de fato, é uma peça estonteante. Acredito ter sido obra das mãos dos...

– Zeanos – completou ela. – Eles usavam esses padrões de colunas. Doze, seis, seis e doze. Uma figura da realeza em cada intervalo e o cavalo em cima, representando a velocidade de expansão do império. Eles fizeram isso por toda parte, mas me surpreendo a cada vez como se fosse a primeira. Eles

têm sua assinatura, mas nunca repetem o mesmo prédio.

– Sempre perspicaz, Mirta Vento Amarelo.

– Pergunto-me se a queda deles aqui influenciou em algo no mundo exterior.

– Acredito que nunca saberemos...

– É uma pena... Podemos entrar?

Brinaff foi até a porta redonda e derrubou a chapa de madeira que servia como porta. Uma coluna de pó se levantou e os pássaros saíram voando das árvores, assustados.

– Seja bem-vinda ao laboratório de Zaraff!

Mirta olhou para a chapa de madeira no chão. Estava colocada pelo lado de fora.

– Seu amigo não está mais aqui, não é?

– Me pegou mais uma vez. Infelizmente, ele não está... Ainda pretendo chegar nessa parte.

– Então não há porquê protelar mais um minuto sequer. Conte-me logo sobre os óculos e Yosa.

Brinaff começou a andar pelo corredor empoeirado. Estava escuro, mas não totalmente. Na sala que se abria à sua frente, entravam muitos facho de luz solar.

– Pois que seja. Cuidado com o chão, pois Zaraff frequentemente quebrava frascos de vidro. Nenhum de nós gostava muito de limpar, então... Bem, Mirta, falarei mais sobre os óculos, mas deixe-me concluir a história.

“Certa noite, Yosa e eu ficamos estudando até tarde, enquanto Zaraff saía para mais uma de suas emboscadas. Já fazia um ano que ela estava conosco e o local mudou muito com sua presença. Ela chegou a construir sistemas de irrigação e plantou quadras e mais quadras de trigo e hortaliças. – Ele apontou para um retângulo de barro do tamanho de uma cama, encostado na parede. Devia estar coberto por dois dedos de poeira fina. – Está vendo isso aqui? Foi o fogão que ela própria ergueu. Contra a vontade de Zaraff, claro, pois o fogo e a química muitas vezes divergem em opiniões. Mas ela era uma moça de temperamento forte e pouco se importou com os receios de seu amigo dragão.”

– Aconteceu algum acidente na cozinha?

– Não, não. Por sorte, ela nunca chegou a nos queimar vivos. – Ele riu e depois fechou novamente o cenho. – Como eu dizia, nessa noite Yosa e eu

nos preocupamos, pois Zaraff mais uma vez estava atrasado. E não era possível que tivesse sido logrado novamente quanto aos horários das rotas. Desde aquele incidente, Zaraff ficara mais cauteloso e dava batidas enormes ao redor das estradas. Esse comboio estava a caminho, pois fora avistado com quilômetros de antecedência. Havia acontecido algo e, mais uma vez, resolvi não esperar.

“Voei até as estradas e, ao chegar lá, não vi absoluta-mente nada. Estava escuro, mas isso não é problema para meus olhos, e meus ouvidos não são nada maus, você sabe.. Não havia qualquer sinal de que Zaraff tivesse passado pela região. Então ouvi, vindo ao longe, dois cavalos com cavaleiros. Podiam ser soldados ou trabalhadores das fazendas, não importava. Talvez tivessem algo a dizer. Os boatos passam como correntezas por aqui e, se algo havia acontecido a meu amigo, poderiam talvez me dizer algo a respeito.

“Escondi-me sob uns arbustos e esperei até que fizessem a curva. Eu os atacaria e os faria falar, mas não foi necessário. Quando estavam ainda distantes, era possível ouvir sua conversa:

“– ... e dizem que o rei é um garoto...

– Sim. Quem vai desrespeitá-lo agora? Tomara que comecem a fazer isso por todo lado. Quero essas bestas bem longe de minhas terras.

– Todos queremos. Fazia tempo que não podíamos passar por aqui sem medo de sujar as calças. Veja agora! Aquele lagarto vermelho vai pensar duas vezes antes de assombrar uma região novamente.

– Minha esposa quase caiu em prantos para que eu a trouxesse. Eu disse a ela que só na semana que vem. – Ambos começaram a rir.

– Ela não ia gostar das meninas da pousada...

– Nem um pouco. Sabe como as mulheres são ciumen-tas quando querem...”

“E aos poucos foram se distanciando, até que não pude mais ouvir a conversa. Não fazia diferença. Se os homens falavam a verdade, o rei havia capturado meu amigo e o levado até a capital. Seria o fim de Zaraff.

“Voltei para o laboratório o mais depressa que pude e alertei Yosa sobre o ocorrido. Eu estava determinado a resgatar meu amigo e trazê-lo de volta. Ela entrou em pânico e não quis me deixar ir sozinho. Disse que podia ajudar, mas fui absolutamente contra. Como era possível que eu permitisse? Era apenas uma moça e entrar na capital para cometer um crime seria absoluta certeza de morte!

“Mas ela era Yosa. Sabia usar as palavras como ninguém e me convenceu. Eu a fiz prometer que ficaria o tempo todo escondida e só partiria comigo de Tulma quando eu tivesse Zaraff comigo. Como sempre, eu me enganei.”

– Por que? Zaraff não estava em poder do rei? – perguntou Mirta, atenta.

– Absolutamente que sim. Chegamos no fim da madrugada e Tulma estava fortemente guardada. Me enganei quanto a Yosa, pois ela não me obedeceria. Estávamos exaustos pela viagem, mas não havia tempo a perder. Sobrevoei a capital da forma mais sorrateira que pude, até que avistei Zaraff acorrentado na laje da academia militar. Estava cercado por soldados. Seria impossível resgatá-lo.

“Quando Zaraff me viu, ainda que estivesse com o rosto contorcido de dor, colocou em prática sua engenhosidade. Ele vinha, há algum tempo, fabricando cápsulas contendo uma estranha mistura química e trouxe algumas escondidas na própria boca. Quando as mordia, começava a exalar fumaça branca e vapor, e era especialmente útil contra suas vítimas nas estradas. Entende o que ele fez?”

– Absolutamente genial – observou Mirta, com legítima admiração. – Ninguém espera que um familiar cuspa fogo, pois não sabem fazer isso.

– Precisamente – Brinaff abriu um sorriso largo, quase sádico. – Quando me viu, resolveu morder todas as cápsulas que tinha presas em seus dentes e, em questão de segundos, Zaraff tornou-se um vulcão à beira de entrar em colapso. *Todos* os guardas se afastaram da laje e começaram a procurar abrigo atrás de barris, e também jogando-se pelas escadas. Gritavam que era impossível, que tinham certeza de haver capturado um familiar.

– Tolos. Mais improvável ainda é um dragão que domina a química de laboratório.

– Nunca imaginariam. Então, minha cara, tive de ser veloz. Desci, num voo rasante até ele e pousei a seu lado. Eu tinha poucos segundos para derreter as correntes e tirá-lo de lá. Atirei fogo nos elos, até que comessem a se incandescer, e então Zaraff pôde parti-los com sua força monumental. Depois disso, levantamos voo imediatamente.

“Tudo aconteceu muito depressa. Instantes depois de bater as asas, Zaraff percebeu que elas estavam quebradas e não pôde se manter no ar. Caiu no pátio central, de frente à fortaleza do rei. – Brinaff baixou o tom de voz. – As flechas vieram de todos os lados e o perfuraram em todas as partes do corpo.

Ele ainda tentou se debater e oferecer luta de volta, mas estava muito machucado. Meu amigo sucumbiu diante de meus olhos.

“Yosa, escondida em alguma árvore, não pôde assistir à execução de seu mentor e saiu pelas ruas, gritando e pedindo clemência. Como já era manhã, muitas pessoas tentaram interceder. Não que estivessem com pena do dragão, claro que não. O poder de um líder sobre as massas é assustador e, a essa altura, todos, sem exceção, já consideravam Zaraff uma ameaça à vida alheia. Intercediam por medo que machucassem a garota.”

Mirta já nem percebia que estava sentada em um banquinho, no centro da sala de Zaraff. Ela se mostrava totalmente alheia ao ambiente à sua volta. Quem a conhece sabe... Mirta já sabia o que viria a seguir, na história, e começava a juntar um ponto ao outro. Brinaff, circulando a mesa central, também absorto na narrativa, continuou:

– Yosa foi muito imprudente. Eu devia tê-la parado, mas fui covarde e me afastei das rajadas de flechas. Pobrezinha, tirava um frasco de acendina do bolso, com intuito de fazer uma coluna de vapor e proteger o amigo de mais ataques, mas não viu quando a flecha a atingiu. Duvido que tenha sentido, também.

Mirta girava um tubo de ensaio nas mãos quando perguntou, com o rosto abaixado:

– Ela morreu, certo?

Brinaff deu as costas e começou a olhar para a estante de livros:

– A flecha atravessou seu olho. Resvalou pelos óculos, derrubando-os, e trespassou o lado de seu rosto. Ela já estava morta quando caiu no chão.

– No olho... – Mirta ajeitou nervosamente os próprios óculos, pensativa. – Então foi isso... Aconteceu há sete anos, não é?

– Precisamente, minha cara... – Ele respirou fundo e retomou: – Lembrou-se de ter encontrado os óculos, creio eu.

– Eu... lembro que tinha cerca de quatro ou cinco anos de idade. A data confere. Estava na capital com minha avó, fazendo entregas, e ouvi o alvoroço. Quando cheguei à praça, já haviam recolhido o dragão, pois não me lembro de tê-lo visto. Tampouco vi a moça, Yosa. Minha avó se afastou para perguntar sobre o ocorrido e eu vi algo brilhando no chão, que me chamou a atenção.

– Caso resolvido – riu Brinaff, sem graça. – Os óculos devem ter caído de seu rosto quando foi atingida.... Pobre Yosa. Prometi a mim mesmo que

nunca colocaria mais alguém em perigo por minha causa e isso vale para você, Mirta.

– Não me colocou em perigo, Brinaff. Estou perfeita-mente bem. – O rosto dela se iluminou. – Então era você...

– Perdão?...

– Nunca me esqueci da imagem do dragão voando. Quando peguei os óculos no chão, vi uma silhueta de dragão no horizonte. Durante todos esses anos pensei tratar-se de minha imaginação, mas era você.

Brinaff fechou o rosto numa máscara de consternação:

– Sou muito bom em fugir. Esse será sempre eu.

– Salvou minha vida, Brinaff. Não diga tolices.

– Mirta, há ainda algo que preciso lhe contar. Depois desse relato, sinto-me absolutamente na obrigação de fazê-

-lo. Eu gostaria de poder desfrutar um pouco mais de tempo em sua companhia e gostaria também de compartilhar algumas histórias divertidas do tempo que passei aqui, mas creio que isso não será possível.

Mirta levantou-se do banquinho de madeira e bateu a poeira acumulada na barra do vestido.

– Não entendo...

– Na noite em que sua avó foi atacada... Poucas horas antes da tragédia, eu subi até seu quarto. Vinha alimentando suspeitas quanto a seus óculos desde que a conheci. Não consegui resistir às minhas inclinações e tomei-lhe os óculos. Guardei-os comigo, para que pudesse analisá-los posteriormente.

Mirta deixou cair o tubo de ensaio. Ele espatifou-se a seus pés. Os olhos dela estavam cravados nos de Brinaff.

– O que você disse? Espere... Está me dizendo que subiu até meu quarto e deliberadamente tomou meus óculos? Sabendo que com isso eu ficaria totalmente indefesa?

– Eu não tinha certeza, Mirta, e não havia como prever a emboscada violenta daqueles homens.

– Brinaff... – a voz de Mirta subiu um tom. – Eu poderia ter feito alguma coisa! Minha avó pode ter morrido por sua inconsequência!

– Eu sinto que... esteja certa. As coisas teriam se dado de forma diferente se eu não tivesse feito o que fiz.

– Eu não posso acreditar... – Ela levantou-se e começou a andar pelas prateleiras, batendo nos livros empoeirados e derrubando-os no chão. Em

seguida, foi até a mesa de experimentos e começou a quebrar os frascos, tubos e pipetas, espatifando-os pela mesa e paredes. Mirta caiu de joelhos no chão e todas as lágrimas acumuladas começaram a verter-se compulsivamente, como fontes de água doce. Brinaff não disse nada, só observou. – Você matou minha avó, Brinaff! Minha única família!

– Mirta, eu...

Então ela estacou, de costas para ele, como se o último elo do relato acabasse de ser fundido em sua mente:

– Espere aí... Qual o nome verdadeiro de Yosa? – perguntou ela numa frase mais parecida com uma estocada de adaga.

– Como?...

– Responda-me, Brinaff!

– Ela... – gaguejou ele. Não esperava que ela juntasse tão bem os pontos. – Ela nunca entrou em detalhes, ela...

– Brinaff – rosnou Mirta. – Eu preciso saber... É a única coisa que te peço.

– Está bem. Seu nome era Selema... – ele esperou um instante, antes de continuar. Talvez achando que Mirta explodiria, mas ela não disse nada. – Ela tinha uma filha pequena... que foi morta no comboio atacado por mim. Devia ser uns dois ou três anos mais velha que você.

O queixo de Mirta quase foi ao chão. Estava perplexa.

– Como eu expliquei – apressou-se Brinaff em esclarecer –, não sabia que haviam civis. Nem a própria Yosa sabia de meu envolvimento. Quando a resgatei, disse a ela que a encontrei desacordada na estrada... Que haviam sofrido um terrível acidente e que ela seria a única sobrevivente. Ela chorou a morte da filha por meses e prestei luto junto a ela, mas não podia contar-lhe a verdade, sabe disso, Mirta!

Mirta, de olhos arregalados, começou a dar passos para trás, afastando-se de Brinaff.

– Mirta, eu... sinto muito. Não há perdão para o que fiz.

– Você... matou todas elas... você destruiu minha família.

– Mirta...

– E você sabia de tudo. Ouviu minha conversa com vovó... Conversamos sobre a morte de Mila e o assassino estava o tempo todo a meu lado... Tudo faz sentido agora. Vocês ficaram um ano com ela. Quando encontrei os óculos fazia um ano que elas haviam desaparecido... Ela não voltaria para casa sem minha irmã... por isso ficou com vocês. Como pôde, Brinaff? –

Mirta se arqueou sobre os joelhos e começou a fazer vômitos. O dragão correu em seu auxílio.

– Afaste-se de mim, seu monstro nojento! – Ela esticou o dedo em direção ao rosto dele: – nunca mais quero vê-lo, Brinaff... Vou sepultar minha avó e, se houver algum resquício de respeito nessa carcaça imunda, nunca mais chegue perto de mim. E nunca, em hipótese alguma, se aproxime do túmulo de minha avó, está me ouvindo?

Brinaff não respondeu. De cabeça baixa, apenas ouviu os passos vacilantes de Mirta batendo forte no corredor. Ele não queria que as coisas tivessem terminado assim.

Ficou em silêncio por um bom tempo, muito depois de Mirta já ter saído. Tentou se convencer de que fora melhor dessa forma. Nunca mais colocaria alguém em perigo e nunca mais tentaria uma amizade, pois seu nome estava zelosamente associado ao acidente, ou tragédia. Sim... Brinaff era mau-agouro. Alguém a ser evitado.

Circulou algumas vezes ao redor da mesa, ouvindo a própria respiração, e quase tropeçou nos livros antigos de Zaraff. Muitos deles estavam espalhados pelo chão, misturados à poeira espessa que se acumulara com os anos. Relíquias valiosíssimas, envoltas em histórias em seu interior e exterior. Ele tentou imaginar o que o amigo diria, se o visse nesse momento. Zombaria de sua falta de asseio, como sempre fazia? Ou cortaria os suplementos vitamínicos, até que todos os volumes estivessem de volta no lugar?

Brinaff formulava a si próprio muitas perguntas, mas só uma delas repetia-se com insistência:

E quem disse que Zaraff ainda me consideraria um amigo?

Os ferimentos em suas costas começaram a latejar, mas ele tentou não pensar neles. Isso não era nada. Merecia a dor. Toda que conseguisse. Teria de se acostumar à nova vida, solitária e agora terrestre.

Solitária como deveria ter sido desde o começo.

E, assim, Mirta Vento Amarelo e Brinaff se separavam, para nunca mais se encontrarem novamente.

19 – OS PERTENCES DO MORTO

Nil apertava a capa de peles em volta do pescoço, com força. O vento frio começava a causar assaduras em sua pele e sua nuca coçava irritantemente. Seria um martírio manter os cabelos cortados tão curtos enquanto estivesse a serviço da Ordem.

No escuro, era difícil ver nitidamente algo que estivesse a mais de trinta metros, mas os ouvidos funcionavam bem nas montanhas. As três unidades ainda dormiam e só sairiam uma hora depois do grupo de busca, e esse partiria para as trilhas em alguns minutos. A essa altura, Nil já havia se acostumado a ver o batalhão despertar de uma hora para outra e, em vinte minutos, ter todo o acampamento levantado e pronto para partir.

O comandante ainda não havia saído da barraca. Talvez Nil tivesse acordado cedo demais, como sempre. Retirou do bolso o canivete e um pedaço de madeira. Entalhar ajudava a passar o tempo.

– Fazendo vigília voluntária? – veio uma voz grave bem atrás de seu ouvido. Nil virou-se de um salto e viu a figura caquética de Labal diante dele.

– Labal, quase me mata de susto, seu infeliz! Eu poderia ter esfaqueado essa sua barriga gigantesca!

– Ora, Joelho – riu ele, coçando a barba e fazendo voar uma nuvem de caspas no chão. – Precisa ter mais sangue na veia se quer sobreviver a essa missão. Não é possível que não tenha me ouvido!

– Não, não ouvi, e você fez de propósito.

– Ah, deixe de charme, rapaz. O que faz acordado a essa hora? O comandante ainda não deu as caras.

– Eu é que pergunto! Devia estar com seus homens, hibernando. Não é isso o que faz de melhor?

Labal deu dois tapas na própria barriga.

– Joelho, meu caro... se soubesse como sou indispensável a essa unidade... Forg entraria com pedido de resignação, caso me acontecesse algo.

– Ah, sim, claro. Mais fácil ele montar um festival e feriado na capital, em comemoração. – Nil riu e olhou para o amigo. Labal, como sempre, havia dormido de armadura. Usava, por cima, somente um lençol fino para cobrir-

se do frio. Como ele conseguia? – É bom vê-lo, gorducho.

– Eu sei disso. Vão para as trilhas hoje, não é?

– Sim. – Nil parou por um instante e olhou para as barracas do grupo de busca, certificando-se de quem saía. – Ei, Labal... Estou curioso com uma coisa.

– Pode falar – disse, entendendo e já baixando a voz para um sussurro.

– Quão bem conhece os homens de Hillel?

Dessa vez, foi Labal quem olhou para os lados e baixou ainda mais a voz.

– Como assim? Aconteceu alguma coisa?

– Na verdade, não aconteceu nada. Pelo menos, não que eu saiba. – Nil inclinou-se para frente. – Sabe o soldado envenenado, o que morreu? Kormel o nome, se não me engano.

– O que tem ele?

– Eu vi dois dos homens de Hillel, o mestiço Valdor e também o de cabelos raspados, Iva, remexendo seus pertences ontem à tarde. Fizeram isso duas vezes, como se procurassem por algo.

– Joelho, vá com calma. Valdor e Iva são dois dos mem-bros mais antigos do grupo de busca. Talvez procurassem algo sob ordens do comandante, não?

– Tenho quase certeza que não. Sabe quando duas pessoas fazem algo escondido? Quando confidenciam algum assunto?

– Como estamos fazendo?

– Fale baixo, maldição! Exatamente. Eu estava sentado em uma pedra, camuflado no meio de uma rama seca, e não me viram. Mas era nítida a pressa e preocupação dos dois. Estavam procurando por algo que só os dois sabiam, tenho certeza!

Labal pensou por um instante, coçando a barba.

– Joelho, isso é uma acusação séria. Se for verdade, e estão realmente violando os pertences do morto, o comandante irá à loucura, sabe disso!

– Claro que sei, mas não tem curiosidade de saber o que estão armando?

– Nem sabemos se estão armando alguma coisa!

– Fale baixo, seu gordo maldito! – rosnou Nil, entredentes. – Veja, Labal, só lhe peço uma coisa: fique de olho e tire suas próprias conclusões. Eles sairão a qualquer momento e partiremos para as trilhas. Iremos Hillel e eu, na frente, e em seguida o resto. Você terá oportunidade de ver com seus próprios olhos. Tem algo acontecendo, meu instinto não falha.

– Eu acho que seus miolos já estão falhando – resmungou. – Mas ficarei

de olho, se isso o deixa mais confortável.

– E Labal... pelos quatro! Nunca tivemos essa conversa.

Nil respirava com dificuldade quando seus pés escorregaram e ele teve de agarrar uma pedra, para não rolar morro abaixo. O comandante Hillel nem se deu o trabalho de olhar para trás e continuou subindo. Lá embaixo era possível ver os outros cinco mantendo a distância, passando com facilidade pelos locais que Nil considerara impossíveis de atravessar. Não foi nenhuma surpresa ver Valdor e Iva caminhando lado a lado. De vez em quando cochichavam alguma coisa e continuavam a subida.

Hillel agarrou uma plataforma de pedra e subiu, sempre olhando para o chão. Nil espantou-se com a força em seus braços. O peito estufado, projetado para frente, quase não se movia, como se ele fosse imune ao cansaço.

– Essa será difícil para você, soldado Nil? – perguntou ele, de cima da plataforma.

– Não, senhor. Está tudo sob controle.

– Vamos, dê-me a sua mão – ele abaixou-se e esticou o braço, para auxiliar o aprendiz. – Faço isso há tempo demais para não notar quando meus pupilos estão exaustos.

– Obrigado, senhor – aceitou Nil, deixando-se içar para cima da pedra.

A plataforma ligava a colina a um planalto coberto de neve. De um lado, os imensos muros naturais de pedra sugeriam que aquele seria um local constantemente bombardeado por avalanches. Certamente não cogitariam a hipótese de acampar ali.

Hillel abaixou-se e passou os dedos pela superfície rochosa, procurando por marcas. Estava interessado em encontrar um bando de carcajus-albinos e, pelo que Nil ouvira falar, predadores pouco menores que ursos não eram meros animais de estimação.

– Eles passaram por aqui – observou Hillel, farejando um ramo de folhas e entregando-o a Nil. – Sinta isso.

Nil encostou uma das folhas no nariz e sentiu um cheiro desagradável de salmoura com amônia.

– É a urina deles? – perguntou, afastando o objeto e fazendo uma careta.

– Precisamente. Devemos procurar por aberturas por todo o entorno do paredão. É o único local onde poderiam se abrigar.

– Mas... – Nil olhou para a barreira de pedra e viu indícios de vários deslizamentos na encosta – não é cheio de avalanches por aqui?

Hillel olhou para o paredão e em seguida para Nil, sorrindo:

– Eles não ligam para avalanches. – Ele levantou-se, espanando a neve das calças. – Sente-se confiante?

– Claro que sim, senhor! – Não era verdade. – Posso... e perdoe-me por isso, perguntar sobre a missão?

– Absolutamente. Quanto mais souber, melhor será seu desempenho. Qual sua dúvida?

– Bem... todas, eu acho. Ninguém diz muita coisa a respeito. Sinto como se todos já soubessem tudo desde sempre e, depois que cheguei, não se preocuparam em explicar todos os detalhes novamente.

– Eu entendo... Terei uma conversa com os capitães sobre isso. Deveriam dar um pouco mais de voz aos recrutas da Ordem.

– Obrigado por compreender, senhor. Não é necessário que me explique todos os detalhes, pois acredito que não conseguiria memorizá-los, de qualquer forma. Eu gostaria de saber exatamente o porquê.

– O porquê... – Hillel fez um gesto com as mãos, para que Nil desenvolvesse o raciocínio.

– Por que o rei dos dragões? – completou, finalmente. – O que tem lá? Não é extremamente perigoso?

– É isso que pensa? Que viemos atacar a Corff por alguma razão?

– Sim – admitiu, sem jeito. – Não é disso que se trata?

Hillel soltou o ar dos pulmões e jogou a cabeça para trás. Já era possível ouvir as vozes do restante do grupo.

– Sim e não – disse o comandante. – Nós acabaremos por ferir o rei dos dragões, mas ele não é o alvo. Durante todo o ano, Corff recebe seus conselheiros escamosos, os dragões conhecidos como *mensageiros*. Tudo o que queremos é atrair o maior número possível deles, e então capturá-los.

A ideia não deixou Nil mais animado.

– E que motivo teria a Ordem para capturar esses dragões?

Hillel parou e pensou por um momento, resolvendo se havia algum problema em explicar um pouco mais. Decidiu que não e prosseguiu:

– Há cerca de duas semanas, tínhamos por objetivo emboscar e capturar somente um exemplar dos mensageiros. E as razões disso vêm do próprio rei Silkai, de modo que nem mesmo eu poderia dar-lhe uma explicação

satisfatória.

Quando ouviu esse nome, Nil sentiu o estômago se retorcer em náuseas. Hillel pareceu não perceber o incômodo e continuou falando:

– Chegamos a efetuar a captura, mas o maldito acabou fugindo e isso era um problema. Imagine se chega aos ouvidos de Corff que um grupo de homens está raptando seus conselheiros sagrados. Por isso, mandei quatro de meus rastreadores em seu encalço. Apesar de esse dragão estar bastante ferido, ainda era muito rápido e não sabemos se os homens obtiveram sucesso na busca. Por precaução, a Ordem foi mandada para cá. Viemos prevenir e conter danos.

Nil precisou de um tempo para processar a informação. Hillel falava sem muita convicção, como se ele próprio não soubesse muito bem defender o assunto.

– E como pretendem fazer isso? Quer dizer... Primeiro teriam de machucar a Corff, para que isso chamasse a atenção de seus conselheiros, correto? Como se machuca um dragão daquela magnitude? Pelo que sei, não é possível escalar o anel azul com todos esses homens.

– Verdade, é extremamente difícil realizar tal façanha. Mas posso assegurá-lo de que não sairemos do chão, caro Nil.

– Vocês... digo, *nós* atacaremos o dragão daqui de baixo? Como? Tem algo a ver com o veneno de serpenplanta que andou distribuindo para os homens?

– Mais uma vez, sim e não. O veneno nas flechas é para facilitar a sobrevivência nas Geleiras. Não existem somente carcajus a oferecer perigo por aqui. O fato, soldado, é que os animais carregam comida para o rei. Os predadores, como lobos e carcajus, depositam a caça numa plataforma como essa e os abutres encarregam-se de atirá-las a Corff através do anel azul. *Essa* é a comida que sabotaremos.

– E suponho que procurar trilhas de carcajus não seja parte do treinamento... É a partir daí que conseguirá a carne.

– Estou começando a gostar de você, Nil.

Nil sentiu o rosto ficando quente. Tentou não sorrir, orgulhoso.

– Carcajus – continuou Hillel – têm mais chances de nos conseguir um grande pedaço de carne. Os cervos são rápidos demais para os lobos e queremos a maior quantidade possível, pois Corff não é nem um pouco pequeno. Temos de medir com muita cautela a quantidade de veneno, pois a

morte de Corff traria consequências ambientais catastróficas. Pensando nisso, trouxemos, com os homens de Zano, uma quantidade razoável dos melhores químicos da capital. Lembre-se, Nil: queremos atordoar o rei, mas não matá-lo.

Outra informação que, se tivesse o intuito de encorajar o soldado, havia falhado miseravelmente.

– Mas... mas isso não faria com que o rei se voltasse contra a capital, numa represália devastadora?

Hillel passou a mão pelos cabelos grisalhos. Os olhos estavam sérios.

– Não se conseguirmos fazer tudo de acordo com o planejado. Se Corff voar para o alto, sair da caverna e nos ver, e isso pode acontecer quando sentir o efeito da toxina no organismo, temos de orar aos deuses para que nos protejam. Na melhor das hipóteses, ele estará doente demais para raciocinar direito.

Nil engoliu em seco.

– Agora compreendo, senhor. – Nil não queria, mas notou que suas pernas começavam a ficar moles. – O veneno tem de ser o suficiente para que ele fique atordoado. Não pode ser muito, pois isso o mataria, e nem pouco, pois ele ainda teria forças para voar e nos atacar. Fico feliz que tenha me deixado a par dos planos. Foi uma ideia sua?

– Em sua maior parte, sim. Tive bons conselhos de Iva e também Valdor, dois dos mais antigos do grupo. Pode confiar que teremos sucesso, soldado.

Iva e Valdor. Um sino de alarme tocou na cabeça de Nil, mas ele preferiu não dizer nada. Ainda era muito cedo para se tirar conclusões. Além do mais, colocaria a recém conquistada confiança do comandante em risco.

– Me permitiria uma última pergunta, senhor?

– Fique à vontade.

– Por que o rei precisou capturar um dos mensageiros?

Hillel demorou um pouco a responder.

– Foram ordens diretas dele e não fizemos perguntas. Essas coisas são altamente confidenciais.

Estranho... muito estranho. A Ordem seria o braço direito de Silkai. O grupo que faz os trabalhos que a guarda não faz. Nil achou que era uma boa deixa para encerrar a conversa.

– Obrigado por tudo, senhor.

Nesse momento, os outros homens terminavam de subir a plataforma.

Valdor e Iva mantinham-se lado a lado, e Nil pôde jurar que um deles falava a seu respeito, pela forma como olhavam. A voz de Dana veio alta e alegre, preenchendo o espaço:

– Lumuir, sua tartaruga! – Ele bateu nos ombros de Nil, como se o convidasse a também zombar do colega. – Quem diria que seria o último, hein?

Nil riu, aliviado por ver Valdor e Iva separando-se e parando de encará-lo.

– Ouvi dizer que o chamam de Joelho, é isso? – Dana virava-se para Nil, pegando-o de surpresa.

– Bem, é um apelido que...

– Sabe o que me lembra? – continuou o gordo. – Dos bordéis da Rua Norte, no porto. Já foi a algum deles?

– Eu... – Nil sentiu vontade de enfiar a cabeça na neve. – Acho que...

– Não precisa dizer mais. Já tive sua idade e sei como é constrangedor. Quando for pela primeira vez, peça uma *joelhada*. Não diga mais uma palavra. Apenas aproxime-se do balcão, apanhe uma caneca de cevada e diga em voz alta para o atendente: “uma *joelhada*, por obséquio”.

Todos começaram a gargalhar, passando por Nil e dando-lhe tapas amigáveis, coisa que não gostou.

– Deixem o garoto em paz – pediu Hillel, com um gesto típico de quem está prestes a dar diretrizes. – Preciso que vasculhem a borda do paredão. Não podemos acampar aqui, então, se não encontrarem, passarão a noite em claro até fazê-lo, está bem? Mãos à obra! Valdor, setor oeste! Dana e Lumuir, rastros! Iva e Sóz, setor leste!... Nil e eu ampliaremos a batida e daremos cobertura. Andem, encontrem!

– Por que Valdor recebeu um setor sozinho? – reclamou Dana.

– Porque ele consegue. Agora vão!

– Sim, senhor! – disseram todos, em coro.

Nil estava concentrado, apoiava-se sobre os joelhos e conferia, aplicando os ensinamentos de Hillel, se algumas pedras do chão haviam sido movidas do lugar. O comandante, a alguns metros de distância, fazia o mesmo, mas de forma muito mais rápida e ainda de pé. Só se ouvia o chiado do vento cortando os morros de pedra que cercavam o lugar, e a neve começava a se derramar do céu, embaçando ainda mais os limites do horizonte. O grito pegou a todos de surpresa:

– Comandante Hillel! – era a voz de Valdor e vinha de forma grasnada e abafada.

Nil mal levantava a cabeça e já via Hillel girar sobre os calcanhares em velocidade, correndo em direção a uma abertura no paredão. Ele enfiou dois dedos na boca e deu um assobio, um sinal para que os outros membros do grupo parassem o que estivessem fazendo e o alcançassem.

Dana e o gigante Lumuir brotaram instantaneamente do meio de uns arbustos cinzentos. Iva saiu de outra abertura, na outra extremidade, já com a espada na mão. Em seguida veio Sóz, olhando atentamente ao redor, com a espada ainda embainhada e a mão firme segurando o cabo. Em segundos, juntavam-se ao redor de Hillel, em formação defensiva.

Valdor saiu da caverna aos tropeços, arrastando-se e deixando na neve uma carreira vermelha de sangue. Estava com a panturrilha ferida e seu peito arfava, projetando-se para frente e para trás duas vezes mais rápido do que deveria.

– Eles vieram do andar de cima, comandante. – falou ele, com a fala entrecortada. – Não pudemos ver as passarelas, pois estão cobertas pelos deslizamentos.

– Quantos pôde avistar aqui embaixo? – cortou-o Hillel.

– Uns quatro, pelo menos. Um deles saltou em minhas costas e derrubou-me no chão. Consegui abatê-lo antes que me causasse qualquer ferimento sério.

Veio um rugido agudo e perturbador do outro lado do paredão e surgiram três carcajus, perfurando a neve e colocando os rostos para fora. Nil estremeceu. Suas vozes pareciam uma mistura de choro de criança e ranger de carroça, entrecortadas por estalos guturais. Em pouco tempo, todo o muro de pedra vibrava numa mistura de vozes, por todos os lados.

– Por Okkon – berrou Hillel, puxando Valdor pelo braço – o lugar está infestado deles!

O comandante deu outro assobio e Nil demorou a entender que era para ele. Só então percebera que continuava o tempo todo na mesma posição agachada e de um salto levantou-se para correr em direção ao grupo. Não chegou a dar dois passos, quando ouviu um farfalhar nos arbustos, logo atrás. Seu nariz captou um cheiro peculiar, como o dos cachorros quando estão molhados. E então veio outra voz chorosa de um carcaju, bem às suas costas.

Nil virou-se lentamente e sentiu a espinha ficando mais fria que o gelo das

montanhas. O animal estava à sua frente, numa distância não muito maior que dez passos. Era grande como um javali e tinha os dentes à mostra. As patas largas exibiam garras cravadas na neve e os olhos vermelhos não piscavam, fitando-o fixamente.

– Oh não... isso não – ouviu Hillel gemer, ao longe.

O carcaju deu um passo para frente, soltando vapor branco pelas narinas. Nil queria correr, mas as pernas não estavam obedecendo. Pensou em levar as mãos até a espada, mas sentiu os braços pesados e sem vida. Não era possível que seria esfaqueado e devorado vivo em sua primeira missão.

– Nil, fique parado! – comandou Hillel, tentando deixar transparecer na voz o mínimo de urgência. Virou-se para os outros: – Dana, Iva, abram pela direita. Os outros vêm comigo pela esquerda. Carcajus não enxergam ou farejam muito bem, mas seus ouvidos são capazes de verdadeiros milagres! Precisamos dar a impressão de que somos mais numerosos, está claro? Comecem a fazer barulho enquanto o rodeiam. – Olhou para trás. – Valdor, consegue andar direito?

– Estou logo atrás de você, comandante. Posso cobrir a retaguarda, mesmo mancando um pouco.

– Perfeito – disse Hillel. – É importante que atente para as aberturas do paredão. Não podemos ser surpreendidos por trás.

Nil não ouviu muito bem as instruções e pouco se importou. Viu-os abrindo a roda e posicionando-se de modo a cercar o carcaju, em uma espécie de meia-lua. Devia ser um plano do comandante. Qualquer ideia era muito bem-vinda, desde que o tirassem de perto do animal furioso à sua frente.

O carcaju deu outro passo em direção a ele e inclinou-se, apontando a mandíbula para baixo e o dorso para cima. Não devia ser um bom sinal.

Enquanto isso, os homens abriam mais a roda e começavam a bater com as espadas nas próprias armaduras.

– Cheguem mais perto – ordenou o comandante. – Comecem a se fechar em volta dele.

O carcaju pareceu ficar confuso com os ruídos e passou a fungar, olhando para os lados.

– Mais perto – disse Hillel. – Façam barulhos com as vozes.

Os homens obedeceram. Nil os viu chegando perto, pelos lados, ao passo que ele estava no centro. O carcaju começou a rosnar, babando pelos dentes, visivelmente irritado pela perturbação do grupo. Hillel aproveitou para

adiantar-

-se, fechando ainda mais o cerco. Com uma das mãos ele fez um sinal para que Sóz e Lumuir mantivessem o passo lento. Uma profusão de estalos, chiados e uivos veio das bocas dos homens, e o carcaju olhava para todos eles, rosnando em retribuição.

– Nil – sussurrou Hillel – comece a andar para trás. Tente fazer isso da forma mais vagarosa possível.

O recruta engoliu em seco e assentiu com a cabeça, tirando o pé do chão e projetando-o alguns centímetros para trás. Suas coxas tremiam feito roupas no varal, mas o carcaju não se manifestou.

– Mais um – orientou o comandante. – Estou chegando perto. Continue nesse ritmo até que eu diga. Estou tentando chegar a uma posição privilegiada. Você não será atacado.

Nil deu mais um passo para trás e sentiu um calor no meio das pernas. Não soube dizer se era efeito do medo ou se havia molhado as calças, mas não podia parar para conferir. Permaneceu imóvel por uns instantes, observando as reações do carcaju, e resolveu dar mais um passo. Os pés pesavam feito chumbo.

– Comandante – era voz sussurrada de Valdor. Ele era o que estava no ponto mais distante do círculo. – Acho melhor nos apressarmos.

Hillel girou a cabeça para trás e olhou para o paredão. Cerca de sete ou oito carcajus despontavam das plataformas e começavam a jogar seus chiados no ar. Nil sentiu os pelos da nuca ficando de pé. O carcaju que o espreitava também uivou, misturando sua voz à de seus companheiros albinos.

Depressa, comandante, eles vão nos devorar.

– Eles estão descendo – falou Valdor, com urgência.

Quatro carcajus já saltavam para a neve do solo e começavam a caminhar em direção ao grupo. Agora eram eles os que estavam cercados.

– Droga! – rosnou Hillel, apertando o cabo da espada.

– Acho que seria ingênuo demais esperar por um resgate as unidades, eu suponho – disse Sóz, com ironia e tristeza na voz.

Nil olhou novamente para o carcaju à sua frente. Ele estava mais perto! Havia se aproximado enquanto o resto do bando distraía o grupo de Hillel.

– Comandante – falou o grandalhão Lumuir, parando de andar. – Teremos de esquecer esse do centro. Se não nos virarmos para enfrentar os outros, viraremos almoço.

– Não podemos deixar que pegue Nil – respondeu o comandante, entredentes. – Não haverá mais baixas nesse grupo. – Hillel olhou para o paredão. Os quatro carcajus já estavam perigosamente perto e o restante saltava também para o chão. – Ainda temos tempo. Aproximem-se mais, podemos afugentá-lo!

Nil não achou que seria possível. Os outros carcajus estavam mais perto do grupo do que Hillel dele. Seria o fim. Começou a dar passos para trás com o dobro da velocidade de antes.

O carcaju seguiu-o na mesma velocidade, rosnando e chiando.

– Nil, você está deixando-o nervoso, droga! – rosnou Hillel. – Fique quieto!

Mas Nil já não estava ouvindo. Girou sobre os calcanhares, dando as costas para o animal e começou a correr.

– Não faça isso! – gritou o comandante, correndo também em direção a ele. – Fique parado!

O coração de Nil já martelava tão forte que parecia querer estourar seu externo e saltar para fora. Nem percebeu que corria em direção a Dana, que estava bem mais longe que o comandante. Tentou colocar mais forças nas pernas, mas era difícil desatolar os pés da neve fofa. Só queria ser mais rápido que a criatura.

De repente, sentiu algo pesado saltando sobre suas costas e derrubando-o no chão. Pontas afiadas cravaram-se em sua panturrilha e ele berrou a plenos pulmões, sentindo o sangue quente descer pelas calças. Caiu de joelhos e enterrou os dedos na neve, em um esforço inútil de manter-se no lugar, mas o animal era forte como um cavalo e começava a arrastá-lo para as moitas.

– Não! – berrava Hillel, impotente, ao longe. – Não!

Os galhos secos e duros começaram a arranhar o rosto de Nil, e a última coisa que sentiu foi a própria cabeça batendo em uma pedra. Depois disso, suas vistas ficaram escuras.

20 – COLINA ABAIXO

Hillel berrou a plenos pulmões, mas, correndo até a moita, nada pôde fazer além de observar a estreita trilha formada pelo corpo arrastado de Nil. Começou a sentir as pernas fraquejando, e por um instante, tudo pareceu parar de se mover a seu redor. Algo estava muito errado. Talvez ele não fosse mais o mesmo de antes. Dois subordinados mortos em uma semana. Ele estava ficando velho. Seria a hora de parar?

Os gritos de Valdor vieram distantes na primeira vez, e Hillel não deu atenção. Na segunda vez, começaram a incomodá-lo. Não queria que o chamassem agora. Ele precisava reunir forças e correr atrás do carcaju. Talvez ainda pudesse salvar seu recruta.

Na terceira vez, a voz de Valdor entrou rasgante em seu ouvido. Assobios estridentes e irritantes dos outros rapazes vieram acompanhando.

– Comandante, atrás de você, droga!

Primeiro veio o cheiro de pelo molhado, depois ouviu um chiado grave e gutural. O comandante girou e tombou para o lado um segundo antes de o carcaju rasgar sua perna com as garras afiadas. O animal voou para frente dele, tropeçando na neve e levantando-se com agilidade.

Em um gesto mecânico, Hillel sacou a espada longa. Abriu bem os olhos e, sem mover a cabeça, ficou atento à periferia. Seus flancos estavam seguros.

Ele observou o animal cravar as garras no chão e projetar o dorso para trás, sugerindo que o próximo ataque viria a qualquer instante. Hillel enterrou a ponta da espada na frente dos próprios pés e atirou um tufo de neve no focinho do carcaju. Como esperado, o animal se agitou e ficou sobre duas patas, pensando que a neve se tratava de um agressor. Afinal de contas, eles não enxergam bem.

Um segundo depois, um talho enorme abria-se na barriga do animal, derramando no chão uma cascata de sangue quente. O animal tombou para trás, dando espasmos curtos e grunhidos, até parar de mover-se por completo.

Hillel virou-se para os companheiros e, já mais desperto, fez uma rápida avaliação da situação. Dana acabava de abater um deles, enquanto Valdor se aproximava, dando cobertura. Sóz e Iva golpeavam ao mesmo tempo outro

carcaju, e Lumuir acabava de pisar sobre a carcaça de um terceiro. Ele tentava reaver sua espada larga, que estava cravada na espinha do animal. O quarto carcaju, mais afastado, relutava em se aproximar do grupo e limitava-se a tentar intimidá-los com seus grunhidos.

Eles estão se virando bem. Pensou Hillel, embainhando a espada e enfiando-se na moita atrás de Nil.

Nil abriu os olhos, mas não conseguiu arregalá-los. Estavam pesados e sonolentos. Não soube dizer, a princípio, mas teve a impressão de ver tudo passando rápido diante de seus olhos. A nuca latejava em uma dor insuportável, um dos lados de seu rosto ardia. Ao mesmo tempo, sentia um frio cortante. De vez em quando sentia montes de gelo fofo entrando-lhe pelo nariz, causando uma ardência na hora de respirar.

Ele demorou alguns instantes até perceber que seu rosto deslizava meio enfiado na neve. Sua primeira reação foi tentar agarrar algo, mas seus dedos dormentes fechavam-se somente em volta de gelo e terra fria.

Com um esforço, conseguiu girar e ficar de costas, e foi quando sua panturrilha direita latejou numa dor aguda. Sua perna estava presa em algo que se movia depressa. Deu um puxão para tentar desprendê-la, e veio uma dor ainda mais forte quando algo afiado entrou em seu calcanhar.

– Pelos deuses! – berrou de dor, levando as mãos ao rosto.

Aos poucos, conseguiu recobrar a consciência e se lembrou dos últimos acontecimentos.

– O carcaju... – balbuciou, desamparado.

Vendo as moitas e pedregulhos passando em velocidade, viu que precisava fazer algo. Piscou os olhos várias vezes e tentou flexionar a coluna numa posição onde pudesse ver o que acontecia à sua frente. As vistas estavam ruins e embaçadas, mas ele viu o vulto branco e amarelado do animal, puxando-o com os dentes, à sua frente. O cheiro da pelagem molhada deixou-o nauseado. Parecia o mesmo cheiro que os cães sujos exalam quando tomam chuva.

Nil abriu e fechou a mão direita algumas vezes, testando suas articulações. Doíam como se despertassem de anos de congelamento. Ainda assim, ele esticou o braço para o lado do corpo e começou a apalpar, em busca de sua espada.

Os dedos correram pela cota de malha e alcançaram a cintura. Tatearam

pelo cinto, esperando tocar a bainha, quando seu corpo sacudiu ao passarem por uma vala. As pedras lascadas do local começaram a causar pequenos rasgos em suas nádegas e cotovelos. O animal puxava-o com pressa.

Gemendo e bufando de dor, Nil esticou o braço mais uma vez, e seus dedos se encontraram com a protuberância sólida da bainha. Correram até o cabo da espada, e Nil respirou aliviado. Ela estava no lugar.

Ele a puxou para fora o mais rápido que pôde e curvou novamente o corpo. Estava vendo tudo em dobro à sua frente, mas não tinha muito mais o que fazer. Começou a menear para frente e para trás com a lâmina, na esperança de atingir o animal de alguma forma, mas parecia não poder alcançá-lo.

Seu ombro começou a doer, e ele voltou a se deitar no chão, sentindo o frio da neve onde a roupa fora rasgada. Passou a espada para a mão esquerda e grasnou quando tentou ficar novamente sentado.

A lâmina começou a desenhar círculos no ar e não atingia alvo algum. Projetou-se duas ou três vezes para frente e, na última tentativa, Nil sentiu sua ponta cravar-se levemente em uma estrutura macia.

A pressão em seu calcanhar foi imediatamente aliviada, e o animal soltou um urro enfurecido. Estava solto!

Não teve tempo para celebrar, pois quase que imediatamente sentiu o outro calcanhar partir-se sob os dentes do animal.

Nil abriu a boca para gritar, mas não conseguiu pro-jetar a voz. Seu queixo ficou escancarado, e o pescoço em tensão, com os músculos esticados até o limite. As vistas começaram a falhar, e as veias em sua testa pareciam querer saltar para fora da cabeça. O calor do sangue entrou imediatamente por suas botas, encharcando os pés, e Nil só conseguiu se lembrar de seu companheiro Labal. As malditas tiras prenderam bem o calçado, mas ele se esqueceu de dizer que elas não o protegeriam das mordidas dos monstros. Se saísse vivo dali, teria sorte em conseguir voltar a andar novamente.

O carcaju começou a chiar mais alto e colocou-se de pé. Nil sentiu que ele começava a ficar frenético, agitando as garras no ar. Nesse momento, seu coração começou a bater tão rápido, que pareceu falhar uma vez ou outra. A criatura ereta, soltando linhas de saliva por entre os dentes, era uma visão aterradora. Algumas patadas acertaram suas costelas com tanta força, que Nil pensou ter sentido a cota de malha rasgando em duas. As garras de navalha abriram rasgos em sua coxa, e ele se contorceu de dor. Se não fizesse algo,

seria estraçalhado.

Decidiu, enquanto tentava acalmar o turbilhão em sua mente, perfurar o monstro mais uma vez com a espada. Quando seus dedos se fecharam, porém, para segurar firme o cabo, não encontraram nada. Suas mãos estavam vazias. Devia tê-la deixado cair quando foi mordido no calcanhar.

E o monstro seguia dilacerando-o vivo. Os olhos de Nil começaram a fechar-se contra sua vontade, e os braços penderam para os lados. A neve esfriava suas pernas. Suas roupas deviam estar em trapos. Era o fim. Estava acabado.

E, gorgolejando de novo, dessa vez mais fraco, o animal tombou no chão, desacordado. Acontecera muito rápido.

– O quê?... – gaguejou ele, com os olhos entreabertos. Levou alguns instantes para dar-se conta do que ocorrera.

O que estava acontecendo? Nil ergueu o queixo e olhou para trás, pelo caminho onde foi arrastado. Viu um vulto correndo em sua direção, seguido por outros dois ou três. Devia ser o comandante, mas estavam muito longe, não poderiam ter ajudado. Por que o monstro morreu?

Nil apoiou-se sobre o cotovelo esquerdo e olhou para o corpo do carcaju caído. Piscou várias vezes e demorou um tempo até que suas vistas dessembaçassem, mas levou um susto quando notou três flechas cravadas até a metade, nos pelos brancos do animal. Passos rápidos vieram de suas costas, e ele girou rapidamente a cabeça, numa mistura de pânico e alerta.

Um soldado de armadura branca se aproximava. Tinha nas mãos um arco longo, feito de osso lapidado, e uma pequena mochila de campanha nas costas.

– Você está bem? – perguntou o soldado, diminuindo o passo e aproximando-se.

Nil sentiu a cabeça rodar várias vezes, fazendo a imagem do soldado ficar de ponta-cabeça.

– Estou... – balbuciou ele, deixando o pescoço afrouxar, sem forças. – Bem.

O soldado parou ao lado de Nil e guardou o arco. Quando foi examinar as feridas dele de perto, viu algo que o chocou. Ele levou a mão até a boca e retesou-se, dando um passo para trás.

– Oh, pelos deuses! – arfou o soldado, espantado. – Quem é você?

Nil já estava desmaiado.

Hillel chegou na frente, correndo com toda força que tinha nas pernas. Nuvens de neve fina voavam por debaixo de seus pés. Gritava quando ainda estava longe:

– Ele está vivo?

O soldado assentiu com a cabeça e fez um gesto para que o comandante se acalmasse e diminuísse o passo.

– Ainda vive, comandante – assegurou o soldado –, mas precisa de cuidados médicos urgentes.

Hillel olhou para o corpo de Nil caído no chão. Estava coberto por um pelego cinzento, provido pelo soldado prestimoso. Na base de seus pés, corriam rastros de sangue por todo o caminho que percorreram, tingindo o branco imaculado das montanhas.

O comandante ouviu as respirações arfantes de seus homens na retaguarda e os passos pesados de Lumuir desacelerando. Sóz vinha logo atrás, junto de Iva. Mais afastado vinha Dana, sem pressa, carregando Valdor nas costas. Hillel cruzou os braços e respirou fundo. O carcaju ainda estava no lugar, cravado de flechas.

– O que houve? – perguntou ao soldado. – Você é um dos homens de Forg, não é?

– Sim, comandante – respondeu o soldado, aproxi-mando-se de Nil. – Meu nome é Svano. Sou o responsável pela batida. As unidades estão a meio dia de nós e provavelmente nos alcançarão nas passarelas superiores de onde veio. Graças aos deuses nos encontramos a tempo.

– Não posso agradecê-lo o suficiente – falou Hillel, tentando acalmar a própria respiração. Em seguida, apontou com a cabeça para Nil, que estava desacordado e pálido debaixo do pelego. – Ele está tão mal assim?

– *Ele?* – perguntou Svano, com uma expressão de ironia disfarçada.

Hillel franziu o cenho.

– Não sei se compreendo seu tom de voz, soldado.

O soldado fungou, cuspiu no chão e levou as mãos até o cobertor de peles, descobrindo o corpo de Nil.

Iva levou a mão até a cabeça, em choque. Sóz permaneceu com o queixo aberto, mas não conseguiu dizer nada.

– Pelos quatro desgraçados celestes... – trovejou a voz de Lumuir, ao lado do comandante.

Hillel permaneceu inexpressivo, o cenho fechando-se cada vez mais. Cruzou os braços e respirou fundo, desviando os olhos e fitando o próprio pé.

– E então, comandante? – insistiu Svano. – Pode me dizer o que está acontecendo?

O corpo descoberto de Nil não deixava margens para dúvidas. Tratava-se de uma mulher.

21 – NEM QUATRO, NEM SEIS

Mirta enxugava mais uma vez as bochechas enquanto cruzava os pinheiros gêmeos. Por mais que limpasse o rosto, sentia-o empapado e sabia que mais lágrimas desceriam a qualquer instante. Suas pernas ainda estavam meio bambas e fracas, mas ela precisava concluir o funeral da avó.

Desceu a trilha e contornou a grande árvore onde a carruagem estava estacionada. Caminhou diretamente até a abertura traseira do veículo e parou diante do corpo da avó. Era hora de movê-la.

Mirta demorou quase uma hora para arrastá-la, e subir o elevado de terra fora a parte mais difícil da empreitada. Amaldiçoou Brinaff por não tê-la ajudado antes da conversa. Mas já não importava mais. O dragão era mau-agouro, e ela estava melhor sem ele. Ela precisou saltar dentro da cova a fim de puxar com delicadeza a avó, pelos ombros. Em breve, estaria tudo pronto e a Sra. Sopafarta poderia descansar em paz.

Quando bateu os pés dentro do buraco, porém, sentiu que pisava em algo redondo e duro, que fez um barulho de casca se partindo. Ela olhou para o chão e viu: quatro nozes.

Estranho. Eu não me lembro de tê-las visto aqui quando cavei.

Ela olhou para o alto e ficou ainda mais confusa. Perto da cova não havia nogueiras de onde pudessem ter caído. Abaixando-se no chão, Mirta coletou as quatro nozes e as checou de perto. Eram comuns e haviam sido colhidas recentemente. Uma bandeira vermelha instalou-se de imediato em sua mente. Ela não estava sozinha ali.

Saltando para fora do buraco, Mirta começou a andar agachada, procurando por pegadas no entorno, mas só encontrou as suas próprias e de Brinaff. Ela coçou a cabeça e mordeu uma mecha de cabelos. Eram muito pesadas para terem sido carregadas pelo vento e, além do mais, podiam ter sido atiradas de longe, não necessariamente da beira do buraco. Uma coisa era certa: as nozes não foram parar ali sozinhas.

Desceu do elevado de terra e checou minuciosamente os arredores, conferindo até mesmo em volta da carruagem, mas não encontrou mais nada. Estava distraída, pensando no quanto aquilo era estranho, quando ouviu o

barulho de alguma coisa caindo na cova e afundando-se na terra fofa.

Mirta olhou para os lados, assegurando-se de que não estava sendo vigiada, e correu de volta até o elevado. Havia uma quinta noz no chão.

O que é que está acontecendo aqui? Essas malditas estão caindo do...

Então ela olhou para cima e viu.

– Cró!

Cerúleo batia as asas, muito acima de sua cabeça. Mirta sentiu os olhos ficando marejados outra vez e praguejou baixinho. Não queria passar o dia chorando.

O pássaro desenhou um arco no céu e desceu direto para o colo de Mirta. Ela o abraçou ternamente. Aninharam-

-se um ao outro durante vários instantes, em silêncio, até que ela finalmente falou, quase num sussurro:

– Eu fiquei tão preocupada com você, seu estúpido, por onde andou?

Cerúleo encolheu-se ainda mais no colo de Mirta.

– Sei que ficou assustado... eu também estou em choque. Mas quer saber? Fico feliz que tenha nos seguido, Cerúleo. Agora trate de não fazer mais isso, está bem?

– Cró!

Mirta engoliu em seco.

– Brinaff não mais nos acompanhará, de agora em diante. Ele está bem, mas é uma longa história e não quero falar nisso agora. Desculpe-me, amiguinho.

– Cró!... Cró!

– Do que está falando? Claro que ela teria adorado as nozes! Era minha torta favorita também. Você era capaz de comer uma inteira, seu glutão! Depois vinha me pedir colo quando passava mal! – Mirta respirou fundo, sentindo a brisa dos lagos varrendo-lhe o rosto. – Lembra-se de quando ela decidiu me ensinar a receita? ...*Cinco nozes! Nem quatro, nem seis!*

– Cró!...

– ...*Ou terá de bater toda a massa outra vez...*

Oh, céus... Ela começava a chorar novamente.

O sol começava sua viagem em declive no horizonte, e a brisa passou a vir em doses mais frias. Era hora de deixar os lagos. Mirta levantou-se, quase derrubando o adormecido Cerúleo em seus ombros, e apanhou a pá.

Contemplou o túmulo da avó mais uma vez. Haviam feito um bom trabalho. A terra que cobria a cova estava bem aplanada e salpicada de flores diversas. Como acabamento, ainda tiveram o cuidado de cercar a sepultura com uma fileira elíptica de seixos brancos, coletados na beira do Lago da Lua.

Mirta beijou a ponta dos dedos e abaixou-se, encostando-as no chão, como gesto de despedida. Em seguida, levantou-se e deu as costas, descendo o elevado.

No meio do caminho, Cerúleo saltou de seu ombro, assustado, e bateu desajeitadamente as asas até subir bem alto.

– O que foi? – perguntou ela, alarmada.

– Cró! – Cerúleo via algo que certamente não gostava.

– O que tem as Geleiras?

O pássaro bateu as asas desesperadamente, quase que implorando para que ela olhasse. Mirta afastou-se das árvores, correndo até a baixada, a oeste, de onde podia ver as montanhas com mais clareza. Cerúleo tinha razão. Havia algo acontecendo nas Geleiras.

De onde Mirta estava, podia-se ver os picos brancos mais altos e tinha-se uma boa visão do anel azulado, conhecido lar do rei dos dragões. Algo como uma luz branca começava a emanar da boca do anel, vomitando-se em um jato até o céu. Lá no alto, a luz começava a desacelerar e formar um domo, derramando névoa branca e cobrindo o cume dos montes. Lembrava um cano esguichando água com pressão para o alto e em seguida fazendo chover de volta no chão.

Outros raios brancos começaram a voar em velocidade altíssima para o céu, perfurando o domo do nevoeiro. Em poucos instantes, toda a cadeia das Geleiras foi envolvida, bloqueando a visão. Era possível ainda ouvir uma espécie de trovão, ou rugido, vindo do anel azulado. Algo estava muito errado.

– Mas o que é que está acontecendo lá? – murmurou ela, passando a mão pelos cabelos loiros.

Mirta não sabia, meus amigos, mas aquele era o princípio do fim. Os acontecimentos que ela testemunhava moldava para sempre o destino dos homens, e, por consequência, de toda Virídea.

Brinaff também viu. Mesmo dentro do mausoléu, seus ouvidos ainda eram absurdamente aguçados, e ele conhecia bem aquele trovejar grave.

Subindo as escadas o mais rápido que pôde, ele chegou até as janelas do

andar superior, de onde também via os picos ao longe, quase na linha do horizonte. A névoa cobria tudo, mas os fachoos luminosos cortando a cortina branca não eram luz, de fato. Era gelo. E o barulho não era trovão, mas sim a voz de Corff, o rei dos dragões.

– Por Yanenna... – gemeu Brinaff, estremecendo e sentindo calafrios. – O que fizeram com o rei?

– Vamos sair daqui, Cerúleo – disse ela, juntando as coisas apressadamente, jogando na traseira da carruagem e fechando a porta com força. – As Geleiras estão bem longe, mas ainda assim estaremos mais seguros nas estradas. Além do mais, não é recomendável que passemos a noite aqui, como deve saber.

– Cró! – Cerúleo saltou pela janela da direita e pousou no encosto da poltrona.

– Para o oeste, nas encruzilhadas. Preciso de um lugar sem distrações para continuar estudando os tomos. Talvez possamos até mesmo pernoitar em alguma hospedaria de beira de estrada. Eu bem que preciso de um banho quente.

– Cró!

– Como é que eu vou saber o que está havendo lá? Quem trabalhava naquele gelo horroroso era Brinaff. Só sei que é o lar de seu chefe, o dragão branco Corff.

– Cró!

– Não... não é sempre assim. – Mirta abriu a porta do motorista e olhou mais uma vez para o alto, na esperança de ver o cume das montanhas brancas. As copas das árvores bloqueavam sua visão. – Pelo que Brinaff contou, o rei nunca sai de seu covil há milênios. Estou lhe dizendo, companheiro azul, algo está muito errado. Posso dizer seguramente que, no mínimo, hoje está sendo um dia muito, muito estranho.

Foi como se os deuses, expectadores de um grande espetáculo, aguardassem somente a deixa entre uma cena e outra. Mirta, antes que batesse a porta e ligasse os motores da carruagem, ouviu uma voz suave mergulhando em seus ouvidos. Vinha cantando uma música alegre:

A maré é traiçoeira,

Ai, ai, ai...

Deixa o velho lá na beira,

Ai, ai, ai...

Quando a chuva é açoiteira,

Ai, ai, ai...

É aí que o barco vai!

A música parecia vir da direção das águas. Mirta afastou-se da carruagem e contornou o elevado. Viu, ao longe, uma pequena embarcação, não muito maior que uma canoa, transportando um homem gigantesco, que remava. Mirta abaixou-se imediatamente e procurou abrigo atrás de uma pedra, torcendo para que ele não a tivesse visto.

O barco se aproximou e vinha atravessando o lago no sentido dos paredões de pedra. O homem usava roupas escuras, marrons, e segurava o remo, que parecia pequeno demais para suas mãos, meneando-o sem muito esforço pelas águas. Continuava cantando, distraído.

Mirta aproveitou sua aproximação para analisá-lo mais de perto. Ele não dava quaisquer indícios de que a tinha visto. Tratava-se de um homenzarrão com quase o dobro de seu tamanho, com braços roliços feito bexigas de salame e dedos grossos e curtos. O rosto era rechonchudo, enfeitado por um nariz protuberante, de ponta arredondada. O topo da cabeça parecia afilar-se, destoando das bochechas largas, e, no alto do cocuruto quase careca, havia um tufo de cabelos escuros e lisos, cortados rentes, como um pires virado ao contrário.

Mirta esticou um pouco o pescoço e reparou que, aos pés do homem, havia uma bainha de espada, e, pelo tamanho, devia ser uma arma mais larga que a pá do remo. Provavelmente uma espada de duas mãos. Os olhos do homem mantinham-se distraídos, com as pálpebras caídas, o que significava que ele não estava em alerta. Não estava sonolento, pois seus braços não perdiam o ritmo para remar. Atrás dele, havia uma enorme mochila amarrada com cordas, e não havia qualquer peça de armadura sobre suas vestimentas. Somando isso ao fato de que sua arma não estava em uma posição de alcance rápido, ela julgou que esse não era um homem em missão de caçada ou emboscada. Podia dizer com quase certeza que não era perigoso.

Por garantia, resolveu continuar espreitando, vendo a canoa navegar até quase chegar na extremidade do lago, não muito longe de onde ela estava.

– Ué... – disse finalmente o homem, levantando-se em evidente confusão. Sua voz parecia a de um jovem garoto.

O homem tentou se equilibrar, e o balançar da canoa quase o derrubou

quando seu peso se acusou sobre a madeira. Ele começou a coçar o alto da cabeça.

– Que lugar é esse? – perguntou ele, em voz alta, mais uma vez.

Mirta perguntou-se se havia alguma forma de o dia ficar ainda mais estranho.

– Olá! – arriscou ela, de trás da pedra, sem revelar sua posição. Sua voz ecoou sobre as águas.

O homem olhou para todos os lados, mas não se abaixou nem uma vez para apanhar sua arma. Mirta resolveu então sair de trás do esconderijo.

– Quem é você? – perguntou ela.

O homem olhou em sua direção e deu um sorriso desconcertado enquanto coçava a nuca.

– Você mora aqui? – perguntou ele.

Pelos deuses...

– Eu lhe fiz uma pergunta – insistiu ela. – Quem é você e o que procura?

– Ah, perdoe-me, senhorita. – Ele inflou o peito para projetar melhor a voz. – Meu nome é Iac Aelflumbe, mas pode me chamar apenas de Iac. Estou indo para Tulma, mas estou surpreso. Não pensei que fosse ter de terminar o caminho a pé, devo ter planejado mal, realmente.

Mirta ajustou os óculos e apertou os olhos. Devia ter ouvido errado.

– Para Tulma, você disse? A capital?

– Sim, senhorita. Fique tranquila, que não irei macular sua propriedade. Tomarei somente o tempo necessário para desembarcar, juntar minhas coisas e seguir meu caminho.

– Do que está falando? – perguntou ela, estupefata. – Tulma fica para o outro lado! Estamos quase na borda do litoral leste! Tulma fica a oeste!

Ele deixou pender os braços ao lado do corpo. Seus ombros afrouxaram.

– Acho que está enganada, senhorita. O oeste fica à esquerda, e o leste à direita. Não posso ter confundido isso, pois é uma referência que tenho desde criança. Eu sou destro, se quer saber.

Esse homem não pode estar falando sério.

– O oeste *pode* ser à esquerda, mas depende de onde você está vindo.

– Eu venho de Beira-da-Ribeira, que fica não muito longe de Cascalha. – Ele parou e pensou por um instante. – Isso faz alguma diferença?

– Claro que faz, imbecil! – grasnou ela. – Cascalha fica ao norte, o que significa que o oeste estaria localizado à sua direita, não esquerda! Você

atravessou os Lagos Espelhados!

O homem bateu as duas palmas e dobrou-se sobre a própria barriga protuberante. Começou a soltar um esguicho, que Mirta julgou ser uma risada.

– Ai, que burro eu sou. Então foi isso. – Ele apanhou novamente o remo. – Agora terei de seguir na direção oposta. Bem que eu estranhei o fato de nunca encontrar o curso do rio. Em algumas partes, os lagos ficam tão largos que até fazem o navegador confundi-los com o mar. Fico feliz que tenha me ajudado, senhorita. Agora, se me dá licença, tenho um pouco de pressa. Espero que não tenha perdido tempo demais com essa minha trapalhada.

Mirta esfregou a testa, tentando se acalmar. Não era possível que o homem fosse tão estúpido assim. Ela observou enquanto ele preparava o remo para manobrar a canoa. A embarcação girou sobre o próprio eixo várias vezes, praticamente sem sair do lugar. Ele, confuso, trocou o remo de mãos e tentou de novo a mesma coisa, do outro lado. A canoa passou a girar ao contrário, também sem sair do lugar.

Mirta enfiou a mão debaixo dos óculos e apertou os olhos com o polegar e indicador.

– Eu sempre empaco na saída – riu ele, meio envergonhado.

Um quarto de hora depois, ele encostava a embarcação nas margens, aos pés de Mirta. O homem saltou na água, atolando os pés na areia.

– O que houve? – perguntou ela. – Não está mais com pressa?

– Acho que fiquei com fome. Remar é meio cansativo, depois de dois dias. Vou preparar algo e depois sigo viagem, senhorita. Está convidada, se quiser. Sabe como é, *mesa com vão é mesa de ladrão*.

Mirta não entendeu bem o ditado, mas preferiu não dizer nada. Estava distraída com outra coisa. Cogitava se deveria ou não oferecer ajuda ao homem, para que chegasse em Tulma. A capital seria um destino excelente para ela, onde, afinal, estaria protegida e com livre acesso aos registros da biblioteca. Além do mais, Iac era um sujeito enorme e poderia servir como guarda-costas no caminho. Só precisaria conhecê-lo um pouco mais para se certificar de que fosse de confiança.

Ela observou, surpresa, a forma como Iac arrastou a canoa para terra, como se fosse feita de papel. Em seguida, o viu desamarrando a mochila e a pegando com uma só mão, para em seguida atirá-la no gramado, a dezenas de metros. Quando a bolsa atingiu o solo, um clangor alto, de metal batendo em

metal, ressoou no ar.

– O que há na mochila? – perguntou ela, curiosa.

– Ah, minha armadura – falou ele, sorridente. – Vou usá-la em Tulma, quando chegar.

Era um sujeito enorme, realmente. E muito forte.

22 – RECICLAGEM DE DIRETRIZES

Nil abriu os olhos e a primeira coisa que viu foi um imenso borrão esbranquiçado à sua frente. Um barulho suave de madeira estalando ao fogo parecia vir de não muito longe. Questionou-se por um instante se estava viva ou morta. O som de pés se arrastando logo seguiu-se de vozes familiares, e ela aquiesceu, tentando recobrar a memória. O comandante Hillel não estava muito distante e parecia explicar algo aos companheiros.

– Eu sei que devia ter compartilhado a informação – veio a voz quente dele –, foi um erro grosseiro, admito. Mas prometi a Gherda não quebrar sua confiança.

– O conselheiro do rei? – perguntou Sóz. – O que ele tem a ver com a Ordem?

– De forma direta, nada – explicou o comandante. – Mas Gherda é um velho e querido amigo. Eu não poderia dormir em paz se o negasse um pedido pessoal. Coloque-se no meu lugar, Sóz. O homem disse que sua prima corria risco de vida, que um homem poderoso e violento queria tomá-la para si!

Conte a eles que o homem poderoso era o próprio rei Silkai, pensou Nil, ou será que Gherda não contou esse detalhe?

– Eu não sei não... – resmungou Lumuir. – Aceitar uma mulher na Ordem...

– Nunca foi com intenção de ser permanente – assegurou Hillel. – Vamos tomar conta dela até o final da missão, depois me reunirei novamente com Gherda para vermos o que podemos fazer.

– Não vejo problema – disse Dana –, desde que ela... é estranho falar sobre uma mulher no grupo de busca. Desde que ela não nos atrase.

– Ela não nos atrasará – resmungou Hillel. – Você é o mais lento do grupo, deveria ter um pouco mais de empatia, Dana!

– Sim, senhor – grunhiu o careca, dando de ombros.

– Onde está o maldito remédio? – perguntou Hillel a alguém.

Nil se contorceu, tentando falar, e sua cabeça começou a girar. O corpo todo latejava, como se tivesse sido atropelada por um comboio. Ela apoiou o

cotovelo no chão para se sentar e sentiu a mão do comandante empurrando-a gentilmente de volta para o solo.

– Tente não se mover, Nil. Estou deixando os homens a par sobre sua história. Fique tranquila, que tudo terminará bem. Fizemos curativos e torniquetes nos seus tornozelos. Não poderá andar por um tempo, mas a ajudaremos com isso. Agora precisa repousar, está bem?

A voz de Hillel era reconfortante. Desejou ter forças para apertar sua mão, mas já estava a meio caminho de adormecer novamente. Tombou lentamente a cabeça e viu as silhuetas de Valdor e Iva, lado a lado. Pareciam estar o tempo todo cochichando algum segredo, e era evidente que não haviam gostado nada da novidade a seu respeito. Quando Valdor virou a cabeça e a encarou com olhos sérios, ela estremeceu dos pés à cabeça. Queria ter falado ao comandante a respeito deles, mas agora teria de melhorar primeiro... estava com muito sono.

Nil sentiu alguém apertando seus braços e abriu novamente os olhos. Iva estava a um palmo de distância, e a segurava com força. Valdor se aproximava e dobrava os joelhos, com uma caneca fumegante nas mãos. Eles iam envenená-la. Era isso. Aproveitaram alguma distração do grupo e iam silenciá-la de uma vez, antes que os delatasse.

– Não! – grunhiu, sem muita força na voz. – Eles não! Comandante... esses dois são...

Mas não teve tempo de concluir a frase. Valdor segurou seu queixo com força, e encostou a caneca em seus lábios. Nil não soube dizer se era culpa do entorpecimento na pele, mas não sentiu sua boca se queimando. O líquido começou a descer por sua garganta.

– Tente não falar nada – disse Valdor, com uma voz suave, forçando um sorriso. – Está muito fraca e vai melhorar, eu prometo.

Iva passou a mão por seus cabelos, também sorrindo. Malditos!

Ela engoliu e afastou a cabeça bruscamente. O remédio já fazia com que seu corpo ardesse de calor por dentro.

– Ahhhh – ela tentou falar, mas a voz estava engrolada. Sua língua parecia estar inchando aos poucos, dentro da boca. – Ahhhh...

– Está tudo bem com ela? – perguntou Hillel, se abaixando e tocando seu rosto.

Nil tentou se debater, mas Iva a apertou com mais força ainda. O

comandante tinha de impedi-los de envenená-la. Ela tentou sacudir os pés, mas a dor dos machucados veio rasgante, e ela contorceu o rosto numa careta.

– Ahhhh... Ahhhh...

Valdor encostou outra vez a caneca em sua boca e lançou seu olhar mais tranquilo para o comandante:

– É apenas o efeito do anestésico, senhor. Ela come-çará a se sentir mais confortável em breve, assim que tomar toda a solução.

Hillel levantou-se e deu um tapinha nas costas de Valdor. O mestiço retribuiu com um aceno de cabeça.

– O que faremos agora, comandante? – perguntou o arqueiro Svano, finalmente. – Devo levá-la para as unidades?

– Não seria o mais prudente, soldado. Deve permanecer em sua rota e nos encontrar no local combinado. Quanto menos chamarmos atenção, melhor. Não quero que o acampamento se torne um formigueiro de mexericos enquanto não terminamos a missão. Vou pedir a meus homens para que a levem aos médicos. Farão isso de forma discreta. Enquanto isso, seguirei com o restante para as plataformas, como planejado.

– Perfeitamente, senhor. – Svano fez uma continência. – Permissão para me retirar.

Hillel assentiu e observou o soldado se afastar. Em seguida, virou-se para o restante do grupo. Nil começou a sentir uma estranha calma, como se o corpo estivesse mergulhado em uma poça de água quente. A língua estava tão inchada que parecia não conter-se atrás dos dentes. Os desgraçados conseguiram. Ela não poderia falar nada.

– Valdor! Iva! – falou o comandante. – Ficarão encarregados de levá-la para os médicos de Zano. A perna está bem enfaixada, mestiço? – Hillel aguardou a confirmação de Valdor. – Não quero ninguém fazendo perguntas, entenderam bem? Tratem de manter o corpo dela sempre coberto. Para todos os efeitos, o recruta Nil feriu-se em combate.

Não, não! Os dois não!

Nil começou a se contorcer, grunhindo o mais alto que pôde. Iva envolveu seu corpo com o pelego e a pegou no colo, enquanto Valdor tentava imobilizar seus braços.

– Está tudo bem – diziam eles. – Fique quietinha.

Nil girou e torceu o corpo, tentando saltar do colo de Iva. Conseguiu liberar um dos braços e acabou acertando o nariz de Valdor com o cotovelo.

– Desgraçada! – berrou ele, soltando-a e acudindo a ferida.

– O que está havendo aqui? – O comandante Hillel se aproximou dela, e ela parou de se contorcer, olhando-o com os olhos esbugalhados. Tentando fazer com que ele lesse seus pensamentos.

– Grffffff... – grunhiu Nil, com semblante perturbado.

– O que houve, Nil? – Ele levou a mão até a testa dela, conferindo a temperatura. – Por que não quer ir? Você precisa de cuidados médicos.

– Ela só está delirando, comandante – assegurou Iva, voltando a comprimi-la contra o próprio peito.

– Não... – Hillel olhou bem fundo em seus olhos. – Ela sabe onde está. Sua temperatura não acusa nenhuma febre. – Tocou-a nos cabelos. – Nil, você não quer ir, é isso? Está preocupada com alguma coisa e não consegue dizer?

Ela moveu a cabeça em negativa.

– Não entendo... O que te perturba?

Ela girou os olhos e apontou para Iva. Em seguida, apontou para Valdor, que nesse momento tentava limpar o sangue do nariz.

– Não quer ir com eles? – perguntou o comandante. – Mas, por quê?

– Mmmmmrfff...

Dana empurrou gentilmente o grandalhão Lumuir para a esquerda e adiantou-se, parando ao lado do comandante.

– Eu a levo, senhor.

A expressão de Nil abrandou-se. Ela fazia um sinal positivo com a cabeça.

– Era isso? – indagou Hillel. – Queria ir com Dana? Nil, eu não entendo... o que está acontecendo?

– Mrrfff... – gemeu ela.

– Está certo, então. Não vou importuná-la com isso por enquanto. – Ele deu de ombros e virou-se para o rapaz de cabelos lisos. – Sóz, pode acompanhá-lo, para o caso de a garota precisar de mais anestésico?

– Claro, comandante – falou ele, sem muita convicção.

Hillel virou-se novamente para Nil:

– Está bem assim? Dana e Sóz? Se sentiria mais à vontade com os dois?

Nil assentiu novamente com a cabeça.

– Então está acertado. Dana, certifique-se de descer aquela garganta – apontando para uma estreita trilha entre duas rochas altas – e seguir para o

leste, onde encontrarão as unidades. Segundo as informações de Svano, calculo que dentro de cinco ou seis horas poderão avistá-los acima da borda da floresta. Atente para qualquer fumaça, pois podem fazer pausas esporádicas no caminho. Valdor e Iva, vocês vêm comigo. Vamos voltar à plataforma dos carcajus e procurar por outra trilha. A missão não pode parar!

Iva deixou Nil no colo de Dana, mas não o fez sem antes lançá-la um olhar sombrio de desaprovação.

– Sim, senhor, comandante! – disse ele, afastando-se em seguida.

– Como se sente? – perguntou Sóz, sem olhar para trás. Ele descia na frente e Nil sentia os solavancos dos passos pesados de Dana. – Ah, perdão. Esqueci que não consegue falar. Espero que as dores já estejam mais brandas a essa altura. Usamos uma mistura de alípia com bainha-verde, e isso faz um anestésico fabuloso. Suas pernas devem estar feito bambu seco, nesse momento.

Nil tentou não responder. Seria inútil, e seu corpo estava entorpecido demais, envolto em tontura e sonolência.

– Vi a forma como Valdor e Iva a assustaram – continuou ele.

– Sóz, fique quieto – resmungou Dana, lutando para não escorregar trilha abaixo. – O trajeto é difícil o suficiente, mesmo em silêncio.

A garganta era, de fato, escorregadia e traiçoeira. Uma trilha, não muito mais larga que um homem, cortava um rochedo alto e escuro, mergulhando-se perigosamente à beira de um penhasco. Nil imaginou que nenhum dos dois homens devia estar muito feliz em ter de carregá-la, ainda mais depois de quase uma hora. Por um momento, lamentou o fato de estar se tornando um fardo para o grupo. Queria poder compensá-los de alguma forma, e faria isso quando pudesse.

Se um dia teve dúvidas, elas já não mais existiam. Depois de Valdor e Iva terem neutralizado sua língua para que ela não falasse, tinha certeza de que tinham alguma agenda diabólica e secreta. Ainda não sabia exatamente o quê, mas quando o capitão soubesse, ele poderia investigar melhor, e descobriria. Era o homem mais esperto que já conhecera.

Um solavanco fez seus pensamentos evaporarem. Dana escorregou, mas apoiou-se a tempo nas paredes das rochas. Nil não quis imaginar o que aconteceria se Dana rolasse ravina abaixo, com todo aquele tamanho.

– Tudo bem aí, gordão? – riu Sóz, fingindo não estar preocupado. – Se um

javali como você cai desse desfiladeiro, alimenta cinco gerações de carcajus por um período de três anos!

– Muito engraçado – gemeu Dana, tentando apoiar a bota numa pedra escorregadia, coberta por líquen.

– Mas como eu ia dizendo, soldado Nil... – continuou Sóz – aliás, é soldado ou *soldada*? Não vou ter certeza. Enfim, como eu dizia, fez bem em afastar-se de Valdor e Iva. Os dois estão me dando nos nervos há um tempo, sabia disso?

Apesar da piada de mau gosto, Nil ficou satisfeita em ouvir isso. Parece que ela não era a única a suspeitar dos dois desgraçados. Sóz prosseguia falando enquanto gesticulava no ar:

– Sim, estão muito engraçadinhos para o meu gosto. Eu diria que se tornaram ameaças e que deviam ser levados a sério.

Conseguiram sair da garganta para a claridade dos penhascos. Sóz parou e deixou a mochila no chão. Em seguida, começou a esticar os braços e pernas para descontrair os músculos. Dana chegou logo depois, e Nil pôde sentir a mudança de temperatura quando um vento gelado, cheio de flocos de neve, bateu em seu rosto.

– Dane, deixe-a no chão por um momento. Vá descansar os braços.

– Não estou cansado, idiota – grunhiu Dana.

Nil foi depositada com cuidado no chão. O local era uma plataforma estreita, que descia em outra trilha ainda mais perigosa. O próximo trajeto não contava com as paredes de pedra para socorrê-los de uma queda. Nil estremeceu ao pensar no quanto balançaria no colo de Dana. Se pudesse usar as pernas, seria menos apavorante.

Ela observou a movimentação dos dois homens. Sóz, abaixando-se por um momento, abriu sua bolsa e enfiou a mão dentro. Pareceu revirá-la, procurando concentrado por algo. Instantes depois, ele retirou um embrulho de couro e colocou-o no chão.

– Está pronto? – perguntou ele a Dana.

O grandalhão fez uma careta e deu de ombros.

– Manda ver.

– Sabe, *soldada* Nil... um homem tem de estar sempre precavido. A vida é cheia de intempéries, você sabe...

Nil não entendeu bem do que ele falava. Continuou olhando o que faziam, e sua surpresa aumentou quando Sóz desembulhou o pacote, revelando uma

pata cortada de carcaju. As garras afiadas e escuras projetando-se para fora dos dedos e o sangue nas articulações ainda úmido.

– Rrrrfff... – ela tentou perguntar.

– Não se esforce à toa – falou Sóz. – O efeito na língua só passa depois de duas ou três horas. Dana, vire-se de costas.

O grandalhão obedeceu, e Sóz caminhou até ele, com a garra de carcaju nas mãos. Ele agachou-se, posicionou-a cuidadosamente na panturrilha de Dana, e logo depois, com um movimento rápido, rasgou sua perna, deixando a calça em trapos.

Dana deu um urro de dor, e o sangue espirrou imediatamente na neve, formando pequenas poças quentes e fumegantes.

– Muito bem, gordão! – Sóz levantou-se e bateu duas palmas desajeitadas, ainda com a pata nas mãos. – Aguentou como um verdadeiro comandante!

– Desgraçado, isso dói como o inferno! – rosnou o careca.

– Não se preocupe, pois agora é a hora da desforra. – Sóz esticou o braço, exibindo as mangas do grosso casaco de peles, e virou o pescoço para o lado, para não ver.

Dana apanhou a pata de carcaju e segurou firme o pulso do companheiro.

– Na panturrilha dói muito mais – reclamou ele. – Você é um covarde, isso sim!

– Cada um... – bufou Sóz, preparando-se para a dor – carrega o fardo que aguenta. Vamos lá!

Dana passou lentamente a garra no antebraço de Sóz, rasgando o casaco e fazendo fissuras profundas em sua pele. Sóz se contorceu de agonia, e Dana teve de segurar firme o seu pulso.

– Filho da mãe! – berrou o rapaz, vendo o próprio sangue escorrer até as pontas dos dedos e jorrar no chão. – Você quase me aleijou!

Dana gargalhou.

– Tinha de parecer realista, não?

Pelos deuses... o que está acontecendo aqui?

Nil foi tomada subitamente por uma onda de calor que subiu por sua espinha. Algo estava muito errado, e ela não sabia o quê.

Dana ajudou a fazer um torniquete no braço de Sóz, que começou a falar, com os dentes cerrados:

– Isso que está vendo, *soldada*, chama-se *reciclagem de diretrizes*. O comandante não está mais em condições de liderar. Temos à nossa frente –

ele apontou para o anel azulado, no cume do monte Yanen – a maior coleção de tesouros de todo o planeta, e Hillel não quer pegá-los para nós. Ele alega que a riqueza de Corff é por demais sagrada para que coloquemos nossas mãos. Isso é conversa fiada, ele só está com medo!

– Eu diria que Hillel está se tornando por demais idiota – completou Dana, sorrindo.

– Exatamente, gordão. Então, recruta Nil, sinto que tenha entrado nesse barco furado. Digamos que esteja no lugar errado, na hora errada. Talvez o seu suposto pretendente poderoso fosse mais atraente do que esse lugar, afinal de contas.

A mente de Nil estava em redemoinhos. Estava ou-vindo direito? Havia um complô para derrubar o comandante esse tempo todo? Quantos mais estariam envolvidos?

Sem a menor vontade de ficar e ouvir mais, ela tentou começar a se arrastar de volta para a ravina, mas os pés gigantes de Dana pisaram em seu pulso, enterrando-o com força na neve.

– Não, não... – disse ele, estalando os lábios.

– Devia ter ido com Valdor, Nil – falou Sóz, conferindo se o torniquete no próprio braço estava firme o suficiente. – Poderia ter tido a chance de falar algo. Ah... que tolo sou eu! Você não pode falar!

Os dois começaram a gargalhar, e Sóz lançou uma espécie de vênica teatral para Nil:

– O toque da língua inchada foi genial, não é? – Ele se abaixou e aproximou a boca no ouvido de Nil: – Vou te contar um segredo: Se tivesse vindo com Valdor e Iva, teria conseguido, no máximo, nos atrasar. Você sabe... nunca fomos muito entusiasmados com a ideia de um novato no bando. Não quando estamos a meio caminho de resolver algumas, digamos... pendências. – Ele parou de falar, dando tempo para que ela digerisse a informação. – Entende o que quero dizer, não?

– Teríamos pego você depois – completou Dana.

Nil sentiu o pânico entalando-se na sua garganta quando finalmente entendeu. Valdor e Iva não iam machucá-

-la. Deviam estar investigando um possível complô, por isso andavam com tantos segredos! Sóz e Dana eram os culpados, e sabe-se lá quem mais. O soldado morto, Kormel, devia saber de algo, por isso Valdor andava mexendo em suas coisas, talvez procurando algo que os incriminasse. Ela olhou para o

alto do desfiladeiro, na esperança de poder acenar para Hillel, Lumuir ou o soldado Svano, mas a essa hora, já estavam muito longe. Começou a sentir a boca ácida, e a queimação de refluxo na garganta. Devia haver algo que pudesse fazer, eles iam matá-la a sangue frio!

– Bem... – continuou Sóz, fazendo um sinal para Dana. Nil sentiu imediatamente o peso de um enorme pé sobre seu ombro. – Que azar, não? Fomos atacados por carcajus e perdemos outro soldado. Logo quando pensávamos tê-

-lo resgatado... Mas Hillel sabe que lutamos bravamente e quase fomos mortos pelos malditos, não é verdade? Quem sabe no fim, você será vista como heroína, *soldada* Nil? Ou seria herói?

– É... – falou Dana, com um sorriso largo. – Sóz, acha que Valdor e Iva suspeitaram de algo?

– Depois do teatro dessa infeliz, é possível. Mas cuidaremos deles mais tarde. Dana, ainda tem uma perna boa?

Dana fez mais pressão com o pé gigante no ombro de Nil. Ela estava retesada, só conseguia tremer de pavor.

– Os dois estão bons, magricela – falou ele, com um sorriso. – Foi só um arranhão.

E então ele a empurrou precipício abaixo.

23 – IAC AELFLUMBE

Oi, bota lenha na fogueira!

Oi, vem depressa sem parar,

Oi, como estala na madeira,

Oi, faz o caldo borbulhar.

Mirta queria pedi-lo para que parasse de cantar, mas, ao invés disso, preferiu continuar riscando a terra com um graveto nas mãos. Duvidava veementemente que o gigante estúpido fosse capaz de preparar uma refeição decente, mas pagaria para ver. Fazia um bom tempo desde a última vez que comera, e seu estômago já parecia o interior oco de uma cabaça. Qualquer comida seria melhor que nada.

Até onde ela pôde notar, Iac era completamente desajeitado em absolutamente tudo. Empilhara a lenha de forma displicente, sem muito espaço para que corresse ar entre as chamas, e colocara uma chapa de pedra larga demais para se aquecer com tanto fogo. Provavelmente ficariam horas ali até que a água da panela fervesse. Panela, essa, que ela preferia nem olhar de novo. Mesmo depois de ele tê-la removido da mochila e lavado na beira do lago, ela ainda apresentava uma camada sólida de gordura e raspa de alimentos anteriores.

Ainda assim, insistia ela, era melhor que nada.

– Seu passarinho está inquieto, senhorita Mirta – disse Iac, entre um versinho e outra da música, enquanto removia pedaços de carne salgada de uma sacola e depositava na placa de pedra.

Mirta se perguntou o que Iac planejava, pois a panela estava no chão, longe do fogo. Em seguida, ergueu o queixo e olhou para cima, para os galhos mais finos da árvore, e viu Cerúleo pousado em um deles. Ele deslizava de um lado a outro, agitando as asas e olhando atentamente para o sul. O pobrezinho ainda estava perturbado pelo que via nas Geleiras, e não era para menos.

– Ele não gosta que o chamem assim, Iac – explicou ela. – Pode considerar Cerúleo como membro de minha família.

– Isso não será problema – ele retirava uma pitada de alguma erva fina e

salpicava sobre a carne. – Mas eu diria que você também não está das mais tranquilas. Está com pressa por alguma razão?

– Já ouviu falar nas Geleiras? – ela apontou com o braço.

– Claro – ele deu uma rápida olhada em direção às montanhas e viu a massa de neblina que cobria o azulado. Em um segundo voltou sua atenção para a comida. – Mas meu pai me ensinou que especular demais é a maneira mais rápida de se enganar permanentemente. Não sei o que houve naquelas bandas, e, para dizer a verdade, não sei se me interessa.

Mirta não pôde deixar de achar interessante aquela nesga de sabedoria vinda de uma pessoa tão atrapalhada. Admirou-o por uma fração de segundo. Pelo menos até voltar a preocupar-se com a comida, que não estava em vias de ficar pronta.

– Sei o que está pensando – disse ele, pegando-a de surpresa. – Que diabos estou fazendo aqui, de frente para a fogueira? Só posso te adiantar uma coisa, senhorita: – Ele salpicou de forma dramática a última pitada de ervas e sorriu para ela, com a boca minúscula. – Aguarde e verá.

...Oi, faz o caldo borbulhar.

Depois de alguns minutos, ele envolveu as duas mãos com um pano grosso e removeu a chapa de pedra de cima da fogueira. Só então Mirta notou como a carne estava mais passada, exalando um cheiro inebriante. As brasas haviam tomado uma forma achatada, perfeita para encaixar a panela de água por cima, o que ele fez com movimentos rápidos e cuidadosos.

Quando a água começava a ferver, ele atirou nela alguns talos verdes e grossos. Jogou meio punhado de sal grosso, limpou as palmas na barra da blusa e abriu de novo a bolsa de couro. Com uma mão removeu duas batatas e com a outra sacou um canivete do bolso e, com agilidade, descascou-as e atirou-as em cubos dentro da panela.

...Oi, faz o caldo...

Por último, apanhou a carne temperada que estava em cima da chapa de pedra e despejou no caldo fervente. Com o pano grosso, cobriu a panela, deixando a sopa em infusão por vários minutos. De vez em quando ele apanhava uma colher velha de madeira e mexia o conteúdo, voltando a cobri-lo em seguida.

...borbulhar.

Mirta segurava com as duas mãos uma cumbuca feita a partir da casca de coco, e não sabia bem o que esperar da refeição que viria. As trapalhadas de

Iac, somadas ao aroma apetitoso do ensopado, deixavam as coisas muito contraintuitivas para seu gosto. Quando Iac encheu seu pote, fazendo subir no ar uma espiral de vapor, até mesmo Cerúleo desceu da árvore e pousou em seu ombro para conferir de perto.

Para a surpresa de Mirta, o sabor era absolutamente delicioso. A carne estava macia e temperada, as batatas perfeitas, e o caldo no ponto certo. Não era muito cremoso, mas ela atribuiu isso à falta dos ingredientes adequados. Para um jantar feito na beira do mato, Iac se saíra um cozinheiro melhor do que muitos da capital.

– Tenho de admitir, Iac... – falou ela, com a boca cheia. Cerúleo aproveitou e deu uma bicada em sua colher. – Eu não esperava por isso.

– Cró!

Ele riu e também encheu o próprio pote, sentando-se de frente a ela.

– Ninguém nunca espera. Acho que esse deve ser meu único talento real, se eu pensar bem.

Ela engoliu e partiu com a colher um pedaço de batata cozida.

– É carne de que?

– Humana – respondeu ele tranquilamente, sem levantar os olhos do pote.

Mirta ficou parada, sem mexer a boca, que estava cheia de batata. Seus ombros afrouxaram e ela quase derramou a sopa quente no próprio colo. Cerúleo voou de fininho de volta para a árvore.

– Está... falando sério?

Ele arqueou as sobrancelhas e a fitou diretamente. Seus olhos se fecharam, como se sorrissem. A ponta arredondada e comprida do nariz parecia ganhar um novo brilho rosado.

– Qual o problema? – insistiu ele. – Você não disse que está boa?

Mirta depositou delicadamente o pote no chão, mas ainda não decidira se continuava ou não mastigando as batatas. Permaneceu com as bochechas cheias, de forma cômica. Então Iac começou a rir, e sua risada, meus amigos, soava como um feixe de molas enferrujado.

– Pegue a comida de volta, sua tola – disse ele, fazendo gestos com o indicador. – É apenas carne de gato selvagem. Tenho cara de quem mataria uma pessoa para comer?

Mirta preferiu não responder. Mas pelo menos eram só gatos do mato. Ela nunca gostou dos bichanos, mesmo.

– Estão infestando os campos na Beira-da-Ribeira também? – ela tentou puxar assunto, depois de alguns minutos.

– Infestando?

– Os gatos – explicou ela. – Ouvi dizer que trazem doenças e gostam de arrancar talos de cenoura, só de traquinagem.

– Ah, sim. Eles vêm às vezes em maior número do que os ratos, para dizer a verdade. Por isso são mais baratos.

– Mais baratos? Quer dizer que vende-se carne de gato selvagem nas suas terras?

– E de rato também... – ele pegou o último pedaço de carne e esfregou no fundo de seu pote, molhando-o no resto de caldo.

Ela olhou para a comida, conferindo se algum dos pedaços de carne tinha a cor diferente do restante. Iac não devia ser o mais minucioso dos cozinheiros na hora de apanhar seus ingredientes. Subitamente sentiu-se satisfeita.

– Parece ser... – disse ela, engolindo com dificuldade a massa que mastigava. – um lugar muito peculiar.

– Cró!

– Cerúleo, quieto! Pelos céus, como essa refeição foi revigorante! – Ela depositou o pote no chão e bateu as palmas das mãos. – Então, meu caro Iac Aelflumbe, diga-

-me... com o que trabalha?

Iac deu de ombros, meio desanimado.

– Não muita coisa. Digamos que em casa eu seja meio que um peixe fora d'água, entende? Nunca me dei bem com qualquer das atividades que me foram oferecidas. Tentei fazer de tudo um pouco. Por exemplo, já ordenei vacas para o Sr. No'al Cebedes e também trabalhei como empilhador de caixas no armazém central, mas acabava sempre sendo demitido com poucas semanas de prática. – Ele colocou o indicador largo como um chouriço por sobre os lábios e pensou durante alguns segundos. – Vendi água de coco na estrada também, mas depois de dois meses veio uma tempestade que inundou toda a vila, atrapalhando as rotas de comércio. Nunca se sabe se dessa vez eu teria dado certo, não é?

Mirta achava que a natureza nunca mentia.

– Exatamente! – concordou ela, com veemência forçada. – Foi um azar dos grandes. Quem pode dizer se não existia aí alguém que revolucionaria o

comércio de água de coco, não é mesmo?

– É o que penso. Ah, mas também tentei fazer coisas de minha própria iniciativa. Fui dono de uma sapataria, por exemplo! – Ele pensou novamente.

– Mas não acho que tenha sido uma decisão muito acertada. Devem existir dez pares de sapatos fechados em Beira-da-Ribeira. O resto é chinelo de couro de fabricação caseira e botas de peles para as lavouras.

– É... talvez não tenha sido o melhor caminho para você.

– Por fim, no último verão, tentei abrir uma padaria. Mas nem me pergunte. Eu só consegui acordar cedo duas ou três vezes e, mesmo assim, queimava metade das fornadas. – Ele levantou-se para apanhar mais um pouco de ensopado. – Acho que meu pai tinha razão, sabia? Ele costumava dizer que eu era o melhor do mundo em dar e receber pancadas e, no fim, acho que tinha razão. *Iac, meu filho... você é um campo de músculos e um mar de ignorância.* Essas foram sempre suas palavras. Por isso, resolvi deixar tudo e ir atrás do meu real sonho.

– De mudar-se para a capital...? – arriscou Mirta. – Acho que aquela armadura na sacola não veio à toa, não é?

– Precisamente – falou, orgulhoso. – Decidi me tornar um cavaleiro da guarda.

– É uma grande ambição, Iac, não podemos negar. Como pretende conseguir isso?

– Essa é a parte boa. Parece que os deuses sorriram para mim, depois de todos esses anos. O rei abriu um concurso anual, onde pessoas de toda Virídea podem se inscrever e participar. Uma oportunidade única!

– Não diga... – Ela havia realmente ouvido rumores a respeito, mas nunca os levou a sério.

– Sim, um torneio de combate corporal. Me preparei como um louco e... perdoe minha falta de modéstia, mas acredito que esteja pronto, Srta. Mirta. – Com o pote no colo, ele esfregava os dedos, empolgado. – Sinto que chegou a minha vez!

– Me parece que sou obrigada a concordar – sorriu ela. – O tal torneio abre vagas para todas as unidades?

– Para todas, não. A Ordem Branca permanece como guarda especial de elite. O que inclui o grupo de busca, do comandante Hillel, e as unidades de infantaria. Quanto ao restante, como a guarda distrital, as tropas de rua, cavalaria e a ordem do passadiço, pode-se candidatar a todas.

Mirta piscou os olhos, impressionada.

– Parece saber bastante sobre os exércitos Tulumenses... como é possível?

– Sei o que está pensando – ele abanou a cabeça, rindo. – Pareço estúpido demais para aprender e, na maioria das vezes, sou. Mas algo dentro de mim me diz que aquele é o meu lugar, sabe? Desde criança venho devorando os glossários militares e as enciclopédias bélicas. Estou lhe dizendo, Mirta... Sinto mesmo que chegou a minha hora.

A vida era mesmo um buquê de surpresas, pensou ela. Iac não era tão estúpido quanto aparentava, apenas não recebera treinamento direto em seus talentos. Essa era a forma mais comum de se acabar com o futuro dos filhos.

– Cró! – grasnou Cerúleo, dando um susto na garota.

– O que é, seu ganso adoecido?

– Cró! Cró!

Ela ouviu atentamente as palavras de Cerúleo. Ele havia dado uma excelente ideia! Como ela não pensara nisso antes? Com certa ansiedade, ela levantou-se da pedra e passou por Iac, que ainda devorava um punhado de carne no pote.

– Espere aqui, Iac. Quero que veja algo.

Ela caminhou até a carruagem, entrou e passou pelo assento do condutor. Em seguida, abriu um compartimento de utensílios manuais, que ficava à direita. Tateou rapidamente, à procura do brasão que Brinaff lhe dera, e o removeu de lá. Fechou o veículo e voltou até a fogueira com ele em mãos.

Mirta sentou-se ao lado de Iac e estendeu a mão, mostrando o objeto. O homem era tão grande que a sombra projetada na pequena detetive fazia lembrar um carvalho ou aveleira.

– Sabe me dizer de onde vem isso? – perguntou ela, sentindo um leve comichão na barriga.

Ele limpou as mãos enormes e apanhou delicadamente o brasão, trazendo-o para perto dos olhos. Depois de alguns segundos, declarou:

– Esse é fácil.

Mirta fechou os punhos, apertando os dedos. Era o que ela temia. Se ele conhecia o objeto, isso devia significar que ele vinha da capital.

– É um brasão da Ordem Branca – falou, finalmente. – Onde o conseguiu?

Mirta o apanhou de volta, guardando-o no bolso do vestido.

– Um certo... conhecido o conseguiu em uma de suas aventuras. Ele foi atacado por um bando de soldados, e eles tentaram capturá-lo.

– Céus... Sinto muito por ele, mas, se Hillel está em seu encalço, seu amigo pode despedir-se do mundo. – Iac franziu o cenho e a encarou de cima para baixo. – É uma espécie de criminoso ou algo assim?

Mirta achou melhor não entrar em detalhes.

– De forma alguma. Pareceu-me ter se tratado de um engano, e o liberaram, no final das contas.

– Acho melhor pedir a seu amigo que lhe conte a versão verdadeira – disse Iac, voltando a comer. – A Ordem não prende bandidos comuns e muito menos se engana tão fácil. Até aí ficaria... digamos... aceitável de se acreditar, mas seu amigo roubou o brasão, disso não há dúvidas. Ele está em sérios apuros, se quer minha opinião.

– Pois é aí que eu queria chegar. E se eu dissesse que levo em conta, sim, que meu amigo possa estar em alguma enrascada, mas que de alguma forma eu acabei caindo no meio do fogo cruzado?

– Está querendo dizer que a Ordem veio atrás de você, em consequência das armações de seu amigo?

– Mais ou menos assim. Os homens que me perseguiram não se pareciam em nada com a descrição que ele me deu. Não usavam armaduras brancas ou algo que tivesse a menor semelhança.

– E não precisariam... se forem do grupo de busca, por sinal os mais perigosos, só usam armaduras pesadas em missões de alto risco. Se tiverem de fazer rastreios em alta velocidade, com toda certeza as evitariam.

Fazia sentido. Contra Brinaff equiparam-se da melhor forma, visto que se tratava de um dragão. Uma vez fracassada a missão, colocaram roupas leves, como cotas de malha, pois a caçada dessa vez seria contra um lagarto sem asas e uma garotinha indefesa. Iac tinha razão. Os homens em sua casa deviam ser do grupo de Hillel, o comandante do grupo de busca.

– Acredito que não tenha cometido algum crime – continuou Iac –, mas duvido da integridade de seu amigo, seja lá quem for. Deveria fazer o mesmo.

– Pode ser que tenha razão – Mirta respondeu automa-ticamente, mas seu pensamento estava em outro lugar. Com a precisão de um maestro, Cerúleo assustou-a novamente:

– Cró!

– Eu sabia que diria isso – respondeu ela, com um princípio de sorriso brotando nos lábios –, mas não.

– Cró! Cró!

– Está enganado. É *precisamente lá* que estaremos mais seguros. – Ela virou-se para Iac e seus olhos brilhavam por baixo dos óculos. – Iac, quanto tempo falta para a inscrição do torneio?

– Bem... – Ele fez algumas contas na cabeça. – Segundo meus cálculos, são dez dias, contando a partir de amanhã.

– Pois ouça minha proposta: tenho medo de que tais homens voltem a me atacar, pois eles nos machucam primeiro e depois fazem perguntas. Tenho aqui – apontou para a carruagem – um veículo seguro e de velocidade constante. Posso lhe assegurar que não nos deixará na mão, pelo contrário. Nos levará aos portões de Tulma antes do tempo programado. Com a canoa, poderá enfrentar tempestades, mau tempo, mosquitos, doenças, vento traiçoeiro ou qualquer outra coisa que o atrapalhe no processo de navegação. O que peço em troca é que seja meu guarda-costas no caminho. O que acha?

Iac coçou a cabeça. Não parecia muito entusiasmado.

– Não sei, não... detesto a ideia de me deparar com a Ordem pelo caminho...

– É apenas como precaução! Estou viajando há três meses – mentiu descaradamente – e não sofremos qualquer abordagem. Vamos lá, Iac, é sua oportunidade!

– Talvez tenham perdido seu rastro, por mais que eu não acredite nessa hipótese. Além do mais, nas estradas principais o risco é infinitamente maior.

Ele tinha razão. O idiota não era tão idiota quando ela queria. Mas Mirta estava absolutamente decidida:

– Imagine se uma virada de maré ou maresia salgada enferruje a sua armadura! O que fará?

Iac pensou na possibilidade, e, pela forma como suas feições se distorceram, não gostou nem um pouco. Por fim, acabou balançando a cabeçorra para frente e para trás.

– Está certo, então! Vamos chegar mais cedo em Tulma. Quando partimos?

Ela ajustou os óculos e jogou os cabelos para trás.

– Que tal agora?

24 – PÓ EXPLOSIVO

O rei Silkai tombou a cabeça para trás, a ponto de ser engolfado pelo tédio. Descobrira algo capaz de ser ainda mais insuportável que seu servente, Fleros. Era quando Fleros se juntava a um comerciante maluco para tentar convencê-lo de algo. Ele revirou os olhos para as duas amas, checando se elas também sofriam de aborrecimento, e as vozes entravam estridentes em seus ouvidos, uma mais aguda que a outra:

– Majestade – o comerciante era um velho conhecido como Dr. Polemides. Na verdade, tratava-se de um cientista. Tinha no rosto dois óculos de aros finos e redondos, grandes demais para sua cabeça. Os cabelos pareciam feixes de feijão em vagem, arrepiados para todos os lados e com cor de areia. Havia uma discreta bancada de madeira montada diante do trono, e ele segurava nas mãos um pote de vidro, cheio até a metade com pó escuro e tapado com uma rolha larga –, pense nas infinitas possibilidades! Quando esse produto alcançar todas as casas da capital, teremos uma revolucionária mudança nas atividades diárias. Tarefas como acender o fogão, o cachimbo, ou inclusive a cremação, se tornarão instantâneas! Até mesmo as funções militares, e essas são as que devem atraí-lo ainda mais, ganharão muito mais peso. Imagine como funcionaria uma barricada flamejante de combustão instantânea!

O rei coçou o rosto e pensou no que responder. Queria mesmo é que o próprio homem desaparecesse de sua frente em combustão instantânea, isso sim. Silkai correu os dedos pelo trono e os tamborilou sobre os adornos zelosamente polidos, chifres grandes e vermelhos.

– Não sei se estou plenamente convencido da utilidade de seu produto, Dr. Polemides. Me pareceu um tanto perigoso, não acha? A cidade é repleta de crianças, e prezo muito pelo bem-estar de meus súditos.

O velho retirou um lenço puído do bolso e o esfregou discretamente sobre a superfície da madeira, onde havia um círculo negro de fuligem.

– Permita-me intrometer-me, sua Majestade Branca – Fleros já se adiantava, em auxílio do velho –, mas creio que o Dr. Polemides não fez mais do que demonstrar a real capacidade de seu produto. Veja o senhor, podemos

criar uma espécie de dosador, como um saleiro, para que as atividades de casa sejam reduzidas a meras... pitadas. – Ele estendeu a mão aberta, com a palma para frente. – Não responda ainda! Quer dizer... quem sou eu para dizer o que o rei deve fazer ou não, mas apenas peço, com toda humildade herdada nas ruelas do porto, que me ouça por um instante. Tente imaginar um morador de casta simples, como... – Ele correu os olhos pela sala, procurando um voluntário. Só havia dois soldados, o velho, o rei e as amas – como eu. Estou em minha casa, cuidando de meus quatro filhos pequenos, e não tenho tempo para cortar lenha... É uma cena fácil de imaginar, e tenho certeza que o senhor tirou de letra, visto que os cérebros mais brilhantes do globo curvam-se diante de sua excelência e primor. Então, o que fazer? Penso eu...

– Fleros... – o rei apertava um dos chifres com muita força. Afrouxou os dedos, antes que o deslocasse do lugar. – Só vou dizer uma vez. Cale-se.

Fleros baixou a cabeça imediatamente e cruzou os braços para trás. O rei não ouviu mais uma palavra, mas teve a impressão de ver a boca do serviçal continuar se movendo.

– Majestade – adiantou-se o Dr. Polemides –, peço humildemente que permita-me fazer somente mais uma demonstração.

O rei esfregou os olhos e respirou fundo. Em seguida, repassou em sua mente o que teria de fazer no decorrer do dia. Ser lavado pelas amas, e todo banho era um suplício, pois sempre davam um jeito para que algo desagradável acontecesse a seus cabelos. Havia também uma reunião do mais sólido enfado, onde repassaria os relatórios do tesouro aos representantes de distrito. Gherda provavelmente apareceria para o chá semanal, e suas observações ácidas certamente ajudariam a dar um pouco mais de cor ao dia, mas não era certo se ele viria. Andava muito ocupado com o recrutamento dos novos funcionários da fortaleza.

– Pois bem, Dr. Polemides – o rei estalou os dedos das mãos –, seja breve e limpe essa bagunça em seguida, por gentileza.

– Certa e absolutamente, Majestade! – O velho emper-tigou-se, animado, e estalou os dedos em direção à porta de entrada, que estava entreaberta. – Ulla, pode entrar, faremos o *petardo*!

Uma moça entrou na sala, e o rei ajeitou-se na poltrona quando a contemplou. Era um palmo mais alta que o Dr. Polemides. Tinha os cabelos escuros, cascadeando do lado esquerdo até as escápulas, e raspados quase rente à pele do lado direito, perto das orelhas. Deu passos firmes e elegantes

em direção ao velho, e Silkai notou como suas pernas ficavam à mostra, devido aos cortes cavados no vestido.

Apesar das vestimentas um tanto excêntricas, o rei achou que ela não tinha as feições gastas e insolentes das meretrizes; pelo contrário. Ela emitia a aura de quem nunca ergueria o tom de voz, e isso o agradou muito.

– Quem é essa agradável senhorita? – perguntou Silkai, sem desviar os olhos da moça.

– É minha filha e ajudante, Majestade – completou o velho, com orgulho na voz. – Será uma grande cientista um dia, não tenho a menor dúvida.

– Majestade Branca... – A moça fez uma reverência diante do trono.

Silkai estufou ligeiramente o peito e acenou com a cabeça. Sabia que sua figura alva, em contraste com os chifres e escamas de dragão do trono, formava uma imagem esplendorosa e irresistível.

– À vontade, Srta. Ulla. Prossiga com o experimento, por gentileza.

O velho abaixou-se e apanhou em sua bolsa um objeto redondo, envolvido em tiras marrons, como couro curtido. Era do tamanho de uma maçã e exibia um fio de barbante projetando-se da parte de cima. Ele fez um sinal para que a filha se posicionasse de um lado da sala e deu passos para trás, até que estivessem a certa distância um do outro.

– O que temos aqui nessa esfera, Majestade – começou o velho –, é uma alta concentração do pó-de-fogo que mostrei agora há pouco. Essa quantidade é capaz de derrubar um pequeno casebre, ou abrir um buraco em uma murada de três blocos.

Os soldados ficaram em alerta, e Silkai estendeu a mão para frente, pedindo-o para que parasse de falar.

– Dr. Polemides... – falou o rei, pausadamente. – Certamente não pretende fazê-la explodir em meu palácio, eu espero.

O velho riu e atirou a bola para o alto, deixando-a cair nas próprias mãos. Fez isso repetidas vezes, e Fleros dava passinhos para o lado, em direção à porta.

– Não creio que gostaria de ver minha adorada filha – falou o velho – feita em pedaços, Majestade. Não se preocupe. Nada nos ocorrerá. O que desejo demonstrar – apontou para o barbante na ponta – é justamente a segurança do dispositivo. O pó não é capaz de detonar por si só, a não ser que sofra atrito *ao mesmo tempo* em que é exposto ao ar. Lembra-se?

Ele pegou uma pitada de pó em cima da bancada de madeira e atirou no

chão. O piso foi iluminado imediatamente por uma breve chama, que se dissipou no ar.

– Portanto – continuou –, enquanto tiver o lacre, nada pode acontecer.

Ele atirou a bola nas pernas da filha, do outro lado da sala. O objeto rebateu e caiu rolando no chão, intacto. Silkai demorou um segundo a mais para desviar os olhos da moça.

– Se quiser fazer um comboio repleto de inimigos voar pelos ares, Sua Alteza – concluiu o velho, com a voz dramática dos artistas –, basta remover o barbante. É a última palavra em armas militares, posso lhe assegurar.

– Eu disse que o homem era um gênio, Majestade – Fleros começou a bater palmas irritantes. – Eu disse! Mas o senhor tinha razão em não me ouvir, como sempre. Não é prudente tomar decisões baseadas na própria emoção ou no testemunho de outrem. Tulma se tornará o baluarte das terras dos homens!

– Fleros...

– Sim, Majestade. Não falarei mais.

– Dr. Polemides – prosseguiu o rei –, sua invenção é decerto uma obra muito engenhosa. Qual seria a proposta inicial que tinha em mente, quando veio me procurar?

– Obrigado pela chance de negociar, Sua Alteza. Não procuro por riquezas, minha vida é boa por si só, quando estou em minhas bancadas de experimentos. Descobrir novas tecnologias é o que me move. Contudo, não é possível que eu produza o pó por demanda e o entregue, pois as matérias-primas são escassas e esparsas. Podemos contar com todo nitrato de potássio do mundo, mas conseguir enxofre em Virídea não é tarefa para o dia a dia de um velho.

– Vá direto ao ponto, Dr. Polemides, por gentileza.

– Pois não, Majestade. Dê-me recursos e matéria-prima, e lhe entregarei seus estoques por demanda. Forneça-me entregas semanais em barris ou caixotes fechados e providencie também mão-de-obra extra. De preferência, estudantes promissores de alquimia e química de componentes.

O rei fingiu pensar por um instante, para não parecer fácil demais.

– Não costumo tomar decisões sem antes ouvir os conselhos de Gherda, mas hoje abrirei uma exceção. Tenho certeza que ele não se oporia a uma tecnologia tão inovadora e útil para a capital. – Silkai deu uma última olhada

em Ulla. Ela parecia legitimamente feliz pelo pai, e ficava ainda mais bonita quando tentava disfarçar o sorriso. – Então estamos acertados! Deixe seu endereço e de suas instalações com o secretário, para que eu possa enviar meus emissários para detalhes futuros.

O cavalo estacou de frente para os portões ao sul da capital, levantando poeira com os cascos. O sol batia sem piedade no ouro que detalhava a madeira. Os blocos de calcário e mármore dos muros faziam suas vistas doerem ainda mais. Ele não aguentaria muito mais tempo. Olhou para cima e viu os guardas no solo apontarem suas lanças e os quatro soldados no alto da murada posicionarem suas bestas, de forma ameaçadora.

– Quem é você, viajante? – perguntou um dos guardas, aproximando-se. Pela forma como ele refreou os passos e seus olhos abriram-se, podia-se notar que tomara um susto com a aparência do homem.

– Não está me reconhecendo, imbecil? – rosnou o homem no cavalo, mostrando um pequeno objeto de identificação nas mãos. – Ah, droga, meu peito! Ande, abra logo essa droga, antes que minhas costelas perfurem o fígado. Está difícil respirar!

– Sim, senhor, perdoe-me! – gaguejou o guarda, vi-rando-se para os outros. – Abram, abram! Ele precisa ver um médico!

O homem escoiceou o cavalo e atravessou as enormes folhas dos portões. A sombra parecia melhor do lado de dentro. As narinas estavam muito entupidas de sangue seco, mas tinha certeza de estar exalando um cheiro pútrido. Os outros guardas o encaravam em um misto de repulsa e espanto.

– Obrigado, idiotas!

Devo estar realmente um caco. Espero não causar um colapso em uma daquelas velhas quando eu passar pela praça central.

– Quer que mandemos avisar o rei de sua chegada? – perguntou um deles.

O homem lançou-lhe um olhar reprovador. Os olhos exibiam um brilho avermelhado em decorrência dos vasos sanguíneos arrebentados. Os cabelos enrolados estavam empapados de gordura, suor e areia, e não cobriam as equimoses inchadas no rosto. Mas esses eram machucados leves em comparação com os do tórax, rasgado em vários talhos e com inchaços nas laterais, provavelmente devido a um princípio de hemorragia interna.

Nas testas dos soldados estava nitidamente escrito:

Como esse infeliz ainda está vivo, e falando?

O cavalo trotou desajeitado pelas ladeiras de pedra, fazendo o homem contorcer-se e quase cair do assento. Mas ele não cruzara tanto terreno, enfrentando a morte por dias a fio, para morrer antes de falar com o rei.

Passou pela praça, sentindo os olhares quase palpáveis dos transeuntes, e também ouvindo seus cochichos. Estavam horrorizados pelo morto-vivo que andava a cavalo, e não era para menos. Subiu a via principal, e já podia avistar, depois da quebra da ladeira, os topos brancos das fortalezas gêmeas despontando no céu. Faltava pouco.

Gherda deixou a sala do secretário sem concluir a frase. O homem permaneceu ainda um tempo com a pena nas mãos, esperando pelas instruções, mas o conselheiro o ignorou. Ouvindo o burburinho das ruas, ele deixou o cômodo, desceu pelo corredor de entrada e pediu aos guardas para que abrissem a porta da frente.

A luz do dia incomodou suas vistas, e ele esperou um instante, cobrindo o rosto com uma das mãos. Quatro soldados cercavam um cavalo que parecia carregar um homem enorme e, aparentemente, muito ferido. Um círculo de pessoas curiosas fechava-se em volta deles, cochichando e fazendo especulações.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Gherda, em voz alta, chamando a atenção dos soldados.

– Esse homem diz querer falar com o próprio rei – falou um dos soldados, ainda apontando a lança para o cavaleiro.

Gherda empurrou algumas pessoas e chegou mais perto. De fato, o homem estava praticamente morto, apoiado pela sela da montaria. Mas o conselheiro, por mais que tentasse, não o reconheceu de forma alguma. Ele estava muito deformado. Para dizer a verdade, mesmo a mãe dele teria dificuldades em identificá-lo.

– Gherda, seu careca maldito – grunhiu o homem, fazendo bolhas de sangue com os lábios. – Diga a esses emprestáveis para saírem do meu caminho.

– Mas quem é você, cavaleiro? – perguntou Gherda.

– É um bandido! – gritou uma mulher.

– Calem-se todos, ou mando prendê-los! – ordenou o conselheiro. – Vamos, cavaleiro, preciso que me diga o que quer, para que possa mandar os soldados se afastarem.

O homem estendeu o braço, e sua mão enorme, calçada por uma luva, revelou um objeto branco e brilhante. E Gherda soube quem era.

– Pelos céus... o que fizeram com você? Onde estão os outros?

– Os mataram, os desgraçados. Eu os quero em pedaços, Gherda... – rosnou, salivando. – Coloque-me diante do rei, é para isso que voltei!

– Mas você precisa...

– Faça esse favor a um camarada semimorto, seu maldito cafetão! Estou viajando assim há dias! Não vejo comida há dois!

Silkai caminhava lentamente em direção à porta. Suas amas seguravam seus cabelos, e era hora do maldito banho. Ia devagar, para não acontecer nenhum incidente desagradável, quando alguém socou a porta pelo lado de fora, quase fazendo-o tropeçar de susto.

– Majestade, sou eu, Gherda!

– Abram – ordenou o rei aos guardas.

Gherda entrou e imediatamente estacou diante da porta. Silkai achou que seu rosto estava pálido demais. O conselheiro não vinha com boas notícias.

– Perdoe a intromissão, Sua Majestade. Há alguém aqui com notícias de seu interesse. Posso mandá-lo entrar?

Silkai fez uma careta.

– Eu tenho escolha? – Ele esperou até que Gherda se sentisse suficientemente desconcertado e concluiu: – Mande-o entrar, desde que seja breve.

Gherda fez um sinal, e o homem enorme entrou, se arrastando. Andando a pé ele parecia ainda mais machucado. Tinha pelo menos uma das pernas quebradas, e as botas encharcadas de sangue seco. Ele freou, antes de pisar no carpete do rei, e mantinha a cabeça meio abaixada, num gesto mecânico que fazia em portas comuns. Mas a da sala do trono era alta demais, até mesmo para ele.

– Quem é esse homem? – perguntou o rei, enojado, lutando para não tapar a boca com uma das mãos.

O homem fez uma reverência sofrida e atirou um brasão branco no carpete real. Logo depois, enfiou a mão no bolso e retirou mais três, que também foram ao chão.

O rei abriu os olhos ao máximo quando entendeu.

– A Ordem Branca... – balbuciou. – E você deve ser...

– Mulle, majestade. – Ele tossiu, cobrindo a boca com a mão, e a escondeu em seguida, para ocultar os perdigotos de sangue. – O resto está morto. Jogaram-nos de uma ribanceira para sermos devorados pelos urubus, mas, até para a minha própria surpresa, consegui escapar. Acho que vaso ruim realmente não se quebra...

– Quem fez isso? – grasnou o rei. – Não estavam atrás de um dragão moribundo?

– Um dragão moribundo e uma garotinha pequena. – Mulle respirou rapidamente algumas vezes, para recobrar o fôlego. As respirações profundas eram impossíveis a essa altura. – É com vergonha que admito, Majestade, mas foi o que aconteceu. A garota não ofereceu muito risco, mas o tal dragão, o mensageiro, é um emissário da morte, Sua Alteza. Nos pegou de jeito, mesmo sem as asas.

– Incompetentes... Mataram a garota, pelo menos?

– Não. Matamos sua avó e ela entrou em choque. É uma tal de Mirta Vento Amarelo, parece que é uma figurinha aqui na capital. Uma estudiosa ou algo assim.

O rei começou a caminhar de um lado a outro, dando trabalho para as amas.

– Essa garota é problema – pensou em voz alta. – Ela sabia quem eram vocês?

– Se sabia, não deu o menor sinal.

– Menos mal. Ela não pode associar meu nome com o que aconteceu ao dragão, estão me ouvindo? Seria um caos! Todos os malditos acadêmicos e escolares carregam água na peneira por causa dessa fedelha!

– O que devo fazer então, Majestade? – perguntou Mulle, fazendo força para manter os olhos abertos.

– Você, trate de ficar vivo, pelo menos. Podemos usá-lo no futuro. O dragão pode ser um problema. Se chegar às Geleiras e abrir o bico, pode colocar tudo a perder.

– Majestade – interrompeu Gherda –, se estão viajando juntos, o mensageiro não levaria a garota para as montanhas. Principalmente agora que ela perdeu a avó. Ele deve sentir uma certa responsabilidade em protegê-la. Acredito que possam estar em qualquer lugar civil, mas não lá, na minha modesta opinião.

– Pode ter razão, Gherda – concordou Silkai. – Pode ter razão... De

qualquer maneira, não quero esperar para ver o que acontece. Esses dois já deviam estar mortos há semanas! – Apontou o dedo para o conselheiro. – Mande colar avisos por toda a capital. Darei uma recompensa farta em ouro para quem me trazer as cabeças desses dois! Essa pirralha tem de ser eliminada!

25 – QUEIMA DE CARCAÇAS

O grupo de busca voltou para o platô onde tinham abatido os carcajus. Valdor ainda mancava, apoiado nos ombros de Iva, e o comandante dava passadas largas para frente, com semblante compenetrado. Lumuir terminou a subida e bateu os pés em uma superfície rochosa, para tirar um pouco da neve das botas. Era inútil, ele sabia. O platô era outro mar repleto dela, ainda fresca.

Ele contemplou os oito carcajus abatidos e olhou para a parede de pedra chata à frente deles. Os filhos da mãe agora haviam aprendido a emboscar também. Quem diria que furariam buracos na neve e saltariam direto do segundo andar? Era uma pena terem de contar apenas com eles para executar o plano da carne envenenada. Lidar com uma matilha de lobos subitamente parecia mais interessante.

Mas não era esse o único aspecto desagradável da missão. Um certo pensamento não saía da cabeça de Lumuir, e nada o convencia do contrário. Em poucas semanas, haviam perdido um valoroso soldado, Kormel, e agora a moça, Nil, quase fora devorada. Ela não deveria nem ter vindo, para começo de conversa, mas não merecia ter se machucado tanto. Era apenas uma garota.

Lumuir olhou para o céu. Faltavam horas para começar a anoitecer, mas o véu sobre as nuvens parecia um invólucro de chumbo. Os deuses não estavam felizes, isso era certo. Não se entra nas Geleiras para machucar o rei dos dragões. Não se toca no rei dos dragões.

Torcendo os lábios e cuspiendo no chão, o corpulento soldado sabia que, mais cedo ou mais tarde, todos pagariam por isso.

Enquanto o comandante não dava nenhuma ordem, Lumuir resolveu sentar-se sobre uma pedra. Ajeitou-se numa posição pouco confortável, de modo que pudesse levantar-se e entrar em ação ao primeiro sinal. Enfiou a mão no bernal e apanhou um pedaço de pão seco, que começou a morder sem muito entusiasmo. Um gole de vinho acre desceria como néctar, pensou.

– Lumuir – chamou o comandante –, depois pararemos para a refeição. Preciso de você aqui.

– Desgraça... – resmungou, jogando o pão de volta no saco e espalmando as mãos cheias de farelo na calça.

Ele caminhou em direção a Hillel, mais ou menos no meio do descampado, e colocou uma das mãos na cintura.

– Pois não, comandante.

Hillel tinha uma das mãos no queixo, roçando na barba malfeita, e com a outra mão começou a apontar de um lado a outro:

– Esses carcajus mortos podem se tornar um problema. Preciso que os empilhe e queime.

– Comandante, com todo o respeito – quem falou foi Iva, que não estava muito longe dos dois –, uma fogueira nas carcaças não faria uma fumaça muito espessa? Acredito que não queiramos chamar muita atenção. Estamos bem próximos ao anel azulado.

– Você tem toda razão – concordou Hillel, virando-se para ele. – Ainda assim, uma fumaça que espante os animais ainda é melhor que uma pilha de corpos que atraem hordas de abutres-da-neve. Minhas ordens permanecem. Aproveite e ajude Lumuir na tarefa. Vou aproveitar esse tempo para refazer os curativos de Valdor. Perdemos muito tempo e precisaremos de todos com força máxima.

– Perfeitamente, comandante – falou Iva, com uma reverência. – Quais serão nossos próximos movimentos?

Hillel apontou o dedo em direção ao muro de pedra de onde saíram os carcajus. Um bloco cinzento e escuro, com amontoados de neve revirada nas plataformas superiores.

– Nada mudou depois do ataque. Ainda precisamos atravessar os túneis e convergir em direção aos platôs superiores. Lá será nosso ponto de encontro com as unidades e também o local do último posto de acampamento.

Lumuir coçou os olhos com as costas da mão. Eram fundos, cercados por uma olheira enegrecida, em forma de meia-lua. O rosto comprido e pálido parecia não ser capaz de muitas expressões faciais. Soltando o ar de uma só vez pelo nariz, ele abaixou-se, esticando os braços, e agarrou as patas do primeiro carcaju. Iria arrastá-los até o centro da clareira, depois montaria a fogueira mais vigorosa que a lenha local permitisse.

Como esses canalhas conseguem ser tão pesados num lugar onde quase não há comida?

Iva ajudava, pegando os dois membros do outro lado, mas seria melhor se ele não tivesse vindo. Estava tão calado que chegava a incomodar. Fora isso, ficava o tempo todo lançando olhares suspeitos em sua direção, como se o acusasse de algo que nem mesmo ele sabia. Aliás, pensando bem, todos andavam calados, ultimamente. Valdor era o único com quem Iva falava, e o mestiço também não andava com a rainha das simpatias. Lumuir ainda gostava de Sóz, embora ele fosse um canalha. Mas, assim como os outros dois, o rapaz tinha algum assunto secreto, só que com o gordão, e isso não era bacana.

Lumuir gostava de ficar só com seus pensamentos, mas não apreciava a ideia de ser ignorado. Algo andava muito estranho no grupo de busca.

– Tudo bem aí, grandão? – perguntou Iva, ainda esperando, segurando o animal meio suspenso pelas patas.

– Desculpe – riu Lumuir –, estava fazendo minhas três respiradas de força.

Terminaram de carregar o animal até o meio do terreno e caminharam em direção ao segundo. Estava uma verdadeira bagunça. O carcaju havia sido praticamente partido em dois, em um corte vertical. Duas metades, uma para cada lado, tombavam-se de barriga para cima, exibindo um ligamento de órgãos e intestinos entre as duas partes.

Lumuir fungou, soltando uma rápida risada, tentan-do não atolar o pé na poça de sangue. Isso havia sido trabalho seu. Lembrou-se de quando o animal ficara de pé, deixando o peito exposto, num claro convite à lâmina de sua espada larga. Tudo acontecera em um segundo.

Golpe de sorte... mas ninguém precisa ficar sabendo.

– Não vou sequer perguntar de quem foi – ironizou Iva, procurando alguma parte do animal onde pudesse segurar com mais firmeza.

Lumuir limitou-se a emitir um grunhido curto, con-cordando.

Algun tempo depois, Lumuir e Iva já observavam as labaredas ganhando altura e chamuscando os pelos dos carcajus. O cheiro era bem ruim, lembrava os abatedouros de porcos, quando preparavam o toucinho. Entretanto, não havia sido uma tarefa tão difícil quanto ele esperara.

Lumuir, com os braços cruzados, permanecia ao lado da fogueira, aproveitando todo o tempo que pudesse. O cheiro era insuportável, mas, depois de sentir o calor das chamas, ele decidiu que o frio era ainda mais.

– Ótimo, comandante – veio a voz de Valdor, da direção da murada. – Não se preocupe mais, estou novo em folha.

Lumuir olhou para trás e viu o mestiço vindo em sua direção. Mancava bem menos, em comparação com a última vez que checara. A metade de baixo da perna estava toda enfaixada com gazes novas e brancas. O nariz levava dois tufos de algodão, herança da cotovelada de Nil, mas ele parecia satisfeito. Ou talvez vinha com pressa esconder-se também do frio.

O comandante veio logo em seguida, guardando uma tesoura pequena em uma caixinha de mão. Olhou para Lumuir e falou, casualmente:

– Fizeram um bom trabalho, os dois.

– Não mais que minha obrigação, comandante – replicou. Iva também assentiu, respeitosamente.

Hillel acenou com a cabeça, deu mais alguns passos e parou ao lado de Lumuir. Olhou para cima, a fim de olhá-lo nos olhos e o polegar apontou para a fogueira. Perguntou, como se lembrasse subitamente:

– Estão todos os nove aí, não é?

– Nove?

Droga. Havia ainda outro carcaju, morto pelo soldado arqueiro, lá embaixo. Nem ele ou Iva haviam sequer se dado conta. Não existia a menor possibilidade de escapar da tarefa. Descruzando os braços, Lumuir balançou a cabeça, repreendendo a si mesmo, e afastou-se do fogo.

Desgraça...

Lumuir terminava de descer novamente a trilha. Pediu para ir sozinho, pois não aguentaria mais meia hora ao lado de Iva; esse detalhe ele preferiu omitir, é claro. Deu qualquer desculpa ao comandante, disse que trabalhava melhor sem companhia, ou algo que o valesse.

O solo estava mais macio do que da última vez, e suas botas afundavam-se até a metade, a cada passada. O rosto dele foi atingido por um punhado de flocos de neve, trazidos com violência pelo vento. Começava uma nevasca, e seria bom que terminasse logo o serviço. Retirou da bolsa um par de luvas de lã e as calçou, esfregando as mãos logo em seguida.

Olhando para o chão, quase não via mais os riscos de sangue deixados pela garota. Pobre infeliz... esperava que ela ao menos recebesse um bom tratamento médico, e que fosse em breve.

Começou a procurar pelo carcaju e não demorou muito a encontrá-lo. A

carcaça, porém, já começava a ser soterrada pelos flocos de gelo. Ele agarrou o couro do animal e, sem cerimônias, começou a puxá-lo, deixando um buraco na neve fresca.

Então ele se deu conta de que faltava uma das patas no animal. O que, à primeira vista, não chamou sua atenção. Ele simplesmente começou a revirar a neve, à procura do membro que estava faltando. Depois de um tempo, contudo, Lumuir começou a pensar que não fazia sentido terem cortado fora sua pata. Pelo que ouviu diretamente do soldado Svano, o animal fora abatido à distância, com duas ou três flechas. O comandante estava perto, assistindo a tudo, e também disse a mesma coisa. Nil estava muito fraco, e sua espada ficara para trás, recuperada depois pelo próprio Hillel e guardada.

Estranho...

Lumuir continuou procurando, revirando o solo com os pés, depois com as mãos, mas não encontrou a pata em parte alguma. Coçou a cabeça e resolveu que terminaria logo a tarefa e depois perguntaria ao comandante.

Então ele ouviu uma voz fraca, vinda de longe. Olhou para os lados, mas a nevasca engrossava, dificultando a visibilidade. Para trás, no sentido da trilha, não vinha ninguém.

– Quem está aí? – perguntou ele, já se levantando e levando a mão no cabo da espada.

E duas figuras surgiram da direção oposta, subindo a colina. Aos poucos, conseguiu divisar melhor as silhuetas. Um homem tropeçava, apoiado em um outro, que era muito maior. Ambos se arrastavam e cambaleavam, como se estivessem gravemente feridos ou perdidamente embriagados. E eram muito familiares.

Sóz e Dana? Estou vendo direito ou o frio congelou os meus miolos? O que fazem aqui a essa hora?

Lumuir soltou a espada e caminhou em direção aos companheiros, protegendo os olhos das rajadas da nevasca. Sóz e Dana o olharam de volta e fizeram um gesto largo, parecendo felizes por encontrá-lo ali. Ele acelerou o passo até eles, ajudou-os a andarem, dividindo o peso, e os conduziu até uma encosta, onde poderiam se sentar.

– Graças aos quatro você está aqui, gigante – balbuciou Sóz. – Talvez não conseguíssemos subir toda a colina por conta própria.

– Tentem não falar muito. Venham, apoiem-se aqui.

Dana encostou a mão no barranco da encosta e desabou primeiro, fazendo

uma careta expressiva. Ele agarrava a própria panturrilha, que exibia um rasgo feio, cheio de sangue viscoso e ressecado.

Sóz apoiou as costas e deixou o corpo deslizar para baixo. Seu braço estava em farrapos, escorrendo sangue através de três fendas profundas.

– O que diabos houve com vocês dois? – Lumuir começou a temer pela resposta.

– Fomos... – gemeu Sóz, exageradamente – atacados por carcajus. Talvez estivessem nos seguindo desde o platô.

– Céus... – Os olhos de Lumuir começaram a se abrir um pouco mais. – E quanto à...

Sóz e Dana trocaram um olhar desolado. Dana fez um sinal para que Sóz falasse primeiro.

– Nós a perdemos – disse o rapaz, baixando os olhos imediatamente. – Ela morreu.

– Querem ficar enterrados? – berrou o capitão Forg. Sua voz ecoava, ricocheteando entre as árvores e chegando muito mais alta que o normal. – Andem! Zano e Habass estão muito na frente!

Labal passou a mão áspera pelos cabelos crespos e volumosos. Uma nuvem de neve voou para o alto. O comandante Forg tinha razão. Tinham de correr se quisessem alcançar as outras duas unidades. Elas já começavam a subir as encostas do monte, e eles mal chegavam na borda da floresta.

Dois soldados mais jovens passaram depressa, dando-lhe ombradas grosseiras.

– Ei! – rosnou Labal. – Sua mãe não te educou em casa antes de vir bancar o soldadinho, não?

Completamente ignorado, Labal apoiou-se em uma árvore cascuda e pisou nas raízes do solo. O maldito líquen fazia o lugar parecer um escorregador de geléia.

– Devo estar ficando velho demais – resmungou para si mesmo. – Ou muito gordo. Mas nem que as cabras do conde comecem a botar ovos eu mexo na minha dieta.

Saíram finalmente para a claridade, deixando as últimas árvores. Nesse momento, Labal apertou os olhos e viu claramente as duas unidades, de Zano e Habass, subindo tranquilamente a encosta branca. Com exceção dos seis batedores, havia trinta e sete homens em cada grupo, num total de... Labal

coçou a nuca e resolveu que era melhor não tentar fazer cálculos de cabeça.

À esquerda da colina, imediatamente emparelhada, erguia-se uma monumental muralha de pedra. Um bloco retangular, escuro, que aplanava-se lá no alto, mesclando-

-se com os planaltos de neve. Era uma subida e tanto a que teria pela frente. A muralha projetava, em sua extensão, duas plataformas ou elevações. A primeira delas surgia depois de uma queda de cerca de seis metros, e a segunda, mais distante, ficava mais ou menos a vinte metros da borda.

A oeste, não muito longe de onde estavam, ele via o horizonte mais plano, um sinal de que haviam escalado quase toda a elevação das Geleiras. Mas ainda brotava do solo, afunilando-se até formar uma ponta arredondada, lisa e azulada, a montanha de Corff. Estavam assustadoramente perto.

Labal pensou em Nil. Especulou se ele, o desajeitado Joelho, estava gostando do que via. Rindo, o velho soldado decidiu que sim. Joelho era um sortudo, estava agora no grupo de busca e via a tudo em primeira mão. Estava muito bem protegido ao lado do comandante Hillel.

– Depressa – berrou outra vez o capitão Forg –, não quero ter de carregar ninguém para casa. Ainda temos de subir a encosta, contornar esse pequeno bloco de pedra à nossa frente, subir um ou dois platôs e então poderemos comer! Vamos!

Labal baixou a cabeça e sorriu, satisfeito. Nil, o sem-vergonha, já havia passado por tudo aquilo. Já devia estar descansando.

Próximo ao todo do enorme bloco de pedra, mais especificamente seis metros abaixo dele, repousava um amontoado de neve. O vento batia cantando lá no alto, assobiando uma nota aguda e assustadora. Uma coruja, absolutamente intrépida, permanecia pousada em uma das protuberâncias da parede. Nem a altura, tampouco a nevasca violenta, a intimidava.

Porém, quando o gelo fofo do piso da plataforma começou a se mover e retorcer, o pássaro piou e bateu as asas, intimidado. Achou melhor procurar abrigo em outro lugar.

Segundos depois, uma mão de mulher projetava-se para fora do monte de neve.

26 – PRECIPÍCIO

Nil gemeu e fez força com o ombro, a fim de apoiar o cotovelo no chão e levantar-se. Todo seu corpo estava anestesiado, coberto de gelo, e entrava neve pelos rasgos de sua roupa fina, deixando sua pele levemente azulada. Não sentia nada nas regiões onde fora machucada. Os dois calcanhares destroçados, a coxa esquerda com um talho de dois ou três palmos, além de inúmeras outras escoriações e lacerações pelo torso. Não sentia nada e, num primeiro instante, Nil temeu perder algumas partes do corpo para o congelamento.

Ela terminou de espalmar os flocos acumulados nos ombros e ficou de joelhos. Os braços tremiam tanto que chegavam a balançar, e seu queixo repicava, fazendo os dentes baterem um no outro, em velocidade. Ela levou muitos minutos até se dar conta do que ocorrera. Devia estar morta nesse momento, mas, aparentemente, e por muita sorte, caíra no monte de neve deslizada da plataforma.

Pensou em bendizer o patamar salvador, mas logo percebeu a dimensão do precipício em que se encontrava. Devia estar a mais de cem metros de altura e era possível ver toda a linha da cadeia de montanhas das Geleiras curvando-

-se no horizonte, misturada em um véu enevoadado. Dali, a vista mostrava a imponente montanha de Corff surgindo do solo, em toda sua nitidez. O anel azulado refletia o sol pálido, com um brilho acanhado, e estava muito acima do segundo monte mais alto. Atrás dela, o muro sólido subia uns seis ou oito metros. Seria impossível escalar de volta.

Nil Inclinou-se para frente com muita cautela, pois o piso de pedra estava liso e traiçoeiro. O vento forte também não ajudava. As palmas das mãos começaram a deslizar na superfície, e ela decidiu que seria melhor não arriscar qualquer movimento brusco. Nem se ela quisesse, pensou. Esticou o pescoço trêmulo para ver além da borda e avistou o patamar seguinte, logo abaixo. Que azar, era uma queda de uns vinte ou trinta metros. Seria morte certa, mesmo se pousasse novamente em outro montante de neve.

Recuando com movimentos muito cuidadosos, ela voltou e deixou-se

tombar de costas na parede do patamar. Nil olhou ao redor e estudou suas possibilidades. Já adianto, meus amigos, que nem mesmo os mais otimistas conseguiriam sacar ou apontar ali uma saída feliz e bem-sucedida.

E então recomeçou a nevasca, batendo agressiva na pele da moça, e não havia onde se esconder.

Era isso. Ela conseguira um destino pior do que estraçalhar-se lá embaixo. Estava presa numa prateleira de pedra de três braços por quatro e nunca sairia.

Lumuir arrastou as botas, sulcando a neve, e afastou as pernas, apanhando o animal morto pelas patas traseiras. *Que dia desgraçado*, pensou ele, com amargura.

– Desculpem-me... – explicou, meio sem jeito. – O comandante espera que eu apareça com esse último, aqui. A pira já está acesa.

– Pira? – perguntou Dana, com a voz limpa. Lembrou-mn nmjse em seguida de simular um pouco mais de dor. – Estão queimando os branquelos?

– Sim – Lumuir deu um puxão e o animal começou a deslizar. – Queria poder ajudá-los a subir, mas... sabem como é.

Dana e Sóz trocaram um olhar cheio de sombras, ao qual Lumuir não deu muita atenção, e apoiaram-se um no outro, levantando-se do chão. Deram tapas no próprio corpo, para espalhar os focos esparsos presos na roupa, e também começaram a se arrastar em direção à colina.

– Não há problema, morto-vivo – zombou Sóz, sem muita energia, sempre olhando para a carcaça do animal. – Tem razão em querer se apressar. Não queremos o comandante ainda mais nervoso por conta da notícia.

Lumuir parou por um instante e pensou em Nil. Era realmente uma lástima. Pobre garota.

– É... – foi o que disse, simplesmente. – Esperou até que os dois adiantassem um pouco, talvez para checar se estavam em condições de continuar por conta própria. Praguejou mentalmente contra a nevasca impiedosa, que o obrigava a andar de olhos fechados. Depois disso, voltou a inclinar o corpo e recomeçou a puxar o carcaju.

De costas, ele seguia puxando a carcaça colina acima. Olhava para trás de vez em quando, checando o solo onde pisava, e seu olhar cruzou-se com o de

Sóz. O rapaz parecia notar algo de estranho. E não seria para menos; o animal estava com os membros dianteiros esticadas acima da cabeça, afinal, e um deles mostrava o nítido corte na articulação, onde faltava a pata.

– Pois é... – Lumuir puxou o assunto. – Estranho, não? Quem teria cortado o carcaju morto e onde diabos foi parar essa pata?

Sóz demorou muito a responder, mas Lumuir julgou que fosse uma letargia, ou lerdeza, como ele diria, devido aos ferimentos.

– Está faltando uma pata? – Sóz olhou, com expressão de surpresa no rosto.

– E como não? – Lumuir apontou para o corte na pata do animal. – Isso é muito estranho, se quer minha opinião.

– Certamente a garota o cortou, enquanto lutavam, e não nos demos conta – raciocinou Sóz. – Essa neve é muito fofa, e a maldita nevasca está vindo de forma imprevisível. Eu não me surpreenderia se a pata estiver enterrada logo debaixo de nossos narizes.

Lumuir pensou na possibilidade, mas não concordava muito. Para não contrariar o companheiro, apenas acenou positivamente:

– Pode ser que esteja certo. Não sei por que me aborreço com isso ainda.

Como Lumuir esperava, Hillel não recebeu bem a notícia. Nada bem, na verdade. O comandante havia se aproximado de Sóz com rapidez e agarrado com as duas mãos os trapos de suas roupas. Chegou a erguê-lo no ar, a despeito dos ferimentos e aparente abatimento físico do rapaz:

– O que fizeram, seus animais? – rosnou, salivando por entre os dentes. Era possível ver os perdigotos voando de sua boca e pousando no rosto de Sóz.

Dana ainda havia tentado interferir, pedindo ao comandante que se acalmasse, mas acabou sendo empurrado e desabou no chão.

Lumuir preferiu só assistir, ao lado da pira. Não iria deixar as mãos virarem pedras de gelo só para defender os dois, que provavelmente mereciam a bronca. Valdor e Iva, por outro lado, trancaram o rosto e deram as costas aos dois colegas. A tensão entre os quatro já vinha crescendo há um tempo, e Lumuir não se espantou com a reação. Mas era uma pena, realmente. A garota não deveria ter morrido, e os culpados provavelmente eram eles, pelo menos em parte. Sóz e Dana eram profissionais e muito bem treinados. Proteger uma garota de um ataque era algo que se aprendia nos

primeiros vinte minutos de alistamento para o grupo de busca.

Sem contar a tal pata cortada do carcaju.

Desgraça... esse caso está fazendo meus miolos darem voltas.

Com o rosto vermelho de raiva, Hillel sacou a espada, sem mais nem menos. Por um momento, Lumuir pensou que ele fosse degolar os subordinados, pois nunca vira o comandante em tal estado emocional. Estava pior do que quando Kormel morrera. Mas no fim ele não tinha intenção de ferir ninguém. Hillel apenas afastou-se dos dois e seguiu em direção às entradas do paredão, de onde saíram os carcajus pela primeira vez, e onde Valdor havia sido atacado. Andava com passadas largas e pesadas, como se castigasse o solo por seus problemas.

Como ninguém o seguia, Hillel virou-se para o grupo e berrou:

– Se quiserem passar a noite aí mesmo, não se acanhem. Desmontem as barracas! As unidades esperam pelo tempo que for necessário do outro lado.

Todos os cinco recolheram seus pertences e foram atrás, sem dizer qualquer palavra. Sóz e Dana pareceram subitamente ganhar velocidade, e até pareceu que seus ferimentos estavam melhorando, o que, claro, não havia acontecido. Na melhor das hipóteses, eles iam somente infeccionar com o tempo. Valdor, ombro a ombro Iva, já conseguia andar sozinho, e Lumuir, por alguma razão, preferiu seguir ao lado deles. Só lamentou ter de sair de perto do fogo, que estava realmente reconfortante. De qualquer maneira, pensou ele, ia apagar em pouco tempo, mesmo.

Entraram todos novamente na escuridão das cavernas. Nenhum deles viu o momento em que a pata de carcaju foi jogada na pira, pouco antes.

O vento forte assobiou no alto da torre de pedra, e Nil despertou. Ela havia pegado no sono e abriu os olhos torcendo para que tudo não tivesse passado de um pesadelo. Desejou não ter saído do lado do amigo Labal, quando ainda fazia parte da unidade de Zano. Ele era um velho maluco, que sempre a matava de susto com suas aparições repentinas, mas ela sentia saudades. Ele certamente teria alguma solução para a situação atual, por mais impossível que parecesse.

Melhor ainda, Nil pensou, se ela nem tivesse aceitado o convite de Gherda para entrar na Ordem Branca. Mas isso implicaria que ela teria de ter se casado com o rei Silkai. Ela estremeceu ao pensar nele. Na forma com que ele a olhava quando ela foi até o salão de recepção falar com o primo.

– Como... – ela decidiu pensar em voz alta, para manter-se aquecida. Nesse momento, até mesmo a respiração começava a ficar pesada e endurecida. Podia estar perdendo os pulmões para o frio – Gherda, aquele maldito... consegue... – ela fez uma pausa, recuperando o fôlego – trabalhar para um homem feito Silkai?

Nil quase pegava no sono novamente, quando seus ouvidos acusaram um ruído estranho. Primeiro começou como uma série de batidas muito distantes e abafadas. Os ruídos vinham da superfície, seis metros acima de sua cabeça. Ela ficou parada, tentando identificá-los, mas estava muito longe, e os assobios do vento não ajudavam. Parecia, inclusive, que a parede atrás de sus costas vibrava discretamente, mas não soube dizer se era sua mente pregando peças.

Pouco depois, o vento deu uma trégua, apesar de a neve começar a cair mais forte, e aí sim ela ouviu vozes. De início, pensou que fora sua imaginação, como a dos viajantes sedentos num deserto, mas, depois, ficou difícil contestar. As vozes foram ficando gradativamente mais e mais altas. Em alguns momentos era possível identificar algumas palavras que eram faladas e trazidas no ar.

– As... unidades! – gaguejou, tentando colocar-se de pé.

O calcanhar latejou instantaneamente, como se ela recebesse uma facada nos tendões, mas mesmo assim, não caiu. As unidades estavam passando por ela! Labal estava por perto!

– Socor... – tentou gritar, mas a voz não saiu. – So... corro!

Estava meio rouca, e o vento começava novamente a assobiar de forma aguda. Nil começou a entrar em pânico. Eram poucos homens, passariam por ela em minutos, e fariam uma curva para o norte, sumindo para sempre. Ela sabia, passara por aquele trecho! A diferença é que não entrariam na garganta por onde desceu com Sóz e Dana, eles virariam à direita e subiriam outra colina, atingindo os patamares de cima. Só então parariam para descansar, quando se encontrassem com os homens do comandante.

Nil ajoelhou-se com dificuldade, cada articulação espetada por mil agulhas afiadas. Ela juntou as mãos, apanhou um punhado de neve e o modelou, até formar uma esfera mais ou menos redonda.

As vozes estavam muito claras, e ela reconheceu algumas delas. Eram os homens de Zano e Habass, na frente.

– Sem chances – dizia um deles. – a lebre é *sempre* de quem atira

primeiro, porque foi quem a viu!

– Ei, ei! – gritava outro, contendo alguma confusão. – Solte isso aí, rapaz! Quer que eu fale com o capitão?

– Ela me procurou... – confidenciou uma voz jovem. – Juro pelo rei!

Outros passavam em silêncio, em marcha constante.

– Socorro! – ela gritou. A garganta doeu com o esforço e quase não fez nenhum efeito. Seria melhor atirar a pelota de gelo.

Juntando toda força, o que não era muita, ela inclinou-se para trás e mirou para cima, atirando o objeto para cima. Seus ombros quase estouraram com o esforço, e o projétil não subiu muito mais do que um metro. Caiu de joelhos, ofegante, mas não desistiu.

Apanhou outro punhado de gelo e tentou novamente. Não conseguiu atingir sequer metade da altura.

– Por favor... – gritou ela, de forma inaudível. – Olhem para baixo...

Nil sentiu uma dor estranha percorrendo por sua espinha. Os pelos dos braços começaram a se eriçar. Era o pânico ao constatar que as vozes se afastavam e ela seria deixada para trás.

Apanhou mais gelo e fez uma terceira tentativa. Dessa vez, a bola de neve subiu menos que as outras duas. Era um sinal de que o corpo de Nil estava desistindo.

Para piorar, ela não podia dizer se a unidade de Forg já havia passado ou não, junto das outras. A colina era larga o suficiente para que as três caminhassem lado a lado.

Nil só precisou de alguns minutos para descobrir, pois novas vozes começavam a passar pela estrada, e suas esperanças se renovaram. Forg vinha por último! Ainda podia ser ouvida por Labal!

Com uma onda de calor atravessando seu corpo, Nil olhou para o chão, procurando não algo em específico, mas qualquer ideia que aparecesse. Se ela tivesse uma corda ou algo comprido, poderia, girando-a feito um laço, atirar algumas pedras para cima, e isso certamente chamaria a atenção de todos.

Mas ela não tinha.

De repente, suas sobranceiras elevaram-se, e seus olhos ficaram mais abertos. O pelego!

Mergulhando no monte de neve, ela começou a cavar com as mãos, procurando pelo cobertor de peles.

– Que... idiota... – gaguejou. – de-devia ter pensado.. nisso antes...

estúpida Mienil... merece mesmo morrer.

O pelego não era nem de longe tão útil quanto uma corda, e não serviria para girar e atirar pedras para o alto. Mas era feito para servir como capa, então tinha uma abertura para a cabeça. A parede de pedra era repleta de pequenas elevações, pequenos ressaltos de pedra pontiaguda, onde ela poderia segurar. A maioria era protuberante o suficiente para se apoiar pés e mãos, e ela era leve. Seu plano era jogar o cobertor para cima, torcer para que ele se agarrasse em uma dessas protuberâncias, e então subir.

Se tudo desse certo, com quatro ou cinco movimentos, ela estaria na beirada do precipício. Se desse errado, conseguiria ao menos atingir metade da distância e atirar algo para cima, para chamar atenção. Ou, quem sabe, ele rasgaria, derrubando-a de novo no monte de neve. Mas nessa última possibilidade ela preferiu não pensar.

– Enc... encontrei! – O cobertor estava quase branco, com farelo de neve grudado pelo tecido. Talvez ficasse um pouco escorregadio, mas essa seria sua melhor chance. Ela conferiu mais uma vez o tamanho da peça de couro e ficou satisfeita. Cobriria uma cama de casal e devia servir. Nil sentiu uma pontada de animação, e seus braços já se aqueciam, o que diminuía consideravelmente a dor.

Nil levantou-se no momento em que as vozes dos homens de Forg ficavam nítidas sobre sua cabeça.

– Ago... agora ou... nunca.

A parte esquerda da calça ainda estava intacta, e ela encheu os bolsos laterais de neve. Apoiou os pés, para não escorregar, e atirou o comprido tecido de couro. Ele deslizou sobre as pedras, ameaçou agarrar-se em algo e caiu de volta ao chão.

– Va.. vamos...

Ela tentou novamente, e a abertura do pelego encaixou-se em um ressalto pontiagudo. Ela girou e torceu o tecido até ele ficar trançado e então o agarrou com as duas mãos. Colocou o pé direito por cima de uma pedra na parede e tentou puxar o corpo para cima. O pelego começou a escorregar, mas ela segurou um ressalto acima da cabeça, antes que o cobertor se soltasse.

Pronto. Ela estava a meio metro do chão. Faltava um pouco mais.

Nil continuou tendo um sucesso modesto e em poucos minutos já estava a dois metros de altura. Era quase metade do caminho. A dor nas articulações,

contudo, passou a dar sinais mais violentos. O peito da moça já arfava de cansaço, e as vozes já iam distanciando-se. A última unidade ia ganhando terreno, deixando-a para trás.

– Preciso... continuar...

Fez o movimento mais uma vez, e subiu mais meio metro. Os joelhos queimaram. Os dedos das mãos davam sinais de endurecimento e, quando ela os abria e fechava, causavam dor lancinante.

Nil já não ouvia mais qualquer voz. Apenas um leve rufar dos passos, batendo graves em marcha. Já deviam estar fazendo a curva para a direita.

– Por favor... Labal, eu estou aqui...

Com os ombros congelados, ela girou o braço direito e atirou mais uma vez o pelego. Seus dedos a traíram e não seguraram firme o suficiente. Com o queixo aberto, ela viu o cobertor ser carregado pelo vento, bailando de um lado para o outro, passando pelo patamar de onde ela veio e desaparecendo na névoa.

– N... não... volte... aqui.

Suas pernas começaram a sacudir de pavor. Já não sentia as mãos, entorpecidas pelo frio. Quase não percebeu quando seu pé pisou em falso, fazendo-a despencar de volta na neve.

Meia hora havia se passado. Nil ainda estava deitada de costas sobre a neve macia, o rosto virado para cima, olhando o céu. Seus olhos eram duas manchas vermelhas no rosto, de tanto chorar. Era isso. Ela havia tentado, pelo menos.

Juntando suas últimas forças, Nil resolveu acabar logo com aquilo. Não fazia sentido agonizar de fome até a morte. Com as pernas bambas feito folhas de palmeira, ela tropeçou e caminhou passo a passo em direção a uma das bordas do patamar. Especulou se a queda seria suficiente para matá-la, pois não queria cair em outro monte de neve com o resto dos ossos espatifados. Isso sim seria uma morte lenta e agonizante. Depois disso viriam os carcajus, ou abutres, para devorá-la viva.

Mas não. Estamos falando de cem metros de altura. Nada sobreviveria àquilo.

Nil chegou a uma distância de um metro da beirada, e o vento bateu forte em seu peito, desequilibrando-a um pouco. Ali era ainda mais escorregadio. Havia líquen saindo da pedra no chão, e também na parede, além de

cogumelos minúsculos que conseguiram sobreviver naquele lugar tão inóspito. Dois troncos secos e finos mostravam que plantas maiores não tiveram tanta sorte.

Ela sentiu um peso incômodo na perna direita enquanto caminhava. Ainda estava com os bolsos cheios de neve. Torcendo os lábios para baixo, ela fez uma careta enojada e enfiou a mão para retirá-la. Mirou nos troncos secos e rosnou:

– Maldito lugar desgraçado – para sua surpresa, a voz voltara. Mas era tarde demais.

A neve espatifou-se na parede, mas aconteceu tão rápido, que Nil não teve tempo de reagir. Os troncos retorceram-se em um segundo e abocanharam o ar. Por dois centímetros não alcançaram o joelho dela. Nil deu um grito agudo de susto, que ecoou algumas vezes, ressoando pela parede. Sem controle, ela escorregou, tombou para o lado e bateu as costas na parede, com um baque.

Eram duas serpenplantas.

Recuperando-se do susto, ela respirou fundo algumas vezes e tentou voltar a se levantar. Então um tufo pesado de neve veio do alto e caiu sobre sua cabeça, esfarinhando-se para os lados.

– Quem está aí? – veio uma voz de homem, lá de cima.

E o coração de Nil disparou no peito.

27 – ÚLTIMO ACAMPAMENTO

Já era quase noite, e o sol flertava com uma paleta quente de cores, variando a cada poucos minutos tons de laranja, amarelo, violeta. O terreno era duas vezes mais largo do que o platô anterior, e também mais alto. As dezenas de barracas estavam montadas e prontas para uso, e foi necessário que os soldados escavassem a terra em cada lote, pois a neve fresca subira três palmos acima do esperado. Nesse momento, a nevasca havia dado uma trégua, e grandes fogueiras iluminavam o tapete branco, reluzindo e acendendo as silhuetas aliviadas dos soldados.

Lumuir, com uma caneca de líquido quente nas mãos, caminhou para longe do fogo e aproximou-se de um homem que se sentava mais afastado. Ele estava desolado, o pobre coitado.

– Labal, não é? – sondou o pálido gigante. – Eu... trouxe um pouco de chá.

Lumuir pensou em sugerir que ele se levantasse e fosse para perto do fogo, mas no fim permaneceu calado. O homem estava aborrecido por ter perdido o amigo, Joelho. Lumuir lembrou-se de como ele reagira quando as unidades chegaram. Quando disseram que Nil havia morrido, e que, além disso, era uma mulher, o velho ficou louco, literalmente. Não deviam ter dito isso, mas, como Lumuir gostava de pensar, havia filhos da mãe em qualquer grupo de humanos. Labal chegou a querer enfiar uma faca em Sóz e Dana, que já estavam sendo encaminhados para os médicos. Fora uma cena desgraçada, mas Lumuir entendia. Passar semanas no gelo, isolado do resto do mundo, podia fazer a cabeça de um homem saltar piruetas no ar. No lugar do velho, ele também ficaria furioso diante da negligência de Sóz.

Labal apanhou a caneca com uma das mãos. A outra segurava um pedacinho de madeira, que parecia esculpido. Ele a girava cuidadosamente entre os dedos. O velho percebeu os olhos de Lumuir no objeto e comentou, com a voz baixa:

– Joelho gostava de esculpir. – Sorriu e enfiou o objeto no bolso. – Eu não pensava em devolver, mesmo. Ele que fizesse outro.

Lumuir deixou os lábios subirem num sorriso disfarçado. O velho ainda

se referia a Nil como *ele*. Mas não diria nada. A cabeça de um homem depois de muitos dias no gelo... ele sabia como era.

– Está acabando – Lumuir sentou-se também, e ainda assim ficaria da mesma altura que um soldado de pé. – Sabe disso, não é?

– Sim – respondeu Labal. – Eu devia estar lá, cortando as peças de carne de cervo, mas acho que hoje eu não seria de muita ajuda.

– Não se preocupe com isso. Nem o próprio Forg mandou vir buscá-lo. – Lumuir olhou para as mesas de madeira espalhadas pelo acampamento. Estavam rodeadas de homens com facas nas mãos. Cortavam pedaços de carne, ensacavam e entregavam a alguém. – Além disso, são só uns dez ou doze animais. Em poucos minutos já terão tudo preparado.

– Tem razão. Acho melhor pensarmos em ir dormir. Amanhã é o grande dia. Sairemos antes de clarear, e vocês, do grupo de busca, irão na frente, provavelmente. Queremos chegar na boca do anel até o início da tarde.

Era verdade. Lumuir animou-se ao pensar que era sua última noite subindo montes gelados. Restaria só as missões de descida e caçada aos mensageiros. E há poucas horas haviam encontrado uma excelente trilha de carcajus nas redondezas. Deixariam os blocos de carne no chão, para que os animais apanhassem, e os seguiriam em silêncio até que subissem aos repositórios de oferenda. As unidades viriam logo atrás, cuidando para não chamar atenção, ou espantar os animais. Todos estariam de armadura branca, inclusive ele, e usariam peles claras por cima, para camuflar. Quando os carcajus depositassem a oferenda e se afastassem, os arqueiros das unidades estariam a postos para disparar flechas especiais nos blocos de carne. As pontas dos projéteis viriam com um saquinho feito de vesícula de porco, cheios de veneno de serpenplantas, que arrebentaria quando perfurasse o alvo.

Teria de dar certo. Por mais que detestasse a ideia, iriam envenenar o rei dos dragões e torcer para não matá-lo. Ele provavelmente sairia fulo da vida do covil, ao sentir que *temperaram* demais sua comida. Mas, a essa altura, as unidades já esperavam estar longe e fora das vistas do rei. Ele voltaria ao covil agonizando e chamaria por ajuda.

Em dois ou três dias, as Geleiras estariam infestadas de dragões de todos os tipos. As unidades caçariam os mensageiros e levariam as carapaças para Tulma, como o rei Silkai havia pedido.

Lumuir não entendia o que havia de tão importante nas malditas couraças,

mas, claro, nunca questionou o assunto. Ordens são ordens, e o comandante Hillel morreria por elas. E ele morreria pelo comandante, se precisasse.

– Por que não vai, Labal? – perguntou Lumuir, finalmente. – Digo, por que não vai se deitar? Amanhã precisaremos de você com os sentidos em dia.

– Forg não gosta de nos liberar sem antes dizer umas palavras, toda noite. Eu sei, ele se preocupa demais com o moral dos soldados. – Labal olhou para o horizonte. Era a terceira vez que fazia isso. – Dois dos três batedores de retaguarda são de nosso grupo. A noite só começará quando eles voltarem.

Lumuir também olhou. Ninguém vinha.

– Já deviam estar aqui, não?

– Eles andam separados, você sabe. Um deles já voltou há alguns minutos e foi direto para o destacamento de Habass. Os nossos homens, por alguma razão, estão atrasados. Podem ter visto rastro de lobos que nos seguiam ou algo assim. Mas que tomem o tempo que precisarem. Eles trabalham para a segurança do acampamento.

Lumuir assentiu com a cabeça, pois não tinha mais o que dizer. Inclusive, segundo seu próprio julgamento, havia conversado, só nesse dia, o suficiente para uma semana toda. Dando dois tapas amigáveis no ombro de Labal, ele levantou-se e esticou as pernas. Viu figuras entrando no acampamento, ao longe.

– Parece que se enganou, Labal – disse ele, apertando os olhos. – Os três vieram juntos. Seu raciocínio está tão lento, que contou errado.

– Do que está falando? – Labal se levantou e olhou também.

Os dois batedores entraram gritando algo. Vinham carregando um corpo magro, que parecia em frangalhos. Alguns soldados ao redor das fogueiras levantaram-se bruscamente e começaram a gritar também. Era possível ouvir o que diziam:

– Comandante Hillel, acharam sua recruta! Ela está viva!

Labal deixou a caneca cair das mãos. E os gritos continuavam:

– Chamem os médicos, depressa!

28 – NA ESTRADA

Mirta sorriu um pouco ao ver a forma como Iac estava desconfortável dentro da carruagem. Ele tinha de viajar meio dobrado para frente e, mesmo assim, sua cabeça encostava no teto. Toda vez que ele pensava em protestar, porém, ela o lembrava de como o havia convencido. O deixaria em Tulma em um prazo de seis dias, e não dez. Sem incidentes, atrasos ou complicações. E mesmo que ocorressem, havia tempo de sobra para resolvê-los. Como não? Ela era Mirta Vento Amarelo.

– Se... se... se... seis dias? – ele perguntava de vez em quando, gaguejando com os solavancos. – Promete?

– Nem um minuto a mais – respondia ela, disfarçando a vontade de cair no riso.

Era quase manhã, e os lagos ficavam para trás. O último corpo de água do majestoso lugar fechava sua borda na retaguarda da carruagem, e a estrada abria-se em uma via larga.

Adeus, vovó... voltarei todo ano para vê-la.

Ela olhou para trás, à esquerda, e viu que as Geleiras já voltavam ao normal. Uma hora de viagem depois, alcançavam as encruzilhadas. Amplas estradas de terra, que vinham forradas em muitos trechos por cascalho moído. Em outros, mantinha um padrão clássico, ressecado nas áreas onde passavam as rodas das carroças, e com tufo de capim crescendo em profusão no meio.

Mirta não pôde deixar de sentir uma certa emoção ao passar por ali. Afinal, estava nos lendários trechos onde Zaraff havia saqueado e pilhado livros em prol do conhecimento. Ela nunca mais veria a área com os mesmos olhos.

Inclinando o manche, ela tomou o caminho mais largo à esquerda, a via principal de comércio, ligando todas as cidades maiores de Virídea. De vez em quando cruzava com comboios transportando colhedores de trigo, ou carroças com coberturas de lona transportando damas exemplares, filhas de nobres. Em outros momentos Mirta cumprimentava homens de pele enrugada, trabalhadores rurais e caseiros de fazendas, e lembrava-se de Cal e Illyna. A Vila dos Porcos. O que andava acontecendo por lá? Se tivesse

tempo para fazer um pequeno desvio, seria agradável ver como andavam as coisas no rancho. Mas teria de ficar para a volta.

Quando o sol começava a perder a ternura no céu, e isso, no inverno, correspondia aos períodos entre onze da manhã e duas da tarde, Mirta viu uma carruagem vindo em sua direção. Era uma carroça militar, o chassi metálico não deixava dúvidas. Os cavalos frearam quando estavam quase cruzando com a carruagem, e um soldado, ficando em pé na traseira, fez um sinal para que ela parasse. Mirta não gostou nem um pouco disso.

– O que foi? – perguntou Iac. – Quem são eles?

– Cró! – grasnou Cerúleo, com as unhas cravadas no espaldar do assento.

Mirta tamborilou os dedos sobre o manche e sus-surrou:

– São guardas da capital. Pode não ser nada, mas não gostei do fato de terem me parado. Isso não acontece normalmente. Podem estar querendo inspecionar sua bagagem amarrada aqui em cima, mas não sei... não sei.

Um dos guardas desceu da carroça e contornou a carruagem de Mirta, aproximando-se de sua janela.

– Sorte que eu trouxe a espada aqui embaixo – murmurou Iac. – Devo atacá-los?

– Está louco? – Mirta correu os olhos pelo comboio, contando os soldados. – São cinco guardas. Nos fariam em pedaços!

– Para que me pediu para protegê-la, se vai me deixar ser preso? – reclamou o grandalhão. Talvez com o volume da voz alto demais para o gosto de Mirta.

– Silêncio, idiota!

O guarda colocou a mão no batente da janela e esticou o pescoço para dentro da carruagem. Demorou um tempo olhando tudo e depois virou-se para Mirta.

– Você é Vento Amarelo? É Mirta Vento Amarelo?

Ela desejou ardentemente dizer que não.

– Sou eu mesma – Será que podiam abatê-lo, ligar os motores e fugir? – O que desejam?

O homem tinha um fiapo de grama na boca. Ele o girou de um lado para o outro, com a língua, e abriu a porta do veículo.

– O chefe quer vê-la. Venha comigo.

Antes de descer do veículo, ela lançou um olhar para Iac, mas ele não pareceu entender. Bufando, deixou o guarda conduzi-la até a carroça, onde

estava o chefe.

– ...E o canalha não deu qualquer satisfação, simples-mente sumiu! – falava o oficial, com evidente irritação. Mirta torceu para que ele estivesse no final do relato, pois era um problema simples demais, e as pernas dela começavam a ficar dormentes, depois de meia hora na mesma posição. – Simplesmente não sei como proceder em um caso desse. Pelo menos não sem força militar!

Mirta colocou o indicador sobre os lábios. Ela poderia finalmente falar.

– Oficial Brum – começou ela, com uma carga de aborrecimento que aparentemente passou despercebida pelo homem –, dizem que quando você quer que alguém venha até você, o melhor não é puxar a pessoa com um laço, e sim restringir suas opções de caminho. Entende o que quero dizer? – Ela apanhou um graveto e começou a fazer riscos na terra empoeirada. Os outros soldados aproximaram-se, para ver de perto. – Corrija-me se eu estiver enganada. O mercador, o Sr. Bloo'reo, bloqueou essa e essa via de comércio, certo? Não conte mais com os moradores dos dois distritos, isso é conversa do passado.

– Cró!

Iac coçava a cabeça e olhava para o guarda ao lado, sem entender bem do que ela falava.

– Peça ao rei – continuou ela – para lançar embargos do lado oposto, em contrapartida. Em uma semana ele aparecerá na capital para tirar satisfações. – Ela jogou os cabelos para trás. – E o secretário poderá, finalmente, pegar a declaração do infeliz. Não é isso que querem? Ele não pode fugir debaixo de seus narizes.

Mirta deixou o graveto cair no chão, satisfeita. O oficial Brum inclinou-se levemente, com expressão agradecida no rosto.

– Não sabe minha sorte em poder cruzar com você, Srta. Mirta. Pelos quatro infelizes, o que eu quase fiz? Poderia ter iniciado uma guerra civil entre os dois distritos, desnecessariamente!

– Fico feliz em ajudar, oficial. Existe algo mais que eu possa fazer?

– Creio que é só, por enquanto, jovem. – O oficial fez um sinal para que seus homens voltassem para a carroça. – A propósito, como vai sua avó?

Mirta sentiu um aperto na garganta. Abriu e fechou os dedos, mas o oficial continuou falando:

– Diga a ela que, quando forem distribuir novamente em Tulma, que não procure mais o mercado das faias. Os dois donos fecharam o lugar, pois foram convocados para trabalhar na fortaleza do rei. Não se ficou sabendo, ele abriu uma dúzia de vagas.

Mirta suspirou e sentiu os ombros pesados.

– Direi a ela, oficial Brum. Obrigada pela informação.

– Eu que agradeço, Mirta. Salvou muitas vidas de um conflito desnecessário. – Ele subiu na carroça e estufou o peito: – Homens!

– Sim, senhor!

E a carroça afastou-se estrada abaixo.

A viagem seguiu durante horas sem qualquer novidade. Segundo os cálculos de Mirta, faltava pouco para que avistassem o marco da Pousada das Samambaias. Com o pescoço endurecido de tanto ficar na mesma posição, ela achou que uma cama e banho quente seria a melhor pedida em dias. Iac, com a cabeça para fora da janela, parecia dormir.

A estrada se afunilou e abriu-se em duas. Mirta, lembrando-se do caminho, tomou a via da direita. Cerúleo começou a pular no assento.

– Cró! Cró!

– Eu sei, Cerúleo... é ali que moram. Na volta faremos uma visita aos dois, combinado? Quem sabe Illyna não prepara outra daquelas broas de milho?

– Cró!

Quando o sol começou a baixar, chegaram aos trechos pertencentes aos distritos de Verda, que fazia fronteira com a Vila dos Porcos. A pousada ficava a quatro ou cinco quilômetros de distância. A estrada passou a ficar mais esburacada, e Mirta diminuiu a velocidade.

Era o trecho com mais incidência de mata virgem, depois dos Lagos Espelhados. Era possível ver, depois das árvores que cercavam a estrada, a quantidade de terreno escuro e inexplorado, assombrados pelo crocitar de aves escondidas. Iac acordou com as sacudidas do veículo.

– Minha cabeça! – Ele esfregou o lugar dolorido com a enorme mão e piscou várias vezes. – Onde estamos?

– Chegando na pousada. Não recomendo que volte a dormir, pois o lugar é meio esburacado, e...

Cortando a conversa, o veículo agitou-se com uma pancada surta, e

inclinou para baixo na dianteira, onde passava a roda da direita.

Mirta acelerou, mas não saiu do lugar. A carruagem estava atolada.

– Droga, um buraco!

– Que azar, não? A roda afundou no chão?

Mirta abriu a porta com violência. Era muita falta de sorte quebrar pouco antes da pousada.

– Não sei o que houve, vou lá fora ver. – Ela apontou o dedo para Iac. – Se precisar, já sabe quem vai içar a carruagem para cima, não é? Pode começar a aquecer os dedos!

Ela empurrou a porta com força e girou, mas, antes de começar a contornar o veículo, sentiu algo frio como metal encostando em seu pescoço e puxando-a levemente para trás.

– Ora, ora... – veio uma voz fria, de um jovem rapaz. – Que bela condução a senhorita tem. Será que os deuses finalmente me sorriram?

Os arbustos ao lado direito da carruagem se agitaram, e Mirta viu saltar de lá um garoto magricela, usando um saco de estopa como camisa. As calças eram de lã surrada, sujas de barro, e os pés descalços. Ele tinha os cabelos longos e enebados presos por um laço, e segurava um arco rudimentar nas mãos, armado com uma flecha afiada. Com olhos inexpressivos, ele apontou para a cabeça gigante de Iac.

– Nem pense em se mexer – disse de novo a voz atrás dela –, ou seu amigo vira uma peneira.

– O que querem? – grasnou ela, tentando ver o rosto do rapaz.

– Kilrin! – gritou a voz no seu ouvido. Ela sentiu perdigotos de saliva voando em sua nuca, e também a lâmina fria puxando-a com mais força. – Tire o grandalhão do carro, ele vem também!

O rapaz magro obedeceu, abrindo a porta e chamando Iac para fora. Cerúleo permaneceu escondido no fundo do carro, e Mirta torceu para que ele não tentasse escapar. O moleque do arco não tinha cara de muitos amigos e provavelmente atiraria.

– Perdoe meu irmão gêmeo – sussurrou a voz –, ele não fala muito. Agora vocês vêm comigo. Espero que gostem do cheirinho do mato.

29 – OFERENDA

Hillel aproximou das chamas da vela um antigo caderno cheio de rabiscos. A luz tremeluzia dentro da barraca, e os borrões indistintos eram difíceis de ler com precisão. Mas o comandante sabia de cor o que diziam. Era o velho diário de anotações de seu tio, um homem que, a seu tempo, fora tão intrépido quanto ele próprio.

Além de seu próprio pai.

Não consanguíneo, ele sabia, mas o tio o havia criado como se fosse legítimo. Ele, assim como Hillel, era conhecido por ter um interesse quase inflamável por expedições como a das Geleiras. Inclusive, havia visitado o lugar uma ou duas vezes, até que um acidente com serpenplantas o matou.

Hillel folheou o caderno e encostou o indicador em uma página gordurosa, repleta de desenhos torpes e distorcidos. Era o mapa de todas as principais trilhas que levavam ao anel azulado de Corff. Em algumas partes da ilustração, o tio havia feito círculos, locais onde deveria haver concentração e ninhos dos tenebrosos animais peçonhentos. E, com uma série de riscos, sugerira as possíveis rotas e trilhas usadas pelos carcajus para se chegar à pedra da oferenda de Corff.

Satisfeito e ansioso, Hillel fechou o caderno. Os percursos batiam com os que ele havia rastreado, e não havia motivos para ser pessimista. Seu tio era famoso entre os contemporâneos e motivo de troça em tabernas de uma ponta a outra na capital, apenas por ter sido um descrente por toda a vida. Ele nunca chegara a avistar o rei dos dragões, nem tampouco conhecia relatos confiáveis sobre o assunto. Se o tio estivera correto, Corff não passava de um dragão de proporções comuns, como a dos familiares ou dos caçadores.

Quem sabe até – pensava Hillel, esperançoso –, não fosse um mensageiro pequeno e preguiçoso, que não teria qualquer chance contra todo o batalhão.

Mas enquanto Hillel não podia provar como acuradas as previsões do próprio tio, seria melhor manter as aparências e tratar Corff como a figura mística e misteriosa que sempre fora.

As vozes do lado de fora do acampamento começara a ficar muito exaltadas, e Hillel tratou de esconder o caderno. A última coisa que precisava

era bancar o sentimental logo às vésperas da execução da missão.

– Comandante? – A voz era de Iva, na entrada da barraca. – Peço licença.

Ele enfiou a mão pelas divisórias de lona e meteu a cabeça para dentro da barraca, fitando o comandante com olhos sérios.

– O que foi, Iva?

– Não vai acreditar, senhor, mas encontraram a garota. Ela está viva.

Hillel acotovelou os soldados, cruzando o acampa-mento a passadas largas. Passou por duas fogueiras erguidas pelos homens de Zano e contornou uma das mesas de madeira. Aos fundos, em uma parte escura e afastada do platô, ficava as barracas onde atendiam os médicos. Segundo indicações dos soldados, Sóz e Dana recebiam cuidado na da esquerda, lotando-a com os dois catres, e haviam trazido Nil para a da direita. Ele nem viu quando o guarda prestou uma reverência e passou direto, inclinando a cabeça para entrar.

A iluminação interna estava um desastre, mal era possível distinguir rostos na penumbra bailante das velas. Como os imbecis sabiam ao menos de que lado costurar?

Acostumando as vistas, ele deu passos lentos em direção à cama improvisada onde ela estava deitada. Parecia pálida demais no pescoço e rosto. O corpo quase todo coberto com um lençol não fazia qualquer movimento, exceto a respiração quase imperceptível.

Por um momento, o comandante desejou não ter mentido para ela a respeito da missão. Não estavam ali para conter danos, ou prevenir que o mensageiro fujão espalhasse a notícia, apesar de que apanhá-lo certamente os pouparia de muito trabalho. Não, o mensageiro do Bosque Verde ainda os interessava muito, mas não era só isso. O grupo de busca vinha para efetuar um massacre dos membros de sua espécie, pois Silkai precisava deles. Eram poucos os homens naquela campanha que dispunham de tantos detalhes.

Hillel estendeu a mão, pensando em tocar os cabelos de Nil, mas mudou de ideia e a recolheu. Labal estava sentado do outro lado da cama e segurava a mão fria da garota. Ele não parecia em melhor estado.

– Ela está desmaiada, comandante – tratou de explicar um dos médicos. Tentamos hidratá-la por via oral, mas obtivemos pouco sucesso. – Mande preparar uma solução salina para aplicação intravenosa, o que deve ocorrer em cerca de dez minutos. – O médico fez uma pausa, esperando alguma

resposta ou diretriz. – Ela perdeu muito sangue, senhor.

Hillel não deu qualquer atenção à baboseira técnica e, virando-se para ele, apenas perguntou:

– Quem a encontrou? Como conseguiram resgatá-la?

– Me parece que ela havia despencado de um precipício e salvou-se caindo por cima de neve fresca, comandante. Um dos homens de Forg, se não me engano, era responsável pelo setor de retaguarda das batidas, e a encontrou quando se dirigia para cá.

Hillel passou a mão na lona, escancarando a entrada da barraca, e falou com o soldado que estava de guarda:

– Mande chamar o batedor que a encontrou, imediata-mente.

Dois minutos depois, o rapaz entrava e prestava uma reverência a Hillel. Ele tinha no rosto a expressão de quem havia respondido a mil perguntas sobre o assunto, mas ainda precisasse disfarçar para não contrariar o comandante. Era um soldado esguio, de pescoço um pouco mais comprido que o necessário. Hillel tomaria o nome dele depois, bem como seus dados. O rapaz receberia uma gratificação.

– Preciso perguntar? – Hillel cruzou os braços e esperou a explicação.

O batedor contou em detalhes as circunstâncias da-quele resgate. Era evidente a forma como ainda estava surpreso, pois se algum detalhe houvesse sido diferente, a garota poderia nesse momento estar morta. Esquecida para sempre em um monte de neve num paredão de pedra. Hillel também se surpreendeu, no fim das contas, mas ao fim do depoimento apenas agitava a cabeça para frente e para trás.

– Fez um bom trabalho. A garota viverá – afirmou, com mais esperança que certeza – por sua causa.

O rapaz levou os dedos aos lábios e olhou de um lado para o outro, no tradicional prenúncio do segredo a ser revelado:

– Ela estava bem acordada quando a encontrei, senhor.

– Eu sei, você mencionou isso.

– Perdão, me expressei mal. O que quero dizer... – ele baixou o tom de voz – é que ela me contou em detalhes o que houve.

Dessa vez, foi Hillel quem estacou.

– Não sei se... compreendo.

– Antes de desmaiar, ela me disse coisas que deveriam ser ditas somente ao senhor... entende?

– Do que está falando? Conte logo, garoto, antes que eu perca a paciência!
O soldado respirou fundo e deixou escapar, a despeito da plateia composta pelo médico e Labal:

– A garota não foi atacada por carcajus. Foram seus dois homens que a empurraram abismo abaixo.

Hillel precisou de um tempo para processar a informação. Do que esse animal estava falando?

– Como é? Sóz e Dana?

Labal, ouvindo a conversa, largou a mão de Nil e sacou a espada. Já ia tropeçando em direção à saída quando Hillel esticou o dedo em seu rosto.

– Nem um passo, Labal, ou mando prendê-lo! – Voltou-se para o soldado.
– Está certo disso? – Não era possível que seus homens fossem assassinos. Não poderia ser verdade. – Nil não estava senil ou sofrendo de alucinações?

– Eu... comandante... ela tinha febre, e seu estado já era grave. Mas ela estava lúcida. Seus dois homens tentaram eliminá-la. A não ser que ela tenha mentido.

– Veja como fala, rapaz! – rosnou Labal, acalmando-se em seguida com outro gesto ameaçador do comandante.

Não. Nil havia mentido quanto à sua identidade, mas não faria uma acusação tão séria. Era prima de um grande amigo, e ela não teria qualquer motivo para fazer isso. Com os olhos mais abertos, Hillel girou nos calcanhares e perguntou ao médico:

– Qual a leitura dos ferimentos da garota?

O médico rapidamente prontificou-se.

– A paciente apresenta sinais de agressão múltipla. Rasgos longos e profundos pelo braço esquerdo, que já estavam coagulados há horas, e também o mesmo quadro na extensão da coxa esquerda. Os dois tornozelos foram dilacerados, e não sabemos quando ela poderá voltar a andar, se é que poderá fazê-lo.

Até aí, tudo certo. Eram os ferimentos com as quais ela foi entregue a Sóz e Dana.

– Algum ferimento novo? Digo, os ataques parecem ter sido feitos pelo mesmo agressor?

– Ah, perfeitamente. – O médico agitou a cabeça, em negativa. – Senhor, não há qualquer evidência de que tenha havido um segundo agressor. Nem pelos padrões das marcas, tampouco pelo tempo de coagulação do sangue nos

ferimentos.

Hillel não precisava ouvir mais. Sacou a espada e atravessou a porta com violência, quase derrubando o guarda com um encontrão, do lado de fora. Ele apressou-se em direção à segunda barraca, onde estariam Sóz e Dana. Outro guarda fazia vigília, e olhou para o comandante com expressão de surpresa.

– Eles estão acordados? – perguntou ao guarda.

– A... acredito que sim, senhor. – O guarda olhou para a espada e deu um passo para o lado. – Fique à vontade, comandante.

Hillel entrou na barraca e sentiu imediatamente uma onda fria percorrendo seu corpo. As duas camas estavam vazias. A lona dos fundos fora rasgada em duas e agitava-se com a brisa, trazendo flocos de neve para o lado de dentro. No chão, o corpo ensanguentado do médico jazia, caído em uma posição retorcida.

Sóz atravessava um emaranhado de galhos secos e espinhentos. Dana, mancando e apoiando-se em seu ombro, já tinha as ataduras ensanguentadas, sinal de que os pontos haviam se rompido. Saltaram da borda da moita para uma pista estreita de gelo seco. As pedras ali eram pontiagudas, e a marcha teve de diminuir ainda mais o ritmo.

Dana tropeçou e foi ao chão, espantando as corujas. Sóz torceu para que as malditas não chamassem a atenção dos guardas. Era possível ouvir a voz de todos em polvorosa, por sua escapada. Todo o acampamento lá em cima devia estar em movimento.

Sóz parou, e a respiração de Dana vinha como um chiado agudo. O gordo estava morto de cansaço, e o frio ia terminar o serviço. Fugiram sem sequer apanhar um capote de peles. Mas agora não havia tempo para se lamentar.

À direita, o caminho era estreito demais, as pedras altas que cercavam o lugar estreitavam-se, abraçando a trilha e deixando um filete magro de luz ambiente passar pelas frestas. Dana jamais caberia ali.

– Entende agora o porquê de pegarmos no seu pé, gordo desgraçado? – rosnou Sóz.

– Ah, cale a boca, Sóz. Se não quisesse me trazer, podia ter me largado para trás.

O infeliz ainda argumentava. Estaria com grilhões até as orelhas nesse momento, se não fosse por ele. Gordo ingrato, filho da mãe!

– Vamos por aqui, animal – Sóz o puxou para o caminho da esquerda.

Eles desceram uma ravina escorregadia, e Sóz começou a sentir os membros queimando de cansaço, de tanto apoiar o peso de Dana em suas costas. Seu braço esquerdo também já tinha perdido os pontos, além de não conseguir fazer muita força. Quando atingiram uma clareira e uma pista larga em aclive para o norte, Sóz engoliu em seco. No alto da estrada vinha uma dúzia de guardas, com silhuetas soturnas. As pontas das lanças dançavam entre o horizonte e o céu de chumbo.

– Temos de subir de volta, vamos! – Sóz deu uma cotovelada em Dana. – Anda, seu auroque careca, aqui está fechado! Precisamos arriscar a passagem estreita do outro lado!

Dana dobrou os joelhos e apoiou as mãos roliças na neve, aos pés do barranco de onde vieram.

– Não consigo, Sóz – lutou para falar. – Suba de volta a ravina e deixe-me aqui, ou acabaremos os dois presos.

Sóz não tinha a menor intenção de deixar que Dana fosse preso.

– Sabe que eu não deixaria que o pegassem – falou, agarrando sua nuca e olhando-o nos olhos.

Dana sorriu.

– Você é um desgraçado de coração mole...

Claro que Dana não seria preso. Se fosse, cantaria os planos deles feito um passarinho, a todo o batalhão.

– O que você... – Dana abriu os olhos, e em seguida contorceu o próprio rosto, com uma expressão de dor.

Sóz levantou-se de volta, limpou a espada na calça e cuspiu no chão, ao lado do corpo do colega caído. O sangue já descia do peito dele e aquecia a neve, com uma poça. Mal teve tempo de colocar as mãos na borda do barranco gelado para içar-se de volta, quando uma pedra o atingiu bem na testa. Ele tombou e caiu para trás, meio zozzo e desorientado.

– Vai a algum lugar, garoto?

Sóz reconheceu a voz, piscando várias vezes para espantar a tontura, e olhou para cima. A silhueta magra e alta de Lumuir descia da ravina. Ele vinha acompanhado de Iva e outro soldado, um homem atarracado, de cabelos crespos e desgrelhados, que segurava outra pedra nas mãos.

– Desgraçados! – rosnou Sóz, arrastando-se para trás. Estava a dois metros de despencar no platô inferior. – Não vão me pegar com vida!

Sóz teve apenas dois segundos. O velho atarracado girou os ombros e

disparou outra pedra, que bateu em seu queixo com um baque, destruindo seu maxilar. Só sentiu os braços pendendo moles e deixou o corpo desabar para o lado, fazendo o rosto enterrar-se na neve.

– Labal... quando me disse não acreditei, mas você é realmente bom nisso – disse Lumuir, com uma risada sincera no final.

É...

Era tudo o que pensava Lumuir ao contemplar de perto a anel azulado. Chegava a hora da verdade. Depois de caminhar por quase doze horas, atingiam o ponto mais alto permitido pelos limitados pés humanos. Já era cerca de quatro ou cinco da tarde, mas escureceria bem depois disso. Daria tempo de executar os movimentos, se fossem feitos com o mesmo cuidado com o qual o comandante Hillel instruíra.

Ele, inclusive, estava escondido atrás da sombra de uma pedra, poucos metros à frente. A respiração de Iva a seu lado era quase silenciosa, e Valdor parecia muito mais forte. O mestiço desgraçado era realmente osso duro de roer. Com a panturrilha moída ainda podia correr mais que a maioria.

Lumuir, do alto do elevado de pedras, passou as vistas por todo o entorno. Uma criança desavisada, ou um animal, não poderiam adivinhar que no terreno espreitava um batalhão de mais de cem homens. Estavam muito bem camuflados. Quando o vento batia, levantando o pelego branco de alguém, era possível avistar peças de vestimenta ou armadura. Mas de modo geral, era um trabalho de excepcional qualidade e presteza militar.

Nos pontos mais altos, escolhidos a dedo, estavam os arqueiros. Duas dúzias deles, mais ou menos, posicionados estrategicamente. Cada um trazia consigo uma aljava cheia de flechas preparadas só para essa missão. E todos, claro, usavam luvas grossas, para não correrem o risco de tocar no veneno, caso os saquinhos de vesícula estourassem.

Mantido escondido atrás de uma muralha lascada de rochas, estava Sóz. O filho da mãe havia quase botado tudo a perder. Por pouco não desestabilizara todo o grupo. Se escapasse com vida, poderia tê-los seguido, e até atentado contra a vida do comandante. Grilhões prendendo seus pés e mãos, dois guardas armados o vigiando e um maxilar quebrado era muito pouco. O maldito merecia uma surra até quase perder os sentidos. Mas pelo menos tinham recebido ordens de cortar sua garganta caso ele fizesse algum barulho, por menor que fosse.

E foi realmente muita sorte a garota Nil ter escapado com vida, a tempo de contar toda a verdade, mas agora ela estava bem cuidada. Ela fora trazida em uma maca e mantinha-se constantemente supervisionada pelos médicos. Uma pena que estivesse apagada, pois perderia todo o espetáculo que se seguiria.

Os blocos de carne estavam posicionados por cima de umas placas de pedra, bem aos pés da trilha. A partir dali, restava a todos torcer para que os carcajus apanhassem a carne, subissem pelo estreito trecho e a depositarem na última plataforma, onde ofertavam ao rei Corff.

E então começava.

Lumuir pôde sentir a apreensão no ar. Um silêncio quase absoluto envolveu o lugar quando os primeiros chiados começaram. E era uma tensão justificada. Os carcajus não podiam detectar a presença do batalhão, e tampouco o batalhão podia enganar-se, pensando ter sido descoberto, e então começar a fazer barulho ou atacar. Qualquer erro significaria o fim da missão. Ele queria muito tirar o cantil da cintura e tomar um gole de água gelada, mas não faria isso, por causa dos possíveis ruídos.

Os chiados aumentaram, seguindo-se de estalos, e dois carcajus surgiram de dentro de uma estreita caverna. Depois vieram mais sete ou oito. Eles vinham devagar, com os focinhos colados ao chão, farejando algo que certamente os agradava. O comandante fora esperto, e havia mandado que os homens esfregassem a carne na neve, em linha reta, até o monte.

E era muita carne. Uma dúzia de cervos-das-geleiras, picotados e empilhados em um monte apetitoso. Mas Lumuir sabia que uma pergunta pairava na cabeça de cada um dos envolvidos: será que os malditos comiam sem caçar? Logo saberiam.

Primeiro, o carcaju que parecia liderar o bando aproximou-se da pilha de carne. Ele a rodeou, farejou de perto e começou a grunhir. Primeiro com chiados baixos e de curta duração. Depois, em uma nota constante e aguda. Os outros o imitaram, num coro de vozes caquéticas, fazendo aumentar ainda mais o estado de tensão do batalhão à espreita.

Não é possível que tenham percebido a armadilha...

Hillel olhou para trás. Pela primeira vez, Lumuir via seus cabelos grisalhos grudados na testa por conta do suor. O comandante tinha os olhos bem abertos e o cenho trancado, como se dissesse, em silêncio, para todos ficarem a postos ao primeiro sinal de infortúnio.

E foi então que o carcaju abocanhou um pedaço de carne.

Foi como se, subitamente, o ar tivesse ficado mais leve e a atmosfera aliviasse a pressão. O animal carregou o alimento pelo mesmo caminho de onde veio, passando pelos membros do bando, enfiando-se na caverna em seguida. O processo repetiu-se mais três vezes, e os que sobraram começaram a carregar o restante da oferenda pelo afilado e tortuoso passadiço.

Aí entrava o momento mais delicado de toda a campanha. Os arqueiros tinham poucos segundos de intervalo entre um pedaço e outro depositado na pedra. Quando um carcaju começava a descer a trilha, ao passo que outro subia, a oferenda ficava desprotegida, então começavam a voar no ar as flechas *temperadas*. Como os carcajus eram meio cegos, não perceberiam as protuberâncias de setas crivadas nos pernís.

No fim das contas, apenas alguns pedaços ficaram sem veneno, mas tudo aquilo seria jogado para o banquete de Corff. Era só questão de tempo até que ele comesse e passasse mal. Os carcajus voltaram para sua caverna, e o batalhão permaneceu em mórbido silêncio, aguardando a chegada dos taberneiros, os abutres.

Sóz mexeu lentamente os braços, levando a ponta dos dedos até o nariz e o coçando. Sentiu os olhos lacrimejando de dor pelo esforço. Seu queixo tinha o dobro do tamanho e estava levemente entortado de lado. Tarefas assim, antes tão simples, nesse momento levavam um ou dois minutos. Mas eles pagariam por essa humilhação.

Os soldados a seu lado não o deixavam se aproximar mais, para ver o que estava acontecendo. Queria saber por que estavam todos tão nervosos. Pelas banhas do duque de Verda! Eles iriam desperdiçar a chance de saírem das Geleiras podres de ricos! Era inacreditável como o ser humano conseguia ser estúpido.

Mas isso poderia se tornar uma vantagem, pensou ele.

Sóz arrastou os pés da forma mais delicada possível e aproximou-se de um dos soldados. Era Rober, o nome do infeliz. Os grilhões nas canelas tilintaram sutilmente, mas nada que servisse de alarde.

— Rober... — sussurrou Sóz, com o mínimo de projeção na voz, e mesmo assim a dor latejava. — Preciso ir à latrina.

O soldado girou o pescoço e fitou-o com descrença nos olhos:

— Está brincando com a minha cara? — grunhiu, entredentes.

– Se eu fizer no chão, pode fazer barulho de água pingando. Só preciso ir atrás daquela pedra, por exemplo – apontou para uma rocha arredondada que ficava a uns vinte metros de distância.

Rober movimentou os lábios, proferindo algum resmungo mudo, e torceu os lábios.

– Eu vou junto – decretou.

– Oh, como não? – Ele levou a mão até a mandíbula inchada, e grunhiu um palavrão em seguida. – ... Pois primeiro as damas – Depois inclinou o corpo, dando passagem a Rober.

Os dois desceram a passos curtos até o local, e Sóz tomou a frente. Contornando a pedra, ele fez que ia desamarrar as calças e ficou parado, olhando para trás. Rober o encarava o tempo todo.

– Não posso ter cinco segundos de privacidade?

Com outra sacudidela contrariada de cabeça, Rober deu as costas, mas não sem antes erguer um dedo no ar:

– Você tem dez segundos antes de eu te agarrar pelas correntes e levar de volta.

Sóz riu e passou a língua pelos lábios. Esticou e retesou as correntes dos braços, de modo que seus elos não emitissem sequer o mínimo tilintar quando ele o fizesse.

– Nem um segundo a mais, chefe...

Lumuir deixou relaxar a mão que tinha os nós brancos, de contração. Os primeiros abutres circulavam a carne na pedra de oferenda. Eram desgraçados enormes, três, quatro metros de envergadura! Havia seis ou sete voando em círculos, e o primeiro deles finalmente desceu, mergulhando num rasante. Ele apanhou no bico monstruoso um quarto traseiro de cervo e subiu em direção à boca escancarada do anel. Quase como numa cena de comédia de pauta, as bocas da maioria dos soldados também se abriram.

Outro abutre alcançou o primeiro, e antes de despejarem as peças de carne, principiaram uma dança no céu, rodopiando e simulando desenhos no ar. Devia ser algum tipo de ritual comum. Um espetáculo magnífico que acontecia todos os meses, todas as semanas, longe dos olhos dos humanos.

O silêncio e expectativa ficaram ainda maiores.

O corpo de Rober foi arrastado para trás da pedra e, um segundo depois,

estava fora das vistas. Sóz deu uma boa olhada no estrago que fizera no pescoço do rapaz.

Pobre infeliz...

Esgueirando-se por uma fileira de pedras menores, Sóz achou a escapada surpreendentemente fácil. Não havia um só soldado olhando para trás nesse momento. O céu estava começando a ficar talhado de abutres, e seria melhor agir rápido, antes que eles comessem a despejar comida para dentro do vulcão.

Enquanto deslizava de um esconderijo a outro, Sóz foi abrindo mais campo, galgando terrenos mais elevados, e o risco de ser notado por consequência diminuía consideravelmente. Do ponto onde estava, não teve qualquer trabalho em avistar o comandante Hillel e seus homens. Estavam tão hipnotizados quanto o resto. Logo abaixo, à esquerda, viu Zano à frente de seu batalhão, ao lado de Forg. Na extremidade oposta, Habass e seus subordinados escondiam-se, quase enterrados na neve. Morreriam todos.

Com um sorriso deformado no rosto, Sóz escolheu um dos arqueiros. O que, de costas, parecesse mais fraco que os outros. O enforcaria, tomaria seu arco e mataria os quatro líderes, um a um. Queria ver como procederia aquele bando de cupins sem suas rainhas.

Sóz aproximou-se do arqueiro por trás, pé ante pé. O soldado parecia confortável, agachado atrás de uma pedra. Quase relaxado, ele diria. O arco em posição de mira, mas com a corda não muito retesada.

Seria fácil.

Sóz saltou no pescoço do arqueiro como um carcaju nos calcanhares de suas vítimas. As correntes, ainda esticadas, fizeram um mínimo ruído, mas ele duvidou que a essa altura isso chamasse a atenção de alguém.

Mas, mesmo com o pescoço envolvido e começando a sufocar, o arqueiro não soltou o arco. Pelo contrário. Com o susto, ele esticou a corda e disparou uma flecha para o alto, e acabou causando um desastre. Ele atingiu um dos abutres.

Todos no batalhão empertigaram-se, esticando os pescoços e corpos. Alguns levaram as mãos à cabeça, em desespero, olhando de um lado para o outro, tentando entender o que acontecera.

O abutre ferido tentou manter-se no ar, pois aparente-mente a flecha o atingira de raspão numa das patas. Mas o veneno das serpenplantas é uma piada de mau gosto, meus amigos. Cinco segundos depois, o animal deu dois

espasmos e começou a cair, fazendo uma espiral. Bem na boca do anel azulado.

E esse foi o início de tudo.

30 – MERFF, KFAR’LEL E OS TOMOS ESCUROS

Certamente lembram-se de quando relatei o glorioso relato a respeito de Yanenna, bem como da criação do primeiro dos dragões, o rei Corff. Ora, aquela versão é a única considerada autêntica e, por milênios, os primeiros rolos humanos, de onde saíram, sobrevivem às intempéries do tempo. Não há de minha parte qualquer resquício de insatisfação ou ingratidão para com o conhecimento que me foi dado. Entretanto, devo ser honesto em anunciar que existiram não só os copistas considerados fiéis e rigorosos. Versões obscuras, não só da trajetória da deusa, como de todos os seus irmãos, circularam pelo mundo durante muito tempo. A maioria acabou sendo confiscada, de tempos em tempos, e hoje em dia suas cópias podem ser consideradas extintas.

Mas como qualquer coisa tenaz, tudo, mesmo a menor das criaturas, tem sua chance de perseverar. Com tais versões obscuras não foi diferente. Elas sobreviveram. Esparsas, é verdade, mas em número suficiente para que um punhado de pessoas começasse a questionar a santidade da história sagrada. Livros de aspecto soturno ou lúgubre, que despertaram a curiosidade de muitos ocultistas e opositores à boa religião.

Esses livros ficaram conhecidos como os *Tomos Escuros*.

Objetos de antiga cobiça do rei Silkai, os Tomos Escuros vêm trazendo tenebrosos pontos de vista a respeito da deusa Yanenna e a criação dos dragões. Segundo consta em sua versão, a deusa não teria criado Corff como o primeiro dos dragões, e sim recebido de presente uma outra criatura.

Em síntese, existem similaridades em muitos trechos entre os relatos sagrados e profanos. Mas talvez o que mais chame atenção seja, em particular, um aspecto bastante controverso da história. A saber:

Bumara, conhecido e adorado deus militar, havia se compadecido do flagelo físico de Yanenna, sua irmã, e ele próprio decidira presenteá-la. Criou, a partir de suas próprias mãos, uma poderosa criatura com forma de homem e couraça dourada. Ela era capaz de voar pelos céus a grandes velocidades, além de possuir aguçada inteligência. Merff era seu nome, ele havia reinado não só nas Geleiras, como em toda parte designada pela deusa.

Ora, Yanenna acabou afeiçoando-se de Merff. Não como criatura subordinada... não. Talvez de uma forma ultrajante até mesmo aos olhos dos três irmãos deuses. Ela se enamorara de Merff e, com base nos escritos escuros, ela havia fugido com a criatura – coagida por ela –, e tido até mesmo descendência. Muitos creem que os dragões mensageiros seriam, então, parte de sua linhagem direta.

Bem, Bumara não gostou nem um pouco disso, e deu vida a um ser ainda mais poderoso que Merff, para soltá-lo no mundo à procura do traidor. O deus queria, a todo custo, ver o fim do primeiro dragão, e nomeou sua nova cria de Kfar’lel, o que significava *Calamidade*. E com uma maldição, determinou, de forma indisputável, o destino de ambos.

Kfar’lel era um assassino rápido e sanguinário, escuro como uma sombra, e espreitava com a paixão de um predador. Mas Merff era igualmente astuto, e nunca se deixou capturar por seu algoz. Por milênios eles tentaram se engalfinhar, mas, fosse por bem-aventurança, ou a mão afortunada de Merff, eles nunca se enfrentavam.

Dizem os tomos que Merff jamais será morto, pois qualquer ser, uma vez tocado e amado por Yanenna, não pode ser, por sua vez, alcançado pela morte.

Os milênios se passaram, até que seus corpos deterioraram, pois, apesar de filhos de deuses, não eram perfeitos como seus criadores. Assim, não mais lutaram ou procuraram qualquer pugna. Apesar de sua chama interior, o espírito de Kfar’lel deixou-se vagar sem rumo ou missão pelo mundo, bem como o de seu eterno rival. Pelas mãos da entristecida Yanenna, outro deus tomou forma, radicando-se nas montanhas conhecidas por Geleiras. Merff e Kfar’lel não mais tornaram-se assunto e, com o tempo, foram esquecidos.

Mas, segundo os tomos, o fim de Merff e Kfar’lel não foi misterioso. Relata-se que ambos acabaram por esconder-se, a fim de conservar e proteger o próprio espírito da dissipação inevitável do tempo. Kfar’lel resolveu dormir em uma reserva de ortoclásio, uma pedra preciosa, talvez resignado por nunca ter cumprido sua missão. Merff, por medo de que o assassino o perseguisse por toda a eternidade, escondeu-se em uma linhagem viva. Não de dragões, como deduziriam, e sim de humanos, pois disso poucos desconfiariam.

E o rei Silkai estava convencido de que a linhagem escolhida por Merff

era a sua.

A mesa, em formato de grão de feijão, era uma maravilhosa peça de carvalho, com quatro dedos de espessura. Separados em quatro cadeiras de espaldar alto e estofado, sentavam-se o rei e mais quatro senhores.

Silkai, no centro, abriu os braços antes de começar a falar. Ele adorava tal gesto, pois parecia-lhe, pelo que lera a respeito dos grandes oradores, que isso preparava a plateia. O único contratempo era que ele quase nunca tinha algo de real relevância a declarar. Exceto, talvez, naquela ocasião.

Deu um discreto pigarro e, em seguida, uma sacudidela imperceptível na cabeça, de um lado a outro. Queria certificar-se de que o laço prendendo os cabelos estava firme o suficiente. Seria uma catástrofe ter o coque solto e o rosto subitamente descabelado na frente dos quatro catedráticos.

Uma catástrofe ainda maior – obviamente – para Fleros, o mestre-de-cerimônias, pois fora ele o responsável pela contratação da cabeleireira.

– Pretende falar em algum momento, majestade? – provocou um dos homens, à esquerda de Silkai. Aberlo, o clérigo-mor. Era o responsável pelos ensinamentos sobre religião e ciências governamentais na universidade. Todos eles eram magistrados e renomados professores na capital. Usando um vasto chapéu em forma de leque, ele tamborilava nervosamente os dedos desde o momento em que se sentaram. Não era o mais velho do grupo, mas sua barbicha começava a dar sinais de derrota em face do tempo, perdendo a cor original.

– Não comece, Aberlo – quem falou foi Venai, do lado oposto ao de Aberlo, à direita do rei. Com exceção dos fios laterais que desciam lisos até os ombros, era um velho de cabeça quase totalmente calva e brilhante. Os dois bigodes saltavam das narinas e atingiam seu umbigo, como duas pequenas crinas brancas. Venai lecionava nas capacidades do químico. Qualquer disciplina envolvendo minerais, extração e canalização de energia natural a partir de componentes, deviam passar por sua supervisão. Era um homem visivelmente amargo e mal-humorado, com as sobrancelhas em um constante encontro. – É por isso que atrasamos.

– Eu só penso – continuou Aberlo – que se Sua Majestade tem qualquer consideração pelo corpo docente da capital, e seu tempo valioso, não pensará em protelar o assunto.

Silkai esperou que se acalmassem, fazendo um gesto largo com as mãos.

Respirou fundo e abriu a boca:

– Senhores – ele olhou também para os outros dois convidados –, venho atualizar-vos a respeito da recuperação dos Tomos Escuros. Como sabem, meu conselheiro Gherda arriscou a própria vida numa viagem a Sablona em busca dos tais escritos. E parece-me, meus caros, que as lendas não eram tão inverossímeis assim. Tais tomos existem, e tenho orgulho em dizer-lhes, em primeira mão, que seu conteúdo começou a passar pelo processo de tradução.

– Ora, ora... – falou o sorridente Uk'h, que sentava-se do outro lado da mesa. Parecia ser trinta anos mais jovem que os colegas, mas provavelmente era só impressão. Ele mantinha os cabelos cortados curtos e bem penteados, e um estranho brilho negro, dos cabelos jovens, emanava constantemente de seus fios. Como gostava de sorrir o tempo todo, não era segredo para ninguém um vistoso canino de prata, que ostentava na boca. – Mas já não era sem tempo, Majestade! Pretende manter as... como eu posso colocar?... Os planos para o ritual?

Silkai sorriu de volta para ele, mas não teve certeza se pareceu sincero. Uk'h gostava de manter a fama de bom homem, mas as histórias a seu respeito não eram lá muito favoráveis. O professor era reitor de iniciação, e toda criança com dom natural para magia devia passar alguns meses sob sua tutela se quisesse ser aceita na academia. Sempre havia um relato ou outro de alunos desaparecidos de forma misteriosa depois de se matricularem.

E Silkai ainda olhou para o nariz do homem, largo feito uma batata. Achava-o uma abominação.

– Reitor Uk'h – começou a responder Silkai –, é com imensa satisfação que repondo afirmativamente. Não vejo motivos para não efetivarmos o ritual, uma vez que temos agora, em mãos, todos os ingredientes necessários. – Ele apontou para a porta de entrada. – Os tomos estão sob comando de Salamandra, os procedimentos nos serão trazidos em detalhes, e o principal... – apontou para si próprio e fez uma pausa – senta-se diante dos senhores.

Aberlo deu um tapa na mesa e gargalhou.

– Queira me perdoar, Majestade, mas não sei se é prudente basear-se em crenças pessoais num assunto de tal delicadeza. Digo isso por pensar em sua própria segurança.

– Aberlo – interveio Uk'h, com seu sorriso prateado –, deixe o homem concluir o próprio raciocínio. Se Sua Majestade crê piamente ser a reencarnação de Merff, por que retrucá-lo com mofas e chacotas?

– Ele não fez chacota, reitor Uk’h – disse Silkai, arrependendo-se logo em seguida. Ele era o rei, não tinha que dar satisfações, muito menos tolerar galhofas com sua cara.

– O rei Silkai não é da linhagem escolhida por Merff – quem falou foi o último homem, e mais velho de todos, o ancião Boa’Gaar. Era também o mais alto e magro, com um pescoço esticado e enrugado, bem como um nariz fino, que mais parecia um quiabo. Era o preceptor acadêmico em história da magia, e, segundo lendas, dono de imensurável poder natural. Com os olhos cegos sempre fechados, ele prosseguiu: – Até o momento em que ele provar tal afirmação, com evidências sólidas. E as evidências são proporcionais à envergadura da afirmação. Não estou dizendo que está enganado, Majestade, nem poderia fazê-lo. Apenas repito o que meus quase século e meio me ensinaram. É assim no laboratório, na mesa de extração de energia, e também nos ensinamentos. O fardo da prova cabe a *quem faz* a afirmação. Não posso tomar seu relato como verdadeiro a partir apenas de suas superstições e sonhos. Queira me perdoar.

Todos ficaram em silêncio diante da retórica do ancião. Silkai, meio atordoado, quase não se deu conta do que vinha preparando desde que os convidara para a conferência.

– Não há o que perdoar, mestre Boa’Gaar – falou Silkai, com sinceridade. – Está, como sempre, chafurdado em razão. Queira permitir, por gentileza, que eu apresente uma ou duas informações.

– E mais uma vez – resmungou em um sussurro Venai, coçando o topo calvo da cabeça – seremos engolfados pelos tediosos relatos sobre sua mãe e avô...

Silkai bateu duas palmas sonoras, e as portas se abriram. Gherda, carregando um punhado de folhas de papel nas mãos, lançou cumprimentos aos quatro acadêmicos.

– Obrigado, Gherda – disse Silkai, apanhando as folhas nas mãos. Podia tê-las trazido consigo desde o início, mas pensou que não teria causado o mesmo efeito dramático.

Gherda afastou-se, silenciosa e respeitosamente. Passou pela porta e fechou-a atrás de si.

– Contemplem – exclamou Silkai, orgulhoso – as primeiras páginas traduzidas dos Tomos Escuros!

Os quatro homens trocaram olhares que misturavam surpresa e

desconfiança. Apanharam aleatoriamente as folhas e as começaram a examinar. Silkai saboreou o momento, vendo como as feições dos velhos mudavam de total descrença para intriga e também surpresa. Boa'Gaar foi o único que permaneceu sério, e lia correndo o indicador pelas marcas de escrita na folha. Levaram cerca de vinte minutos analisando minuciosamente, examinando e checando informações com sussurros inaudíveis.

Quem conheceu Silkai sabe. Esse foi um dos mais altos momentos de sua vida.

Por fim, os quatro depositaram de volta as folhas de papel, em uma ordem qualquer. Venai cruzou os dedos e inclinou-se para frente.

– Quem mais participou do processo de tradução?

– Salamandra, e somente ela – assegurou Silkai. – Eu não os confiaria a outras mãos.

– Entendo... – Venai torcia o nariz, dando de ombros. Silkai sabia que não havia nada que ele pudesse dizer.

– Nunca pensei que viveria para ler um trecho dos abomináveis tomos – falou Aberlo, com amargura. – Mas eu vejo o que eu vejo.

O rei soube, nesse momento, que chegara sua hora. Os quatro *pilares*, ou escolares, como eram conhecidos, não tinham escolha a não ser dar os braços a torcer. Os documentos não deixavam margem para dúvida. Que ele era a reencarnação de Merff, sempre soubera. Mas agora saberia como proceder para efetuar sua transformação no deus-dragão.

– Essa foi apenas uma pequena fração do que contêm os tomos, correto? – perguntou Boa'Gaar. Silkai preparou-se para ouvir algo de que não gostaria. – Ainda estamos na superfície do assunto.

– O... – Silkai procurou as palavras. – O que quer dizer, mestre? Que não está convencido do que leu sobre minha linhagem?

– Estou, em absoluto. Não sei quanto a eles – Boa'Gaar apontou para os lados, onde os colegas sentavam-se. – Eu não vejo a mais ínfima possibilidade de haver erro na tradução de Salamandra. Não acredito que qualquer um de meus colegas discorde. Se precisam de minha avaliação, eu digo para que comece os preparativos, rei Silkai, e espere até que a tradução traga mais detalhes sobre a cerimônia.

Fez-se uma pausa de longos segundos, até que um deles falou:

– Parece-me – era Uk'h, exibindo ainda mais os dentes – que nosso rei

terá uma nova forma, em breve.

Os outros dois concordaram, em silêncio. Silkai teve dificuldade em disfarçar sua euforia. Gherda ficaria orgulhoso.

31 – A LUZ DO QUARTO DIA

Era uma manhã de céu limpo e luz branca. Mirta sabia pelo volume de claridade que atravessava as grades da janela. Alguns fachos estreitos vinham até o chão, como uma vareta dourada que escapava dos furos e falhas através do teto. O ar no interior escuro da cabana era pesado e úmido, e o cheiro de mofo, uma regalia constante. As tábuas de madeira que compunham a parede eram nodosas e desgastadas, e vigas estreitas de sustentação subiam do piso e aguentavam firmes o peso do telhado antigo.

O primeiro instinto de Mirta, ainda deitada no catre bolorento, foi levar a mão até o rosto, conferindo se os óculos estavam no lugar. Depois de senti-los com as pontas dos dedos, repreendeu-se mentalmente, pois, se estivesse sem eles, sequer se lembraria de sua existência. Ela então olhou para os pulsos. Amarrados com um metro e meio de cordas finas e presos em uma peça de metal na parede. Nos pés, a mesma coisa.

Com a cabeça leve e os membros flácidos, ela fez força e sentou-se. Ao lado da cama improvisada, havia um balde cujo interior ela sequer ousou olhar, apenas o empurrou de lado, com o peito do pé. Caixotes e ferramentas antigas e empoeirados compunham, espalhados, o resto do ambiente. Infelizmente, não havia sido um pesadelo. Todos os dias acordava ali da mesma maneira. Desde que os dois irmãos os apanharam na estrada.

Nos primeiros dias sentiu-se tonta demais para pensar em qualquer coisa. Os dois haviam lhe dado algum sonífero ou coisa do tipo, e isso, somado à pouca alimentação e hidratação, custara a ela parte dos sentidos. Essa manhã era o quarto dia, segundo seus cálculos. O sol da manhã atingia as janelas no meio do caminho entre o amanhecer e o almoço, quando traziam comida. Isso devia corresponder ao período entre nove e dez da manhã.

Dessa vez ela tentaria alguma coisa.

Olhou ao redor, na esperança de avistar uma superfície cortante onde pudesse roer a corda, mas não viu nada. A força de seus braços não seria de qualquer ajuda para arrancá-la da parede, evidentemente.

Parecia a ela que os garotos eram espertos e calcula-ram tudo muito bem. Ainda que Mirta escapasse das cordas, teria de lutar contra as grades

metálicas da janela, ou tentar fugir pelo lado de dentro da casa, e isso não seria nada fácil. Para tanto, ela teria de se arriscar antes de conhecer o interior e ainda conformar-se em deixar Iac para trás, onde quer que ele estivesse. Cerúleo também estava desaparecido, e isso era outro agravante. A última lembrança que tinha do pássaro era ele fugindo da carruagem e esquivando-se das flechas de um dos magricelas. Ela pôde ver que nenhum dos disparos o atingiu. Depois disso, colocaram um saco em sua cabeça e a conduziram, ao lado de Iac, floresta adentro.

Sim, os garotos não pretendiam deixá-la escapar, era fato. Mas o que queriam? A coisa toda não podia se tratar de um roubo, era um sequestro que não fazia sentido. Tinha de descobrir logo, e talvez sua melhor saída fosse nas visitas, quando trouxessem água e comida.

Já é um começo, pensou.

Com a cabeça ainda enevoada, ela tombou as costas no catre, mas não conseguiu evitar de pegar no sono outra vez.

Ela despertou com o barulho da porta se abrindo e rapidamente tratou de levantar a cabeça para olhar. Com a mesma velocidade, ela foi fechada de volta. Mirta ouviu uns murmúrios e sussurros do outro lado da parede e conseguiu identificar algumas frases.

– ...Ela está acordada. Deve ter passado o efeito.

– E você está com medo da garota? – zombou um dos irmãos.

– Prefiro evitar contato.

Discutiram afastados alguma coisa indistinguível, e logo depois as vozes retornaram:

– Não quero saber. Vou deixar aqui e empurrar com a vara. Se está tão incomodado, entre você.

Silêncio.

Instantes depois, uma portinhola inferior abria-se na porta, rente ao chão. Ela viu que era um mecanismo rudimentar, feito à mão. Um retângulo que se desencaixava da porta, no tamanho suficiente para que um prato de comida e um copo passassem para o outro lado. Mirta entendeu duas coisas; primeiro, que o mecanismo havia sido feito, talvez, pelos próprios garotos. Não eram profissionais, não usavam os modelos de dispositivos usados em celas de prisões ou salas de interrogatório. E segundo: fossem quais fossem suas intenções ou atividades, essa não era a primeira vez que faziam.

Um prato surgiu no chão do quarto. Nele parecia conter uma fatia de pão,

uma maçã meio enrugada e uma caneca esmaltada, cheia d'água. Em seguida, um pedaço de bambu o empurrou meio desajeitadamente até os pés da cama, e foi recolhido. A portinhola foi encaixada rapidamente, fechando-se em seguida.

Mirta sentou-se, apanhou o prato e olhou para a comida. Não teria medo de ser envenenada. Se quisessem matá-la, já o teriam feito. Mas seu estômago não se animou com o banquete à sua frente. Ela depositou a comida de volta ao chão, imaginando se Iac estava sendo alimentado. O pobre sujeito precisaria, provavelmente, de muito mais do que aquilo para conseguir parar em pé.

Mirta então entrou em uma espécie de devaneio, onde culpava-se pelo que vinha acontecendo. Ultimamente fora alvo de incontáveis imprevistos, perseguições e tragédias. Será que Iac teria ficado melhor se não a tivesse conhecido? E quanto a Cerúleo? O que seria de seu amigo emplumado pelos próximos dias? Ela não queria ter de testemunhar algo acontecendo a ele. O mero pensamento fê-la arrepiar-se.

Por mais que pensasse, ela só conseguia atribuir qualquer culpa aos óculos. Talvez não fosse Brinaff o culpado pelas suas desventuras, e nem um monstro por ter sido responsável direto e indireto nas mortes em sua família. Quem disse que o dragão não era também vítima dos experimentos de Zaraff? Afinal, ele apenas trabalhava, alheio a tudo, quando viu a explosão na floresta dos lagos e conheceu o amigo vermelho. Quem disse que o próprio Zaraff também não era uma vítima das controversas forças naturais da magia?

Coçando a nuca e fazendo uma carranca, Mirta retirou os óculos do rosto. Ela os colocou na palma da mão e os dobrou, cuidadosamente. Seria possível que as coisas passassem a dar certo sem eles? Ela teria de tomar uma decisão rápida, antes que o efeito se dissipasse. Quando ela se tornasse novamente uma garota comum, não se lembraria de mais nada.

— Cró! — veio a voz grasnada de Cerúleo, do lado de fora da janela. Mirta se assustou, e os óculos caíram no chão.

— Cerúleo, você está vivo!

— Cró! Cró!

— Calma, calma, eu já vou colocá-los de volta. — Ela começou a tatear o chão, procurando por eles. Por sorte, não haviam caído muito longe, e a corda era longa o suficiente. — Eu estava apenas limpando as lentes, seu bobão.

– Cró!

– Não estou mentindo, sua galinha voadora! – Ela abriu as alças dos óculos e os colocou de volta, ajeitando-

-nos com o indicador na ponte do nariz. – Ei, não mude de assunto! Por onde andou todos esses dias?

– Cró!

– Mas eu não o vi em momento algum...

– Cró! Cró!

– Jura? Todo esse tempo? Pelos deuses, eu devia estar muito dopada, pelo visto. Juro que não me lembro de nada. Mas fico tão feliz que esteja bem, meu amigo! Conte-me tudo, então! Onde estamos? O que diabos está acontecendo?

Cerúleo passou os próximos minutos atualizando Mirta de tudo que ele sabia, o que não era muito. O pássaro havia escapado das flechas, mas foi esperto em segui-los mata adentro, quando desistiram de atacá-lo. Desde então, ele passara a monitorar os movimentos dos garotos. Eles não saíam muito e estavam sempre discutindo dentro da casa. Cerúleo estava certo de que havia com eles uma terceira pessoa. Ele também contou que ia todos os dias até a estrada, para conferir se a carruagem havia sido roubada. Até então, ninguém havia tocado no veículo, que permanecia com a roda dianteira atolada no buraco.

O que mais perturbou Mirta foi o que o pássaro relatou por último. Não era possível ver o que se passava no quarto de Iac, pois não tinha uma janela como aquela. Porém, pelo vão do teto do corredor, ele podia ver que entravam e saíam do quarto dele pelo menos duas vezes ao dia. Chegavam com um frasco de vidro e uma mangueira de borracha que continha uma agulha em cada ponta, e voltavam com o frasco cheio de sangue.

Segundo Cerúleo, ele acabava de vir de lá, e os meninos, dessa vez, voltavam do quarto com apenas dois dedos de sangue no vidro. Mirta estremeceu com a informação. Por que estariam drenando o sangue do rapaz?

– Cerúleo... isso é terrível. – Ela apanhou a caneca d'água e tomou um gole. – Sabe se ele está... vivo?

– Cró!

– Entendo... daqui eu também não ouvi nada. O que faremos? Você consegue um relatório de suas atividades? Preciso também de algo que possa cortar essas cordas, mas não sei como você poderia ser capaz de atirar objetos

até aqui. – Ela começou a morder uma mecha de cabelos. – Se ao menos não houvessem grades nessa janela...

– Cró!

– Mas isso é muita gentileza, meu amiguinho... – Ela sentiu o coração partir-se em pedacinhos. – Sabe o quanto eu as adoro. Veja, deixe-as guardadas lá no vão, por enquanto. Prometo que as aceitarei quando sairmos daqui.

– Cró!

– O que você...

Mas Cerúleo já havia saído da janela e voado para cima do telhado. Mirta aguardou ansiosa, enquanto pôde ouvir as patas do pássaro saltando de uma telha a outra. De repente começaram a despencar amoras no chão, de um dos filetes de luz que iluminava a cabeceira do catre. Mirta as apanhou, satisfeita, e colocou no prato, ao lado do pão e da maçã velha.

– Cerúleo, não tenho palavras para descrevê-lo...

– Cró! – veio o grasnar abafado do teto.

– Exato! Vai ser difícil colocar as mãos em um dos frascos, você sabe. Mas vale a pena tentar. Não podemos ficar aqui um dia a mais!

Quando a tarde caiu, o quarto ficou consideravelmente mais escuro. Mirta ouviu passos aproximando-se do corredor e retesou-se na cama. Torcia para ouvir apenas mais uma discussão entre os irmãos e, quem sabe, receber mais um pouco de comida. Mas não foi isso o que aconteceu.

A porta se abriu repentinamente e o ambiente se iluminou. Mirta reconheceu o garoto pela sua aparência decrépita. Sem camisa, era possível contar o número de suas costelas. Não era o garoto do arco, Kilrin, pois esse não tinha uma cicatriz no queixo, e os cabelos, também longos, sujos e rebeldes, tinham um corte diferente. Tratava-se do irmão, o responsável por colocar a lâmina em seu pescoço. Com umas das mãos, ele coçou o longo e afilado nariz, e com a outra segurava um lençol que devia ter sido branco um dia.

Mirta notou que, em uma tira de couro amarrada à cintura, pendia uma foice de mão meio enferrujada. O garoto aproximou-se de Mirta e fez um gesto brusco para que ela levantasse da cama.

– Mexa um músculo e corto seu pescoço – falou ele, com a voz gelada.

Ela obedeceu e esperou em silêncio, enquanto ele removia o lençol velho

do catre e o substituíra pelo novo. Depois disso, ele mandou que ela se deitasse de volta e inspecionou sua caneca d'água, recolhendo-a em seguida. Apanhou também o balde e saiu do quarto, batendo a porta. Mirta especulava se Cerúleo havia tido algum progresso.

Não se passaram mais que alguns minutos, e o garoto voltou. Dessa vez, ele vinha com a caneca cheia, novamente. E trazia na outra mão um frasco de vidro, enrolado com uma mangueira de borracha. Mirta sentiu os pelos na nuca ficando de pé.

Kilrin, o garoto do arco, entrou logo atrás e puxou bruscamente o irmão pelo braço.

– Spirin – disse ele, em tom repreensivo, inclinando a cabeça em direção a Mirta. – É apenas uma garota!

Spirin virou-se para trás e agarrou o irmão pela camisa.

– E isso importa, agora? Devíamos deixá-la ir e passar por tudo aquilo novamente?

– Sempre pegamos bandidos, Spirin! O combinado não foi esse!

– Entenda – grasnou Spirin, sacudindo o irmão. – Não há mais tempo!

Kilrin bufou, desvencilhando-se do irmão, e começou a dar voltas pelo quarto. Spirin agachou-se e atarraxou as duas agulhas nas pontas da mangueira.

– Não está funcionando, Kilrin... – Ele abaixou a cabeça, escondendo o rosto. – Não está fazendo mais efeito...

Spirin levantou-se com o aparato nas mãos e apontou com a cabeça para o irmão. Em segundos, Mirta sentia seus braços sendo segurados firmes contra o colchão. As mãos cadavéricas dos garotos eram muito mais fortes do que ela imaginaria. Spirin empurrou o frasco no chão com os pés, procurando uma melhor posição. Depositou dentro dele uma das pontas da mangueira e levou a outra ponta em direção à veia de Mirta. Ela sabia que seria inútil resistir, então limitou-se a fechar os olhos, com força.

Foi então que uma voz de mulher começou a ressoar pelo corredor, aos berros:

– Está queimando! Eu estou pegando fogo!

Os dois irmãos trocaram um olhar pesaroso, mas não soltaram o braço de Mirta. A voz passou a vir mais nítida, seguida de gritos rasgantes. Coisas começaram a ser atiradas no chão, espatifando-se. sons abafados de prateleiras de livros indo ao chão, até que, em determinado momento, uma

figura maltrapilha surgiu na porta do quarto. Uma mulher de cabelos falhos, uma cabeça calva em várias partes, e a pele pálida manchada de pintas marrons. Seu rosto era uma constante careta deformada.

Spirin e Kilrin soltaram o braço de Mirta e pularam do catre, em direção à porta.

– Você a deixou solta, seu imbecil? – rosnou Spirin.

– A culpa é minha, devo ter dado um nó muito frouxo – explicou-se o outro, enquanto agarravam a mulher pelos ombros. – Ela vinha tão bem nas últimas semanas.

– Por favor, eu estou pegado fogo – choramingou a mulher, soltando o peso do corpo nos braços dos garotos. – Me ajudem... Não quero mais pegar fogo, eu vou morrer...

Mirta já começava a experimentar uma onda de pânico legítimo. Um filete de suor escorreu de sua testa pela primeira vez, em anos. O que esses garotos andavam fazendo às pessoas?

Kilrin começou a acariciar os cabelos falhos da mulher.

– Está tudo bem, mamãe... o fogo vai passar. Vamos voltar para o quarto, está bem?

32 – SOB O JUGO DO REI

Hillel tentou engolir, mas sua garganta estava com-primida, dificultando até sua respiração. Os olhos não acreditavam no que viam, não era possível. Lentamente, desenhando círculos no ar, o abutre despencava, mergulhando na boca do covil de Corff.

Seu primeiro instinto foi o de apertar o cabo da espada e preparar-se para o combate, mas nada aconteceu. Os outros abutres, espantados pelo abatimento repentino do colega carnicheiro, acabaram retomando suas posições. Haviam deixado cair os pedaços de carne, mas já se posicionavam para buscar outros. Graças aos quatro o dragão não fora despertado... Hillel virou-se para trás, com os olhos vermelhos de fúria:

– Quem foi o responsável por isso? – rosnou para Lumuir. – Quero-o aqui em dez segundos, para poder cortar sua cabeça pessoalmente!

– Vou averiguar, chefe – assentiu o grandalhão, afastando-se imediatamente.

Segundos depois, ele já voltava. Hillel mal retornava à sua posição agachada quando sentiu um cutucão na ombreira da armadura.

– O que foi, infeliz?

– Chefe, digo... comandante... os soldados de infantaria já estão comentando... o arqueiro está morto.

– O que? – Hillel não entendeu bem a informação. – Quem está morto?

– Sóz o matou, chefe.

Hillel olhou para um dos pontos elevados onde os arqueiros se posicionavam. O corpo de um deles estava estirado no chão, e os colegas em volta, tentando entender o que se passara. Alguns apontavam para a descida da colina, como se falassem de alguém que havia escapado.

O comandante comprimiu os dentes até quase trincá-los. Sóz havia enganado os guardas e tentado tomar o arco de um dos soldados. Ele podia tê-los matado a todos! Desgraçado!

– Ele está acorrentado, droga! – grasnou Hillel a Lumuir e Iva. – O que estão esperando para pegá-lo?

Subitamente, sem qualquer explicação, enquanto Hillel falava, sentiu o

solo debaixo de seus pés começar a tremer. Lumuir também sentiu, empertigando-se. Três segundos depois, todo o local vibrava, e as centenas de pares de olhos voltaram-se para a boca do antigo vulcão, o anel azulado.

– Essa não... – balbuciou Hillel.

A partir desse ponto, houve pouco tempo para reações de qualquer tipo, tamanho o deslumbre e pavor diante do que se seguiria. Da boca do anel passou a subir uma coluna de vapor branco, uma nuvem espessa, jorrando como um gêiser em direção ao céu. Hillel ouviu as vozes dos soldados sugerindo que batessem em retirada, e alguns deles já davam passos para trás, aguardando somente a ordem dos capitães, para fugirem.

– Comandante Hillel! – gritou o capitão Habass, do pátio inferior. – O dragão despertou! Quais são as suas ordens?

Hillel não tinha nenhuma. A nuvem de vapor continuava subindo, e então facho de luz azulada passaram a cortá-la de dentro para fora, como imensas flechas de energia, dispensadas para o alto. Então esse era o poder do rei dos dragões. Parecia que seu tio havia se enganado quanto ao poder da criatura.

– Comandante! – gritou também Zano, desesperado por um posicionamento.

Hillel calculou suas chances e viu que seriam poucas, caso fugissem. A descida das montanhas era também muito custosa e dispensaria muitos dias de trabalho das unidades. Talvez encurtassem a fuga por evitar os acampamentos, e estavam em um ponto não muito distante margem oeste do oceano. Mas o que seriam deles, montados em embarcações aquáticas, contra um dragão voador e aparentemente muito poderoso?

Colocando-se de pé, Hillel respirou fundo e declarou a todos;

– Homens da Ordem Branca. Não iremos fugir, pois a chance de uma fuga bem-sucedida é praticamente nula. Quero todos os arqueiros em posição, com o estoque de veneno às mãos. Se temos uma mínima chance, lutaremos por ela.

– Sim senhor, comandante – respondeu Zano, fazendo em seguida um sinal a seus homens.

– Às suas ordens, comandante Hillel – Habass e Forg prestaram uma reverência e dirigiram-se a seus homens com suas próprias ordens. As três unidades começaram a se mover em formação de combate.

Enquanto Iva e Lumuir se afastavam, Hillel parou e aguardou, com a espada em mãos. Veio da entrada do covil um rugido grave, que o fez engolir

a seco. O chão começou a tremer ainda mais forte, e a névoa parou de jorrar.

Com um zunido abafado, subiu aos céus a figura branca do rei dos dragões. Ele voou em linha reta, perdendo-

-se na nuvem espessa que ele próprio criara. Demorou-se lá por alguns instantes e então mergulhou, pousando no anel azulado. Suas garras cravaram-se na placa arredondada de gelo do Monte Yanen. Os dois pares de asas permaneceram abertos, esticados em quatro direções diferentes. Ele esticou o pescoço, virou a mandíbula para cima e soltou um urro estrondoso, o som mais aterrorizante que qualquer um ali já havia ouvido.

Hillel sentiu os dedos fraquejarem e os joelhos sacu-direm. Sua espada caiu ao chão, resvalando nas pedras com um clangor metálico.

– Por Okkon...

O comandante descobria, para sua infeliz surpresa, que o tio estivera enganado o tempo todo. Corff era um monstro; colossal ou majestoso eram adjetivos muito modestos para descrevê-lo. O dragão era um lagarto de couro e escamas brancas, com rastros de penugem amarelada na região dorsal. O pescoço alongava-se até a couraça sólida de sua cabeça, de onde saltavam dois grandes chifres em bifurcação, anelados por runas de azul luminescente. Os olhos faiscavam como duas gemas da mesma cor e quase sem íris, igualmente brilhantes.

Hillel teve a sensação de que seu estômago se revirava em um nó dentro da barriga. Corff era muito maior do que esperava. O maior dragão de que já ouvira falar não passava de quinze ou vinte metros de comprimento, e esse era um tamanho capaz de causar arrepios no melhor dos batalhões. Corff, o rei, não tinha menos de oitenta, se contasse o comprimento de sua cauda. E a envergadura das asas ultrapassava facilmente um décimo de quilômetro.

As unidades eram formigas diante do deus alado. Não mais que uma fina camada de pó diante de suas patas.

– Estamos todos mortos... – murmurou.

– Comandante, cuidado! – gritava um dos arqueiros, do alto de uma pedra.

Hillel piscou os olhos e viu que o dragão não estava mais pousado na borda do anel azulado. Uma sombra larga começava a se formar sob seus pés, aumentando gradativamente de tamanho. O comandante apanhou sua espada e desceu de qualquer maneira o piso pedregoso, estatelando-se na neve da trilha, no nível inferior. Levantan-do-se depressa, ele assobiou, e outros

soldados passaram a segui-lo.

Corff aterrisou nas pedras, trincando parte do solo e derrubando uma coluna rochosa. Uma chuva de detritos derramou-se por cima dos homens. Outros soldados ainda recolhiam suas aljavas e lutavam para descer de um cocuruto elevado.

– Saiam daí! – berrou Hillel.

Corff deu outro urro, fazendo estremecer e saltitar poeira de pedra, onde ele havia pisado. Em seguida, as narinas do dragão começaram a fumar uma névoa azulada. Ele girou o pescoço, fazendo balançar os dois grandes bigodes flexíveis, e abriu a boca. A névoa passou a ficar espessa entre seus dentes e aumentou de tamanho, até tornar-se como um círculo de vapor gelado.

– Pulem, desgraçados! – grasnou o comandante, ainda ganhando terreno.
– Ele vai matá-los!

Eram quatro arqueiros e todos ainda estavam no elevado quando o disparo de Corff os atingiu. Eles não tiveram sequer tempo para gritar por suas vidas. O elevado tornava-se um bloco irregular e disforme de gelo sólido, prendendo-os para sempre.

Então Hillel, ainda correndo, entendeu que seria inútil fugir. Talvez tanto quanto tentar lutar. Mas não poderia entregar a vida de todos. Muitas pessoas já haviam morrido por sua culpa, e se ele queria cessar a contagem, teria de fazer algo muito efetivo. Mas o quê?

Enquanto afastava-se dos descampados e mergulhava em uma ravina, Hillel viu o estado em que seus soldados se encontravam. Exceto pelos capitães e uma meia dúzia de bravos, corriam todos feito insetos assustados. Espalhando-

-se, corriam para lugares de difícil acesso, e escondiam-se onde seriam presa fácil para o dragão. Os médicos esperavam por qualquer comando, mas não pareciam estar mais bem orientados. Então Hillel percebeu que não via Nil perto de nenhum deles.

– Bastardos – rosnou. – Deixaram-na sozinha.

O comandante atravessou uma garganta estreita e saiu do outro lado, em outro campo largo e espaçoso, onde deviam ter permanecido Sóz e Nil, bem guardados. A quantidade de rochas grandes era maior, e isso poderia ser uma vantagem. O dragão não atacaria aquilo que não visse. A não ser que tivesse um olfato tão monstruoso quanto ele próprio. Para o bem de seu próprio

moral, Hillel preferiu pensar que não.

O dragão continuou perseguindo as unidades, derrubando-os como insetos, com patadas violentas. Hillel sentiu vontade de cair de joelhos quando viu cerca de oito ou nove soldados de Forg tentando atacar os dedos de Corff. A pata subiu e desceu tão rápido, esmagando-os, que não houve tempo sequer para gritar.

O comandante correu para trás de uma rocha comprida e inclinada, e bateu com as costas na pedra. Sua respiração começava a apertar o peito, e ele pensou até em remover o peitoral da armadura. Não faria qualquer diferença. Segundos depois, caía no chão a peça metálica, e ele fez o mesmo com as grebas e caneleiras. Enfiou a espada de volta na bainha e abaixou-se, esgueirando-se até o outro lado da pedra.

Para seu alívio, Nil ainda estava lá, deitada na maca. Mas não havia um só soldado por perto, para protegê-la. Hillel olhou para o céu e viu que a névoa começava a baixar. Em poucos minutos, o local estaria envolto por neblina sólida.

Estava só piorando.

Corff levantou voo novamente, com um grito estridente, e parou no alto, batendo as quatro asas. Parecia procurar, com calma, o melhor lugar para atacar. Hillel viu a unidade inteira de Habass escondida do outro lado do descampado, atrás de uma fileira de pedras redondas, cheias de limo. Quase como se pudesse adivinhar sua posição, Corff imergiu, cortando o ar com um estalo assombroso e mergulhou na direção da unidade. De sua boca já nascia a esfera de luz azulada.

— Habass...

Hillel não teve tempo de chamar os companheiros. Em um instante, grudava-se no chão uma ponte de gelo, repleta de estalagmites, por toda a extensão da fileira de pedras. Os homens ficaram grudados, quase todos na mesma posição. Alguns, mais afastados, tiveram metade dos corpos congelados, e os braços livres agitavam-se, em espasmos de última agonia.

Estavam sendo massacrados. Tentando não pensar no que vira, Hillel correu, com as pernas ainda bambas, em direção a Nil. Seria quase um esforço inútil tentar salvá-la, mas era mais forte que ele. Já havia perdido metade de seus homens e não fazia ideia se um dia poderia superar.

Talvez, se conseguisse escapar com vida.

Ele passou em velocidade por dois arqueiros, sentindo o ar gelado cortar

seu rosto. Nem deu atenção ao que faziam e foi direto para a maca de Nil, já caindo de joelhos.

– Por Okkon, você está bem...

Nil parecia inteira, talvez só um pouco desidratada e pálida, mas ainda viva e enrolada em cobertores de pele. Com cuidado, ele passou a mão pelas costas da garota e a ergueu no colo.

O dragão deu outro guincho, só que, dessa vez, meio desconcertado. Hillel virou-se para olhar, e Corff, pousado no chão, parecia incomodado com algo em sua boca.

– Ele parece ter sentido, comandante! – gritou um dos arqueiros. – Atingimos sua língua!

Hillel sentiu uma pontada de esperança.

– A flecha estava envenenada?

– Duas vesículas cada uma – o soldado voltou a esticar a corda do arco – Atirar na couraça é perda de tempo. As runas devem protegê-lo com alguma espécie de energia.

Hillel achou boa a notícia, mas não por muito tempo. Restavam apenas uma dúzia de arqueiros vivos. Duas, na melhor das hipóteses. Com uma vesícula a mais por flecha, o dragão sentira um mero desconforto. Iam precisar descarregar cinco litros de veneno em sua boca, se quisessem matá-lo.

– Quem comanda sua unidade? – perguntou Hillel, pensativo.

– Forg, senhor. Ele está descendo pelas bordas, onde as estradas são estreitas. O dragão não os alcançará a pé.

– Inteligente – concordou o comandante. – Mas por que não foram junto dele?

O arqueiro disparou, mas acertou a cauda do dragão, que pareceu nem sentir, já virando-se para outro bando de soldados.

– O senhor mandou lutar, comandante – falou ele, preparando outra flecha. Não restavam muitas em sua aljava. – Não pretendo sair daqui sem fazer isso.

– Ou você é muito bravo ou muito louco. Os dois, na verdade. – Hillel apontou para o chão com o olhar. – Permaneçam aqui, tentem não perder disparos em seu couro. Quero todos os arqueiros mirando na boca do miserável. Mandarei seus colegas tentar a mesma coisa do outro lado do platô. Se ele os vir, fujam para onde for possível, ouviram bem?

– Sim, senhor!

Hillel afastou-se e decidiu atravessar de novo a ravina, para alcançar os homens de Zano. Era uma lástima terem perdido Habass e seus homens, mas havia ainda um restante vivo e disposto a lutar por suas vidas. Não se entregariam, tampouco ele faria o mesmo.

O ar começou a ficar mais espesso bem no momento em que ele depositava o corpo de Nil no chão. Pretendia saltar livre a ribanceira, e a puxaria de volta ao colo quando atingisse o piso logo abaixo.

– Ah, não...

A neblina caiu como um véu pesado e frio, bloqueando quase que totalmente a visão e espalhando-se no solo, como uma barragem rompida. As vozes dos soldados começaram a vir de todos os lados, desorientadas e desesperadas. Hillel esticou o braço para frente e mal conseguiu ver a própria mão.

– Forg! – gritou ele. – Capitão Forg, está me ouvindo? Capitão Zano?

Hillel só ouvia barulho de espadas caindo ao chão, homens tropeçando e trocando xingamentos.

– Capitão Zano – insistiu ele –, onde estão suas unidades?

– Comandante – veio uma voz distante, de algum lugar ao sul das ravinas –, estamos aqui embaixo!

Hillel colocou as mãos em concha ao redor da boca e estufou o peito:

– Eu preciso... – respirou outra vez – que o acertem na boca! Entenderam?

– Está muito barulhento, senhor!

– Não disparem contra a carcaça! – grasnou. – Acertem a boca do dragão!

E ninguém disse mais nada. O dragão voava em direção a eles, era possível sentir sua presença monstruosa. A sombra gigantesca cortava o muro sólido de neblina acima de sua cabeça. Hillel ouviu mais alguns gritos e som de metal se chocando. O dragão grunhia e urrava, mas era impossível saber se ele o fazia de dor, ou em comemoração por ter massacrado mais um grupo.

Com cuidado, Hillel deixou o próprio corpo cair ao chão, de joelhos, e começou a tatear, procurando por Nil. Se ela acordasse, ficaria desesperada. Queria poder segurar sua mão e dizer que tudo ficaria bem, mas não tinha certeza se soaria suficientemente convincente. Com as pontas dos dedos, ele sentiu o volume dos pés da garota. Ela ainda estava por ali. Com o mesmo zelo de antes, ele a apanhou e botou no colo. Só não sabia para onde seguir.

O melhor caminho, talvez, fosse alguma pedra, onde pudesse mantê-la protegida. Ia evitar a ribanceira. Sem poder enxergar, ela já não era mais uma opção.

Ele passou a caminhar a esmo, tateando primeiro com os pés, por medo de tropeçar e cair na ravina. Quando pisava em terra firme, puxava a outra perna e deixava ir junto o corpo. Chegou a topar em umas pedrinhas redondas do chão, mas nada que pudesse derrubá-lo.

– Comandante Hillel! – chamou alguém, não muito longe dali. A voz era parecida com a de Iva. Difícil identificar no meio da balbúrdia de metal e gritaria. – Comandante!

Hillel virou-se em direção à voz e respondeu:

– Aqui, perto da ravina!

Segundos depois, Hillel ouvia o som de botas batendo na neve e também o de correntes se arrastando. Sentiu um esbarrão nos ombros e foi empurrado para trás, quase despencando no chão. Um segundo depois, o rosto de Sóz colava-se ao dele:

– Gostando do passeio nas montanhas, comandante? – ele falava com a boca quase fechada e exibia o sorriso esnobe de sempre, distorcido, por causa do inchaço na mandíbula.

Hillel pensou imediatamente em apanhar a espada e perfurá-lo, mas tinha a garota no colo. Não havia tempo para reagir.

– Ei! – Sóz foi puxado para trás com um movimento brusco e caiu de costas. – Parem com isso, imbecis! Eu não ia fazer nada!

Surgiram em seguida as figuras de Iva e Lumuir, parando a dois palmos do comandante. Seguravam firmes as correntes do prisioneiro.

– Está bem, comandante? – perguntou Iva.

O comandante respirou aliviado.

– Sim, estou com a garota. Veio mais alguém com vocês?

– Não, comandante – falou Lumuir. – Passamos pelos homens de Forg, chegou uma notícia aos ouvidos dele de que o senhor havia mandado os arqueiros acertarem a boca do lagarto, é verdade?

– Precisamente – assentiu Hillel. – As unidades terrestres não têm mais qualquer valor aqui. Ouçam bem, precisamos recuar e levar os feridos em segurança. Mas isso só será possível se conseguirmos divergir a atenção do dragão, está claro? Não quero ninguém fugindo enquanto ele os caça feito coelhos.

Lumuir sorriu.

– Esse é o meu comandante.

– Não pensamos nisso nem por um instante, senhor – completou Iva.

– Bom. – Hillel olhou para as correntes que amarravam Sóz. – E quanto a ele?

– De mim ele não fugirá, senhor – disse Lumuir. – Sabe que eu cortaria fora suas orelhas, se tentasse alguma gracinha.

– Não cortaria – provocou Sóz, ainda caído ao chão. – Ei!...

Lumuir deu um puxão nas correntes, levantando o rapaz no alto. Com o punho cerrado, desferiu-lhe um soco no maxilar quebrado. Sóz caiu de novo no chão, se retorcendo e gemendo uma série de palavrões. E tudo ficou escuro novamente, ao redor deles.

– O dragão está passando por cima – disse Hillel. – Depressa, precisamos nos esconder!

Corff emitiu um guinchado alto, passando em velocidade por cima de suas cabeças. Lembrava os estalos que fazem os relâmpagos em tempestades violentas. Hillel acompanhou o som da voz dele. O dragão fez uma curva no alto, parou e veio com tudo em direção a eles.

– Saiam daqui! – berrou Hillel, empurrando Lumuir com os pés. Ele próprio saiu correndo, torcendo para não afundar as pernas na ravina e machucar a garota em seu colo. Mas qualquer coisa seria melhor que ser abocanhado por Corff.

Cada um correu para um lado, afastando-se o máximo possível. Abriram dezenas de metros de terreno, de modo que o dragão, se os apanhasse, não o fizesse a todos de uma vez. E nenhum deles lembrou-se de apanhar Sóz.

O dragão desceu chicoteando o ar e, por dois segundos, puderam ver sua figura gigantesca materializando-se na névoa diante deles. Primeiro Sóz gritou, pediu que ele, por favor, não o levasse, mas a pata de Corff o envolveu e levou para o alto em um piscar de olhos. Depois, Sóz apenas gorgolejou enquanto era esmagado feito papel, e sua voz sumiu no ar.

Hillel continuou correndo, tentando pensar em alguma coisa. O dragão estava vencendo com muita facilidade. Ele deu mais dez ou vinte passos e freou, antes de chegar à beira da ravina, e então animou-se. Ele já conseguia ver o chão. A neblina estava se dispersando.

Subitamente, Hillel ouviu alguém sussurrando e em seguida sentiu uma mão fria tocando seu rosto. Ele se assustou e girou, procurando de um lado ao

outro, mas não viu ninguém. Devia estar imaginando coisas. Mas logo depois ouviu novamente, uma voz baixa e fraca, vinda de seu colo:

– Onde... estamos?

Quando ficou quase totalmente claro novamente, Hillel teve a real dimensão da destruição causada por Corff. A maioria das elevações rochosas fora reduzida a amontoados de cascalho. Por toda parte havia linhas grotescas de gelo espinhento, largas feito rios. Muitos dos soldados jaziam sob elas, imobilizados, sem vida ou lutando pelos últimos minutos dela. Três quartos do batalhão já havia sido completamente massacrado, e seus corpos espalhavam-se por todos os lados; fosse nas trilhas estreitas congeladas, plataformas, ou esmagados diante do peso colossal do dragão.

E o rei voava sem preocupações. Mergulhava no ar e, segundos depois, aumentava-se a contagem dos mortos em mais dois ou três. Era questão de tempo até que todo o batalhão perecesse. Quando alguém se afastava um pouco mais, ele circulava o topo da montanha em espiral até encontrar sua presa. E não voltava sem encontrá-la.

Hillel carregou Nil até a parte mais estreita da ravina e a posicionou no chão com todo o cuidado. Havia duas pedras acima de suas cabeças que quase se encontravam, deixando apenas um estreito vão livre. Seria o último lugar onde Corff procuraria.

– Fique aqui e não se mova – orientou ele. – Pode fazer isso por mim?

– Sim, comandante... – os olhos dela reviravam-se constantemente. Ainda não estavam totalmente despertos, mas não havia tempo.

Escalando a beirada da ravina, Hillel esgueirou-se por entre uma fileira de corpos, vasculhando um a um, até encontrar um arco. Queria fazer também sua parte. Ele passava pelos cadáveres evitando olhá-los no rosto. Eram todos rostos conhecidos, que na noite anterior acampavam alegres, cantando e comendo a sopa deplorável dos homens de Habass. E agora o capitão estava morto. Junto de todos aqueles rapazes promissores que um dia juraram a ele suas vidas.

Ele apanhou o primeiro arco que viu e puxou com força a alça da aljava, presa debaixo do corpo do antigo dono. Restavam sete flechas com vesícula na ponta. Excelente.

Olhando para o alto, Hillel repassou mentalmente o padrão com o qual Corff vinha atacando seus oponentes. O dragão subia, dava um rasante a

baixíssima altura e apanhava alguns soldados. Fazia isso duas vezes antes de atirar outro jato de gelo, pois devia precisar de tempo para recarregar as energias. Todos os dragões precisavam, e o fato de Corff conseguir efetuar um número aparentemente infinito de disparos em um intervalo de minutos era, no mínimo, aterrador. Mas, como Hillel gostava de pensar, era um começo. Após disparar, Corff também passava alguns minutos sem poder gastar muito suas forças com o voo, então ele atacava o batalhão com golpes de sua cauda gigantesca.

Pensando bem, já era um milagre que restassem ainda alguns vivos.

Corff estava muito ao sul, lutando nos patamares inferiores. Estava no momento entre os ataques corporais e os voos. Mesmo correndo dezenas de metros acima, Hillel podia ainda ver o dorso e a cabeça gigantesca do animal sobressaindo-se às plataformas.

Quando ele chegou nas extremidades do platô, Hillel sacou o arco e preparou uma flecha. Lá embaixo, os soldados faziam o mesmo e pareciam estar acertando o alvo. Dúzias de flechas subiam para o alto, e algumas delas iam parar dentro da boca do dragão. Corff ficava cada vez mais e mais furioso. Sacudia-se feito um urso quando é atacado por insetos rastejantes. Cada vez que era atingido, ele revidava com mais violência e errava mais os alvos. Havia duas opções, pensou Hillel, ou a toxina estava começando a afetar seu sistema nervoso, ou, no mínimo, suas vistas. Encorajado, Hillel mirou também na cabeça, e dali não seria difícil acertá-la. Mas ele não queria desperdiçar flechas atingindo a couraça quase metálica de Corff. Estava mais interessado em seus olhos, ou direto nos anéis rúnicos de seus chifres, apesar de ele não acreditar nesse último.

O primeiro disparo de Hillel foi praticamente um milagre e o pegou de surpresa. Os dois chifres de Corff saíam de sua testa e seguiam afilando-se paralelos ao pescoço, fazendo um trajeto levemente sinuoso. A flecha ficou presa entre o segundo e terceiro grande círculo azulado, na base do chifre direito. O dragão, visivelmente incomodado, baixou a cabeça e começou a esfregar o local da ferida, lembrando um gato quando limpa os próprios pelos, ou uma pessoa atormentada por mosquitos. Havia, então, locais onde as runas eram vulneráveis. As narinas de Corff começaram a exalar vapor, e ele se ergueu, girando a cabeça em direção a Hillel e o encarando frente a frente. Quase de pé, o animal era uma estátua de terror. Uma antítese de beleza alva e morte sangrenta.

Hillel morreria nos próximos segundos.

Mas um barulho irritante de metal batendo contra metal começou a invadir o ambiente. Parecia um som percussivo, como quem bate as panelas para chamar a atenção dos convidados. Hillel tombou os olhos e viu que era Labal, logo um nível abaixo, tentando chamar a atenção do dragão. E ele conseguia. Quando o dragão virou de volta subitamente a cabeça, o ar deu uma pancada em Hillel, quase derrubando-o da plataforma. Labal tinha nas mãos uma espada quebrada e uma peça de armadura, e continuava batendo, chamando o dragão para longe do comandante.

– Ei, horroroso! – gritava ele. – Bata em alguém do seu tamanho!

Corff deu passo para trás, preparado para abocanhar o velho, e Hillel armou outro disparo, o mais rápido que pôde. Com as mãos meio trêmulas, decidiu colocar duas flechas na corda e as lançou imediatamente. O lagarto desgraçado ia mastigar o velho. As duas zuniram no ar e resvalaram na couraça da cabeça dele, e Corff, sem se incomodar, deu um bote em Labal, apanhando-o entre os dentes.

– Não! – berrou o comandante. Com os olhos esbugalhados, ele virou-se para todos os que estavam lá embaixo: – Continuem atirando! Acabem com ele, droga!

Os soldados obedeceram, e mais uma saraivada de flechas subiu, atingindo o dragão em vários pontos. Hillel descarregou toda a aljava e acertou metade dos tiros. Um deles bem no olho azul de Corff.

O dragão deu um gemido e começou a se sacudir, piscando o olho. Sua boca enorme abriu-se em seguida, deixando despencar o velho.

Labal levou um certo tempo – muito além do que Hillel desejaria – até que atingisse o chão, levantando uma coluna de poeira gelada. O comandante ainda torceu para que a altura não fosse o suficiente para matá-lo, mas sabia o que tinha acabado de ver. Eram dezenas de metros...

Sem dar a eles tempo para lamentar, Corff continuou urrando, girando sobre o próprio eixo e destruindo a tudo em que pisava. A flecha no olho o deixara em fúria insana. O restante do batalhão veio dos níveis superiores e começou a cercá-lo com mais disparos. Um total miserável de uns vinte homens, talvez. Moscas contra um deus. Mas Corff já parecia dar sinais de letargia por conta do veneno, e decidiu não continuar com o massacre. Os homens pareceram não acreditar quando o deus alado atolou os pés na neve, apoiou-

-se sobre as patas traseiras e subiu num rasgo para o alto, em direção a seu covil.

Alguns soldados deixaram cair os arcos e bestas, e desabaram no chão, exaustos. Outros levantavam as espadas, bradando eufóricos gritos de guerra. Em instantes, todo o batalhão sobrevivente celebrava a vitória contra o deus dos dragões.

Para Hillel, no entanto, fora uma derrota devastadora. Uma perda de quase cem dos melhores soldados do continente, contra um arranhão em um dos olhos do lagarto. Dentre os mortos, o capitão mais condecorado da capital. Dezenas de corpos de impossível resgate. Quase todo o restante ferido. Não, nem na balança do comerciante mais desleal do mundo aquilo seria uma vitória.

33 – SÍNDROME

Era ainda a tarde daquele mesmo dia. O quarto desde que deixaram os Lagos Espalhados. Mirta sentava-se em silêncio, no quarto escuro, enquanto os dois gêmeos recolhiam sua mãe e a colocavam de volta em seus aposentos.

Então era isso, pensou. Eles raptavam bandidos, pessoas das quais a sociedade não sentiria falta, ou que ao menos não recorressem à ajuda da guarda quando fossem soltos. E o motivo era óbvio. A mãe sofria de alguma doença grave, que deixava a pele naquele estado, fazia cair os cabelos e também alterava o juízo. Quando os sons de passos retumbaram de volta no corredor, Mirta já sabia o que ia lhes dizer.

A porta se abriu, e entraram os dois de uma vez. Pela expressão corporal dos gêmeos, vinham com intuito de continuar o serviço. Não sairiam dali sem um frasco cheio do sangue de Mirta. Spirin aproximou-se primeiro e levou o dedo em riste bem na ponta do nariz da garota.

– Nem uma palavra sobre isso, ou nunca sairá daqui.

Essa era outra coisa na qual Mirta vinha pensando desde que os irmãos discutiram na sua frente. Se eles capturavam bandidos por motivos de segurança, o que eles haviam preparado para evitar que ela fosse às autoridades quando solta? No lugar deles, ela não soltaria reféns que oferecessem um mínimo de risco como esse. Com o rosto sério, ela entendeu que se não resolvesse de forma contundente aquela situação, jamais sairia com vida da cabana.

Eles a seguraram firme novamente. Kilrin trouxe a mangueira, e Spirin jogou o peso de seu corpo contra o de Mirta. Mais uma vez, as mãos magras dos garotos a surpreendiam.

– Eu posso ajudá-la – falou Mirta, subitamente.

– O quê? – Kilrin afastou a mangueira, confuso, e trocou um olhar com o irmão.

– Continue, idiota – ordenou Spirin. – Eles fazem qualquer coisa para não serem espetados. Não dê ouvidos a ela!

– Eu falo sério – insistiu Mirta. O tom firme com que impostara a voz

devia ser suficiente para convencê-los, ou ao menos desconcertá-los. Ela já sentia o aperto menos firme no braço. — Sei o que a mãe de vocês tem.

E foi o suficiente para que os dois irmãos a soltassem, afastando-se alguns centímetros. Spirin ficou meio ator-doadado, mas não demorou muito a se recompor, voltando a apontar o dedo:

— Espero que não esteja fazendo piadas, garota. — Ele sacou a foice de mão da cintura. — Eu não teria problemas em usá-la. É preciso que você nunca duvide disso.

Ela não duvidava.

— Não faço piadas — seguiu Mirta. — Sua mãe sofre de uma doença rara chamada Síndrome do mangu-de-manchas. É uma condição muito rara que ataca o fígado e os rins, impedindo que certas toxinas sejam extirpadas do sangue. Por conta desse efeito, o paciente que sofre da doença tem de transfundir o tempo todo, e é isso o que fazem. — Ela viu que os garotos ouviam atentamente. Mirta chegou a sentir uma pontada de pena deles. — Os principais sintomas são queda de cabelo, manchas na pele e alucinações. Essas últimas por conta do veneno no sistema nervoso. É perfeitamente tratável!

— Está mentindo, não está? — Spirin fez um gesto largo, de repúdio. — Os médicos disseram que era incurável! Isso quando não nos mandavam de volta para casa, dizendo que não sabiam o que havia de errado com ela! Como uma garota como você, quase da nossa idade, pode saber mais que eles?

— Acalmem-se. — Ela se sentou, com movimentos lentos para não deixá-los em alerta. — Meu nome é Mirta Vento Amarelo, e eu sou uma estudiosa da capital. Em primeiro lugar, devem saber que existe em Tulma apenas um médico especialista em doenças da imunidade. Esse homem é conhecido como Professor Deodenes, e é um sujeito de muito conhecimento. Fui sua aluna por um tempo, quando me enveredei por esses assuntos.

Spirin cruzou os braços e olhou para o irmão, que lhe devolveu o olhar. Pareciam se perguntar se deviam ou não acreditar. Kilrin resolveu arriscar:

— Então é uma espécie de enfermeira ou algo do tipo?

— De forma alguma. Não sei aplicar uma injeção melhor do que vocês, mas me interesse por certos assuntos e, por um tempo, devorei os livros sobre o mecanismo de algumas doenças. — Ela estendeu os braços, como quem pede calma. — Deixem-me preparar para ela um chá de verruga-verde. Ela só tem de tomar dois copos por dia. Um na hora do almoço e outro ao se deitar.

Verá como o sangue dela começará a correr mais limpo. Os sintomas diminuirão!

Os meninos tomaram alguns minutos pensando a respeito, mas, aparentemente, não tinham muitas opções. Foi Spirin quem deu as condições:

– Procurarei pela verruga-verde e farei o chá. Conheço a planta, mas nunca passou pela minha cabeça os possíveis benefícios. – Apontou o dedo pela terceira vez. – Você tem até amanhã para minha mãe começar a mostrar sinais de melhora. Caso contrário, usaremos cada gota do seu sangue.

– Compreendo. – Ela tomou coragem e perguntou: – Como está meu amigo, Iac? Ele ainda vive?

– O quê? – perguntou Spirin, coçando o nariz fino. – Está nos tomando por assassinos?

E, com isso, deram as costas e saíram, batendo a porta do quarto.

O próprio Cerúleo, meus amigos, escondido o tempo todo atrás das grades da janela, não fez ideia se Mirta falara ou não a verdade.

No fim daquela mesma tarde, enquanto Mirta tomava um gole d'água na caneca, os meninos voltaram. O quarto estava em absoluto breu; isso acontecia todas as tardes, quando o sol começava a se por. Spirin entrou segurando uma lamparina a óleo nas mãos e a colocou sobre um dos caixotes de madeira.

– Está bom aqui? – perguntou ele.

Mirta não entendeu direito. Ele estaria trazendo iluminação para o quarto, sem mais nem menos?

– Essa altura está boa? – insistiu o garoto. – Consegue ver direito?

Mirta assentiu, e o garoto deixou o quarto sem dizer mais nada. Mirta passou um tempo encarando as chamas tremeluzentes, deixando a imaginação saltar junto das sombras na parede. Erguendo os lábios em um sorriso, ela sabia que estava dando certo.

Era o nono dia desde a saída dos Lagos Espelhados. Mirta olhava para frente, os olhos quase fechando de cansaço e tédio, a cabeça latejando de dor. A carruagem balançava feito uma charrete sem molas, por causa do amassado na roda dianteira. Cerúleo tinha de cravar as pequenas garras no couro do assento e, mesmo assim, equilibrava-se de asas entreabertas, com os solavancos. Fora uma viagem dura e nada confortável.

Quando o sol surgiu de dentre as nuvens, a penumbra do carro iluminou-se, e Mirta viu que estava perto. Do alto do morro, ela via a estrada descer em várias curvas e afunilar-se até desembocar na capital, Tulma. A cidade erguia-se feito uma redoma de pedra, colorida pelas moitas esparsas e planícies verdes dos arredores. O Mar Superior vinha do norte, banhando a testa do continente, e, ao longe, era possível divisar as velas dos barquinhos brancos, em uma eterna vigília pelos territórios do rei.

Ela estava com saudades, essa era a verdade.

Desligando temporariamente os motores, Mirta abriu a porta e desceu, esticando as pernas. Queria sentir no rosto a brisa marítima que vinha até ela, mais uma vez. Os cabelos loiros saltaram no vento, lembrando-a do porquê de carregar aquele nome. Cerúleo dava voltas no céu, também contente pela chegada.

Então a porta do lado do carona também se abriu, e saltou Iac, esfregando os olhos, com sono. Ele, sessenta vezes mais alto, como ela gostava de pensar, recebeu também o vento fresco na moita de cabelos, mas não pareceu apreciar muito.

– Por que estamos parados? – resmungou o gigante.

– Que bom que acordou bem – ironizou ela. – Também estou a todo vapor. Fico feliz que tenha gostado de conhecer a capital.

Os olhos do rapaz se abriram ao limite.

– Essa é Tulma? – Apontando com a manzorra. – De verdade?

– Sim, senhor.

– É linda! Eu só a conhecia pelas ilustrações nos livros. Pensei, por um momento, que iríamos fazer outra parada, por isso não mostrei qualquer empolgação. Estou muito contente, Srta. Mirta! Pelos céus... o mar, olhe aquelas pastagens verdes! Vamos para lá, depressa!

– Acalme-se senhor. Ainda temos todo o dia de amanhã para sua tão sonhada inscrição. – Mirta pensou por um momento e acrescentou: – Por favor, não há necessidade de cantar.

E ficaram ali por momentos que não puderam contar. Mirta lembrou-se da dolorosa trajetória até ali e de todos os marcantes acontecimentos do último mês. Lembrou-se da última manhã na cabana, no quinto dia, quando ainda estava dormindo no catre velho. A porta de seu quarto se abriu subitamente, e ela, ansiosa, já se levantava e perguntava aos meninos se o chá surtira efeito.

Mas não eram eles quem a visitavam, e sim a mãe. Ela aproximara-se da cama com o olhar vago, perdido de um lado a outro, e suas pernas pisavam de forma bamba. Mas a pele dela havia ganhado um pouco mais de coloração rosada e estava menos ressecada. As manchas, inclusive, estavam muito menores.

A mulher então puxara a mão de Mirta contra a sua e dera-lhe um beijo terno, saindo do quarto antes que Mirta pudesse esboçar qualquer reação.

Fora assim que ocorrera. Mirta, ali no alto do morro, suspirou ao lembrar-se daquela mulher. Ao pensar, satisfeita, que ela nunca mais acordaria com a sensação da pele pegando fogo no meio da noite. Nunca mais sentiria a dor de estar sendo esfolada viva e nem teria de contemplar a própria imagem deformada no espelho outra vez. Os garotos teriam a mãe de volta.

Mirta ajeitou os óculos e descruzou os braços, deixando-os relaxar. Virou-se para Iac e sugeriu:

– Então... vamos?

Daquele ponto em diante, ela sabia que nunca mais poderia pensar em abandonar os óculos.

34 – REUNIÃO NA BALAUSTRADA

Silkai caminhou a passos lentos pelo piso frio da varanda. A tarde caía vertiginosamente, trazendo um princípio de brisa refrescante. O manto branco e prateado do rei esvoaçava a cada passada, e os pés descalços sentiam a aspereza do piso de mármore. Com um movimento da cabeça, Silkai jogou os cabelos para trás; estivera alisando-os até esse momento. Mas nem um só fio tocou o chão. Estavam penteados de forma retilínea e aberta, como uma chapa, e foram dobrados ao meio, presos por um laço de veludo.

Queria estar bem aparentado quando o encontrasse. Fora uma missão longa e perigosa.

O rei encostou-se na balaustrada e levou as mãos ao parapeito. Era uma belíssima meia-murada, banhada em cobre e montada em formato de meio octógono. As quatro longas colunas de marfim subiam até quase o teto, passando por divisórias entalhadas, cada uma delas, e encontrando-se com os arcos de pedra que formavam o teto abobadado.

Era possível ver, à esquerda e direita, duas das torres de depósito da fortaleza, ambas com vista para os fundos do castelo. No horizonte divisava-se uma planície quase sem elevações, onde havia uma lavoura de tomates e, depois dela, o mar estendia-se, abrindo para os lados e curvando-se onde a vista não mais alcançava. O céu dividia-se em dois no fim da tarde. Logo acima do nível do mar, as nuvens brancas pairavam displicentes e, logo acima, a chapa azul-arroxeadada do firmamento aguardava a chegada das primeiras estrelas.

Silkai acertou, imaginando que o balcão dos fundos fosse um lugar mais indicado para uma conferência. Claro, Hillel não se importaria de conversar em qualquer lugar, mas os preparativos para o torneio estavam deixando a cidade em verdadeira polvorosa. Chegava a ser insuportável, mas não podia deixar transparecer à população geral seu descontentamento. Afinal, ele era um homem do povo.

E Hillel, no fim das contas, acabaria agradecendo, pois Silkai o desviaria um pouco das preocupações atuais. Desde que voltaram das Geleiras, no dia

anterior, não conseguira uma só oportunidade de falar com o comandante. Ouvira alguns boatos, mas era só. Hillel estivera o tempo todo dando assistência e cuidados aos soldados que trouxera feridos. Ouviu dizer, inclusive, que um dos barcos até ficara para trás, aos pés das Geleiras, pois havia faltado gente para montar uma terceira tripulação.

Para piorar, a missão ainda havia fracassado. De forma absoluta, ele diria. Foram emboscados, pelo que parecia, mas não por culpa do comandante. A campanha era, de fato, muito arriscada e perigosa. Mas oras, não era para o bem de todos? Não era culpa do rei se para fazer uma omelete tivesse de quebrar alguns ovos! Ele precisava das carapaças, pois encontrar a linhagem de Merff seria praticamente impossível. Por isso, testaria todas no ritual. Todas que pudesse.

Agora teria de se contentar com a do mensageiro do Bosque Verde. Silkai só esperava que ela fosse promissora. Mas seria, ele tinha certeza. O principal item do ritual era ele próprio, com sua linhagem sanguínea real e sagrada.

O rei ouviu passos atravessando o piso de mármore. Botas leves, passadas com um ritmo incômodo, e meio apressadas. Não poderia ser Hillel, muito menos Gherda. Virando-se para trás, com cuidado para não atrapalhar os cabelos, Silkai tentou não soar muito grosseiro:

– Fleros, tenho firmes esperanças de que não tenha vindo aqui para papear.

O mestre-de-cerimônias abriu os braços, com orgulho no rosto:

– Excelência, se existe alguém no mundo capaz de perceber minha presença sem ter ao menos que olhar para trás, só pode ser sua Majestade Branca. Veja o senhor, eu tentei ser o mais sutil possível, acredite. Sabe que, quando quero, posso trotar como uma égua no calor. Mas não, mesmo eu tendo usado de minha máxima destreza nos pés, implantado uma parte gorda de minha suprema descrição, não fui silencioso o suficiente. Digo... não fui o suficiente para o *senhor*! Um mero mortal seria um alvo fácil para minhas emboscadas, o senhor sabe. Não costumo usar de violência, mas já precisei me defender duas ou três vezes, e nessas horas, sim, Majestade...

Silkai estava pasmo. Não havia uma só ocasião onde Fleros falasse pouco ou só respondesse o que fora perguntado. Mas não brigaria essa noite. Tinha coisas importantes a tratar, precisava rever o comandante.

– Se eu o pedisse para que resumisse a visita a uma só frase, o que me diria, Fleros?

O subordinado baixou a cabeça, o indicador sobre os lábios, tomando um momento. Depois falou:

– Hillel está aqui, Majestade.

Era evidente seu desgosto com esse tipo de frase. Silkai, por sua vez, apreciou muitíssimo.

– Esplêndido. Mande-o entrar, sim?

O rei esperou, inclinado sobre o corrimão dos balaústres, enquanto Hillel atravessava o pátio. Ele estava com um aspecto esplêndido. Usava roupas negras de linho e uma capa prateada por cima. Os cabelos, bem escovados, pareciam dois dedos mais compridos e muito mais bran-cos. Na testa exibiam-se marcas e cicatrizes, pequenas escoriações e equimoses. As mãos, desgastadas, pareciam ter algumas pontas de dedo meio raladas. Mas sua expressão era o que carregava de mais pesado. Não devia ter sido nada fácil comandar aquela campanha.

– Majestade – saudou Hillel, aproximando-se e inclinando levemente o corpo. Seu rosto era uma máscara dez anos mais velha e muito mais séria.

– Bem-vindo de volta, comandante. Sinta-se à vontade. Hoje não há espaço para formalidades.

– Bem – começou Hillel, um pouco mais à vontade –, parece que se afeiçãoou mesmo do novo mestre-de-cerimônias. Fleros, não é isso?

– Sim – disse Silkai, com uma leve torcida nos lábios. – Ele não é que poderíamos chamar de um nobre galhardo, não é verdade?

– Absolutamente, Majestade. Parece-me que ele tem verdadeiro apreço pelas palavras. Está na posição correta, se quer minha opinião. Não deixe que mais ninguém tome seu lugar nos púlpitos de pronunciamentos.

– Só se eu quiser matar a audiência com requintes de crueldade – completou o rei. – Diga-me, Hillel, por acaso não foi recomendação sua a contratação do infeliz?

Hillel abriu um sorriso, e Silkai ficou satisfeito.

– Não sobreviveria a uma sessão de entrevistas com ele, Majestade. Provavelmente foi indicado por Gherda.

– Lembre-me de demitir o calvo também – brincou Silkai. – Mudando de assunto, o que tem achado da cidade? Confesso nunca ter imaginado o impacto que um torneio para a guarda pudesse causar. Não estou suportando aparecer em público, as ruas estão verdadeiros chiqueiros!

– Parece-me que existe mais gente disposta a dar a vida pelo reino do que pensamos, Majestade. De certa forma, fico orgulhoso. – Hillel deu alguns passos para frente e encostou-

-se na balaustrada, baixando o tom de voz. – Que fim levou a noiva? – Silkai se retesou com a pergunta. – Leona era seu nome, estou certo? Lembro-me de tê-lo abordado nos corredores, e Vossa Majestade estava um tanto... alto pela quantidade de vinho naquela noite.

– Ah, sim? – uma bandeira vermelha instalava-se na mente de Silkai. – Não me recordo de muita coisa, foi uma data muito, muito conturbada.

– Juro pelos quatro. O senhor chegou a agarrar-me pelas roupas e implorar para que eu fizesse algo, pois ela era de beleza extrema. Então segui o protocolo, entregando-a aos guardas, para que a preparassem para a volta.

Silkai não percebia, mas estava com o semblante mais sério. Nem se deu o trabalho de responder. Podia lembrar-se com clareza de quando descera até o porão e ensinara à garota uma lição, mas não recordava-se de ter dito uma só palavra a Hillel. Por sorte o comandante nunca soube mais a fundo. E quanto ao pai dela... não havia recebido filha alguma, e já devia estar arrancando os cabelos, devido à falta de notícias. Não demoraria até que ele comesse a enviar emissários a Tulma, ou que até mesmo viesse em pessoa.

– Quanto tempo faz, um mês?

– Perdão?... Sim, sim. Mais ou menos isso.

Silkai presumiu se seria uma boa ideia conversar com Gherda a respeito.

– Espero que o pai da garota não tenha ficado furioso com a quebra do acordo. Mas eu entendo, Majestade. Sei das questões de sua mãe e do que o senhor me contou, quando ainda era garoto. Não haveria outra rainha de beleza que se comparasse à dela na capital. Eu compreendo o que fez, estava só defendendo o legado da rainha Silve.

Silkai começou a respirar de forma mais leve. Sim... havia contado essa barbaridade quando criança e até hoje não sabia como ainda acreditavam.

– Precisamente, Hillel. Não posso trair o último desejo de minha mãe, ainda que tal desejo se configure como imaturo ou caprichoso, em qualquer instância.

Hillel ia falando, mas tossiu uma vez, recolheu um lenço para cobrir a boca e depois tossiu mais um pouco.

– Perdão, senhor. Efeito das geleiras. – O comandante guardou o tecido

no bolso da calça. – Diga-me, majestade, o que devo fazer em seguida?

– Do que está falando, comandante? Ora, deve descansar, obviamente. Seus pulmões sequer se recupeararam por completo daquele frio miserável! Sou muito benevolente por ainda deixá-lo andar por aí, devia estar no hospital!

– Compreendo, Majestade, mas eu...

– Além do mais, e sinto por mencionar isso, mas perdeu quase todo o batalhão. Não sei como andam os meandros de sua mente nesse momento, comandante. – O rei exibiu o indicador em riste. – Ouça-me. Precisamos de você mais do que nunca. Mas para isso é necessário que esteja inteiro. – O rei virou-se para a vista dos campos e levou um tempo para perguntar. Queria parecer mais emotivo ou preocupado com o assunto. – Quem mais conseguiu escapar?

– O capitão Forg e eu não sofremos ferimentos sérios. Só precisei de algumas horas de hidratação, pois passamos bem a viagem de volta. Os suprimentos dos barcos eram suficientes para... – pausa – todo o batalhão retornar para casa. Também pudemos trazer Lumuir e Valdor, sendo que o mestiço ainda está em observação. Assim como uma dúzia ou pouco mais de soldados, e foi só.

– Por Yanenna... – gemeu Silkai. – Foi um verdadeiro desastre. O que, em nome dos deuses causou isso?

– O pior da história do reino, Majestade. – Hillel passou os dedos pelos lábios, como se procurasse as palavras certas para dizer. – Alguns de meus homens armaram uma espécie de... motim. Sóz e Dana foram os principais articuladores, até onde sei. Eles pretendiam sabotar a operação por saquear os tesouros do dragão. Sinto muito, Majestade, mas de agora em diante, teremos de ter muita cautela ao aceitar novos membros, e... sinto que a culpa é minha.

– Diga isso novamente e mando prendê-lo. – Silkai encostou as costas nos corrimões que forravam os balaústres. Precisava encarnar um rei preocupado com a missão, ainda que não desse mais a mínima. – Estou absolutamente petri-ficado. Nunca imaginei que os homens da Ordem fossem corruptíveis. Comandante Hillel, anote minhas palavras: até o fim da semana, mandarei providenciar um memorial em respeito aos traídos. Teremos uma cerimônia belíssima no balcão da torre frontal com orquestra de réquiens, e as palavras dos quatro escolares. Todo o corpo de oficiais estará vestindo luto, na fileira da frente, e as pessoas se emocionarão com a história dos bravos, dos traídos.

É uma promessa do rei.

O comandante não respondeu. Apenas assentiu, aparen-tando profunda gratidão. Ficaram em silêncio por um tempo, e Hillel tentou mudar o rumo da conversa.

– Como o senhor fará daqui para frente, se é que posso perguntar? Usará a única carapaça da qual dispomos?

– Ela terá de resolver o problema, comandante. Não sei se acredito mais nas baboseiras de que os mensageiros têm também uma linhagem especial. Os tomos sequer tocam no assunto. O dragão, entretanto, continua desaparecido.

– O quê? Polos e os outros três não conseguiram rastreá-lo? Isso é impossível!

– Infelizmente, é muito possível. O dragão, pelo que parece, é muito esperto e vem sido ajudado pela tal Mirta Vento Amarelo.

– Sim, conheço a garota. Ela pode ser um problema, pois dispõe da simpatia dos escolares... mas ainda assim não consigo conceber! Uma garota e um dragão moribundo ludibriando quatro de meus homens!

– *Matando* é a palavra. Parece que a tal garota e seu amigo lagarto conseguiram fazer o serviço reverso, comandante. Ela os emboscou e massacrou. Nem conse-guimos os corpos.

Silkai viu o maxilar de Hillel se abrindo.

– Isso é...

– Mas não acabaram com todos. Um dos quatro, o tal Mulle, um sujeito que mais parece um alce falante, conseguiu escapar e me contou tudo. – Silkai cerrou os punhos. – Toda Tulma está atrás dela, comandante. Vamos ver como ela se sai numa emboscada contra a capital.

– Sim, majestade. Ela precisa pagar pelo que fez aos homens do grupo de busca. Mas, para ser sincero, já não continuaria preocupando-me com o dragão. Os riscos que oferecia eram de entrar em contato com Corff e mandá-lo em represália contra a Ordem Branca. Mas é tarde demais. O rei lagarto já nos conhece.

– Então era verdade? Lutaram com o verdadeiro Corff?

Hillel baixou a cabeça, e seus lábios torceram-se para baixo.

– Corff é... não sei colocar em palavras. Seria nosso fim, se viesse. E Majestade, temo que ele o fará.

Silkai devia ter ficado com medo, mas isso não aconteceu. As coisas

estavam indo bem para seu lado, e se continuasse dando certo...

– Não devemos pensar nisso agora, comandante! Amanhã é o último dia de inscrição para o torneio, e quero fazer uma declaração pública. Esse é um tempo para celebrar! Festeje o quanto puder, e trataremos de fazer planos e formar alianças na próxima semana!

Hillel pareceu meio contrafeito, mas não rebateu o rei. Apenas assentiu positivamente, com a cabeça.

– Como quiser, Vossa Majestade.

– Fleros! – berrou o rei em direção à porta. Silkai devia realmente estar amedrontado, mas, pelo contrário, animava-

-se. – Providencie um brinde ao comandante. Sidra de maçã, pois sei que é uma de suas bebidas favoritas. Depressa! O homem perdeu todo o batalhão!

Fleros apareceu com a cabeça na porta e abriu a boca, mas, aparentemente lembrando-se das alfinetadas do rei, preferiu resumir-se a outra frase curta:

– Imediatamente, Vossa Majestade Alva. Sidra de maçã será!

Hillel apanhou a taça nas mãos e ficou observando-a atentamente.

– Linda, não? – perguntou o rei, enquanto Fleros enchia a sua própria. – Alumínio, com entalhes em ouro. Chegou a época de aposentar o cobre e o latão, comandante. Tulma está na premência do sucesso!

Fleros terminou de encher a caneca do rei e virou a boca da jarra dourada na de Hillel, repetindo o procedimento. Quando terminou, deu as costas e começou a andar, mas o rei o interpelou:

– Não aceita um pouco, mestre Fleros?

Fleros gaguejou e coçou a cabeça semi-calva. Pela primeira vez na vida, pareceu perder o rumo das palavras e não soube o que dizer.

– Está... falando sério, Majestade? – perguntou, baixando a cabeça. – Eu posso?

Silkai riu e ergueu a própria taça.

– Claro que não, idiota. Agora suma daqui.

Humilhado, Fleros deu as costas e saiu o mais rápido que pôde. Antes de passar pela porta, ainda fez mais uma reverência e então fechou atrás de si. Hillel não disse nada, só observou.

– Comandante – falou o rei, com o dobro da altura na voz –, ouça-me, e ouça com atenção. – Ele tomou um gole da sidra e abriu ainda mais o sorriso. Estava perfeita, como ele esperava. Como tudo estava. – Será meu novo

Primeiro-

-Ministro.

A frase deixou Hillel pasmo, ele demorou a processar. Seria o cargo da mais alta honra, depois do regente real.

– Mas antes – finalizou Silkai – preciso que se recupere, está certo? E depois conversaremos sobre o futuro.

Que viesse o rei de Pava, Felix, procurando por sua filha. Que viessem Mirta e o dragão aleijado. Que viesse o rei deles, Corff, todos eles!

O rei branco, Silkai Crina-da-Alvorada, que em breve seria conhecido como Merff, o primeiro rei dos dragões, esperaria por eles.

35 – VISITAS TARDIAS

Ainda naquela tarde, o comandante Hillel fazia outra parada. Estava sentado numa cadeira branca em uma das salas de observação do hospital. O cômodo era tão aconchegante e limpo quanto a casa de uma avó. A única diferença era o cheiro de éter e a falta do rodízio de pratos apetitosos. Ele olhava satisfeito para Nil, que mergulhava a colher em uma tigela de sopa quente.

– Não fique me olhando assim, comandante – falou ela, encabulada, encolhendo ainda mais os joelhos e encaixando a tigela quente sobre o lençol. Tudo no quarto era branco e limpo, exceto pela mesinha de cabeceira, que tinha por cima um vaso de vidro âmbar.

– Aqui somos amigos, Nil. Por favor, chame-me de Hillel.

– Não sei se eu me acostumaria... – ela terminou de engolir uma colherada e, pela expressão, não era a melhor sopa que já tomara. – Não sei nem se já me acostumei ser chamada de mulher. Eu estava indo tão bem.

– Estava indo bem para os outros. Eu sempre soube, mocinha.

Ele viu que ela se entristeceu quando mencionou os outros.

– Sinto muito por tudo, comandante – balbuciou, com os olhos começando a marejar.

– Ei – ele pegou-a pelas mãos –, não diga bobagens. Se não fosse por você, não saberíamos sequer dos motins internos. Poderia ter sido muito pior. Provavelmente devo-

-lhe minha vida, recruta Mienil Ar've. Estou muito aliviado com seu progresso, digo com muita sinceridade. Quero que venha até mim se precisar de qualquer coisa, está bem?

Nil assentiu lentamente, com semblante pesaroso. Tomou outra colher de sopa sem vontade e declarou:

– Estou com medo, comandante. Talvez eu precise sair da cidade, mas não sei sequer quando vou poder voltar a andar.

– Pare com isso... depois de tudo o que passou antes e depois de ingressar na Ordem, é natural que esteja assustada. Mas deixe-me dizer-lhe uma coisa: os homens que sobreviveram juraram lealdade quanto a esse assunto, e são

homens aos quais eu confiaria minha vida. Todos vimos como lutaram nas Geleiras por uma missão que não lhes dizia respeito. E posso assegurar-lhe, Nil, que ninguém jamais mencionará seu nome. Foi uma promessa que fiz a Gherda. – Ele apertou ainda mais firme as mãos da garota. – E já conversei com os médicos. Você sairá daqui saltitando feito uma gazela em questão de semanas.

– O senhor promete? – perguntou ela, esperançosa.

– Está querendo ir presa? Não me chame de senhor, ou a oferta pode expirar, sua insolente.

Nil começou a rir e colocou a mão na boca, que estava cheia de comida. O comandante também abriu um sorriso e tocou os cabelos dela:

– Além do mais, você está um caco. Ninguém a reconheceria.

– Pelo menos meus cabelos não estão ficando brancos.

Conversaram por algumas horas, perdendo-se entre brincadeiras e também lamentações. Ela o censurou nos ataques de tosse, implorando para que ele se internasse, procurasse se tratar, mas ele continuava dizendo que não era nada, apenas um resfriado, somado à grande tensão emocional das últimas semanas.

Nil não conseguiu conter o choro quando Hillel falou sobre Labal. O próprio comandante se emocionou, na verdade. O velhote havia salvo sua vida apenas para morrer de forma violenta em seguida. Nil comemorou, porém, o fato de Lumuir e Valdor estarem bem, e quis saber quando poderia vê-los. Hillel prometeu que no dia seguinte providenciaria uma visita dos dois e ainda assegurou que ambos também andavam perguntando por ela. Ele também falou sobre os novos planos do rei para ele, e especularam o quão difícil seria abandonar a espada e tornar-se Primeiro-

-Ministro. Mas a hora de todos chegava, concordaram, e ele já havia feito muito pelo reino em trabalhos de campo. Era hora de pendurar as botas.

Quando o sol se escondeu e a penumbra começou a abraçar a janela, Hillel levantou-se para se despedir.

– Procure descansar e não se preocupe com nada. Nem pense em saltar da cama para ir assistir ao torneio, ou mando prendê-la, estamos combinados?

Ela ainda agarrou sua mão, antes de pegar no sono:

– Combinados – ela piscou pesadamente. – Obrigada por tudo, comandante... digo... Hillel.

Ele riu, vendo-a adormecer de cansaço. Com cuidado, puxou o lençol até

a altura do pescoço dela, cobrindo-a bem, assegurando que nenhuma fresta fosse deixar o frio perturbá-la. A capa prateada estava enrolada feito um rocambole sobre a mesinha, e ele a abriu lentamente, tirando de dentro uma rosa sem espinhos. Depositou-a no vaso e, suspirando um pouco mais profundamente do que gostaria, deixou o hospital.

Gherda andava de um lado a outro na sala do trono. As mãos cruzadas atrás das costas começavam a ficar nervosas, entrelaçando os dedos freneticamente.

Vamos, Majestade...

E mais dez minutos se passavam, talvez vinte.

Seus passos já ecoavam no salão espaçoso, até a festa de preparação nas ruas começava a ficar menos barulhenta. Por que Silkai demorava tanto? Não podia esperar até o fim da semana para apanhar mais material na fortaleza? Ele tinha que ser tão estupidamente impulsivo e ansioso? Já fazia um tempo que o rei não ouvia seus conselhos como antigamente, e isso era preocupante. Silkai começara seu reinado sem condições psicológicas para o cargo e, ao que tudo indicava, continuava da mesma forma na fase adulta.

Gherda então resolveu sair de perto das prateleiras e dirigiu-se aos degraus que levavam ao trono. Ele descruzou os braços e os colocou na cintura, contemplando a engenhosa arquitetura do assento real. Tentando, pelo menos, distrair-se minimamente, já que o rei estava demorando-se tanto lá dentro.

O trono era realmente uma peça fabulosa. Entalhado em marfim, estofado no assento, espaldar e apoios. Os detalhes eram motivos ilustrados usando escamas vermelhas reais. E na parte traseira e delineações, havia chifres pontiagudos de dragão em vários tamanhos e formas, compondo uma peça de beleza única.

Engolindo em seco, Gherda lembrou-se do tal dragão que saqueava as estradas e atacava os comboios reais. Ver sua figura imponente e intimidadora reduzida ao assento de um homem era uma das formas mais eloquentes de se entender o destino de quem trai a capital.

Mas, mais cedo ou mais tarde, Tulma precisaria de um novo regente.

Subindo os degraus, Gherda hesitou, com a mão estendida, mas acabou tocando os encostos do trono. Correu os dedos pelo veludo estofado e sentiu o fio das pontas dos chifres com o polegar. Por fim, sentou-se e cruzou as

pernas. Apoiou as duas mãos, recostou-se com conforto, e observou o salão. Tudo parecia ganhar uma nova dimensão quando se sentava ali.

Mas ainda não era hora. Batendo no estofado para espalhar as mossas de seu peso, ele voltou a descer para o pátio e aguardar mais um pouco.

Não se passaram muitos minutos, e o conselheiro ouviu um clique metálico, do outro lado da parede. As prateleiras abriram-se depressa, revelando a poeira do outro lado. Gherda já se preparava para proferir alguma repreensão pela demora, quando duas folhas de papel voaram para o lado de dentro da sala do trono, e o corpo do rei caía para frente, com os braços esticados.

– Rei Silkai! – gritou Gherda, com voz abafada, correndo até ele.

O conselheiro prontificou-se a puxá-lo pelos braços e arrastá-lo até o carpete limpo. Virou-o de costas, apoiando-o no colo em seguida. Silkai estava vivo, mas seu rosto era uma pintura praticamente sem cor. Muito pior do que na última visita à fortaleza. A pele, que antes fora sempre leitosa, mostrava dessa vez mais ressecamento, e novos princípios de rugas de expressão. O rei, com o rosto contraído de dor, abriu os olhos, amarelados como os dos doentes, e gemeu:

– Recolha as folhas, Gherda, não as deixe no chão!

– Majestade, está ficando doente, não percebe isso? Não posso preocupar-me com dois pedaços de papel. Venha, vou levá-lo para seus aposentos e chamarei o médico.

– Estou bem, Gherda, só um pouco indisposto. Ande, apanhe as folhas, por favor. – Ele apoiou a mão no chão e começou a se levantar.

Gherda apertou seus ombros e fitou-o com o olhar sério:

– Não pode continuar indo lá todos os dias. Sabe disso, Rei Silkai! Espere até que o livro fique pronto! Deixe Salamandra trabalhar, ou esse maldito prédio vai devorá-lo vivo antes que possa prosseguir com o ritual.

– Está bem, está bem, droga! – O rei tentou tossir, mas sua respiração veio chiada, sinalizando que seus pulmões estavam cheios. – Mas já que eu fui, pegue ao menos as duas folhas, pois quero lê-las. Elas caíram perto do quadro de mamãe. E chame o maldito médico, se isso vai deixá-lo feliz.

36 – VÉSPERAS NA CAPITAL

Descendo a colina, a carruagem quase tombava de lado, devido ao peso extra-humano de Iac. O toldo, acima da cabeça dele, exibia uma moessa convexa, de quatro dedos de altura. Faziam uma curva à esquerda, na via larga que ligava as outras estradas à entrada terrestre da capital.

– Senhorita Mirta, perderemos a inscrição – lamuriou-se ele.

– Iac, faça o favor de ficar calado, é possível? Estamos a menos de um quilômetro. As barracas devem fechar somente no pôr do sol, então teremos tempo.

– Cró!

– Exatamente, Cerúleo.

Na mesma estrada, vinda da direção oposta, aproximava-se uma carroça de mercadorias. Eram muito comuns naquela época do ano. Geralmente vinham dois vagões; um para o dono, quase sempre um homem gordo e abastado, com roupas caras demais para tomar poeira, e um outro para os produtos de distribuição.

Era o caso dessa. Dois cavalos brancos, de beleza exemplar, com crinas esvoaçantes puxavam o carro. Um condutor mal-humorado sentava-se acima do vagão de passageiros, e uma carreta quase vazia vinha sacudindo, sem peso, amarrada logo atrás.

Quando passaram pelo carro de Mirta, ela ergueu a mão esquerda para cumprimentar o homem que conduzia, mas esse nem a olhou de volta. Mascava alguma coisa com as sobrancelhas comprimidas e os lábios sempre apontados para baixo. Pelo contrário, como se ele soubesse que teria ainda de enfrentar a poeira de Mirta, trancou um pouco mais o semblante e chicoteou os cavalos.

– Eia! – gritou ele, quando estalou o chicote.

– Você viu isso, Cerúleo? – ela estava indignada. – O que há com esses comerciantes? Um boa-tarde caloroso não custa nada a ninguém!

– Cró!

– Ei! Eu não sou assim!

Iac colocou o pescoço para fora, atento a algo que viu na traseira da carroça.

– Aquela não é você? – perguntou ele a Mirta, ainda olhando para fora.

– Eu? Do que está falando?

Iac voltou para o assento e apontou com o polegar para trás.

– A carroça – declarou ele. – Tinha uma pintura sua pregada na carroceria.

Ela freou o carro bruscamente e virou o pescoço para trás, tentando olhar também. A carroça começava a se afastar, mas ela viu uma folha de papel pregada bem na abertura traseira da carroça de produtos.

– Não consigo ver o desenho... Cerúleo, consegue voar até lá e apanhá-la?

– Cró!

Cerúleo saiu pela abertura e voou rápido até a carroça, que já sumia no rastro de poeira. Ele levou alguns minutos para alcançá-la, mas, quando voltou, trazia no bico uma folha de papel meio rasgada. Ele pousou ao lado de Mirta e deixou a folha cair em seu colo. Mirta apanhou rapidamente o papel, e em seu rosto estampou-se uma expressão de surpresa.

– O que significa isso? – ela sacudia o papel. – Do que estão falando?

– Não disse? – falou Iac. – É igualzinha a você, até os óculos...

– Cró! – protestou Cerúleo.

– Calma, vou ler para você. Diz assim: “Você viu essa garota? Seu nome é Mirta Vento Amarelo. É procurada em todas as instâncias da capital por seguidas acusações de traição e conspiração. Caso a encontre, evite contato. Procure pela guarda e mande reportar imediatamente à Sua Majestade, o rei Silkai, Crina-da-Alvorada. A recompensa pela sua captura é de duas brasas de ouro maciço”. – Mirta estapeou a folha. – Isso é um ultraje! Diz ainda: “Reforçamos que a garota é perigosa e astuta. Insistimos para que não tentem efetuar sua captura”.

– Cró!

– Eu sei!

Iac perguntou, com aparente cautela na voz:

– Srta. Mirta, do que estão falando? Pode me dizer?

– Veja se eu tenho cara de traidora da capital, Iac. Olhe bem! Se eu estivesse fugindo do rei estaria entrando nos portões da capital com a carruagem e tudo? Com o rosto a mostra?

– Mas... o que significa isso, então?

Ela dobrou a folha, formando uma bolinha e atirou-a pela janela.

– Isso significa que a ordem para o ataque a Brinaff veio do rei. Nossa situação é muito mais crítica do que eu pensava. – Ela abriu a porta e desceu.
– Iac, ajude-me a encontrar um local para esconder a carruagem.

Tulma era uma cidade que elevava-se em conjunto com uma montanha rochosa. Suas ruas eram, em sua maioria, subidas estreitas forradas por degraus ou ladrilhos de pedra. Ligando uma via a outra, a cidade era regularmente adornada por arcos esculpidos, pontes elevando-se de prédios e caindo em avenidas largas, e postes metálicos contendo lâmpadas a óleo. Passadiços estreitos atravessando a descida íngreme das nascentes de água limpa inspiravam jovens casais enamorados, e a borda de coloridos prédios e casas contrastavam com a imponência branca da fortaleza, lá no topo. Não importava o local onde visitasse na capital, ter-se-ia sempre uma vasta gama de belas paisagens a se apreciar; fossem os campos altaneiros de Virídea, as imponências montanhosas das Geleiras ou Lacrimosas, ou mesmo o denso tapete azul do Mar Superior. Tulma era um lugar inesquecível.

Em uma das praças da cidade, porém, havia mais movimento do que o normal, e alguém já começava a encontrar sérios aborrecimentos por trabalhar na capital.

Cind, absolutamente aborrecida, só queria fechar a porta na cara de todos da fila, baixar o toldo e ir para casa. Mas não; quando a encarregada, sua patroa, perguntara se podia fazer um pouco de hora extra, Cind fora incapaz de recusar. Agora teria de trabalhar até o anoitecer, e esse era custo ainda baixo para o tamanho de sua estupidez. Onde estava com a cabeça?

Nesse momento, sua atenção perdia-se em duas crianças brincando nas ruas. Elas faziam uma curva na via clerical enquanto atiravam sementes de ameixa uma na outra, e pararam diante do templo de Bumara. Era um belo prédio de tijolos vermelhos. O teto arredondava-se por cima das paredes, ganhando o formato de uma cabeleira bem penteada. Três janelas na frente, como os olhos que o deus alegadamente teria, e uma porta larga abaixo de um arco contendo dizeres em alto relevo. As crianças acertavam muitos disparos na madeira da porta, e não seria bom quando o sacerdote as surpreendesse.

– Encontrou? – uma mão do tamanho de sua cabeça dava um soco no balcão, tirando-a do devaneio.

– Desculpe – gaguejou ela, passando a mão em um volume encadernado à

sua frente. – Acabei me distraíndo.

– Eu recomendo – rosnou ele com os dentes cerrados. Gotas de saliva voavam da boca e ficavam presos na barba – que não se distraia mais. Pode fazer isso por mim?

Cind limpou o suor da testa e apoiou os cotovelos no tampo de madeira enquanto folheava um caderno. Sentindo a sombra do homem à sua frente, ela teve certeza de que estar do lado de dentro do balcão não significava segurança. Era melhor encontrar logo o nome do sujeito.

– Qual é mesmo?... – arriscou ela. – Lenvos...?

– Lev’ordor – rosnou ele, coçando e cofiando os bigodes espessos. – Sabe de uma coisa, mocinha? Torça para que eu não ganhe esse torneio, pois quando eu tiver autoridade suficiente, colocarei você e sua família para fora dos portões, por incompetência.

– Sim, senhor.

Sim, senhor? Do que eu estou falando? Pensou ela, rindo de si própria. Devia estar realmente muito cansada.

O homem deu uma série de grunhidos e fungou, escarrando uma gosma no chão em seguida. Devia ser o homem mais forte que Cind vira na vida. Os braços, largos feito coxas de cavalos, exibiam veias tão espessas, que ela, por um momento, especulou se o homem não enfiara cobras por baixo da pele. Havia mais gente alta na fila, mas não tanto assim. Certamente havia candidatos arrependidos por estarem ali, depois de vê-lo.

– Encontrei! – Ela apontou com o dedo em uma das folhas do caderno. – Sua inscrição foi separada e indicada pelo capitão Lehmo, das tropas de rua, correto?

– Isso.

– Deseja adquirir algum produto do departamento de inscrição, como elmos, escudos ou acessórios?

– Eu tenho cara de quem precisa de escudo?

Cind engoliu em seco e virou o caderno para o lado dele, apontando o dedo:

– Assine aqui, e... – ela não queria ter de desejar isso – boa sorte no torneio.

– Certo... – resmungou o homenzarrão. Quando ele se inclinou de frente ao caderno, ela achou que ele fosse derrubar a barraca com seu peso. Mesmo ela sendo erguida em puros blocos de pedra cozida. Os olhos de Cind

perderam-se nos pelos dos braços dele, e ela pôde imaginar com facilidade uma comunidade de macacos, que fossem pequenos o suficiente, morando ali e levantando seus próprios povoados. – Pronto. Mais alguma coisa?

Não sei... caia de um precipício e pare de amedrontar as pessoas?

– Está tudo em ordem, senhor – falou ela, com medo de pedir que se retirasse. – Agora vou... atender o próximo.

O homem saiu lentamente, e ninguém na fila reclamou pela demora.

– Pode vir, senhor – chamou Cind, quase deixando a cabeça tombar no balcão, de tanto sono. Graças às misericórdias, era o último da fila. O céu já estava escuro, e as ruas começavam a soltar vapor pelas saídas de esgoto.

O homem entrou debaixo do toldo com a cabeça abaixada, para não acertá-la nas vigas de ferro. Outro rapaz enorme, mas não tinha o rosto muito ameaçador.

– O senhor é o último, não é? – Ela olhou atrás dele, conferindo.

– Sim, sim. Quero me inscrever no torneio.

É grande também, e tem uma barriga que aguenta pancada. Mas é meio lento, coitado...

– Todos aqui queriam isso – falou ela, simplesmente. – Seu nome, por favor?

– Iac... – ele pronunciou lentamente – Aelflumbe.

– Bonito nome – ela começou a correr o dedo pela lista no caderno. Passou as folhas uma vez, depois checkou novamente. – Bem... seu nome não consta na lista, senhor.

– E deveria?

Cind atravessava um vinhedo aos pulos, com os braços erguidos para o ar. Cantarolava uma canção difícilíssima, com uma melodia tão modulada, que só as performáticas dos bordéis conseguiriam. Era uma maravilha, pois não precisava colher as frutas. As uvas desciam do céu e caíam direto em sua boca, para serem degustadas. Eram macias e o melhor de tudo: sem sementes. O mais surpreendente é que isso só acontecia nos intervalos entre uma frase musical e outra, nunca durante as notas. Sem contar os galanteios que recebia no caminho. Os vinhedos estavam abarrotados de nobres cavaleiros, todos de cabelo castanho-avermelhado, barbas bem-feitas, e sem uma só ruga no rosto. Falavam ao mesmo tempo, implorando para que ela os olhasse, ou apenas aceitasse suas flores.

Os deuses sabiam realmente como deixar uma pessoa feliz.

– Senhorita... – ela sentiu dois tapinhas na nuca e levantou a cabeça. Os olhos quase não abriam. – Senhorita!

– O que foi? – ela tirou rapidamente o rosto do caderno. Sentiu o nariz meio anestesiado e os olhos remelentos. Piscou várias vezes para se lembrar do que acontecia. O rapaz Iac estava inclinado sobre o balcão, olhando-a de perto. O nariz dele, que mais parecia um abacate, quase tocava o seu.

– Acho que dormiu enquanto me falava sobre a inscrição.

– Ah, sim. Perdoe-me. O que faltava mesmo? – Ela apoiou-se no balcão e tentou parecer mais desperta do que estava.

– A senhorita disse que meu nome não consta na lista. Eu perguntei se deveria, afinal, é uma inscrição, não? Só deveria receber meu nome quando eu aparecesse para efetuá-la.

– Agora me lembro. Sim, era exatamente isso. Os candidatos só se inscrevem quando são indicados por um superior militar. Se não tem um padrinho, não posso aceitá-lo no concurso.

Iac abriu os braços e a boca, incrédulo.

– Mas isso não é possível! Eu li tudo a respeito das regras, como podem ter mudado sem publicar nos periódicos?

– Sinto muito... essa mudança aconteceu há três dias. Coisas de política interna. – Ela tentou consolá-lo. – Bem, nós fizemos comunicados regulares em Tulma, mas infelizmente não podíamos avisar a todos os distritos a tempo.

– Não pode fazer isso comigo! Eu vim de Beira-da-Ribeira para o concurso! Dez dias de viagem, sabe o que é isso?

O tal Iac era um sujeito bem grande, e quando estava nervoso seus braços inchavam consideravelmente. Talvez quase como os do gigante que a intimidara, uma hora antes. Além do mais, o rapaz não parecia tão grosseiro. Até referia-

-se a ela como *senhorita* o tempo todo. Um rapaz de modos.

Cind avaliou-o de cima a baixo, tentando decidir. Preferia ter a ele como guarda do que o outro, não havia dúvidas. Pelo que vira na fila de inscrição todos esses dias, talvez Iac fosse o único com estatura suficiente para fazer-lhe frente. Mas inscrevê-lo de forma irregular podia trazer problemas no futuro, caso alguém resolvesse investigar.

Mas não tantos problemas quanto o monstrengo peludo.

– Olha, senhor Iac... – tentou lembrar o sobrenome, mas foi em vão – Iac. Vou fazer algo que poderá me custar o emprego, está entendendo? Vou dizer que sua inscrição foi indicada pelo capitão Habass. Por sorte, seus homens voltaram de uma grande expedição, e parece-me que ele não escapou. Ainda que o tivesse feito, estaria, acredito eu, em poucas condições de se preocupar com isso. Então... – Ela rabiscou alguma coisa no caderno. – Assine aqui, e boa sorte no primeiro torneio anual da guarda!

Iac deu um grito de comemoração, e ela quase sentiu a cabeça explodir.

– Não faça com que eu me arrependa, Sr. Iac – disse ela, esfregando as têmporas. – Deseja algo do departamento?

Ele colocou os dedos sobre os lábios e olhou para os lados, pensando.

– Você teria... – ele baixou o tom de voz – uma peruca escura?

– Uma... peruca?

– Bem, eu... – Iac riu, sem graça – gostaria de passar uma imagem mais poderosa. Tenho pouco cabelo no topo, como pode ver.

– Compreendo... uma peruca. – Ela riscou um item numa lista que tinha ao lado do caderno. – O que mais?

– Aqueles delineadores escuros? – arriscou ele. – Digo, aqueles para os olhos?

– Deline... – ela ficou mais ereta – está falando de maquilagem feminina?

– Sabe como é... – Iac coçava a nuca, dando de ombros. Um sorriso largo exibindo todos os dentes enquanto falava. – Quero mexer com o psicológico do meu adversário.

Os portões de Tulma seriam fechados dentro de poucos minutos. Quando isso acontecia, era preciso identificar-se para os guardas, e essa não era uma opção. Pelo som dos grilos, eles podiam até mesmo fechá-los antes da hora, então precisavam ser ligeiros. O céu já passava do arroxado para o negro.

Uma moita se sacudiu na beira da estrada e saltou dela uma moça de cabelos castanhos bem escuros, cortados na altura dos ombros, a boca pintada de preto e óculos de aro grosso. Depois saltou um homem alto de barriga protuberante.

– Como estou? – perguntou Mirta.

Iac espantou as folhas secas com a palma da mão, examinou-a com cuidado e fez um sinal a Cerúleo, nos seus ombros, para que ele não

grasnasse.

– Acho que eu não a reconheceria, se desse uma rápida corrida de olhos – disse ele.

– Perfeito – ela fez um sinal positivo com a cabeça. – Vamos. Ande devagar, sempre a meu lado. Não olhe os outros nos olhos e não faça nada que vá levantar perguntas ou despertar a curiosidade alheia.

– Entendi.

Começaram a descer a estrada e aproximaram-se dos portões. Mirta observava a tudo com muito cuidado. Precisava ter um plano de reserva, caso algo saísse errado. Havia dois guardas na entrada, bem debaixo do arco gigante de pedra, o que era normal. Algumas pessoas saíam a pé ou a cavalo, deixando a cidade. Outros homens armados passavam pelos guardas, cumprimentavam-nos e não dirigiam-se para a estrada, mas começavam a contornar os muros para fazer suas necessidades, ou um lanche escondido dos colegas.

Quando Mirta e Iac estavam a quinze metros de distância, os dois guardas trocaram um olhar. Até aí tudo bem, como ela pensou, pois haviam apenas os avistado. Mas em seguida aproximaram-se um do outro, no centro do arco, e começaram a cochichar. Esse já não podia ser um sinal tão positivo.

– Devemos continuar? – sussurrou Iac, visivelmente alarmado.

Era uma pergunta pertinente. Mas o que poderiam fazer, a pé, nos portões da capital? Fugir não era uma opção. Se algo fosse dar errado, seria dentro da cidade! Ela não contou que teriam dificuldades já na entrada, seria muito azar.

– Vamos continuar – determinou ela. – Se sairmos correndo, montam em cavalos e nos alcançam antes que alcancemos de volta a moita onde está a carruagem.

Os guardas mantiveram contato visual até que eles chegassem bem próximos do arco. Mirta torcia para que abrissem caminho e os deixassem passar em paz, mas um deles estendeu a mão aberta para frente.

– Parem – disse ele. – Aguardem um instante.

Os guardas trocaram outro olhar e começaram a trocar frases sussurradas. Mirta não conseguia ouvir o que diziam, e começou a subir um arrepio em sua espinha. Por fim, os dois guardas sorriram como duas crianças travessas quando fazem algo de errado.

– Conheço você – falou o guarda, aproximando-se de Mirta. – Perguntei a

meu colega aqui, e ele confirmou. Não havia a menor possibilidade de que eu não a reconhecesse.

37 – SOBRE OS DIAS DA DUQUESA DE VERDA

O comandante Hillel virou o corredor mal iluminado sem tomar o cuidado de não trombar com os guardas. Havia duas ou três vezes mais deles fazendo vigília em todas as entradas e saídas do torreão real.

– Saiam da frente! – rosnava, ao dar um encontrão em um deles.

As portas mais largas no final do vestíbulo de entrada estavam fechadas. Dois soldados conversavam em voz baixa, e Gherda, saindo de perto deles, abriu os braços e adiantou-se ao avistar Hillel.

– Comandante, seja bem-vindo – saudou o conselheiro, tentando manter a cordialidade, apesar do semblante abatido. – Seu retorno essa noite poderia dar-se em momento menos preocupante, mas, infelizmente, não é o caso.

– O que está havendo, Gherda? – Hillel jogou a capa para trás. – Onde está o rei?

Gherda tocou os ombros do comandante com as duas mãos.

– Ele está descansando. O médico já veio fazer alguns exames, mas não foi nada conclusivo. Pediu que o hidratássemos e o mantivéssemos em repouso absoluto até que ele retorne.

– Corte a ladainha oficial, Gherda. Está falando comigo! – Hillel baixou a voz. – Quão grave é a situação?

Gherda olhou para trás, certificando-se de que nenhum guarda pudesse ouvi-los:

– Muito grave, pelo que parece, comandante. Temo que se os médicos não vierem com uma solução muito em breve... teremos de começar a pensar em um regente substituto.

Hillel arregalou os olhos e, sem querer, deu um passo para trás. O conselheiro não podia estar falando sério.

– Diga-me que está fazendo troça com minha cara...

Gherda negou lentamente, balançando a cabeça.

– O rei Silkai não anda bem há um tempo, comandante Hillel. Não foi a primeira vez que o interceptei desgastado pela visita à outra fortaleza. Ele sempre mostrava sinais de fadiga ou abatimento quando o fazia. Nessa última

semana ele vem visitando o local todos os dias, religiosamente. Às vezes, até mesmo duas vezes ao dia! Eu o avisei dos perigos, comandante! Eu sempre tentava interpelá-lo, mas ele me atirava para o lado como se eu fosse uma de suas amas-de-crina.

– E dessa vez... – tentou sugerir Hillel – acha que ela o apanhou de jeito?

– Ele estava bem quando o vi, antes de entrar, comandante. Mas parece-me que ficou por lá tempo demais. – Gherda mordeu os lábios e apertou os punhos. – A maldita obsessão com os Tomos...

– Também pensei que estivesse bem, Gherda. Parecia forte quando encontrei-me com ele, essa tarde. Isso está me parecendo um pesadelo.

Gherda fez uma careta e puxou Hillel pelos ombros, conduzindo-o lentamente até as portas dos aposentos reais.

– Não se engane, comandante. Por vezes também pensei que a fortaleza lhe era inofensiva. Venha, vou dar passagem para que o veja. E comandante... fale com ele. Diga que, de agora em diante, mandaremos alguém buscar as traduções, ou que esperamos até que fiquem prontas.

– Farei isso, Gherda, obrigado.

Gherda puxou a maçaneta, abrindo uma fresta na porta:

– Não se agarre às esperanças, comandante.

Hillel entrou nos aposentos e precisou de um tempo até acostumar as vistas. O local estava bem escuro e exalava um odor estranho; suave, porém desagradável. O tio de Hillel sempre dissera que havia algo no cheiro de hospitais, e ele tinha razão. Silkai, estendido em sua cama, com a vasta cabeleira branca jogada para os lados, emitia tal odor, típico dos doentes.

O comandante passou pelo dossel, de onde esvoaçavam as cortinas, e sentou-se em uma cadeira colocada cuidadosamente para os visitantes importantes. Passou a mão pela cabeça do rei e chocou-se ao reparar em sua aparência. Silkai tinha a pele funda e quase transparente, de tão desbotada. As maçãs do rosto estavam encovadas feito as de um homem trinta ou quarenta anos mais velho, e os olhos afundados em duas mossas escuras, formadas por olheiras. Os lábios ressecados, e os dedos das mãos, cruzados sobre a barriga, exibiam os contornos arredondados dos ossos.

– Por Okkon... – balbuciou Hillel – o que está havendo com você, meu irmão?

Sim, fazia tempo que Hillel não pensava nele dessa forma, pois prometera

a si mesmo, um bom tempo atrás. Olhando para as tantas pinturas da rainha Silve espalhadas pela parede do aposento, Hillel forçou-se a lembrar de dias esquecidos há muito. Dias da juventude da rainha Silve, quando ela era ainda a duquesa de Verda e não tinha qualquer ambição de um dia governar a capital elevada de Virídea.

Silve, quando jovem, devia ser a filha mais bela dentre todas do distrito, e o duque, seu pai, a guardava como se guarda um tesouro valioso. Foram muitas as propostas de alianças vinda dos quatro cantos do continente, e não raro vinha alguém das terras do sul, Sablona, com a missão de tentar desposar a bela duquesa de cabelos prateados.

Ninguém soube como ocorreu ao certo, ou quem foram os envolvidos, mas um dia Silve aparecera em casa com o rosto cheio de equimoses e muitos machucados espalhados pelo corpo. Foram as amas que descobriram a violação na duquesa, quando davam-lhe banho. A cobiça pela duquesa vinha cobrando-lhe um preço muitíssimo alto.

O pai, depois disso, tornara-se um espectro de amargura, pois uma filha violada não teria qualquer valor para aliança. Para piorar, Verda vinha ficando fraca, perdendo terreno para a capital, que se expandia pelo continente. O rei Makai, de Tulma, espalhava seus domínios, e era questão de tempo até que tomasse para si o distrito verdense, um dos poucos bastiões resistentes, defendido por milícias rebeldes.

Com três meses, a duquesa já não podia mais esconder o volume da barriga, e por isso o pai optara por esconder a filha. Passaria todo o período de gestação presa na mansão do duque, até que desse à luz, pagasse seu resguardo e voltasse a ter a aparência encantadora de antes.

E foi exatamente o que ocorreu.

Quando nasceu seu filho, a duquesa Silve, por mais que implorasse ao pai, acabou sendo obrigada a doá-lo para adoção, e ela então passou a alimentar um profundo ódio em seu coração. Prometera a si mesmo que faria o duque pagar pelo que fizera a ela.

Numa época onde as batalhas tornavam-se mais sangrentas, Verda recebeu a visita do próprio rei Makai, pois ele viera determinado a tomar de vez os territórios verdenses. Makai trouxera três ou quatro vezes o número de soldados enviados nas últimas batalhas, e não voltaria para casa sem massacrar até o último dos rebeldes. Silve, já livre de seu aprisionamento nesse tempo, tratou de encontrar o rei quando estivesse sozinho e o seduziu.

O regente da capital sucumbiu a seus encantos e convenceu-se de que seria melhor desposar a filha do duque, ao invés de prosseguir com o massacre em Verda.

O duque, com amargura, viu-se obrigado a aceitar a proposta, apesar de ser o rei seu maior inimigo na época, e o homem a quem nutria o mais revolvido desprezo. Silve sentiu-se vingada e de alma limpa, pois prevenira um desnecessário derramamento de sangue. A política que ela implantara naquele momento passou a vigorar por todo o continente, e Tulma cessou de combater por outros territórios, que se emanciparam e passaram a trabalhar em comunhão com a capital.

Fazia muito tempo, e Hillel preferia não ter lembrado.

Segurando os cabelos do rei nesse momento, o comandante sentiu os olhos ficando marejados pela lembrança. Sempre soubera, desde a infância, que era filho da duquesa Silve, mas nunca pôde contar a ninguém. Seria problemático demais. Mas sempre haviam os mais velhos que conheciam o segredo, como os antigos empregados da mansão, e até mesmo as amas que fizeram seu parto. Pelo bem-estar de todos, mantinham o segredo guardado.

– Gherda?... – veio a voz falhada do rei.

– Sou eu, majestade... – Hillel colocou a mão por cima das do rei. Estavam geladas.

– Fleros, me deixe dormir...

Hillel pensou em responder, mas deixou que o rei dormisse. Ele estava abatido demais. Ao invés disso, resolveu sair do quarto, pois as vozes do lado de fora começavam a ficar muito altas.

Já preparava um sermão quando abriu a porta e saiu para o vestíbulo. Gherda estava ao lado de um soldado que falava gesticulando com as mãos. Pareciam ansiosos demais, os dois.

– Comandante – chamou Gherda.

– Estão falando muito alto – censurou Hillel, com um sussurro de dentes trincados –, deixem o rei dormir!

Gherda insistiu, sinalizando para que Hillel se aproximasse.

– Esse homem diz que capturou a garota, comandante. A tal Mirta Vento Amarelo.

38 – BIBLIOTECA BRANCA E ABERTURA

Mirta atravessou a praça, que estava apinhada de gente, receosa de chamar ainda mais atenção. Já não bastava o soldado dos portões, mais de um dia antes, confundindo-a com uma artista de bordéis. Luluva era nome da infeliz, uma dançarina noturna que ganhava a vida fazendo performances e usando roupas chamativas. Talvez a culpa fosse do efeito dos lábios pintados de preto, coisa que ela não se arriscaria a fazer novamente.

Mirta ladeou uma cerca-viva, procurando pela som-bra, e riu ao lembrar-se da moça loira que encontrara na noite em que chegaram. Era meio nariguda e tinha o rosto crivado de sardas, mas, como usava óculos, podia enganar quem a visse de longe. Mirta teria oferecido duas moedas de prata como pagamento, para que a menina andasse pela cidade de forma despreocupada e chamasse atenção na porta da hospedaria. Isso manteve os guardas ocupados, ela tinha certeza, e pôde realizar sua hospedagem sem que as pessoas prestassem muita atenção em seu rosto. Talvez nem tivesse precisado, mas foi um excelente teste para saber o quanto ela estava sendo procurada. E, desde então, ela passou a fazer tudo com cuidado redobrado.

Cerúleo, nos ombros dela, tentava se esconder do sol da manhã em seus cabelos, mas a peruca escura era dura, e nem de longe tão macios. Iac havia treinado e se alongado durante quase todo o dia anterior e nesse momento preparava-

-se para o início do torneio, que seria em breve. Era uma boa época, pensou ela, pois assim os olhos das pessoas não a inspecionavam curiosos todo o tempo. Era incrível como as pessoas subitamente perdiam o interesse na vida alheia quando tinham o que fazer.

Passando pela enorme árvore central, desviando-se de um grupo musical que tocava um ritmo aborrecido, Mirta caminhou pelo largo pavilhão que conduzia à fortaleza do rei. A fachada estava, como ela esperava, atulhada de soldados. Quatro vezes mais que o normal, ainda por cima depois da notícia de que o rei andava muito doente. Mas podia jurar que não havia muita proteção e segurança onde ela iria. Afinal, quem se preocuparia em raptar livros antigos?

Ela abandonou a frente do castelo e curvou à direita, entrando em uma ruela estreita, exclusiva para transeuntes a pé. Seguindo pelo lado da fortaleza, ela passou por três portas largas, parando de frente para a quarta, que estava aberta. Um lance de escadas conduzia em subida a uma subida sem fim em um corredor escuro. Seis ou sete lances de escada. O conhecimento, às vezes, cobrava caro. Ela olhou para os dois lados e começou a pisar nos degraus, quando sentiu algo gelado tocando sua panturrilha.

– Ei... – ela virou-se bruscamente e deu de cara com um cachorro de rua, todo empoeirado, abanando o rabo. – O que quer, amiguinho? Não tenho nenhuma comida. Vá brincar no parque, vá.

O cachorro pareceu entender que ela dava atenção e baixou as orelhas, implorando para ser acariciado. Mirta abaixou-se e começou a coçá-lo na cabeça, atrás das orelhas, e o cachorro ficou encarando-a com olhos lamentosos.

– Eles bateram em você? O que foi? Por que está triste?

Mirta subitamente deu-se conta de que fazia anos desde a última ocasião em que parara para brincar com um animal de estimação ou qualquer outra coisa. Olhando para a direita, na direção da praça, ela reparou pela primeira vez em como o local vivia abarrotado de meninos e meninas da sua idade, correndo de um lado a outro, incomodando os guardas. Eles brincavam como se não houvesse preocupações ou problemas dos quais cuidar. Brincavam como se o mundo fosse permanecer em um eterno estado de euforia e cores variadas.

Mirta desejou, apenas por um segundo, estar na pele de uma daquelas crianças. Era o máximo que ela se permitia. Tratou de afastar os pensamentos da mente, acariciou o pobre cãozinho mais uma vez, em despedida, e ficou de pé. Com um suspiro profundo, virou-se novamente para as escadas.

Enquanto galgava os degraus, repassou na mente todas as informações obtidas até o momento. Aparentemente, o caso dela ligava-se a Brinaff por acidente. Se não houvesse encontrado o dragão, não estaria sendo perseguida. Mas isso levantava algumas questões.

Por que, afinal de contas, perseguiram a Brinaff? E ainda mais: se o faziam, por qual motivo só os interessava a carapaça? Mesmo depois de conseguirem despojá-lo de sua armadura natural, os homens de Silkai continuavam em seu encalço. Por quê?

Mirta não tinha resposta para nenhuma delas. Pelo que ela sabia, Brinaff trabalhava para Corff, conhecido como o deus dos dragões, e fazia parte de uma casta rara, chamada de *mensageiros*. Haveria algo de especial nessa espécie? Tinham medo de que Brinaff voltasse às tais Geleiras e relatasse tudo a seu mestre? E por que ela havia testemunhado os estranhos incidentes no topo das montanhas geladas? Por que o monte Yanen ficara subitamente, dez dias atrás, coberto por névoa e luzeiros azulados? O que havia de especial nos mensageiros de Corff?

Terminando de subir as escadas, Mirta bateu os pés no tapete de entrada e passou para dentro do salão da biblioteca branca. O agradável cheiro dos livros antigos atingiu de imediato as narinas da garota, e uma onda de boas lembranças abraçou-a, de forma inevitável.

– Mestre Cen’zo – disse Mirta, de frente para o velho, que a olhava de volta com os olhos apertados. – Não está me reconhecendo?

O velho ajustou os óculos por cima do vasto nariz. Inclinou-se para frente, e apoiou as mãos enrugadas sobre o balcão. Era uma peça lisa de madeira escura, polida e envernizada. Um grande caderno de folhas amareladas e uma pena mergulhada na tinta repousavam sobre a superfície do tampo. A luz bruxuleante do lampião deixava as expressões do velho na sombra similares às contidas nas fábulas de bruxas.

– É aquela moça da... casa noturna?

– Não, Cen’zo! – Mirta correu os olhos pelo grande salão em penumbra. Todos estavam sentados concentradíssimos sobre mesas redondas, folheando livros empoeirados. Agitou a peruca para demonstrar que o cabelo era falso. – Sou eu, Mirta Vento Amarelo.

– Ah, Mirta, minha garota!

– Não grite, Mestre Cen’zo, está maluco? – Ela voltou a olhar para o rosto dos visitantes, mas eles pareceram não prestar atenção no que disse o velho. – Estão me procurando, esqueceu?

– Sim, sim – pela forma com que o velho sorria, nutria uma enorme simpatia para com Mirta –, e nunca entendi bem, minha jovem. O que fez para irritar tanto o rei senil? Criou algo no laboratório que fizesse os cabelos reais caírem?

– Antes fosse. Parece que me meti em algumas embrulhadas, e o rei acabou botando em mim a culpa. Mas sabe que eu jamais trairia a capital,

não, mestre?

O velho bibliotecário abriu outro sorriso, exibindo os dentes que não existiam.

– Entre sua palavra e a do regente caprichoso, aceito a sua de olhos fechados, pequena Mirta. Diga-me, se a cidade tornou-se uma arapuca para você, o que faz de volta? Não veio dar a todos uma amostra de sua coragem e intrepidez, creio eu...

– Absolutamente. Se eu não precisasse, não recorreria ao senhor. Mas, a fim de que eu pare de ser perseguida e limpe meu nome, preciso investigar a fundo alguns assuntos.

– Se não o fizesse, não seria você – riu ele. – Pois, diga-me. Em que posso ajudá-la?

Mirta baixou a voz e falou com o tom mais sério e urgente que podia proferir:

– Preciso de absolutamente todo e qualquer material que tenha sobre os dragões. Em especial os dourados, conhecidos como *mensageiros*. Tomos, livros, enciclopédias, tratados, periódicos, tudo. O que puder me conseguir a respeito.

O velho soltou o ar, inflando as bochechas flácidas.

– Devo supor que é realmente relevante, mocinha.

– E é, mestre Cen'zo. Tenho motivos para acreditar que é ainda mais importante do que eu imaginava.

O velho deixou o balcão, em silêncio, e desapareceu na salinha dos fundos. Nem pediu para que Mirta assinasse o livro de visitas e, mesmo que pedisse, ela teria de inventar um nome falso. Mirta afastou-se, cruzou a sala escura, passando pelas prateleiras de livros, e procurou uma mesa vazia, onde sentou-se e aguardou.

A atmosfera era de completa euforia e explosão. Milhares de pessoas reuniam-se na arena para prestigiar a abertura da primeira edição do torneio da guarda. Era quase meio dia, e as primeiras lutas já aconteciam, pintando o pátio do estádio de sangue e alegrando os corações de todos.

E era uma construção gigantesca, meus amigos. Um anel ovalado erguido em tábuas de madeira e pregos, elevada nas extremidades, de modo que os sentados nas últimas fileiras também tivessem boa visibilidade. Um emaranhado de ripas fazia levantar dezenas de assentos circulares, dispostos

em formas de degraus. Por trás da última fileira eram pregadas outras varas de madeira, hasteando toldos e mais toldos de lona, para lançar na plateia um mínimo de sombra.

O piso central era um círculo forrado por blocos de pedra maciça, encaixados simetricamente. Começava por uma única pedra no centro e ia abrindo-se, como panqueca, até quase metade da extensão do estádio. No chão foram cavados quatro buracos, um em cada canto do palco. Eram cercados por uma moldura quadrada de argila, de onde saíam línguas de fogo e davam aos combates um clima de ainda mais apreensão e suspense.

A plateia era elevada alguns metros do chão, e abaixo do nível dos assentos havia portas com grades de tela, que eram abertas no momento em que cada lutador entrava na arena.

Nesse momento, Mirta, Iac e Cerúleo estavam bem alojados na terceira fileira de baixo para cima, de onde tinham uma vista excelente da luta que transcorria. Iac mordida as unhas, torcendo para um deles, e Cerúleo escondia a cabeça entre uma pancada e outra trocada pelos oponentes. Mirta não demonstrava qualquer interesse pelo que se passava no pátio, embaixo. Ao contrário, folheava uma das páginas do livro em seu colo no exato momento em que um dos combatentes recebia um talho na barriga.

A multidão foi à loucura quando as vísceras do homem escorreram para o chão. Uma mulher jogou uma rosa no pátio em homenagem ao agressor, seu novo ídolo. Dois homens abraçaram-se e começaram a pular, cantando alguma coisa desafinada. Outro grupo de pessoas começou uma percussão com os pés, batendo-os nas tábuas dos assentos e criando um ritmo de vitória. Outros tocavam cornetas e atiravam papéis coloridos e pétalas para o alto. Um vendedor começou a distribuir doces às crianças, de tão satisfeito que ficara.

Mirta passava o polegar na língua e folheava outra página.

– Isso! – gritou Iac, com os braços parecidos com fardos de salame para o alto. – Viu isso, Mirta? Ele ignorou o bloqueio e trocou a espada de mão. Por Okkon, nem eu teria pensado em algo assim.

– Cró!

Mirta levantou a cabeça e ajeitou os óculos. Deu uma rápida olhada no cadáver estirado no chão, e em seguida voltou-se para o livro.

– Sim, sim. Muito bom lutador.

– O quê? – berrou Iac no ouvido dela. Era realmente impossível fazer-se

ouvir no meio da multidão.

Mirta fez um sinal negativo com a cabeça, indicando que depois conversariam. Ela estava realmente muito interessada no que lia nas páginas amareladas. Segundo o tomo que tinha nas mãos, os dragões mensageiros eram não só conselheiros do rei, mas possivelmente descendentes da deusa Yanenna. Nada muito conclusivo, que dissesse qualquer coisa até o momento. Mas se havia algo de especial neles, já era motivo para se estar otimista. Mirta sabia que o rei não iria caçá-los à toa e, como ela imaginara, ele não o fazia. Só restava saber agora o porquê.

Mas ela pretendia descobrir.

– Senhoras e senhores! – gritou um orador, do centro do palco, no momento em que dois empregados apanhavam o lutador derrotado e o arrastavam para fora. – Essa foi a luta de abertura do torneio anual da guarda. Esperamos que todos estejam desfrutando de mais essa iguaria de lazer proporcionada pelo rei Silkai, Crina-da-Alvorada! Uma salva de palmas, por gentileza!

Um coro de vozes e aplausos levantou-se no estádio, fazendo as estruturas tremerem. Mirta estava certa de que o orador queria sair logo daquela poça de sangue e vísceras.

– Ficamos muito satisfeitos – prosseguiu ele. – Em nome do rei, agradecemos as calorosas palmas. Gostaríamos de anunciar que faremos um pequeno recesso para o almoço e voltaremos em exatas duas horas após esse enunciado. Aqueles que preferirem ir para suas casas, podem fazê-lo, e aos que permanecerem, teremos barracas comercializando nossas iguarias mais típicas a preços módicos!

– Mirta, o que acha? – perguntou Iac, aproximando-se do ouvido dela. – Vai comer na hospedaria?

– Bem, eu... não sei. Eu só preciso continuar estudando esse volume. O que você vai fazer?

– Só preciso descobrir se luto hoje ainda ou amanhã.

– Iac, responda-me só uma coisa. Não acha que esse torneio está meio violento demais? Quer dizer, é seu sonho, mas...

– Sei o que está pensando – riu ele, meio desconcertado. – Mas não acho de forma alguma que a proposta do torneio seja o que acabou de ver no palco. Eu estava assistindo, e foi mais uma questão de grande azar por parte do perdedor. Seu oponente não pretendia... bem... parti-lo ao meio.

No centro do palco, o orador elevou ainda mais a voz:

– A programação de hoje conta ainda com mais dois combates, senhoras e senhores. Quatro jovens que decidiram apostar suas honras por uma chance de servir a capital. Não se enganem pelas imagens chocantes que acabaram por presenciar – tentou falar de forma casual quando viu um dos secretários do rei cruzando o palco em sua direção. – Lembramos mais uma vez que nossos combates contam com a supervisão de juízes capacitados, treinados para intervir em momentos-chave. Acidentes assim podem acontecer.

Mirta levantou a cabeça, incomodada. O orador parecia estar mudando os planos.

– Eu podia não estar prestando atenção – disse ela –, mas tenho quase certeza de que não vi juiz nenhum.

– É...

– Cró!

– O que Cerúleo disse?

– Que provavelmente alguém mandou mudar as regras. Logo na primeira luta já tivemos um banho de sangue. Isso não ia pegar bem para o rei.

O secretário terminou de se aproximar do orador e cochichou algo em seu ouvido.

– Isso sem contar – continuou o orador, mostrando sempre o mesmo sorriso e o dedo indicador para cima – na indenização paga às famílias em casos de acidentes assim.

Antes de deixar a arena, o secretário ainda deixou um papel dobrado nas mãos do orador, que leu-o rapidamente e prosseguiu:

– As regras, como já lidas anteriormente, rezam que os juízes intercederão quando um dos combatentes esteja em condições de defender-se inteligentemente...

A multidão ficou subitamente mais quieta ao ouvir a frase. O orador apanhou rapidamente o papel e conferiu novamente.

– Repito: em casos onde o lutador *não* esteja mais se defendendo de forma inteligente, o juiz terá autonomia para parar o combate. Também acontecerá se interdições físicas impedirem o lutador de se defender. Por exemplo: na perda simultânea de escudo, arma e membros.

O orador fez uma ou duas reverências desengonçadas e apressou-se em sair do palco.

– Quem diabos está organizando esse torneio? – perguntou Mirta. – Pelos

quatro...

– Ah, quase ia me esquecendo – voltou o orador. – Os combates agendados para a próxima fase são: Edra, o Bruto, contra Siamuela, o Ouro Negro do Riacho. – Ele esperou até que a multidão, que já fervia novamente, se acalmasse. – Também teremos, antes do cair da tarde, o encontro nada amistoso entre Iac Pouco-Papo Aelflumbe contra Lev’ordor, o Coveiro!

O estádio quase foi abaixo ao ouvir o último nome. Mirta ergueu os braços, ajudando – sem vontade – na torcida pelo amigo, arreganhando os dentes em um sorriso para ele. Iac, porém, não pareceu muito satisfeito.

– O que foi? – perguntou ela, ajeitando os óculos. – Não queria tanto lutar? Sua estreia é hoje!

– Sim, é só... – Ele entrelaçou os dedos. – Não gosto muito desse sujeito. Conheci-o anteontem, na fila de inscrição. Esse indivíduo é meio perverso...

39 – A ESPERA E O FIM

O céu era de um chumbo suave naquela manhã. O sol, iluminando o dorso de Corff, não era muito brilhante e isso o agradava. Não era um apreciador dos tempos quentes. Abaixo dos seis principais picos das Geleiras, era possível ver somente um manto espesso e felpudo da névoa da noite anterior. Até ela própria envergonhava-se diante de Sua Majestade.

Os olhos do dragão piscaram e se iluminaram nova-mente; o direito, com menos intensidade. O pescoço escamoso esticou, erguendo sua cabeça do anel azulado, e um dos chifres chegou a deixar uma marca na placa de gelo da boca do covil.

Finalmente, o rei pareceu sorrir por um instante. Do topo do mundo, ele emitiu um urro grave, capaz de causar um pequeno terremoto. Abriu as quatro asas e impôs sua imponente figura a quem mais estivesse olhando. O deus branco estava pronto.

A espera havia terminado, e o fim acabava de nascer.

40 – EMBRULHO NA BEIRA DO CAIS

– Na verdade, não muita coisa – Mirta tinha a boca cheia de um sanduíche de carne e procurava um guardanapo para limpar-se. Estavam debaixo de uma marquise, ainda ao lado da arena, onde foram montadas as barracas de alimentos. – O livro diz algo sobre uma linhagem qualquer dos mensageiros, mas não se aprofunda no assunto. O que tem me ajudado, de fato, é a conversa alheia nas ruas. Tenho conseguido muito mais detalhes. Descobri, por exemplo, que a chamada Ordem Branca, os donos do brasão que você identificou, haviam saído em excursão para as Geleiras e só voltaram há uns dois ou três dias.

– Ah, sim? – Iac enfiava um espeto de batata na boca e puxava só o palito vazio em seguida. – Por que essa informação serve de ajuda?

– Ei! – grasnou ela, recebendo um encontrão. – Olhe por onde anda! Serve de ajuda quando se pensa no que podem ter ido fazer por lá. Brinaff me contou que os mensageiros se reúnem lá para fazer relatórios ao rei; são seus súditos. Ora, se o rei os caçava por aqui e manda seus melhores homens para a fonte dos tais dragões, é de se supor que essa questão da linhagem é crucial. Me parece que pretendiam capturar o máximo que podiam deles, para estudar e identificar os espécimes que se encaixam e os que não.

Iac continuou mastigando, esperando ouvir mais. Mirta fez um gesto largo, como um professor que dá ao aluno a resposta mais óbvia de todas:

– Existe ligação entre a linhagem dos mensageiros e a missão da Ordem nas Geleiras. Só preciso descobrir qual é...

– Entendo...

– E sabe o que é curioso? Não trouxeram um só dragão de volta, pelo contrário. Parece-me que morreram muitos soldados. Lembra-se de como ficaram enevoadas as Geleiras quando nos encontramos? Acredito que algo tenha dado muito errado por lá. Devem ter sido enxotados pelo tal rei dos dragões, Corff.

– Pelo menos conseguiram escapar, não é?

– Não sei se foi uma coisa boa. Dizem que Corff nunca sai das Geleiras, mas até hoje nunca ouvi falar de alguém que entra em seu covil e o irrita

profundamente. – Passou um vendedor de amendoins, carregando uma bandeja de papelão. Mirta aproveitou para afanar uns guardanapos. – Eu temo pela segurança da cidade.

– Cró! – Cerúleo sinalizava, irritado, que ela devia ter comprado alguns amendoins para ele.

– No momento, estou mais preocupado com minha própria segurança. – Iac retirou do bolso um embrulho grande, repleto de doces. – Mas dizem que as maiores conquistas vêm da adversidade, não é mesmo? Se eu vencer o gorila Lev’ordor, acredito que terei grandes chances de seguir até a final.

– Ele é tão ameaçador assim?

– Digamos que... – Iac lambeu o papel do embrulho antes de atirá-lo no chão – ele é um pouco maior que eu e mais robusto.

– Cró!

– Também acho... pelos quatro. Boa sorte nessa em-preitada. Tem certeza que não quer desistir?

– Na verdade – ele sorriu, com a boca cheia –, acabei de ter uma ideia que pode ajudá-la.

Claro que Mirta não acreditou. As melhores ideias de Iac tinham a ver com comida ou cantigas horrorosas de latoeiros de rua.

– Ah, tem?...

– Sim – ele limpou-se com a manga da camisa e esticou a coluna para cima, projetando a barriga desproporcional para frente. – Senhorita Mirta, peço que escolha um local discreto onde possa me encontrar.

– Está indo a algum lugar?

– Vou trazer-lhe uma surpresa inesquecível. Irá resolver todo seu problema, seu caso... ou o que quer que seja.

– Iac, você pode me...

– Sem discussões, mocinha. Será meu presente a você. Diga o local e encontre-me lá em pouco menos de uma hora.

Mirta estava na beira do cais, num local onde os marinheiros depositavam caixotes velhos. Era um local perfeito, que quase não recebia visitas. Ficava paralela à via das docas, a poucos metros do mar. Era o único local da cidade onde não havia uma multidão de transeuntes e turistas gritando, e contava também com um agradável coro de gaivotas que voavam pelo céu.

Os barcos estavam ancorados a uma distância segura e não havia nenhum

deles no porto tratando de fazer descarga. Isso significava que teriam um bom tempo de privacidade ali. De qualquer maneira, já vinha pensando em alguma desculpa caso alguém a abordasse. Por ser uma área de comércio da capital, não raro poderiam ver um guarda inspecionando a área.

Ela olhou para o céu azul. Certamente já havia se passado uma hora desde que deixaram a arena, e a espera começava a incomodá-la.

O que Iac estará aprontando? O que será tão importante que tenha de me mostrar em segredo?

Cerúleo, pelo menos, estava distraído, voando em desenhos similares aos das gaivotas. Pássaros contentavam-se realmente com muito pouca coisa.

— Olá — veio uma voz do final da fileira de caixotes. Mirta girou o pescoço tão rápido, que teve medo de derrubar a peruca.

A figura de Iac surgia de trás das caixas. Ele vinha trazendo um enorme pacote nas costas, envolvido por um lençol branco. Ele abriu um sorriso, ergueu o braço e começou a caminhar com cuidado na direção da garota. Mirta aguardou, curiosa, e viu-o abaixar-se, depositar o pacote e começar a desembrulhá-lo.

— Iac, o que é isso?

— Verá em um instante. — Ele parou subitamente de desenrolar o tecido, lembrando-se de algo. — Ah, não posso me esquecer disso! — Retirou do bolso um pedaço frouxo de couro curtido e colocou-o no próprio rosto.

— Que coisa horrorosa é essa, Iac?

— Minha máscara de combate. Venha, vamos abrir a surpresa!

Era realmente uma máscara aterradora. Parecia um rosto humano que perdeu a pele e teve a carne ressecada pelo sol. O nariz protuberante e redondo de Iac tratava de amenizar a figura, deixando-a um pouco mais cômica que medonha. Porque diabos ele a colocava era um mistério.

— Pelo menos a plateia vai conseguir assustar — observou ela. — O que trouxe?

Iac desenrolou o lençol, jogando as duas pontas para os lados, revelando a figura de um homem velho, com o rosto cheio de cicatrizes. O peito era musculoso, estufado para frente, e os braços e mãos gastos por exercícios físicos.

— Quem é esse, Iac? Está maluco? — Ela levou os dedos para tocar o pescoço do homem. — Ele está morto?

– Duvido que tenha morrido no caminho. Afaste-se, vou acordá-lo.

Certa vez Mirta havia pensado em Iac como um homem imprevisível. Um indivíduo capaz de gloriosos momentos de sabedoria, e também – talvez na maioria das vezes – tolices sem pé nem cabeça. Essa havia sido uma das raras ocasiões em que nem mesmo Mirta, no ápice de sua inteligência, meus amigos, podia distinguir qual dos dois.

Ela entendeu que a máscara era para que o velho não o reconhecesse quando acordasse. Mas quem era o homem e o que fazia ali?

– Quem é essa pessoa, Iac? Se ele despertar, poderá fazer barulho, e iremos presos!

Iac baixou os braços e olhou diretamente para Mirta.

– Ele não fará barulho, pois não vou deixar. E o homem, acredite em mim, lhe interessa muitíssimo. É um capitão do exército do rei.

Mirta ajustou os óculos e ajoelhou-se também, ao lado do companheiro.

– Verdade?

Fazia sentido. O lençol era branco e sem qualquer estampa. Os pobres não bordavam iniciais em seus bens, e esse homem não era pobre. Assim como o lençol, ele estava imaculadamente limpo e de barba feita. Os produtos de limpeza e cuidado pessoal eram itens muito caros. Iac devia estar realmente falando sério. O homem só poderia ter vindo de um lugar.

– Iac, você raptou esse homem do hospital? Está perdendo o juízo! Poderemos ir para a forca!

Iac riu e abanou a cabeça.

– Não iremos para a forca, tolinha... eu não saí pela porta da frente, ninguém me viu!

– Entrou no quarto do capitão como visitante e saiu pela janela? – Mirta levantou-se e começou a olhar para os lados, conferindo se Iac não havia sido seguido. – Em dez minutos esse lugar estará repleto de soldados! Você tem caldo de mocotó na cabeça!

– Não está curiosa em saber como ele foi parar no hospital? – provocou ele.

– Não. Leve-o de volta.

– Esse é o capitão Forg, da Ordem Branca. Ele esteve nas Geleiras com o comandante Hillel.

Mirta sentiu os braços arrepiando-se.

– Está... – gaguejou – falando sério?

– Sim. Conheço todos eles. Sou um fanático, lembra-se? Não foi difícil visitar seu quarto. A cidade está em comoção pelo torneio. Daqui a meia hora eu o levo de volta, e ninguém terá dado por sua falta.

Mirta levou um ou dois segundos para decidir.

– Acorde-o. Depressa, antes que chegue alguém. Mas lembre-se: livre-se da máscara depois disso. Terá de usar outra coisa no torneio.

– Assim que se fala – concordou o grandalhão.

Iac virou-se para o homem desacordado e começou a sacudir seus ombros. O velho demorou um pouco para dar sinais de vida, mas acabou abrindo um pouco os olhos. Mirta escondeu-se atrás de uma caixa enorme, para ouvir a conversa.

– Acorde, capitão Forg – disse Iac, dando um tapinha no rosto do velho.

– Onde estamos? – balbuciou Forg. – Quem é você? Tire as mãos de mim!

Iac cobriu a boca do homem e jogou por cima dele o seu peso, de forma ameaçadora.

– Eu só quero fazer algumas perguntas, capitão. Se colaborar, sairá vivo daqui. Se não... – Ele apontou com a cabeça para o mar.

O velho começou a rir e teve um acesso de tosse.

– Está ameaçando um capitão da Ordem Branca? – rosnou ele. – Eu devia cortar fora a sua cabeça, rapaz!

– Hoje o senhor não está em condições de cortar nada – prosseguiu Iac, calmamente. – Vamos, só quero que me diga o que andavam fazendo nas Geleiras, e por quê.

Forg torceu o rosto, exibindo os dentes.

– Pode me embrulhar e jogar no mar, seu idiota.

Mirta, escondida, começou a roer as unhas. Iac não conseguiria coletar qualquer informação. Não era um serviço para o qual estava apto. O que ela poderia usar para convencer o velho?...

– Cró! – Era Cerúleo, voltando do voo, assustado com o novo visitante. Mirta fez um sinal ao pássaro para que continuasse voando. Depois ela o chamaria de volta.

Enquanto isso, Iac jogava ainda mais peso sobre o peito do velho e aproximava seu rosto.

– Lumuir... – sussurrou Iac, de forma sombria – esse precisa de soro, pois perdeu sangue nas montanhas. Seria uma pena se duas gotas de ricina

caíssem por acidente no frasco do grandalhão, não é? E ele já está mais magro que o habitual, coitado. Valdor, o pobre mestiço, está... em frangalhos, eu diria. Precisa de constantes cuidados médicos se quiser escapar, não é verdade? Baço quase rompido, pelo que ouvi falar... Posso providenciar um enfermeiro de minha escolha para olhar o caso dele. Isso sem falar em Svano, Melec, e tantos outros subordinados... heróis em vida, mas verdadeiros mártires na morte. – Iac colocou o indicador sobre os lábios. – Pensando bem, não teriam um legado de mais impacto, ou quem sabe até estátuas erigidas pelas ruas caso não conseguissem escapar?

Mirta viu, pelas frestas do caixote, que os olhos do velho começaram a ficar marejados. Era inacreditável! Iac estava conseguindo dobrá-lo! O idiota tinha talento para isso...

– Não faria isso – arriscou o velho, com a voz falhada.

– Não mesmo? – perguntou Iac. – Não me pareceu difícil raptar um dos oficiais da mais alta patente da capital e sair sem ser visto. – Ele deu de ombros, sugerindo com o olhar os arredores. – Ou vê algum guarda me prendendo?

O velho cerrou os punhos e os ergueu no ar, interrompendo-se mais uma vez com uma sequência de tosse.

– Seu maldito... – choramingou ele, finalmente. – O que quer? Diga o que quer, aberração! Mate-me depois de tudo, mas não toque em meus companheiros!

– Bom, capitão... muito bom. Pode começar me contando o que há de importante a respeito dos dragões mensageiros. Por que foram caçá-los nas Geleiras?

Mirta estava estupefata. Iac conduzia sozinho o inter-rogatório.

– São para o rei – falou Forg. – Silkai pretende efetuar alguma espécie de ritual, que julga muito importante para a capital. Tudo o que sabemos é que ele precisa de uma linhagem em específico.

Mirta saiu de trás da pilha de caixotes.

– Do que se trata o ritual, capitão Forg? – perguntou ela, ansiosa. – Onde ele faz suas pesquisas?

– Quem é você? – grunhiu Forg.

– Responda à pergunta da moça, capitão.

Forg pensou por um momento, mas parecia estar sentindo dores. Os olhos fechavam-se com força.

– Eu não sei... ninguém sabe. O rei mantém a fortaleza gêmea em segredo. Além disso, está sempre mandando seu conselheiro em expedições ao sul, para conseguir material proibido.

– Material proibido? – Mirta ajeitou os óculos e a peruca. – Do que estamos falando, especificamente, capitão?

– Como eu vou saber? – grasnou Forg. – Ninguém tem acesso à fortaleza! Livros apócrifos, eu acredito. O rei não tem o mais cristalino dos juízos.

– Nisso podemos concordar. – Mirta aproximou-se dele. – Sabe como podemos entrar na fortaleza?

Forg arregalou os olhos.

– O que querem? Estão loucos? Não se pode entrar na outra fortaleza, ou seriam mortos! O lugar é maldito!

– Ouço histórias a respeito, mas não sei se acredito. E não vejo como minha segurança possa ser um problema seu, capitão. Quero saber como entrar no local.

– Se querem morrer – continuou Forg, com um sorriso nos lábios – é um assunto seu. Mas a fortaleza foi construída em duas partes espelhadas. As passagens que existem em uma existem também na outra. Agora me matem de uma vez e me deixem em paz! Morram da forma que os convir!

Mirta ouviu passos arrastando-se atrás das fileiras de caixas e levantou a cabeça.

– Ninguém vai morrer hoje, capitão Forg.

Nesse momento surgiu um homem de roupas pretas. Os cabelos eram esbranquiçados, e o rosto meio enrugado, pela meia-idade. Ele tinha uma espada brilhante nas mãos e, pela forma com que caminhava seguro, sabia como usá-la. Mirta o conhecia de algum lugar, mas não soube ao certo.

– Quando eu estava no hospital – continuou o homem de preto –, e o capitão Forg recebeu um visitante peculiar, minha atenção foi despertada de imediato. Mas não fiz nada, evidentemente. Os soldados da Ordem têm muitos familiares e amigos, e não podemos conhecer a todos. Mas realmente me intrigou quando, depois de minutos, não se ouviu um pio vindo de seu quarto. Tive de checar e, para minha surpresa, os dois haviam desaparecido. Pulado pela janela. – O homem riu e encostou a ponta da espada na orelha de Iac. – Rastreá-lo foi a coisa mais fácil que fiz na vida, grandalhão.

– Comandante Hillel! – bradou Forg. – Graças à misericórdia de Okkon!

Mirta sentiu o chão ruir debaixo de seus pés. Era o fim. Hillel era

implacável com os criminosos. Não demoraria a descobrir que ela era a procurada Mirta vento Amarelo.

– Vou mandar levá-lo de volta, capitão. E esses dois vêm comigo. Terão muito o que explicar à Sua Majestade, quando ele melhorar.

41 – PORÕES E PUNHAIS

Hillel puxou com força a pesada porta de madeira, trancando Mirta e Iac em uma das celas. Fazendo um ruído metálico, o guarda ao lado dele passou o gancho do cadeado na porta, trancando-a. Mirta, com os cabelos loiros embaraçados sobre o rosto, ainda agarrou as grades com as mãos rosadas, enquanto o soldado se afastava pelo corredor.

– Comandante, não pode fazer isso! Fui injustamente acusada de traição!

Hillel encostou o rosto no metal e apontou o dedo em riste para dentro da cela. O ar pesado da prisão escura fazia as vozes reverberarem pelas paredes.

– Foi injusto que tenha matado meus quatro homens? Diga-me! Como se isso não bastasse, ainda tem o atrevimento de voltar aqui e sequestrar um herói militar bem debaixo do meu nariz!

– Não fui eu quem os matou! Como poderia? Sou uma cientista! – Ela impeliu os óculos pelo nariz, para que não caíssem também, como a peruca havia caído no caminho. – Só voltei à cidade para descobrir o porquê de me perseguirem. Eu estou começando a encontrar evidências que podem nos levar a um lugar muito diferente da Tulma que imagina, comandante! Podem ser suficientes para fazer acusações sérias ao rei...

– Cale-se, fedelha! Não me venha com conspirações infantis, eu sei o que o rei pretendia nas Geleiras! E quanto aos quatro membros mortos, pode ser que não os tenha matado com as próprias mãos, mas teve ajuda daquele dragão imundo!

Ela cerrou os punhos nas barras de metal, puxando o próprio corpo para cima. Ficou na ponta dos pés e falou com os dentes cerrados:

– Brinaff não é imundo! Vocês o mutilaram para algum intento doentio do seu rei! Comandante, a seu ver é por acaso que as pessoas acusam Silkai de ser louco? Pense! E quanto ao dragão, tudo o que ele fez foi se defender de seus homens, pois partiram em seu encalço! E foram os *seus* soldados os assassinos de minha avó inocente, que nada tinha a ver com isso!

– Ei – lamentou Iac, com a voz chorosa – a próxima luta é a minha! Eu estou lutando para trabalhar a seu lado, comandante!

Hillel lançou um olhar frio ao rapaz:

– Cale-se, bola de carne! – Depois virou-se para Mirta. – E onde está esse valoroso amigo quando precisa? Por que não vejo nenhum dragão em sua companhia?

– Brinaff ficou para trás – disse ela. – Tivemos algumas... divergências de planos e nos separamos. Mas isso não descredita minhas palavras de forma alguma.

– Muito bem... – Hillel soltou as barras e deu um passo para trás, sem tirar os olhos da garota. – Se é verdade o que diz, não terá problemas se eu trazer um deles para confirmar.

– Um... deles?

– Mulle sobreviveu. – Hillel viu a garota também soltar as grades. Pela forma com que o rosto dela ficava branco, conhecia bem o nome. – Sabe de quem eu falo, não é? Um sujeito enorme, pouco menor que seu amigo aí...

– Comandante Hillel – as palavras de Mirta saíam falhadas –, ouça-me. Não traga esse homem até mim, ou ele irá me matar.

– Quem é Mulle? – perguntou Iac.

Mirta fez um gesto com as mãos implorando para que o amigo gigante não falasse mais nada. Hillel aguardou um pouco e ela continuou:

– Comandante, é um pedido solene o que eu faço agora: não diga a esse homem onde sou mantida cativa. Não sabe do que ele é capaz.

– Mulle é um homem de confiança – assegurou ele. – Não faria qualquer coisa enquanto estivesse sob meu comando. O trarei aqui antes de anoitecer, para que eu ouça as duas versões. Pode ir inventando uma boa desculpa, pois sei como é esperta.

– Um homem de confiança? – berrou Mirta. – Quão bem conhece seus subordinados? Eu não acho que o senhor faça o perfil do espetáculo violento que presenciei em minha casa!

Hillel estacou com a pergunta. Quão bem ele conhecia os próprios homens? Até duas semanas atrás, Sóz era o melhor botânico naturalista que conhecia. Um homem disposto a dar a vida pela capital. Dana, um amigo querido por todos. Pouco depois, foram responsáveis pela morte de uns oitenta soldados da Ordem, e quase a sua própria.

– Nem mais uma palavra – decretou o comandante, trincando os dentes. – Aguarde meu retorno.

Hillel desceu os corredores ainda abalado pela conversa com Mirta. A

garota, de perto, não se parecia em nada com uma criminosa. Seria verdade o que dizia? Que seus homens mataram sua avó? Se fosse o caso, Mirta teria razão em querer se defender ou entender o que estava por trás de toda a história.

Ele passou por uma série de celas, ocupadas pelos bandidos da pior espécie na capital. O cheiro era insuportável, e a escuridão, quase absoluta. O rei preferia deixar a prisão sem iluminação, como um acréscimo de punição. Vinha fazendo isso há anos. Enquanto seus passos ecoavam no corredor, alguns detentos tentavam puxar assunto, alegando inocência, pedindo comida ou até mesmo companhia feminina, pois os tempos estavam difíceis.

Hillel, sem dar atenção aos presos, virou à esquerda, e a luz no final do corredor sinalizava que a porta dos fundos não estava longe. Havia um soldado sentado em um tamborete, fazendo uma vigília precária ao lado de um caldeirão incandescente. O contingente militar da cidade estava quase todo concentrado nas ruas, onde a comoção de fato causava muitos problemas.

Até que ponto Mirta dizia a verdade? Ele continuava pensando. O que podia haver de tão grave nos intentos do rei para chamar a atenção da garota? Até onde todos na Ordem sabiam, Silkai acreditava ser o descendente do tal Merff, o único dragão verdadeiro. Isso não queria dizer que o rei fosse louco. Ele planejava executar um ritual mágico para mudar de aparência. Não era segredo para ninguém a envergadura de sua vaidade! Apesar de a missão nas Geleiras ter resultado em muitas mortes, isso não significava que o rei os havia mandado para lá por imprudência. Quem pensaria que o tal dragão Corff fosse realmente aquele monstro real?

Hillel passou por uma prateleira de armas vazia e a chutou sem querer, causando um ruído estridente. Parou de andar, praguejou baixinho e tratou de recolocá-la no lugar, sem perder a linha de pensamento.

Além do mais, caçar dragões era tradição no reino desde tempos imemoriais. A diferença é que dessa vez haviam saído para capturar mensageiros, que, como fora mostrado, eram tão violentos e desgraçados quanto os de qualquer outra espécie. Não havia nada de errado nisso. Para Hillel, a campanha nas Geleiras nada mais era do que uma oportunidade para matar o maior número possível deles, bem como de atender a um pedido pessoal do rei.

Hillel terminou de erguer a prateleira e tentou ajeitá-la da maneira que

estava antes.

...Por Okkon, Silkai era seu irmão e rei! Como poderia ter negado?

Hillel levou a perna para frente, a fim de continuar atravessando o corredor, mas parou ao detectar algo no chão. Abaixou-se e examinou com cuidado. Parecia uma mancha de sangue no chão, mas era difícil ver direito. Com o rosto quase colado ao solo, ele confirmou não uma mancha, mas algo como um rastro.

Seria normal haver sangue ali. Os presos eram frequentemente levados feridos até os cárceres, mas aquele rastro conduzia em direção a uma portinhola de madeira, do lado oposto das celas, e não até elas.

O comandante levantou-se, apanhou uma tocha apa-gada na parede e foi até o soldado em vigília. Instantes depois, voltava com ela acesa nas mãos e começou a iluminar o chão. De fato, o sangue vinha da porta dos fundos e parava na tal portinhola, ao lado da prateleira.

Hillel tentou a maçaneta, mas estava trancada. Olhou para o final do corredor, e o vigia já voltava a dormir, com os pés para cima. Hillel então encostou os ombros na porta e deu um encontrão abafado, evitando chamar atenção. A porta cedeu um pouco, e ele deu mais um, fazendo-a abrir-se, finalmente. Espalmou a roupa, que se enchera de poeira, e pisou do lado de dentro.

Com a tocha na mão esquerda, ele desceu um lance de escadas até deparar-se com outra porta, no subsolo. Havia poeira no chão, mas as marcas de pegadas sugeriam que havia ali sempre alguém fazendo guarda. Hillel achou muito estranho, pois não tinha conhecimento de qualquer atividade militar no porão. Levou a mão e arriscou a maçaneta. Como a de cima, estava trancada.

Repetindo o procedimento, tomando ainda cuidado para não fazer muito barulho, Hillel arrombou também essa outra porta. Quando ela se abriu, o cheiro imediatamente penetrou seu nariz e estagnou-se em sua boca, fazendo-o sentir náuseas.

A sala era pequena, pouco maior que uma cela individual, e bastante escura. As paredes exibiam manchas de limo e emanava uma atmosfera constantemente umedecida. Era a mesma sensação de se atravessar uma rede de aquedutos. Havia uma mesa velha de madeira no centro, duas gaiolas grandes e enferrujadas jogadas em um dos cantos. Cada uma delas trancafiando uma mulher nua em estado deplorável.

Meio abalado, Hillel caminhou até uma delas, a que parecia em melhor estado. Ela tinha resquícios de cabelos escuros, mas o topo da cabeça havia sido totalmente escalpelado, deixando somente a pele em carne viva. A moça se agarrava às grades, e o comandante pôde reparar em suas mãos. As unhas haviam sido removidas, o rosto severamente espancado, e as pernas exibiam queimaduras gravíssimas, possivelmente feitas com óleo quente ou piche.

– Me... ajude... – gemeu a moça.

Hillel ficou estupefato com a visão. Até sua respi-ração começou a vir pesada nos pulmões. O que estava acontecendo no porão da prisão?

– Quem é você? – perguntou ele. – Quem fez isso?

– Ulla... – ela balbuciou. Hillel entendeu que era seu nome. – Rei... Silkai... Por favor...

Então ela soltou as barras, sem força, mas continuou se contorcendo de dor no fundo imundo da gaiola.

Hillel levou as mãos até os cabelos e deu dois passos para o lado, conferindo o estado da segunda mulher.

– Você está bem? – perguntou ele à figura magra da outra cela. – Ei! Você está bem?

A mulher tentou apoiar os cotovelos no chão, mas estava muito fraca. Seu corpo era duas vezes mais magro que o da primeira, e tinha cabelos curtos, como os de Nil, porém avermelhados. Hillel viu que ela tinha também o nariz amassado, quebrado em alguns lugares. Os lábios eram brancos e ressecados, e as pontas dos dedos também careciam de unhas.

– Água... – gemeu a mulher, sem conseguir se levantar.

– Vou trazer, aguarde firme – Hillel não sabia o que dizer. Sua mente estava um furacão. Quando a moça disse a próxima palavra, ele então compreendeu tudo.

– Le... ona.

Hillel subiu pelos fundos do palácio. Havia algo muito errado, aquilo não podia ser trabalho de seu irmão. Não o que fizeram com as moças, não uma barbárie tão gratuita, tão doente. Era disso que Mirta falava?... Não seria possível que ela soubesse do paradeiro da princesa Leona. Não... Mirta tinha outras suspeitas. Mas quanto a Leona, havia alguém que poderia responder, e Hillel saberia se ele mentisse. Somente um nome vinha à mente. Gherda.

Quando subia as escadas, Hillel quase foi derrubado por meia dúzia de

soldados apressados. Estava de cabeça tão quente que nem se perguntou o que faziam. Ele pisou no último degrau e passou pelo vão que ligava a cozinha e o depósito de grãos. Continuou apressado pelo assentamento da guarda, e em seguida cruzou todo o pátio do vestíbulo principal. Antes de avistar a porta dos aposentos reais, já ouvia o estardalhaço que ocorria do outro lado.

Mais soldados entravam, e duas ou três amas passaram chorando, com um pano cobrindo as bocas, consoladas pelo sujeito falante, Fleros. Hillel apertou o passo e deparou-

-se com uma dúzia de soldados embaralhados no meio do salão, trocando palavras de ordem. Todos com as armas em mãos. Os quatro escolares, Aberlo, Venai, Uk'h e Boa'Gaar reuniam-se perto dos vitrais, em uma coluna de mármore. Pareciam profundamente abatidos.

E então Hillel viu Gherda. Ele estava sendo suspenso pelos braços por quatro guardas e se debatia, com as pernas elevadas no ar.

– Me soltem, seus imbecis, eu posso explicar! – berrava o conselheiro. Seu rosto estava meio manchado de sangue, e também os braços. Ele segurava um punhal ensanguentado nas mãos, e os guardas tentavam desarmá-lo. – Com quem pensam que estão falando? Ponham-me no chão! Deixem-me explicar o que houve!

– O que aconteceu aqui? – perguntou Hillel, chocado com o que via.

– Comandante! – implorou Gherda, largando o punhal no chão. – Não deixe que me levem, foi tudo uma armação! Eu não fiz nada!

– Comandante, abra caminho, por gentileza – pediu um oficial. – Guardas, cerquem a área para que ninguém entre nos aposentos!

Hillel sentiu uma mão em seus ombros e virou-se bruscamente. Era Aberlo, o clérigo-mor, com seu chapéu escuro chamativo.

– Comandante Hillel – disse ele, com tom monocórdio. – Chegou em péssima hora.

Hillel tirou as mãos do velho de seu ombro com um gesto brusco.

– Professor Aberlo, pode me explicar o que está havendo nesse palácio?

O velho respirou fundo e baixou a cabeça, agitando-a de um lado a outro.

– Aparentemente o conselheiro Gherda apunhalou Sua Majestade, o rei. Foi pego em flagrante, uma coisa terrível. – O velho estalou os lábios, com desprezo. – Ele deve ir a julgamento amanhã mesmo.

Hillel afastou-se do clérigo, com as pernas bambas.

– Do que está falando? Está dizendo que Gherda, ele... enfiou um punhal em Silkai? Mas por que? Ele jamais faria isso!

– Talvez saibamos quando ele se declarar, ou fizer seu último pedido, comandante. Gherda vai para a forca, não tenha dúvidas. Foram as amas quem o surpreenderam. A guarda foi chamada em questão de segundos, e lá estava ele, com o punhal em mãos, manchado com o sangue do rei branco.

– Não pode ser... – balbuciou Hillel. – Não viram mais alguém? Talvez Gherda tenha surpreendido o verdadeiro assassino e estava tentando ajudar o rei! Como podem acusá-lo sem ao menos ouvi-lo antes?

Aberlo aproximou-se de Hillel e disse baixinho, en-cerrando o assunto:

– Elas o viram usar o punhal, comandante. – Respirou fundo novamente. – Ele cortava os pulsos de Sua Majestade. Quando viram o rei debatendo por sua vida, tentando desvencilhar-se de Gherda, o mesmo tentou fugir, mas foi pego ainda no vestíbulo. Eu sei, é uma informação difícil de se processar, e as amas passarão por um rigoroso inquérito. Mas acredite, senhor, o caso é difícil para o rapaz, as meninas têm excelentes justificações, dezenas de testemunhas... às vezes, comandante, essas coisas vêm de quem menos esperamos.

Deviam estar brincando com sua cara. O rei, atacado por um punhal?

– Mas por que? – berrou Hillel. – Silkai já está grave-mente doente!

– Ambição... – sugeriu Aberlo – medo de que o rei se recuperasse... não sei. Acredito que nunca saberemos.

Um pedaço de madeira ecoou no piso de pedra. Era o mestre Boa'Gaar, o cego, aproximando-se com sua bengala.

– O comandante está abalado, não? – perguntou ele, tentando emitir uma voz reconfortante. – Sabemos como se sente, senhor Hillel. Tínhamos muitos planos para com o rei. Planos grandiosos para o futuro, e agora, jogados pela latrina.

Hillel sentiu a nuca ficando gelada.

– Como *tínhamos*? O que houve com os planos?

Os dois professores ficaram nitidamente descon-certados diante da pergunta.

– Não... – arriscou Aberlo – lhe contaram? O rei não resistiu aos ferimentos, comandante. O médico declarou que ele sangrou até a morte. Estava muito debilitado pela doença e, bem... sentimos muito pela perda da capital.

Hillel procurou uma parede, coluna ou soldado onde pudesse se escorar. Não podia ser verdade. Estavam brincando com sua mente. Primeiro veio a garota, dizendo que ele era louco; em seguida, encontra duas mulheres mutiladas e presas, à beira da morte, em um porão secreto. Agora vinha a notícia de que Gherda o assassinara. Algo estava muito errado, era tudo uma grande piada.

Quando Hillel percebeu, estava abraçado ao mestre Boa'Gaar, e ambos quase caíam juntos. O comandante tratou de firmar as pernas, colocou-se novamente em posição e passou a mão pelo cabo da espada. Dando encontrões em quem via pela frente, caminhou a passos largos em direção aos aposentos de Silkai.

– Saiam da frente! – rosnava. – Quero falar com o rei!

– Comandante... – um soldado tentou interpelá-lo, mas o reitor Uk'h adiantou-se, puxando-o para si.

– Deixe-o, soldado – sussurrou Uk'h, com gentileza. – Ele está em choque. Deixe que veja.

Hillel passou pelo cordão de guardas e entrou no quarto. À medida em que via a imagem do irmão na cama, sentia os braços pendendo frouxos sob os ombros. Silkai estava deitado de peito para cima, os cabelos espalhados por toda o lençol, e tingidos de vermelho. Os olhos do irmão permaneciam abertos, sem vida, e o rosto, ainda mais encovado, estava praticamente sem cor. O pulso direito exibia um corte pequeno, mas que aparentemente atingira uma veia importante, causando a hemorragia. Todo o carpete era um lago de sangue empoçado.

Hillel tocou o rosto de Silkai uma última vez e sentiu-o gelado. Não se importou em molhar as botas de sangue e não percebeu quando sentou-se ao lado do irmão, afundando na cama.

Naquela mesma noite, em uma sala escura, iluminada por dois lampiões, reuniam-se os cinco. Os únicos sons no ambiente eram as vozes sussurradas, o arrastar de cadeiras e também o farfalhar dos tecidos pesados.

– Não há qualquer dúvida de que sua participação tenha sido crucial, mestre – falou o sorridente reitor Uk'h, em voz baixa. – O corte no pulso do rei não teria sido suficiente para matá-lo, e no fim... bem, que os deuses tenham piedade. Gherda teve o que mereceu.

– Ele vai mesmo para a forca? – perguntou Venai. – Não quero esse

homem solto, colocando tudo a perder.

– Não diga bobagens, professor Venai – retrucou Ukh. – O conselheiro era tão louco quanto Silkai. Se um deles precisava ser eliminado, o outro também precisaria.

Boa’Gaar pigarreou aborrecidamente, pedindo a palavra. Os outros fizeram silêncio, sempre respeitando o ancião.

– O culpado foi o próprio rei. Não quero sentir o menor resquício de dúvidas entre meus colegas. Desde que os malditos Tomos passaram a ser traduzidos, o rei se esqueceu de sua missão. Já não tinha mais interesse em defender a capital. – Ele mastigou a língua por um tempo e deu continuidade: – Silkai jamais se ofereceria depois do ritual. Precisava ser feito!

Os outros quatro murmuraram vozes em concordância. O mestre era realmente um poço de sabedoria.

– E agora quem garante que teremos êxito? – perguntou Aberlo. – Será suficiente o material que coletamos?

Venai estendeu a mão, pedindo um objeto que estava ao centro da mesa.

– Deixe-me ver mais uma vez.

Uma mão empurrou o frasco para frente, deixando-o ao alcance do professor de alquimia. Venai apanhou-o e colocou-o contra a luz, inspecionando detalhadamente. No frasco havia uma grande mecha de cabelos brancos e dois dedos de sangue.

– Bem – passou a declarar –, os Tomos dizem que é preciso ter o sangue do rei. Evidentemente, tudo é mais fácil quando se é o rei em pessoa, mas, no nosso caso, teremos pouco a perder. Não posso dar, porém, nenhuma garantia. Se formos dar prosseguimento, é preciso que se tenha em mente a quantidade de riscos envolvidos.

– Certamente – falou Ukh –, e vale ressaltar a questão do mensageiro. Existe somente uma linhagem aparentada de Merff, e só dispomos de uma carapaça. É mais um risco, mais um agravante. O candidato tem a obrigação de saber que pode morrer no processo, ou causar um mal ainda pior. Estamos levando tudo isso em conta?

O homem no centro da mesa pediu a palavra, mas Boa’Gaar decidiu falar antes.

– Esse homem – apontando para o centro da mesa – não é nenhum estúpido. Ele não teve contato com a história desde o princípio, mas, desde que o recrutamos, vem executando o trabalho de forma primorosa. Sem

cometer *quaisquer* erros, eu insisto. Se não fosse pela toxina artisticamente administrada, o rei não teria caído acamado, e não poderíamos sequer cogitar a hipótese de coletar seu material. Gherda teve azar em ser pego, mas acabaríamos encurralando-o até o fim da noite, isso já sabemos. Mas o ponto é o seguinte: o corte no pulso seria um mero arranhão, porém o veneno do candidato agiu como um poderoso hemorrágico. Essa tarefa é, agora, tão dele quanto nossa.

Ninguém ousou discordar. Boa'Gaar estendeu a mão, dando a palavra ao homem. Ele ajeitou a gola da camisa e começou:

– Sinto-me honrado por suas palavras, mestre Boa'Gaar. Sua sabedoria tem servido, não tenha dúvidas disso, como fonte de inspiração à minha pessoa. Logo eu, que vim a essa cidade sem maiores ambições, acabei por assassinar o rei. – Ele ergueu a mão. – Um rei louco, certamente, que nos faria rastejar no chão até nos lanhar os joelhos! Não, não... eu pergunto a mim mesmo toda noite: existe algo que possa fazer para tornar o mundo um lugar mais feliz? E digo aos senhores: não havia, até o momento. Pelo menos era o que eu pensava. – Fez uma pausa, respirando profundamente. – De minha parte, têm minha palavra. Estou pronto para aceitar o lugar de Sua Majestade Branca, na cerimônia ritualística. Assim como percorri os ladrilhos do castelo a serviço de príncipes, duques e convidados importantes, servirei agora à maior causa. Não pensem que não sei dos riscos! Ora, logo eu, que cresci no meio da balbúrdia... Não vejo candidato mais capacitado, meus senhores, tão profundamente disposto a sacrificar corpo e alma! Serei eu o humilde servo a pôr fim a essa guerra. A fortaleza precisa morrer!

Os quatro escolares assentiram, com profunda satisfação. Boa'Gaar finalizou:

– A capital fica imensamente grata, mestre Fleros. Com o que temos em mãos, acredito que possamos dar início. Já estamos no último dia.

42 – ENQUANTO OS PILARES PROCLAMAM

Lembro-me de ter dito, no início da história, que tudo começava numa certa madrugada, quando Brinaff foi surpreendido e preso nos Bosques Verdes. Confesso ter recorrido ao recurso da mentira – ou, como os mais exigentes preferem, à *licença poética* –, somente uma única vez no decorrer da narração. Falaremos sobre ela mais tarde, não agora. Se quero continuar fazendo jus à veracidade do relato, devo dizer que é aqui que ele termina. Nessa mesma manhã, quando se iniciava, a céu aberto, a declaração oficial da morte do rei.

Hillel tinha os olhos pesados do sono mal dormido na noite anterior. O sol iluminava e aquecia seu rosto, amenizando um pouco a sensação enevoada da cabeça. Ele estava no nível inferior do balcão ao lado de seus colegas oficiais. Vestia uma túnica magenta com bordados trançados em fios de ouro. Os braços, paralelos ao corpo, vestiam braceletes de couro batido com entalhes da mesma cor. Um botão metálico prendia uma capa verde-musgo em seu pescoço, que esvoaçava ao vento, por mais que ele tentasse contê-la junto ao corpo. As belas vestes não escondiam seu abatimento.

Na praça, lá embaixo, a expectativa da população era a pior possível. Ainda que os quatro magistrados, ou pilares, não houvessem concluído o pronunciamento, já se sabia qual era a notícia. Aguardavam apenas as palavras oficiais, pois o rei havia morrido.

O clérigo-mor, Aberlo, era quem tomava a palavra. Os outros três prostravam-se logo atrás dele.

—... E desde então Tulma vem sido tratada como uma pérola encontrada no deserto. Todas as novas tecnologias, descobertas e ensinamentos passam pela capital antes de beijar o mundo. Esse é o legado que pretendemos deixar. Esse sempre foi, acima de tudo, motivo de luta para o rei e seus oficiais.

Hillel virou o pescoço para trás e observou a parte superior do balcão. Além dos quatro escolares estavam ali também alguns oficiais reformados, o juiz supremo, músicos e membros do clero. Todos usavam vestes fúnebres. O secretário tomava notas da declaração oficial, e o mestre de cerimônias, que provavelmente organizara a ocasião, ficava atrás de todos, com os braços

cruzados atrás do corpo. O comandante achou meio peculiar, afinal, o mestre Fleros não costumava andar sem seus próprios subordinados. Além disso, muita gente havia participado da preparação do comunicado, mas somente ele estava ali.

Hillel voltou o olhar para frente e tentou concentrar-se na cerimônia. Devia parar de desviar a própria atenção com bobagens. Fleros era o braço esquerdo do rei. Não fosse Gherda o responsável pela morte de Silkai, ele também estaria ali.

—... e esse é o preço a se pagar pelo poder, senhoras e senhores. Sua Majestade, o rei Silkai, pagou um deveras alto. — Aberlo limpou a garganta e ergueu a mão para cima. — Agradeço a atenção dispensada por todos nessa introdução. Pediremos à orquestra, agora, que toque o Réquiem Branco da primeira à última barra. Ao final, teremos a palavra do reitor Uk'h, que dará prosseguimento com o comunicado.

O clérigo recuou do proscênio, com dois passos para trás, e enfileirou-se ao lado dos colegas magistrados. Hillel pôde ver ainda seu chapéu inclinando-se quando ele, com um gesto de cabeça, chamou Fleros até si. Trocaram um rápido sussurro e, em seguida, o mestre saiu pela porta.

Hillel ainda não podia acreditar que seu irmão fora capaz de fazer aquilo com as moças presas. Por Okkon, a princesa Leona... Como seria possível explicar a seu pai, o rei Felix, quando viesse a Tulma? Mais importante, por que ele ainda não viera, depois de um mês sem receber qualquer notícia da filha?

De repente, um sino tocou na mente de Hillel.

— Com licença, capitão Lehmo — disse Hillel, abrindo espaço entre os colegas. — Não me sinto muito bem. Vou lavar o rosto e já volto.

Hillel circulou o balcão sabendo que todos o encaravam, mas não se importou. Tinha algo em mente o perturbando muitíssimo. A princesa Leona *mantinha* comunicação com o pai, pois, de outra forma, ele já teria vindo procurar notícias. Mas ela não o escrevia pessoalmente, pois estava enclausurada no sótão da prisão.

Ele desceu um lance de escadas e saiu no assentamento militar do castelo. Fez uma curva, passou pela cozinha e desceu os degraus que davam na porta dos fundos. Recuou, decidido a levar suprimentos para as duas, e subiu o caminho de volta. Quando saiu para o pátio externo, tinha nas mãos uma cesta com pães, frutas, carne seca e um jarro de água. Providenciaria alguém

para tirá-las dali o mais cedo possível, assim que descobrisse em quem podia confiar, e depois lidaria com o caso da garota Vento Amarelo.

Se o rei Silkai fora o responsável pelo aprisionamento das moças, Gherda poderia contar tudo.

As portas para o calabouço já estavam entreabertas quando Hillel chegou. Ele desceu um meio lance de escadas, passou pela cadeira vazia do guarda e seguiu o corredor escuro. O caldeirão estava aceso, então ele resolveu apanhar uma tocha na parede e prosseguir com ela em mãos.

Virando à direita, Hillel deu de cara com a cela de Gherda. O conselheiro estava sentado no catre, cabisbaixo, no meio da penumbra. Hillel deixou o cesto de provisões no chão e bateu com a tocha nas grades, para chamar a atenção dele.

– Gherda – Hillel apontou para a portinhola de madeira, do outro lado do corredor –, eu sei o que há ali. Sei tudo sobre o que andaram fazendo com a princesa Leona.

Gherda levantou subitamente a cabeça. O blefe surtira efeito.

– Está me ouvindo? Sei tudo a respeito das moças e você – ele apontou o dedo – irá me contar tudo o que sabe. Vou levar comida e água, antes que morram, e se isso acontecer... torça pela força, seu miserável.

Gherda não disse nada. Recuou de volta para a parede e voltou à posição cabisbaixa. Estava visivelmente derrotado. Mas isso não o poupava do interrogatório.

Hillel deu as costas e foi em diagonal até a portinhola, com o cesto e a tocha nas mãos.

– Perdeu um espetáculo e tanto essa manhã, comandante – veio a voz fraca de Gherda do lado de dentro da cela.

– Do que está falando? – Hillel virou-se de volta para ele.

– Não achou o calabouço meio... vazio demais para o seu gosto?

Hillel não tinha prestado atenção, de fato, mas era verdade. Devia haver ao menos um ou dois guardas em vigília. Talvez bem mais, já que o assassino do rei havia sido capturado.

– Vá cuidar das moças, comandante – continuou Gherda. – Aparentemente essa é sua maior vocação. Elas simplesmente não conseguem ficar presas, não é verdade?

– Deixe de enigmas, Gherda, ou eu o torturo com as próprias mãos!

– Vou dar-lhe então as diretrizes, comandante. Primeiro, olhe para o fim do corredor, onde devia estar presa Mirta Vento Amarelo. Em seguida, vá cuidar da princesa Leona, pois deve estar morrendo de inanição. Por último, volte aqui, pois tenho muito o que contar. Não só sobre o rei, mas sobre como ele foi assassinado e sobre como armaram para mim.

Hillel largou a cesta no chão e afastou-se imediatamente, ouvindo as risadas de Gherda. Lançou-se em direção ao fim do corredor, usando os passos mais largos que podia. Não precisava ser um gênio para imaginar o que viria. De longe já era possível ver a porta da cela de Mirta entreaberta.

Ele parou ao chegar na porta, agarrou as grades e a escancarou. Havia três guardas caídos no piso do cárcere.

– Iac, eu preciso que você corra um pouco mais rápido, é possível? – Mirta pisava forte na água envelhecida e parada do aqueduto, fazendo voar algumas gotas em seu rosto. Tentando não pensar a respeito, ela olhava para trás a cada meio minuto, para checar se não estavam sendo seguidos. – Cerúleo, está me arranhando!

– Cró!

– Não estou brigando e já o agradei mil vezes!

– Minhas pernas estão queimando, senhorita Mirta – reclamou Iac, perdendo ainda mais o ritmo.

– Suas pernas deviam ser boas como seus braços – disse ela, de forma repreensiva. – Tente exercitar os membros de forma equivalente, se conseguirmos escapar daqui.

Havia uma bifurcação na frente deles. Dois túneis levando a direções opostas.

– Para onde vamos? – perguntou ele.

Mirta parou e estudou as opções. O túnel da direita era consideravelmente mais escuro que o da esquerda. Por mais que a escuridão fosse atraente em situações de fuga, pretendiam sair para o pátio externo e procurar pela entrada de fundos da fortaleza gêmea. Ela estava determinada a colocar as mãos nos tais livros apócrifos. Era a única chance de entender os planos do rei e talvez conseguir pará-los a tempo. Silkai podia estar adoentado, mas era louco o suficiente para recomençar todo o processo quando melhorasse, e ela não iria permitir. A sequência de insanidades precisava chegar ao fim. Só assim ela poderia limpar o próprio nome e voltar a frequentar a capital em

paz.

– Por aqui – ela já entrava na saída da esquerda.

No meio do túnel eles avistaram uma escada de metal pregada a um cilindro perfurado na estrutura de pedra. Devia dar em algum lugar na superfície, talvez no pátio do castelo. Mirta agarrou as barras finas de metal na horizontal e começou a subir. Sua cabeça esbarrou em uma tampa de madeira e anéis de ferro, como um alçapão redondo. Fazendo força com o punho, ela conseguiu abrir uma fresta para observar. Viu pela greta apenas um gramado baixo e nenhuma movimentação de pessoas. Ela terminou de abrir a tampa e saiu do buraco. Ajoelhou-se na beira do poço e sussurrou:

– Rápido, Iac! Estamos no pátio externo. Depressa, antes que nos vejam!

Iac terminou de subir, e correram todos para as paredes do castelo. Se a porta da cozinha abrisse naquele momento, seriam pegos e voltariam para a prisão.

– O que faremos? – sussurrou Iac.

– Uma excelente sugestão seria que você passasse a desenvolver ideias por conta própria – retrucou ela. – Me parece que, para qualquer assunto que não envolva causar danos a outra pessoa, você não tem absolutamente nenhum talento.

Ela olhou de um lado a outro. Teriam de contornar a base circular do palácio, chegar até o enorme vão que ligava os pátios ao átrio central, cruzá-lo sem serem notados e então repetir o processo até alcançar a fortaleza gêmea. Tomariam qualquer caminho, desde que estivesse menos movimentado.

De repente, Mirta sentiu algo gelado tocando suas canelas. Tomou tanto susto que quase chutou o cachorro. Era o mesmo que ela havia encontrado na porta da biblioteca, do lado de fora.

– Quase me mata do coração, seu saco de pulgas! – Ela abaixou-se e acariciou as orelhas do animal, já um pouco mais calma. – Está me seguindo, é? Vamos, volte para dentro, ou chamará atenção de alguém.

O cachorro sentou-se e começou a abanar o rabo. Mirta esticou o braço, sinalizando para que ele desse no pé.

– Vamos, vá brincar em outro lugar!

O cachorro tombou a cabeça, meio desapontado, e afastou-se, farejando o gramado do quintal. Mirta ainda sussurrou a Iac, enquanto começavam a circular as bases do prédio:

– Detesto ter de dizer isso, Iac, mas, se ele nos seguir, você terá de fazer alguma coisa.

Cerúleo estremeceu. Iac concordou, meio ressabiado, e seguiram em frente.

Esgueiraram-se pela parede em sentido ao átrio, sem qualquer incidente, mas quando chegaram lá viram dois soldados fazendo rondas de vigília. Eles cortavam o jardim de um lado ao outro e inspecionavam os corredores externos, onde estavam. Ao avistar o primeiro soldado, Mirta já lançou o corpo na parede, em uma concavidade dos muros. Iac imitou-a, mas, quando encostava as costas, deixava a barriga protuberante à mostra.

– Não... faça... – orientou Mirta, com voz quase inaudível – qualquer movimento brusco.

O soldado chegou no corredor, fazendo uma marcha transversal, e parou. Olhou para a direita, em seguida para esquerda, onde Mirta e Iac se escondiam. Ela prendeu a respiração. Torceu para que as trepadeiras nas paredes do castelo ajudassem a camuflá-los. Depois disso, o soldado voltou a olhar para frente, girou sobre os calcanhares, trocou a lança de ombro e voltou para o átrio.

Mirta soltou a respiração, e Iac fez o mesmo. Ele acotovelou-a discretamente.

– Vamos?

– Ainda não – respondeu ela, sem sair do lugar.

Cerca de meio minuto depois, aparecia outro soldado, fazendo o mesmo. Eles passaram por mais alguns segundos de tensão, mas ainda não foram vistos. Quando o segundo soldado deu as costas e saiu, Iac comentou:

– Está calculando o tempo entre as rondas, não é?... Genial! – Ele colocou os pés para frente, mas Mirta empurrou-o de volta para a parede. – Ei, pensei que era a hora!

– Fique quieto, Iac, que coisa!

Meio minuto depois, voltava o primeiro soldado e repetia o procedimento. Aí, sim, Mirta virou-se para Iac e explicou:

– Eu não estava apenas contando o tempo. Precisava saber quantos soldados havia fazendo vigília nesse ponto. Se houvesse um terceiro, poderia haver discrepâncias na contagem de tempo. Agora sabemos como se dará do outro lado, quando chegarmos. – Ela colocou a mão na barriga de Iac. – Quando o próximo sair, olhe para minhas mãos. Contarei até dez e sairemos,

em absoluto silêncio.

– Está certo.

Os pés de Mirta vacilaram, por cima da espessa cerca-viva que separava as duas fortalezas. Faltava pouco para pisarem no pátio gêmeo, e ela não pretendia cair no chão, chamando a atenção de todos.

– Eu te seguro, venha! – sussurrou Iac, já do lado oposto. Ele havia ido primeiro, por dois motivos simples. Ela não conseguiria puxá-lo para cima do cercado, e agora não precisava cair no chão duro, pois ele a ampararia.

Ela saltou nos braços de Iac e foi colocada no chão, com delicadeza. Espalmando as roupas, correu os olhos cuidadosamente pelo lugar. Estava estranhamente vazio.

– Parece que era verdade o que diziam, Iac – observou. – Ninguém costuma vir aqui.

Estavam no átrio, e o local parecia uma exata cópia do primeiro. Exceto, talvez, pela vegetação descuidada. As colunas de pedra estavam sujas e bolorentas, e trepadeiras cobriam a fonte central, repleta de água escurecida.

– Existe algo de estranho nesse lugar – gemeu Iac, levando a mão na têmpora. – Minha cabeça está doendo um pouco.

– Deve ser a tensão que acabamos de experimentar – disse Mirta. – Não sinto nada.

Eles procuraram o corredor lateral, onde havia sombra, e encostaram-se na parede. Mirta queria ouvir os sons do local, certificar-se de que estava realmente vazio, então seguiram na direção correspondente à da biblioteca original.

– Silkai deve manter os volumes na biblioteca. Ele é metódico demais para não aproveitar essa simetria.

Quando viraram à esquerda, em outro corredor mais amplo, Mirta estacou e jogou-se na parede. Havia dois soldados guardando uma porta larga.

– Façam silêncio! – sussurrou.

Foi então que Cerúleo, que estava quieto demais em seus ombros, começou a balançar a cabeça de um lado para o outro.

– Cróóóó...

– Cerúleo! – rosnou Mirta, entredentes. – O que está fazendo?

O pássaro estava com os olhos vidrados. O bico apontado para frente, as asas postas no lugar, mexendo-se espasmodicamente.

Ela pegou o pássaro nas mãos, mas ele estava mole feito um boneco de trapos.

– Cerúleo!

– Cróóóóó...

– Minha cabeça... – Iac fazia uma careta de dor. – O que há com esse lugar?

– Aguenta firme Iac! – Mirta enfiou Cerúleo no bolso, para abafar um pouco o barulho, mas ela percebeu que os dois guardas do fim do corredor aproximavam-se.

– Essa não... – gemeu Iac. – Eles vão nos pegar!

Mirta girou a cabeça de um lado para o outro, batendo os olhos em cada canto do átrio. Não vinham mais soldados, somente os dois.

– Iac, pode derrubá-los? Não estamos cercados, e eles vem a passos lentos. – Ela sacudiu os ombros de Iac. – Está em condições de nos defender?

Iac abaixou-se e apanhou um bloco de pedra que estava jogado no chão. Limpou a terra na própria calça, sopesou o objeto e colocou-se de costas na parede. Com a outra mão, puxou Mirta para junto de si.

– Deixe que venham.

Os passos foram ficando mais altos. Sempre lentos e descompassados, como os de bêbados. Quando o primeiro deles surgiu na esquina entre os dois corredores, Iac o atingiu com o bloco bem no meio da cabeça. O soldado cambaleou, soltou a lança e fitou Iac, com os olhos avoados.

– Parem aí... – gemeu ele, antes de desabar no chão. O elmo voou pelos ladrilhos, revelando os cabelos brancos do soldado.

O segundo posicionou a arma para perfurar Iac, mas fez isso de forma tão lenta que o grandalhão não teve qualquer trabalho em tomá-la de suas mãos. Desenhando um semicírculo perto do chão, Iac deu no soldado uma rasteira e depois usou o cabo da arma para acertá-lo na têmpora. Esse tinha também os cabelos esbranquiçados. Mirta estava impressionada.

– Ah! – Iac soltou a lança no chão, acudindo a cabeça com as duas mãos. Gemeu por alguns instantes e depois parou. Deixou os braços penderem para o lado do corpo e permaneceu em silêncio.

– Iac! – Mirta o sacudiu pelo braço. – Iac, está me ouvindo?

Ele virou a cabeça ligeiramente para baixo e lançou em Mirta um olhar morto.

– Oi... faz... o caldo... borbulhar.

Mirta tomou todo cuidado para não ser vista nova-mente. Agora não haveria mais Iac para protegê-la. Parecia, afinal, que não eram boatos os relatos sobre a fortaleza, mas como ela haveria de saber? Aparentemente ninguém saía do lugar, uma vez que fosse tomado. Mas por que ela própria não havia sofrido nada? O que havia de diferente entre ela, Iac e Cerúleo?

Ela entrou em uma sala tenebrosa, sem iluminação. Uma mesa velha e empoeirada compunha o centro do cômodo, e duas cadeiras que não recebiam ninguém há muito tempo estavam largadas de qualquer jeito. Mirta reconhecia o lugar e sabia que estava no local certo. Essa era a antessala da biblioteca, onde os visitantes aguardavam, fumavam cachimbo ou liam o jornal. Pessoas sem paciência para manter o silêncio exigido por Cen'zo, o bibliotecário.

Mirta foi até a mesa e folheou um caderno velho, que estava jogado. Quando virou a página, subiu um punhado de poeira, sujando seus óculos e fazendo-a sentir vontade de espirrar. Ela tapou o nariz para que isso não acontecesse. Depois disso, cautelosamente pisou pelos ladrilhos de madeira, cuidando para não fazer ranger as tábuas. Então ela parou, subitamente. A poeira presa nos óculos. Eram os óculos que a protegiam da fortaleza! Os itens mágicos de Zaráff deviam ser imunes a outros tipos de magia, imunizando-a.

Mas ela não sabia por quanto tempo, então teria de ser rápida.

A porta de madeira rangeu um lamento breve quando foi empurrada, e veio imediatamente um fecho de iluminação da biblioteca. Mirta continuou pé ante pé, desceu um lance curto de escadas e chegou à biblioteca. Exceto pelas prateleiras vazias e dispostas de forma diferente, era uma cópia exata da verdadeira.

O vasto salão estava quase vazio, exceto por alguns escribas, dobrados sobre suas mesas. Pareciam concentrados em fazer cópias a mão e tinham todos os cabelos brancos.

Esse lugar os envelhece...

No segundo andar de prateleiras, havia uma mesa com mais iluminação do que as outras. Havia candelabros e lamparinas salpicadas entre um suporte e outro. E o local era mais limpo, as estantes que corriam pela parede continham muito mais livros do que o restante, embaixo. Devia ser lá que Silkai guardava os volumes mais valiosos.

Pela parede arredondada do andar de cima corriam filetes de luz do sol, e alguns iluminavam, ao lado de uma estante, uma figura esquelética de cabelos curtos e esbranquiçados. Ela esticava os braços em pele e osso até uma sessão de livros e apanhava um volume escuro, de capa tosca. Mirta subiu as escadas do lado oposto, fazendo a curva até chegar ao lado iluminado, com cuidado. Escondeu-se atrás de uma estante e observou o trabalho de Salamandra. A mulher tinha uma aparência que causou arrepios em Mirta, logo à primeira vista. Uma enorme cicatriz cobria o lado esquerdo do rosto, e não havia olho. Os cabelos brancos, ralos e curtos, estavam quase extintos, e os lábios, apenas um filete de pele inexpressivo.

A mulher tinha um livro grande e antigo aberto sobre a mesa e copiava trechos, transcrevendo-os em uma folha de papel em branco. Mirta especulou se seriam os tais escritos apócrifos, mas era impossível ver. Resolveu subir em um dos níveis da estante de livros para enxergar melhor. Respirando o mais silenciosamente possível, ela apoiou o pé com calma e jogou o peso para cima. A prateleira foi abaixo no mesmo instante, causando um estrondo de madeira lascada e livros caindo ao chão.

Ela deitou no piso e permaneceu nas sombras, praguejando mentalmente. Tinha colocado tudo a perder. Todos os escribas viraram o rosto para conferir a fonte do barulho, mas não se levantaram. Demoraram-se algum tempo olhando e depois voltaram os olhos para o que faziam. Salamandra foi a única que se levantou da cadeira e começou a andar em direção ao barulho.

Mirta então arrastou-se para trás da estante, tentando fugir das vistas da mulher. Salamandra subiu dois degraus com as pernas bambas, os braços pendendo ao lado do corpo. Não parecia ser uma mulher com constituição para carregar qualquer peso. Então Mirta esperou até que ela chegasse bem no meio da estante, e empurrou o móvel. Ele desabou sobre o corpo decrepito de Salamandra, deixando-a presa no chão. A mulher ainda virou o rosto para Mirta, dizendo:

– Quem.. é... você?...

Mirta checkou se Salamandra estava bem presa e correu para a mesa onde ela trabalhava. Passou as mãos pelo pesado livro, levou-o até onde batia luz e começou a lê-lo. Não entendeu uma só palavra, mas conhecia os símbolos do idioma.

E um sorriso brotou subitamente em seus lábios.

O cachorro seguiu o rastro de Mirta e chegou na beira da cerca-viva. Ele farejou por um instante e começou a procurar por alguma abertura nas ramas, grande o suficiente para que ele passasse. Não encontrou nenhuma, o local era bem fechado.

Ladeando a vegetação espessa, ele seguiu para a esquerda, até o local onde as paredes da fortaleza gêmea encontravam-se com a cerca. Ele olhou para cima e avistou, cerca de oito ou dez metros acima, as aberturas das janelas da biblioteca. Então um som muito grave chamou sua atenção. Ouvidos humanos não o detectaria àquela distância, mas ele sim.

Correndo até os pés de uma torre abandonada, ele saltou um pequeno cercado de tábuas e subiu os degraus. Lá do alto, ele pôde ver nitidamente e estremeceu. Não queria ter de abandonar a forma, mas seria inevitável, se quisesse salvar a garota. Eles estavam vindo. Saltando os degraus de três em três, ele voltou para o pátio e colocou as patas dianteiras na parede da fortaleza.

As patas foram gradativamente abandonando a forma canina. As unhas tornaram-se garras escuras e afiadas; os pelos desapareceram, dando lugar a uma pele escamosa, revelando o corpo mutilado e cicatrizado de Brinaff.

43 – OITOCENTOS SÉCULOS

– Hillel, me conhece há tantos anos e ainda não sabe quando estou falando a verdade? – o tom de Gherda era tão ambíguo, que o comandante chegou a dar um soco na porta da cela.

– Isso não pode ser verdade, Gherda! – grunhiu. – Tem ideia do quão louco isso soa?

– O fato é que aconteceu, comandante. Eu coletava material para que usassem Fleros no lugar de Silkai, não minto. Nunca pretendi ferir gravemente o rei. Eu imaginei, como qualquer um, que a natureza fosse dar conta de sua morte – e daria, muito em breve –, mas eles precisavam de um bode expiatório, alguém em quem pôr a culpa. – Gherda levantou-se do catre e cruzou as mãos atrás das costas. – Você vê?... O rei Silkai começava a ficar, digamos, entusiasmado demais com a história toda desde que conseguimos uma cópia dos Tomos. E os quatro pilares sabiam disso. Desde o primeiro dia, mas preferiram atuar em comunhão com o rei, fingindo partilhar de sua euforia. Mas eles já o haviam descartado há um tempo. Iriam usá-lo enquanto fosse útil, mas Silkai já era carta fora do baralho.

Hillel mordeu o lábio, absorvendo cada palavra. O caso todo era escandaloso demais para seu gosto, e Gherda parecia perceber isso. Tinha até mesmo um certo prazer em ser o primeiro a contá-la ao comandante. Quase como se o achasse inocente por nunca ter desconfiado de que a história das Geleiras, a caça aos mensageiros fosse mais do que apenas uma coleta de relíquias para fins ornamentais. E talvez ele fosse... e isso o matava pouco a pouco. No fim, sua cegueira de irmão mais velho bastardo e mártir cobrava um alto preço.

– Espere aí... – indagou Hillel – está me dizendo que os quatro escolares vinham trabalhando em conluio com o rei desde sempre? Isso implica que sabiam da missão nas Geleiras? Sabiam da necessidade de se coletar mais carapaças?

– Mais do que isso, comandante. Foram eles quem incentivaram o rei a mandá-los para as montanhas. Você sabe... eles precisavam de material.

Malditos anciãos, foi o primeiro pensamento de Hillel. Mas o relato não

terminaria ali.

– E está dizendo que usariam Fleros no lugar dele? – Hillel coçou a cabeça vigorosamente. – Por que Fleros, e não você? Não que eu corrobore com essa insanidade, mas... não faria mais sentido?

– Para mim, faria todo o sentido do mundo – Gherda olhou para baixo, sorrindo. – Mas não sou um homem de confiança, como eles próprios alegam. Talvez por minha lealdade cega ao rei. Mas, ei...– ele abriu os braços – eu sou o que sou. Fleros, pelo que parece, seria alguém disposto a se entregar pela causa. Os quatro velhotes acharam que se Silkai se viraria contra eles, por medo de morrer ou talvez vaidade, eu também o faria. Mas não o astuto e aparentemente humilde Fleros. Precisavam de alguém para morrer na cerimônia, e ele seria perfeito. Veja, comandante, o cenário em minha cabeça era muito simples até ontem. Talvez até mesmo para uma criança. – Gherda apontou com o dedo do pé no chão, como se desenhasse. – O rei morreria. Fleros tomaria seu lugar no ritual. Tornar-se-ia a encarnação de Merff e selaria a profecia, calando a fortaleza, que é a versão personificada de Kfar’lel, seu perseguidor. Ambos se anulariam para sempre, e Tulma não mais seria assombrada por esse ser diabólico. Eu, como o braço direito de Silkai, seria nomeado regente e, devo acrescentar, merecidamente. Fim da história. Mas não foi assim o ocorrido. Eu fui estúpido em não considerar que alguém pagaria pela morte do rei, e foi quando armaram para mim.

Hillel começou a andar de um lado a outro no corredor.

– Algo não está certo... – disse ele – não me cheira bem. Por que a fortaleza seduzia o rei? Pelo que me disse, ela conversava com ele em suas visitas, talvez até mesmo convencendo-o de que se apressasse. Por que ela faria isso, se sabia que o ritual significaria seu fim? Por que ela trabalhava para que sua própria aniquilação não tardasse?

Gherda olhou para o alto e fez-se silêncio por alguns momentos. Por fim, ele falou, apenas:

– Não sei, comandante, algo me diz que a própria fortaleza pálida *deseja* descansar. Talvez os escolares saibam mais, pois acredito que sempre tiveram contato com o conteúdo dos tomos, mas mantinham segredo. Mas não posso provar, é apenas especulação de minha parte. – Ele riu mais uma vez e voltou a cruzar os braços para trás. – E depois da forca, creio que jamais saberei.

Hillel teria de descobrir o que mais havia por trás dessa história, se é que

era verdadeira. Havia pontas soltas, e isso não o agradava. Se a Fortaleza era capaz de seduzir o rei e se alimentar de pessoas, quem garantiria que os quatro escolares não haviam sido suas marionetes todo esse tempo? E se o tal ritual servisse para libertá-la para sempre, deixando-a livre para se alimentar a seu bel-prazer? Sentiu um calafrio subindo-lhe pelas costas, gelando o suor.

Ele tinha de falar com os quatro. Precisava impedir esse ritual.

– Sei o que está pensando, comandante – provocou Gherda, voltando a sentar-se no catre. – Eu me apressaria se fosse o senhor. Pretendem dar cabo da cerimônia antes do meio-dia de hoje.

Hillel arregalou os olhos. Andou até a porta e agarrou as barras de ferro.

– Onde realizarão a cerimônia? Diga-me!

– Ou o quê?... Irá me matar? Já estou morto, comandante. Contei-lhe tudo sem qualquer esperança de receber algo em troca. – Gherda fitou-o nos olhos e abriu um sorriso. – Precisava ver a sua cara.

– Seu demente! – Hillel começou a socar a porta, até as mãos começarem a ficar esfoladas. – Diga-me logo!

Gherda suspirou profundamente e falou, depois de um tempo:

– Não há nada mais triste que um homem crescido em desespero. Ouça-me com atenção, comandante: o ritual precisa ser realizado na fortaleza gêmea, no alto da torre. Mas não se arrisque a entrar por baixo, pois nunca mais sairia. Vá pelo torreão real principal, alcance o cume e abra a portinhola que fica no arco da balaustrada. Como sabe, ela dará acesso à ponte que liga os dois palácios. Lá o senhor poderá andar em segurança.

– Espero que seja verdade, Gherda. – Hillel soltou as grades e apressou-se em sair, mas ainda ouviu uma última frase do conselheiro.

– Cuide bem de Nil, comandante. Eu a confiei às suas mãos. Apesar de tudo o que fiz, não quis entregá-la a Silkai.

O comandante estacou. Tinha se esquecido de que era prima dele, e nem passara por sua cabeça associar o caso de Nil ao rei, mesmo depois do que havia descoberto nos porões. Hillel pensou no estado em que se encontrava a princesa Leona e a outra moça. Estremeceu ao pensar que o mesmo poderia ter acontecido a Nil.

– Gherda – Hillel virou-se para ele mais uma vez, sentindo-se impelido a fazê-lo. – Se eu conseguir tirar essa história a limpo, pode haver uma chance de que você não vá para a forca.

O comandante saiu apressado, pensando em como Nil ficaria horrorizada

se seu primo fosse enforcado por assassinar o rei. Por mais criminoso que Gherda fosse, a ideia também não o agradou.

Quando Hillel passava pelo vestíbulo do palácio, percebeu uma grande movimentação. Alguns oficiais vestindo luto reuniam-se no salão, conversando cabis-baixos, com canecas de sidra ou cerveja nas mãos. Um deles aproximou-se do comandante com o rosto expressivo:

– Comandante Hillel, o que houve durante a cerimônia? O senhor desapareceu, sem mais nem menos.

A última coisa que Hillel precisava era ter de dar desculpas e ser interpelado.

– Peço imensas desculpas, oficial Manns. Tive uma forte indisposição ainda quando começavam o réquiem. Sabe que esse momento nos abateu com muita dureza.

– A todos nós, comandante. Espero que esteja sen-tindo-se melhor.

Hillel assentiu, mas não estava mais prestando atenção. Olhava cada um dos rostos ali no salão, procurando pelos escolares, ou até mesmo Fleros. Em poucos minutos, o local começou a ficar lotado. Os maiores mercadores chegavam com toda a pompa, tornando-se assunto de ainda mais atenção que o funeral do rei. Tentando escapar de ser abordado novamente, Hillel começou a acotovelar um por um, desvencilhando-se da multidão.

Quando chegou na porta dos aposentos reais, sentiu um forte abatimento. Ainda não tivera tempo para lamentar a morte de Silkai, e não conseguia conformar-se com as histórias que ouvira a seu respeito. Não era possível que ele tivesse enlouquecido com o passar do tempo.

– Comandante! – alguém acenou, com o semblante pesaroso da ocasião.

Hillel acenou de volta e continuou se desviando das pessoas. E quanto à princesa Leona e a outra moça, Ulla? Que barbárie sem tamanho... elas estavam alimentadas, mas ainda em estado grave. Ele teria de providenciar que fossem tratadas ainda naquela manhã. Mas, antes disso, precisava subir a torre principal.

Ele conseguiu sair do vestíbulo sem ser pego em conversas longas e dirigiu-se pelo corredor, atravessando a área da capela, e também as salas do administrador de bens e secretários. Virou à direita, cruzando o vão dos dormitórios de empregados, e conseguiu sair pela porta que dava aos passadiços laterais, alcançando a torre.

Foi quando ele viu Fleros saindo de um dos quartos. Ele carregava um embrulho nas mãos, enrolado por uma toalha. Hillel encostou-se na parede, para não ser visto, e começou a segui-lo cautelosamente.

Fleros saiu pela lateral do castelo e subiu os passa-diços que levavam ao alto da torre. Hillel escondeu-se atrás da pequena murada curvilínea enquanto o mestre de cerimônias abria uma porta e entrava. Em seguida, ele fez o mesmo.

Hillel aproximou-se da maçaneta e colocou o ouvido na porta para checar o barulho do outro lado, mas não ouviu nada. Os escolares deviam estar com ele, já que não se encontravam no vestíbulo, ou talvez o esperassem na torre gêmea, do outro lado. Do alto, onde ele estava, era possível ver a estreita ponte de pedra conectando os dois prédios. Hillel ainda inclinou o corpo e olhou para baixo. Viu todo o tapete de pastagens que forrava o distrito da capital. Lá embaixo, nos arredores da cidade, os terrenos e plantações eram apenas quadrados, como ladrilhos de um amplo piso esverdeado.

Ele então experimentou a porta, e estava fechada.

– Droga! – praguejou. – Como se eu já não tivesse pressa o suficiente.

Ele colocou o ouvido na madeira mais uma vez, e não ouviu nada. O pátio devia estar realmente vazio do outro lado. Hillel tomou um impulso para trás e lançou-se na porta com uma ombrada. Ela sacolejou violentamente e ficaria permanentemente bamba, mas não abriu. O comandante dobrou-se de novo, checou se o barulho não havia chamado atenção do outro lado, mas a laje estava em completo silêncio. Então ele tentou novamente. Deu outro encontrão na madeira e ela cedeu. Hillel rolou pelo piso da laje, do outro lado.

Levantando-se rapidamente, o comandante atravessou o pátio vazio. A laje era um círculo estreito, quatro ou cinco vezes menor que a base da torre, e era cercada por uma murada discreta de mármore. No ponto de convergência entre os dois castelos, elevava-se, acima da murada, um arco, e abaixo dele estava a porta. Hillel foi até ela e a experimentou. Também aberta.

Quando o comandante pisou na ponte, sentiu uma certa vertigem. Era muito estreita e com um corrimão quase rasteiro. Preferiu flexionar os joelhos e andar agachado, pois não queria ser surpreendido, tomar um susto e despencar uma centena de metros abaixo.

Chegando do outro lado, Hillel começou a pisar com mais leveza.

Aproximou-se da porta e repetiu o processo de colocar o ouvido sobre a madeira. Era possível ouvir mais de uma ou duas vozes, confirmando que talvez os escolares estivessem ali. O comandante secou a mão na calça, que suava de ansiedade, e colocou-a na maçaneta.

Quando a porta se abriu, Hillel colocou a mão sobre os olhos, para bloquear o sol, que veio castigando. Ele abaixou-se e viu os cinco reunidos no pátio. Aberlo, Uk'h, Venai e Boa'Gaar estavam dispostos em roda, e Fleros posicionava-

-se no meio. Não perceberam sua presença.

Havia um símbolo pintado no piso, e era meio lumi-nescente, como o de Corff, mas de cor alaranjada. Talvez um trabalho rúnico dos escolares. A figura mostrava um círculo grande, com dois outros círculos menores, que se tocavam. Fleros pisava em um deles. Por dentro do outro anel menor, havia uma grande mecha de cabelos brancos aspergida em sangue. Tombado fora do círculo, havia um frasco de vidro aberto, largado no chão. Preso a um tripé metálico, havia uma carcaça de dragão. Era escura, com o couro acinzentado e escamas douradas.

Os quatro homens usavam tiaras brilhantes nas cabeças, e Fleros acabava de colocar a sua própria.

Mirta fechou o tomo com um ruído abafado, fazendo subir uma nuvem de pó. Em seguida, apanhou o livro em branco onde Salamandra fazia a tradução. Ela os posicionou debaixo do braço e começou a descer as escadas. Os escribas inanimados continuavam suas leituras, alheios aos movimentos da garota. De repente, ela ouviu uma voz, vinda de algum lugar:

— Mirta!

Ela olhou para os lados, assustada. Conhecia aquela voz, sem dúvida alguma. Mas devia ser algum truque da fortaleza.

— Na janela, depressa!

Ela virou de costas e olhou para cima, em direção às aberturas da parede, e viu a sombra de Brinaff do lado de fora.

Quando mencionei a conversa entre Mirta e o dragão nos Lagos Espelhados, citei que os dois nunca mais se encontrariam. Essa foi a única mentira que contei, meus amigos.

— Brinaff! — Ela levou a mão à boca, para abafar o grito e correu até lá. — É você mesmo?

– Sim, pequena... eu a segui esse tempo todo. Perdoe-me por não ter tentado uma aproximação, mas eu pensei que talvez você não... – ele fungou. – Eu poderia ter seguido até as Geleiras, pois me preocupei ao ver que despertaram Corff. No meu atual estado, pensei que você faria um trabalho muito melhor em obter respostas. Além do mais, Tulma é muito mais próxima. Bem, isso não importa mais, precisa sair daqui agora!

– Brinaff, ouça-me. – Ela ajeitou os óculos e adotou a velha excitação de quando descobria algo novo. – Entendi o porquê de te perseguirem! O rei Silkai havia mandado seus homens numa caçada aos dragões mensageiros. Ele acreditava que tais dragões tinham uma linhagem especial, ligada à deusa Yanenna. Por isso ele quis pegar o máximo possível deles, e mandou que a Ordem Branca fosse às montanhas de Corff para realizar a caçada. O motivo? O rei Silkai acredita ser a reencarnação do alegado deus Merff, que seria o primeiríssimo dos dragões, e tudo isso foi corroborado pelos Tomos Escuros, os quais seguro em minhas mãos nesse instante!

– Mirta, preste atenção em minhas palavras...

– Não terminei, Brinaff! A melhor parte você ainda não ouviu! A lenda diz que Merff e Kfar’lel, seu perseguidor, estariam destinados a se aniquilarem mutuamente. Entende, Brinaff? Kfar’lel descansou seu espírito em uma reserva de ortoclásio branco! A fortaleza foi construída na mesma pedra onde se escondeu o espírito dele! O rei, sendo a reencarnação de Merff, vai se sacrificar em troca da aniquilação da fortaleza! Era esse seu intento, desde o início! A profecia ainda diz que os períodos de pugna entre Kfar’lel e Merff seriam de oitocentos séculos, mas aí entra um problema. Segundo meus cálculos...

– Mirta, esqueça a profecia! O rei morreu!

Mirta quase deixou cair os livros.

– O rei? – gaguejou ela. – Mas, como?

– Parece que foi morto por um de seus homens de confiança. Vamos, Mirta, estamos em perigo. Corff está vindo com uma horda de caçadores. Em pouco tempo, a cidade se tornará um amontoado de entulho ensanguentado. Saia da fortaleza e procure algum lugar seguro. Eu vou tentar falar ao rei-dragão pessoalmente!

– Mirta começou a descer as escadas, mas lembrou-se.

– Não posso sair ainda! Iac foi tomado, e preciso tirá-

-lo daqui também! Cerúleo está com ele no átrio!

Brinaff raciocinou por um momento e começou a orientar:

– Os itens mágicos, tenho certeza que já percebeu, repelem o efeito da fortaleza, mas só por um tempo no mesmo usuário. Isso por si só já deveria deixá-la em estado de alerta, mas parece que essa sua curiosidade infinita vale mais que a própria vida! – O dragão bufou. – Preste atenção: terá de descer até o palácio real e conseguir algo com algum dos oficiais. Não sei como, mas, se quiser tirar seu amigo daqui, será necessário. Melhor ainda, poderá encaminhar-

-se até a universidade, ou colégio onde lecionam disciplinas místicas. Certamente encontrará alguém que possa ajudá-la. – Brinaff ainda acrescentou, com urgência: – Não cogite tirar os próprios óculos nem por um segundo sequer!

Mirta concordou, balançando a cabeça.

– Espere... – falou Brinaff, abandonando repentina-mente a urgência no tom de voz. – Essa é a tradutora do rei?

Ele referia-se a Salamandra, que ainda gemia e grunhia debaixo da estante.

– Sim, ela trabalhava nos tomos quando cheguei.

Houve um estranho momento de pausa.

– Mostre-me a mão dela, por favor – pediu o dragão, com cautela.

Mirta correu até a estante, puxou o braço magro de Salamandra e levou-o para a luz. Mirta reparou que ela tinha um anel na mão direita. Devia ser disso que ele falava.

– Esse anel é um item mágico? – perguntou ela, pronta para removê-lo. – Brinaff?

– Por Yanenna e as misericórdias... a cicatriz no olho... o anel.

– Brinaff? – grasnou Mirta. – Responda!

– Yosa... – murmurou ele.

– Fleros! – Hillel levantou-se da pequena murada, revelando-se.

Os cinco rostos viraram-se para o comandante em uma fração de segundo, mas nenhum deles se moveu.

– Ah, comandante – falou Boa’Gaar, colocando as mãos para frente. Os outros escolares o imitaram. – Gostaríamos de ter tido a oportunidade de executar todo o cerimonial sem testemunhas.

– Sabe como é... – ironizou Uk’h, mostrando o sorriso com um dente de prata na frente – não somos vaidosos.

Hillel adiantou-se, levantando os braços em um gesto amistoso.

– Isso é um erro, senhores. Não deveriam prosseguir com essa insanidade. Não sabemos se a fortaleza vem seduzindo-os com o intuito de ser libertada para sempre! Digam-me, por favor! O que acontecerá se der errado?

– Não pode dar errado, comandante – falou Fleros, sem muita energia. – Hoje é o último dia. Terá de ser feito.

– Correto – assegurou o professor Venai. Suas madeixas esvoaçando, em contraste com o resto da cabeça calva, formavam uma figura peculiar.

– Como o mestre Boa’Gaar nos ensinou – continuou Fleros, como se a oportunidade de explicar o processo fosse revigorante –, a profecia exibía uma série de cálculos difícilíssimo de se realizar. Devia tratar-se de datas importantes sobre os possíveis destinos de Kfar’lel e Merff. O resultado, por mais que se realizasse as equações, somava sempre oitocentos séculos. Impreterivelmente. Uma data que se expiraria em oitenta mil anos. – Quando se achava que Fleros havia acabado, ele já estava no meio de outro raciocínio. – O mestre Boa’Gaar sempre teve conhecimento do conteúdo dos Tomos – ele fez um gesto largo, como quem pede permissão para contar. – Se me é permitida a palavra, revelo a você, comandante, que ele chegou a conhecer inclusive *mais de uma cópia*. E quer saber? São muito fidedignas, cada vírgula. Em um único trecho, porém, em absolutamente *todas* elas, a informação vinha de forma dúbia e falha.

Hillel piscou várias vezes.

– Não... sei se compreendo.

– Vou tentar ser sumário, comandante – adiantou-se Boa’Gaar. Os colegas ficaram aparentemente satisfeitos pela troca de orador. – O mestre de cerimônias disse apenas o seguinte: os escolares têm, e há muito tempo, conhecimento pleno a respeito do conteúdo dos tomos. Exceto por um único trecho, provavelmente vindo de uma falha no original, o que contaminou toda a produção subsequente.

– E que falha seria essa? – perguntou Hillel, já conseguindo acompanhar melhor.

– O trecho – continuou o escolar – reza que os oito-centos séculos expirariam na *queda* do rei branco. E essa é a palavra capciosa. Ela foi grafada de forma que possa ser interpretada como *queda*, *mergulho*,

investida, dentre outras. Isso não necessariamente implica na morte do rei Silkai, mas faz perfeito sentido. Ele estava destinado a morrer no cerimonial, o que não irá ocorrer. Mas acabou sendo morto de outra forma.

– Mas é muita coincidência ele ter morrido ontem – falou Uk’h, sempre sorrindo, como se a notícia fosse alegre –, já que a data confere com o cálculo dos oitenta mil anos. Fomos obrigados a entender que era o cumprimento da profecia, por isso temos pressa. O resto você pode adivinhar... teríamos então, até o meio dia de hoje, antes que o prazo expirasse.

– Como pode ser coincidência se foram vocês quem o mataram? – explodiu Hillel. – Estão completamente senis, o que dizem não faz tanto sentido quanto pensam!

– Não necessariamente o matamos, comandante – disse Aberlo. – O veneno de Fleros podia tê-lo deixado acamado por semanas, assim como o ínfimo corte em seus pulsos feito por Gherda.

– Precisamente – arrematou Boa’Gaar. – Temos experiência o suficiente para entender que trata-se do destino regendo suas leis.

– Não! – rosnou Hillel. – Vocês sabiam que o rei morreria ontem! Já planejavam isso há um tempo, Gherda contou-me tudo!

As mãos de Boa’Gaar começaram a se acender, emitindo uma luz alaranjada. Ele falou, com os braços esticados para frente:

– Ainda que tenhamos desejado e articulado a morte do rei, comandante, não significa que não seja o destino da profecia em operação. Sentimos muito. Devo pedir nesse momento para que se afaste.

Hillel viu que a carapaça do mensageiro começava a vibrar em cima do tripé. O velho ia movê-la até o círculo do ritual.

– A carapaça! Ela pode não ser a verdadeira! Se der errado será muito pior!

– Os Tomos dizem a respeito das linhagens, é verdade – disse Aberlo, também esticando as mãos para frente – mas temos uma carapaça à nossa frente, nesse instante, e não fomos capazes de coletar outras. Devemos confiar no destino ou deixar que o prazo se expire, fazendo a fortaleza libertar-se para sempre? Temos pouco menos de duas horas, comandante. Não pode dar errado.

Hillel deu um passo para trás, pois sabia que não iriam mais ouvi-lo. Em um segundo, todos os quatro já estavam com as palmas das mãos abertas, apontando para frente. Então uma espécie de domo brilhante formou-se ao

redor dos cinco, cobrindo-os acima das cabeças, mas deixando Hillel do lado de fora.

O círculo no chão começou a brilhar com mais intensidade, bem como os outros dois menores. A carapaça flutuou, vibrando, até onde estava posicionado o cabelo ensanguentado, e desceu lentamente até o chão. Fleros levantou o pé direito e virou o pescoço para Hillel, com um sorriso no rosto:

– Percebeu como o símbolo forma um número *oito*? As fortalezas têm esse mesmo formato, vistas de cima. Quem me contou foi... – Ele pisou no outro círculo, de modo que cada pé ficasse em um deles.

E então Fleros, antes que concluísse a frase, começou a se iluminar muito depressa, reluzindo cor de fogo, e explodiu.

Com o impacto, Hillel foi lançado para longe e bateu de costas na amurada. Os quatro anciãos também caíram, mas foram amortecidos pelas paredes do domo laranja. O comandante colocou a mão no chão, a cabeça rodando e latejando. As omoplatas pareciam estar quebradas, o braço esquerdo não se moveu. Forçou-se a se colocar de pé e olhou para o local do ritual. Sentiu o coração falhando, e a boca ficando subitamente seca.

Era como se uma bolha de sangue e pedaços de carne flutuasse diante dele. As paredes internas do domo estavam completamente pintadas de vermelho. Hillel olhou para as próprias mãos, mas estavam limpas. Ele começou a cambalear em direção aos anciãos. O domo se evaporou, e os restos de Fleros caíram de uma vez, espalhando-se pelo piso.

– O ritual falhou... – gaguejou o comandante, horro-rizado – o ritual falhou! O que pode ter dado errado?

Mas os escolares estavam tão confusos quanto ele. Tentaram deliberar entre si, para encontrar uma explicação, mas nenhum deles tinha uma boa resposta.

– Por Yanenna... – Aberlo removeu a tiara da cabeça e a atirou no chão, com violência. Ele caiu de joelhos, desolado. – O que faremos, mestre Boa’Gaar?

– A melhor explicação... – Boa’Gaar recolhia sua bengala, completamente abatido e coberto de sangue – é a de que o mensageiro não era verdadeiro. A linhagem parece ser realmente um aspecto importante do ritual. – Ele gaguejou pela primeira vez: – Pre... precisamos manter a calma, acima de tudo, e assegurar que as mentes permaneçam aguçadas.

– Mas não temos tempo para coletar outras carapaças! – grasnou Hillel,

abrindo os braços para o ar. – Como quer que tenhamos calma?

O reitor Uk'h já não mais sorria. Com os olhos fechados e o queixo inclinado para o alto, começava a implorar por intercedência dos deuses, erguendo os braços.

– Apontem-nos um caminho, ó vós, os Quatro Gloriosos...

– Não... – Venai fez uma careta e torceu os cabelos, encharcados de sangue. Não tinha força em quaisquer de seus movimentos. – Não há como coletar mais mensageiros, comandante. Infelizmente, se um milagre não nos salvar, o espírito de Kfar'lel ficará livre... – Ele caminhou até a beira do muro, em uma pausa que mais pareceu uma eternidade – e sairá com o que os Tomos chamam de *fome infinda*.

– Precisamente – concluiu Aberlo, balançando a cabeça negativamente e apertando os olhos com o indicador e polegar. – E não parará até ter devorado o último dos seres vivos.

O marinheiro Smerlo tirava um cochilo no alto da gávea do navio. Deitava-se de costas, de modo desconfortável no cesto, com as mãos cruzadas atrás da cabeça e os pés para cima. Era o último dos navios brancos da capital, fazendo vigília no ponto mais distante da guarda marítima do reino.

Quando uma sombra cobriu toda a embarcação, ele despertou com os gritos dos colegas. Pensando tratar-se de uma tempestade, Smerlo agarrou imediatamente as bordas do cesto, colocando-se de pé e preparando a descida. Os colegas começaram a berrar lá embaixo, no convés, como se o barco estivesse afundando ou algo do tipo. Quando o marinheiro olhou para o alto, sentiu as pernas bambeando e quase despencou.

Um dragão maior que o barco passava por cima de sua cabeça. Era possível contar as escamas brancas em sua barriga. A cauda esguia exibiu sua ponta muito depois de o corpo ter passado e, logo em seguida, cerca de uma dúzia de dragões verdes, vermelhos e negros passou em voo rasante, seguindo-o. Eram muito menores, mas ainda assim, deviam ter cerca de dez ou quinze metros cada.

Smerlo não teve tempo para gritar por socorro ou o que quer que fosse. As flechas começaram a voar do convés em direção às criaturas. Nenhuma delas foi atingida, e continuaram voando. Mas, o maior deles, o gigantesco dragão branco, pareceu se incomodar e olhou para trás, com os olhos faiscando como

duas lamparinas azuis.

– Cuidado! – Gritou alguém lá embaixo! – Lá atrás!

Smerlo girou no mastro, agarrando-o com as duas mãos, e olhou na direção oposta. Muito atrás dos dragões menores, vinha um bando de pequenos dragões, quase difíceis demais de se detectar no céu. Qualquer um os tomaria por gaivotas.

Mas eles aceleraram de uma maneira assustadora e perfuraram o céu em direção ao casco do navio. Cerca de seis deles, com couro escuro e escamas brilhando em dourado. Não tinham mais que um ou dois metros cada.

Três segundos depois, os seis mergulhavam de uma vez, buscando o centro do navio. Os soldados e marujos agarraram-se às amuradas, gritando de horror. Uma verda-deira balbúrdia se instalou na embarcação. Smerlo, atônito, conseguia apenas olhar para os buracos feitos nas ripas do convés. Os dragões haviam afundado como ferro quente na manteiga, atravessando o ferro e a quilha, e sumindo no mar.

No momento em que os mensageiros se lançaram do mar para o céu novamente, o navio já começava a rebaixar, sucumbindo ao peso da água.

44 – SOBRE O ESCURO E O NÍVEO

– **O** que... – Mirta soltou a mão de Salamandra – você disse?

Ela olhou para figura judiada presa embaixo da estante. Tão magra e fraca, que parecia um milagre o fato de ainda respirar. As mãos de Mirta começaram a tremer; levemente, de início, mas em segundos já sacudiam.

O dragão, do lado de fora da parede, contemplou, por um momento, mãe e filha. Largadas no chão poeirento e escuro da biblioteca, com não mais do que um facho magro de luz a iluminar os cabelos loiros. Não era bem o cenário dos sonhos de Brinaff, mas, por Yanenna... Como ele também estava feliz e aliviado!

Um som muito distante, contudo, voltou a injetar em Brinaff uma onda de ansiedade. Além disso, as paredes da fortaleza começavam a tremer. Ele teve de cravar as garras com cuidado para não despencar do alto.

– Mirta, você está bem? – Brinaff bateu com a testa nas grades da janela.
– Mirta! Preciso de você!

– Minha mãe está viva...

– Mirta, estou igualmente surpreso, acredite em mim! Não sabe o quanto me alivia o espírito ver que Yosa sobreviveu todos esses anos. Mas eu preciso que você tire o anel dela, leve a seu amigo e o salve. Ele poderá ajudá-la logo em seguida. – Brinaff bateu de novo com as garras no metal. – Está me ouvindo? O local vai entrar em colapso, algo de muito sério está acontecendo! Além disso, Corff está chegando na cidade. Você está prestando o mínimo de atenção?

Mirta segurou delicadamente a mão da mãe, como se tivesse medo de quebrá-la. Cabisbaixa, fungou, esfregou o nariz e falou debilmente:

– A flecha não atingiu o cérebro... ela deve ter sido levada cativa pelos homens de Silkai e usada como escrava na biblioteca. Por ser magnificamente esperta, acabou sendo útil para o rei... – Mirta tirou um lençinho do bolso e assoou o nariz. Dobrou o tecido, voltou a guardá-lo e acariciou os cabelos ralos de Salamandra. – Pobrezinha, Brinaff... a fortaleza a devorou quase por completo.

Brinaff tentou falar alguma coisa, mas sentiu um nó na garganta, e a voz

também falhou. Os olhos começaram a arder e não demoraram a se marejar de lágrimas também. Não há palavras capazes de descrever o que o dragão sentiu nesse momento por Silkai e seus homens.

– E se foi o anel, Brinaff? – continuou Mirta, quase num sussurro.

– Como?

– E se foi o anel que a protegeu todo esse tempo? Posso removê-lo e terminar de matá-la.

Brinaff grunhiu alguma coisa, ficando confuso também.

– Mas... – E lembrando-se de tudo que o levava até ali, de todo seu envolvimento em tragédias envolvendo Yosa, Zaráff e a própria Mirta, ele não conseguiu sugerir. – Não posso dizer-lhe o que fazer, pequena. Eu... simplesmente não posso. Essa é uma decisão que cabe unicamente a você. Perdoe-me.

Mas Mirta não parecia estar prestando atenção. A fortaleza vibrava, e o pó guardado nos livros mais velhos há anos caía em sua cabeça, cobrindo os cabelos e tornando-os marrom-amarelados. Mas a garota não se importava. Ela deslizava para mais perto e deitava cuidadosamente a cabeça da mãe em seu colo.

Corff voava na frente, seguido por um anel formado pelos caçadores. Logo atrás, fazendo desenhos no ar, ziguezagueavam os seis mensageiros. Faltavam poucos quilômetros para que alcançassem o porto de Tulma e os portões a noroeste.

Passaram por mais dois barcos da guarda e dessa vez quem os afundou foram os caçadores. As carcaças incendiadas dos navios fizeram erguer no céu colunas escuras de fumaça, que chamaram a atenção dos exércitos tulumenses. Os gritos já começavam a descer de casa em casa, e muitos cidadãos já corriam para as ruas, procurando lugares mais seguros onde pudessem se esconder.

Lá embaixo, na beira do cais, os exércitos começaram a armar catapultas e bestas de repetição. Os capitães berravam ordens, e uma miríade de soldados começou a posicionar-se com arcos nas muradas de proteção.

– Para as torres! – vociferou o capitão Lehmo, vendo a sombra monstruosa de Corff deslizar por sobre as águas do porto. – Derrubem os menores primeiro!

Duas unidades, acatando as ordens, espremeram-se pelas escadas e

bifurcaram-se, cada uma indo em direção a um bloco de torres. Os soldados prepararam arcos longos e flechas escuras, com pontas de aço.

No pavilhão interno, os membros da infantaria começaram a arrastar para fora uma estrutura de madeira, como uma carroça. As rodas da frente eram enormes, tendo três vezes o tamanho das traseiras. Por cima do chassi, havia uma balista com uma flecha armada, de três metros de comprimento. Os homens conduziram-na para fora das muralhas e a posicionaram atrás de uma barricada erguida em pedras redondas. Começaram a girar as manivelas, e a balista respondeu, erguendo o focinho para o ar. A ponta da seta, grande como uma cabeça de cavalo, reluziu quando o sol bateu no metal. Instantes depois, outra delas posicionava-se do lado oposto, de frente a uma das torres de vigia.

Bolas de fogo passaram a despencar do céu, atingindo pequenas embarcações e fazendo-as voar pelos ares, com tripulação e tudo. Assim foram afundando e incendiando, um a um, até que o grupo de dragões chegasse na região portuária, alcançando a madeira comprida do píer.

– Flechas! – gritava outro capitão em terra. – Flechas do píer!

Começou a chover flechas de baixo para cima, e um dos dragões esverdeados cambaleou no ar, atingido. Mas não chegou a cair. Irritado, ele girou sobre o próprio eixo enquanto a própria boca enchia-se de fumaça escura. O movimento do voo criou uma assombrosa nuvem em espiral, que se dissipou quando ele passou disparando um jato verde da boca. O píer derreteu-se, abrindo-se em duas partes paralelas, derramando soldados na água. Das partes mais baixas da cidade, era possível ouvir os gritos de morte e desespero dos exércitos.

Em seguida, rugindo como um trovão, mergulhou o deus-dragão em direção às muralhas. Quando sua sombra cobriu toda a fachada, as duas grandes setas foram em sua direção, assobiando no ar. Uma delas resvalou em seus chifres – não era difícil acertar Corff, por seu tamanho. Mas, como Hillel e seus homens já haviam tomado conhecimento, era quase impossível machucá-lo –, e a outra bateu na couraça externa da pata traseira, partindo-se em vários pedaços.

Mas havia outras duas balistas posicionadas em cima das muralhas da cidade. Corff, irritado pela audácia de ser feito como alvo, abriu as quatro asas, cobrindo ainda mais terreno com sua sombra. Estufou o peito para frente e abriu a boca, formando uma esfera de gelo.

– Saíam das muralhas! – gritavam os infantes, do piso inferior, e também os guardas dos portões. – Ele vai disparar!

Enquanto isso, os mensageiros cortavam o céu como abelhas furiosas. Mergulhavam em direção ao solo destruindo carroças, incendiando as casas dos pescadores montadas à beira do mar e também pequenas embarcações. Os caçadores vermelhos fizeram uma coluna de chamas na praia, escorraçando duas unidades de arqueiros que já se preparavam para abatê-los. A cidade já era recebida com uma carnificina, e muitos morreram sem saber ao menos o que os atingia.

Essa era a fúria de Corff.

Ao mesmo tempo em que ele abria a enorme boca e disparava um jato gelado e direção às muralhas, as duas outras setas zuniram em sua direção. A primeira atingiu-o no peito aberto, mas espatifou-se nas escamas, que eram duras feito ferro batido. A segunda encontrou abrigo em uma dobra entre as escamas e a couraça, bem perto da pata traseira. Em um dragão daquela magnitude, uma seta não era mais que uma farpa cravada na carne. Mas o sangue de Corff pingou em boas quantidades, formando poças e afundando na areia. Deixando grandes círculos avermelhados na areia branca.

Foi o suficiente para que seus súditos alados ficassem à beira da loucura.

O ácido dos caçadores verdes começou a cair como cachoeira pelos pátios, formando crateras nas ruas, derretendo a pedra espessa das muralhas. Os soldados que sobreviviam, e também os que não haviam sido atingidos pelo gelo de Corff, tentaram escapar, mas foram cercados por redomas de fogo vindas dos vermelhos. Os mensageiros assobiavam no céu, capturavam pessoas e as levavam para o alto, apenas para soltá-las e ouvir seus gritos. Havia ferido seu rei. Duas vezes. Como era de se esperar, de forma assustadoramente rápida, começaram a morrer todos em Tulma.

De repente, sem mais nem menos, Corff mandou que todos cessassem o ataque, pois ele sentia algo estranho. Os dragões bateram as asas, juntaram-se a ele e formaram mais uma vez um círculo de proteção a seu redor, como uma escolta.

Corff olhou para o alto do monte onde erguia-se a capital. Mais precisamente para as torres, no topo de tudo. E uma presença sinistra o perturbou. Ele fez um sinal a seus dragões, esqueceu-se por um momento das pessoas e levantou voo na direção da fortaleza pálida.

Brinaff já descia com cuidado as paredes da fortaleza, ouvindo os sons de destruição vindos do porto. Precisava falar com Corff imediatamente, ou o rei iria rebaixar a capital a uma montanha de pó. Mas como convencê-lo? O rei dos dragões era uma criatura extremamente orgulhosa, muito além da razão, quando era contrariado. E essas pessoas haviam invadido sua casa, matado suas criaturas e o ferido, o que era uma verdadeira afronta.

O dragão suspirou, pendurado pelas garras do lado de fora. Como poderia fazer com que o rei se acalmasse?

Repentinamente, os ouvidos de Brinaff captaram algo. Corff aproximava-se, e de forma muito rápida. Vinha em direção à fortaleza. Mirta, Cerúleo e ele próprio morreriam soterrados, se ele não fizesse algo.

E o palácio começou a vibrar ainda mais forte. Uma das garras desprendeceu-se, e por pouco ele não escorregou. Recolocando-se em posição e fazendo força com as patas dianteiras, ele começou então a subir em direção ao topo.

Hillel olhava para o piso da laje com os olhos enevoados e distantes. As pequenas pedrinhas e partículas de poeira vibravam há alguns minutos, mas ele não se importava mais. Os quatro escolares não apresentavam qualquer solução plausível, então só restava aguardar a morte.

Virando a cabeça para o lado, ele olhou para a enorme poça formada pelo sangue de Fleros. Parecia um lago vermelho e abria anéis de onda, como quando se atira uma pedra na água. Dois dos escolares, nesse momento ele já não lembrava os nomes, faziam orações aos deuses. Boa'Gaar ainda estava no centro do pátio, apoiado em sua bengala, como se realmente aguardasse por um milagre. Hillel ia fazer algum comentário depreciativo ou repreensivo, mas ouviu um trovão grave e perturbador.

Todos olharam para o céu, esperando ver uma grande nuvem de chuva, mas viram que ainda estava azul e límpido, com poucas nuvens. Estranho, pensou ele. Aberlo olhou em direção à pequena murada e caminhou para o beiral da balaustrada. O velho pareceu enxergar algo de muito importante lá embaixo e caiu para trás, fazendo também sinais aos céus.

Hillel ficou interessado. Levantou-se, mas esqueceu que o braço esquerdo estava imóvel. Quando tentou apoiar nele o seu peso, de um grito de dor e trocou de lado. Encostou o joelho no chão e a mão direita, e ficou de pé. Cambaleando, o comandante chegou também na beirada do muro, bem como

os outros velhos, igualmente curiosos.

E no momento em que bateu os olhos na figura de Corff, sentiu como se o pesadelo estivesse só começando. Hillel tombou para trás, mas agarrou-se ao beiral com a mão direita. Com os olhos esbugalhados, virou-se para os quatro escolares e começou a grasnar:

– Corff está chegando! – Ele sacudia um dos velhos pelas roupas. – Ele vai nos estraçalhar, já vi o que pode fazer! Precisamos sair daqui nesse exato instante!

– Acalmem-se! – grunhiu Boa’Gaar, aparentemente o único deles que ainda mantinha certa calma. Ainda assim, sua testa exibia uma veia espessa em alto-relevo, fazendo parecer uma extensão do nariz fino e comprido. – Tentem clarear as mentes e entender o que os deuses querem nos dizer com isso.

Hillel achou que não fazia o menor sentido. Os deuses não os haviam protegido nas Geleiras e não o fariam agora. *E por que isso se daria?* Perguntou-se. Foram os homens da capital os responsáveis por trair o rei dos dragões.

Mas Corff vinha com um bando de dragões menores, escuros e dourados. Apesar da apreensão sufocante, uma fagulha de perspicácia ainda ardia na mente de Hillel.

Mensageiros...

Ele afastou-se da balaustrada e correu até o centro do pátio, agarrando as roupas de Boa’Gaar.

– Corff tem mais mensageiros! – Ele engasgou, falando muito rápido. – Mestre Boa’Gaar, pode ser que exista uma chance! Podemos tentar capturar um deles ou até mais!

Aberlo apanhou a tiara no chão. Ela estava meio torta, mas parecia inteira. Com um semblante mais interessado, ele deu dois passos à frente e perguntou:

– Mas como poderíamos capturar um de seus mensageiros antes que o dragão destrua o que está pelo seu caminho?

– Sim, Aberlo tem razão – observou Venai, emburrado. Ele ainda estava com os cabelos grudados de sangue. – Está desarmado, comandante, e sabe o quanto é difícil lidar com esses pequenos patifes.

– Professor Venai – falou Hillel –, acha que temos tempo para deliberar? Faremos o que for necessário, nem que precisemos morrer os cinco no

processo. – Ele apontou o indicador em direção a cada um dos escolares. – Os senhores podem executar outro daqueles domos de proteção e assim manterem-se vivos. Quanto a mim, tratem de elevar-me no ar, para servir de isca. Um deles há de tentar me pegar, e essa será a hora em que vocês o capturarão!

– É um ótimo plano, em face do desespero, comandante Hillel – falou o reitor Uk'h, ajeitando os cabelos tingidos. – Mas não temos certeza se será um dos pequenos o que vai se interessar pelo senhor.

– Temos de arriscar! – berrou Hillel. – Já estamos mortos! A fortaleza está tremendo como se um pequeno terremoto se iniciasse! O que mais temos a perder? – Ele respirou fundo e colocou as duas mãos nos ombros do reitor Uk'h. – Escute-me com atenção. A chance não é ruim. Sou pequeno demais para que Corff suje as próprias mãos.

A bengala bateu duas vezes no chão, com força.

– Vamos fazer – determinou Boa'Gaar.

Rapidamente, os quatro anciãos fecharam-se ao redor de Hillel e esticaram os braços para a frente, as palmas das mãos abertas. Os urros do dragão ficavam mais altos e assombrosos. Ele já devia ter alcançado a praça central, às bases do castelo.

Nesse exato instante, ninguém viu quando as garras de Brinaff agarravam-se à murada. A fortaleza deu um espasmo, um solavanco violento, derrubando Hillel e o ancião Boa'Gaar no chão.

– O que foi isso? – perguntou o comandante, recompondo-se, e estendendo o braço para ajudar o velho.

Os ladrilhos do piso começavam a se separar, com os tremores.

– Acredito que seja tarde demais, comandante Hillel – lamentou-se Aberlo, apoiando-se no chão com um dos joelhos e uma mão. – Parece que o tempo de aprisionar a fortaleza esgotou-se.

Mirta passava por um corredor largo que ligava a sala do secretário ao átrio. Ela virou à direita e apoiou-se na parede, quando a fortaleza balançou. O anel pulou de seus dedos e começou a rolar no chão. Quando conseguiu se firmar nos pés, ela apertou o livro escuro debaixo do braço e cambaleou até uma parte rachada no piso, abaixando-se. Apanhou de volta o anel e o girou entre os dedos, especulando se sua mãe sobreviveria. Mas ela não podia deixar Iac e Cerúleo morrerem. Precisava arriscar.

De repente uma lasca de pedra talhou no teto acima da cabeça dela com um estalo e despencou no chão. Mirta saltou de lado com o susto, mas não foi atingida. O livro caiu aberto, amassando algumas páginas, e ela o recolheu com delicadeza. Limpou a poeira da capa e seguiu adiante, atravessando a cortina de pó. O corredor abriu-se para a luminosidade do átrio.

O piso do jardim não sacudia, e Mirta gostou de voltar a botar os olhos na claridade outra vez. Checou a área por um breve momento e avistou Iac em pé, próximo à fonte. Ele marchava ao redor do piso circular com as pernas meio bambas e passos de bêbado. Cerúleo estava em seu ombro, com as garrinhas cravadas no blusão. Os olhos vidrados focados em sua frente, completamente em transe.

Ela fechou a mão em volta do anel, apertou o punho e foi em direção aos dois. Iac fazia o contorno olhando para frente, com os braços mortos, paralelos ao corpo. Balbuciava alguma coisa ininteligível, pela forma com que sua boca se movia. Determinada, Mirta respirou fundo, parou de frente ao grandalhão e apanhou sua mão enorme.

Iac não a atacou ou esboçou qualquer reação. Na verdade, ele permitiu que ela colocasse o livro no chão, posicionasse o anel e o encaixasse em seu dedo. Depois disso, ele parou de andar.

– Iac, está me ouvindo? – arriscou ela.

Ele ergueu o braço direito, esfregou a mão na têmpora e piscou incessantemente, olhando para os lados, como se não soubesse onde estava.

– O... que houve? – ele virou o rosto e fitou Mirta, cheio de confusão.

– Sou eu, Mirta. Você está no átrio da fortaleza pálida, lembra-se?

Ele sentiu o peso de Cerúleo no ombro e se assustou. Mirta agitou as mãos no ar.

– Deixe-o aí! Cerúleo está em transe, foi tomado pelo local. – Mirta levou a mão ao nariz para ajeitar os óculos. Até agora, estava dando tudo certo. – Iac, preciso que faça uma coisa por mim... encontramos minha mãe na biblioteca. Ela está viva, depois de anos dada como desaparecida. Preciso que vá até lá e remova uma estante que caiu por cima de seu corpo. Leve-a para fora imediatamente, por favor.

Iac colocou o indicador por sobre os lábios.

– Bem, pelos tremores da fortaleza, devo dizer que seu interior não deve estar nada convidativo. – Depois, sorriu para Mirta. – Mas ainda pior deve estar seu peito, cheio de angústia.

Peito cheio de angústia?

Iac a tocou nos ombros amigavelmente, com um sorriso sincero no rosto.

– Fique descansada, garota Mirta Vento Amarelo. No que tange a mim, farei o possível e impossível para que sua progenitora seja resgatada com integridade.

– Está... certo – concordou Mirta, assustada com o novo Iac. Ela tinha se esquecido do efeito no intelecto causado pelos itens de Zaraff. Foi quando ela finalmente percebeu um ruído diferente dos causados pelos tremores da fortaleza. – Ouviu isso?

Iac começou a olhar de um lado a outro, procurando resposta.

– Se ouvi, garota Mirta. Minha opinião é de que esses não foram causados pela torre.

Iac tinha toda razão. Mal eles fechavam as bocas, e o bando de caçadores de Corff passava voando por cima do átrio. Eles convergiam à direita, como se procurassem algo no átrio gêmeo, do outro lado.

– Dragões! – sussurrou ela, puxando-o pela mão. – Rápido, vamos nos esconder!

Eles correram para trás das largas colunas que divisa-vam o jardim, dentro dos corredores. Na penumbra, apenas observaram a movimentação das criaturas. Os dragões pararam de voar por cima do outro átrio, como imaginavam, e ficaram no ar, batendo as asas. Os gritos de guerra começaram imediatamente, e uma profusão de flechas passou a subir para o céu, zunindo, como uma enxurrada de agulhas. Os dragões deram urros e guinchos, irritados, e contra-atacaram. Bolas de fogo explodiram no pátio do outro lado, fazendo os ouvidos de Mirta ficarem entupidos com a pressão dos impactos.

– Por que estão atacando a capital? – indagou Iac, baixinho. – Isso não é nada comum!

– Cróóóóóó – fez Cerúleo, ainda em transe. Não podia estar mais alheio ao que se passava.

– Eu não consigo imaginar outro motivo que não seja a missão das Geleiras – disse Mirta. – O líder deles, Corff, deve os ter enviado.

Sons de vidro e pedra espatifada veio do outro lado, e mais guinchos e gritos de guerra. Os dragões esverdeados e negros cuspiam gosmas corrosivas, que quando atingiam os soldados faziam-nos soltar gritos gorgolejantes de dor. Mirta sentiu o braço ficando arrepiado.

– O que há com essa cidade? – gemeu ela. – Como se não bastasse a

fortaleza entrando em colapso, e a morte do rei... agora os dragões!

Então um urro estridente fez os céus sacudirem. Os dragões pararam de atacar e permaneceram no ar, equilibrando-se. Bem atrás deles chegaram os mensageiros, e Mirta prontamente os reconheceu. Eram idênticos a Brinaff, com a diferença das carapaças grossas e aparentemente muito duras.

– Mas o que... – balbuciou Iac

Os mensageiros subiam e desciam em velocidade, e vinha do outro lado cada vez menos gritos. Estavam abatendo os últimos soldados. Tudo isso aconteceu em segundos, antes de uma sombra escura e fria, como um eclipse, tomar todo o jardim.

Mirta deixou o queixo pender, e sua boca ficou aberta, sem dizer nada. Poucos metros acima dos pinheiros do átrio, passava um dragão branco de proporções gigantescas.

– Corff... – murmurou ela, em absoluto estado de espanto.

Iac também tinha os olhos esbugalhados e a boca aberta. Cerúleo continuou olhando para frente.

– Esse não é o chamado *rei dos dragões*?

– Sim... – disse ela. – Ele deve ter vindo dar cabo da cidade, por vingança. Não há como escapar, Iac...

Quando Corff terminava de passar pelo átrio, Mirta viu que na dobra de sua pata esquerda havia uma seta cravada. Escorria muito sangue do machucado, e esse devia ser um dos motivos da fúria do dragão.

– Ele está ferido... – falou Iac.

Mirta reparou que o sangue de Corff pingava aos litros sobre o pinheiro, e veio fazendo um rastro no piso do pátio. Mas as gotas batiam nos ladrilhos do lado de dentro e pegavam fogo quando tocavam o chão. Vinha uma labareda do solo e consumia o sangue, eliminando todo o vestígio.

Então um sino de alerta começou a tocar na mente da garota.

– O que significa isso? – perguntou Iac, também repa-rando o desaparecimento do sangue.

Mirta já não ouvia mais nada. Abriu o livro negro e começou a folheá-lo rapidamente. Parou em uma página, apontou com o indicador e começou a ler uma única frase. Leu e releu uma meia dúzia de vezes, até ter certeza. Por fim, agarrou a camisa de Iac e disse, com desespero na voz:

– Iac, entre no corredor à esquerda, siga para a biblioteca e salve minha mãe. Quando o fizer, desapareça de perto da fortaleza!

- Claro, farei isso imediatamente. Mas para onde você vai?
Ela o fitou com uma seriedade nunca exibida antes.
– Eu tive uma ideia.

Hillel nem chegou a cair de joelhos com a frase do escolar. Sacudindo com os tremores da fortaleza, ele só aguardava o momento em que Kfar’lel escaparia e os devoraria. Ou, quem sabe, o momento em que Corff apareceria e os destroçaria. O que acontecesse primeiro. Não havia mais o que fazer.

O comandante ouviu um gemido estranho vindo da balaustrada e se assustou, quando viu Brinaff terminando de escalar até o topo e pisar na laje. Em um primeiro momento, ele pensou que fosse um dos mensageiros de Corff chegando por baixo, mas logo notou a falta da carapaça.

Brinaff ergueu a cabeça, respirou arfante pelo esforço, e olhou em volta, aparentemente chocado pela quantidade de sangue no chão. Os olhos do dragão encontraram-se então com os de Hillel, e eles fitaram-se por um instante.

– Você... – rosnou Brinaff.

– O mensageiro... – gaguejou Aberlo – como ele chegou aqui?

Hillel engoliu em seco e colocou a mão na cintura, procurando a espada. Então havia um terceiro fim violento a se escolher naquele dia...

– Não se aproxime – tentou ameaçar Hillel, quando notou que seus dedos não encontravam espada alguma. De fato, ele vinha com as roupas do funeral e não se armara para a ocasião.

Brinaff fungou e circulou a borda da amurada.

– Não se preocupe, comandante. Não vim aqui atacá-lo – falou o dragão, com a frieza de um bloco de gelo na voz. – Se eu o quisesse morto, teria feito em uma de suas visitas ao hospital.

Então o dragão estava na cidade há um tempo, concluiu o comandante. Em seguida, ele sentiu um frio na barriga. Com a confusão, não pensara que o ataque de Corff à capital pudesse ter alcançado o hospital.

Nil...

– O que quer, então? – rosnou Hillel, com urgência.

Não houve mais conversa. Em um segundo, a sombra de Corff passou pelo alto da torre, bloqueando a luz do sol. O dragão branco levantou voo até muito acima do topo e lá ele abriu as asas. Seus súditos voaram logo atrás, formando um anel a seu redor.

– Majestade!... – Brinaff deu meia-volta e correu pela beira da balaustrada até chegar de frente a Corff. Colocou as patas dianteiras no beiral e gritou algo em seu idioma ao dragão.

Hillel esperava que Corff os atingisse com uma de suas rajadas geladas, mas, ao invés disso, o enorme dragão desceu lentamente e sozinho, até ficar cara a cara com Brinaff na murada.

– Eles estão conversando... – murmurou.

Aberlo aproximou-se de Hillel com muita cautela para não distrair os dragões. Uk'h permaneceu na outra extremidade, e Boa'Gaar estava cansado demais, apoiado em seu cajado no centro do pátio. Venai o amparava.

– Fascinante... – falou o velho.

– Sabe o que estão dizendo? – indagou Hillel a Aberlo.

– Não sei muito sobre o idioma deles, mas parece-me que o mensageiro sem asas está explicando a Corff que Silkai morreu.

– Mostrando a Corff que o verdadeiro culpado pela perturbação nas Geleiras já foi punido – completou o comandante. – Inteligente da parte do mensageiro.

Hillel tentou diminuir até mesmo o ritmo da própria respiração. Era um momento de extrema delicadeza. Mas em um determinado instante, Corff fungou, como se farejasse algo, e grunhiu, agitando a cabeça nervosamente.

– O que eles disseram? – perguntou Hillel, alarmado.

– Não sei... nada de mais, pelo que parece.

– Não... Corff está ficando agitado.

Então os olhos do rei começaram a faiscar um azul brilhante, e viraram-se diretamente para Hillel. Corff bateu as asas e abriu o peito, e Brinaff agitou-se na balaustrada, quase desequilibrando e caindo. Aberlo agarrou a capa verde de Hillel, em desespero:

– Ele o reconheceu, comandante! Brinaff está pe-dindo para que ele reconsidere!

Hillel deu um passo para trás, e o dragão continuou fitando-o cada vez mais furioso. Suas narinas começaram a fumer uma névoa gelada.

– Ó Corff, o rei dos dragões! – o reitor Uk'h exibiu um sorriso e caminhou em direção à amurada, com os braços abertos. – Tudo o que queremos é que...

Não houve tempo para completar a frase. A cauda de Corff cantou no ar, como um chicote colossais, e afundou o reitor no piso, levando junto uma

lasca da laje redonda.

Hillel caiu para trás, assustado com a violência do ato. Brinaff começou a falar ainda mais alto, mas Corff não parecia mais dar ouvidos. Os escolares se entreolharam, completamente perdidos.

Começava a ficar difícil permanecer de pé. Era impressionante o fato de Brinaff ainda não ter despencado da beirada, dada a forma com que a fortaleza tremia. A cada segundo, depois da chegada de Corff, ficava mais intenso.

– Comandante – grasnou Aberlo, caído ao chão –, o mensageiro está implorando para que Corff não o ataque, mas o rei decretou que se ele não sair da frente, irá matá-lo também! Chamou o dragão de traidor!

Mas Brinaff permaneceu na amurada, desafiando o seu rei.

Corff emitiu então um urro estridente, que estalou no céu feito um trovão. Ele subiu em velocidade, num prelúdio assustador. Em seguida desenhou no alto um arco e parou, exibindo as quatro asas abertas no limite. Os olhos brilharam como duas lamparinas azuis, bem como as runas em seu corpo. Segundos depois, já mergulhava para baixo, num voo em linha reta, mirando a outra fortaleza. O estalo foi estrondoso. Metade do palácio do rei voou pelos ares, derrubando detritos pelas ruas da cidade. Uma nuvem de fumaça espessa subiu no ar, obrigando todos a protegerem os olhos. A ponte que ligava as duas torres partiu-se em duas e deixou uma ponta protuberante, um apêndice suspenso no ar.

Hillel soltou a respiração e, por um momento, não sentiu mais a força em suas coxas.

Com muita calma, Corff voou para o outro lado, deu a volta na fortaleza gêmea e parou de novo frente a Brinaff. Dessa vez, não haveria mais diálogo.

Mirta chegou no telhado no momento em que Corff atravessava a torre do rei. Ela quase caiu da escada com o impacto, e o livro escapou de suas mãos, voando pelo corredor escuro e caindo em algum lugar lá embaixo. Não havia tempo para recuperá-lo. O ritual devia estar acontecendo no exato momento em que Corff chegava.

Ela pisou na claridade do topo, e seus olhos arderam com a luz do sol. Tapando as vistas com uma das mãos, ela tentou entender rapidamente o que se passava. Viu um símbolo desenhado no centro do pátio e uma mancha enorme de sangue, sugerindo que algo havia dado muito errado – como ela

esperava que teria de ser. – Avistou três dos quatro escolares e deu pela falta de Uk'h, o reitor. Percebendo a lasca no chão, que levava toda uma fatia do piso, junto de parte da balaustrada, ela supôs que ele devia ter sido morto pelo rei dos dragões. Pobre reitor Uk'h... ela até gostava dele.

Agarrando-se ao beiral para não cair, Mirta continuou examinando o local. Viu o comandante Hillel caído de costas, tentando manter-se firme, e Brinaff no beiral, tentando conver-sar com Corff.

Mas não haveria conversa com ele. Precisava chegar até seu amigo mensageiro.

Contornando o piso circular, enquanto agarrava com força o corrimão, Mirta parou a poucos metros de Brinaff e o chamou. Corff já aparecia de novo com os olhos faiscando, indicando que seu próximo golpe seria o último.

– Brinaff! – ela sussurrou. – Venha até aqui.

Brinaff andou de lado, sem tirar os olhos de Corff.

– Não mandei você sair daqui? O rei irá nos matar a todos!

– Pode ser que não – ela adotou um tom muito sério. – Brinaff, eu tive uma ideia e acho que pode resolver, desde que eu esteja certa.

– Não imagino o contrário. Diga-me do que se trata.

Ela respirou profundamente.

– Existe uma chance de que dê errado, ou até mesmo de que você se machuque. Mas eu estou convencida de que pode funcionar. Ouça-me, Brinaff, isso não será fácil de aceitar, mas preciso que você pise no símbolo desenhado no pátio.

Corff Afastou-se da balaustrada e bateu as asas, impulsionando-se para trás. Parou quando ficou na mesma distância em que atingira o reitor Uk'h.

– No... símbolo? Não entendo.

– Pise no símbolo e deixe que Corff o atinja. É o único jeito...

Brinaff riu para ela e perguntou, com a voz meio em-bargada.

– Existe... uma chance de que eu me machuque?

Mirta suspirou e balançou a cabeça, positivamente. Brinaff piscou os olhos lentamente, afastou-se e passou a andar em direção ao desenho. Quando pisou no centro, olhou para Mirta mais uma vez, como se a agradecesse. Não disse uma palavra, mas Mirta soube que era um agradecimento... algo como um sorriso contido.

Muito tempo depois, Mirta ainda desejava ter-lhe dito algo mais, nesse

momento.

A cauda de Corff trovejou, chiando no ar, e todos se lançaram ao chão, num instinto, procurando se defender. Exceto por Boa'Gaar, que permaneceu de pé, apoiado por sua bengala, o tempo todo de costas para o evento. Mirta fechou os olhos.

E o estalo emudeceu no centro do pátio. Quando a cauda se aproximou dos símbolos, começou a desacelerar muito rápido, até pararem. Chamas alaranjadas subiram para o alto e envolveram o couro branco de Corff, como se o amarrassem pelo rabo. Mas um pequeno domo circular se formou na intercessão entre o dragão e o símbolo, abrindo uma pequena esfera que estourou quando tocou a pele de Brinaff. Tudo levou apenas um segundo.

A voz de Mirta ficou presa na garganta, e ela não conseguiu gritar. Impotente, viu o corpo de Brinaff ser lançado para fora da fortaleza, com a pressão da explosão. Ele atravessou a murada, deixando rastros de luz alaranjada para trás, e despencou na cidade, cem metros abaixo.

Mirta sentiu a mão forte de Hillel segurando-a pelo braço, pois ela, sem perceber, já começava a correr na direção onde Brinaff fora lançado. Não era para ter ocorrido assim. Brinaff não devia ter sido atingido, mas ela não havia visto o primeiro ritual... não sabia do efeito do domo e seu impacto.

Sem mais vontade, Mirta deixou as pernas amolecerem e caiu de joelhos, observando com os olhos marejados a forma como tudo se sucedeu a seguir.

Primeiro, Corff se debateu e tentou subir para o céu, mas de dentro da fortaleza começaram a sair braços enegrecidos, como vultos ou sombras gigantescas, que envolveram o dragão. Os dois contorceram-se em peleja, subindo pouco a pouco, mas quanto mais Corff tentava se desvencilhar, mais os tentáculos escuros o envolviam. Os dragões caçadores prontificaram-se a ajudar, bem como os mensageiros, mas eram rechaçados de volta ao céu, levando chibatadas dos braços negros.

Os dois continuaram e subiram ainda mais alto. A sombra escura já estava totalmente fora da fortaleza, e era possível ver sua forma retorcida. A essa altura, a estrutura da torre já havia parado de tremer.

Mirta havia descoberto, na última hora, que o *rei branco*, ao qual os tomos referiam-se, nunca fora o rei Silkai, e sim Corff. Durante todo o tempo.

Os relatos dos tomos diziam que Merff, o primeiro dos dragões, havia escolhido uma linhagem humana para se esconder. Ora, os homens são vaidosos e frequentemente se colocam em uma posição no centro do

universo. São facilmente enganados por filosofias que os põem em vantagem. Claro, os homens foram os escolhidos para abrigar o espírito do primeiro dos dragões, por que não?

Mas Mirta jamais cairia em um engodo assim. Se alguém conhecia o lado frágil e mesquinho dos seres humanos, era ela.

Boa'Gaar, o ancião cego, foi o primeiro a falar. Mas ninguém prestou atenção. Estavam encantados pela imagem que subia ao céu. A pugna derradeira entre Kfar'lel e Merff, selando para sempre a profecia do deus Bumara.

– A *investida* do rei branco... não a *queda*. – Essas foram as palavras dele, jogadas ao vento.

Corff e a sombra, já quase longe demais para serem vistos, começaram a se acender e brilhar, emitindo uma fascinante mistura de luzes. O corpo de Corff faiscou nas cores da pedra apatita e também ouro. As cores originais de Merff.

Sim, os mensageiros eram seus descendentes e filhos. E o ritual precisava de uma carapaça, obviamente, pois o rei, diferente de Merff, não tinha uma.

Não havia um só sobrevivente do ataque em Tulma que não estivesse com os olhos fixos no céu, a despeito da destruição na parte baixa da cidade. Corff e a sombra seguiram em ascensão durante longos momentos, até o instante em que sumiram de vista. Sempre brilhando, faiscando, lutando e urrando nos céus. Até determinada hora, onde tudo parou e os dois explodiram em um fecho de luz, deixando no ar somente nuvens tênues de poeira e partículas.

EPÍLOGO

Quase um ano depois...

Era uma manhã de outono, e as ruas ornavam-se da folhagem trazida pelo vento. A multidão na praça central de Tulma estava em quase absoluto silêncio. Exceto pelas vozes ocasionais dos vendedores em suas barracas, e os ruídos metálicos dos soldados nas ruas, só se ouvia as vozes do clérigo-mor Aberlo. Ele gesticulava com paixão do balcão da fortaleza, no prédio que não fora destruído. A torre gêmea, ao lado, estava bem adiantada no processo de reforma, e outras pontes ligando os dois palácios estavam sendo construídas.

Ao lado de Aberlo estava também de pé o professor Venai e, atrás deles, sentado em uma cadeira de espaldar alto, jazia o ancião Boa'Gaar. Ele parecia alguns anos mais velho, se é que era possível, e já não conseguia mais manter-se sobre as pernas.

Na parte mais elevada do balcão, o palco fora preparado com esmero. O piso fora forrado com um belíssimo carpete estofado, e vasos de ouro erguiam-se do chão com ramos de bétulas, lírios e copos-de leite. De cima caíam, dependuradas, parábolas montadas por coroas de trepadeiras, begônias e orquídeas.

Bem assentados por cima do carpete, no centro do palco, os dois tronos dourados atraíam os olhares. Eram estofados nos espaldares e encostos por camurças violetas, contrastando com o brilho do metal precioso dos entalhes. Em pé, diante de um deles, estava Hillel, e a seu lado uma bela moça, magra, de pele rosada e cabelos castanhos que resvalavam na altura dos ombros, ou quase isso. Vestiam túnicas leves de tons claros. Os cabelos de Hillel, já totalmente brancos, esvoaçavam pela testa, e Nil riu ao olhar para ele, acudindo as próprias mechas com uma das mãos.

Mirta, no centro da multidão, ajeitou os óculos e cruzou os braços. Olhou para Cerúleo com a expressão aborrecida, pois ela achava que o velho demorava-se demais em seu discurso. Até que finalmente Aberlo disse as palavras que a interessavam.

— ...e Tulma tem a honra de aceitar como seu novo regente real, um de

seus mais renomados defensores. Homem, soldado e líder de notória reputação, que nos defendeu até o fim, arriscando a própria vida. – Ele estendeu o braço e fez uma pequena reverência – Sua Majestade, o comandante Hillel!

A multidão explodiu em aplausos, jogando pétalas e folhas para o alto, também arroz e trigo. Mirta olhou para Cerúleo:

– Ela ficava mais bonita de cabelos curtos.

– Cró!

– De jeito nenhum! Era autêntico... não se veem mulheres como essa por aí – resmungou. – Espero que ela ao menos mantenha o corte.

– Cró!

– Enfim... ela é a senhora de Tulma agora. Se alguém discordar, é só mandar decapitar. – Ela selou o bico do pássaro com o indicador e o polegar. – Foi uma piada. Não comece.

Mirta já ia virando as costas para sair, mas parou, quando viu uma moça de cabelos escuros subindo os degraus até onde estava o comandante. A mulher virou-se para trás com as mãos abertas, e o velho inventor, o Dr. Polemides, entregou-a um vistoso buquê de gérberras rosas, brancas, amarelas e alaranjadas. Os cabelos escuros da moça esvoaçaram, bem como sua túnica, revelando as pernas compridas. Havia cicatrizes de queimaduras nas coxas e também o nariz era um pouco entortado, como se houvesse sido quebrado há um tempo. Ainda assim, Mirta teve certeza, era uma das moças mais belas que já tinha visto.

– Ulla era o nome, correto?

– Cró!

Ulla foi até o comandante, cabisbaixa, e entregou-lhe o buquê, ajoelhando-se em seguida, em reverência. Depois levantou-se, beijou as mãos de Nil e saiu, emocionada. Mirta mordeu uma mecha de cabelos e comentou novamente com o pássaro:

– Foi um verdadeiro milagre o rei Felix ter compreendido o caso da princesa Leona e não ter mandado seus homens para acabar com o serviço. Pelo menos sua filha está bem, no fim das contas.

– Cró! Cró!

– Tem razão, Cerúleo. – Ela suspirou. – Todos nós... não sei apontar quem teve mais sorte nessa história toda. – Ajeitou os óculos e empertigou-se sobre os saltos do sapato. – Vamos, estou com fome.

Mirta desceu até a praça, onde as barracas estavam montadas. Ali estavam os que já haviam se cansado das formalidades do discurso, os que procuravam ao menos um lugar para sentar e comer alguma coisa. Em um dos cantos da praça, um soldado enorme apartava uma briga, e não se espantou ao ver que era Iac. Agora que tinha uma armadura, provavelmente nunca mais pararia de bater nos outros.

Quando sentiu dois fios de cheiro adocicado entrando nas narinas, ela deixou a boca aberta, no ar:

– Isso é o que estou pensando?

– Cró! – Cerúleo bateu as asas.

– Que esperta – falou Mirta, embrulhando-se no meio de um amontoado de gente e saindo em uma das ruas que circulavam a praça. – Ela deixou para começar o negócio no dia de maior movimentação. Eu lhe disse, Cerúleo, ela é o tipo de aluno que se vale a pena cultivar!

Eles atravessaram a rua e passaram por uma tenda de doces – mas Mirta nem sequer olhou para o conteúdo do mostruário –, uma de sanduíches, e pararam na terceira. Havia uma dúzia de pessoas na fila, esperando para comprar. Não havia a menor possibilidade de que fossem esperar sua vez, então ela furou a fila, contornou o primeiro cliente e passou para o lado de dentro da barraca.

– Ei! – reclamou alguém, mas Mirta não deu atenção.

Uma moça de vestido florido e lenço nos cabelos parou de frente a Mirta e colocou as mãos na cintura:

– Não sabe esperar sua vez? – Illyna tentou mostrar-se brava, mas não conseguia.

– Sei, e o faço com maestria – assegurou Mirta. – Mas, como proponente a reitora da universidade, tenho horários escandalosos a cumprir. Imagine o falatório, caso eu me atrasasse. Eu diria, então, que esse é um caso extraoficial, e deve ser tratado assim. A propósito, como vai Cal? Adaptando-se bem à movimentação da cidade grande?

– Não me enrole, Mirta – riu Illyna, balançando a cabeça. – Cal está na reforma do armazém. Está satisfeito com o tratamento e o salário. Agora vamos, diga logo quantas vai querer, antes que os clientes virem minha barraca.

– Embrulhe cinco ou seis, que levarei para a viagem. – Mirta olhou para os rostos desaprovadores na fila e voltou-se para Illyna. – Depressa.

Ela piscou para Cerúleo enquanto viam Illyna cortar as fatias de broa de milho. Quando recebeu o pacote, retirou do bolso algumas moedas e tentou entregá-las para a moça.

– Aqui você não paga – refutou Illyna, fechando as mãos em volta da de Mirta. – Nós é que nunca poderemos pagar-lhe de volta.

Mirta sorriu, guardou as moedas no bolso – sabendo que um dia as enfiaria em segredo debaixo da porta dela – e deu as costas. Antes de sair, ainda provocou:

– Vamos torcer para Que Cal não coloque fogo nesse também! Te vejo na aula às sete em ponto depois de amanhã!

Mirta encostou a carruagem na porta de uma casa de fachada simples. Era levantada em blocos de pedra, com uma única porta na frente, uma caixa de correspondência e uma chaminé. Mas ela havia escolhido o terreno por ter um vasto quintal, dando para a parte mais baixa da capital. Seria ideal para construir de volta sua oficina e observatório.

Ela desceu do veículo, e Cerúleo já correu para a porta, pousando no degrau de entrada. Mirta aproximou-se da porta, e já levava a mão na maçaneta quando ela abriu-se antes. Do lado de dentro havia uma mulher com a mão na ombreira. Magra, os cabelos muito curtos já começavam a preencher o couro cabeludo. A pele muito menos enrugada, já mostrava sinais de rejuvenescimento, e a cicatriz no olho parecia recuar, ficando menos assustadora.

Antes que Mirta percebesse, já agarrava-se à cintura da mulher com um abraço. A mãe respondeu, abrindo um sorriso e afagando a cabeleira loira da garota. O anel de Zaraff brilhava em seu dedo médio. Cerúleo ficou em dúvidas, decidindo, dentre as duas, em qual ombro pularia.

– Como se sente hoje? – perguntou Mirta.

– Cada dia melhor. Venha, fiz uma das receitas de sua avó. – As duas viraram-se para entrar, mas Yosa freou, lembrando-se de algo. – Ah, a caixinha de correspondência. Parece-me que deixaram-lhe algo, mas não tenho certeza. Estava muito concentrada em não queimar a carne.

– Meus periódicos! – Mirta correu animada até a caixinha, torceu uma pequena manivela e a abriu. Removeu de lá uma carta, sem nada escrito no envelope e aproximou-se da mãe outra vez.

– Uma carta...

– De quem será? – perguntou a mãe.

A própria Mirta estava surpresa por receber uma carta. Não se lembrava da última vez que havia recebido uma, a não ser os memorandos dos professores e escolares. Mas esses sempre vinham exageradamente detalhados logo no envelope.

– Podem ir entrando – sugeriu ela à mãe –, eu vou logo em seguida.

Ela retirou do envelope um pedaço de papel meio assado, com alguns escritos. As letras eram grandes e desengonçadas e por um momento Mirta pensou tratar-se de uma carta de Illyna. O conteúdo, entretanto, logo a fez mudar de ideia.

Dizia assim:

Cara Mirta,

Venho carregando com esforço o jugo dessa separação, mas nem mesmo minha inabalável vontade pôde conter em meu peito a afeição que nutro por ti. Vez ou outra surpreendo-

-me em momentos raros de felicidade, por ter finalmente experimentado algo novo: a sensação de dever cumprido e tributos pagos. Sim, não passa de mera impressão, tão volátil e subjetiva quanto qualquer experimento em laboratórios de alquimia. No fundo eu sei que nunca poderei compensá-la por tudo o que a fiz passar.

Espero de todo coração que um dia possa me perdoar e também entender o que me levou a tomar a decisão de afastar-me. Antes que sua cabecinha curiosa comece a formular teorias, a fim de entender como sobrevivi, já devo adiantar: algo em mim se transformou naquele dia, física e espiritualmente. Até minha carapaça parece estar, curiosamente, crescendo aos poucos. Desde então, venho sendo abraçado por uma ardente urgência, um clamor de minha natureza, que me impele a comportar-me como dragão, pois, acima de tudo, é o que sou. E eu não sou mais o mesmo de antes, isso é claro feito o dia.

E o fato é que eu jamais poderia conviver em seu meio, sei disso. Ao mesmo tempo, sei também que nunca poderia tornar meu coração um só, separando-me do que sinto por ti.

Espero, com muita sinceridade, que um dia voltemos a nos encontrar, a despeito das exigências de minha natureza. Um dia hei de me sentar a uma mesa e escrever sobre o que passamos. Cada palavra, cada grande momento.

E contarei parte de sua história ao mundo, pois acredito que deva ser contada...

Mande minhas lembranças mais calorosas a Yosa e ao pequenino Cerúleo. Diga a eles que o coração do amigo Brinaff geme de saudades.

P.S.: Preparei os livros de Zaraff para que os leve. Prefiro que fiquem em suas mãos. E também enviei a espátula do Sr. Joarque a Cal, como recordação.

Que possamos nos ver um outro dia, em outra aventura.

Para sempre,

Brinaff.

Mirta baixou a carta em silêncio e dobrou-a cuidado-samente, colocando-a de volta no envelope. Levou um tempo até lembrar-se de soltar a respiração. Ela impeliu o dedo pela ponte do nariz e empurrou os óculos para cima, no exato momento em que escorria uma lágrima. Passou pela porta e girou sobre os calcanhares, olhando em direção à cidade. Procurando em vão, ela sabia, pois o amigo não estaria ali procurando-a de volta.

Então ela entrou na casa e fechou lentamente a porta atrás de si.